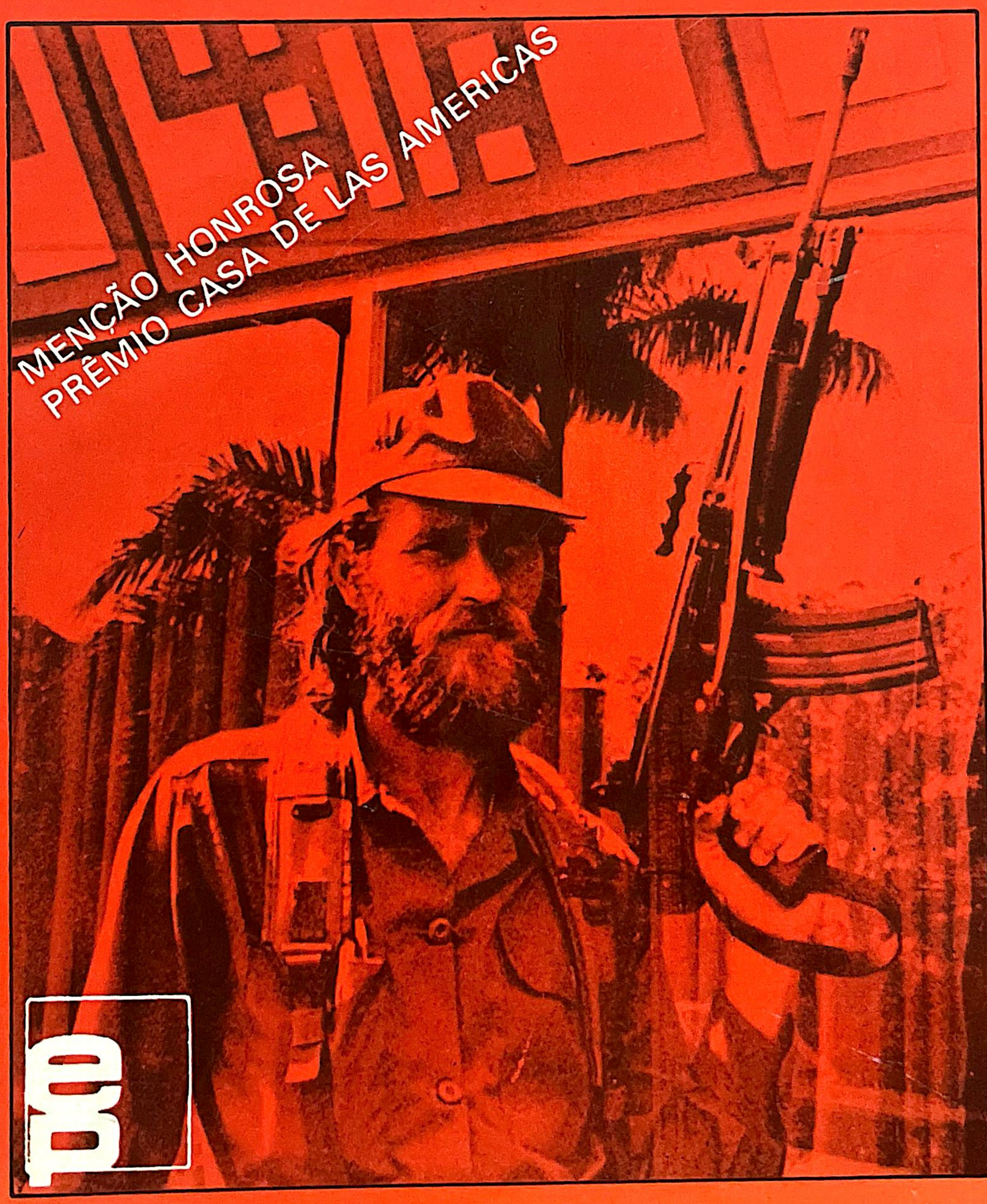
GUERRILHAS e GUERRILHEIROS

no drama da America Latina

João Batista Berardo



PD

João Batista Berardo

GUERRILHAS E GUERRILHEIROS NO DRAMA DA AMERICA LATINA

Foto da Capa: Clóvis Michels

Prefácios
Fernando Morais
Zé Dirceu
Dr. José da Rocha Carvalheiro
João Ubaldo Ribeiro

habitue-se a freqüentar livrarias
edições populares
(ANALDINO RODRIGUES PAULINO NETO)

Editor
Analdino Rodrigues Paulino Neto

Capa e Projeto Gráfico
Altamir Tedeschi
Roberto Agune

Produção
Robison Luiz Bernardes

Revisão especial
Sílvia Bandeira Temponi

Revisão
Robison Luiz Bernardes

Composição
Caminho Editorial Ltda.
Rua da Consolação, 293 - 12º Andar, Fone: 209.6615

Fotolitos
Edições Populares

Impressão
Dag – Dagostino Artes Gráficas ltda.
Rua Silvério Gonçalves, 287 - Fone 266-3219

Direitos Reservados
Edições Populares
(Analdino Rodrigues Paulino Neto)
Rua Pensilvânia, 1354
04.564 – São Paulo – Capital

Novembro de 1981 — 1ª edição, 5 mil exemplares

"Vamos em frente pátria, eu te acompanho,
Descerei aos abismos que me indicares,
Beberei teus cálices amargos,
Ficarei cego para que tenhas olhos,
Perderei a voz para que tu cantes,
Hei de morrer para que não morras."

OTO RENÉ CASTILLO

(Guerrilheiro das Forças Armadas Revolucionárias
da Guatemala, morto em combate.)

No expediente final deste livro, colaborou a ilustre professora Sidnéa Costa Berardo, a quem externo meu muito obrigado.

Agradeço o apoio recebido do estimado amigo, Dr. Newton Princivale da Silva Reis.

ÍNDICE

Exumando a História (*Fernando Morais*) 13
O Direito de Rebelião e a Guerrilha na América Latina (*Zé Dirceu*) 15
A Guerrilha e a História (*Dr. José da Rocha Carvalheiro*) 18
Um Livro Importante (*João Ubaldo Ribeiro*) 21
Nota Introdutória 23
PARTE ESPECIAL 27
Capítulo 1 29
O Drama da América Latina 29
Um continente atormentado 29
Armamentos 30
A miséria, uma das conseqüências da aceleração armamentista 37
Superação da profecia de Simón Bolíviar 41
Capítulo 2 53
Guerrilhas e Guerrilheiros 53
Os motivos da rebelião 53
A teoria do foco revolucionário 54
As guerrilhas na atualidade 54
Prática e teoria das guerrilhas 57
O direito de rebelião 69
Capítulo 3 72
A segurança nacional contra as transformações e com uma falsa visão da sociedade 72
No que consiste a Segurança Nacional 72
Conferências de Exércitos Latino-Americanos 79
Uma desmontagem na Segurança Nacional 80
Capítulo 4 83
Jorge Camilo Torres Restrepo 83
Um símbolo das guerrilhas latino-americanas 83
Em última instância 92
Louvor a quem foi fiel com seus ideais 96
Capítulo 5 98

Comandante Che Guevara 98
Ernesto Guevara de la Serna 98
Um dos heróis da guerrilha cubana 100
Um dos governantes da ilha revolucionária 104
A campanha e a morte na Bolívia 107
Ideais que permanecem 115
PARTE GERAL 118
AMÉRICA DO SUL 119
Capítulo 6 120
República Cooperativa da Guiana – todos os partidos são revolucionários 120
Luta entre duas tendências 120
Adiamento de eleições 122
Capítulo 7 123
Suriname – Teve uma rebelião de sargentos 123
Dependência econômica e financeira 123
O não aproveitamento da riqueza da bauxita 124
Partidos políticos e uma rebelião de sargentos 124
Capítulo 8 127
Guiana Francesa – Por quanto tempo vai durar a última colônia na América do Sul? 127
Capítulo 9 129
Venezuela – Estariam os ex-guerrilheiros satisfeitos com suas atividades políticas? 129
As guerrilhas no auge 129
O declínio das guerrilhas 135
Douglas Bravo, talvez o último dos moicanos, abandona as guerrilhas 138
Capítulo lO 141
Colômbia – Guerrilhas ativas, permanentes e persistentes 141
Violência, Miséria e Política 141
As guerrilhas não terminarão 143
As guerrilhas em ação 146
O episódio da invasão da embaixada pelo M-19 demonstrou uma fraca democracia 150
Capítulo 11 153
Equador – Existem líderes populistas e não existem guerrilheiros 153
Chefes populares 153
Fim da ditadura militar e os jovens eleitores 154
O general Petróleo 155
Populista e esquerdista 156
Capítulo 12 160
Peru - Hugo Blanco Galdoz, de violento guerrilheiro a notável político 160
Situação social e econômica nos tempos das guerrilhas 160
A posição das esquerdas 161
Hugo Blanco, o iniciador das guerrilhas 162
Javier Heraud, um mártir das lutas que ocorriam 164
Outras lutas-Manifestos do MIR 164
As guerrilhas 167
Como foram combatidos os guerrilheiros? 171
Não acontece o Peru explosivo 173
O reflexo dos ideais das guerrilhas e o governo esquerdista do general Alvarado 174
Hugo Blanco, líder político 177
As duas eleições de 1980 e os esquerdistas 178
Capítulo 13 181
Bolívia – As guerrilhas de Che Guevara.
Os Peredos, uma família de guerrilheiros 181
Considerações gerais 181
A guerrilha de Che Guevara 182
Por que foi derrotada militarmente a guerrilha? 187
Visitantes da guerrilha 188
O destino cruel dos algozes de Che Guevara 189
As guerrilhas posteriores. Os guerrilheiros da família Peredo 191
O 209º golpe provou que Che Guevara e os irmãos Peredo tinha e têm razão 198
Capítulo 14 202
Brasil – Detentor de prêmio internacional da paz pregou como única solução a guerrilha 202
Política 202
Modelo Econômico 208
Números 217
Multinacionais e Desnacionalização 224
Volta às capitanias hereditárias 230
Lutas cívicas 242
Tentativas de guerrilhas 249
As guerrilhas urbanas – estas também ocorreram no Brasil 255
Debates sobre guerrilhas 265
Um guerrilheiro nacional na Nicarágua 277
A palavra mais angustiante 280
Capítulo 15 282
Paraguai – Contínuo preparo para lutas anti-guerrilheiras 282
26 anos de estado de sítio 282
Como funciona a ditadura 284
Um "guerrilheiro" sem armas 285
Uma Situação que não muda? 286
Capítulo 16 289
Chile – Alguns guerrilheiros tinham tomado parte no governo 289
Via Pacífica e Via Revolucionária 289
O governo Allende 295
Um golpe monstruoso 300
O Chile atual 306
Capítulo 17 311
Argentina – Da obscura guerrilha do jornalista Jorge Ricardo Masetti ao Exército Revolucionário do Povo e aos Montoneros 311
A guerrilha que a selva devorou 311
Os Montoneros e outros guerrilheiros 313
Política, Peronismo e crise 323
Terrorismo estatal e repressão 326
Capítulo 18 332
Uruguai – O posicionamento dos guerrilheiros Tupamaros 332
Eleições e esquerdas 332
Os guerrilheiros Tupamaros 333
Autocrítica e arrependimento dos Tupamaros 335
Repressão 336
O domínio do medo e da insegurança 338
AMÉRICA CENTRAL 341
Capítulo 19 342
México – Lúcio Cabanas Barrientos e Genaro Vasquez Rojas foram os modernos guerrilheiros 342

O presidente Portillo não quer mais guerrilhas 342
O problema agrário ainda persiste 344
O que foram os modernos guerrilheiros mexicanos 345
O posicionamento histórico de Emiliano Zapata e de Pancho Villa 348
Capítulo 20 351
Guatemala – As guerrilhas em ascenção 351
Um quadro dramático 351
Violência governamental 352
As guerrilhas 353
Violações e denúncias 356
Ressurgimento das forças guerrilheiras 359
Capítulo 21 363
Belize – Direito inalienável à livre determinação 363
Ex-Honduras Britânicas 363
Interesses econômicos 364
Price se junta aos esquerdistas 364
Capítulo 22 366
Honduras – Uma autêntica república bananeira 366
Fatores contra as guerrilhas 366
Política, corrupção e pobreza 367
A frente camponesa e o partido revolucionário hondurenho 369
Capítulo 23 372
El Salvador – Os guerrilheiros à espera do confronto final 372
Golpe contra a ditadura foi uma farsa e não fez parar a luta 372
Por que lutam os guerrilheiros 373
Atrocidades 374
As guerrilhas e a Frente Democrática Revolucionária 376
Capítulo 24 379
Nicarágua – Os guerrilheiros assumem o poder 379
As guerrilhas não tinham terminado 379
Os Somozas, a dinastia sangrenta 380
Cronologia dos acontecimentos e das guerrilhas, de 1978 até a vitória, em julho de 1979 382
Por que o nome sandinista 387
Os guerrilheiros sandinistas 388
Tomas Borge, um guerrilheiro típico 390
A Nicarágua hoje 391
Capítulo 25 399
Costa Rica – Não há soldados nem armas para se combater guerrilheiros 399
A revolução feita por Dom Pepe Figuerez 399
Instituições políticas 401
Corte Interamericana de Direitos Humanos 403
Local de encontro de guerrilheiros 404
Capítulo 26 405
Panamá exportou – oficialmente – seus guerrilheiros para lutarem ao lado dos sandinistas 405
O Panamá atualmente 405
O canal do Panamá 407
Os guerrilheiros panamenhos combateram na Nicarágua 407
Como ficará o Panamá? 408
ANTILHAS OU CARAÍBAS 410
Capítulo 27 411
Nomenclatura geral de uma região em ebulição 411
Capítulo 28 415
Preocupações que se renovam 415
Capítulo 29 417
Antilhas Holandesas – Um plebiscito favorável à independência não foi reconhecido 417
Capítulo 30 419
Anguilla – Onde um camundongo desafiou em rebelião o poderoso leão britânico 419
Capítulo 31 421
Martinica e Guadalupe lutam, como podem, pela libertação 421
Capítulo 32 424
Granada – Maurice Bishop com sua guerrilha vitoriosa de apenas uma semana 424
Capítulo 33 427
Santa Lúcia e São Vicente – Novíssimos mini-países 427
Capítulo 34 429
Dominica – Já existem revoltas populares 429
Capítulo 35 431
Cuba – A primeira grande e vitoriosa guerrilha 431
Fidel Castro e o ataque ao quartel de Moncada, em 1953 431
O preparo do rebelde e guerrilheiro Fidel Castro 433
A invasão em 1956 e as guerrilhas em Sierra Maestra 435
A vitória final e o esmagamento das contra-revoluções 443
Cuba, antes e depois das guerrilhas 451
Capítulo 36 455
Haiti – Sem sangue não há guerrilheiros 455
Um subúrbio da lua 455
O paraíso das multinacionais 456
Desde o guerrilheiro Toussant até Baby Doc 457
Todas as guerrilhas, até a surpreendente ação de abril de 1979 458
Capítulo 37 461
República Dominicana – A inglória morte do guerrilheiro coronel Caamaño Deño, ex-presidente da República 461
Na ditadura de Trujillo à eleição e deposição de Bosch 461
A Revolução Popular de Caamaño Deño, em 1965 463
Caamaño Deño morre em seu regresso, como guerrilheiro, em 1973 465
Capítulo 38 469
Jamaica – A CIA e o FMI derrotaram os esquerdistas 469
Política e Economia 469
O governo Manley 470
Ameaças de desestabilização 471
Eleições 472
Capítulo 39 474
Porto Rico – Os guerrilheiros querem a independência 474
Uma situação absurda 474
Eleições 475
A remota possibilidade de luta armada e de guerrilhas 475
Métodos de protestos 476
Em conclusão 478
Bibliografia 479

EXUMANDO A HISTÓRIA

Fernando Morais

Durante quase toda a sua História, a partir do momento da sua integração no colonialismo europeu, a América Latina foi um Continente "eurocêntrico". Durante quase cinco séculos, nossa cultura e nosso auto-conhecimento foram impostos por espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e norte-americanos. Nossos estudantes desconheciam a história de seu continente, mas em compensação podiam facilmente dizer quem foram Carlos Magno, Henrique VIII, Napoleão ou Jesse James. Ignoravam Palmares, a Guerra do Chaco, as revoltas escravas do Haiti, mas discorriam habilmente sobre a guerra da Secessão nos Estados Unidos. E dentro deste quadro desalentador, o Brasil, com sua inequívoca vocação para ser sempre "o maior", despontava em primeiro lugar.

De alguns anos para cá as coisas começaram a mudar um pouco, e a preocupação com os problemas, com a realidade e com a História Latino-Americana aumentou de maneira significativa. Sem dúvida alguma a Revolução Cubana tem grande responsabilidade nisto, pois fez vitoriosas, pela primeira vez, a dignidade e a valentia dos nossos povos esmagados e oprimidos. Pela primeira vez, assistíamos à cabal derrota do imperialismo, e a História de uma pequena ilha do Caribe começava a ser feita por seu próprio povo.

Mas ainda assim, com o aumento de estudos, trabalhos e pesquisas sobre a questão latino-americana, ainda é pequeno o acervo constituído por essas obras, diante da magnitude dos problemas a serem abordados. Por isso sempre é importante saudar o aparecimento de livros como este. Seu tema é fascinante: as guerrilhas e os guerrilheiros latino-americanos nos últimos vinte anos. Tema proibido, tema tabu, que as ditaduras militares sempre fizeram o possível para esconder, escamotear e sepultar.

O trabalho de João Batista Berardo rastreia a trilha de centenas de guerrilheiros, armados ou não, por cidades, campos e florestas. Alguns destes combatentes da liberdade são hoje símbolos consagrados das lutas pela soberania e autodeterminação dos povos deste continente. São nomes como os de Ernesto Guevara de la Serna – o "Che" – ou Jorge Camilo Torres Restrepo, cuja saga lendária nem mesmo a História oficial dos vencedores de hoje conseguiu apagar da memória de milhões de homens e mulheres da América Latina.

Há, no entanto, ao lado destes verdadeiros mitos populares, uma enorme quantidade de lutadores pouco conhecidos, quase anônimos, mas de incontestável valor. Cultuados no segredo e na esperança de seus povos, execrados e odiados pelos poderosos, pelos exploradores e por todos aqueles cuja riqueza provém da miséria dos trabalhadores das cidades e dos campos, são verdadeiros "condottieri" do século XX. Caminhando entre a Morte e a Glória, muitas vezes em terras que as fronteiras contemporâneas tentam tornar estrangeiras, revivem os ideais de Simon Bolívar e José Martí, mostrando que somos uma só Nação de povos irmãos. O "Che" mostrou que um argentino não é estrangeiro em Cuba ou na Bolívia, ainda que, muitas vezes, essas divisões, geradas no século passado pelos interesses do imperialismo britânico, tenham acabado por ficar marcadas no espírito do próprio povo.

É esse o quadro de lutas e heroísmo que Berardo, advogado, professor, jornalista e político, radicado há anos no interior do Estado de São Paulo, nos traz em sua obra. Um trabalho de fôlego, compulsado em notícias de jornais e revistas, obras históricas e numa vasta correspondência com o Exterior. No total, são mais de dois mil nomes, a maioria de guerrilheiros, muitos deles tragicamente mortos pelas forças repressivas a serviço das classes dominantes locais e do imperialismo.

É importante notar que este tipo de trabalho não encontra paralelo no mercado editorial brasileiro, principalmente pelo fato de o capítulo sobre o Brasil ser o mais extenso. Nossa bibliografia sobre o assunto é tão rala, que esta parte da obra, mais do que preencher uma lacuna, vem cumprir um papel pioneiro, desbravador.

Trata-se, também, de uma obra que não se limita a simples enumeração dos fatos e nomes, mas que avança pelo caminho de uma análise dos problemas relativos ao desenvolvimento dos movimentos guerrilheiros urbanos e rurais, suas relações com a profunda miséria dos povos latino-americanos e seu combate essencial ao imperialismo norte-americano e seus agentes.

Não é por acaso, por exemplo, que o capítulo dedicado a nosso país se inicia com a transcrição da famosa carta-testamento de Getúlio Vargas. O documento do maior estadista de nossa história é um libelo essencialmente anti-imperialista e traz em si a marca registrada da luta que, quase quinze anos depois, seria desencadeada por dezenas de jovens idealistas inconformados com a entrega total de sua pátria às mãos das grandes companhias multinacionais.

Os anos não transcorreram em vão para nosso país: Finalmente esse negro período repressivo de nossa História, traduzido pelo silêncio e pelas mordaças, começa a ser iluminado. Iluminado pela voz do heroísmo daqueles que deram suas vidas pelo ideal da liberdade de seu povo, para o desespero dos que o julgavam calado para sempre. Iluminado pela voz dos que, sobreviventes, escolheram continuar em suas trincheiras sindicais, estudantis, jornalísticas, partidárias. Iluminado pela voz dos que, anteriormente, calados – não por covardia, mas pela miséria e ignorância a que se viam submetidos – começam agora a se organizar e a gritar bem alto pelos seus direitos.

O livro de Berardo é uma das vozes que hoje se faz ouvir, trazendo em si palavras que só podem ser traduzidas, sem nenhum pieguismo barato, pela expressão "amor ao povo, à vida e à liberdade". Só nos resta esperar que outros sigam as pegadas deixadas pelo Autor e novos livros ajudem a trazer para a História os fatos que os ditadores tentaram apagar de nossa memória.

(Fernando Morais é Deputado Estadual por São Paulo, jornalista e escritor, Autor do Livro A Ilha, entre outros)

O DIREITO DE REBELIÃO E A GUERRILHA NA AMÉRICA LATINA

(José Dirceu de Oliveira e Silva)

Não dá para escrever este pequeno prefácio sem falar do Autor do livro e de como nos conhecemos. Isto porque Berardo é destas pessoas raras em nosso país. Gente, Bacharel em Direito pelo Largo do São Francisco, de São Paulo, professor, homem do campo, agricultor, morador numa pequena cidade do interior de São Paulo, plantador de frutas. Como todo agricultor-médio proprietário, um crítico da política agrícola seguida nos últimos 17 anos, um opositor à concentração das terras e rendas no nosso campo, um inimigo das multinacionais e mordaz comentarista das "decisões" da tecnocracia brasiliense. Nada deve e nada espera dos bancos. Sabe bem o que é um atravessador e onde encontrá-los, ao contrário de nossos ministros e governantes.

Meu primeiro contato com ele foi através de uma carta que me escreveu logo que cheguei ao Brasil. Mostrava interesse em conhecer-me e saber coisas da "Ilha", de Cuba Socialista.

Apesar de surpreso por ver um homem do interior, de um agricultor padrão, interessado por Cuba, começamos a trocar cartas e logo nos encontramos numa das viagens que Berardo fez a São Paulo. Maior foi minha surpresa quando Berardo me falou do livro que estava escrevendo sobre as guerrilhas na América Latina e que pretendia publicar o mais depressa possível. Minha surpresa foi no entanto desaparecendo ao longo de nossas conversas ou através das cartas que recebia. Aos poucos ia se desenhando um Berardo símbolo talvez de milhões de brasileiros. Berardo havia participado e lutado durante a década de 50 e começo de 60 em defesa da legalidade, das reformas de base. Conhecera o tempo Vargas e a redemocratização; Homem sem ilusões viu o Governo Goulart cair e o reformismo do PCB, o pacifismo e o eleitoralismo serem derrotados pelo Golpe Militar de 64. Sofreu na carne as perseguições e humilhações que os golpistas impuseram a todos que não se dobraram a suas políticas e viu nesses 17 anos o Brasil caminhar para a crise econômica, política e social dos dias atuais. Jamais cessou de denunciar os reacionários do poder em nosso país, a entrega de nossa economia às multinacionais e a violência empregada para aplicar esta política e manter as oligarquias no poder.

Mas Berardo além de brasileiro, é um latino-americano. Desde sua fazendola na Alta Mogiana, com paixão e espírito científico, acompanhou e estudou as lutas sociais e políticas de nosso continente irredento. Rompeu os estreitos horizontes das lutas nacionais em cada país e compreendeu o caráter latino-americano de nosso futuro. Identificou o inimigo número um de nossos povos: Os Estados Unidos da América. Viu na Revolução Cubana o alvorecer de uma nova época para nossos povos e procurou apreender com este livro os caminhos que cada povo tem percorrido em busca da libertação nacional e social.

Para o Brasil da década de 80 o livro de Berardo vem preencher uma lacuna, vem desmistificar e desmascarar para as novas gerações a nefasta propaganda que o regime vigente impigiu a todos sobre as guerrilhas e a figura do guerrilheiro. Vem recolocar para todos nós nossa latinidade, rompendo com a censura e a desinformação da grande imprensa, este livro nos traz uma América Latina onde os povos são os sujeitos da história e onde a miséria e a opressão são combatidas por homens que acreditam em seus povos, na justiça e na humanidade.

Quebra um tabu, ao colocar a guerrilha e as lutas sociais como conseqüência das estruturas sociais e econômicas impostas a nossos povos, com a aquiescência das oliguarquias locais, pelos países capitalistas, principalmente pelos Estados Unidos.

A Guerrilha e mais do que ela, o direito de rebelião dos povos contra a opressão e a injustiça é resgatada neste livro como um direito natural dos homens, onde o guerrilheiro é um reformador social, um lutador social, um revolucionário.

Para nosso país, onde a propaganda do regime, durante anos, incutiu na mente e nos corações de todos que o guerrilheiro não passa de um terrorista, um assassino e um bandido, não deixa de ter importância capital os pequenos capítulos onde Berardo nos dá os motivos de Rebelião e o Direito de Rebelião.

Ao lembrarmos cifras e dados sobre a corrida armamentista na América Latina, o papel dos Estados Unidos e seu domínio sobre nossos recursos naturais, nossos mercados e nossas economias, reintroduz a questão da dependência externa, e da dominação imperialista sobre nossos povos. Trata-se de um alerta a gerações atuais sobre uma realidade que a propaganda da grande imprensa tudo faz para esconder: nosso país sofre as conseqüências, como toda América Latina, da dominação imperialista e o sentimento nacionalista de nosso povo precisa ser despertado.

Ao tratar da doutrina de Segurança Nacional, Berardo identifica claramente como nossas Forças Armadas assimilaram uma teoria fabricada nas academias dos países imperialistas, fruto das guerras coloniais que a França travou na Indochina e na Argélia e resultado último das experiências americanas no Vietnam. Ao introduzir esta doutrina em nosso país, as Forças Armadas brasileiras se transformaram em fiadoras e mantenedoras de um Estado policial onde os inimigos internos são todos que querem lutar por transformações sociais.

Berardo não poupa, e não poderia ser de outra forma, nossas elites, que colonizadas, renderam-se aos interesses estrangeiros e apoiaram enquanto lhes interessava a militarização do poder e a doutrina da Segurança Nacional.

O livro não deixará de levantar polêmicas, já que em nosso país, depois da derrota sofrida pela esquerda nos anos 68/73, a questão da luta armada e da guerrilha tornou-se um tabu. A grande imprensa somente trata dela para denegrir a figura dos revolucionários que caíram em combate e os órgãos de informação do regime para justificar perseguições e ameaças. A análise que Berardo faz das teorias guerrilheiras e principalmente da história viva das lutas sociais de cada país da América Latina, com dados e fatos, será um importante instrumento para aqueles que querem estudar e entender nossa história recente. Principalmente se levarmos em conta que num capítulo ele trata especificamente do Brasil e das tentativas de guerrilhas e do debate sobre elas.

O livro ultrapassa a questão das guerrilhas já que ao historiar país por país da América Latina, o Autor vai mais longe e nos traz dados; sobre a recente desestabilização do governo progressista da Jamaica e nos recorda a brutal derrubada de Salvador Allende; sobre as lutas pela independência de Porto Rico, e principalmente sobre os pequenos países-ilha ainda dominados pelo colonialismo Francês, Inglês e Holandês.

Livro corajoso que não foge à verdade, traz de maneira nua e crua as derrotas e os erros cometidos nos últimos 20 anos nas lutas guerrilheiras, seja no Brasil, na Venezuela, na Colômbia, na República Dominicana e na Bolívia. Sua importância por outro lado está nos capítulos que tratam das revoluções guerrilheiras vitoriosas de Cuba e da Nicarágua e na já indestrutível guerrilha salvadorenha. Vem comprovar historicamente que as revoluções e as guerrilhas populares são capazes de tomar o poder e uma vez no Governo realizar as aspirações nacionais e sociais de seus povos, aí estão Cuba e Nicarágua como verdades históricas.

Acreditamos realmente que o livro *Guerrilhas e Guerrilheiros no Drama da América Latina* vem preencher uma lacuna e esperamos que o esforço e a dedicação de Berardo, e mais, que sua audácia seja reconhecida. Nossa esperança é que sirva de exemplo para que outros o sigam, pesquisando e escrevendo sobre a história das lutas de nosso povo e dos povos da América Latina.

Para concluir queríamos destacar a importância dos capítulos que tratam de Camilo Torres e de Che Guevara. Não trazem nada de inédito sobre a vida e obra daqueles revolucionários símbolos, mas resgatam suas idéias e suas vidas. Para nós que vimos e que vemos nossos companheiros, que caíram na luta contra o regime militar, ter suas memórias esquecidas, quando não denegridas pela grande imprensa a serviço da Ditadura, fica o exemplo deste livro. É preciso preservar a memória das lutas de nosso povo, o exemplo daqueles que deram o que tinham de mais importantes, a vida. Assim se constrói o futuro.

(Zé Dirceu foi presidente do Diretório 22 de Agosto – Direito na PUC – e presidente da União Estadual de Estudantes. Em 8 de outubro de 1968, foi preso com dezenas de companheiros, em Ibiúna, onde se realizava um congresso da UNE. Em 7 de setembro de 1969, foi solto, juntamente com outros companheiros, como resgate do embaixador americano Charles Burke Elbrick. Passou 10 anos em Cuba e, com a anistia, regressou ao Brasil em dezembro de 1979. Hoje pertence à Executiva Estadual do PT e trabalha na assessoria da bancada do PT na Assembléia Legislativa de São Paulo.)

Dr. José da Rocha Carvalheiro

O Presidente dos EUA anuncia a construção da bomba de nêutron. Relembro o "juiz penitente", da obra de Camus: nutria especial admiração pelo amigo que, à custa de grande esforço, deixara de fumar e correu para a primeira tabacaria ao ler sobre a criação da bomba H e seus efeitos. Um dos conselheiros presidenciais, físico nuclear considerado "pai da bomba H", declara que o mundo só ficará livre da ameaça da guerra se os EUA aumentarem o seu "poder de dissuasão". Tradução: quanto mais armado estiver o mundo, mais afastado o perigo da guerra, por mais que o comezinho bom-senso insista em dizer o contrário. Voltaire, de resto, já assinalava no *Dicionário Filosófico* que "o senso comum é muito raro".

Preconizar uma paz armada, na melhor tradição da frase latina. Desenvolver o complexo industrial-militar, difundindo uma tecnologia militar sofisticada para os países subdesenvolvidos, acompanhada de doutrinas de segurança que emprestem um tom de seriedade ao discurso da ameaça externa com desdobramentos internos. Mobilizar recursos para financiar grupos golpistas em países onde as forças populares assumam relevância e ameaçem o império. A quem serve isso tudo? Ao mundo livre, não totalitário, é a resposta. À "civilização cristã e ocidental", ironizava Gondim da Fonseca, o mágico polemista da minha juventude. E nós, os laranjas?, para seguir citando Gondim.

O desenvolvimento recente do capitalismo monopolista configura uma estrutura difundida por todo o Universo, que lhe dá suporte e imobiliza os povos com unhas de aço. O chamado complexo industrial-militar passa a ter vida independente, como nova forma de acumulação, além da sua primordial função de controle social, num círculo vicioso que nos empurra a todos para um beco sem saída. Os povos do mundo todo assistem inermes à ação predatória do capital monopolista sobre os recursos naturais. Todo patrimônio da humanidade dilapidado pela articulação do sistema produtivo. Mais que isto, massas de pobres e desvalidos de fortuna espalham-se pelo terceiro mundo e constituem vergonhosos bolsões de miséria no próprio coração do sistema. É cada vez mais clara, mesmo para os não afeitos às

teorias econômicas, a incapacidade das classes dirigentes dos países subdesenvolvidos de seguirem servindo a dois senhores: ao capital monopolista internacional e a seus povos.

A partir de que momento estala, nos grupos sociais massacrados, a centelha da rebelião? É uma discussão secular: há respostas elaboradas a nível teórico e concepções resultantes da ação concreta. Na verdade não se ignora quanto de influência exercem sobre o processo algumas variáveis de natureza psicológica, subjetiva. Não basta que existam as condições objetivas que justificariam plenamente qualquer revolta. É este o ponto crítico de discussão no seio das chamadas forças populares. A concepção segundo a qual focos guerrilheiros podem, articulados, tornar incontrolável o processo revolucionário é relativamente recente. Esbarra com idéias mais antigas que apontam para um árduo, intenso e quase anônimo trabalho de discussão e preparação, capaz de criar uma consciência de classe. Esbarra, mais, com a própria dinâmica recente das populações dos países do terceiro mundo e a crescente complexidade da estrutura de classes. O camponês expropriado e o operário explorado são acompanhados por todo um cortejo de assalariados e "autônomos", intelectuais e manuais, metropolitanos e provincianos. O capital, por sua vez, tem a seu serviço gerentes e tecnocratas de todos os matizes, civis e militares, nacionais e estrangeiros, públicos e privados. Até que ponto confluem, por exemplo, os interesses do proletariado urbano e do conjunto de vendedores de rua, lavadores de carros, "biscateiros" em geral, a que já se chama proto-proletariado? Especialmente num período de crise, com o fantasma do desemprego rondando os lares dos assalariados. Se é evidente que condições objetivas se configuram cada vez mais claramente, não menos evidente é a dificuldade das forças populares se articularem com objetivos claros e condutas de ação política que contem com o respaldo da massa de expropriados, aviltados e oprimidos. Esta falta de participação efetiva não apenas inviabiliza o sucesso da luta de grupos de vanguarda: mais que isso, permite questionar a sua próoria representatividade.

Não conheço nenhuma tipologia de personalidade dos guerrilheiros. Certamente o assunto já terá sido discutido. Seja como for, é notório o forte apelo emocional que envolve essas figuras. A tradição popular é generosa para com qualquer espécie de guerrilheiro, especialmente quando os movimentos que encarnam têm fortes raízes populares. As tentativas oficiais de identificá-los como bandoleiros e fascínoras não calam fundo na grande massa, por mais sofisticada que seja a máquina promocional oficial. Já a lenda transmite-se oralmente, amplia-se, é adaptada livremente e transforma a figura humana em entidade quase mitológica.

Conheci o autor deste livro quase por casualidade. Articulista bissexto da Folha de São Paulo, saí de meus temas familiares-saúde e ensino superior – e publiquei uma colaboração relacionada à crise da América Central e à tentativa de envolvimento dos governos latino-americanos numa expedição punitiva aos rebeldes salvadorenhos que cometiam o hediondo crime de lutar por melhores condições de vida para seu povo. João Batista Berardo materializou-se e fez-me conhecedor de seu projeto de muitos anos: uma revisão dos movimentos guerrilheiros da América Latina, contendo análise das raízes, tendências, lideranças, resultados.

Não pretendo ir além das sandálias. Liga-me ao povo sofrido da América Latina o mesmo sentimento de solidariedade que me vincula aos oprimidos brasileiros, ao lado dos quais sempre estive posicionado. Menos por eventual convicção ideológica que por fidelidade às origens operárias e camponesas. Liga-me ao movimento guerrilheiro a mesma admiração que tem o brasileiro médio pelo carisma dos líderes que arrostam os perigos, as ciladas do destino e da CIA para empunhar os seus es-

tandartes. Sejam quais forem as suas características de personalidade, por mais que se apregoe que atuam mais em função de sua própria esquizofrenia do que dos interesses do povo em seu processo histórico, a verdade é que são associados na mente dos povos às figuras dos libertadores.

O livro de João Batista Berardo, por certo, vem atender a um desejo de conhecer mais de perto o que pensam, sofrem e fazem essas lideranças tão invulgares que, num período de tanto comodismo e tanta covardia, ousaram expor-se até fisicamente em defesa de uma idéia. Com eles, certamente, estará a história. Quando não passarmos todos de uma remota antiguidade.

(Dr. José da Rocha Carvalheiro é
Professor de Medicina Social da Faculdade
de Medicina de Ribeirão Preto-Estado de S.Paulo)

UM LIVRO IMPORTANTE

João Ubaldo Ribeiro

Transmito ao João Batista Berardo os meus cumprimentos mais sinceros e parabens pelo espírito de pesquisador de que inegavelmente é possuidor.

Guerrilhas e Guerrilheiros no Drama da América Latina é um trabalho de fôlego.

Ao lê-lo, aprendi muita coisa, pois a importância e o valor do livro são evidentes.

(João Ubaldo Ribeiro é professor universitário, jornalista e escritor baiano, autor de Política – Quem manda, porque manda, como manda, Sargento Getúlio *e outras obras da moderna literatura brasileira.)*

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente livro foi escrito do segundo semestre de 1979 a janeiro de 1981, tendo havido pequenos acréscimos e alterações posteriores até a presente data.
O capítulo referente a EL SALVADOR foi reformulado em abril deste ano.

E foi justamente em janeiro de 1981 que assumiu a Presidência dos Estados Unidos da América do Norte um notório direitista e de tendência belicista, Ronald Reagan.

Por isto a América Latina e o Caribe enfrentam uma nova realidade política internacional. Do estímulo a uma abertura democrática, por restrita que fosse, os Estados Unidos passaram a instrumentar uma campanha de intimidação e desinformação que pode ser o antecedente imediato de novas agressões armadas contra os nossos povos.

Reagan e os falcões do Partido Republicano estão tentando dar algum alento aos grupos mais reacionários e decadentes da América Latina. E assim é que se suspenderam as sanções antes impostas ao Chile do ditador Pinochet; Roberto Viola, da Argentina, já visitou Washington para receber apoio, e está sendo esperado um outro, o ditador perpétuo do Paraguai, Alfredo Stroessner, para idêntico fim.

A colaboração com a Nicarágua foi cessada, e no próprio Estados Unidos, nas costas da Flórida, prepara-se a pequena escória dos cubanos que lá estão (delinqüentes e vadios), e os asseclas que restaram do somozismo, para uma pretendida invasão a Cuba e à Nicarágua.

O auxílio à ditadura de El Salvador, para a continuidade de assassinato da população, tem aumentado diariamente, em armamentos, dinheiro e assessores especializados. Em janeiro, fevereiro, março e abril de 1981, as forças de repressão do governo salvadorenho mataram 7.780 pessoas indefesas, sendo a grande maioria camponeses e cidadãos comuns.

No entanto, até dentro dos Estados Unidos manifestam-se diversas entidades democráticas e populares contra a política que tende a fazer voltar o relógio da história, e uma delas declarou que: "Está surgindo um consenso nos Estados Unidos e no mundo de que um retorno à política da diplomacia do canhão e da contra-

insurgência não tem vez na política externa de nosso país na década de oitenta. Alguns desdobramentos confirmam receios de que o governo esteja comprometido com uma abordagem essencialmente militar, para resolver os problemas sociais e políticos, há muito existentes, que infestam toda a Bacia do Caribe."

Existe, porém, um grande equívoco por parte dos que pensam ainda que a América Latina é um quintal do imperialismo norte-americano e um campo de experiências de fascistas de todos os tipos.

As ditaduras do chamado Cone Sul irão de uma forma ou de outra desmoronar-se. Para uma possível invasão de Cuba, da Nicarágua ou de Granada, teremos novamente a repetição heróica de Playa Girón, que se comemora, nos dias que correm, vinte anos.

No que se refere a El Salvador, ou a qualquer outro lugar da América Latina, não se deve esquecer jamais que para cada patriota que os recionários e fascistas matam e enterram, eles estão na verdade é plantando sementes.

Nada mais poderá deter a marcha vertiginosa de nosso continente para o caminho da liberdade e da independência.

E assim caminha a América Latina.

As presentes linhas, a título de adendo à anterior introdução, na verdade deveriam ser um *post scriptum*, pois irão procurar relatar fatos na América Latina, de abril (data da entrega dos originais deste livro na editora) até setembro (época da impressão do mesmo).

A mais triste ocorrência deu-se em 31 de julho, com a morte em desastre aéreo do general-brigadeiro Omar Torrijos Herrera, que foi uma lamentável perda para as forças esquerdistas do continente. Ia o líder panamenho em visita a um original projeto agrícola comunitário, onde tentava um modelo de produção que sonhava estender a todo o Panamá.

Torrijos notabilizou-se pela sua ajuda e simpatia às revoluções cubana, nicaragüense e granadina, à guerrilha de El Salvador e a todos os movimentos populares latino-americanos.

500 mil panamenhos e governantes ou seus representantes de toda a América Latina acompanharam o enterro de Torrijos na capital do país.

Embora sem ter criado uma forte estrutura partidária, com seu carisma e as bandeiras que carregava – devolução do canal do Panamá (que conseguiu como fato ímpar na história de sua pátria), nacionalismo econômico e apoio aos movimentos de libertação do Terceiro Mundo, Torrijos galvanizou em torno de si as massas populares. Seus companheiros da Guarda Nacional e seus partidários prometeram que seguirão os seus ideais.

Não se descarta a hipótese de que Torrijos tenha sido vítima de sabotagem tramada pela CIA, cujos agentes já haviam antes organizado contra ele vários atentados.

Um outro acontecimento inesperado foi no Equador, em 24 de maio. O presidente Roldós, juntamente com sua mulher e diversos militares, morreram em acidente de avião no Sul do país. Num quadro econômico não muito bom, assumiu o poder o vice-presidente, Osvaldo Hurtado, advogado, de 42 anos, autor dos livros *Dois Mundos Superpostos* e *Organização Popular no Equador*, no qual permanecerá até 10 de agosto de 1984. Hurtado, que se intitula um socialista comunitário e diz sempre que não é anticomunista, prometeu levar o país mais para a esquerda,

fazer todas as reformas sociais, cumprindo as promessas do antigo programa conjunto de governo: "*Justiça social para terminar com privilégios e desigualdades, planejamento estatal para alcançar desenvolvimento integral e harmônico, reforma fiscal para gravar diretamente a renda e o patrimônio dos que mais têm, promoção do campesinato por meio da reforma agrária e erradicação do analfabetismo, com o* slogan *de 'só o povo salva o povo', com o imperativo histórico de se eliminar a exploração, a miséria e a injustiça*". Posteriormente, em agitada reunião, o Congresso elegeu o irmão de Jaime, Leon Roldós, de 38 anos e também advogado, até então dirigente do Conselho Monetário, para vice-presidente do Equador.

Uma crise econômica violenta se abate sobre a Argentina, afetando indústrias e trabalhadores e o espantoso número de falências comprovam o caos.

Na Argentina, foi libertada em 6 de julho, a ex-presidente Izabelita Peron, que se encontrava em prisão domiciliar por 5 anos, 3 meses e 11 dias, e logo em seguida seguiu para a Espanha, confessando-se que não estava preparada para assumir funções governamentais.

E, em exílio propriamente dito, no continente, o ex-dirigente da Juventude Peronista, Juan Manoel Abal Medina, bateu um triste recorde: é o latino-americano que mais permanece asilado em uma embaixada estrangeira, sem obter autorização para deixar o seu país. Abal Medina encontra-se asilado na embaixada do México, em Buenos Aires, desde 29 de abril de 1976, e em 29 de setembro deste ano completou 1.980 dias nessa condição, superando a marca do peruano Victor Raul Haya de la Torre, que ficou 1.919 dias na representação colombiana em Lima.

Em matéria de crise, a maior delas na América Latina é a que envolve o Brasil. Crise oriunda do modelo capitalista adotado. A recessão é de natureza grave, o desemprego atinge níveis de desespero, enquanto isto os números do último recenseamento de 1980, promovido pelos próprios órgãos oficiais, atestam que aumenta ainda mais a concentração de renda e de propriedades, enquanto que a miséria se propaga.

O cheiro da cocaína, através do tráfico e da corrupção, é o que predomina na Bolívia. Alguns golpes acontecem até que em agosto o ditador de plantão passa a ser o general Celso Torrelio Villa, membro da junta militar, que havia substituído García Meza, que se afastou do cargo, por conveniência do tráfico, do qual participa ativamente, mas continua a ser o homem forte na Bolívia.

E no Uruguai, a partir de setembro, também governa um novo ditador, o tenente-general Gregório Alvarez. Mas há protestos e pressões populares contra o arbítrio que continua. A Convergência Democrática, que congrega todas as forças políticas e populares, luta pelo restabelecimento democrático naquele país.

As revoluções armadas populares prosseguem com grande vigor e intensidade na Colômbia, onde se anunciou, em abril, a morte dos guerrilheiros IVAN MARINO OSPINA MORON e CARMENZA CARDONA LONDONGO, e mais recentemente se propagou o desejo de um dos chefes do bloco guerrilheiro M-19, JAIME BATEMAN CAYON, em se candidatar à Presidência da República, enquanto isto, em dramáticas declarações, o comandante do Exército colombiano, general Fernando Landazabal Yeres, afirmou que "*o movimento guerrilheiro avança a tal ponto no país, que as Forças Armadas já estão esgotando a capacidade de defesa do próprio Estado*"; na Guatemala e em El Salvador, onde a guerrilha foi considerada pelo presidente da Venezuela, Herrera Campíns (que infelizmente fez des-

viar seu país dos rumos populares) como a mais notável e forte de toda história da América Latina.

Um célebre guerrilheiro, o comandante nicaragüense EDEN PASTORA, abandona o seu cargo e sua pátria para dar seqüência ao seu ímpeto revolucionário, propondo-se a engrossar as fileiras de uma das forças guerrilheiras no continente.

O mais importante fato na América Latina, nos últimos tempos, foi o apoio oficial e decidido da França, do México e da Holanda, à guerrilha de El Salvador. Esse apoio foi secundado pela União dos Partidos Socialistas Europeus e o Grupo Socialista no Parlamento Europeu, que também reconheceram a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional como força representativa.

Assim caminha a América Latina, que será, no futuro, uma América Latina revolucionária. E a história está cansada de demonstrar que as armas da reação – por mais que elas sejam – jamais terão utilidade nos conflitos em que o povo está envolvido.

São Paulo, setembro de 1981.
João Batista Berardo

Parte Especial

Capítulo 1

O DRAMA DA AMÉRICA LATINA

UM CONTINENTE ATORMENTADO

O quadro de exploração, de miséria e de atraso na América Latina é verdadeiramente dramático.

E a prova mais recente da luta contra todo esse estado de coisas é a outorga do Prêmio Nobel da Paz, de 1980, a um cidadão da América Latina, o arquiteto e professor argentino Adolfo Perez Esquivel, que já foi preso e torturado diversas vezes em sua pátria.

Esquivel, ao receber este prêmio, em Oslo, na Noruega, renovou as denúncias de: *"morte pela fome de milhares de crianças, operários sem casas nem emprego, camponeses sem terra e jovens sem possibilidades de trabalho"*, acrescentando *"que a libertação da América Latina pode ser adiada, mas não impedida. Os ricos estão ficando mais ricos e os pobres mais pobres."*

O diretor-executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), James Grabt, declarou e lamentou em reunião deste órgão, realizada em Acapulco, México, em fins de 1980, que *"nos últimos 12 anos mais de um milhão de crianças da América Latina, menores de cinco anos, morreram desnecessariamente, mergulhados na sombra e no silêncio. São eles os mais fracos da humanidade."*

Um dos mais importantes e audazes livros sobre o nosso Continente é de autoria do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, *As Veias Abertas da América Latina.* (1) A introdução do mesmo tem o título de Cento e Vinte Milhões de Crianças no Centro da Tormenta, e diz, entre outras coisas:

---

(1) Galeano vive atualmente exilado na Espanha, pois está proibido de entrar em seu país e em muitos outros da América Latina. Inúmeras são suas obras. *As veias abertas da América Latina* foi editada no Brasil pela Paz e Terra.

"É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra. (Há quatro séculos, já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade.)

"Tudo nos é proibido, a não ser cruzarmos os braços? A pobreza não está escrita nos astros; o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro desígnio de Deus. As classes dominantes põem as barbas de molho e ao mesmo tempo anunciam o inferno para todos. De certo modo, a direita tem razão quando se identifica com a tranqüilidade e a ordem; é a ordem, de fato, da cotidiana humilhação das maiorias, mas ordem em última análise; a tranqüilidade de que a injustiça continue sendo injusta e a fome faminta. Se o futuro se transforma numa caixa de surpresas, o conservador grita, com toda razão: 'Traíram-me'. E os ideólogos da impotência, os escravos, que olham a si mesmos com os olhos do dono, não demoram a escutar seus clamores. A águia de bronze do Maine, *derrubada no dia da vitória da revolução cubana, jaz agora abandonada, com as asas quebradas sob o portal do bairro velho de La Habana. A partir de Cuba, outros países iniciaram, por vias distintas e com meios distintos, a experiência da mudança: a perpetuação da ordem atual das coisas é a perpetuação do crime.* Recuperar os bens que sempre foram usurpados, equivale a recuperar o destino.

"Os fantasmas de todas as revoluções estranguladas ou traídas, ao longo da torturada história latino-americana, emergem nas novas experiências, assim como os tempos presentes, pressentidos e engendrados pelas contradições do passado. A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi e contra o que foi anuncia o que será."

Este livro, como diz seu próprio Autor, *"oferece uma história da pilhagem e ao mesmo tempo conta como funcionam os mecanismos atuais da espoliação"* e relata *"também os heróis derrotados e as revoluções de nossos dias, as infâmias e as esperanças mortas e ressuscitadas: os sacrifícios fecundos".*

ARMAMENTOS

Já faz bastante tempo que a América Latina vem empreendendo uma corrida desenfreada em busca de armamentos. Os gastos são sempre astronômicos. É o melhor mercado importador no gênero em todo o Terceiro Mundo. E, ultimamente, dois países têm se dedicado também à produção, mantendo interessantes indústrias bélicas – Brasil e Argentina. Os países da região querem todos os tipos de armamentos, principalmente os mais modernos, inclusive aviões supersônicos. Estes já se incorporam à paisagem do continente, ao lado de grandes exércitos de miseráveis e famintos trabalhadores.

Tudo parte de falsos pressupostos para se ir a este caminho errôneo. Materiais bélicos são basicamente poderosos e decisivos instrumentos de política nacional, escreveu certa feita um general argentino – Uriburu, descendente de velho nacionalista de direita e idealizador de planos mirabolantes que estão sendo aplicados em seu próprio país e em outros países da área. E todos os sistemas de segurança da América Latina, compreendidas agressões externas e agressões internas, foram e estão sendo construídos à imagem dos sistemas usados nos Estados Unidos bem como armas e manuais de instrução. Até a estratégia da contra-insurgência é desenvolvida a partir daquele país.

Nos anos 60, os objetivos dos programas norte-americanos, consubstanciados no Programa de Assistência Militar (MAP) e Programa de Vendas Militares Estrangeiras (FMS), mudaram completamente de alvo. Não se falava mais em defesa contra agressão externa. O escopo mudou totalmente de alvo. *"A base da ajuda militar à América Latina passou repentinamente da defesa hemisférica para a segurança interna, da proteção das costas e da guerra anti-submarina para a defesa contra a guerra de guerrilhas".*(2)

O material anti-guerrilha vinha no alto da lista dos armamentos fornecidos pelo MAP ou FMS: helicópteros, veículos para transporte de pessoal armado, etc. Numa discussão sobre a revisão do programa de ajuda, o então Secretário de Defesa Robert Mac Namara, disse ao Congresso, em 1967, que "*nosso principal objetivo na América Latina é ajudar, quando necessário, o contínuo desenvolvimento das forças militares e paramilitares, capazes de atender, conjuntamente com a polícia e outras forças de segurança, a necessária segurança interna*", acrescentando que "*"o programa fiscal de 1968 não previa o fornecimento de armas pesadas. A ênfase está nos veículos e helicópteros de mobilidade interna e equipamentos de comunicações para melhor coordenação dos esforços na segurança interna".* (3)

Os regimes direitistas da América Latina desviaram, até por um certo período, o dinheiro dos programas econômicos de desenvolvimento, na compra de armas de tipos especiais. Não se parou de comprar material bélico, pois o chamado para as operações anti-guerrilhas era grande.

Quais os grandes exportadores de materiais bélicos para a América Latina? Se os Estados Unidos se negam a fazê-lo, outros entram no mercado, e já existem os fornecedores firmes para todas as espécies e qualidades. Israel, França, Alemanha Ocidental e União Soviética já passaram à frente de seu rival norte-americano. Itália e Inglaterra também são exportadores. Questões ideológicas não são nunca levadas em conta. Israel exporta, em média, cerca de 250 a 300 milhões de dólares em armamentos por ano: aviões de combate ou de transporte, mísseis, armas leves e

(2) Estudo do Professor Edwin Lieuwen, da Universidade Novo México, citado pelo antigo jornal semanário *Opinião* de 19 de maio de 1975.

(3) Robert Mac Namara ocupou desde 1968 até 30 de setembro de 1980 a presidência do Banco Mundial de Desenvolvimento e neste posto só quis saber de ajuda útil aos subdesenvolvidos, dos quais foi o grande defensor, tendo sido contra qualquer armamento. Mac Namara chorou no seu discurso final, e o que o levou às lágrimas foi a existência de 800 milhões de pessoas que ele chamou de miséria absoluta, e dois bilhões de pessoas vivendo em condições de sub-subsistência. Foi um americano prático e humanitário que viu um problema e procurou analisá-lo e resolvê-lo empiricamente, a seu modo. Lutou contra um meio extremamente adverso, no qual se viu tolhido por uma estrutura de poder que não corresponde à distribuição de riquezas no mundo capitalista. Psicologicamente talvez estivesse se purgando dos crimes de que foi cúmplice no Vietnam, quando estava na Secretaria de Defesa dos governo dos Estados Unidos.

No entanto, defeitos têm o Banco Mundial, que é levado, às vezes, pela errada filantropia do capitalismo a apoiar e a ajudar ditadores latino-americanos da pior espécie e categoria.

equipamentos eletrônicos, sendo que a América Latina é a primeira da lista, comprando mais de 70% destes armamentos. E às vezes a competição se torna violenta. Só em 1974, o Eximbank liberou dois bilhões e meio de dólares para o financiamento de exportação de aviões norte-americanos, e para encomendas de veículos aeroespaciais e reajustes no orçamento militar dos Estados Unidos, como operação de salvamento de uma indústria cambaleante devido ao fim da guerra do Vietnam. E, ainda desta vez, os latino-americanos compraram quase tudo para ajudar o seu irmão do Norte . . .

Com o fracasso na Indochina, os norte-americanos voltaram-se loucamente para o mercado latino-americano; com o fim da guerra fria, tiveram rebaixado o predomínio na transferência de armas para a região que sempre manobraram, dando-se a conseqüente diversificação de fornecedores.

Assim é que entre 1970 e 1976 os quatro maiores fornecedores para a América do Sul foram os Estados Unidos (29 por cento), Inglaterra (24 por cento), França (19 por cento) e Alemanha Federal (12 por cento) e dos seis países maiores recebedores de armas, durante esse mesmo período, os Estados Unidos foram o principal fornecedor de apenas dois: Brasil (33 por cento) e Peru (25 por cento). Em contra-partida, a Inglaterra foi o maior fornecedor da Argentina (28 por cento) e do Chile (47 por cento), enquanto que a França o foi da Venezuela (35 por cento) e a República Federal da Alemanha foi do Equador (29 por cento).

Mas o posicionamento mudou-se por completo e os Estados Unidos, em 1979, somente obtiveram 10 por cento de todos os contratos sul-americanos.

Muitos países procuram se destacar neste famigerado setor. De per si, pode-se acentuar, entre outros, os seguintes casos:

ARGENTINA – Está firme no comércio bélico. Produz armas modernas, que exporta significativamente e importa também com grande voracidade. Seus gastos foram aumentados sucessivamente de 511 milhões de dólares, de 1973, para 1.145 milhões, em 1977, chegando a um ponto alto no governo militar do general Videla. Em 1979, comprou de Israel 26 aviões de combate Dagger, nova versão do Mirage, por 180 milhões de dólares. E houve um fato anômalo, pois durante os mandos das forças armadas, anteriormente de 1967 a 1973, tinha-se produzido uma diminuição na grandeza dos gastos. Quando a Argentina produz, os bons fregueses de suas sobras, na América Latina, são Bolívia, Chile, Peru e Uruguai. A fábrica de aviões militares em Córdoba está produzindo ativamente unidades de apoio tático e anti-guerrilha, denominadas Pucará.

URUGUAI – De 1965 a 1969 importou 13 milhões de dólares fixos em armamentos, e quando passou a ser ditadura, no período de 1970 a 1974, a elevação foi a 38, o que dá uma variação percentual a mais de 192,3%.

E em março de 1980, o comandante-em-chefe do Exército, general Luiz Queirolo, admitiu que seu país negociou com nove fábricas belgas a compra de diversos armamentos, procurando ainda novos fornecedores. Com isto, ficou explicado que nada adiantou a supervisão de vendas por parte dos Estados Unidos, em represália à violação dos direitos humanos no Uruguai.

O jornal de Bruxelas *La Citè* divulgou que o montante daquela transação foi de 63 milhões de dólares.

CHILE – Jatos F-ES e outros armamentos dos Estados Unidos acabaram sendo vendidos a Pinochet, pois o governo Gerald Ford, em 1977, conseguiu sustar o boicote do Senado.

E o Chile compra também da França aviões Mirage e caças bombardeiros supersônicos. Importa todos os materiais bélicos e de quase todos os lugares. Por incrível que pareça, até a República Popular da China envia armamentos e outros auxílios.

Já sob domínio fascista, em 1973, os seus gastos no ramo foram a 628 milhões de dólares, pois anteriormente, em 1970, eram de 323 milhões, e em 1977 atingiam 912 milhões.

Por ocasião de um aniversário de seu golpe de Estado, Pinochet declarou que *"o seu exército era poderoso e, em caso de mobilização, poderia contar com 1/2 milhão de homens bem armados."*

Quando a Grã-Bretanha levantou o boicote de venda de armas ao Chile, em agosto de 1980, a primeira coisa foi a encomenda de uma grande partida delas, o que fez com que o cardeal George Basil Hume, arcebispo católico de Westminister, se manifestasse preocupado com isto, pois *"não devemos fechar os olhos à repressão que sofrem vários chilenos"*.

Nesta mesma época, após ter sido firmado um acordo de venda de armas austríacas ao Chile, este foi cancelado provisoriamente, em virtude de grandes protestos na Áustria, que também levou em conta a possibilidade de o novo governo militar boliviano ir em conflito com o Chile, para recuperar a saída para o mar, perdida na chamada Guerra do Pacífico.

Por aí se vê a engrenagem complicada destes três países do Cone Sul, submetidos a regimes direitistas e militares. E a existência de governos militares nestas áreas colabora com o desenvolvimento desta dinâmica armamentista, pois as instituições castrenses são temerosas de possibilidades de conflitos internacionais. São hipóteses que lembram sempre. E ademais, estão voltados para a denominada segurança nacional e querem se prevenir de revoltas populares. E há facilidades para a obtenção de grandes recursos financeiros para com os gastos armamentistas, pois são as instituições militares que manejam, como bem entendem, sem dar satisfação a ninguém, o erário público num sistema de decisões em que desapareceu o controle democrático.

E os Estados Unidos perderam o mercado do Cone Sul, pois no início de 1980 a venda de aparelhos Mirage foram feitos pela França e por Israel.

PERU – Outro país curioso, dentro deste tema, foi o Peru, até há bem pouco tempo governado por militares. O então presidente general Francisco Morales Bermudez declarava sempre que *"para que a sociedade peruana seja modernizada, as Forças Armadas também devem ser modernizadas."*

Os gastos com armamentos no Peru triplicaram depois que, numa virada interna, os militares direitistas empalmaram o poder, em fins de agosto de 1975. E uma variedade imensa de armas passou a ser importada por esta nação andina. (4) Mesmo os Estados Unidos, quando estavam de relações estremecidas, enviaram aviões de ataque A-37, um destroier, um submarino e vários veículos blindados. Mas as grandes remessas de equipamento militar foram feitas pela União Soviética, e o Peru tornou-se o primeiro país sul-americano, em 1977, a adquirir capacidade para engajar-se numa ação militar externa. E a União Soviética deu também instruções técnicas e altamente especializadas aos militares peruanos. Os pilotos incas fizeram treinamento em Cuba. E o Peru só diminuiu os seus dispêndios armamentís-

(4) O general Bermudez não quis cumprir a idéia de seu antecessor, o general Velasco Alvarado, de se congelar os gastos militares no próprio Peru, e nos outros países da Declaração de Ayacucho.

ticos quando a crise econômica o atingiu de cheio. Diminuiu mas não parou de comprar, pois, em abril de 1980, adquiriu novos aviões soviéticos de combate Sukol, no valor de 130 milhões de dólares.

A nomenclatura dos armamentos do Peru vai longe. Bombardeiros Tupolev-22, para substituir os velhos congêneres britânicos adquiridos há duas décadas, caças supersônicos Sukhoi-22, Mísseis SAM-2 e SAM-3, cuja eficiência foi comprovada durante a guerra entre árabes e israelenses, em 1973, e mais mísseis SAM-7 bem mais poderosos. E ainda aviões Yak, que levantam vôo verticalmente. Tanques T-54 e T-55 e peças de artilharia. E para a Marinha, 12 navios patrulhas, equipados com mísseis Nanachka.

Num acordo militar que tinha sido assinado com Moscou, início de 1977, foi concedido um crédito de 700 milhões de dólares para ser pago no prazo de vinte anos, com juros anuais de dois por cento.

O BRASIL E A TRANSACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ARMAS – O comércio de armas se torna cada vez mais complexo. Não é somente a transferência pura e simples de armamentos das grandes potências para os países sul-americanos. Ocorre a crescente transacionalização da produção de armas e o desenvolvimento de uma indústria bélica cada vez mais significativa. O interesse das empresas produtoras já não está na simples busca de mercados de exportação, mas também em levar parte da produção de material bélico para outros países com um relativo nível de desenvolvimento ou com um potencial econômico importante. Desta maneira, as empresas transacionais produtoras de armas se associam com empresas locais, geralmente públicas, ou permitem a produção sob licença. O Brasil tem licenças italianas, francesas, alemãs, norte-americanas e inglesas. Mas em muitos casos produz sozinho, inclusive armas sofisticadas, com alguma tecnologia e material próprio, e em outros casos, a maioria das vezes, incorporam componentes importados. Com os italianos, em julho de 1980, assinou-se acordo para produção de submarinos, corvetas, fragatas, canhões e misseis.

Mas outros países têm licenças para produção: a Argentina, de norte-americanos, alemães e ingleses; a Colômbia, de norte-americanos, e o Peru e a Venezuela, de italianos.

O Brasil já tem seus mercados, exporta para a Bolívia, Chile, Peru, Uruguai, Panamá e El Salvador na América; para Abi Dhabi, Arábia Saudita e Iraque, no Oriente Médio; e Sudão, Líbia, Togo e Quatar, na África. Com a Arábia Saudita, um primeiro negócio feito, em junho de 1980, situou-se em torno de 100 milhões de dólares. Sonha-se que a projeção total do Brasil, de exportação, para diversos países, atingirá um valor futuro próximo à casa do bilhão de dólares.

A evolução deste setor é curiosa e contribui para fortalecer a posição brasileira como a maior potência da América Latina.

O general Arnaldo Calderari, presidente da Imbel (Indústria de Material Bélico do Exército), teria declarado que está havendo uma corrida armamentista no mundo, sobretudo da América Latina e explicado, a título de prevenção moral, que *"e como não somos vestais da paz, venderemos também"*.

Assim se forma o balcão brasileiro de armas, principalmente para vender para o Terceiro Mundo. Fazendo a apologia do negócio, José Luís Whitaker, presidente de uma das companhias produtoras, Engesa (Engenheiros Especializados S/A) chamou a si a honra de informar que a indústria brasileira de armas está tomando conta do mercado latino-americano, isto é, ocupando o lugar dos Estados Unidos.

Mas isto não engrandece a tão propalada devoção pacifista do Brasil. Ao fazer-se grande vendedor de armas para os países do Terceiro Mundo, o Brasil nega

a vocação e concorre para o empobrecimento maior desses países.

Qual a nomenclatura da produção e da exportação brasileira? A mais diversificada, e além de outras: fuzis leves em geral, blindados sobre rodas, mísseis, veículos lança-pontes, metralhadoras, rampas móveis para lançamento de foguetes, aviões, bombas de napalm, granadas, corvetas, navios médios, caminhões, pistolas, torpedos, munições, minas especiais, equipamentos de observação e sistemas de telecomunicações.

E toda essa euforia não sofreria contratempos e até graves, sem resultado? E há diversas razões: 1.) O mercado importador, que geralmente é instável, poderia secar por falta de dinheiro dos países pobres, fregueses habituais. Aí as armas brasileiras ficariam encalhadas e enferrujando. 2.) Os ricos não iriam dar muita atenção. Haja vista o caso, em maio de 1980, de uma missão oficial francesa que esteve aqui para comprar aviões Xingus. Mas queriam, na verdade, condicionar o negócio a futuras importações do Brasil, que teria que voltar muito dinheiro. 3.) E o próprio país tende a aumentar sua crise financeira, com escassez de recursos para ficar jogando neste setor. 4.) A concorrência dos mais fortes impedirá um reinado falaz. E a edição de março do informativo Strategic Latin American Affairs, especializado em assuntos militares, revelou que *"dificuldades econômicas do Brasil impediram o país de entrar em uma competição imediata com a Argentina, na fabricação de foguetes"*, acentuando ainda que *"o Brasil vive, no momento, severos problemas econômicos, cujas conseqüências se estenderam ao setor de produção e desenvolvimento de armas"*. 5.) A luta pelo mercado de armas está sempre impregnada de objetivos mal confessados, e é uma autêntica briga de foice no escuro. E as revistas européias especializadas no assunto já dedicam ultimamente amplos espaços de críticas e de depreciação dos Xingus. 6.) Não é difícil dar-se solução de continuidade no fornecimento de materiais e tecnologia por parte das multinacionais associadas ou fabricantes. Uma das causas do afastamento pelo governo central brasileiro de uma alta patente do Exército, o general Antônio Carlos de Andrada Serpa, em abril de 1980, foi o seu duro ataque às multinacionais e indústrias do ramo bélico que sonegavam componentes essenciais ou então queriam preços astronômicos pelos mesmos.

Mas a verdade é que o Brasil está pondo dinheiro em cima de planos aleatórios. Está construindo obras faraônicas, quando teria tantos meios de investir em indústrias reprodutivas básicas e que atendesse de imediato ao interesse do povo.

DADOS DE 1977 – Neste ano, os países sul-americanos destinaram cerca de 5 bilhões de dólares para os gastos militares, a quantidade mais elevada em toda a história da América do Sul. Nos últimos dez anos a destinação de fundos públicos para a manutenção das instituições sul-americanas cresceu a uma taxa média anual de 6,6% e, com isto, os gastos militares totais do subcontinente, em 1977, foram 72,5% maiores do que em 1967. Estas cifras expressam o caráter cada vez mais acelerado que a corrida armamentista adquiriu na região. O gráfico mostra a variação dos gastos militares na América do Sul, nos últimos vinte anos, segundo os dados do *SPRI*.

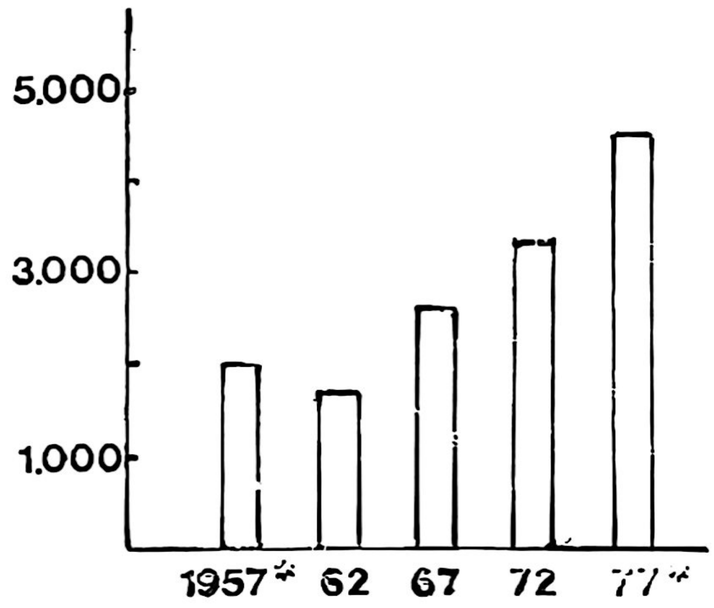
Os gastos militares, na América do Sul, se concentram em uns poucos países. Durante 1977, apenas três países – Argentina, Brasil e Chile – absorveram 76,2% desses gastos militares totais. Se tomarmos o período 1970-1977, observaremos que os três países concentravam 73,1% dos gastos; se juntarmos a eles a Venezuela e o Peru, chegaremos a 92,2% dos gastos militares regionais.

O aumento constante da relação entre armamento importado e gastos militares na região é indicador de como a aquisição de novos armamentos sofisticados é

um elemento característico da corrida armamentista sul-americana. Se compararmos o qüinqüênio 1965-1969 com 1970-1974, teremos que, enquanto os gastos militares no subcontinente aumentaram em 37,7%, a importação de armas cresceu em 129,8%.

O Brasil, depois de 1964, ano em que começou o regime militar, teve um forte aumento desses gastos, o que só declina em 1974, ainda que se mantenha como o maior comprador da América do Sul. Mas em 1976 estes gastos começaram a se elevar novamente.

GASTOS MILITARES NA AMÉRICA DO SUL
(milhões de dólares fixos)



*Estimativa
Fonte: Anuário SIPRI, 1978

RELATÓRIO DO SPRI – O mencionado Instituto Internacional de Pesquisas sobre a Paz, uma instituição independente, com sede em Estocolmo, e que se dedica à pesquisa de problemas ligados à paz e à guerra, divulgou, em meados de 1980, novos e impressionantes dados sobre a corrida armamentista, dando especial destaque à América Latina.

Este relatório deixa bem claro que o Brasil é o maior comprador de armas da América Latina, afirmando que *"importou 24% de todo armamento importado pelos países do continente, nos anos de 1977 a 1979, além de ter aumentado muito a fabricação interna de produtos do setor bélico"*. O documento cita outros aspectos da situação brasileira, afirmando que *"o país teve a partir de 1964 um rápido crescimento econômico em termos de Produto Nacional Bruto, um substancial aumento de inversões dos Estados Unidos, uma diminuição de mais de 40% da renda real dos trabalhadores e uma dura repressão aos componentes do regime"*. E lembra

ainda que *"em 1977 o Departamento de Estado norte-americano emitiu um informe que criticava o Brasil por violação dos direitos humanos"* e o governo respondeu, cancelando a ajuda militar que recebia há 25 anos dos Estados Unidos; no entanto Washington continuou com as vendas diretas de armas e em 1977 o Brasil comprou 20 milhões de dólares em armas norte-americanas, inclusive cinco mil granadas de gás lacrimogênio.

O SPRI constatou que os gastos militares na América Latina cresceram muito nos últimos anos, que passaram de 2,4 bilhões de dólares em 1950 para 7,73 bilhões de dólares em 1979, e que o Brasil está sempre em primeiro lugar, tendo importado, em 1978, armas no valor de US$ 1.951 milhões e em 1979, US$ 1.842 milhões.

Com relação à Argentina, o documento diz que *"em 1978 a importação de armas foi de US$ 1.492 e que no mesmo ano o Congresso dos Estados Unidos votou contra toda a ajuda militar e vendas de armas, para aquele país, cujo presidente, Jorge Rafael Videla, tem a reputação de ser um dos piores violadores dos direitos humanos do mundo. Calcula-se que em 1978 havia mais de 15 mil pessoas detidas ou desaparecidas, e o velho movimento trabalhista perdeu o direito de greve e de negociações coletivas. Mas o governo argentino ainda recebe bens com propósito duplo, como veículos e computadores, e além disso, cerca de 30 oficiais argentinos receberam treinamento nos Estados Unidos, em 1979"*.

A MISÉRIA, UMA DAS CONSEQUÊNCIAS DA ACELERAÇÃO ARMAMENTISTA

O prestigioso jornal mexicano *Excelsior*, emitindo opinião em estudo sobre a corrida armamentista na América Latina, afirmou que *"a fabricação de armas é mais daninha que a peste ou as epidemias do passado, e é no Cone Sul que está um dos 'melhores' mercados de consumo, abrangendo toda a sorte de artefatos utilizados para matar pessoas"*. (5)

A venda e exportação de armas é uma das maneiras que os países mais poderosos usam para explorar e drenar recursos das nações periféricas que lutam desesperadamente pelo desenvolvimento.

Os violentos gastos com armamentos impedem uma aplicação mais consectânea em obras e serviços que se destinariam em benefícios diretos à população. Os recursos destinados a fins militares têm um custo de oportunidade, isto é, podem ser medidos em relação a usos alternativos.

"Em um continente com necessidades como saúde, habitação e alimentação insatisfeitas, os gastos militares se apropriam de recursos para finalidades que impedem que sejam atendidas as necessidades básicas e essenciais dos cidadãos". (6)

Como assinala o informe do secretário-geral das Nações Unidas, *"as conseqüências econômicas e sociais da corrida de armamentos e os gastos militares, nos países em desenvolvimento, os efeitos negativos gerais do desvio de recursos para usos militares, tendem a se agravar, porque as Forças Armadas modernas fazem altas exigências quanto a recursos que seriam necessários para o desenvolvimento e que, em muitos casos, dão lugar a estrangulamentos graves: divisas, mão-de-obra capacitada, técnica e de direção, e capacidade de manutenção, reparação e produção industrial"*. (7)

(5) Edição de 5 de agosto de 1980.

(6) *Informes e documentos de Ciências Sociais*, da UNESCO nº 39, 1978, pág. 11, sob o título *A corrida armamentista e o desarmamento.*

(7) Publicação das Nações Unidas. Informe do Secretário Geral: *As conseqüências Econômicas e Sociais da corrida de armamentos e dos gastos militares*, 1978, pág. 58.

"Nos países da América do Sul, que não são produtores importantes de armas, o aumento dos gastos militares significa normalmente um aumento das importações deteriorando-se a balança comercial. A corrida armamentista tenderá a aumentar os problemas na balança de pagamento nos países que já têm esses problemas. O fato de que as importações, com fins militares, não produzem rendas, nem exportações, com as quais se possa fazer frente a uma dívida maior, agrava ainda mais o efeito a largo prazo sobre a balança de pagamentos". (8) *"Desta maneira, produz-se um aumento do endividamento dos países da zona."* (9)

A corrida armamentista sul-americana não pode ser separada do fenômeno a nível global. *"O alto nível dos gastos militares mundiais não apenas subtrai recursos urgentemente necessários para resolver de modo eficaz (os) problemas (econômicos mundiais), mas também contribui para exacerbá-los, contribuindo para agravar fenômenos como as tendências inflacionárias".* (10)

Como assinala o informe do secretário-geral das Nações Unidas, *"a corrida de armamentos . . . também ameaça e perverte os processos democráticos e debilita os processos de evolução social que constituem a única esperança genuína para o futuro da humanidade".* (11)

Finalmente, a característica mais importante da corrida armamentista é que ela põe em perigo a própria segurança dos Estados da América do Sul e a segurança internacional, já que contribui para aumentar os riscos de guerra. O armamentismo *"cria, além do mais, uma barreira cada vez maior ao desenvolvimento de uma atmosfera, em que se possa reduzir o papel da força nas relações internacionais".* (12)

A crítica contra a corrida armamentista é grande, e nem poderia ser de outra maneira. Por toda a parte, os observadores profligam contra uma situação que deve ser modificada, refreada.

Um alto funcionário do governo dos Estados Unidos nas Nações Unidas, Allard Lowenstein, em julho de 1977, combateu "*os países latino-americanos que se utilizam de pretextos sobre a necessidade de resolver seus problemas sociais e econômicos para promover repressão em larga escala aos seus opositores*", e exortou os governantes dessas nações (as quais não citou nominalmente) a "*gastar menos em armamentos e aplicar seus fundos na construção de hospitais e escolas*", e afirmou ainda que "*pode parecer teórico, mas nas sociedades onde há enormes problemas econômicos, as pessoas estão submetidas a um tipo de repressão que as impede de viver uma vida com o mínimo suficiente para comer, que as pessoas que estão submetidas a tortura ou foram assassinadas por razões políticas estão na mesma condição daquelas que lhes tiveram negado o direito de viver*".

Em março de 1980 foi editado em Londres um livro do general John Owen, intitulado Armas de Infantaria dos Exércitos da África, Oriente e América Latina. E entre outras coisas, esta obra acentua sabiamente que "*as armas latino-americanas são usadas predominantemente contra inimigos internos, uma vez que o último conflito entre países da região ocorreu em 1935, entre Bolívia e Paraguai*". (13)

Para o autor deste livro, que está espantado com o número de armas, em muitos países da América Latina, os governos vizinhos ao Brasil estão menos impressionados com o poderio militar brasileiro, que com certas decisões específicas, como a formação de uma brigada de 7 mil pára-quedistas.

(8) Nações Unidas, *Obra Citada*, pág. 56.

(9) UNESCO, *Obra Citada*, pág. 11.

(10) Nações Unidas, *Obra Citada*, pág. 45.

(11) Nações Unidas, *Obra Citada*, pág. 64.

(12) Nações Unidas, *Obra Citada*, pág. 65.

(13) Foi a chamada Guerra do Chaco, mas que teve por trás destes países interesses escusos dos trustes petrolíferos internacionais. O Paraguai venceu, mas saiu da guerra arruinado economicamente.

É evidente que para este ex-membro do Real Corpo da Marinha da Grã-Bretanha, muitos países americanos estão pensando em combater possíveis reivindicadores de uma transformação da ordem econômica e social.

A presença de instalações militares e a fabricação de armamentos na América Latina têm três finalidades: A primeira seria interferir em conflitos fora da região, mas esta ação é limitada. A segunda é atender às necessidades políticas e de prestígio, citando como exemplo a Argentina, que no final de 1978 promoveu "*uma custosa e muita difundida concentração militar, que parecia demonstrar que o país estava em pé de guerra. No entanto, esta iniciativa teve como finalidade apenas dar respaldo militar às discussões diplomáticas que a Argentina estava realizando na época com o Chile.*" (14) "*E outro exemplo foi o do Peru, que tem aviões supersônicos Mirage apenas para manter a ordem interna, já que estão localizadas na região central do país e, portanto, sua utilidade seria limitada, no caso de um conflito com algum Estado vizinho*". (15) O terceiro objetivo das instalações militares na América Latina é a preocupação que os governos da região têm com o assunto, "*mesmo porque quase todos os países da área estão atualmente governados por militares e, portanto, suas decisões estão voltadas para o atendimento das reivindicações das Forças Armadas*".

Um outro estudo muito importante sobre o tema em foco, que faz uma comparação entre as discrepâncias e os gastos com armamentos relacionados com saúde e educação, é da socióloga Ruth Leger Sivard, sob o título *Gastos Militares e Sociais no Mundo*, editado pela Arms Central Association, em 1977, que entre outras coisas acentua relacionadamente a América Latina: "*O Brasil é o país da América Latina que mais empregou recursos em gastos militares nos últimos 15 anos – cerca de 14 bilhões de dólares. Em 1974 os países latino-americanos gastaram 4,9 bilhões de dólares com suas forças militares, mas investiram apenas a metade dessa importância em saúde pública – cerca de 2,4 bilhões de dólares. O Brasil foi o único representante da América Latina na relação dos 23 países de todo o mundo que, em 1973, gastou mais de 1 bilhão de dólares em armamentos, tendo destinado nesse ano, 1,3 milhão de dólares às Forças Armadas, contra 1 milhão para a educação.*"

Na lista de 23 países de todo o mundo que gastaram em 1973 mais de 1 bilhão de dólares em armamentos, diz Sivard, havia um total de sete nações consideradas em vias de desenvolvimento, como a China, Irã, Índia, Espanha, Egito e Arábia Saudita. Naquele ano, segundo o estudo, o Brasil acabava de se incorporar ao chamado Clube dos Mil Milhões ao lado desses países, com uma despesa militar de 1,548 bilhões de dólares.

De todos os dados apresentados no trabalho, o aspecto que mais chama a atenção refere-se ao quadro social latino-americano, dentro do qual se verifica o processo armamentista. Tomando três ítens relacionados com o bem-estar da população, tornou-se possível traçar algumas linhas gerais.

(14) A questão da disputa do canal de Beagle, bem na divisa ao sul levaram Chile e Argentina a se colocarem em pé de guerra, mas houve diversas interferências diplomáticas e, com a mediação do Vaticano, foi assinado um acordo provisório, em 1979.

(15) A última guerra séria no continente, foi a que envolveu o Chile contra a Bolívia e o Peru (que foi em socorro) e que durou de 1879 a 1884. Os trustes ingleses estabelecidos em Santiago, que exploravam o guano no então litoral boliviano, financiaram a invasão chilena. A Bolívia, com toda a sua fraqueza, foi derrotada e obrigada a ceder a rica província de Atacama, único território costeiro do país.

1. Saúde Pública e Forças Armadas – Em 1973 as três grandes nações do continente conservaram uma média semelhante, quanto ao número de médicos e ao número de homens incorporados às forças armadas. Enquanto na Argentina e no México havia um médico para cada 2,6 soldados, no Brasil, a relação era de um para quatro. A situação totalmente oposta foi apresentada pelo Haiti, Equador e Paraguai, com coeficientes de 14,11 e 10 soldados para cada médico, respectivamente.

2. Educação e Forças Armadas – No mesmo ano, tomado como base para a década de 1963-1973, revelou-se que um punhado de pequenos países do Caribe e América Central lideram o esforço regional por destinar orçamentos cada vez maiores para a educação, em comparação com os gastos militares. O Panamá gastou 31 milhões de dólares em educação contra cada milhão para as forças armadas; Trinidad-Tobago 13-1; Jamaica 11-1 e Costa Rica 9,7-1. Atitude contrária foi tomada pelo Uruguai, Haiti e Bolívia que destinaram dois milhões de dólares à área militar para cada milhão em educação, enquanto no Brasil a média foi de 1,3 milhão para um.

Argentina, Chile e Cuba investiram somas iguais para a educação e as forças armadas, e no México, Venezuela e Colômbia houve um esforço educacional em contraste com o militar: O México, por exemplo, destinou quatro milhões de dólares para o primeiro item, e a proporção na Colômbia e Venezuela foi de dois para um.

3. População e Forças Armadas – Um indício revelador do grau de importância dos exércitos nos países da América Latina é fornecido pelo coeficiente entre sua população e o volume de suas tropas. O Uruguai, em 1973, tinha 1 soldado para 142 habitantes, o Chile, 1 para 171, o Paraguai 1 para 178 e a Argentina 1 para 180.

A França, segundo o estudo de Ruth Leger Sivard, destacou-se nos últimos anos como o fornecedor de armas e equipamento bélico que vem intensificando com maior velocidade suas exportações para a América Latina.

O destacado papel assumido pela França, nesta década, evidenciou-se através dos números: entre 1970 e 1973, os franceses ocuparam o primeiro lugar como exportadores de armas para a região.

O quadro em dólares para esse período é o seguinte: França – 307 milhões; Estados Unidos – 230 milhões; Grã-Bretanha – 120 milhões; Canadá – 23 milhões; Itália – 21 milhões; e Alemanha Ocidental – 12 milhões.

Na década que vai de 1963 a 1973, a França aumentou em 48 vezes seu volume de vendas de armas para a América Latina, passando de 3,6 milhões de dólares a 173 milhões. Parte ativa desse aumento foram os caça-bombardeiros Mirage e os tanques AMX, vanguarda de um modernissimo arsenal, que atualmente integra os exércitos de quase todos os continentes. No qüinqüênio 1969-1973, a França havia tomado aproximadamente 34 por cento do mercado latino-americano de armas, contra 27 por cento dos Estados Unidos.

O prefaciador deste livro foi o todo poderoso Robert Mac Namara, que advertiu, entre outras coisas, que "*um excessivo gasto militar pode deteriorar a segurança, ao invés de reforçá-la*".

A limitação aos armamentos no continente tem sido pedido por diversos países. Mas tudo teoricamente, pois que na prática nada se cumpre do que se recomenda.

O Brasil, em fins de outubro de 1974, manifestando-se na Comissão Política da Assembléia Geral da ONU, combateu a corrida aos armamentos, sugeriu a necessidade de se fornecer aos países em desenvolvimento uma soma mínima, determinada durante um período fixo e que, caso fosse realizado esse projeto, não haveria discriminação com respeito aos países a que receberiam a ajuda, propondo, assim, a convocação de uma conferência mundial de desarmamento, com a participação de todos os países. Tudo foi muito enfático, mas nem mesmo o Brasil deu atenção ao que falou e está se armando até os dentes, sendo, em tudo, por tudo, o número um na América Latina.

No dia 9 de dezembro de 1974, os chefes de Estado da Argentina, Colômbia, Chile e Equador firmaram a Declaração de Ayacucho, na qual se comprometiam a criar as condições que fizeram possível uma efetiva limitação de armamentos da região e o fim da aquisição de armas com objetivos, de tal maneira que todos os recursos possíveis fossem determinados ao desenvolvimeto econômico e social de cada país latino-americano. Em fevereiro do ano seguinte, técnicos de seis países andinos fizeram reunião em Lima, na qual decidiram levar a seus respectivos governos as condições e recomendações que "*visualizem um caminho para chegar a uma efetiva limitação na aquisição de armamentos*". Participaram delegados diplomáticos e militares da Bolívia, Colômbia, Chile, Equador, Peru e Venezuela. Mas tudo isto ficou para as calendas gregas.

Dois jornalistas, Carlos Putales e Augusto Varaz, na revista *Mensaje*, edição de fevereiro de 1979, sentindo e analisando profundamente o terrível problema da corrida aos materiais bélicos, propuseram o desarmamento da América Latina nos seguintes termos:

"*Ainda que o fenômeno armamentista regional não se possa desligar da corrida global e sua solução dependa em parte dos esforços que sejam empreendidos a nível mundial, é imperativo pôr em prática políticas realistas e eficazes de desarmamento regional. Junto a elas, deve-se fortalecer os mecanismos delineados para evitar a proliferação de armas nucleares na região, a fim de evitar um novo salto tecnológico na dinâmica armamentista da zona.*

"*Urge adotar medidas eficazes em prol do desarmamento, e elas requerem não só o fortalecimento dos instrumentos jurídico-internacionais, que permitam a solução pacífica das controvérsias, como a conduta conseqüente dos governos da região, com relação a estes caminhos.*

"*A situação de distensão a nível internacional deve ser aproveitada pelos países da região, para se alcançar a superação dos problemas comuns do subdesenvolvimento econômico e social, mais do que para a construção de grandes potências militares. O desarmamento é um dos caminhos que deve contribuir para o melhoramento das relações entre os povos do continente e permitir a redestinação de recursos para fins produtivos sociais*".

SUPERAÇÃO DA PROFECIA DE SIMÓN BOLÍVAR

A América Latina é produtora de vinte por cento de todas as matérias-primas mundiais.

Mas em quase todos os países de nosso continente as classes trabalhadoras e populares aproveitam pouco esta produção, pois são as multinacionais e os dominantes e poderosos do dia que as usufruem e as açambarcam nababescamente.

São inúmeros os dados ou itens do drama da América Latina, e entre outros é importante citar: **DESEMPREGO E SUBEMPREGO** – Cerca de 35 milhões de

latino-americanos estão em situação de subemprego, enquanto que 4,5 milhões se encontram desempregados, conforme revelação do sub-diretor geral da Organização Internacional do Trabalho, Júlio Galer, em fórum sobre alimentação e trabalho realizado em abril de 1980, na capital do Peru.

Este membro da OIT afirmou que "*a cifra é impressionante e dramática na medida em que a força de trabalho no continente é de 92 milhões de pessoas, 39 por cento das quais se dedicam às atividades agrícolas, enquanto que 61 por cento restantes cumprem misteres diversos*". Com estes números e, segundo Galer, permite-se "*questionar a teoria convencional de que o crescimento econômico por si resolve as tarefas do crescimento e do desenvolvimento. O problema assumiu as características de uma caldeira social, que se agrava a cada dia, e não representa, certamente, garantia de tranqüilidade social. O desemprego está definido como um grave trauma para os que o sofrem e causa de justificada inquietação para instituições e pessoas responsáveis da sociedade*". Em especial, foi citado o problema das migrações internas que "*ruralizam as grandes cidades, onde milhares de camponeses com suas famílias lutam desesperadamente para se incorporar ao aparelho produtivo urbano ou a canais periféricos ou improdutivos. Nestas circunstâncias, as alternativas estão na ação com vistas a se chegar a uma nova ordem econômica, que determine uma mudança no curso da História*".

Neste mesmo ano de 1980, a Organização dos Estados Americanos divulgou, em Washington, estudo no qual consta que "*o crescimento da força de trabalho na América Latina será superior ao crescimento da população, criando-se assim uma pressão sem precedentes para que sejam estabelecidos novos empregos*". Segundo o relatório, "*a força atual de trabalho na América Latina é de 112 milhões de pessoas, para uma população de 337 milhões, e para o ano 2.000, entre 600 milhões de pessoas haverá duzentos milhões de trabalhadores.*" (16)

(16) Este número da população de 337 milhões da América Latina foi fornecido, em agosto de 1980, pela sociedade privada Fundação Ambiental, com sede em Washington. E deste total duas terças partes estão no Brasil (119 milhões) e México (71,8 milhões).

Eis os números sobre a América Latina.

PAÍS	Superfície em kms²	População
Guiana	214.969	810.000 (E)
Sunname	163.265	450.000 (E)
Guiana Francesa (F.)	91.260	62.000 (E)
Venezuela	912.050	13.121.952 (E)
Colômbia	1.138.914	26.900.000
Equador	283.561	8.300.000
Peru	1.285.216	17.700.000
Bolívia	1.098.581	5.600.000
Brasil	8.511.965	119.024.600
Paraguai	406.752	2.800.000 (E)
Chile	756.945	11.200.000
Argentina	2.776.889	27.862.771
Uruguai	117.508	3.000.000
México	1.976.547	71.800.000
Guatemala	108.889	7.000.000
Belize (GB)	22.965	151.607 (E)
Honduras	112.088	3.140.000 (E)
El Salvador	21.393	4.260.000 (E)
Nicarágua	130.000	2.600.000 (E)
Costa Rica	50.700	2.200.000 (E)
Panamá	76.650	1.900.000 (E)
Bermudas (GB)	53	60.000 (E)
Bahamas	13.935	210.000 (E)

Diversas são as causas do desemprego e do sub-emprego. Todas provocadas pelo sistema capitalista explorador na América Latina. Uma delas – a maior – é o latifúndio intocável e improdutivo que gera o êxodo rural às cidades grandes, pois, aos trabalhadores, é negado o direito de terem terras para trabalharem e produzirem. É o fenômeno do urbanismo que incha as metrópoles.

MARGINALIZAÇÃO – Especificamente, "*o povo peruano padece de graves deficiências protéicas, mas, ao mesmo tempo, se dá o trágico paradoxo de que, em apenas um mês, se pescou o suficiente para suprir todas as necessidades alimentícias do Peru. Acontece que desse pescado é feita a farinha, que se emprega na comida de gatos e cachorros, de muitas senhoras européias . . . Bem, sabe-se que não é culpa dos gatos e cachorros e sim das multinacionais, da política ditada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)*". (17)

Quanto ao capital estrangeiro, tanto o Cepal, como o Banco Mundial vêm incorrendo em grave erro, quando recomendam a vinda dos mesmos, para a criação de novos empreendimentos e novos empregos. E, neste ângulo, já ficou provado que cada novo emprego criado por uma multinacional fica muito mais caro e oneroso ao pais, do que os proporcionados por empresas particulares ou estatais, por unidade de capital investido.

Ademais, os próprios governos ainda fazem gastos em obras suntuosas, desnecessárias, de fins até demagógicos, como armamentos e outros, sem nenhum interesse ao trabalhador e estes recursos devem ser remanejados para atividades com maior poder de geração de empregos, por unidade de capital investido, evitando-se desemprego e sub-emprego.

As fábricas na América Latina não oferecem refúgio à mão-de-obra excedente, porém, a existência de um vasto exército de reserva sempre disponível permite pagar salários quinze ou vinte vezes mais baixos do que os pagos aos operários norte-americanos ou alemães. Os salários podem continuar sendo baixos, ainda que aumente a produtividade, e a produtividade aumenta às custas da diminuição da mão-de-obra.

Saint Cristopher-Nevis (GB)	311	64.900 (E)
Anguila (GB)	91	6.600(E)
Antigua(GB)	442	71.000(E)
Guadalupe FR)	1.179	355.000(E)
Martinica (FR)	1.102	365.000(E)
Monteserrat (GB)	98	12.160(E)
Barbados	430	250.000(E)
Antilhas Holandesas (H)	961	250.000(E)
Granada	344	100.000(E)
Santa Lúcia	626	130.000
São Vicente	388	104.000(E)
Dominica	751	79.000(E)
Trinidad	5.128	1.100.000(E)
Cuba	114.524	9.900.000
Haiti	27.750	5.100.000
República Dominicana	48.734	5.400.000
Jamaica	10.962	2.200.000
Porto Rico (EUA)	8.897	3.300.000
Ilhas Virgens Britânicas (GB)	153	10.500

(Os dados de Brasil e Argentina referem-se ao recenseamento de 1980; os anotados com letra E são estimativas de 1977 e os demais são os mais recentes).

(17) Hugo Blanco Galdoz, na campanha eleitoral pela presidência do Peru, em maio de 1980.

As Nações Unidas calculam que pelo menos a quarta parte da população das cidades latino-americanas habita *"assentamentos que escapam às normas modernas de construção urbana"*, extenso eufemismo dos técnicos para designar os turgúrios ou casebres conhecidos como favelas no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades do Brasil, callampas em Santiago do Chile, jacalés no México, barrios em Caracas, barriadas em Lima, villas miséria em Buenos Aires e cantigrilles em Montevidéu.

A industrialização dependente aguça a concentração de renda, do ponto de vista regional e do ponto de vista social. A riqueza que gera não se irradia sobre o país inteiro, nem sobre a sociedade inteira, mas consolida os desníveis existentes e inclusive os aprofunda. Os próprios operários – cada vez mais numerosos – não se beneficiam em medida igual do crescimento industrial e são os estratos mais altos da pirâmide social que recolhem os frutos do aumento da produção.

Nos anos 60, no Brasil, as indústrias mecânica, de materiais elétricos, de comunicações e a indústria automobilística elevaram sua produtividade em cerca de 131 por cento, porém, neste mesmo período, os salários dos trabalhadores por elas ocupados só cresceram em valor real 6 por cento. (18)

A América Latina ainda oferece braços baratos, e mais, nos anos 60, o salário-hora média nos Estados Unidos se eleva a dois dólares; na Argentina, era de 32 centavos; no Brasil, de 28; na Colômbia, 17; no México 16 e na Guatemala apenas a 10 centavos de dólar. Mas as disparidades vão aumentando sempre. Para ganhar o que um operário francês recebe em uma hora, o brasileiro tem que trabalhar dois dias e meio. Com pouco mais de dez horas de serviços, o trabalhador norte-americano ganha, em equivalência, um mês de trabalho do carioca. E, para receber um salário superior ao correspondente a uma jornada de oito horas do mesmo operário é suficiente que o inglês e o alemão trabalhem menos de 30 minutos. (19)

O baixo nível dos salários da América Latina só se traduz em preços baixos nos mercados internacionais, onde a região oferece suas matérias-primas a cotações exíguas para que se beneficiem os consumidores dos países ricos; nos mercados internos, em compensação, onde a indústria desnacionalizada vende manufaturados, os preços são altos, para que sejam altíssimos os ganhos das corporações imperialistas.

EDUCAÇÃO E INFÂNCIA – O governo brasileiro, segundo estudos apresentados pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento, em 1977, era o país que menos gastava com ensino em todo o continente. E esta situação prevalece até hoje. O Brasil, na destinação de poucos recursos, neste setor, está quase ao lado do Haiti, de Trinidad e da Nicarágua, ao tempo de Somoza. E o Brasil e estes países e muitos outros deverão triplicar seus dispêndios com ensino, para alcançarem níveis educacionais comparáveis com a Europa Ocidental.

O número de analfabetos na América Latina atinge seguramente cem milhões, e, segundo estudos de julho de 1980 do Conselho Inter-Americano de Educação, Ciência e Cultura da Organização dos Estados Americanos, mais de 11 milhões de crianças, entre 6 e 11 anos de idade, ficaram fora do sistema escolar na América Latina, entre 1970 e 1977.

A falta de acesso à educação agrava as desigualdades na América Latina, acrescidas pela má distribuição de renda, favorecendo-se o círculo vicioso de uma

(18) Dados fornecidos pelo próprio Ministério do Planejamento do governo brasileiro.

(19) Estudo efetuado por Serge Birn, técnico norte-americano, em organização do trabalho e publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, edição de 5 de janeiro de 1969.

miséria sem fim de legiões de latino-americanos, nas quais as crianças são as grandes parcelas.

Em 1975, os cálculos falavam em 100 milhões de latino-americanos com deficiências calóricas e, deste total, pelo menos a metade seria de crianças desnutridas, com menos de cinco anos de idade. O livro *População e Desenvolvimento* editado no México, dá a dimensão do problema. Na população infantil do continente, as crianças abaixo de cinco anos representam 16 por cento do total da população e a maioria sofre de desnutrição. Em algumas zonas das Antilhas, América Central e Brasil 80 por cento das crianças dessa idade estão desnutridas. Segundo esta mesma publicação, a fome é a responsável por 60 por cento das mortes de crianças menores de cinco anos.

A segunda Jornada de Pediatria de Campinas, Estado de São Paulo, promovida pela Faculdade de Ciências Médicas naquela cidade, tratou do tema da desnutrição infantil, o mais imoral flagelo da criança neste século. Uma das participantes, a professora Cor Cury, da Universidade de São Paulo, citou uma das maiores autoridades mundiais em nutrição infantil, o Professor Fernando Monckbergm do Chile e lembrou que *"este é o problema de saúde mais importante da América Latina, pois mais de dois terços das crianças de nossos países sofrem de desnutrição em grau variável, e a mortalidade infantil, nos países pobres, é pelo menos 10 vezes maior que nos países industrializados; e ainda mais, nas Nações 'em desenvolvimento', apenas um em cada conjunto de cinco crianças alcança os cinco anos de idade; uma em cada duas mortes de crianças está ligada à desnutrição; a metade dos indivíduos nascidos vivos morre antes dos 15 anos de idade na América Latina, enquanto essa taxa é de aproximadamente 6 por cento nos Estados Unidos; os menores de cinco anos de idade constituem quase 1/5 da população, mas representam 4/5 de todas as mortes, e nos Estados Unidos essa faixa etária corresponde a 8,8 por cento da população e 4,8 por cento das mortes; e também, que a taxa de mortalidade infantil verificada nos Estados Unidos e Canadá é de 5 a 10 por mil, (considerando os óbitos de crianças até 10 anos de idade por mil nascidos vivos), enquanto no Recife, é de 90 por mil e em São Paulo, 69, valores bem acima da taxa considerada tolerável pelos organismos internacionais, de 11 mortes por 1000 nascidos vivos!"*

O pronunciamento mais eloqüente neste conclave foi do Professor Luís Carlos Raia, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e presidente da Sociedade de Pediatria do Estado de São Paulo, que representou o pensamento angustioso e humanístico dos médicos pediatras e que se traduziu num libelo contra a injustiça social, o descaso do governo, a falta de solidariedade, o egoísmo, o submundo da fome e da insegurança. *"Discutida ampla e integralmente a desnutrição infantil, chegamos à melancólica e vergonhosa conclusão que o problema transcende da esfera médica para situar-se num contexto imensurável que envolve o desperdício com armas, usinas nucleares, pompas oficiais, governos intolerantes e mordomias, fatores que impedem a atenção à infância carente e aos povos do 3º e do 4º mundos. Por isso mesmo, a desnutrição é assunto para ser debatido, equacionado e resolvido por leigos e por homens e mulheres de todas as profissões e posições na sociedade, e não só por médicos, pois constitui uma chaga e uma dolorosa doença sócio-econômica e moral, pela qual somos todos responsáveis!"*

CEPAL VÊ ENFRAQUECIMENTO – Na conferência realizada em La Paz, no mês de abril de 1979, A Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL, órgão da ONU, viu a América Latina enfraquecida. O enfraquecimento do ritmo de crescimento da maioria dos países, registrado na segunda metade dos anos

70, teve, sem dúvida – aponta a análise – sérias repercussões de caráter social. Limitou drasticamente o mercado de empregos e aguçou os efeitos negativos da extrema concentração que se registra na distribuição da renda, avivando dessa forma, a luta distributiva com suas ulteriores conseqüências sobre as pressões inflacionárias.

Diante dessa situação, de acordo com a análise da **CEPAL**, um dos objetivos básicos dos países da região é o de recuperar e acelerar o ritmo de crescimento para os próximos anos, especialmente para a década de 80, pois, criar-se-ia, assim, uma maior base material para o estabelecimento de objetivos claros e definidos em relação ao desenvolvimento social e humano, que deve acompanhar o processo de crescimento econômico.

A análise econômica considera que todos os países latino-americanos têm características e problemas próprios de nações em desenvolvimento, comuns a todo o Terceiro Mundo. Entre eles, contam-se: a importância ainda enorme das exportações de produtos primários no total das vendas externas; o escasso desenvolvimento industrial, especialmente de bens de capital; o persistente desequilíbrio da balança comercial; a acentuada desigualdade na distribuição de renda e a elevada proporção da população que ainda vive em condições de extrema pobreza.

Uma das características da Avaliação de La Paz foi a de ser um guia para a estratégia que deverá seguir a região, em seu desenvolvimento, na próxima década, e a insistência em dotar esse desenvolvimento de um conteúdo social, que torne menos desigual a distribuição de rendas e estabeleça uma economia mais justa. O documento emitido diz que todos os esforços da região para o seu desenvolvimento serão afetados se, a nível internacional, não se modificarem as regras econômicas do jogo. Assim, por exemplo, *"os esforços de industrialização e oportunidade de acesso aos mercados dos países desenvolvidos, o que vem encontrando sérios obstáculos nas tendências protecionistas registradas nos últimos anos nos países industrializados"*.

Foi ressaltado ainda que *"o desenvolvimento deve ser concebido como um processo integral, caracterizado pela consecução de metas econômicas e sociais, que assegurem a participação efetiva da população no processo de desenvolvimento e em seu benefício, para o que se torna necessária a efetivação de mudanças estruturais profundas nesse âmbito, como pré-requisito para o processo de desenvolvimento integral a que se aspira"*.

PARAÍSO DO IMPERIALISMO – James F. Petras, professor de sociologia da Universidade de Binghamton, New York, formulou, em 1978, um pequeno relatório sobre o Imperialismo norte-americano, na América Latina, no qual são destacados o arrocho salarial, perspectivas de lucros fabulosos e regimes repressivos, perguntando o que mais o investidor dos Estados Unidos poderia querer? (20)

Eis um trecho do mencionado estudo: *"Os investimentos americanos no exterior passaram de 16 para 133 bilhões de dólares entre 1945 e 1975. As filiais das empresas americanas do exterior produzem hoje quatro vezes o valor em dólares das exportações dos EUA. Empresas e bancos americanos realizam uma proporção tão grande de seus lucros no exterior que não sobreviveriam, caso perdessem seu império.*

"Essa situação está perfeitamente ilustrada pelo caso da América Latina, onde, desde os princípios dos anos 40, os investimentos americanos decuplicaram. Em 1976, a ela cabiam 17 por cento do total dos investimentos americanos no exterior, e 81 por cento do investimentos americanos no Terceiro Mundo, a ponto de assegurar 18 por cento das rendas dos EUA no exterior. A proporção dos investimentos americanos na América Latina manteve-se relativamente estável desde o começo dos anos 70, ao passo que mostrara uma tendência de declínio, logo depois da Segunda Guerra Mundial. Mas o capital investido não se dirige prioritariamente para a mineração, agricultura e os serviços públicos (eletricidade, telefone, transportes etc.), áreas nas quais eles já estavam solidamente estabelecidos; ao invés disso, dirige-se às indústrias de transformação, ao petróleo, às finanças e ao comércio. Tendo mais do que dobrado, em dois anos, eles atingiram todas as fases da vida social (ver o quadro 1).

Quadro I – PROGRESSÃO DOS INVESTIMENTOS AMERICANOS
(em milhões de dólares)

1929	3 519
1950	4 576
1957	8 052
1966	9 752
1976	23 536

"A agricultura e os serviços públicos, que em 1929 recebiam 48 por cento dos investimentos americanos, não representam mais que 8 por cento do total em 1976. Por outro lado, a parcela dos investimentos americanos dirigidos à indústria de transformação passou de 6 para 39 por cento entre essas duas datas. Esta evolução explica em parte pelo fato de, durante a crise de 1929-1939 e durante a Segunda Guerra Mundial, os governos latino-americanos terem colocado barreiras alfandegárias para frear a entrada de produtos acabados e favorecer a indústria local. Para conquistar esses mercados, as sociedades americanas instalaram filiais que lhes permitiram 'saltar por sobre o muro protetor'.

"Além disso, no plano agrícola, a produção já não representa a atividade mais lucrativa, que se localiza agora na agroindústria, maquinaria agrícola, adubo, sementes selecionadas, conservas, acondicionamento dos produtos e venda.

"O declínio dos investimentos petrolíferos deve-se, em grande parte, à nacionalização do petróleo pela Venezuela, em 1976, mas novos capitais afluem em direção aos campos petrolíferos do Brasil, Peru, Argentina e Chile, com regimes autoritários, ligados ao capital internacional.

"A amplitude e orientação dos investimentos foi acompanhada por um controle reforçado da classe operária pelos regimes autoritários, visando assegurar a necessária 'estabilidade política'. Nas indústrias de transformação, triplicaram os investimentos entre 1966 e 1976, período que corresponde à ascensão das ditaduras ao esmagamento dos movimentos sindicais ou nacionalistas, seguindo-se ao golpe de Estado militar no Brasil em 1964 (ver quadro II).

Quadro II – A INDÚSTRIA MAIS DO QUE A AGRICULTURA OU A MINERAÇÃO
(em milhões de dólares e porcentagens)

	Total	Agricultura		Minas		Serviços Públicos		Petróleo		Indústria	
1929	3 510	817	23,2%	732	21/	887	25%	617	18%	231	6%
1943	2 798	385	13,8%	405	14%	875	31%	618	22%	325	12%
1950	4 576	523	11,4%	666	15%	942	21%	1 303	28%	781	17%
1957	8 053	571	7,0%	1 232	15%	1 049	13%	2 998	37%	1 280	16%
1966	9 752	232	2,4%	1 340	14%	542	6%	2 454	25%	2 973	30%
1976	23 536	*	*	1 600	7%	285	1%	1 653	7%	9 242	39%

* Não disponível
Fontes: U.S. Business Investments in Foreign Countries, Departament of Commerce, Washington, 1962, p. 93 e Selected Data on U.S. Direct Investment Abroad, 1966-1976. Departament of Commerce.

(20) Publicado no jornal semanário *Movimento* edição de 13 a 19 de agosto de 1979.

"Os investimentos estão concentrados em três países que possuem um vasto mercado interno e que oferecem os maiores estímulos aos capitais (ver quadro III).

Quadro III – OS TRÊS "GRANDES" PARA OS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS

(em milhões de dólares e porcentagens)

	1966			1976		
Total América Latina	2 973	100%		9 242	100%	
Brasil	574	19%		3 667	40%	
México	924	31%	67%	2 223	24%	74%
Argentina	510	17%		895	10%	

Fonte: Select Data on U.S. Direct Investiment Abroad, 1966-1976.

"Com raras exceções, as diversas regiões da América Latina viram afluir investimentos para suas indústrias de transformação. Não somente os grandes países, mas também os menores: na América Central, um terço dos investimentos se destina à indústria. Da mesma forma, a classe operária se desenvolveu e sua exploração conduziu simultaneamente ao nascimento de organizações operárias e à repressão.

"Com seu regime autoritário, o Brasil foi o alvo privilegiado dos investidores – mais que a Argentina, onde o movimento operário era mais possante. Entre 1966 e 1976, cerca de 3.100 milhões de dólares foram investidos por firmas americanas no Brasil, contra apenas 385 milhões na Argentina. Depois do golpe militar de 1976, a Argentina vem multiplicando seus esforços para atrair os capitais estrangeiros.

"Num sentido contrário ao desse fluxo, uma grande parte dos lucros saiu dos países latino-americanos rumo aos Estados Unidos, colocando para a América Latina delicados problemas de balanço de pagamentos, reduzindo as disponibilidades de capitais e os recursos necessários para satisfazer as necessidades essenciais da grande maioria da população (ver quadro IV).

Quadro IV – IMPORTANTES SAÍDAS DE CAPITAIS

(em milhões de dólares)

	Entradas de capitais americanos na América Latina	Lucros reinvestidos no local	Juros e dividendos repartidos	Rendas pagas aos Estados Unidos
1966	303	309	708	175
1967	311	202	918	211
1968	708	361	825	247
1969	385	331	906	267
1970	579	453	514	274
1971	696	373	688	269
1972	272	645	270	259
1973	645	991	529	269
1974	2 208	1 109	927	341
1975	1 215	1 621	–21	376
1976	145	1 302	–796	299
Total 1966-1976	7 476	7 697	7 060	2 987
				10 047

Fonte: Selected Data on U.S. Diretc Investment Abroad, 1966-1976, U.S. Department of Commerce, Washigton.

"Em dez anos, de 1966 a 1976, as saídas de dinheiro para os Estados Unidos superaram em US$ 2.500 milhões de dólares as chegadas de capitais americanos. O problema é ainda mais sério, se levarmos em conta que uma parte considerável dos investimentos americanos não provêm do exterior, mas da própria América Latina: os lucros reinvestidos constituem mais da metade do total dos investimentos. Por outro lado, os investimentos que não provêm dos lucros reinvestidos é fornecido, em grande parte, pelo que denominamos os empréstimos fornecidos às firmas estrangeiras pelos bancos latino-americanos, que querem atrair os investimentos (ver quadro V).

Quadro V – CAPITAIS AMERICANOS E "OUTRAS FONTES"

(em milhões de dólares)

	Proveniência	
	Estados Unidos	Outras Fontes
1966	4	105
1967	-54	27
1968	-99	549
1969	185	496
1970	19	816
1971	81	552
1972	-466	596
Total	755	3.141

Fontes: Aspects International Investiment U.S. Departament of Commerce, Bureau of Economic Analysis, Washington.

"Assim, o capital para o financiamento das filiais controladas por firmas americanas provém em mais de 80 por cento de 'fontes exteriores' aos Estados Unidos essencialmente da poupança dos países explorados. A massa dos investimentos americanos não constitui, portanto, uma transferência de capitais do país desenvolvido para os países sub-desenvolvidos: ela é, ao contrário, amplamente apoiada na exploração das capacidades latino-americanas de financiamento.

"A venda e adaptação de tecnologia ocupam, nesse mecanismo, um lugar cada vez mais importante, altamente rentável, não somente para as firmas norte-americanas, mas também para os capitais latino-americanos, as burguesias dos países dependentes, que investem em atividades que lhes asseguram dividendos elevados, enquanto ao mesmo tempo os países latino-americanos consagram poucos recursos à pesquisa fundamental e ao desenvolvimento.

"Em 1976, as filiais das firmas americanas, na América Latina, efetuaram vendas que chegaram a 60.600 milhões de dólares. Sobre esse total, as vendas realizadas no interior da América Latina representavam 42.100 milhões de dólares (isto é, 70 por cento do total), enquanto as exportações para os Estados Unidos não atingiram mais do que 6.400 milhões e as exportações para outros países, 12.100 milhões de dólares. Se considerarmos unicamente a indústria de transformação, as filiais americanas efetuaram, na própria América Latina, 94 por cento de suas vendas totais. Mas essas cifras precisam ser divididas em categorias, para dar um quadro mais exato do sistema em questão. Em 1976, de acordo com os setores, as vendas das filiais americanas se repartiam assim:

"– Produtos manufaturados: 93 por cento vendidos na América Latina, 7 por cento exportados;

"– Produtos de mineração: 43 por cento vendidos na América Latina, 57 por cento exportados;

"– Petróleo: 45 por cento vendidos na América Latina, 55 por cento exportados.

"Essas cifras significam claramente que, para as firmas multinacionais, a América Latina, em vias de industrialização, permanece acima de tudo como um continente exportador de matérias-primas.

"O Banco Mundial jogou um papel não negligenciável na orientação dos investimentos americanos. Os empréstimos que ele estabeleceu permitiram desenvolver sistemas de transporte e facilitar assim a extração de matérias-primas. O quadro VI mostra como o Banco Mundial favoreceu os regimes mais ditatoriais.

Quadro VI – O BANCO MUNDIAL E AS DITADURAS
(em milhões de dólares)

País	Regime político	Período	Emprés timos	Média anual
Brasil	Democrático	1953-1961	149,5	16,6
	Populista	1962-1963	0	0
	Militar	1964-1977	2.961,5	211,6
Bolívia	Populista	1952-1970	0	0
	Militar	1970-1977	195	24,4
Chile	Democracia Cristã	1965-1970	98	16,3
	Unidade Popular	1971-1973	0	0
	Militar	1974-1977	126,9	31,7

"Essa política foi apoiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e pelo Fundo Monetário Internacional, que fixaram os critérios, em função dos quais, os créditos eram fornecidos ou recusados: liberação dos preços, congelamento dos salários, condições de reembolso das dívidas, abaixamento das barreiras alfandegárias, volta das empresas públicas para o setor privado, etc. Como o empobrecimento de amplos setores da população punha em risco o 'status quo', os elementos liberais do Banco Mundial propuseram programas destinados a satisfazer as 'necessidades humanas fundamentais', esperando assim amortecer os choques sociais mais brutais. Esses programas foram concebidos para assegurar a simples subsistência à indispensável mão-de-obra. Cooperativas foram organizadas com esse objetivo; elas procuram romper a solidariedade horizontal entre os trabalhadores e integrá-los numa ligação vertical que mantenha sua dependência, em relação às autoridades estabelecidas."

MITOS DA FOME E FOME DE LUCROS – Transcrevemos aqui o jornalista Newton Carlos, um dos grandes estudiosos e entendidos dos problemas da América Latina – *"Um levantamento feito em 1978 pelo 'Institute for Food and Development Policy' da Califórnia conclui que 'não há país no mundo que não possa alimentar-se plenamente com seus próprios recursos. Por que a fome? Na América Central e Caraíbas, onde 70 por cento das crianças são mal alimentadas, mais da metade das melhores terras produzem para exportação e não para alimentar as populações nativas.*

"No problema envolvido pela idéia de criação de empresas latino-americanas de alimentos, em discussão em Caracas, as implicações tanto podem ser chamadas de 'trágicas' como de 'brutais'. É o assunto da reunião do Sistema Econômico Latino-Americano ou SELA. O homem da CEPAL, o economista argentino Raul Prebisch, há muito vem insistindo em que a única maneira de a América Latina contrapor-se ao açambarcamento das multinacionais é montando ela própria suas multinacionais. O projeto de frota mercante das Caraíbas, onde barcos norte-americanos sempre monopolizaram um comércio de cabotagem que movimenta 15 bilhões de dólares por ano, já mostrou o tipo de reação dos Estados Unidos a essa estragégia, agora alçando o setor vital e bilionário dos alimentos.

"O Wall Street Journal *disse claramente, citando o encarregado de assuntos marítimos do Departamento de Estado, que a nova frota seria atacada com armas de grosso calibre, desde que se transformasse 'em instrumento protecionista prejudicial a interesses norte-americanos'. O que não farão com empresas latino-americanas de alimentos que procuram romper o monopólio de algumas corporações 'gigantes'. Para a América Latina rompê-lo, pode ser questão de vida ou morte de milhões, já que esse monopólio só quer saber de lucros, não importando as distorções provocadas.*

"Na América Latina não é diferente. Numa Carta Pastoral, o arcebispo de El Salvador Luiz Chavez Y Gonzalez denuncia que as 'melhores terras são para culturas de exportação, de café, algodão e açúcar, enquanto as piores devem dar aos salvadorenhos o seu pão de cada dia'. O resultado é que 92,1 por cento das crianças em idade pré-escolar passam fome. Na República Dominicana, diz o livro Hungry for Profits *("Fome de Lucros"), do norte-americano Robert Ledogar, 'a Gulf and Western avança cada vez mais em acres de terras onde planta açúcar, em prejuízo da agricultura de consumo interno'. As divisas conseguidas, escreve Ledogar, se esvaem na cúpula, 'rateadas entre a corporação estrangeira e elites nativas', a Gulf and Western andou metida em denúncias de corrupção, envolvendo o governo dominicano.*

"A Associação de Técnicos de Alimentos do México mostra outro lado, também pouco conhecido, da 'fome' no Terceiro Mundo. Entre 30 e 40 por cento da indústria alimentícia mexicana estão em mãos de empresas multinacionais 'que produzem para o setor minoritário e mais e mais abastado da população, fixando-se no negócio rendoso das comidas de luxo'. Enquanto isso, 'têm sintomas de desnutrição dois terços da população rural escolar do México'.

"Os exemplos são muitos, todos tanto 'trágicos' como 'brutais'. O Brasil exporta mais de 95 por cento de sua laranja. Em contra partida, fabricantes norte-americanos de refrigerantes entopem os brasileiros com seus produtos de valor nutritivo zero. Empresas latino-americanas de alimentos corrigirão essas distorções? Será possível criá-las? Porto Rico era um mar de pequenas fazendas, produzindo alimentos de toda espécie, quando terminou a guerra entre Estados Unidos e Espanha. No começo do século, empresas norte-americanas levaram para a Ilha a monocultura do açúcar, que em 1930 já tinham avançado em 44 das melhores terras cultivadas. O açúcar passou a ser chamado pelos porto-riquenhos de 'cultura da fome', porque reduziu drasticamente o número de trabalhadores no campo e a variedade das plantações. A agricultura de Porto Rico, onde o índice oficial de desemprego é de 20 por cento da força de trabalho, dá hoje um quinto dos empregos que dava em 1940. Os alimentos consumidos na ilha são importados em pelo menos 80 por cento.

"São dados que liqüidam os muitos mitos que cercam o problema de alimentar condignamente a totalidade dos seres humanos, como o da 'baixa produtivi-

dade agrícola' dos países pobres. A maioria desses países latifundiários, representando em média 20 por cento da população, detém entre 50 e 60 por cento das terras com possibilidade de cultivo. Aqui a FAO entra em rijo, com a seguinte sentença: 'Só a criação de sociedade mais justa conseguirá ativar operários e campones." (21)

O escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, declarou que *"A miséria é a maior desgraça da América Latina, porque é produzida, importada. A grandeza da América Latina é a sua força popular. No momento, a força do imperialismo é maior, mas não será por muito tempo. A força popular vencerá. A história já provou isso, inúmeras vezes".*

A América Latina luta desesperadamente pelo desenvolvimento. Luta para ultrapassar e vencer uma série de mazelas, luta pela sua liberdade.

Um dia, a profecia de Simón Bolívar, de que a América Latina nunca seria afortunada, se tornará superada. (22)

É ainda Eduardo Galeano quem afirma, com palavras vibrantes, que escreveu na conclusão de seu livro, *As veias abertas da América Latina: "O atual processo de integração não nos faz reencontrar nossa origem nem nos aproxima de nossas metas. Bolívar tinha afirmado, certeira profecia, que os Estados Unidos pareciam destinados pela Providência para alastrar a América de misérias em nome da liberdade. Não há de ser a General Motors ou a IBM que terá a gentileza de levantar, no nosso lugar, as velhas bandeiras de unidade e emancipação caídas na luta, nem hão de ser os traidores contemporâneos os que realizarão, hoje, a redenção dos heróis ontem traídos. É muita podridão para lançar ao fundo do mar no caminho da reconstrução da América Latina. Os despojados, os humilhados, os miseráveis têm, eles, sim, em suas mãos, a tarefa. A causa nacional latino-americana é antes de tudo, uma causa social: para que a América Latina possa renascer, terá de começar por derrubar seus donos, país por país. Abrem-se tempos de rebelião e mudança. Há aqueles que crêem que o destino descança nos joelhos dos deuses, mas a verdade é que trabalha, como um desafio candente, sobre as consciências dos homens."*

(21) Artigos publicados na *Folha de S. Paulo*, edições de 26 de março de 1977 e 29 de agosto de 1978.

(22) Simón Bolivar (1783-1830) nasceu em Caracas. Militar e estadista. Chefe das revoluções que tornaram independentes a Venezuela, Colômbia (da qual foi o 1º presidente), Equador, Panamá, Peru e Bolívia. Herói de mais de 200 batalhas, foi cognominado O libertador da América.

Capítulo 2

GUERRILHAS E GUERRILHEIROS

OS MOTIVOS DA REBELIÃO

Enquanto perdurar a injustiça social e o crescente desiquilíbrio entre os níveis de vida, relacionados com ricos e pobres, em qualquer lugar da América Latina, haverá a possibilidade e a probabilidade de lutas, já que o desespero, a penúria, o abandono de amplos setores da população do continente são um celeiro natural de revolta.

Por isto, o ideal revolucionário é difícil de se extinguir em nosso hemisfério. A conquista do poder, de acordo com os guerrilheiros, para a libertação nacional, reformas radicais de arcaicas estruturas, só pode ser feita pela revolução popular armada.

Os guerrilheiros constituem-se nos desfraldadores das bandeiras de protestos e lutas sociais e políticas. Estão contra as injustiças, as desigualdades e o esbanjamento e a corrupção por parte de uns poucos. Querem a reconstrução da sociedade, e levam até uma certa dose de utopia. Têm a visão de um homem novo e de um mundo melhor. Em virtude de outros canais de mudança social terem sido obstruídos, impedindo que se alcançe tais metas, invocam o direito à justa rebelião ou o uso da violência revolucionária, ou contra-violência, para resistir à violência reacionária dos regimes estabelecidos e impostos. Isto com o objetivo de depor os donos do poder, as elites governamentais de plantão, consideradas como responsáveis pela situação errada e criminosa.

O guerrilheiro máximo é CHE GUEVARA, o mais experimentado revolucionário da América Latina. É ainda o principal trunfo psicológico para todos os movimentos guerrilheiros.

Outro guerrilheiro notável – o padre colombiano CAMILO TORRES– empreendeu a luta armada contra os prepotentes, a injustiça, e a favor dos miseráveis da sua pátria.

Na atualidade, TOMAS BORGE, guerrilheiro sandinista, da ala mais avançada, traduz-se no emblema dos novos revolucionários do continente. Lutou, sofreu e subiu ao poder não para fazer vingança mas sim, para com seus companheiros de armas, reconstruir seu país, para levá-lo a uma perspectiva mais humana, a de criar uma nova Nicarágua.

Pode-se dizer que os guerrilheiros da América Latina, ideologicamente, pertencem a um tipo de Nova Esquerda, que é um movimento contra o imperialismo, contra todas as formas de fascismo. Adotam um nacionalismo próprio. O líder carismático desta Nova Esquerda é, indubitavelmente, ainda, CHE GUEVARA.

A condição *si ne qua non* para se pertencer às guerrilhas é o ardor da mocidade. Só os jovens entram e participam das guerrilhas. São os idealistas e sonhadores puros. Rara e dificilmente pertencem a um partido político e nunca se envolveram em eleições. Ademais, partidos e eleições, para eles, cheiram muito a coisas burguesas, a coisas arcaicas; os programas partidários são tímidos, não visam as mudanças de base, os males devem ser extirpados pela raiz e não por meros consertos ou arranjos.

Pepe Figueres, na Costa Rica, e Siles Suazo, na Bolívia, que fizeram levantes populares vitoriosos em seus países, em 1949 e 1952 respectivamente, não podem ser considerados guerrilheiros, pois já eram políticos militantes.

A TEORIA DO FOCO REVOLUCIONÁRIO

Uma das condições importantes para o desencadeamento de todo o movimento guerrilheiro é a existência de focos revolucionários prévios, o amadurecimento de condições propícias.

Não poderia porém haver o lançamento de apenas um grupo de homens armados em um determinado lugar, esperando-se a conseqüência natural do surgimento de outros focos em pontos diferentes. As possibilidades de espontaneísmo são mínimas e se cairia em erros. A guerrilha só tem condições e possibilidades de vitória com plano estratégico e tático global.

Escrevendo sobre este assunto, o sociólogo colombiano Fals Borda acentuou, entre outras coisas: *"A prática atualmente preferida é recomendada por DEBRAY e GUEVARA, de organizar grupos móveis e focos guerrilheiros de expansão com unidades pequenas, flexíveis e ágeis que contem com a cooperação dos camponeses. Com esta finalidade, os líderes e membros da guerrilha esforçam-se por conseguir o respeito dos camponeses, tratam de comunicar-se com eles em sua própria linguagem e com eles manter um relacionamento sob diversas formas. Respeitam a propriedade e a vida do camponês, divulgam conhecimentos, distribuem sementes e tomam parte em determinados projetos de ação comunitária. Em troca disto, as guerrilhas contam com a proteção, simpatia e acobertamento das pessoas comuns, sempre que estas não temam a vingança das partes litigantes. Esta tática de foco expansivo permite às guerrilhas uma maior liberdade de ação e mais iniciativa, o que pode fazer com que se tornem praticamente indestrutíveis. Mas isto exige uma resistência física extrema e grande consciência por parte de seus membros". (1)*

AS GUERRILHAS NA ATUALIDADE

As guerrilhas estão atualmente em todos os continentes. Estão espalhadas e agindo no mundo. Os movimentos da América Latina estão descritos no presente livro.

(1) *As revoluções inacabadas da América Latina*, Editora Global, São Paulo, 1979, pág. 63.

Os guerrilheiros palestinos lutam desesperadamente há muitos anos para conseguirem criar uma nação para o seu povo.

Na África Negra a guerrilha mais comentada foi a promovida durante sete anos seguidos na Rodésia, por Roberto Mugabe e seus companheiros da Zanu-União Nacional Africana de Zimbawe, congregados depois na Frente Patriótica. As guerrilhas só terminaram quando os racistas brancos da então chamada Rodésia pediram água, e a intervenção do governo da Inglaterra, da qual tinham-se tornado independentes unilateralmente. Com a realização das eleições livres, Roberto Mugabe obteve dois terços da votação, e foi criada a nova República Socialista de Zimbawe.

Na África do Sul e na Namíbia atuam também guerrilheiros, esperando-se para muito breve a vitória da Organização dos Povos do Sudeste Africano (Swapo), que operam desde 1966 na Namíbia, dominada contra disposição da própria ONU, pelos racistas e colonistas da África do Sul. A Assembléia Geral das Nações Unidas, em fins de 1979, aprovou, por unanimidade, a oposição negra em sua luta armada. Os guerrilheiros da Namíbia recebem treinamento militar e ideológico na União Soviética, Angola, Tanzânia, Alemanha Oriental, Moçambique, Líbia e Palestina.

No deserto do Saara, nos limites da Argélia, Marrocos e Mauritânia, existe a Frente Polisário, uma guerrilha que já controla 90 por cento do rico território do Saara Ocidental, cujas imensas potencialidades de fosfato estão gerando a cobiça de todos os seus vizinhos, após o término da colonização espanhola em 1976. A habilidade estratégica e a coragem estão ao lado dos guerrilheiros saarianos que têm infringido grandes derrotas ao exército regular de Marrocos. Cuba presta todo auxílio possível aos guerrilheiros Saharauis, quer em treinamentos militares, quer por meio de médicos e técnicos na base instalada em Tinduf.

As guerrilhas sediadas no Iemem do Norte, sob a denominação de Frente Nacional Democrática, e com apoio do Iemem do Sul lutam em grande escala para a tomada do poder.

Na Ásia, atuam guerrilhas nas Filipinas, no Timor, na Malásia, na Birmânia e na Tailândia. Nas Filipinas, em março de 1980, o presidente quase vitalício Fernand Marcos deu desculpas para não receber o ditador Pinochet do Chile, pois deveria obter a rendição de alguns altos chefes da Frente Moura de Libertação Nacional, que reúne várias organizações de guerrilheiros muçulmanos que combatem há quase 8 anos, em uma guerra que já custou 60 mil vidas. Entretanto, os guerrilheiros comunistas de tendência maoísta denominados Novo Exército do Povo continuam com uma dura luta pelo interior do país.

Na Indonésia, as Forças Armadas lutam em uma longa e sangrenta guerra contra os guerrilheiros da Frentilin-Frente Timorense de Libertação Nacional. O Timor Oriental foi província ultramarina de Portugal até o desligamento, ocasião da queda do regime salazarista. Após isto, as tropas invasoras da Indonésia, alegando proteger sua comunidade lá existente, já massacraram mais de 100 mil timorenses. Quando da invasão, em dezembro de 1975, os generais indonésios anunciaram que entre três a sete dias liquidariam toda a resistência, mas a luta já está no seu quinto ano, e quem subsidia o expansionismo indonésio são os interesses estratégicos do imperialismo norte-americano. A guerrilha da Frentilin adota a estratégia da guerra popular prolongada. O país é montanhoso, coberto de matas. Todas as condições são objetivas, pois existe ainda organização de vanguarda capaz de dirigir a luta. As perspectivas são boas para o árduo caminho da liberdade do Timor Oriental.

Faz mais de vinte anos que combatem, no sul da Tailândia, forças guerrilheiras que chegam a controlar parte do território das províncias de Krabi, Pattani,

Yala e Narathiwat. O governo considera estas regiões como contaminadas pelo comunismo, e mantém convênio mútuo com a Malásia que prevê, inclusive, direito de cruzar as fronteiras em operações de perseguição aos guerrilheiros. As guerrilhas promovidas pelo Partido Comunista Tailandês contam com cerca de três mil membros, que em plena selva mantêm grandes e bem montados acampamentos.

O governo da Malásia combate sem sucesso, desde 1945, contra guerrilheiros socialistas marxistas que impedem o exército de exercer o poder governamental em mais de um quarto do país.

Na América Latina, para a citação de exemplos práticos e concretos, El Salvador, Guatemala, Honduras, Bolívia e Colômbia são países que reúnem todas as características para a existência das guerrilhas. Muito embora seja um tipo de democracia muito fraca, na Colômbia existe tradição velha de lutas, com desequilíbrio social muito acentuado, e com o domínio de apenas dois partidos por demais reacionários, bastando dizer que nas últimas eleições municipais, de março de 1980, apenas vinte e cinco por cento do eleitorado compareceu às urnas. E nos demais países citados da América Central, não restam dúvidas que os problemas da distribuição de riquezas, desigualdades econômicas, ditaduras repressivas militares, regimes odiados, com leis favoráveis às oligarquias, as guerrilhas são a defesa contra a violência dos poderosos. Para se fazer uma cirurgia de mudanças, qualquer que sejam, radicais ou moderadas, não se inventou uma anestesia diferente ou outros métodos. Muito sangue e muita dor passarão nas lutas guerrilheiras.

E para enunciar-se apenas cinco exemplos em contrário, onde não há campo para guerrilhas, anote-se México, Venezuela, Peru, Equador e Brasil, apesar de ocorrerem, neste país, inumeras discrepâncias e contradições. Os dois primeiros são tipos de democracia , onde há Constituição, leis regulares, existência de todos os partidos políticos possíveis e imagináveis, e têm além do mais a riqueza do petróleo. O Peru derrubou a oligarquia em 1968, através de regime militar do grupo esquerdista do general Velasco Alvarado. Alguns anos após, o general Morales Bermudez, de centro direita, abriu perspectiva de regime constitucional, com eleições, na qual participaram mais de 15 partidos políticos e, dentre estes, quase a metade de todos os matizes de esquerda, embora se degladiassem entre si. O Brasil, depois de 16 anos de regime obscurantista, fez a denominada abertura política. É, além do mais, de grande extensão territorial com diversidade de situações e regiões, mas integradas entre si, geográfica, histórica e politicamente. Alguns dos estados do sul do país, mormente o Estado de São Paulo, possuem padrões equiparáveis a nações da velha Europa, mas com incríveis bolsões de pobreza, e estados do Nordeste podem ser colocados na faixa do quarto mundo, porém, com latifúndios e ostentação de riquezas por alguns poucos, que são conflitantes.

Não há, porém, uma definição concreta e final sobre o problema da luta armada popular no Brasil. Trata-se de uma questão complexa que num futuro ainda um pouco longe poderá se definir. E muitos e muitos fatores ocorrerão ainda. Um destes fatores – embora que de pequenos dimensionamentos – é o grau da abertura política e uma mudança na sociedade. No cômputo e no conjunto final deverá entrar invariavelmente o determinismo e a faltalidade histórica. E sobre este assunto uma opinião deve ser citada, como subsídio: a dos dirigentes do P C do B, partido que pleiteia sua legalização política e é uma ala dissidente do Partido Comunista Brasileiro. José Renato Rebello e José Duarte declaram entre outras coisas, conforme publicação no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 26 de junho de 1980: *"O Partido Comunista do Brasil continuará a preparar o povo para a luta armada a ser deflagrada no momento oportuno, com o objetivo de implantar um governo de Unidade Popular, com tarefas definidas e tempo determinado. A abertura política se*

inspira numa mudança do comportamento do imperialismo, principalmente do imperialismo norte-americano no campo da violência. A abertura não trará plena democratização, porque a oligarquia que se instalou no poder em 1964 não permite que se mude o modelo econômico e social. Somos favoráveis à extinção do atual regime, que é reacionário e golpista."

Estudo amplo, realizado pelo semanário francês *Nouvel Observateur*, em dezembro de 1980, constatou a existência de vinte guerras civis ou guerrilhas em todo mundo no período 1970-1980.

PRÁTICA E TEORIA DAS GUERRILHAS.

A prática e a teoria das guerrilhas remontam a antigas páginas da História Universal.

Guerrilha é o diminutivo de guerra, em espanhol.

Durante a guerra na Península Ibérica, de 1808 a 1814, pequenos grupos irregulares espanhóis mantinham constantes operações de incursão e sabotagem contra os poderosos exércitos de Napoleão Bonaparte, para depois desaparecerem nos seus refúgios inacessíveis nas montanhas, e eram sustentados e apoiados pelos recursos da cidade e pelos seus habitantes.

Esse tipo de guerra ficou sendo conhecido como guerrilhas e os seus combatentes eram os guerrilheiros. E a partir daí o termo foi internacionalizado.

No entanto, os fatos das guerrilhas são antiqüíssimos, tendo sido já descritos e explicados pelo historiador árabe Ibn-Khaldún, no século XV.

O sistema de guerrilha foi muito empregado pelos brasileiros na guerra contra os holandeses (1630-1654) e nas campanhas militares no sul do país, nos séculos XVIII e XIX. Guerrilheiros já eram chamados os integrantes das tropas irregulares de cavalaria no agitado Rio Grande do Sul, durante as lutas civis, ali ocorridas.

No que tange à terminologia vernácula, guerrilha, num conceito geral e amplo, pode ser sinônimo e a própria guerra revolucionária em si, e mais restritamente, apenas uma das etapas, fases ou circunstâncias mais importantes da guerra revolucionária. E emprega-se ainda difusamente o termo luta armada popular.

Os grupos de guerrilheiros, quando bem coordenados, com um programa justo de reivindicações populares, e inspirados em líderes carismáticos que consigam fidelidade e disciplina podem, desde que tenham o apoio de grande parcela das massas, e que tudo lhes seja propício, inclusive o campo de operações, imobilizar tropas regulares e bem armadas, e até mesmo ser invencíveis.

Essa técnica de guerra é de grande valor para os revolucionários. Foi usada com grande sucesso por Mao Tsé-Tung, na sua prolongada e difícil luta contra o Kuomitang na China, e que durou de 1934 a 1949. (2)

Por uma contradição, foi uma guerrilha muito ampla e de grande escala, bem em consonância com a imensidão do próprio mundo chinês.

A vitória de Mao Tsé-Tung, em termos de guerra revolucionária, foi um acontecimento mais importante do que a Revolução Soviética de outubro de 1917. (3)

(2) Mao Tsé-Tung (1893-1976) pode ser considerado o maior líder e condutor de seu povo.

(3) Os principais eventos da saga de Mao Tsé-Tung foram: 1 – Fundação na concessão francesa de Xangai do Partido Comunista Chinês (junho de 1921). Antes em 1912 tinha sido criada a Primeira República Chinesa, sob a presidência de Sun Yat Sen falecido em 1925; 2 – Crescente influência dos comunistas, surgindo porém divergências entre estes e os nacionalistas. Milhares de comunistas são massacrados por Chiang Kai-Shek, entre os quais o fundador do partido Chen Tu-Hsiu. Há o deslocamento de forças para o campo. Derrotas de Mao no levante da colheita de outono em Hunam e outra em Cantão

Mao pode ser considerado um dos principais codificadores dessa nova forma de luta. Ele a fez na prática e expôs também as suas teorias. Entendeu a guerra revolucionária como global, no sentido de atingir amplamente os seus objetivos com atuação psicológica, sendo a principal arma a propaganda planejada cientificamente e servida por todos os meios de comunicação de massa. Nas suas Obras Selecionadas explica sobre Guerra e Política, que *"Não houve desde a antigüidade, jamais, qualquer guerra que não tivesse um fim político. Porém, a guerra tem as suas características peculiares, e neste sentido, não é igual à Política Geral. Quando a política atinge um determinado ponto, onde não pode prosseguir por meios, acontece a guerra para varrer o obstáculo do caminho. Eliminando o obstáculo e alcançando nosso objetivo político, terminará a guerra. Pode-se dizer, então, que a política é a guerra sem derramamento de sangue, ao passo que a guerra é a política com derramamento de sangue'."* No seu livro de *Pensamentos* considera sobre guerra e poder, que: *"Na sociedade de classes, as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis; sem elas é impossível realizar saltos no desenvolvimento social e derrotar as classes dominantes, reacionárias, para que o povo conquiste o poder. Todos têm que compreender esta verdade: o poder nasce do fuzil'."*

Tito, na Iugoslávia, se tornou famoso durante a Segunda Guerra Mundial com a prática de guerrilhas contra as forças invasoras do nazismo e fascismo (4).

Os próprios guerrilheiros soviéticos durante a invasão de Hitler operaram com rigor e vitórias por trás das linhas alemãs.

Os Estados Unidos, na luta em plena Ásia, com forças poderosas e recursos fabulosos, nada conseguiram contra os guerrilheiros veitcongs na Indochina, e repetiram o fracasso anterior dos franceses.

Na América Latina, nos últimos anos 50 FIDEL CASTRO e seus companheiros, através da mais famosa guerrilha do Continente derrotaram, de maneira aplaudida, os exércitos do ditador Fulgêncio Batista.

A guerrilha atua inicial e preferencialmente na zona rural, longe dos grandes centros metropolitanos. Modernamente, porém, surgiu uma novidade que é a guerrilha urbana. Mas guerrilhas e terrorismo não se coadunam, são coisas diferentes, pois os guerrilheiros puros têm certas normas. O terror sozinho não leva a nada. Eis um exemplo de guerrilha urbana típica para esclarecer. O guerrilheiro sandinista *EDEN PASTORA, que se transformou no célebre comandante ZERO na Nicarágua, ao* praticar o assalto contra um palácio governamental, fazendo reféns, e obrigando o podre sistema dominante a soltar presos políticos e fazer concessão à rebelião. A sede do Legislativo em Manágua representava um poder fracassado, dócil nas mãos da ditadura de Somoza.

(1927); 3 – Com a retirada para a região montanhosa ao leste de Kiangsi, ocorre o estabelecimento do Exército Vermelho, sendo Mao o seu primeiro comissário, e este novo exército, alguns anos após, já havia arregimentado mais ou menos 300 mil combatentes e controlava uma população de cerca de 30 milhões de pessoas (1928); 4 – Com o abandono de muitas bases que foram cercadas por Chiang, empreende-se a Longa Marcha (1934) com o percurso e lutas (12.000 km em 368 dias), até Yanam, nas bordas do deserto da Mongólia. 5 – Dá-se a fundação da 2ª República Chinesa, totalmente sob inspiração comunista, sendo a terra distribuída aos camponeses; 6 – acontece um período de trégua entre Mao e Chiang, que combatem juntos os nipônicos (1936-1945); 7 – Terminada a guerra China X Japão, os chineses voltam às lutas internas e com o apoio popular é alcançada a vitória final (1949). Além de Mao, outros líderes tinham-se distinguido: Lin Piao, Tung Piwu (1885-1975) e Chu The (1887-1976).

(4) Josip Broz Tito trabalhou no campo e foi metalúrgico em sua mocidade. Tornou-se o grande líder e governante de seu país, durante 45 anos, levando-o sob um sistema comunista moderno a um grande progresso em todos os sentidos. Faleceu em 5 de maio de 1980, às vésperas de completar 88 anos. Seu enterro, sob a marcha da Internacional Socialista, reuniu, em Belgrado, mais de um milhão de pessoas, estando presentes 115 autoridades de diversas nações, inclusive 40 governantes. Seu sucessor, como presidente das Ligas Comunistas da Iugoslávia, foi Stevan Doronjski, outro velho guerrilheiro, do destacamento partisan no Vale do Danúbio.

Os órgãos de segurança dos países da América Latina conhecem o que são as guerrilhas, no que se constitui a guerra revolucionária. No Brasil, o assunto é analisado e interpretado pela Escola Superior de Guerra dentro da doutrina da Segurança Nacional.

E o *Manual Básico* da citada Escola que diz *"Poucos assuntos têm merecido, nestas últimas décadas, tanta atenção e tanta palavra, falada e escrita quanto à chamada guerra revolucionária, em sua versão moderna: guerra revolucionária comunista. Ela vem sendo, na presente conjuntura, e continuará por tempo indeterminado a ser matéria de maior importância. Em torno de ser ou não ser guerra, de pertencer ou não pertencer a tipos e formas de guerra, trava-se uma acirrada batalha verbal sobre a GR onde mais do que vitoriosos surgem vencidos pela filigrana semântica. Como considerá-la? Guerra? Conflito? Ação? Processo? Movimento? Vai depender do ponto de vista de quem analisa o problema"* (5)

E quanto ao seu teor e diversas fases afirma que *"Não apresenta características iguais em todos os países onde se desenrola, apesar de pontos comuns que autorizam uma mesma designação. Tão pouco se desenvolve num só impulso ou apresenta comportamento homogêneo. Ao contrário, comporta aspectos, seqüências, procedimentos, técnicas e táticas e até estratégias levadas a cabo em tempos diferentes. Para fins didáticos, há vantagem em apreciar seu desenvolvimento em diversos estágios. Os autores e analistas sugerem várias soluções: fases, períodos e etapas. Muitos consideram as cinco seguintes fases: 1.ª fase – Início da organização revolucionária – é caracterizada pela ação clandestina. Nela são formados quadros que agitam, fazem propaganda, divulgam a ideologia comunista e exploram a fundo as contradições internas do meio. A opinião pública toma conhecimento do movimento. 2.ª fase – Criação de clima revolucionário – A organização revolucionária se amplia, por infiltração em todos os setores. São estabelecidas redes de vigilância, de informação e de resistência. A subversão aumenta; o descontentamento se acentua; têm lugar greves, manifestações públicas, protestos, sabotagens, desordens, tumultos, motins. O ambiente se deteriora. 3ª fase – Passagem à ação – A subversão é franca e aberta. Criam-se bases para o movimento, esboçando a nova administração. Bandos armados desenvolvem, sistematicamente, todas as formas de violência. As atividades revolucionárias se diversificam. Surgem as guerrilhas. Ativam-se as massas. 4ª fase – Rebelião plena – A multiplicação de bases culmina com a criação de zonas liberadas. Forma-se o embrião do futuro Estado, estabelecendo-se um governo revolucionário, visando ao reconhecimento pelos governos amigos. A ação psicológica atinge o auge. As atividades revolucionárias se multiplicam por toda a parte. As forças da ordem se sentem isoladas. Começa a organização da Força Regular Revolucionária. 5.ª fase – Contra-ofensiva geral – Combinam-se as ações de guerrilhas com as operações militares clássicas da Força Regular. Acentuam-se, avassaladoramente, as ações políticas, inclusive as da política externa, e psicológica, procurando desmoronar o suporte político do regime e, com ele, das suas forças armadas. As fases não são estanques; pelo contrário, se interpenetram e sobrepõem, e o fracasso de qualquer uma delas sempre permitirá o recuo e a volta à fase procedente. Outra característica a ressaltar é a lentidão das fases iniciais e a velocidade das finais. Alguns autores reduzem a três, essas cinco fases: cristalização, organização e militarização. Cristalização, fase do nascimento e desenvolvimento da convicção ideológica. Organização, fase da instauração e funcionamento das hierarquias. Militarização, fase de mobilização e emprego de uma organização militar. Autores há que deixam de lado o esquema corrente das fa-*

(5) *Manual Básico* da Escola Superior de Guerra, do Estado-Maior das Forças Armadas. Edição de 1975, pág. 297.

ses para distinguirem no processo revolucionário dois períodos gerais: pré-revolucionário e revolucionário. O primeiro, englobando na prática as duas primeiras fases e fazendo praça em todas as formas de agitação social; o outro, caracterizando o emprego sistemático da violência e perda completa do aspecto legal das ações. Outros autores preferem, ainda, a designação de etapas, marcando o processo revolucionário, de acordo com o grau de ostensividade das ações em: etapas clandestinas e ostensiva". (6)

O Estado-Maior das Forças Armadas Brasileiras definiu inicialmente a guerra revolucionária como: *"Uma doutrina elaborada por teóricos marxistas-lenistas e explorada por movimentos revolucionários diversos, para assenhorar-se do poder por meio do controle progressivo, físico e psicológico das populações, com o emprego de técnicas particulares, apoiando-se em uma ideologia e desenvolvendo-se segundo um processo determinado; ajusta-se a todas as formas de guerra"*, sendo o conceito atual dado pela Escola Superior de Guerra o seguinte: *"Conflito, normalmente interno, de concepção marxista-leninista, inspirado nesta ideologia, estimulado e, até mesmo, auxiliado do exterior, que, utilizando intensivamente a ação psicológica e todas as formas de subversão e violência, visa a conquista do poder pelo controle progressivo da nação".* (7).

Recentemente a Lei de Segurança Nacional, de n.º 6.620/78, conceitua a GR de forma geral no seu parágrafo 3.º do artigo 3.º assim: *"A guerra revolucionária é o conflito interno, geralmente inspirado em uma ideologia, ou auxiliado do exterior, que vise a conquista subversiva do poder, pelo controle progressivo da Nação".*

É evidente que na análise da Escola Superior de Guerra do Brasil, equívocos foram cometidos, mormente quando se taxam todas as guerras revolucionárias necessariamente de comunistas e importadas. Os fatos da história atual da América Latina não levam a isto, mas que são movimentos de fundo ideológico esquerdista, não restam dúvidas e que pretendem buscar a justiça social, a transformação, pela luta armada. A guerrilha sandinista na Nicarágua provou de sobejo esta assertiva, e inclusive lá o PC está fora do poder. Na Guatemala, os guerrilheiros têm na sua maioria um objetivo de esquerda de tendência social-democrata, bastando dizer que o decano da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Carlos, GILBERTO CASTAÑEDA, em setembro de 1980, aderiu à luta armada para instaurar no país um governo revolucionário, popular e democrático. Este pacato mestre, considerado um liberal, desapareceu de seu local de trabalho e de sua residência e integrou-se às guerrilhas. E em El Salvador estão reunidos, sem exceção de nenhum, todos os matizes verdadeiramente esquerdistas e democráticos. Na Bolívia, em 1967, o Partido Comunista local não só deixou de apoiar CHE GUEVARA, mas foi também contra a sua guerrilha.

Em muitas coisas o Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil está certo ao afirmar que: *"Não se deve admitir que os comunistas sejam os únicos capazes de conduzir uma luta em termos revolucionários".* (8)

"A GR apresenta características peculiares em cada país onde é desencadeada, conserva alguns aspectos comuns, intrínsecos, reveladores de sua concepção . . . A importância da GR continua muito grande e tudo leva a crer que cresça para o futuro, como a forma de conflito mais provável do mundo". (9)

O primeiro livro sobre guerrilhas na história universal surgiu em 1869. Evidentemente que um tanto estapafúrdio e extremado. Intitulava-se *Catecismo Revolucionário*, e este documento, impresso como panfleto e distribuído em todo o Império Russo e nos círculos revolucionários da Europa, foi escrito por Bakunin e Nechayev, baseado em um Programa de Ação Revolucionária anterior do mesmo Nechayev e Tkachev. (10) O parágrafo de abertura diz, entre outras coisas: *"O revolucionário não tem nem mesmo um nome. Tudo nele é absorvido por um interesse único exclusivo, um único pensamento e uma só paixão – a revolução".* O parágrafo 23 do *Catecismo* define o que quer dizer Associação Revolucionária com a expressão Revolução Popular. *"Não há esperança em reforma, nem em gradualismo revolucionário; todos os aspectos do velho* establishment, *dos galhos às raízes, devem ser destruídos, da mesma forma do que toda velha tradição, ordem e classe."* E aqui está o parágrafo 25: *"Para fazer isto, temos que chegar bem perto do povo; devemos procurar alianças com aqueles elementos, que desde a fundação do Estado de Moscou, nunca deixaram de protestar, não apenas com palavras, mas com atos contra tudo o que estivesse diretamente ligado, à nobreza, à burocracia e a todo o mundo de guildas".*

Vendo-se o parágrafo inicial na sua conclusão, nota-se que na Conferência da OLAS, realizada em Havana, houve uma analogia ao se lançar o lema símbolo: O dever de todo o revolucionário é fazer a revolução.

Qual o conselho que dá o bolchevique e companheiro de Lênin, Victor Serge, no livro clássico da literatura revolucionária internacional, *O que todo revolucionário deve saber sobre a repressão*, analisando o mecanismo das polícias politicas? *"Conhecer os métodos e os processos desta polícia apresenta para qualquer militante um imediato interesse prático, dado que a estratégia capitalista emprega em todo o lado os mesmos métodos e porque todas as polícias sempre se mostram solidárias e se assemelham entre si. Apesar das máquinas de repressão, não há nenhuma força no mundo que possa travar o ímpeto revolucionário e todas as polícias, qualquer que seja o seu maquiavelismo, a sua astúcia e os seus crimes, se mostrarão pouco a pouco impotentes".* Nesta obra, publicada em Paris, no ano de 1925, ainda estão alguns conselhos aos revolucionários de todo o mundo: *"O ofício do revolucionário exige uma longa aprendizagem, alguns conhecimentos puramente técnicos, o amor pela tarefa e a compreensão pela causa, fins e meios. Como acontece na maioria dos casos em que se sobrepõe ao exercício – para viver de outro ofício, é ele quem preenche a vida e o outro não passa de simples acessório. Na atual complexidade, é preciso, para formar um militante, alguns anos de esforço, de provas, de estudos, de preparação consciente. A imprudência dos revolucionários sempre foi o melhor auxílio da polícia".* (11)

Modernamente, os principais compêndios sobre guerrilhas são *Ciento e cincuenta perguntas a um guerrilheiro* do comandante ALBERTO BAYO, editado em Havana (as instruções deste velho revolucionário espanhol tinham sido seguidas à risca pelos guerrilheiros cubanos), e A Guerra de Guerrilhas de CHE GUEVARA,

(6) *Obra Citada*, págs. 301 e 302.
(7) *Obra Citada*, págs. 303 e 304.
(8) *Obra Citada*, pág. 297.
(9) *Obra Citada*, pág. 311.

(10) Mikhail Bakunin (1814-1876), revolucionário e filósofo russo; estudou com os mesmos mestres de Marx; partidário da revolução internacional. Sergei Nechayev (1843-1882), revolucionário russo; sua doutrina era que todos os fins são justificados, quaisquer que sejam os meios. Pyotr Nikitich Tkchev (1844-1886), revolucionário russo, organizador dos jacobinos revolucionários.

(11) Victor Serge, famoso revolucionário soviético, nasceu em Bruxelas, no ano de 1890, quando seu pai, um professor universitário, socialista, estava exilado. Agiu como revolucionário em Paris e Barcelona, e em 1919 organizou em St. Ptersburg (hoje Leningrado) o secretariado da II Internacional. Na época de Stálin foi preso num campo de concentração na Sibéria. Libertado, graças ao clamor de intelectuais esquerdistas europeus, radicou-se em Paris e depois, em 1941, foi para o México, onde faleceu em 1947. Neste país escreveu, em francês, cinco romances que narram a evolução do comunismo soviético: 1 – *Les hommes dans la prision*; 2 – *Naissance de notre force*; 3 – *La ville conquise*; 4 – *S'il est minuit dans le siécle*; 5 – *L'affair Toulaev*. Postumamente, publicou-se em 1951, *Memórias de um revolucionário* – 1901-1941.

publicada pela primeira vez no ano de 1960. (3.º volume das Obras Completas do Che, publicada no Brasil pelas Edições Populares). O escritor francês Régis Debray escreveu, em 1965, *A Revolução dentro da Revolução*, que precisou ser reformulada, em virtude da falta de êxito em um determinado ângulo da guerrilha boliviana.

"Mais tarde, reexaminando suas posições, Régis Debray admite que o esquema cubano não era aplicável a todos os países latino-americanos ao mesmo tempo. Ele próprio publica uma carta de Louis Althusser, considerando Revolução na Revolução *uma tese muito mais negativa do que positiva, no sentido de que aponta linhas políticas falsas e inadequadas, mas não convence da justeza da linha que defende, Debray, segundo Althusser, nos oferecia um excelente roteiro sobre o que não fazer, através de sua crítica à esquerda tradicional. No mesmo exame crítico, Debray mostra-se um pouco irritado com o Brasil, um país onde as idéias chegam com atraso em relação ao resto do Continente. Para ele, a guerrilha começou a ser pensada no Brasil quando já estava em decadência em outras partes da América Latina. Caparaó, entretanto, foi uma tentativa de seguir a palavra de ordem corrente em 1967. Criar, um, dois, três, muitos Vietnans. Quando Debray foi preso na Bolívia, Caparaó também caía no Brasil e ali, em Juiz de Fora, na IV Região Militar, ensaiava-se alguns passos do sinistro balé que iríamos dançar a partir do fim da década: suicídios forjados, gente pendurada de cabeça para baixo, testículos esmagados a pontapé".* (12)

O notável comandante e um dos chefes da guerrilha no Vietnam, um simples professor, posteriormente general Giap, colocou em livro todas as suas táticas e experiências que se tornaram vitoriosas. (13) Esta obra quando editada em Cuba teve prefácio e comentários de CHE GUEVARA.

A Guerra de Guerrilhas trata-se de um livro simples, sem complexidade, onde CHE GUEVARA inicialmente faz a apologia de CAMILO CIENFUEGOS,a quem passou a considerar o melhor guerrilheiro da rebelião cubana, e o maior exemplo para todo o mundo. Eis a nota introdutória: "A CAMILO: *Este trabalho pretende colocar-se sob a invocação de* CAMILO CIENFUEGOS, *que deveria lê-lo e corrigi-lo, mas cujo destino impediu de realizar esta tarefa. Todas estas linhas e as que seguem podem se considerar como uma homenagem do Exército Rebelde a seu grande Capitão, ao maior chefe de guerrilhas que deu esta revolução, ao revolucionário sem defeitos e ao amigo fraterno.*

"CAMILO *foi o companheiro de cem batalhas, o homem de confiança de* FIDEL *nos momentos difíceis da guerra e o lutador abnegado que fez sempre do sacrifício um instrumento para temperar seu caráter e forjar o da tropa. Creio que teria aprovado este manual, onde se sintetizam nossas experiências guerrilheiras, por que são produtos da vida mesma, mas ele deu à armação das palavras aqui expostas a vitalidade essencial de seu temperamento, da sua inteligência e da sua audácia, que só se conseguem em medida tão exata em certos personagens da Hitória.*

"Porém não há que se ver CAMILO *como um herói isolado, realizando façanhas maravilhosas ao impulso do seu gênio, e sim como uma parte mesma do povo que o formou, como forma seus heróis, seus mártires ou seus líderes na seleção imensa da luta, com a rigidez das condições sob as quais se efetuou.*

"Não sei se CAMILO *conhecia a máxima de Danton sobre os movimentos revolucionários, 'audácia, audácia e mais audácia'; de todas as maneiras, a praticou com sua ação, dando-lhe mais o condimento de outras condições necessárias ao guerrilheiro: a análise precisa e rápida da situaçao e a meditação antecipada sobre os problemas a resolver no futuro.*

"Disse FIDEL *'não tinha a cultura dos livros, tinha a inteligência natural do povo, que o havia eleito entre muitos para colocá-lo no lugar privilegiado onde chegou com golpes de audácia, com coragem, com inteligência e devoção sem pares'.*

"CAMILO *praticava a lealdade como uma religião: era devoto dela; tanto da lealdade pessoal para com* FIDEL *que encarna como ninguém a vontade do povo, como a deste mesmo povo; povo e* FIDEL *marcham unidos, assim como marchavam as devoções do guerrilheiro invicto.*

"Quem o matou?

"Poderíamos perguntar melhor: quem liquidou com seu ser físico? porque a vida de homens como ele tem a sua duração no povo; não acaba enquanto este não o ordene. Haverá muitos CAMILOS, *disse* FIDEL; *e houve muitos* CAMILOS, *posso acrescentar,* CAMILOS *que acabaram suas vidas antes de completar o ciclo magnífico que ele encerrou para entrar na História.* CAMILO *e os outros* CAMILOS *(os que não chegaram e os que virão) são o índice das forças de um povo, são a expressão mais alta do que pode chegar a dar uma nação, em pé de guerra, para a defesa de seus ideais mais puros e com a fé colocada na consecução de suas metas mais nobres.*

"Não houve, nesta guerra de liberação, um soldado comparável a CAMILO. *Revolucionário cabal que não podia passar por sua cabeça a mais leve sombra do cansaço ou da decepção, homem do povo, artífice desta revolução que a nação cubana fez para si.* CAMILO, *o guerrilheiro, é objeto permanente de evocação cotidiana, é ele que faz isto ou aquilo, 'uma coisa de* CAMILO', *ele que colocou sua marca indelével na Revolução Cubana, ele que está presente nos outros que não chegaram e naqueles que estão por vir.*

"Na sua renovação contínua e imortal, CAMILO *é a imagem do povo"* (14)

O livro de CHE GUEVARA é muito mais um documento histórico do que um manual militar prático. É um texto político teórico. Este livro evidentemente não descobriu a guerra de guerrilhas que já estava inventada e teorizada há muitos anos. Foi uma vulgarização de suas idéias, contrastadas com suas experiências particulares. Foi escrito após a guerrilha cubana de Sierra Maestra.

Descreve a mecânica dos movimentos guerrilheiros e suas características; a necessidade imperativa do apoio da população, onde atua a guerrilha e o seu modo operacional; as fórmulas erradas de terrorismo. Analisa o guerrilheiro como reformador social, os componentes da guerrilha, a organização civil, para suporte das guerrilhas e a sua propaganda.

Eis alguns trechos de *A Guerra de Guerrilhas*, extraídos das Edições Populares, S. Paulo, 1980:

"Consideramos que três contribuições fundamentais fez a Revolução Cubana para a mecânica dos movimentos revolucionários na América, são elas:

"1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.

"2) Nem sempre há que se esperar que se dêem, todas as condições para a revolução; o foco inssurrecional pode criá-las.

"3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo.

(12) Comentário formulado por Fernando Gabeira, no livro *O que é isso companheiro*, página 43. Editora Codecri. Rio.

(13) O general Vo Nguyen Giap, um dos históricos companheiros do grande herói Ho Chi Minh, foi o arquiteto indiscutível das vitórias contra franceses e norte-americanos na Indochina. Com 69 anos de idade, deixou, em fevereiro de 1980, o cargo de Ministro da Defesa do Vietnam.

(14) CAMILO foi uma perda irreparável e prematura à Revolução que já estava vitoriosa há quase um ano. Em outubro de 1959, quando voltava de Camagüey, onde fora, a mando de FIDEL, verificar a conspiração de Hubert Rogelio Matos Benitez, seu avião caiu no mar.

"Destas três contribuições, as duas primeiras lutam contra a atitude comodista de revolucionários ou pseudo-revolucionários que se refugiam, e refugiam em sua inatividade, no pretexto de que contra o exército profissional nada se pode fazer, e a alguns outros que ficam a esperar que, de uma forma mecânica, se dêem todas as condições objetivas e subjetivas necessárias, sem preocupar-se de acelerá-las. Claro, como se apresenta hoje para todo o mundo, estas duas verdades indubitáveis foram antes discutidas em Cuba, e provavelmente sejam discutidas na América também.

"Naturalmente, quando se fala das condições para a revolução, não se pode pensar que todas elas se vão criar pelo impulso dado às mesmas pelo foco guerrilheiro.

"Há que se considerar sempre que existe um mínimo de necessidades que tornam factível o estabelecimento e consolidação do primeiro foco. Quer dizer, é necessário demonstrar claramente para o povo a impossibilidade de manter a luta por reivindicações sociais dentro do plano da luta cívica. Precisamente, a paz é arrebentada pelas forças opressoras que se mantêm no poder contra o direito estabelecido.

"Nestas condições, o descontentamento popular vai tomando formas e projeções cada vez mais afirmativas e um estado de resistência se cristaliza em um momento dado pelo foco da luta provocada inicialmente pelas atitudes das autoridades.

"Onde um governo tenha subido ao poder por alguma forma de consulta popular, fraudulenta ou não, e se mantenha pelo menos uma aparência de legalidade constitucional, o foco guerrilheiro é impossível de se produzir, por não haver se esgotado as possibilidades da luta cívica.

"A terceira contribuição é fundamentalmente de índole estratégica e deve ser uma chamada de atenção a quem pretende com critérios dogmáticos centrar a luta das massas nos movimentos das cidades, esquecendo totalmente a imensa participação da gente do campo na vida de todos os países subdesenvolvidos da América. Não é que se deprecie as lutas das massas operárias organizadas, simplesmente se analisa com critério realista as possibilidades, nas condições difíceis da luta armada, onde as garantias que costumam enfeitar nossas constituições estão suspensas ou ignoradas.

"A guerra de guerrilhas, base da luta de um povo por redimir-se, tem diversas características, facetas distintas, ainda quando exista, sempre a mesma vontade essencial de libertação. É óbvio – e os tratadistas sobre o tema já o disseram à exaustação – que a guerra responde a uma determinada série de leis científicas, e quem quer que vá contra elas, será derrotado. A guerra de guerrilhas, como fase de si mesma, deve regar-se por todas elas; mas por seu aspecto especial tem, ainda uma série de leis acessórias que é preciso seguir para levá-la adiante. É natural que as condições geográficas e sociais de cada país determinem o modo e as formas peculiares que adotará a guerra de guerrilhas, porém suas leis essenciais têm vigência para qualquer luta deste tipo.

"Encontrar as bases em que se apóia este tipo de luta, as regras a seguir pelos povos que buscam sua libertação; teorizar o fato, estruturar e generalizar esta experiência para o aproveitamento de outros, é nossa tarefa no momento.

"O que se há de estabelecer primeiro é quem são os combatentes em uma guerra de guerrilhas. De um lado temos o núcleo opressor e seu agente, o exército profissional, bem armado e disciplinado que, em muitos casos, pode contar com o apoio estrangeiro e o de pequenos núcleos burocráticos, apaniguados a serviço deste núcleo opressor. Do outro a população da nação ou região que se trate. É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massas, é uma luta popular: a guerrilha, como núcleo armado, é a vanguarda combatente do mesmo, sua grande força reside na massa da população. Não se deve considerar a guerrilha numericamente inferior ao exército contra o qual se combate, ainda que seja inferior seu potencial de fogo. Por isto é preciso ajudar a guerra de guerrilhas quando se tem junto de si um núcleo majoritário e para defender-se da opressão um número infinitamente menor de armas.

"O guerrilheiro conta, então com todo apoio da população do lugar. É uma qualidade sine qua non.

"Analisando o modo operacional da guerrilha, sua forma de luta e compreendendo sua base de massas, só nos resta perguntar: por que luta o guerrilheiro? Teremos que chegar à conclusão inevitável de que o guerrilheiro é um reformador social que empunha as armas respondendo ao protesto irado do povo contra seus opressores e que luta para mudar o regime social que mantém todos seus irmãos desarmados na ignonímia e na miséria. Se lança contra as condições especiais da institucionalidade de um dado momento e se dedica a romper, com todo vigor que as circunstâncias permitam, as normas desta institucionalidade. Quando analisarmos mais a fundo a tática da guerra de guerrilhas, veremos que o guerrilheiro deve ter um conhecimento cabal do terreno em que pisa, suas trilhas de acesso e fuga, possibilidades de manobrar com rapidez, apoio da população, naturalmente, e lugares onde se esconder. Tudo isto indica que o guerrilheiro exercerá sua ação em lugares agrestes e pouco povoados, e nestas paragens, a luta do povo pelas suas reivindicações se situa preferentemente e até quase exclusivamente, no plano da mudança da composição social da propriedade da terra, quer dizer, o guerrilheiro é antes de tudo um revolucionário agrário.

"Em que se pese as características especiais que a convertem em um tipo de guerra e tendo em conta as possibilidades de desenvolvimento da guerra de guerrilhas, que se transforma com o aumento da potencialidade do núcleo operante em uma guerra de posições, deve considerar-se que este tipo de luta é um embrião da mesma, um projeto, as possibilidades de crescimento da guerrilha, e da mudança do tipo de luta até chegar a uma guerra convencional são tantas como as possibilidades de derrotar o inimigo em cada uma das diferentes batalhas, combate ou escaramuças que se enfrentem.

"Está bem estabelecido que a guerra de guerrilhas é uma fase da guerra que não tem por si oportunidades de chegar ao triunfo, é ainda uma das fases primárias da guerra e se irá desenvolvendo e progredindo até que o Exército guerrilheiro, em seu crescimento constante, adquira as características de um Exército Popular. Neste momento estará pronto para aplicar golpes definitivos no inimigo e esperar a vitória. O triunfo será sempre o produto de um Exército Regular, ainda que as suas origens sejam a de um Exército Guerrilheiro.

"Agora, assim como o general de uma divisão não tem que morrer em uma guerra moderna na frente de seus soldados, o guerrilheiro, que é general de si mesmo, não deve morrer em cada batalha; está disposto a dar sua vida, porém a qualidade positiva desta guerra de guerrilhas é que cada um dos guerrilheiros está disposto a morrer, não para defender um ideal e sim convertê-lo em realidade. Essa é a base, a essenncia da luta de guerrilhas.

"O milagre pelo qual um pequeno núcleo de homens, vanguarda armada de um grande núcleo popular que os apóia, vendo além do objetivo tático imediato, vai, decididamente, realizar um ideal, de estabelecer uma sociedade nova, de romper com as velhas normas, de conseguir, em definitivo, a justiça social por que luta.

"ESTRATÉGIA GUERRILHEIRA

"Na terminologia guerreira, se entende por estratégia a análise dos objetivos a realizar, considerando uma situação militar total e as formas globais de realizar estes objetivos.

"É necessário a cooperação absoluta da população e o conhecimento perfeito do terreno. Duas condições, cuja necessidade se aguça a cada minuto da vida do guerrilheiro. Por isso há que se estabelecer, ao mesmo tempo que centros de estudo das zonas de operações e centro de estudos das zonas de operações futuras, trabalho popular intensivo, explicando os motivos da revolução, os fins desta mesma revolução disseminando a verdade inconteste de que não se pode vencer o povo de maneira definitiva. Quem não sentir esta verdade indubitável, não pode ser guerrilheiro.

"Este trabalho popular deve centralizar-se num primeiro momento na discreção, quer dizer, deve pedir-se a cada camponês a cada membro da sociedade onde se atua, que não comentem o que vejam ou ouçam; depois se buscará a ajuda dos habitantes cuja lealdade à revolução ofereça maiores garantias, posteriormente se utilizará essas pessoas em tarefas de contato, de transporte de mercadorias ou de armas, de guias em zonas que ele conheça, e mais tarde pode-se chegar à ação de massas já organizadas aos centros de trabalho, cujo resultado final será a greve geral.

"A greve é um fator importantíssimo na guerra civil, porém para se chegar a ela é necessário uma série de complementos que não se dão sempre e que, espontaneamente, se dão muito poucas vezes, há que se criar os fatores necessários e esta criação se baseia na explicação dos motivos da revolução, na demonstração das forças do povo e de suas possibilidades.

"Quando a guerrilha alcançar um poderio respeitável em armas e um número de combatentes, deve-se formar novas colunas. É um fato parecido ao de uma colméia que em determinado momento, solta uma nova rainha que vai para uma outra região, com parte do enxame. A colméia mãe, como o chefe guerrilheiro mais notável, ficará em lugares de menos risco, enquanto as novas colunas penetrarão outros territórios inimigos seguindo o ciclo já descrito.

"Chega um momento em que o território ocupado pelas colunas é pequeno para contê-las e em seu avanço até regiões solidamente defendidas pelo inimigo devem enfrentar-se com forças poderosas. Neste instante, as colunas se reúnem, se oferece uma frente de luta compacta, chega-se a uma guerra de posições, uma guerra desenvolvida por exércitos regulares. Todavia, não pode desligar-se o antigo exército guerrilheiro de sua base, e devem-se formar novas guerrilhas atrás dos inimigos, que atuem da mesma forma como atuavam as primeiras em outro território, que vão penetrando até dominá-lo.

"Assim se chega ao ataque, ao cerco das praças, à derrota dos reforços, à ação cada vez mais encarnecida das massas em todo o território nacional e ao objetivo final da guerra: a vitória.

"TÁTICA GUERRILHEIRA

"Em linguagem militar, tática é o modo prático de levar a efeito os grandes objetivos estratégicos.

"É, de algum modo, um complemento da estratégia e em outros uma espécie de regulamento das mesmas; muito mais variáveis, muito mais flexíveis que os objetivos finais, os meios devem adaptar-se a cada momento da luta. Há objetivos táticos que permanecem constantes durante uma guerra e outros que vão variando. O que primeiro há de se considerar é a articulação da ação guerrilheira à ação do inimigo.

"A característica fundamental da guerrilha é a mobilidade, o que lhe permite estar em poucos minutos longe da cena específica da ação e em poucas horas longe da região da mesma, se fosse necessário; que lhe permite mudar constantemente de frente e evitar qualquer tipo de cerco.

"Outra característica fundamental do soldado guerrilheiro é sua flexibilidade para adaptar-se a todas as circunstâncias e converterem favoráveis todos os acidentes da ação. Perante a rigidez dos métodos clássicos de guerrear, o guerrilheiro inventa sua própria tática em cada momento da luta e surpreende constantemente o inimigo.

"A forma de ataque de um exército guerrilheiro também é diferente: inicia-se de surpresa, irada, implacável, e se converte logo em uma passividade total. O inimigo sobrevivente, recuperando-se, crê que o atacante se foi, começa a tranqüilizar-se, a normalizar a vida interior do quartel ou da cidade sitiada e logo surge um novo ataque em outro lugar, com as mesmas características, enquanto o grosso da guerrilha espera os reforços presumidos; ou outra vez, um posto que defende um quartel é atacado de imediato, dominado, e este cai nas mãos da guerrilha. O fundamental é a surpresa e a rigidez do ataque.

"Muito importantes são os atos de sabotagem. É preciso diferenciar e claramente a sabotagem; medida revolucionária de guerra, altamente eficaz e o terrorismo, medida bastante ineficaz em geral, indiscriminada em suas conseqüências, pois faz vítimas de seus efeitos gente inocente em muitos casos e que custa grande número de vidas valiosas para a revolução. O terrorismo deve considerar-se como fator valioso quando se utiliza para justiçar algum importante dirigente das forças opressoras, caracterizado por sua crueldade, por sua eficácia na repressão, por uma série de qualidades que fazem de sua supressão algo útil; mas nunca é aconselhável a morte de pessoas de pouca qualidade que trazem como conseqüência um recrudescimento de repressão com sua seqüela de mortes.

"Há um ponto sumamente controvertido na apreciação do terrorismo. Muitos consideram que ao usar-se e exacerbar a repressão policial, impede todo o contato mais ou menos legal ou semiclandestino das massas e impossibilita sua união para ações que seriam necessárias em um momento determinado. Isto em si é exato, mas sucede também que nos momentos de guerra civil e em determinadas populações, a repressão do poder governante já é tão grande que, de fato, está suprimida toda classe de ação legal e é impossível uma ação de massas que não seja apoiada por armas. Por isso há que se ter muito cuidado na adoção de medidas deste tipo e analisar as conseqüências gerais favoráveis que possa trazer para a revolução. De todas as maneiras, a sabotagem é sempre uma arma bastante eficaz, se bem manejada. Não deve empregar-se a sabotagem para inutilizar meios de produção que deixe paralisado algum setor da população, quer dizer, que deixe gente sem trabalho, sem que influa esta paralisação na vida normal da sociedade.

"O GUERRILHEIRO, REFORMADOR SOCIAL

"Já havíamos identificado o guerrilheiro como um homem que faz sua a ânsia de liberdade do povo e, esgotados os meios pacíficos para conseguí-la, inicia a luta, se converte na vanguarda armada da população combatente. Ao começar a luta, o faz já com a intenção de destruir uma ordem injusta, e portanto, mais ou menos veladamente com a intenção de colocar algo novo no lugar do velho.

"Havíamos dito também que nas condições atuais da América, pelo menos, e de quase todos os países pouco desenvolvidos economicamente, os lugares que ofereciam condições ideais para a luta eram rurais, e portanto a base das reivindicações sociais que levantará o guerrilheiro será a mudança de estrutura da propriedade agrária.

"A bandeira de luta durante todo este tempo será a reforma agrária. No princípio, esta bandeira poderá estar ou não completamente estabelecida em suas aspirações e em seus limites, ou simplesmente se referirá à luta secular do camponês pela terra onde trabalha ou a que quer trabalhar.

"O combatente guerrilheiro deve arriscar sua vida quantas vezes seja necessário, estar disposto a rendê-la sem a menor sombra de dúvida no momento preciso, mas ao mesmo tempo deve ser precavido e não se expor nunca desnecessariamente. Todas as precauções possíveis devem ser tomadas para evitar um desenlaçe adverso ou um aniquilamento.

"O soldado de guerrilhas deve ser um extraordinário companheiro.

"Além das qualidades morais que apontamos, deve possuir uma série de qualidades físicas importantíssimas. O soldado guerrilheiro terá de ser infatigável. Terá que encontrar algo mais no momento em que seu cansaço pareça ser intolerável. Sempre tem que iluminar seu gesto pelo mais profundo convencimento que o obrigue a dar outro passo, não o último, e mais outro e outro, até chegar ao lugar designado pelos chefes.

"Pode-se dizer que a melhor idade para o guerrilheiro oscila entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, etapa que a vida tomou seu curso definitivo para todos que, abandonando seu lar, seus filhos e seu mundo inteiro, já meditou bem sobre sua responsabilidade e o faz com a decisão firme de não retroceder um passo. (15)

"A ORGANIZAÇÃO DE UMA GUERRILHA

"A organização de uma guerrilha não pode ser feita seguindo-se um esquema rígido; haverá inumeráveis diferenças, produto da adaptação ao meio em que se aplique. Por razões de exposição suporemos que nossa experiência tenha valor universal, mas recordando-se sempre que, ao divulgá-la se está deixando, a cada momento, a possibilidade de que haja uma nova maneira de fazê-la que convenha mais às particularidades do grupo armado que se trate.

"O número dos componentes da guerrilha é um dos problemas mais difíceis de precisar: há diferentes números de homens, diferente constituição de tropas, como já explicamos. Vamos supor uma força situada em terreno favorável, montanhoso, com condições não tão ruins como a de estar em perpétua fuga, mas não tão boas como a de poder ter uma base de operações. Um núcleo armado situado neste panorama não deve ter como unidade combatente mais de 150 homens e já esta quantidade é bastante alta, o ideal seria uns cem homens. Isto constitui uma coluna e está comandada, também de acordo com a escala hierárquica cubana, por um comandante.

"A ORGANIZAÇÃO CIVIL

"A organização civil do movimento inssurecional é muito importante em qualquer das duas frentes; na externa e na interna. Naturalmente têm características e funções bastante diferentes, ainda que realizem trabalhos que possam cair dentro de uma mesma denominação.

"Ao considerar a 'frente interna' estamos dizendo que o lugar dominado, relativamente, pelo menos, pelas forças de libertação e que também deve supor-se que é um lugar apto para a guerra de guerrilhas, porque quando se dão estas condições, quando se está desenvolvendo a luta de guerrilhas em zonas inaptas a organização guerrilheira aumenta em extensão mas não em profundidade; vai canalizando novos lugares, mas não pode chegar a ter uma organização interna, pois toda a zona está coberta pelo inimigo. Na frente interna podemos ter uma série de organizações que cumpram sua função específica para o melhor andamento da administração.

(15) No entanto, é o próprio CHE GUEVARA, que no livro transcrito abre exceções: "*Em termos gerais pode-se dizer que a idade máxima do combatente, na etapa armada da guerrilha, não deve ser maior do que quarenta anos, salvo com relação aos camponeses. (Um camponês, por exemplo, será muito mais resistente do que um homem da cidade.) Um dos heróis da nossa luta, o comandante* CRESCENCIO PEREZ, *entrou na Sierra com sessenta anos e era nesse momento um dos homens mais úteis da tropa*".

"A PROPAGANDA

"A difusão da idéia revolucionária através de todos os veículos necessários para ela, deve ser feita com a maior profundidade possível. Para isto é necessário toda uma equipe e uma organização que a respalde. Esta organização deve ser de dois tipos e complementar-se para cobrir todo o âmbito nacional; externa quer dizer a organização civil nacional e interna, isto é, no seio do Exército Guerrilheiro. Para coordenar estas duas propagandas, cuja função está estreitamente ligada, deve haver um só organismo diretor.

"A propaganda de tipo nacional destas organizações civis, fora do território liberado, deve ser feita em jornais, boletins e proclamas. Os jornais mais importantes se ocuparão das coisas gerais do país e irão informando ao público a situação exata das forças guerrilheiras, atendendo sempre o princípio de que a verdade resulta sempre benéfica para os povos. Além disto, estas publicações de tipo geral, deve haver outras mais especializadas para diversos setores da população. A publicação camponesa deve trazer para eles a mensagem de todos os companheiros de zonas liberadas que já tenham sentido os efeitos benéficos da revolução e difundir por este meio as apirações do campesinato.

"A propaganda mais efetiva é a que se fará dentro da zona guerrilheira. Dar-se-á preferência à difusão das idéias para os nativos da zona, explicando teoricamente o fato, para eles conhecido da insurreição. Nesta seção haverá também jornais camponeses, o órgão geral de todas as forças guerrilheiras e boletins e proclamas, além do rádio."

O DIREITO DE REBELIÃO

O Direito à rebelião contra a opressão e o despotismo é reconhecido desde a mais remota antigüidade até os dias presentes, por todos os credos, idéias e doutrinas. É um princípio inerente do próprio Direito Natural, o mais compreensivo e comum a toda a humanidade.

O tratadista brasileiro Professor A. Machado Pauperio, escrevendo sobre o assunto, assim se manifestou: – "*O problema da resistência à opressão ocupa, não obstante, setor importantíssimo no domínio da Teoria Geral do Estado não só pela larga experiência política que lhe possibilitou a História, como pelas relevantes e múltiplas questões que dele derivam e a ele convergem. Quando os poderes se unem criminosamente para exercer opressão irremediável? A quem cabe recorrer? É quando o chamado Direito de Insurreição aparece. Como diz Bordeau, as sanções estatuídas pelo Direito Positivo são insuficientes.*" João Camilo de Oliveira Torres afirmou: – "*O dinheiro e a propaganda permitem que qualquer um se faça eleger e consiga impor sua vontade ao Povo. O resultado de tudo isto é que o mundo vive sob ameaças de tiranos, por parte de grupos minoritários, falando em nome de toda a comunidade nacional. As resistências nacionais, durante a Segunda Guerra Mundial multiplicaram na atualidade os modos de aplicação desse Direito, trazendo novos matizes. Há um direito de resistência e o titular desse direito é problema dos mais relevantes, porque entroncado com os superiores interesses do Povo*".(16)

Santo Tomás de Aquino (1225-1274), filósofo e teólogo italiano, na *Summa Theológica* sustentou a tese de que os tiranos devem ser depostos pelo povo. "*Quando seres livres, reunidos em sociedade têm um soberano que zela o bem comum da sociedade, o governo é reto, justo, o qual convém aos homens livres. Quando, pelo contrário, não é o bem comum, mas o individual que o soberano tem em vista nos seus atos, o governo é injusto e mau. O fim da sociedade, para o qual*

(16) *O Direito Político de Resistência*, Editora Forense, Rio, 2ª edição, 1978, págs. 9 e 10.

o homem é de sua natureza destinado, é a felicidade geral, obtida por meio da paz e da prosperidade. A autoridade que para esse fim não concorrer é anti-social, injusta e tirânica e pode ser deposta.

"Quando, portanto, se permite a resistência à opressão, tem-se em vista unicamente o bem da comunidade. Tal teoria não tem, por conseguinte, qualquer aspecto subversivo." Entende, Santo Tomás, que *"a eliminação do regime tirânico não tem caráter de sedição, já que o verdadeiro sedicioso, no caso, é o tirano e não o povo levantado, de cujo bem aquele não cuida."* (17)

Felipe Melanchten, (1497-1560) reformador protestante, apesar da aversão que tinha à filosofia escolástica, deixou-se guiar por ela não só no campo da resistência à opressão, como em muitos outros problemas, proclamando e defendendo na Assembléia de Torgau "*o direito dos homens a armar-se para resistir em caso de agressão injusta*".

Na época do absolutismo, no século XVII, o professor Pierre Jurieu (1637-1713), teólogo protestante, como voz dissidente, pregou a resistência à opressão "*a máxima: quem usar a espada, acabará pela espada, deve ser aplicado aos atos injustos*".

John Locke (1632-1704) filósofo empirista inglês, em seu *Tratado de Governo*, assegurou que, quando são violados os direitos naturais do homem, o povo tem o direito e o dever de suprimir ou mudar o governo. "*O único remédio contra a força sem autoridade está em opor-lhe a força*".

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e escritor francês, um dos inspiradores da Revolução Francesa, afirmou com grande ênfase, em seu livro *Contrato Social*: "*Quando um povo se vê forçado a obedecer e obedece, faz bem; tão logo pode sacudir o jugo e o sacode, faz melhor, recuperando sua liberdade, pela utilização do mesmo direito com que se lhe tirou. O mais forte não é nunca suficientemente forte para ser sempre o amo, se não transforma a força em direito e a obediência em dever . . . A força é um poder físico; não vejo que moralidade possa derivar de seus efeitos. Ceder à força é um ato de necessidade, não de vontade; tudo o mais é um ato de prudência. Em que sentido isto poderá ser um dever? Renunciar à liberdade é renunciar à condição humana, aos direitos da Humanidade, inclusive a seus deveres. Não há recompensa possível para aquele que a tudo renuncia. Tal renúncia é incompatível com a natureza humana; e arrancar a liberdade da vontade é privar de moralidade às ações. Enfim, é inútil e contraditória a idéia de impor, de um lado, uma autoridade absoluta, de outro, uma obediência sem limites*" . . .

Foi na época moderna, por ocasião das primeiras Constituições Estaduais escritas nos Estados Unidos da América do Norte, que o chamado direito de resistência mereceu melhor e mais consagrada aceitação. A famosa Declaração de Independência, escrita em 4 de julho de 1776, pelo Congresso de Filadélfia, proclamando que os governos são instituídos para garantir os direitos naturais do homem, reconhece que o povo tem o direito de os abolir quando não respeitam essa finalidade. Por isto sustenta enfaticamente: "*Quando uma longa série de abusos e de usurpações, tendendo invariavelmente para o mesmo fim, marca o desígnio de submeter os homens ao despotismo absoluto, é de seu direito, é de seu dever rejeitar um tal governo, e prover, com novas garantias, sua segurança futura*".

Quase todas as Constituições estaduais americanas reproduzem, com pequenas variantes, os princípios acima.

A imorredoura Declaração dos Direitos do Homem, adotada pela Convenção Nacional Francesa, em 29 de maio de 1793, proclama, no artigo 1º, os direitos do homem em sociedade, e inclui igualmente entre eles o da resistência à opressão. E o

(17) *Obra Citada*, pág. 68.

artigo 29º reconhece, ainda explicitamente: "*Em todo o governo livre, os homens devem ter um meio legal de resistir à opressão, quando este meio é impotente, a insurreição é o mais santo dos deveres*". O artigo 18º do primeiro projeto de Declaração dos Direitos, apresentado à Convenção, em 17 de abril de 1793, pelo relator Romme, estabelecia: "*Todos os cidadãos têm o direito de se levantar, por todos os meios que estão em seu poder, contra aquele ou aqueles que vierem a usurpar o poder do povo*".

Nesta filosofia, se nutriram todas as correntes mais avançadas do mundo atual, que em suas constituições consagram o princípio da função social da propriedade e o direito inalienável do homem a uma existência digna. Só os reacionários impedem a vigência destes sagrados postulados. E, neste contexto, todo o direito de insurreição contra a tirania obteve então sua consagração final e se converteu em norma essencial da liberdade política.

O jurista, escritor e político brasileiro Rui Barbosa (1841-1923) admitiu o derradeiro direito de rebelião, quando proclamou sem rebuços: "*Tapada essa válvula de segurança, extremo respiratório dos povos tratados como escravos, a reação do poder não deixa aos povos ainda vivos outra saída, senão a contra-reação no terreno da força, único recurso então restante, desde que a autoridade acabou com a lei*".

Outros autores nacionais mais recentes se preocupam com o direito de rebelião. O ex-parlamentar Aloysio de Carvalho Filho, estudando o problema do abuso do poder, depois de promulgada a Constituição de 1946, defendeu a legitimidade da resistência à opressão, que lhe parece condição precípua da defesa do regime democrático. O jurista Levi Carneiro acentua que os direitos proclamados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem "*exigem e supõem o Direito à justiça e o direito de resistência à opressão*". Este último direito, como é óbvio, não pode deixar de estar implícito naquele documento de transcedência internacional. E existem ainda os opúsculos dos professores de Direito, Goffredo Silva Telles Júnior, Resistência violenta aos governos injustos. *In: Revista Forense*, julho-agosto 1955 e Josaphat Marinho, *Direito de Revolução*, 1953, que pelos seus próprios títulos defendem o direito de rebelião.

Capítulo 3

A SEGURANÇA NACIONAL CONTRA AS TRANSFORMAÇÕES E COM UMA FALSA VISÃO DA SOCIEDADE

NO QUE CONSISTE A SEGURANÇA NACIONAL

Geralmente, facções poderosas das Forças Armadas de muitos países latino-americanos têm medo das grandes transformações sociais, políticas e econômicas.

As classes conservadoras, no poder ou em qualquer situação privilegiada, não querem saber de mudança e nem de reformas e têm geralmente o suporte dos gorilas.

Há bem pouco tempo a maioria dos países deste sofrido continente era somente governada por regimes militares duros ou então por oligarquias com apoio nas Armas.

Para citar-se os mais típicos, hoje na América do Sul ainda restam os países do Cone Sul: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e de novo a Bolívia, onde o terror governamental é alguma coisa de condenável; e na América Central estão Guatemala, Honduras e El Salvador também com sistemas repressivos.

A doutrina ou ação que se denomina segurança nacional foi e é um sucesso para os reacionários, mas uma lástima para o progresso, para o bem-estar de todos, para a justiça social e enfim, para as causas populares.

Fala-se em segurança do Estado e das instituições, pervertidas e ditatoriais.

E em nome desta segurança na América Latina muita gente foi assassinada, torturada, encarcerada ou exilada pelos órgãos de repressão.

Mas o Estado não deu nenhuma segurança individual de vida normal, com trabalho, com um mínimo de condição social, redundando em excesso de segurança nacional e pouquíssima segurança individual.

Políticos, intelectuais, juristas e o clero da América Latina têm combatido teoricamente esta sistemática, mas, no geral, com pouco êxito.

Escrevendo sobre o assunto, o professor Gofredo da Silva Teles Jr., acusou frontalmente a *"doutrina de segurança nacional como uma arma política da oligarquia"*, afirmando entre outras coisas: *"Em virtude da experiência sofrida com a rebelião popular da Argélia, contra o governo de França, em 1957, a Doutrina da Segurança Nacional foi acrescida da idéia de que a defesa do Estado exige, não só a difusão de uma ideologia anti-subversiva, mas a descoberta do inimigo interno, portador de concepções contrárias ao regime vigente, descoberta esta que precisa ser feita antes que o inimigo tenha tempo de difundir sua própria ideologia ou, em último caso, antes que esta ideologia, uma vez difundida, seja causa de guerrilha e de subversão da ordem. Segundo a DSN, a defesa do Estado requer que sejam postos fora de combate todos os agentes efetivos da subversão e, também, todos os eventuais e possíveis agentes dela, todos os que são simpatizantes com ela, onde quer que se encontre, principalmente os que atuam em instituições propagadoras de idéias, como escolas, Faculdades, jornais, estações de rádio e televisão, e naquelas comunidades em que o povo se organiza, como sindicatos, associações, atividades congêneres e igrejas. Para a DSN, são inimigos potenciais todos os que não demonstrem, cabalmente, que não são subversivos, nem nutram idéias subversivas. Em matéria de defesa do Estado, a inocência não se presume. A presunção é de culpabilidade.*

"Todos são inimigos eventuais. Todos, portanto, precisam ser vigiados. Para isso, a DSN recomenda que fiquem em guarda permanente todos do povo. Recomenda, pois, a mobilização de todo o povo contra todo o povo. Esta fantástica idéia se acha sintetizada, lapidarmente, na célebre fórmula: 'Todos são responsáveis pela segurança nacional'.

"Nisto é que se acha a explicação da extraordinária importância que a Doutrina da Segurança Nacional confere aos serviços públicos de informação. Criado em 1964, sob inspiração do general Golbery do Couto e Silva, o Serviço Nacional de Informações contou, para o exercício de 1979, com a verba de 453 milhões de cruzeiros, à qual se somou parcela substancial da verba de 43 bilhões de cruzeiros, destinada à defesa nacional, à segurança pública e a manter o Centro de Informações do Exército, o Cenimar e o Cisa, órgãos estes, cuja função primordial é a de acautelamento contra manifestações de contestação ao regime 'revolucionário'.

"De acordo com o espírito da DSN, não há meio que não seja válido, para a descoberta e inutilização do inimigo efetivo ou eventual. O incentivo à delação, o seqüestro, a tortura, a censura, a obstrução dos canais de acesso da Oposição aos postos do Governo, o bombardeamento da população com propagandas do regime vigente, a ocultação e distorção da verdade sobre os fracassos do Governo, todos estes meios são tacitamente admitidos pelas regras do jogo dessa Doutrina, como bem foi comprovado pela experiência, durante os últimos quinze anos da História Brasileira.

"Em nome da DSN, simples adversários do governo, simples políticos da Oposição, simples inconformados com o longo regime de arbítrio, vigente no país, adversários, oposicionistas e inconformados, que nada tinham de comunista, passaram a ser perseguidos e até torturados, pelos chamados Órgãos de Segurança, e freqüentemente punidos, com prepotência, pelo presidente da República. A Doutrina se fez arma política não para a defesa do Brasil contra o comunismo, mas para a defesa das posições de um grupo armado, nos mais altos cargos do Governo. Em suma, transformou-se em salvaguarda de uma oligarquia.

"Os desvios da Doutrina se exibem, escandalosamente, na Lei de Segurança Nacional e alternativa existe para suprimir a DSN. Que toda violência física seja considerada crime, corretamente definida no Código Penal. Mas que não se insista

em considerar abjeção o que é um ideal político, entre os ideais humanos. Em face da terrível miséria de imensas multidões, e tomando como critério de julgamento o anseio natural de felicidade, o pensador é levado a perguntar a si próprio: em termos absolutos, terá a Doutrina da ESG mais autoridade do que o manifesto de Marx?" (1).

Dom Cândido Padim, bispo de Botucatu, Estado de São Paulo, autor de diversas obras sobre Educação e Problemas Sociais do Terceiro Mundo, considera a Doutrina de Segurança Nacional uma falsa visão da vida humana e da sociedade, declarando que: *"A elaboração da chamada 'Doutrina da Segurança Nacional' não tem nenhuma fundamentação filosófica, nem resultou da aplicação de uma metodologia estritamente científica. Formulação tipicamente militar, consiste mais numa estratégia de ação para o alcance de determinados objetivos, fixados pelos detentores do poder, diante da conjuntura nacional, delimitada num certo período histórico."*

O cardeal chileno Raul Silva Henriquez, criticou, em agosto de 1979, em nome da Igreja Católica de seu país a chamada Ideologia de Segurança Nacional, adotada pelos países da América Latina, sobretudo as nações do Cone Sul, afirmando que ela é contrária à fé cristã. Ao comentar as decisões tomadas pela Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em fevereiro de 1979, em Puebla, no México, afirmou este chefe da Igreja Católica chilena que esta doutrina está vinculada a um modelo econômico e político de caráter elitista, que suprime a participação ampla do povo e pretende justificar-se como defensor da civilização cristã e ocidental, acrescentando que esta doutrina desenvolve um sistema repressivo, com conceito de guerra psicológica, e que apesar de os bispos não serem técnicos em sociologia, economia ou outras ciências *"jamais nos julgamos incapazes de ver as dores, amarguras e sacrifícios de nosso povo."*

A Igreja Católica latino-americana tem assumido uma atitude de franca oposição à Doutrina de Segurança Nacional que serve, conforme já acentuado, de fundamento teórico a vários regimes castrenses ou paramilitares do hemisfério. A Conferência de Puebla repetiu a de Médelin, na Colômbia.

O estudo mais importante realizado sobre Segurança Nacional foi o do Pe. Joseph Comblin, de cujo livro são extraídos os tópicos que se seguem: *"Parte-se do mito de uma total insegurança em virtude de uma guerra total e radical. Para os Estados Maiores não se trata de um mito, mas sim de uma nova ciência, da nova ciência política descoberta no seio dos órgãos de segurança dos Estados Unidos: a grande descoberta dos 'homens da segurança nacional'.*

"Hoje em dia, no entanto, sabemos a que leva tal ciência. Sabemos a que conduzem os novos mitos da guerra, defendidos pelos 'homens da segurança nacional': ao Vietnam, a Watergate, ao DOPS, à DINA, à AAA, ao CCC, à Villa Grimaldi. O DOPS – Departamento de Ordem Polícia e Social – é a polícia política do Brasil; a DINA – Departamento de Informação Nacional, é a polícia política do Chile; a AAA – Ação Anticomunista Argentina é um grupo não-oficial criado na polícia para organizar a repressão fora dos quadros do Estado; a CCC – Comando Contra o Comunismo – é um grupo parapolicial que organizou no Brasil uma repressão paralela, semelhante à da AAA na Argentina; a Villa Grimaldi, uma antiga residência em Santiago, requisitada pelo governo e que serviu durante muito tempo à DINA como casa de detenção. Lá se faziam interrogatórios sob tortura; por isso a Villa Grimaldi tornou-se um símbolo da tortura.

"Na América Latina, o mito da guerra total e absoluta pela sobrevivência aplica-se à guerra revolucionária. A guerra revolucionária é supostamente dirigida por Moscou. Supõe-se ser uma guerra de aniquilamento de todos os valores nacionais e humanos.

"Ora, em primeiro lugar, além da ideologia da segurança nacional, não há ninguém que acredite numa guerra revolucionária mundial, comandada por Moscou. Se é que existe um fato constante no decurso dos últimos quarenta anos, é o de que o Partido Comunista da União Soviética e todos os Partidos Comunistas que lhe obedecem, não só não organizaram movimentos de violência, mas se opuseram sistematicamente a eles. Moscou se opôs aos empreendimentos de Cuba na América Latina (contrariamente à sua política na África) e conseguiu impedir que CASTRO *continuasse a apoiar os movimentos de guerrilha latino-americanos. Isso não tira toda a importância das guerrilhas e do terrorismo, porém impede de pensar numa imensa conspiração mundial.*

"Em nome desse conceito de guerra revolucionária, os oficiais latino-americanos obrigaram-se a manter seus países sob a ameaça e sob o controle de toda a máquina contra-revolucionária, aperfeiçoada pelo exército francês na Argélia e pelos americanos no Vietnam. Enquanto houver a mais leve oposição, a menor crítica à ditadura, eles jogarão sobre o povo todo o peso dessa máquina infernal.

"A menor crítica põe supostamente em perigo os fundamentos do Estado. Segundo os discursos do famoso Subsecretário de Estado de Interior do Equador, Xavier Manrique, os dezessete bispos, na maioria anciãos, que estavam reunidos em Riobamba, em agosto de 1976, punham em perigo a segurança da nação. Por esse motivo foi necessário fazer uma grande movimentação dos serviços secretos para detê-los, aprisioná-los em local secreto, utilizar nessa operação metralhadoras, bombas de gaz lacrimogênio, etc. Sempre a mesma fantástica desproporção entre as 'ameaças' e a 'ação preventiva'.

"Se há um fato que se manifesta cada vez mais claramente é o de que a Segurança Nacional origina enormes malefícios. A insegurança faz parte da condição humana e toda tentativa de garantir a segurança só faz aumentar a insegurança. O conceito de Segurança Nacional é a grande cilada na qual caíram os países latino-americanos – e uma vez aprisionados, é difícil sair da cilada.

"O ponto de vista da Segurança Nacional faz ver a população nacional e os povos vizinhos como um conjunto de ameaças. São perigos que é necessário conter. Como é difícil ter confiança total na lealdade dos cidadãos ou dos países vizinhos, tende-se a aumentar o número de inimigos. Todos os que não podem demonstrar concretamente que são amigos, são inimigos em potencial. Mesmo que não cometam agressões, podem vir a cometê-las. A Segurança Nacional tem que levar em conta as possibilidades, mais ainda que os fatos em si.

"Em suma, a Segurança Nacional tende, por todos os lados, para o absoluto, e os Estados baseados nesse conceito tendem a fazer um emprego absoluto da violência. Eles multiplicam, de fato, o número de inimigos.

"Pois a Segurança Nacional é insaciável; descobre cada vez mais o inimigo. Com isso destrói-se a si mesma, pois, comportando-se como inimiga dos cidadãos, ela multiplica de fato o número de indivíduos que se tornam hostis ao Estado. Este reage, multiplicando a repressão. A repressão aumenta a desconfiança do povo. Isso aumenta a desconfiança do Estado e nos vemos num círculo vicioso sem fim: O Estado que adota a Segurança Nacional como objetivo, acaba atingindo uma situa-

(1) Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Ex-deputado federal, e Autor, em 1977, da Carta aos Brasileiros, que teve repercussões, e na qual pedia-se a volta do Estado de Direito no Brasil.

ção de insegurança radical. Tal é a situação em que se encontram os governos militares latino-americanos. Na medida em que é sistematicamente seguida, a Segurança Nacional gera a absoluta insegurança do Estado. Este não sabe mais com quem pode contar.

"É fora de dúvida que o Estado deve conter a anarquia, porém, sem aceitar riscos consideráveis, ele não conseguirá jamais realizar mudanças sociais e políticas.

"O culto da segurança só pode favorecer os privilegiados e justificar o status quo. *Em contra partida, o desenvolvimento pressupõe uma renovação de consciência, um sentido do risco, uma disposição para enfrentar um período de insegurança e desordem. Quem não quer pagar este preço, entrega-se às oligarquias tradicionais. É evidente que, para instituições que por sua natureza são ligadas à estabilidade e à ordem, tais como o exército, a Universidade, citando apenas as mais importantes, essa linguagem é difícil de aceitar. Se o exército é motivado por uma ideologia de segurança, se é chamado a intervir no momento em que se iniciam os primeiros conflitos sociais, ele paralisa qualquer mudança e põe-se a serviço dos poderosos. É por isso que uma ideologia tal como a da Segurança Nacional é exatamente ao contrário do que seria necessário às Forças Armadas nos países em vias de desenvolvimento. O que chama imediatamente a atenção, o que choca profundamente, é a falta de proporção entre os períodos da 'subversão' e de revolta e o sistema de repressão instalado em nome da Segurança Nacional.*

"Os oficiais da Revolução peruana tinham visto muito bem que a guerrilha – rapidamente transformada em violência – representava um fenômeno secundário na evolução da nação, que esse fenômeno não devia legitimar uma mobilização da nação e, principalmente, não devia constituir o pretexto para adiar ou abandonar as tarefas de mudança radical da sociedade, que continuavam sendo uma necessidade urgente. Pelo contrário, a única resposta válida e satisfatória para os problemas levantados pelos intelectuais derrotados, era encontrar, finalmente, uma solução para a opressão das massas populares. Muitos militares pensavam do mesmo modo em todos os países. Infelizmente, em muitas nações não foram eles que conseguiram vencer.

"Quem venceu foram os oficiais da 'linha dura', apesar de constituírem uma minoria. Souberam se organizar melhor e prepararam-se para conquistar totalmente o poder. Uma vez conquistado instalaram o sistema de repressão concebido para uma verdadeira guerra contra-revolucionária, decidiram mudar a estrutura do Estado, condenaram uma boa parte do passado de sua nação, voltando atrás do que dizia respeito a muitas transformações sociais ou democráticas. Em sua obsessão de ordem e de segurança, viram-se do lado do que se denomina, na América Latina, de oligarquias tradicionais. Os imperativos da segurança levaram-nos até a promover o contraterrorismo, terrorismo de direita, que tencionava contrabalançar a rebeldia de esquerda. Em nome da Segurança Nacional instauraram, finalmente, o que todos sabem, através de numerosos relatórios divulgados no mundo inteiro – – um estado de insegurança radical, a par de uma miséria ainda maior que a existente no ponto de partida.

"Tal resposta não teria sido impossível se os oficiais de cada país tivessem tido liberdade de iniciativa e se limitado apenas aos precedentes de sua História Nacional. Na realidade, receberam uma estratégia já pronta e, apesar de seus protestos de nacionalismo, o modelo de sociedade que introduziram em seu país foi montado peça por peça pela Segurança Nacional nos Estados Unidos. É verdade que eles são os primeiros a rejeitar todas as idéias de inspiração estrangeira. Na realidade, tudo vem das escolas americanas, situadas nos Estados Unidos ou na zona americana do Canal do Panamá.

"Tudo provém da estratégia de guerra contra-revolucionária dos Estados Maiores Americanos, a mesma que foi aplicada no Vietnam, com os resultados que se conhece. Tal estratégia teria sido inconcebível fora do contexto mais global da guerra fria.

"Rebocadas por seus mestres americanos, as linhas duras latino-americanas tentaram, infelizmente com muito sucesso em diversos países, aprisionar a nação inteira, num sistema social totalmente militarizado: a política foi rearticulada em termos militares. Ora, conceitos vagos como os de guerra psicológica, guerra fria, guerra não-convencional e outros, principalmente o de segurança nacional, conseguiram confundir totalmente os espíritos.

"Por outro lado, a defesa dos Direitos Humanos não resolve todos os problemas. Ela não pode esquecer que os sistemas de repressão da América Latina têm suas origens nos Estados Unidos, e que eles são solidários com um sistema econômico estreitamente ligado ao sistema econômico americano. Seria inútil esperar que um país latino-americano possa se livrar de seu sistema de repressão se, ao mesmo tempo, se pretende manter o mesmo sistema econômico e social. Ora, as estruturas do sistema econômico, controlado pela sociedade americana, não estão absolutamente a favor das mudanças revolucionárias que seriam necessárias à América Latina. A sociedade americana é, sob todos os pontos de vista, solidária com as oligarquias locais e tende a ajudar essas oligarquias a levar um tipo de vida semelhante ao das burguesias da América do Norte ou da Europa Ocidental. A situação da América Latina constitui um desafio aos países industrializados do Ocidente, desafio esse que vai muito além de uma ação – afinal de contas simples e favorável a uma consciência tranqüila – pelos Direitos Humanos.

"Para as Forças Armadas latino-americanas, o desafio é urgente. Pode ser formulado da seguinte maneira: como se libertar das 'linhas duras' que, em nome de uma ortodoxia anti-comunista ou anti-subversiva impõem um sistema importado dos Estados Unidos e rejeitado pelos próprios Estados Unidos? As 'linhas duras' impuseram a seus países uma estratégia falsa, inspirada numa falsa ciência militar, em vista de uma falsa guerra. Em nome de tal estratégia, despolitizaram a nação e entregaram-na em nome da ordem e da tranqüilidade – ao saque e à dominação por parte das minorias privilegiadas. Para as Forças Armadas, o desafio consiste em voltar à linha dos 'libertadores', de Bolívar, San Martin, Artigas, Sucre, O'Higgins: reencontrar as verdadeiras tradições nacionais com o povo que é preciso libertar.

"A cultura e a instrução, dadas pela Educação Nacional e pelas instituições particulares, concentram-se cada vez mais nas classes privilegiadas. Não se quer dar poder aos marginalizados: por isso o analfabetismo e a falta de instrução aumentam. A televisão mostra, aos miseráveis, todos os bens aos quais jamais terão acesso. Permite que os possuam em sonhos e que se projetem nos personagens que aparecem na tela. Essa cultura da ilusão consegue, ao que parece, desativar os povos e lhes tirar a vontade de agir para mudar de condições.

"Felizmente, existe em todos os homens um último refúgio que se defende contra qualquer intrusão ou escravidão. A Segurança Nacional jamais consegue destruir a parte humana do homem: assim que a ocasião se apresenta, há uma possibilidade de expressão, renasce o desejo de liberdade. Aparentemente, os povos estão resignados: é preciso sobreviver e calar! Porém, a liberdade não está morta. Ela espera a sua hora." (2)

No Brasil, é a Escola Superior de Guerra, ligada ao Estado-Maior das Forças Armadas que, desde 1964, vem influindo no modelo político e até econômico brasileiro.

(2) *A Ideologia da Segurança Nacional – O Poder Militar na América Latina*, Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978 – 2ª edição.

Em outubro, de 1980, o brigadeiro Deoclésio de Lima Siqueira, Ministro do Supremo Tribunal, tentou, em conferência neste instituto, um ângulo diferente ao dizer que *"A segurança pregada pela Escola Superior de Guerra não é mais aquela voltada somente para o campo externo, interno ou ao aspecto militar, mas uma segurança contra o despotismo, contra o medo, contra a miséria, contra a ignorância e contra as doenças"*.

Mas este novo ângulo conflita com as leis que existem, e com tudo o que é colocado em prática no Brasil. Em estudo elaborado pelo jurista Heleno Fragoso, enviado ao Supremo Tribunal Federal, este *"considerou a Lei de Segurança Nacional como profundamente antidemocrática e um parto monstruoso de ideologia que inspirou o sistema militar que domina a Nação."* Ademais, a Lei de 17 de dezembro de 1978, em vigor, vai em choque contra muitas garantias individuais na acepção mais correta. Tudo o que foi pleiteado para mudança social será enquadrado como subversão ou tentativa de conflito.

Em decorrência da Doutrina de Segurança, que foi criada e imposta, conceituou-se o Poder Nacional como *"a expressão integrada dos meios de toda a ordem: políticos, econômicos, psicossociais e militares de que dispõe efetivamente a Nação, para alcançar ou manter interna e externamente os objetivos nacionais"* (3).

É evidente que se trata de uma formulação fora de toda estrutura legal e sem levar em conta a vontade popular que dá legitimidade ao poder.

A Doutrina de Segurança Nacional agora tem o nome de Segurança e Desenvolvimento e aplica quase que somente um Código para o seu norteamento – o Código Penal – no qual suas figuras explicativas e de sanções estão em destaque, e tudo justificam.

Reconhece ainda as atuais elites como peças essenciais e inexpugnáveis para o processo de determinação dos objetivos nacionais. *"O papel das elites – assente que os interesses e aspirações do homem, dos grupos secundários e da nação estão na origem dos Objetivos Nacionais, torna-se patente a capital influência das elites, particularmente a elite dirigente. Na verdade, o papel dinâmico no processo de captar e de interpretar tais interesses e aspirações latentes no povo, do qual ela também é parte, compete às elites. São elas, por sua participação na vida nacional, que têm a responsabilidade do processo . . . Embora o governo tenha a responsabilidade do processo . . . Embora o governo, teoricamente, deva ser um delegado da população no seu todo, na realidade, a opinião pública estabelece apenas uma faixa ampla, na qual o governo pode atuar com o seu beneplácito. Em verdade, são as elites que procuram condicionar os caminhos a seguir dentro dessa faixa."*(4)

Quais são hoje as elites dominantes no Brasil? As elites que interessam no momento? São os tecnocratas egoístas ditando normas, são os testas-de-ferro das multinacionais, são os homens da direita, são os componentes da alta burguesia, são os políticos distantes dos trabalhadores. E, de acordo com tudo o que ocorre no país, estas elites estão no poder, divorciadas do povo. É esta elite que serve, que dá as soluções e que foi criada pela Doutrina da Segurança.

Na última reunião da Ordem dos Advogados do Brasil, que teve lugar em Manaus, no mês de maio de 1980, o prof. Miguel Reale Júnior, na tese que apresentou sobre Liberdade e Segurança Nacional afirmou: *"Uma democracia constituída de cima para baixo, sem representação real e efetiva participação, estará a cada instane sujeita a sucumbir diante dos altissonantes alarmas de desmoronamento da*

(3) *Manual Básico da Escola Superior de Guerra*, edição de 1975, págs. 67 e 68.
(4) *Obra Citada*, págs. 39 e 40.

Nação, escusa incansável de que lança mão o autoritarismo, hoje respaldado por uma ideologia. Só a liberdade ativa constitui uma segurança para todos e logo uma segurança nacional.

"A Segurança Nacional assumiu caráter de uma ideologia, de uma cosmovisão dotada, entretanto, de grande simplicidade, expostos os seus conceitos em forma de cataclismo, o que não impediu que os detentores do regime alimentassem a convicção de estarem a serviço de uma causa. A segurança nacional foi alçada à condição de orientadora da ação política, deixando de se construir em um bem jurídico a ser tutelado pela lei penal, transformando-se em totalizadora compreensão do mundo, a partir de determinados postulados, que imperiosamente deveriam presidir a construção dos sistemas de crenças".

Este jurista refutou certos conceitos próprios da formulação dessa ideologia, como os de Nação, Estado e Poder, este último *"sob uma perspectiva instrumental e desvirtuada, constitui a expressão integrada de todos os meios para a promoção, pelo Estado, de conquista e manutenção dos objetivos nacionais, a despeito dos antogonismos existentes, como se houvessem uma igualdade e identificação entre os que exercem o Poder e o povo.*

"Surge, como decorrência inafastável, a necessidade de se alimentar a fé dos adeptos, reforçando suas crenças, recorrendo a um expediente maniqueísta: bons os sequazes, maus os inimigos. A partir daí, torna-se, por conseguinte, imprescindível a elaboração de uma política e estratégia da segurança nacional, e permissível toda e qualquer iniqüidade praticada pelos acólitos do sistema, na tarefa de destruir os antagonistas.

"A política de segurança nacional constitui, por sua vez, a arte, até mesmo pela guerra, de garantir a consecução ou salva-guarda dos objetivos nacionais, em face dos antagonismos: esta arte, com o fetichismo dos antagonismos, desenvolveu-se no gosto pelo lúgubre das torturas e pelo macabro sacrifício de inocentes.

"Apenas a ação política, a atuação dos e nos partidos, o vigor das associações, entidades de classe e sindicatos constituíram uma barreira viva contra o abuso de Poder que se pratica em nome da defesa no Estado. Da mesma forma, só assim poderá controlar e impedir o 'abuso de poder econômico das multinacionais, em defesa de um movimento independente'."

CONFERÊNCIAS DE EXÉRCITOS LATINO-AMERICANOS

Estas conferências se realizam periodicamente e são secretas, mas todas elas têm como objetivo uma tomada de diretriz, relacionada à segurança nacional e suas conseqüências para combater guerrilhas e outras coisas.

A nona reunião realizou-se em 1969, em Fort-Bragg, na Carolina do Norte, Estados Unidos, local este de treinamento intensivo de anti-guerrilhas, ao tempo ainda que os norte-americanos ditavam ordens rigorosas e, inclusive, invadiam com seus marines qualquer república latino-americana, para proteger seus amigos ditadores e a oligarquia em geral. Era a operação da Força Interamericana de Paz, da guerra fria, de intervenções, onde tudo podia acontecer. A décima deu-se em Caracas, em 1973, mas a Venezuela procurou resolver a seu modo o problema de guerrilhas: dando indultos aos combatentes, legalizando qualquer partido político, até de extrema esquerda e procurando melhorar as condições de vida do povo. Em fins de outubro de 1975, ocorreu a décima-primeira, em Montevidéo, quando o Uruguai já passava de país modelo de democracia sul-americana para regime pesado e fascista, e quando ainda se recomendou a *"cooperação entre os exércitos americanos, no combate à subversão política"*. O local foi o hotel Carrasco, um nome bem apropriado.

Nesta época, a velha doutrina do profissionalismo militar, já tinha seu atestado de óbito, por estar mesmo agonizante há muito tempo, e tinha recebido o golpe final por ocasião da derrubada do presidente constitucional chileno Salvador Allende, em 1973. A tradicional defesa da ordem e soberania foi na lista de prioridades dos comandos militares por preocupação pelos setores econômicos e políticos do hemisfério ocidental. Os exércitos tinham abandonado antigos pudores, quanto à situação de reserva moral e de setor profissional apolítico. Muitos e muitos militares latino-americanos constituíram-se em força política atuante, e não quiseram ser mais um apêndice do poder, e se tornaram o próprio poder, e com isto os hábitos políticos do continente sofreram uma mudança radical.

Neste tempo, ainda com exceção da Colômbia, Venezuela, México e Costa Rica, nos demais países latino-americanos, as Forças Armadas passam a exercer um papel que variava entre o controle total e uma tutela direta.

A décima segunda tem lugar em Manágua, em agosto de 1977. Mas foi por ironia um fim de festa para este país dos Somozas, e não se fortaleceu a segurança desta velha ditadura, com tradição de brutalidade e roubalheiras. Para a Nicarágua foi momentaneamente boa esta reunião, pois teve de volta ajuda de dólares. Contou com a participação de 18 países e não deixaram de faltar Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, El Salvador, Guatemala, Honduras, a própria Nicarágua, e todos à volta com problemas inerentes.

A última conferência e a mais recente, em data de novembro de 1979, foi em Bogotá, e teve o tema: "A subversão no continente e as medidas que os exércitos devem desempenhar na luta antiguerrilha". O fato mais curioso é que a Nicarágua – já sob o governo dos guerrilheiros sandinistas, não compareceu ao encontro, mas foi representada pelo delegado do Panamá, o que significou que estes foram informados do desenvolvimento completo. Além dos países citados por ocasião da décima-primeira conferência, as Forças Armadas do Equador, Bolívia e Peru tinham também se afastado ou com perspectivas de afastamento do centro do poder. Pode citar-se, também em termos, o Panamá.

UMA DESMONTAGEM NA SEGURANÇA NACIONAL

Na América Central, a Doutrina da Segurança Nacional, na região também chamada de Contra-Insurgência, sofreu um abalo em 1979. A Nicarágua, considerado verdadeiro lar da Contra-Insurgência, foi alvo das guerrilhas sandinistas, que acabaram um esquema e uma fortaleza tida como imbatível. El Salvador torna-se um pandemônio e a segurança nada controla mais e na Guatemala os guerrilheiros colocam sempre em polvorosa os redutos da denominada segurança nacional.

O colapso da ditadura de Somoza desmontou o lar centro-americano das doutrinas de segurança nacional. De nada adiantou o preparo que os Estados Unidos fizeram dos países centro-americanos para combater guerrilhas na região. Dos 16 mil oficiais latino-americanos, treinados até 1964, na Escola Anti-Guerrilha das Américas, na zona do Canal do Panamá, oito mil chegaram da América Central, sendo só três mil da Nicarágua. Cada membro das forças armadas nicaragüenses, de soldado a oficial, fazendo-se a média pelo total, recebeu 930 dólares anuais em equipamento e treinamento. A renda per capita na Nicarágua é de pouco mais de 200 dólares, e teve portanto o mais alto índice de toda a América Latina, em pessoal militar treinado pelos Estados Unidos, sendo que foram preparados com dedicação e afinco pelos norte-americanos três e meio por cento do contingente nicaragüense contra 0,3 por cento do Brasil e Argentina.

Nem a criação do Condeca – Conselho de Defesa Centro-Americano, com sede em Manágua, em fins de 1963, após o fracasso da tentativa da invasão de

Cuba, teve efeito e de nada valeu para segurar os combatentes esquerdistas. Nesta reunião, estiveram presentes Nicarágua, Honduras, Guatemala, Panamá e Costa Rica. Os dois últimos, no final, se voltaram contra o próprio Condeca, pois ajudaram os guerrilheiros, e a Costa Rica apenas figurava, pois nem exército tem. Os Estados Unidos entrou para o novo organismo como membro de pleno direito, e passaram a participar de todas as manobras militares conjuntas realizadas pelo Condeca. O que determinou a instituição do Condeca foi a necessidade de velar pela segurança coletiva dos Estados participantes, e este surgiu muito mais como um pacto de polícia, enquadrado nas doutrinas de segurança nacional e de contra-insurgência que o Pentágono disseminava pela América Latina.

Relatando toda esta história que fracassou redondamente na América Central, o jornalista brasileiro Newton Carlos assim se expressou: *"O Tratado de Defesa Centro Americano, de 65, diz que os membros do Condeca 'estabelecerão e desenvolverão procedimentos e técnicas para a luta contra a subversão e atividades afins, incluindo de modo especial a luta contra guerrilhas'. Também diz que 'serão ditadas medidas para impedir a infiltração de elementos comunistas'. Desde a sua fundação, em 63, o Condeca realizou 14 manobras conjuntas, os chamados 'Jogos de Guerra'* ('War Games') *do jargão do Pentágono. Há suspeitas de que alguns casos foram de operações militares de fato, contra focos insurrecionais.*

"A Nicarágua teve sempre um papel central, executado em estreita cooperação com os Estados Unidos. O último 'Jogo de Guerra' do Condeca que recebeu o nome de 'Operação Águia Z', aconteceu em novembro de 1976, contou com a participação de tropas dos Estados Unidos, Nicarágua, El Salvador, Honduras e Guatemala e usou o território nicaragüense. Na mesma época, um representante da Cruz Vermelha Internacional denunciou que tropas norte-americanas lutavam na Nicarágua contra guerrilheiros sandinistas. Transcorridos os dois primeiros meses das 'manobras conjuntas', o enviado do jornal El Pais, *de Madri, afirmou que havia combates reais e que os soldados estrangeiros em ação representavam um por cada 800 habitantes de Nicarágua. O ministro da Defesa e Segurança Pública de Honduras, coronel Diego Celano, chegou a declarar que o Condeca interviria na Nicarágua, 'se isso fosse conveniente à segurança da América Central'.*

"Estados Unidos e Nicarágua pensaram ir além do Condeca, quando as guerrilhas centro-americanas começaram a pipocar. Uma revista especializada de Washington a Defense and Foreign Policy, *informou que norte-americanos e nicaragüenses proporiam ao Condeca a criação de um 'Exército Centro-Americano' permanente, com tropas do Comando Sul e dos países da América Central que topassem. Não houve tempo, no entanto, para desenvolver o novo projeto. Um dos principais articuladores, o ditador Somoza, foi liquidado sem que seus amigos tivessem condições de ajudá-lo com eficiência. Hoje o Condeca agoniza, como agonizam, na América Central dos ditadores bananeiros, as doutrinas de contra-insurgência e segurança nacional."* (5)

Em setembro de 1980, os países andinos, ao assinarem a Carta de Conduta, em defesa da democracia, contrastaram politicamente com as nações do Cone Sul adeptas da doutrina da segurança. Esta carta foi passada em Riobamba, no Equador, pelos presidentes do próprio Equador, Colômbia, Venezuela e pelo vice-presidente do Peru, que são os formadores do Pacto Andino. Foi um tipo de resposta ao chamado Bloco do Cone Sul. (6)

(5) Artigo publiado no jornal *Folha de S. Paulo*, de 27 de abril de 1980.

(6) A Bolívia não compareceu à reunião, visto que o golpe militar, ocorrido dois meses antes, interrompeu seu processo democrático.

Entretanto, isto não foi uma solução definitiva por parte do Peru e da Colômbia, contra a Doutrina de Segurança pois principalmente esta última, na prática, não está aplicando o que se estabeleceu. O Peru criou, um mês após este fato, um Conselho de Defesa Nacional, para implementar uma recente lei de mobilização, dando poderes arbitrários às Forças Armadas, quase colocando-as à margem do controle estatal. E na Colômbia, os militares, com atuação política, nos bastidores, cada vez maior, receberam de presente um estatuto de segurança, pondo em prática inúteis e brutais repressões e torturas contra camponeses e sindicalistas, sendo que os processos sumários são conduzidos contra os mais elementares princípios de direito. Os civis são submetidos a tribunais militares e, em algumas regiões, os camponeses são controlados rigorosamente em suas vidas sociais e privadas.

Mas quanto aos demais países signatários, a Carta de Conduta já é alguma coisa de importante contra a doutrina da segurança nacional.

E esta carta apareceu num momento em que observadores políticos e militares analisaram a existência de um tácito pacto do Cone Sul, formado pelos governos da Argentina, Chile, Paraguai, Bolívia e Uruguai. E este pacto foi anunciado veladamente pelo ditador boliviano general Garcia Meza, e o general paraguaio Marcial Samaniego reconheceu inclusive este acordo tácito.

Capítulo 4

JORGE CAMILO TORRES RESTREPO

UM SÍMBOLO DAS GUERRILHAS LATINO-AMERICANAS

O padre CAMILO TORRES, sacerdote, professor, sociólogo, revolucionário e depois guerrilheiro militante colombiano, é um dos símbolos das guerrilhas latino-americanas.

Nasceu em Bogotá, em 3 de fevereiro de 1929, em família de alta classe média. Aprendeu Direito na Universidade Nacional, e depois Teologia em um Seminário Dominicano, tendo sido ordenado. Depois foi a Louvain, na Bélgica, onde estudou Sociologia.

Segundo o bispo, escritor e também sociólogo colombiano German Gusman Campos, autor do notável livro *La Violência en Colômbia*, podem ser considerados como determinantes na vida de CAMILO TORRES as seguintes interpretações, que as realiza sem messianismo, e com decisão e lealdade inquebrantáveis:*"1. Concebe a existência com amor e busca no Cristianismo e no Sacerdócio a melhor maneira de realizar-se a serviço do homem; 2. Conhece a problemática colombiana com base em seus estudos (qualidade científica) e mediante o contato com as realidades sócio-econômicas (aplicação de métodos objetivos); 3. Como Cristão, como sacerdote, e como cientista, conclui que a solução a essa problemática é a tomada do poder pelo povo, mediante a revolução; e 4. Julga que a única saída eficaz para fazer a revolução é a luta armada."*

Foi Capelão na Universidade Nacional e fundador e professor de sua Faculdade de Sociologia. Foi Deão na Escola Superior de Educação Pública. Fundador do Instituto de Administração Social, sendo designado, em 1964, para representante das Organizações de Ação Social e Católica, nomeado pelo Cardeal junto à Junta Diretiva do Instituto Colombiano de Reforma Agrária (INCORA). Nesta,

promove uma luta tenaz, para introduzir critérios sociais e científicos a fim de que a normatividade legal se aplique sem exceções, e que não haja nenhum favorecimento de privilégios aos latifundiários. É aí também que toma conhecimento direto das condições sub-humanas que existem junto aos camponeses nos setores rurais. Propõe mensagens de reivindicações e de justiça, e seu afã era fazer algo de positivo pelo povo. Seu primeiro interesse político foi levantar a consciência política do povo explorado da Colômbia, com diversos programas, onde mais de sessenta por cento não votavam e não tomavam parte na política. O quadro colombiano era, nos últimos anos, aterrador e merecia, segundo CAMILO, uma mudança radical. Basta dizer que: a) 3,6 por cento de proprietários possuem 64,2 por cento da superfície agrícola, enquanto a grande maioria, ou seja, os camponeses dispõem, para trabalhar, apenas de 4,2 por cento da área cultivável, que se traduz numa linguagem simples: muitíssima terra para poucos e demasiada pouca terra para muitos; b) no setor da saúde pública, para atender a cada 10 mil habitantes só existem menos de três médicos e a dotação hospitalar não alcança três leitos para cada mil habitantes; c) No setor do ensino, metade da população infantil, em idade escolar primária, não tinha escolas, e a situação era bem pior para os estágios secundários e superiores; d) desemprego: segundo estudos da Associação Nacional das Indústrias, em 1966, deveriam incorporar-se 225 mil jovens ao trabalho, e apenas lograram serviço 81 mil, ficando desocupados 144 mil. Os índices de desempregados davam-se nas principais cidades colombianas de Bogotá, Medelin e Cali, e o total do país nestas condições atingia 500 mil; e) Inversões em dólares com relação às inversões norte-americanas, anote-se que: por cada dólar de inversão direta privada se extraem anualmente 2,27 dólares entre dividendos e royaltes; somente em 1965, por cada dólar emprestado pelos Estados Unidos, a Colômbia deveria pagar US$ 1,50 por amortizações e juros, e entre 1951 e 1961 por cada dólar que os norte-americanos trouxeram ao país, obtiveram cerca de 4 dólares por efeito de intercâmbio não equivalente; f) outros fatores de aceleração revolucionária: fracasso do regime econômico, baseado na economia de lucro, e na exploração de um homem pelo outro, fracasso do regime político que causa violência, cujas vítimas são os mais humildes, e na Colômbia, como em toda a América Latina, a superestrutura política oscila entre as ditaduras personalistas e as democracias oligárquicas; e g) tomada de consciência pelo povo que o ordenamento em que vive é injusto. (1)

É diante desta realidade que CAMILO proclama a Revolução como única saída. E ao fazê-lo, fixa sua própria posição:

"Sou revolucionário, diz ele, como colombiano, como sociólogo, como cristão e como sacerdote:

"Como colombiano, *porque não posso estar alheio às lutas de meu povo.*

"Como sociólogo, *porque graças ao conhecimento científico que tenho da realidade, cheguei à convicção de que as soluções técnicas e eficazes não são alcançadas sem uma revolução.*

"Como cristão, *porque a essência do cristianismo é o amor ao próximo e somente pela revolução se pode conseguir o bem da maioria.*

"Como sacerdote, *porque a entrega ao próximo que a revolução exige é um* requisito de caridade fraterna, *indispensável para realizar o sacrifício da Missa, que não é uma oferenda individual, mas de todo o povo de Deus por intermédio de Cristo.*

Segundo CAMILO, ser revolucionário é:

"Ter consciência de que na Colômbia não se pode dar de comer, nem vestir ou morar às maiorias. Isto devido a que aqueles que detêm o poder constituem uma minoria econômica que domina o poder político, o poder cultural, o militar e, desgraçadamente, também o poder eclesiástico.

"É lutar contra as estruturas opressoras.

"É obter para os economicamente impossibilitados, educação para os filhos e acesso à cultura.

"É não transigir com a miséria.

"É reconhecer em todo homem todos os direitos que lhe correspondem.

"É não patrocinar o crime.

"É defender todo cidadão da opressão e da injustiça, sem distinção de credo ou opinião.

"É promover a união de todos os setores da infraestrutura.

"É não permitir que os exploradores rompam essa união.

"É repelir toda repressão injusta e toda tirania.

"É lutar pela integral elevação do homem.

"É comprometer-se profundamente, com base na justiça.

"É substituir os organismos colegiados inoperantes por organismos populares eficazes que visem o bem da comunidade.

"É apoiar os que lutam honradamente em favor do povo.

"É não se vender a troco de gratificações, recompensas, promessas e prebendas.

"É cumprir a ordem recebida.

"É rechaçar o imperialismo e qualquer tipo de colonialismo.

"É lutar por uma efetiva justiça social.

"É tornar real uma autêntica democracia, não dominada por grupos de pressão, entendidos estes como o conjunto minoritário de indivíduos que dispõem de todas as influências para as decisões do poder.

"É lutar contra a fome. Não se trata, pregava, de nos perdermos a discutir se a alma é mortal ou imortal. A única coisa que sabemos é que o homem, sim, é mortal.

"Pensava como Josué de Castro que 'vivemos uma justaposição de mundos antagônicos: um, onde as pessoas vivem em média setenta anos; outro, onde vivem trinta e cinco anos."

Na Colômbia, os reacionários têm pavor até da palavra revolução. A alta hierarquia do clero também condena a revolução.

Mas foi o próprio presidente americano Kennedy que previu que *"os que fazem impossível a revolução pacífica criam condições inevitáveis à revolução violenta"*. Surge aqui uma questão palpitante: pode um cristão ser revolucionário? E é G. Gusmam Campos quem afirma: *"A resposta é óbvia: em tese geral, não somente pode como deve sê-lo. O cristianismo foi e deve ser uma revolução. Continuará sendo, enquanto subsistirem condições de injustiça atentatórias contra os direitos da pessoa humana, enquanto hajam homens que exploram outros homens, povos que subjugam povos. Quando a maioria está oprimida, o cristão tem o dever de criticar e impugnar essa ordem e esse governo, tem que cristalizar-se em uma tomada de posição revolucionária"*.

A Frente Unida idealizada há tempos por CAMILO reúne os grupos de avanzada. Forma-se um movimento de Unidade Popular. Em 22 de maio de 1965 sai publicada a plataforma da mesma, cujos principais tópicos são:

"A todos os colombianos, aos setores populares, às organizações da Ação Comunal, aos Sindicatos, Cooperativas, Fundos Mútuos, Ligas Camponesas, Comuni-

(1) Demais considerações sobre o assunto estão no capítulo próprio, sobre Colômbia.

dades Indígenas e Organizações de Operários, a todos os inconformados, a todos os NÃO ALINHADOS NOS PARTIDOS POLÍTICOS TRADICIONAIS, apresentamos a seguinte plataforma para unificar em objetivos concretos os setores populares colombianos.

"MOTIVOS

"1 – As decisões necessárias, para que a política colombiana se oriente em benefício da maioria, e não da minoria, deverão partir daqueles que tiverem o poder.

"2 – Aqueles que atualmente possuem o poder real constituem uma minoria de caráter econômico, que produz todas as decisões fundamentais da política nacional.

"3 – Esta minoria nunca produzirá decisões que afetem seus próprios interesses, nem os interesses estrangeiros aos quais está ligada.

"4 – As decisões requeridas para um desenvolvimento sócio-econômico do país em função da maioria e no caminho da independência nacional afetam necessariamente os interesses da minoria econômica.

"5 – Essas circunstâncias tornam indispensável uma mudança da estrutura do poder político para que a maioria produza as decisões.

"6 – Atualmente a maioria rechaça os partidos políticos e rechaça o sistema vigente, mas não tem um aparelho político apto para tomar o poder.

"7 – O aparato político que se organizar, deve buscar ao máximo o apoio das massas, deve ter uma planificação técnica e deve ser constituído em torno dos princípios de ação, mais que em torno de um líder, para que se evite o perigo das camarilhas, da demagogia e do personalismo.

"OBJETIVOS

"I. Reforma Agrária

"A propriedade da terra será daquele que a estiver trabalhando diretamente.

"O governo designará inspetores agrários que entregarão títulos aos camponeses que estiverem nestas condições, mas procurará que a exploração seja por sistemas cooperativos e comunitários, conforme um plano agrário nacional, com crédito e assistência técnica.

"Não se comprará a terra de ninguém. Aquela que for considerada necessária para o bem comum será expropriada sem indenização.

"Os cabildos indígenas entrarão na posse real das terras que lhes pertencem. Promover-se-á o desenvolvimento e fortalecimento das comunidades indígenas.

"II. A Reforma Urbana

"a) Todos os habitantes de casas nas cidades e povoados serão proprietários da casa onde habitem. As pessoas que tiverem apenas a renda de uma casa como fonte de subsistência poderão conservá-la, embora não vivam nela, se provarem esta situação.

"b) Toda habitação sem utilização suficiente, a juízo do governo, trará multa para o proprietário, a qual será investida pelo Estado em seus planos de moradia.

"III. Planificação

"Far-se-á um plano de caráter obrigatório, tendente a substituir importações, aumentar as exportações e industrializar o país.

"Todo investimento público ou privado terá que se submeter ao plano nacional de investimentos. As operações em moedas estrangeiras serão feitas exclusivamente pelo Estado.

"IV. Política Tributária

"Cobrar-se-á um imposto progressivo àqueles que receberem rendas superiores às requeridas por uma família colombiana média, para viver dignamente (por exemplo, cinco mil pesos de renda em 1965). O excedente da renda acima deste limite que não for investido nos setores assinalados pelo plano oficial de investimentos passará integralmente para o Estado. Nenhuma instituição estará isenta do pagamento de impostos. Os salários, até certo limite (por exemplo, cinco mil pesos mensais em 1965) não serão gravados.

"V. Nacionalizações

"1. Os Bancos, Companhias de Seguros, Hospitais, Clínicas, Centros de fabricação e distribuição de drogas, os Transportes Públicos, o Rádio e Televisão e a exploração de recursos naturais serão do Estado.

"2. O Estado dará gratuitamente educação a todos os colombianos, respeitando a ideologia dos pais de família até terminar o ensino secundário, e a ideologia do estudante, depois do secundário.

"A educação será obrigatória até o término da educação secundária ou técnica. Haverá sanções penais para os pais que não cumprirem com a obrigação de fazer educar seus filhos. O financiamento será previsto no plano de investimento oficial, através de aumento de tributação.

"3. A propriedade do subsolo será do Estado e a exploração do petróleo será feita por sua conta, com o objetivo de servir à economia nacional.

"Não serão dadas concessões petrolíferas a companhias estrangeiras, exceto com as seguintes condições:

"a) que a participação da Estado não seja inferior a 70%;

"b) que a refinação, distribuição e produção de combustíveis sejam serviços públicos sob seu controle;

"c) devolução ao Estado das empresas, equipamentos e instalações, gratuitamente, o mais tardar aos 25 anos;

"d) os salários de operários e empregados colombianos serão no mínimo iguais aos dos estrangeiros na mesma categoria.

"VI – Relações internacionais.

"A Colômbia terá relações com todos os países do mundo e intercâmbios comerciais e culturais em condições de eqüidade e benefício mútuo.

VII. Segurança social e saúde pública

"O Estado implantará um plano integral e progressivo de segurança social, que garanta, gratuitamente à população, o direito à saúde e aos cuidados médicos (sem prejuízo do exercício privado da profissão) e contemple todos os aspectos relacionados com desemprego, invalidez, velhice e morte. Todas as pessoas das profissões relacionadas à saúde serão funcionários do governo e pagos de acordo com o número de famílias (até um limite que a lei fixará) que solicitem ficar sob seus cuidados.

"VIII. Política familiar

"Haverá sanções para os pais de crianças abandonadas. A proteção da mulher e dos filhos será assegurada pela lei, mediante sanções eficazes.

"*IX.* Forças armadas

"O orçamento das forças armadas será adequado a sua missão, sem afetar as necessidades de saúde e de educação dos colombianos. A defesa da soberania nacional estará a cargo de todo o povo colombiano. As mulheres terão obrigação de prestar um serviço cívico depois de 18 anos de idade.

"*X.* Direitos da mulher

"A mulher participará, em pé de igualdade com o homem, nas atividades econômicas, políticas e sociais do país."

Frente Unido (semanário), ano I, número I, 26 de agosto de 1965. Posteriormente apareceram outros textos com algumas adições. Não se pôde precisar ainda se, CAMILO deles tomou conhecimento prévio. Consta, sim, que não os desautorizou.

A reação é hostil, contrária e condenatória junto aos setores da oligarquia, dos dirigentes, do alto clero, dos governantes, da alta cúpula militar e da grande imprensa. Os demais segmentos da sociedade: progressistas, não alinhados politicamente, estudantes, operários, camponeses, sacerdotes e populares em geral acolhem favoravelmente e com grande respaldo e decisão de luta. O movimento da Frente Unida Del Pueblo chega ao clímax e toma a praça pública. Seu jornal semanal atinge tiragens extraordinárias. Coligados, todos os setores políticos de avanzada vêem próxima a realização de seus desejos patrióticos de mudanças.

Mas surgem deserções e discrepâncias internas, sendo isto pouco, diante da organização dos diversos setores da reação. Estes se unem contra o líder CAMILO e seus seguidores. O cardeal arcebispo de Bogotá afirma aos católicos que o padre CAMILO TORRES apartou-se conscientemente das doutrinas e diretrizes da Igreja Católica. CAMILO TORRES é demitido de todos os seus altos cargos na Universidade e transferido para um posto insignificante. CAMILO pede que seja liberado de suas obrigações clericais, para poder servir ao povo, no terreno temporal, e em 26 de junho de 1965 isto é concedido.

CAMILO chegou a pedir a expropriação dos bens da própria Igreja.

Alguns de seus companheiros e todos os reacionários acusam CAMILO de comunista, que explica a sua situação da maneira que vai abaixo, não sem antes dizer que *"preferia ser um idiota útil à revolução e não um idiota inútil da contra-revolução"*.

"Creio necessário que minhas relações com o Partido Comunista e sua posição dentro da Frente Unida fiquem muito claras perante o povo colombiano. Eu já disse que sou revolucionário como colombiano, como sociólogo, como cristão, como sacerdote. Considero que o Partido Comunista tem elementos autenticamente revolucionários e, portanto, não posso ser anticomunista nem como colombiano, nem como sociólogo, nem como cristão, nem como sacerdote.

"Não sou anticomunista como colombiano, porque o anticomunismo se orienta para perseguir a compatriotas inconformados, comunistas ou não, dos quais a maioria é gente pobre.

"Não sou anticomunista como sociólogo, porque nos programas comunistas para se combater a pobreza, a fome, o analfabetismo, a falta de moradias, e a falta de trabalho para o povo se encontram soluções eficazes e científicas.

"Não sou anticomunista como cristão, porque acredito que o anticomunismo acarreta uma condenação em bloco de tudo o que defendem os comunistas, e entre o

que eles defendem existem coisas justas e injustas. E ao condená-las em conjunto, nos exporemos a condenar igualmente o justo e o injusto, e isto é anticristão.

"Não sou anticomunista como sacerdote, porque entre eles pode haver muitos autênticos cristãos. Se estão de boa fé, podem ter a graça santificante, e se têm a graça santificante e amam ao próximo, eles se salvarão. Meu papel como sacerdote, embora não esteja no exercício do culto externo, é desejar que os homens se encontrem com Deus e, para isso, o meio mais eficaz é fazer com que os homens sirvam ao próximo, de acordo com sua consciência.

"Eu não penso em fazer proselitismo com os meus irmãos, os comunistas, tentando levá-los para que aceitem os dogmas e que pratiquem os cultos da Igreja. Pretendo, isto sim, que todos os homens atuem de acordo com suas consciências, busquem sinceramente a verdade e amem o próximo de forma eficaz.

"Estou disposto a lutar com os comunistas por objetivos comuns: contra a oligarquia e o domínio dos Estados Unidos, para a tomada do poder para a classe popular.

"Não quero que a opinião pública me identifique com os comunistas, e por isto sempre quis aparecer perante ela em companhia não somente deles, senão de todos os revolucionários independentes e de outras correntes.

"Não importa que a grande imprensa se obstine em apresentar-me como comunista. Prefiro seguir minha consciência, a submeter-me à pressão da oligarquia.

"Quando a classe popular tomar o poder, graças à colaboração de todos os revolucionários, nosso povo discutirá sobre sua orientação religiosa.

"O exemplo da Polônia nos mostra que se pode construir o socialismo sem destruir o essencial que existe no cristianismo. Como afirmava um sacerdote polonês: 'Os cristãos têm a obrigação de contribuir para a construção do estado socialista sempre e quando nos seja permitido adorar a Deus quando quisermos'." (2)

É ainda oportuno a transcrição de duas proclamações de CAMILO publicadas em *Frente Unido*, de 9 de setembro e 7 de outubro de 1965, respectivamente, e depois transcritas em *El Tiempo:*

"*MENSAGEM AOS MILITARES*

"Depois de verificar na cidade de Girardot o poder que 40 homens armados e disciplinados tinham contra uma multidão de 4 mil pessoas, tomei a decisão de fazer um veemente chamamento às forças armadas da Colômbia, para que tomem consciência do momento histórico que estamos vivendo e que se decidam a planificar desde agora as formas sob as quais deverão participar da luta revolucionária.

"Tenho visto em diversas ocasiões camponeses e operários em uniformes, dentro dos quais nunca encontrei elementos da classe dirigente, golpear e perseguir camponeses, operários e estudantes, que representam a maioria dos colombianos. Nem entre os suboficiais nem entre os oficiais, com raras exceções, encontrei membros da oligarquia. Todos aqueles que contemplarem o contraste entre a maioria colombiana clamando pela revolução e uma pequena minoria militar, reprimindo o povo, têm que se perguntar que razões levam estes elementos do povo a perseguir seus semelhantes.

"Não podem ser as vantagens econômicas. Todo o pessoal das forças armadas é muito mal pago. Aos militares não é permitido, em geral, estudar algo que lhes facilite uma vida fora do exército. Quando chegam ao posto de major, procuram comprar uma casa de esquina para abrir uma loja com a qual possam subsistir em sua aposentadoria. Tenho visto generais e coronéis conseguindo vagas de professores de educação física em colégios de segundo grau e de vendedores de seguros. Os soldos

(2) Jornal *Frente Unido*, dia 2 de setembro de 1965.

do pessoal em serviço ativo são reduzidos, mas os do pessoal aposentado o são ainda mais. Este pessoal não recebe cuidados médicos nem nenhuma outra vantagem econômica. Contudo, sabemos que a terça parte de nosso orçamento nacional é consagrada às forças armadas. Como é óbvio, o orçamento de guerra não é consagrado ao pagamento dos militares colombianos, mas, sim, a comprar a sucata que os Estados Unidos nos vendem, à manutenção de elementos materiais e à alimentação da repressão interna, na qual os colombianos matam seus próprios irmãos.

"Pode ser que o motivo para que os militares assim ajam, seja a dedicação às leis, à constituição e à pátria. Mas a pátria colombiana consiste principalmente de seus homens, e a maioria destes sofre e não desfruta do poder. A constituição é violada constantemente ao não dar trabalho, propriedade nem liberdade ou participação no poder a um povo que deve ser, de acordo com a constituição, aquele que decide sobre os assuntos públicos no país. A constituição é violada quando se mantém um estado de sítio depois de terem cessado as causas que foram o pretexto para sua declaração. As leis são violadas quando se detêm os cidadãos sem ordem de captura, quando se retém a correspondência, quando se impede os cidadãos de transitar pelas ruas, quando os telefones são controlados e se mente e se engana para perseguir os revolucionários.

"Talvez seja necessário informar mais os militares sobre o lugar onde estão a pátria, a constituição e as leis, para que não creiam que a pátria é formada pelas 24 famílias que atualmente protegem, pelas quais dão seu sangue e das quais recebem tão má remuneração.

"Talvez o motivo principal de os militares continuarem sendo o braço armado da oligarquia seja a falta de oportunidades nos outros campos da atividade humana existentes na Colômbia. Os militares devem compreender que quando a revolução triunfar, a economia será planificada, as escolas, os colégios e as universidades serão abertas a todos os colombianos e não somente a eles, mas também seus filhos terão a oportunidade de empregos remunerativos e carreiras liberais. Enquanto perdurar o inimigo reacionário, existirá um exército para defesa da minoria privilegiada, e não para a defesa do povo. Os sacrifícios que se fizerem então serão para construir a pátria, e não para destruí-la.

"A honra das forças armadas não será manchada pelo capricho da oligarquia e dos lacaios que tenham as forças armadas a seu serviço. Não veremos mais generais de três sóis destituídos por terem falado de reformas de estrutura e de grupos de pressão. Não veremos mais generais que têm uma origem de classe média expulsos por contrabando, com escândalo público, enquanto os superiores da classe alta ou relacionados com a oligarquia colombiana fazem um contrabando que consegue manter oculto, contrabando que vai frontalmente de encontro aos interesses do país e contra a soberania nacional . . .

"Militares: a Frente Unida promete-lhes unificar a classe popular e organizá-la para a tomada do poder. Não deixem de comparecer ao encontro no campo de batalha, onde daremos o golpe mortal a essa oligarquia que oprime a todos os colombianos, que os oprime como nos oprime."

"MENSAGEM AOS CAMPONESES

"De acordo com o censo, a população camponesa diminuiu. Todavia, neles se considera que a população que vive nos centros de mais de 1.500 habitantes é população urbana. Na realidade, não é assim. Podemos dizer que a maioria da população colombiana é população rural.

"Além da quantidade, o mais importante é que a maior contribuição à renda nacional é feita pelos camponeses. 90% das exportações são agrícolas (café, banana, tabaco, açúcar). Sem agricultura, não teríamos jeito de importar máquinas nem a comida que nos falta. Infelizmente, a contribuição dos camponeses, como tudo neste sistema, só serve para uns poucos. Aqueles que controlam as Federações (de cafeicultores, de cotonicultores, de bananicultores, de fumageiros, etc.) e a United Fruit, *e aqueles que controlam os bancos (especialmente o Banco da República) concentram todos os lucros. Os lucros que sobram para o governo são empregados no que ele chama de 'funcionamento', isto é, para empregados (que duplicaram, para conservar a velha paridade) e comprar armas velhas para matar os camponeses que deram o dinheiro para comprá-las.*

"O contraste entre a importância econômica e social dos camponeses e o tratamento que recebem do presente sistema é manifestamente escandaloso. A violência tem sido principalmente camponesa. O governo foi o iniciador da violência: desde 1947 ele a produziu, primeiro, com a polícia e com o exército depois de 1948.

"Os oligarcas liberais pagavam os camponeses liberais e os oligarcas conservadores pagavam os camponeses conservadores para que os camponeses se matassem entre si. Aos oligarcas não fizeram um arranhão. Quando essa oligarquia não necessitou mais deles, declarou-os bandoleiros, 'caçou-os' como feras e depois, quando os assassinou, publicou as fotos de seus cadáveres na primeira página da grande imprensa, fazendo alarde do triunfo obtido em nome da paz, da justiça e da legalidade.

"Essa violência governamental financiada pelas oligarquias ensinou depois muitas coisas aos camponeses: ensinou-lhes a reconhecer na oligarquia seu verdadeiro inimigo. Primeiro, ensinou-lhes a fugir; depois, ensinou-lhes a defender-se e mais tarde ensinou-lhes a atacar para obter o que as oligarquias obtinham com a violência: fazendas, colheitas, gado, poder. Estas coisas que o sistema não lhes dava. Pelo contrário, os camponeses têm os salários mais baixos, o menor número de escolas, as piores moradias, e as menores possibilidades de progredir.

"Quando acabaram com os chefes notórios, restaram zonas camponesas controladas pelos próprios agricultores.

"A política repressiva dos Estados Unidos, imposta por seus governantes aos governantes colombianos, não podia permitir zonas 'suspeitas', embora fossem pacíficas. O exército necessitava aumentar sua importância para mostrar que era necessário e aumentar seu orçamento.

"O governo diz que os camponeses iniciaram a violência. Os camponeses dizem que foi o governo. Na França, intelectuais de todas as correntes, depois de terem investigado, dizem que os camponeses têm a razão.

"Quero desafiar o governo a que peça, se se atreve, uma comissão investigadora das Nações Unidas, constituída por países neutros (O Egito, a Índia e o Chile, por exemplo), para que julguem os casos de Marquetália, Pato, Guayabero e Rio Chiquito.

"Sabemos da semelhança do desembarque dos marines *em Santo Domingo com os desembarques do exército colombiano, dirigidos pela missão militar norte-americana, nas 'repúblicas independentes'.*

"Estes desembarques continuarão. Ontem, em Rio Chiquito; amanhã, Sumapaz; depois de amanhã em El Ariari e Los Llanos. O exército começa com a ação cívico-militar e termina com os bombardeios; começa arrancando dentes e acaba metendo bala. Os camponeses já sabem que os militares levam uma mão à frente com o pão e outra atrás com o punhal. A 'república dependente' da Colômbia continuará obedecendo os norte-americanos para destruir a sangue e fogo as outras repúblicas de colombianos independentes. Assim o decretou a Câmara norte-americana. Nossos camponeses já sabem a que se ater. Já sabem para que se têm

que preparar. Eles não se lançam a uma aventura, mas não fogem da luta. Já a oligarquia, com o estado de sítio, retirou o povo das praças públicas. Já o persegue com metralhadoras em recintos fechados, como em Medellin. Quando a vida se tornar impossível na cidade, temos que ir para o campo. E do campo não poderemos lançar-nos ao mar. Lá, teremos que resistir. Para isso o campesinato deve se preparar. Organizando agora os comandos da Frente Unida com grupos de cinco ou de dez. Purificando a zona de traidores da causa do povo. Fazendo depósitos de comida e de roupa. Preparando-se para essa luta prolongada. Não se deixando provocar, nem apresentar resistência quando as condições forem desfavoráveis para o povo.

"A oligarquia continuará reafirmando nos camponeses a convicção de que têm que apoiar as forças revolucionárias. Por que não acabaram com a guerrilha de Simacota? Unicamente devido ao apoio dos camponeses.

"Quando a oligarquia não deixar outro caminho, os camponeses terão que dar refúgio a nós, revolucionários urbanos, aos operários e estudantes.

"No momento, devem-se unificar e organizar para receber-nos, com o objetivo de empreender a longa luta final".

EM ÚLTIMA INSTÂNCIA

CAMILO TORRES estava despojado de muitas de suas posições, algumas delas privilegiadas para sua condição de revolucionário. A repressão governamental era grande contra CAMILO e seus seguidores. Em outubro, não consegue realizar um grande comício em plena praça Bolívar, de Bogotá. CAMILO, de fato, reuniria cem mil pessoas, entretanto, tropas das forças armadas intervieram. CAMILO ainda tinha grande prestígio junto às massas, mas a Frente Unida, por divergências entre os esquerdistas, não ia muito bem. Neste projetado comício, CAMILO é atingido e se salva porque seus companheiros o escondem em um edifício no centro da cidade. O governo e outros grupos reacionários fazem ofertas para que CAMILO mude de atitude e transacione. CAMILO, certa vez, já tinha dito que o dia em que tudo isso acontecesse, e que acabasse a possibilidade de luta nas cidades, seguiria para as montanhas. Já se sabia que CAMILO tinha compromissos prévios com os guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional.

Nesta época e circunstância, CAMILO tinha três caminhos a seguir: a) asilar-se em uma embaixada; b) permanecer em Bogotá e esperar ser preso e processado ou ser assassinado como o foi outro grande líder popular Jorge Eliecer Gaitan, ou c) ir-se logo às montanhas e cumprir entendimentos com o ELP. Assim ele o fez, mas de maneira precipitada, sem concluir uma série de preparações, de deixar inclusive uma retaguarda muito forte e organizada nas cidades. Quando CAMILO pela primeira vez visitou as guerrilhas, afirmou: *"estou impressionado pela vida destes rapazes, por sua decisão de luta, por sua organização, por sua convicção. Neles encontrei os mesmos ideais que persigo com a Frente Unida. Querem a unificação da base camponesa sem diferenças religiosas, nem de partidos, sem caudilhismo. Estão identificados com o propósito de libertar o povo das explorações oligárquicas e imperialistas e não largar as armas enquanto o poder não passe às mãos do povo. De acordo com seus objetivos, aceitam a plataforma da Frente Unida".*

A única maneira então de CAMILO alcançar de uma vez por todas seus objetivos e seus ideais eram as guerrilhas. Conseqüente com a necessidade de uma revolução autêntica e convencido de que seu trabalho na cidade tinha terminado, resolve dar a prova máxima de seu compromisso total, e marcha para a guerrilha, reafirmando a luta armada como a única maneira eficaz para liquidar o poderio das oligarquias. (3)

Por que escolheu CAMILO a região de São Vicente de Chucuri e não outra? Situada no centro do país, cercada de trabalhadores das indústrias petrolíferas, gente de clara consciência democrática, cenário de violência em épocas passadas e local de um grupo guerrilheiro – o ELN – integrado por elementos do mais alto nível cultural do que simples camponeses, com possibilidade de contacto com diversos focos insurgentes, foram fatores que incidiram em sua determinação.

Que levava CAMILO consigo? Realmente, nada de material. Porém, em troca, algo que era a razão de sua vida: Fé e esperança em seu povo. Não retrocede em seus compromissos. Tinha chegado La hora del testimonio.

No início de 1966, chega às redações dos principais jornais colombianos, a que seria a última proclamação de CAMILO:

"Nas motanhas, janeiro de 1966.

"Colombianos:

"Durante muitos anos os pobres de nossa pátria, têm esperado a voz de combate para lançar-se à luta final contra a oligarquia.

"Nos momentos em que o desespero do povo chegou ao extremo, a classe dirigente sempre encontrou uma forma de enganar o povo, distraí-lo, apaziguá-lo com novas fórmulas que dão sempre no mesmo: o sofrimento para o povo e o bem-estar para a classe privilegiada.

"Quando o povo pedia um chefe e o encontrou em Jorge Eliécer Gaitán, a oligarquia o matou. Quando o povo pedia paz, a oligarquia semeou a violência no país. Quando o povo já não agüentava mais a violência e organizou as guerrilhas para tomar o poder, a oligarquia inventou o golpe militar para que as guerrilhas, iludidas, se entregassem. Quando o povo pedia democracia voltou-se a enganá-lo com um plebiscito e uma Frente Nacional que lhe impunha a ditadura da oligarquia.

"Agora o povo já não acreditará nunca mais. O povo não crê nas eleições. O povo sabe que as vias legais estão esgotadas. O povo sabe que só resta a via armada. O povo está desesperado e resolvido a arriscar a vida para que a próxima geração de colombianos não seja de escravos. Para que os filhos dos que agora querem dar sua vida tenham educação, teto, comida, roupa e, sobretudo, DIGNIDADE. Para que os futuros colombianos possam ter uma pátria própria, independente do poderio norte-americano.

"Todo revolucionário sincero tem que reconhecer o caminho armado como o único que resta. Todavia, o povo espera que os chefes, com seu exemplo, e com sua presença, dêem a voz de combate.

"Quero dizer ao povo colombiano que este é o momento. Que não o atraiçoei. Que percorri as praças dos povoados e cidades, caminhando pela unidade e organização da classe popular, para a tomada do poder. Que tenho pedido que nos dediquemos a estes objetivos até a morte.

---

(3) Em 18 de outubro disse CAMILO *"Tengo que hacer um viage largo y penoso. No sé si volvere a Bogotá. Los revolucionarios tenemos que dar hasta la própria vida. No me puedo estar más aqui. El ejército ya lo sabe todo. Sabe mi invucalicón con el Ejército de Liberación Nacional. Yo no queiro que me maten como a Gaitán en la carrera 7ª, sino que me maten en el monte. Porque a Gaitán lo mataron en la ciudad y su muerte no mostro ningún camino. Mientras que si a mi me matan en el monte, mi muerte si señala un caminho. El ejército nos es tan estúpico como para ponerme preso porque aí so sería más poligroso. Mes ies vuelvo un problema"*

"Tudo já está preparado. A oligarquia quer organizar outra comédia eleitoral, com candidatos que renunciam e voltam a aceitar; com comitês bipartidários; com movimentos de renovação à base de idéias e de pessoas que não apenas são velhas mas traíram o povo. O que mais esperamos, colombianos?

"Incorporei-me à luta armada. Nas montanhas colombianas penso seguir a luta com as armas na mão, até conquistar o poder para o povo. Incorporei-me ao Exército de Libertação Nacional, porque nele encontrei os mesmos ideais da Frente Unida. Encontrei o desejo e a realização de uma unidade pela base, a base camponesa, sem diferenças religiosas nem de partidários tradicionalistas. Sem nenhum ânimo de combater os elementos revolucionários de qualquer setor, movimento ou partido. Sem caudilhismos. Que busca libertar o povo da exploração das oligarquias e do imperialismo. Que não deporá as armas enquanto o poder não estiver nas mãos do povo. Que em seus objetivos aceita a plataforma da Frente Unida.

"Todos nós, colombianos patriotas, devemos pôr-nos em pé de guerra. Pouco a pouco irão surgindo chefes guerrilheiros experimentados em todos os rincões do país. Enquanto isso, devemos estar alertas. Devemos recolher armas e munições. Procurar treinamento guerrilheiro. Conversar com os mais íntimos. Reunir roupas, provisões e remédios para preparar-nos para uma luta prolongada.

"Façamos pequenos trabalhos contra o inimigo, nos quais a vitória seja segura. Experimentemos aqueles que se dizem revolucionários. Descartemos os traidores. Não deixemos de atuar, mas não nos impacientemos. Numa guerra prolongada todos deverão atuar em algum momento. O que importa é que nesse exato momento a revolução nos encontre preparados e prevenidos. Não é necessário que todos façamos tudo. Devemos repartir o trabalho. Os militantes da Frente Unida devem estar na vanguarda da iniciativa e da ação. Tenhamos paciência na espera e confiança na vitória final.

"A luta do povo deve se transformar numa luta nacional. Já a começamos, porque a jornada é longa.

"Colombianos: Não deixemos de responder ao chamado do povo e da revolução.

"Militantes da Frente Unida: Tornemos nossas palavras de ordem uma realidade.

"Pela unidade da classe popular, até a morte!
"Pela organização da classe popular, até a morte!
"Pela tomada do poder para a classe popular, até a morte!
"Até a morte porque estamos decididos a ir até o final.
"Até a vitória; porque um povo, desde que se entrega até a morte, sempre consegue a vitória.
"Até a vitória final, com os lemas do Exército de Libertação Nacional:
"Nem um passo atrás . . . Libertação ou morte!

CAMILO TORRES RESTREPO

"Pelo Exército de Libertação Nacional

FABIO VÁSQUEZ CASTAÑO
VÍCTOR MEDINA MORÓN (4)"

CAMILO se constituía então um elemento perigoso para a perduração da ordem imperante, dadas as suas imensas qualidades de líder, com possibilidades reais de polarizar um considerável contigente guerrilheiro que, dissiminado em regiões estratégicas, daria continuidade a uma luta árdua e difícil e de complicações graves ao governo colombiano.

(4) *Publicado no jornal El Espacio*, de 7 de janeiro de 1966.

As Forças Armadas regulares – pelo Ministério de Defesa Nacional – lançam também um manifesto público, que considera CAMILO TORRES e o Exército Guerrilheiro de Libertação Nacional uma espécie de perigo para a estabilidade do país, pois a *"organização está dirigida por elementos extremistas com propósitos definidos de impor a revolução comunista pela força"*.

CAMILO estava em plena selva, em plena montanha, como um simples guerrilheiro, e com pouquíssima experiência. Toma parte em alguns combates, e as forças de reação decidem intensificar e redobrar a perseguição a CAMILO e seus companheiros. Em 15 de fevereiro, em uma vereda dos Andes, no local El Carmen em Pátio Cemento, município de São Vicente, em uma emboscada, CAMILO cai morto sob as balas da V brigada do exército colombiano. Na refrega, são mortos mais outros quatro guerrilheiros e o comunicado militar nº 007 afirmava ainda que: *"o fuzil modelo M-1, calibre 30, sob o número 5 088 554 foi encontrado nas mãos de quem posteriormente foi identificado como* JORGE CAMILO TORRES RESTREPO, *com sinais tecnicamente comprovados de ter sido disparado momentos antes de sua captura"*.

CAMILO morreu na luta. Tinha empreendido a larga viagem penosa que falou antes de ir-se para as montanhas. Sabia como Sacha Yogulev, o personagem atormentado de Andreyev que *"quando a alma de um grande povo sofre, as almas nobres e puras devem ir ao sacrifício"*.

O Exército de Libertação Nacional, após a morte de CAMILO produziu o seguinte manifesto:

"Com profunda dor e concentrado rancor contra as classes oligárquicas, o Exército de Libertação Nacional informa ao povo colombiano e aos revolucionários do mundo inteiro, a morte do grande líder revolucionário, sacerdote CAMILO TORRES RESTREPO, ocorrida a 15 de fevereiro do presente ano, em um fatal combate entre nossas forças e destacamentos punitivos do exército vende-pátria da 'frente nacional'. Neste encontro, nossos heróicos combatentes enfrentaram valentemente as armas oficiais, causando-lhes numerosos mortos e feridos, confiscando-lhes várias armas de longo alcance, equipamento militar variado e repelindo uma vez mais os intentos de aniquilamento total, levados a cabo pelo exército oficial. Entretanto, tivemos a irremediável perda de cinco valorosos patriotas, entre os quais caiu o insubstituível CAMILO *abatido pela fuzilaria reacionária, juntamente com outros aguerridos companheiros que procuraram resgatá-lo da zona de perigo.*

"Este novo crime da violência oficial é o resultado da ação punitiva contra os esforços grandiosos que nosso povo realiza, para sacudir o jugo oprobrioso da oligarquia e do imperialismo norte-americano, vendo-se obrigado a ofertar o sangue de seus melhores filhos no altar dos interesses pátrios.

*"*CAMILO *morreu como um herói, consciente de que os chefes devem dar o exemplo. Nunca aceitou tirar o corpo do perigo. Conhecia os riscos da guerra e os aceitou, convencido de que sua eventual morte seria uma centelha, talvez a decisiva, do incêndio que o povo colombiano começou a desatar, com ódio e decisão, contra as forças governamentais que sustentam um sistema de injustiça e ignomínia.*

"Nós, que procuraremos ser herdeiros legítimos de seu pensamento e grandeza humana, queremos ressaltar ante as massas populares seu sacrifício. Dele temos muitas coisas a aprender. Sua vida foi diáfana e pura. A seu profundo cristianismo, que ele entendia e praticava como um amor sem limites aos pobres, aos explorados e oprimidos, como uma entrega total, à luta por sua libertação, uniu a concepção científica da guerra revolucionária, como único meio eficaz para desenvolver

a luta libertadora até as últimas conseqüências. Morreu empenhado em dirigir o povo para a tomada do poder, só morreu fisicamente. Seu cadáver foi ultrajado a pontapés pelos assassinos governamentais. Prova disso são as equimoses faciais aparecidas nas fotos da imprensa. O povo fará com que paguem este ato de miserável sevícia.

"Mas seu pensamento se agiganta com seu martírio. A justeza de suas teses toma corpo progressivamente na consciência dos trabalhadores. Como tributo à sua memória, faremos a Unidade Popular, na qual tanto insistiu, uma realidade viva o mais cedo possível. Milhares de camponeses, operários, estudantes, profissionais liberais e pessoas honradas preencherão, com sua presença física e moral, o posto que o combatente herói deixou nas fileiras do ELN. *Nossa força crescerá pujantemente guiada pelo norte do grande espírito de* CAMILO. *Sua lembrança encheu nossos corações de decisão combativa e de ódio aos esbirros da oligarquia. Nosso povo fará os culpados da morte de seu grande dirigente morder o pó. Junto a ele, redobraremos nosso afã de luta até a vitória final, porque, como nos ensinou* CAMILO, *'um povo que luta até a morte sempre consegue a vitória'.*

"Camponeses: *a unidade pela base, base camponesa, sem diferenças religiosas, nem de partidos tradicionais, será conseguida, reforçando as unidades combatentes do ELN.*

"Estudantes e intelectuais: *Vossas lutas deixarão de ser estéreis quando estiverem estreitamente ligadas aos esforços dos combatentes guerrilheiros.*

"Operários: *Em vossas mãos e organização classista está a decisão final da luta social-libertadora que sacode o país.*

"Oficiais, suboficiais e soldados: *Cessai vossa ação repressiva. Não sirvais de instrumento assassino da oligarquia e de seu governo antinacional. Não mancheis vossas mãos com o sangue puro daqueles que, como* CAMILO *procuram apenas fazer digna nossa pátria.*

"Sacerdotes: *Tomai o martírio de* CAMILO *como exemplo sublime de um amor ao próximo, que tudo doa e nada reclama para si. Ponde-vos também ao lado do povo na luta contra seus opressores!*

"Por último, conclamamos todas as organizações populares a exigirem, energicamente, até reconquistá-lo das garras de seus assassinos, o corpo de nosso querido dirigente. Façamos de seu túmulo um Monumento Nacional.

"Pela unidade da classe popular, até a morte!
"Pela organização da classe popular, até a morte!
"Pela tomada do poder para a classe popular, até a morte!
"Nem um passo atrás . . . libertação ou morte!
"Nas montanhas, fevereiro de 1966.

Exército de Libertação Nacional
FABIO VÁSQUEZ CASTAÑO
VÍCTOR MEDINA MORÓN (5)"

LOUVOR A QUEM FOI FIEL COM SEUS IDEAIS

CAMILO ainda hoje é exaltado no mundo todo, e tem sido objeto de livros e comentários dos mais diversos. O general Álvaro Valência Tovar, que na época era comandante da brigada, em cuja jurisdição morreu CAMILO, escreveu, em outubro de 1976, um volume de 257 páginas sobre o *Final de Camilo*, lamentando os desígnios do destino que o levaram a ser, precisamente, aquele que deveria enfrentar

(5) Editada no jornal *Insurrecion* (número especial) 1º de março de 1966.

CAMILO. (6) Valência, refutou os que lhe atribuíram a morte de CAMILO e tributou uma homenagem de admiração e simpatia ao extinto, com o qual tinha amizade. Relatou ainda o enterro escondido, em plena selva, e a posterior exumação, para a sepultura definitiva, com discrição e sigilo, próprios de um segredo de estado, no mais alto nível. O médico, Dr. Fernando Torres, segundo ainda o autor, visitou o túmulo de seu irmão CAMILO, em outubro de 1975, declarando-se satisfeito com o local.

"Razões para entender porque CAMILO *é 'germinal'?*
"Porque não foi um farsante.
"Porque foi inconformado diante da miséria.
"Porque foi leal com suas idéias.
"Porque não foi um revolucionário de ocasião.
"Porque foi autêntico.
"Porque teve o valor de enfrentar os exploradores do povo, com hostilidade total.
"Porque foi uma idéia em ação e foi conseqüente com ela.
"Porque foi um iluminado grito de justiça.
"Porque teve a coragem de pensar com liberdade.
"Porque se decidiu.
"Porque mais do que um homem, era uma causa.
"Porque foi a resposta ao grito da América Latina.
"CAMILO *não morreu.*
"Ele é o grande símbolo da nova América Latina.
"Com ele nasce uma esperança.
"CAMILO *sonhou, vibrou, se rebelou, lutou, caiu com a grandeza de quem não atraiçoa jamais suas idéias. E por ser consciente com elas, determinou sua morte.*
"A cada hora manteve com o povo uma atitude vital de compromisso como sacerdote, como cristão e como revolucionário.
"Com a morte de CAMILO *se inicia algo. Seu sacrifício acalenta a esperança no surgimento do homem novo da América Latina.*
"Porque CAMILO *é espírito, vida, vibração, honestidade, exemplo, presença, acusação, marcha e destino.*
"Está predestinado a ser o grande profeta de um mundo que surgirá.
"Símbolo da grande esperança dos homens que na América Latina querem ser livres.
"Esperança que cresce e se traduz em viver, pensar e atuar para a libertação.
"Garantia da autenticidade que a América Latina requer, sem mistificações. Porque a revolução deste continente ou é da América Latina ou não é nada.
"Nada a fará culminar senão o dimensionamento em favor dos deserdados.
"Nisto está o dinâmico simbolismo de CAMILO.
"Símbolo antes do que mito. Realidade antes da legenda.
"A este levitã revolucionário e guerrilheiro, se considera como um caso insólito e único na América Latina de hoje." (7)

(6) Esta alta patente militar colombiana é autor de diversos livros sócio-políticos; foi destituído surpreendentemente em 1975, quando desempenhava as funções de comandante geral das Forças Armadas Colombianas.

(7) G. Gusman Campos, aqui já citado, em livro sobre a política colombiana, publicado em 1968, naquele país.

Capítulo 5

COMANDANTE CHE GUEVARA

ERNESTO GUEVARA DE LA SERNA

Este é o nome completo de quem, na história universal, passou a ser conhecido, admirado, considerado e respeitado como CHE GUEVARA ou simplesmente CHE. A palavra Che é um americanismo de dupla significação: interjeição utilizada para exprimir alegria, admiração, conforme *Enciclopédia Universal Ilustrada*, Edição Espasa-Calpe, de Madrid, ou então simplesmente quer dizer: amigo, chapa, companheiro, camarada. E nos dois sentidos, estão bem aplicadas ao nosso herói. TETE era o seu apelido familiar, e na adolescência os seus amigos o chamavam de EL CHANCHO.

CHE GUEVARA nasceu em Rosário, na Argentina, em 14 de junho de 1928. Mas ele sempre explicou e, notadamente, em uma assembléia da ONU ao responder a um diplomata inexperiente que: *"Nasci na Argentina, isso não é segredo para ninguém. Sou cubano e também sou argentino e, se não se ofenderem as ilustríssimas senhorias da América Latina, sinto-me tão patriota da América Latina, de qualquer país da América Latina, como o maior deles e, no momento em que for necessário, estarei disposto a entregar minha vida pela libertação de qualquer um dos países da América Latina, sem pedir nada a ninguém . . ."*

Filho do arquiteto Ernesto Rafael Guevara Lynch, de ascendência hispano-irlandesa (1). Sua mãe, a professora Célia de la Serna Guevara lhe ministrou a educação primária em seu próprio lar. (2) Era de berço aristocrata pelos dois lados, e

(1) O pai de CHE GUEVARA ainda está vivo e reside em Cuba desde 1973. Escreveu importante livro sobre seu filho, livro este que contém notas de viagem de CHE GUEVARA, além de 50 cartas escritas por ele a sua família.

(2) Celia de La Serna foi sempre uma revolucionária. Em 1964, combatendo a ditadura argentina, chegou a ser processada pelo governo. Morreu a 19 de maio de 1965, em Buenos Aires, e, antes, quando sua saúde tinha se agravado, seus familiares foram cortezmente convidados a retirá-la do hospital. Os donos argumentaram que a presença da mãe de um chefe revolucionário poderia arruinar a reputação dos mesmos.

sua família teve sempre posição econômica, apesar de alguns altos e baixos, devido a diversas crises.

Quatro seriam os irmãos de CHE GUEVARA, a mais velha: Célia, arquiteta; Roberto, advogado; Ana Maria, arquiteta e Juan Martin, o mais novo, delineante.

Aos dois anos, CHE GUEVARA começou a sofrer de asma e isso durou toda a sua vida, mas jamais prejudicou sua trajetória coruscante. Sua família chegou a procurar um clima que fosse melhor para ele e mudou-se para a estação balneária de Alta Gracia (Córdoba), mas sua saúde não teve alteração.

Desde novo, era um leitor voraz e como encontrava na biblioteca de sua casa, Marx, Lênin, Engels, Freud, leu tudo isto antes mesmo de ingressar na escola secundária, no ano de 1941, no Colégio Nacional Dean Funes, onde se sobressaiu em história, literatura e esportes (3).

Na sua primeira mocidade, deixou-se impressionar pelos refugiados republicanos-socialistas da Guerra Civil Espanhola e por uma longa série de sórdidas crises políticas, na Argentina, que culminaram num tipo de esquerda fascista de Juan Domingos Peron, de quem os Guevara de la Serna eram adversários. Esses acontecimentos incutiram no jovem CHE GUEVARA um profundo desprezo pela pantomima da democracia parlamentar burguesa, ódio pelos políticos e militares, pela oligarquia capitalista e, acima de tudo, pelo capitalismo imperialista. Entretanto, ele tomou pouca parte nos movimentos revolucionários estudantis e mostrava pouco interesse pela política na Universidade de Buenos Aires, onde estudava Medicina, desde 1945, data em que a família fixaria residência, em definitivo, na capital Argentina.

Mas já era um jovem audaz, tinha uma falta total de medo ao perigo e uma grande segurança em si mesmo e independência em suas opiniões.

Em 1949, fez a primeira de suas viagens de bicicleta pelo interior da Argentina e entrou em contacto com os restos de tribos índias que viviam na mais extrema pobreza e em 1951, depois de haver prestado seus penúltimos exames, empreendeu uma jornada mais extensa, acompanhado de seu amigo Alberto Granados e trabalhando no que aparecia, para fazer frente às despesas. Visitou o sul da Argentina, o Chile, onde conheceu Salvador Allende; o Peru, onde trabalhou por mais de um mês no Leprosário de San Pablo, província de Iquitos, nas divisas do Amazonas; a Colômbia ao tempo de *La Violência*, onde foi preso, mas logo solto; visitou ainda a Venezuela, onde se fixou seu amigo Granados, e para onde CHE pretendia voltar, e Miami, nos Estados Unidos.

Quando voltou para casa, prestou os exames finais na Faculdade, apresentando tese sobre alergia, mas já estava certo de que não seguiria a carreira de clínica geral, como médico da classe média. Depois de formado, resolveu especializar-

(3) Resumidamente as leituras preferidas de CHE GUEVARA, foram: a) na literatura mundial – Cervantes, *D. Quixote de la Mancha;* Goethe, *Fausto;* Julio Verne; Jack London, *O amor da vida;* Papini, *Gog e Magog;* J.Fucik, *Escrito sob o patíbulo;* Fadeev, *A Jovem Guarda:* (lidas estas duas últimas no México, em 1954). b) literatura hispano-americana – Alejo Carpentier, *O Século das Luzes;* José Hernandez, *Martin Fierro;* Jorge Icaza, *Huasipungo;* (lido em 1954, exerceu profundo impacto sobre CHE, livro que descreve a exploração brutal e desumana dos camponeses índios pelo senhores da terra, aliados do imperialismo); Pablo Neruda, *Canto General;* c) Marxismo-Leninismo – Todas as obras de Marx, de Lênin, de Trótski, algumas de Stálin; Mao Tsé-Tung, *Escritos Militares* (lidos na Sierra Maestra); Giap, *Guerra do Povo, Exército do Povo.* CHE GUEVARA escreveu a introdução para a edição cubana em 1964 e está contida no livro *Textos Revolucionários*; Otto Kuusinem *Manual do Marxismo-Leninismo;* d) Economia Política - *Manual de Economia Política*, da Academia de Ciências da URSS; *A Economia Política do Desenvolvimento*, Paul Baran; *Formas de Métodos da planificação socialista*, de Charles Bettelheim; *Tratado de Economia Marxista*, de E. Mendel; *O Império da Alta Finança*, de E. Perlo; e) Autores da América Latina: Simón Bolivar FIDEL CASTRO, Jesus Silva Herzog, Gabriel Del Mazzo, José Marti, f) Diversos – Clausewitz, *Da Guerra;* Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra.*

se em dermatologia; seguindo logo para La Paz, e lá, durante a Revolução Nacional, a condenou como oportunista. Deixa de ir para a Venezuela, onde estava Granados, atendendo o conselho de Ricardo Rojo, que lhe disse: *"lá só serve para se juntar dólares, vá para a Guatemala, onde está se fazendo uma verdadeira revolução."* Lá ele ganha seu sustento com artigos que escrevia na imprensa sobre viagens e arqueologia das ruínas Incas e Mayas. Embora já fosse marxista convicto, recusou-se a ingressar no Partido Comunista, conquanto isso significasse a perda de uma oportunidade para um cargo de médico do governo.

Sobre a Guatemala, CHE GUEVARA acentuou certa vez: *"Nunca ocupei cargos, no governo de Arbenz, porém quando se produziu a invasão norte-americana tratei de formar um grupo de homens como eu para fazer frente aos aventureiros da* United Fruit. *Na Guatemala era necessário lutar e quase ninguém lutou."*

Foi na Guatemala que CHE GUEVARA viu muito bem como funcionava a repressão à revolução e firmou-se na sua convicção de que só uma insurreição armada poderia ser bem sucedida na América Latina.

Foi também na Guatemala que veio a conhecer a socióloga e economista peruana, Hilda Galdea, com a qual aperfeiçoou em muito seus conhecimentos políticos. Hilda Galdea era uma funcionária do INFOP, Instituto criado por Arbernz, com o fim de fomentar a produção tanto rural quanto industrial, e uma jovem de traços exóticos, descentende de avós índios e chineses.

Com a derrota do governo esquerdista de Arbenz, CHE GUEVARA e Hilda foram para o México, em setembro de 1954. Lá trabalhou pouco tempo no Hospital Geral do México e lá também casou-se com Hilda, no verão de 1955, sendo RAUL CASTRO o seu padrinho, e deste matrimônio nasceu Hildita, em 15 de fevereiro de 1956. Esteve também na Costa Rica e voltou ao México. (4)

No México, agruparam-se os jovens revolucionários cubanos exilados, que iriam mudar em parte os destinos deste continente. (CHE GUEVARA já estava se entrosando com os mesmos.) (5)

UM DOS HERÓIS DA GUERRILHA CUBANA

No México, CHE GUEVARA alternava seu trabalho profissional de médico com apaixonadas reuniões revolucionárias. Nos primeiros meses de 1956 trava contactos definitivos e prolongados com FIDEL CASTRO. E é o próprio *CHE* que explicou ao seu amigo jornalista Jorge Masetti, alguns anos após: *"Falei com FIDEL toda uma noite e, ao amanhecer, eu já era o médico de sua futura expedição. Na realidade depois da experiência vivida através de minhas caminhadas por toda América Latina e da conclusão na Guatemala, não demoraria muito para me decidir a entrar em qualquer revolução contra um tirano, porém* FIDEL *me impressionou como um homem extraordinário. As coisas mais impossíveis eram as que enfrentava e resolvia. Tinha uma fé excepcional em que uma vez que saísse para Cuba chegaria, que uma vez lá chegando iria lutar e que lutando iria vencer".*

Em junho, seu nome aparece pela 1ª vez na imprensa cubana, juntamente com outros futuros guerrilheiros ligados aos preparativos de FIDEL CASTRO no México. Inicialmente CHE GUEVARA iria como médico, mas em pouco tempo

(4) Foi no México, em 1954, que CHE GUEVARA leu *O Capital*, de Marx, pela primeira vez, relendo-o em 1963, durante o grande debate econômico. Chamava-o um monumento da inteligência humana.

(5) O primeiro escrito político de CHE GUEVARA deu-se em 1954, no México, e tinha o título: "Eu vi a queda de Jacob Arbenz".

tornou-se um importante comandante das guerrilhas, sendo um dos mais eficientes, agressivos e sinceros de todos os oficiais e o mais ativo na educação leninista que dava a seus companheiros, e um disciplinador apurado. (6)

Eis os principais aspectos da atuação de CHE GUEVARA na Guerrilha Cubana, extraídos do livro *TEMPO DE CHE* (Uma cronologia completa de sua vida, organizada pelo Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, Havana; e que apareceu como Apêndice do Vol. 9 de suas Obras Completas: *Por Uma Revolução Internacional*, publicadas no Brasil pelas Edições Populares).

"1956- 25 de novembro. No rio Tuxpan embarcam a bordo do iate Granma *que traz 82 expedicionários para libertar Cuba.*

"2 de dezembro. O Granma *chega às costas cubanas e o desembarque se realiza em* Belic, playa das Coloradas. *Durante toda a travessia sofre horrivelmente de asma, agravada pela constante maresia.*

"4 de dezembro. 'Tardamos várias horas em sair dos pântanos, quando chegamos em terra firme, dávamos cambaleios, constituíndo um exército de sombras, de fantasmas que caminhavam como que seguindo algum mecanismo psíquico. Tinham sido sete dias de fome e de maresia contínuas durante a travessia, somados a três dias mais horríveis em terra(. . .)' (CHE: El desembarco del Granma, *de Nuñez Jimenes,* Geografia de Cuba, *2ª edição, pág. 572).*

"5 de dezembro(. . .) 'pela madrugada, depois de uma marcha noturna interrompida por desmaios e fadigas e os descansos da tropa, alcançamos um local denominado paradoxalmente por Alegría de Pío (. . .) Às quatro horas daquela tarde (. . .) tive a desagradável impressão de receber em meu corpo o batismo simultâneo de fogo e sangue.' (Idem, *pág. 575)* CHE *é ferido com alguma gravidade no pescoço.*

"20 de dezembro. CHE, ALMEIDA e o pequeno grupo sobrevivente logram reunir-se com FIDEL. *Eram um total de 17 homens os que restavam do desembarque do* Granma.

"1957 – 17 de janeiro. Ataque a La Plata. *Primeira vitória do Exército Rebelde.*

" 'Surpreendemos um posto do exército de 12 a 15 homens, que se renderam após uma hora de luta. Naqueles momentos, uma hora de luta era uma hora de tremendos sofrimentos' (. . .) FIDEL *e eu, técnicos atiradores de 'mirilla' tínhamos 70 balas cada um, 25 de fuzis automáticos, 15 fuzis de ferrolho' (*Idem, *pág. 576).*

"27-28 de maio. Combate e vitória em Uvero. *'Esta batalha foi a mais exasperada de quantas tinham se realizado no curso da guerra: dos 120 a 140 homens que participaram, 40 tombaram fora da luta. ' (*Idem *págs. 577).*

"CHE, embora designado médico da tropa rebelde, participa do combate.

"Como médico tornei-me encarregado de sete feridos, que ficaram a meu cargo'.

"5 de junho. CHE é nomeado comandante da Quarta Coluna. (Na realidade, a segunda; a primeira era manobrada pelo próprio FIDEL.

"Me senti o homem mais orgulhoso da terra neste dia. O símbolo de minha nomeação foi uma pequena estrela que foi dado por Célia (. . .)'.

"30 de agosto. Participa do combate de Él Hombrito.

"29 de novembro. Dirige as operações de Mar Verde *contra as tropas de Sanchez Mosquera. No curso do combate, cai mortalmente ferido* CIRO REDONDO.

"1958 – Julho. A vida se organiza nos territórios libertados. CHE dispõe de

(6) As demais referências sobre a participação de CHE GUEVARA na história da guerrilha cubana estão no capítulo especial sobre Cuba.

meios de ação novos para ele. FERNANDEZ MELL recorda: 'Uma parte do tra jeto até Las Villas *fizemos em um Jeep e como estava chovendo, o caminho era ruim e CHE cortava os atalhos e desfiladeiros com muita disposição, porém com pouca perícia e somente me dizia: quando chegarmos, vou te contar algo. E efetivamente, quando descemos, me afirmou que era a primeira vez que dirigia'* (La Sierra . . .) Granma, *28 de novembro de 1976).*

"21 de agosto. "Ordem Militar. O comandante CHE GUEVARA *tem a missão de conduzir desde a Sierra Maestra até a província de las Villas uma coluna rebelde e operar no referido território, de acordo com o plano estratégico do próprio Exército Rebelde.*

"A coluna número 8 que se destina a este objetivo leva o nome de CIRO REDONDO, *em homenagem ao heróico capitão rebelde, morto em ação e promovido postuamente a Comandante. Esta coluna partiu de 'Las Mercedes' entre 24 e 30 de agosto.*

"O Comandante ERNESTO GUEVARA *é nomeado chefe de todas as unidades rebeldes do Movimento 26 de julho, que operam na província de Las Villas, tanto em zonas rurais, como urbanas e lhe são outorgados poderes para arrecadar e dispor de gastos de guerra, as contribuições que estabelecem as disposições militares, aplicar o Código Penal e as Leis Agrárias do Exército Rebelde em território onde operam suas forças; coordenar operações, planos, disposições administrativas e organização militar com outras forças revolucionárias que operam nesta província, inclusive as que serão enviadas para integrar um só Corpo do Exército na redobração e unificação do esforço militar da Revolução; organizar unidades locais de combate e designar oficiais do Exército Rebelde até o grau de Comandante de Coluna.*

"A Coluna número 8 tem como objetivo estratégico bater incessantemente inimigos no território central de Cuba e interceptar até sua total paralização os movimentos de tropas adversárias por terra, desde o Ocidente até o Oriente, e outros que oportunamente lhe serão ordenados. a) FIDEL CASTRO RUZ, *Comandante Chefe'.*

"31 de agosto. '(. . .) Iniciamos a marcha sem caminhões e cavalos, esperando encontrá-los logo ao cruzar a rodovia de Manzanillo a Bayamo. Efetivamente, cruzando-a encontramos os caminhões; mas, também em 1º de setembro, houve um feroz ciclone que inutilizou todas as vias de comunicação, salvo a Rodovia Central, (. . .) obrigando-nos a rejeitar os transportes em veículos. Dever-se-ia utilizar cavalos desde este momento, ou se ir a pé. (. . .)'

"Sucederam-se dias que já se tornavam perigosos apesar de estarmos no território amigo do Oriente; cruzando rios, transbordando canais de se molhar o equipamento. (. . .)

"Caminhamos por terrenos difíceis, terrenos alagados, sofrendo-se o ataque de mosquitos que se tornavam insuportáveis nas horas de descanso; comendo pouco e mal, bebíamos água de rios pantanosas ou simplesmente de pântanos. Nossas jornadas começaram a dilatar-se e tornaram-se verdadeiramente horríveis.

" . . .Entretanto, no lugar conhecido por La Federal, a nossa vanguarda caiu numa emboscada inimiga, morrendo dois valorosos companheiros (. . .)

"O guerrilheiro tinha esquecido que também era médico, porém a dura realidade da guerra se lhe impõe de novo:

" 'Já pela tarde, combatendo com reforços, ferem DARCIO GUTIÉRREZ *no ventre. Eu e* CHE *começamos a operá-lo, porém tinha o fígado despedaçado e uma grande quantidade de perfurações no intestino. Já tínhamos extirpado uma parte, quando nos lembranos do fígado e decidimos costurá-lo . . .; é bom explicar*

que não usamos anestesia, primeiro porque não a tínhamos – somente local – e segundo, não sofreu muito por estar em estado de choque' (Comandante FERNANDEZ MELL, Obra Citada).

*"(. . .) Agora devíamos marchar com muito cuidado em virtude da aviação conhecer nossa rota aproximada (*Che, Sierra Maestra: da Guerrilha ao Poder, *Vol. 4 das Obras Completas de Che, Edições Populares).*

"11 de setembro. **Laguna Grande.** *As tropas enviadas por CHE fazem junção com as de CAMILO que também se dirige a* Las Villas e Ocidente.

"Seguimos avançando com melhores cavalos do que CAMILO. Tomamos alguns caminhões, porém temos que abandoná-los nas imediações de Macareño.

"Nossa vanguarda se encontra com tropa inimiga e começa a agitada batalha (. . .) O panorama, no dia seguinte, era menos desolador, pois apareceram vários guerrilheiros atrasados e logramos reunir toda a tropa, menos dez homens que se incorporaram com CAMILO *(. . .)*

"Outubro. *'Passamos os dias mais duros, cercados nas imediações de Baraguá, em pântanos pestilentos, sem nenhuma gota d'água potável, atacados continuamente pela aviação (. . .) Nossa situação era realmente desastrosa ao sairmos trabalhosamente do cerco de Baraguá e chegarmos à famosa vereda de Jucavo a Morón, local de evocação histórica (. . .) apenas uma única visão à distância animou os sonhadores e infundiu novo espírito na guerrilha. Essa visão foi uma mancha azul que vinha do Ocidente, a mancha azul do maciço montanhoso de Las Villas, visto pela primeira vez por nossos homens.'*

"A dez Kms. de Sancti Spirtus *a coluna faz contato com uma patrulha do Diretório.* FAURE CHAUMON *recorda este fato em publicação na revista* Verde Olivo, *12-XII-1965, pág. 65, dizendo do espanto de* CHE *por confundi-los com inimigos e depois sua alegria 'já podemos estar tranqüilos ao ver vocês, porque sabemos que já não se pode haver denúncias nesta região'.*

"16 de Outubro. A coluna CIRO REDONDO *chega a* Sierra Escambray.

"O comandante FERNANDEZ MELL, *que foi um dos companheiros desta jornada escreveu:*

"'(. . .) O grande mérito, o artífice, o construtor desta façanha, não resta dúvidas, foi o chefe da Coluna, ERNESTO CHE GUEVARA, *que com seu exemplo, sua direção, sua fé no triunfo, suas ordens sempre precisas e seu sacerdócio em cumprir a missão de* FIDEL, *era inspiração de todos; sua personalidade e sua autoridade estavam sempre presentes nas consciências de todos nós, essa segurança que ele tinha e sabia transmitir nos fazia sentir confiantes (. . .) quando alguém lhe propunha seguir para o norte, ele sempre contestava que, todavia, não era o momento, que por enquanto ter-se-ia que pelejar contra a natureza para chegar a Escambray e que uma vez ali, haveria tempo para fazê-lo. O tempo lhe deu razão. O descanso foi de dois dias, porque imediatamente devíamos prosseguir nosso caminho e estar em disposição de impedir as eleições que deveriam efetuar-se em 3 de novembro (. . .) O tempo era curto e a tarefa enorme.'*

"21 de outubro. Encontro de CHE *com os chefes das guerrilhas do Diretório, em* El Algarrabo. FAURE CHAMOM *relata:* CHE *se deteve num lugar onde tínhamos uma escola para crianças camponesas (. . .) Quando chegamos (. . .) todos descansavam sobre o solo, formando um círculo ao redor da escola. Era um belo espetáculo (. . .) diante de nossos olhos apareciam com os trajes e sapatos destroçados, porém conservado intacta a presença combativa de revolucionários.*

CHE *levantou-se, servindo o gesto para identificá-lo. Estreitamos as mãos e conversamos. Perguntamos porque não tinha se acomodado com seus homens na escola, e ele respondeu que a escola estava muito bonita e podia desarrumar-se'.* (Verde-Olivo, *pág. 12-XII-1965).*

"26 de outubro. Ataque e tomada do quartel de Miranda.

*"Novembro (. . .) Fomos fechando gradualmente as rodovias (. . .) a ilha estava dividida em duas partes (. . .) os sintomas de decomposição do inimigo aumentavam (*Idem, *Che).*

"15-18 de dezembro. Ataque e tomada da cidade de Fomento. *'A partir de 16 de dezembro, a destruição sistemática de pontes e todo tipo de comunicação tinham colocado a ditadura em situação difícil, para defender seus pontos avançados e até mesmo a rodovia Central'.*

"23 de dezembro. Ataque e tomada da cidade de Cabaiguam, *na Rodovia Central.*

*"*CHE *é ferido no abdômem e no braço, tendo até que ser engessado, o que fez com que realizasse o resto da campanha de* Las Villas *nestas condições.*

"25 de dezembro. Ataque e tomada da cidade de Placetas. *Libertação da cidade de* Remédios y Caibarien, *na costa norte de* Las Villas.

"28-31 de dezembro. Batalha de Santa Clara.

"Quando saímos da sala de operações, onde se atendia o VAQUERITO, *nesse momento entrava* CHE. *Ao perguntar mais com os olhos do que com palavras, lhe manifestei minha opinião. Não recordo exatamente se ele entrou para vê-lo ou não, porém me disse dando um chute na porta da clínica: Mataram cem homens (*FERNANDEZ MELL, *Obra Citada).*

"1959. 1º de janeiro. Tomada de Santa Clara.

"2 de janeiro. A coluna de CHE *entra em* Havana *e ocupa a fortaleza de* La Cabana.

"16 de janeiro. Havana. *Primeiro discurso pronunciado depois do triunfo da Revolução, no ato, em sua honra, organizado pelo Colégio Médico.*

"9 de fevereiro. Por lei da Revolução é declarado cidadão cubano por nascimento, segundo o precedente estabelecido para Máximo Gómes."

UM DOS GOVERNANTES DA ILHA REVOLUCIONÁRIA

Nos primeiros tempos, após a vitória, CHE GUEVARA faz diversas conferências e discursos sobre a Revolução Cubana.

Em 2 de junho de 1959, após o divórcio de sua primeira mulher, contrai, na cidade de Havana matrimônio com sua companheira de lutas na Sierra de Escambray, a professora ALEIDA MARCH DE LA TORRE, sem festas, sendo um dos pouco participantes-convidados, RAUL CASTRO. E deste casamento nasceram os seguintes filhos: Aleidita (Aliucha) a 25 de novembro de 1961; Camilo (em homenagem ao seu grande amigo) a 10 de setembro de 1962; Celia (Celita) a 14 de junho de 1963; Ernesto (Ernestito) a 24 de fevereiro de 1965. (7)

Levando representação do governo revolucionário, vai em longa viagem para a África e Ásia, e neste continente visita inclusive o Japão e a Indonésia; e na Europa aporta também na Iuguslávia.

Em 7 de outubro de 1959, é designado, por FIDEL, chefe do Departamento de Indústrias, sem com isto abandonar suas obrigações nas Forças Armadas Revolucionárias e, quase dois meses após, é nomeado pelo Conselho de Ministros

(7) Era grande o afeto de CHE GUEVARA por seus filhos. No *Diário da Guerrilha Boliviana,* escrito na campanha da Bolívia, há referências a todos os aniversários dos mesmos, sendo que, quando de sua derradeira despedida de Cuba, lhes escreveu uma emocionante carta. ALEIDA MARCH hoje é alta funcionária do governo e, geralmente, representando a memória de CHE GUEVARA comparece a muitas solenidades oficiais em Cuba.

como Presidente do Banco Nacional de Cuba, com responsabilidade total sobre as finanças do país. E nos últimos meses de 1960, à frente de delegação comercial cubana, visita a União Soviética, a Checoslováquia, a China e a República Democrática da Coréia.

Quando da criação do Ministério da Indústria, é indicado como seu primeiro ocupante, em fevereiro de 1961.

E na ocorrência da invasão dos mercenários na Playa Girón, ocupa seu posto de comandante nas FAR, sendo ferido acidentalmente.

Teve, na Conferência de Punta del Este, no Uruguai, de 10 a 17 de agosto de 1961, destacada atuação, e em nome do governo revolucionário cubano denuncia a Aliança para o Progresso, como uma manobra do imperialismo, nos seus propósitos neocolonialistas na América Latina.

No regresso, visita a Argentina, reunindo-se com o presidente Frondizi, por mais de duas horas. E em 19 de agosto, de passagem por Brasília, é condecorado pelo Presidente Jânio Quadros, em cerimônia improvisada e rápida, com a elevada Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Nas principais cidades do Brasil, nesta ocasião, estudantes e operários comemoram ruidosa e festivamente nas ruas a visita de CHE GUEVARA (8).

Em 1962, passa a integrar a alta direção nacional das Organizações Revolucionárias; empreende uma segunda viagem à União Soviética, presidindo delegação econômica e, por ocasião do primeiro aniversário do governo da Argélia, visista este país (julho de 1963), e é deste ano também um seu importante pronunciamento aos jovens latino-americanos: *"As guerras de libertação constituem um catalizador da consciência coletiva. Em qualquer país subdesenvolvido há uma classe que é a mais despossuída, que não é o trabalhador industrial. É o trabalhador agrícola, o camponês (. . .) Esse é o maior fermento revolucionário . . . Esta geração, que fez aparecer o milagre do surgimento da Revolução Socialista, a uns passos do imperialismo norte-americano, tem que pagar a glória com sacrifício. Tem que sacrificar-se dia a dia para construir um futuro com esforço. Este futuro, que vocês querem, estes que vocês sonham, em que todos os meios, toda a técnica vão estar à disposição de vocês para que os transformem, lhes dêem o sopro vital, se me permitem essa frase um pouco idealista, e os coloquem a serviço do povo.(. . .) Ademais, nunca devemos esquecer que a Revolução Cubana, pela força de seu exemplo, não atua só aqui, internamente, e que seus deveres estão mais além das fronteiras de Cuba; o dever de expandir a chama ideológica da Revolução por todos os rincões da América, por todos os rincões do mundo, onde imperam as misérias, as explorações e as injustiças."* IN: Por Uma Revolução Internacional, *vol. 9 das Obras Completas, Edições Populares.*

No ano de 1964, preside a delegação cubana à Conferência da ONU sobre comércio e desenvolvimento, e por ocasião do 47º aniversário da Revolução Soviética de Outubro, esteve à frente de delegação oficial cubana, e seu último ato deste período foi representar Cuba à Assembléia anual das Nações Unidas, expondo o pensamento da Revolução Cubana: "(. . .) *já está soando a hora para se postergar o colonialismo e milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina se levantam ao encontro de uma nova vida e impõem seu irrestrito direito à autodetermina-*

(8) A visita e condecoração de CHE GUEVARA ao Brasil causou grande polêmica. O presidente Jânio Quadros foi duramente atacado pelos reacionários brasileiros e teve pelo fato sério atrito como embaixador americano no Brasil. Alguns dias depois, Quadros renunciou à presidência, denunciando forças ocultas a lhe embaraçar a administração.

ção e ao desenvolvimento independente de suas nações. (. . .) De todos os problemas candentes que se deve trazer nesta Assembléia, um dos quais para nós tem particular significação e, cuja definição, cremos, deve fazer-se em forma que não deixe dúvidas a nada, é o da coexistência pacífica entre estados de diferentes regimes econômicos e sociais. Muito se tem progredido no mundo neste campo; porém, o imperialismo norte-americano – sobretudo – tem pretendido fazer crer que a coexistência pacífica é de uso exclusivo das grandes potências da terra. Nós expressamos aqui o mesmo que o nosso Presidente falou no Cairo, e que depois foi confirmado na declaração de Chefes de Estados e de Governos de Países não Alinhados: que não pode haver coexistência pacífica entre poderosos, sem pretender assegurar a paz mundial. A coexistência pacífica deve exercitar-se entre todos os estados independentemente de seu tamanho, das anteriores relações históricas que os ligarem e dos problemas que se suscitarem entre alguns deles, em um dado momento (. . .) o imperialismo trata de impor sua versão do que deve ser a coexistência; são os povos oprimidos em aliança com o campo socialista, os que devem ensinar qual é a verdadeira Revolução e é obrigação das Nações Unidas apoiá-los. (. . .) Nossos olhos livres se abrem hoje a novos horizontes e são capazes de ver o que outrora nossa condição de escravos coloniais nos impedia de observar que a civilização Ocidental esconde debaixo de sua vistosa fachada um quadro de ienas e chacais.

"(. . .) Nós queremos construir o socialismo, nós temos declarado dentro do grupo dos países não alinhados, apesar de sermos marxistas-leninistas, porque os não alinhados, como nós lutam contra o imperialismo. Queremos paz, queremos construir uma vida melhor para o nosso povo, e por isto evitamos ao máximo cair nas provocações maquinadas pelos ianques, porque conhecemos a mentalidade de seus governantes; querem fazer-nos pagar muito caro o preço desta paz. Nós contestamos que este preço não mais adiante das fronteiras da dignidade."

CHE GUEVARA termina seu discurso repetindo os parágrafos finais da Segunda Declaração de Havana: *"(. . .) Agora este povo anônimo, esta América de calor, sombria, taciturna, que canta em todo o continente com uma mesma tristeza e desengano, agora este povo é que começa a entrar definitivamente na própria história, começa a escrever com seu sangue, começa surgir e morrer; porque agora os campos e as montanhas da América, por suas terras e suas selvas, entre a solidão e o movimento das cidades, nas costas dos grandes oceanos e rios, se começa a causar temor neste mundo cheio de corações com desejos ardentes de morrer pelo que é seu, de conquistar seus direitos quase quinhentos anos burlados por uns e por outros. Agora sim, a história terá que contar com os pobres da América, com os explorados e vilipendiados, que decidiram começar a escrever eles mesmos, para sempre, sua história.*

"E já se vê pelos caminhos um dia e outro, a pé, em marcha sem término de centenas de quilômetros (. . .) e se vê levando seus cartazes, suas bandeiras, seus símbolos, fazendo-as desfraldar ao vento, por entre as montanhas e ao largo dos campos. E este ímpeto de estremecido rancor de reclamação pela justiça, de direito pisoteado que se começa a levantar por entre as terras latino-americanas, esse ímpeto não parará jamais, e irá crescendo cada dia que passa. Porque esse ímpeto é formado pela maioria em todos os aspectos, os que acumulam com seu trabalho as riquezas acreditam nos valores, fazem andar as rodas da história e que agora despertam do sonho embrutecedor a que tinham sido submetidos. Porque esta grande humanidade disse: Basta! e começou a andar. E sua marcha, de gigantes, não se deterá até conquistar a verdadeira independência pela qual já morreram mais de uma vez inutilmente. Agora, em todo o caso, os que morreram como os de Cuba, os de Playa Girón, morreram por sua única, verdadeira e irrenunciável independência".

Março de 1965 marca o fim de sua atuação e carreira brilhante, contudo relativamente rápida no Governo Revolucionário Cubano. Havia procedido visitas no Congo, Ghana, Dahomey, Tanzânia, Egito e Argélia, onde assiste a sessões do II Seminário Econômico das Organizações de Solidariedade Afro-Asiática. E no seu regresso, em companhia do capitão OSMANI CIENFUEGOS, em meados deste mês, é recebido pelos maiorais do governo. Vão dar-lhe as boas vindas FIDEL CASTRO, Osvaldo Dorticos, então presidente, os dirigentes políticos Carlos Rafael Rodrigues, Emílio Aragonés, diversos ministros e sua esposa. É também desta época o seu admirável trabalho: O Homem Cubano e o Socialismo, escrito para o jornal *Marcha*, a pedido do seu editor Aníbal Quijano; quando foi publicado em Cuba, CHE já estava fazendo a guerrilha da Bolívia. Este foi também o seu último trabalho publicado em vida, está contido no livro *Revolução Cubana*. (9)

CHE GUEVARA sempre foi um lídimo procurador do governo revolucionário cubano, e agiu em nome de FIDEL CASTRO. E assim é que certa vez, ao responder indagações de jornalistas americanos, nestes termos: *"Comandante* GUEVARA, *você é provavelmente o mais importante expoente da guerra de guerrilhas no Hemisfério Ocidental e você falou que os problemas Revolucionários na América Latina se resolvem com balas, muito melhor do que com discursos e votos (. . .)", e* CHE *respondeu que: "Em primeiro lugar (. . .) não sou o expoente das guerrilhas neste Hemisfério. Eu diria que este expoente é o próprio* FIDEL, *líder de nossa Revolução e que tem o papel mais importante de nossa Revolução e que tem também o destaque mais atuante na direção da luta revolucionária e na estratégia do governo cubano."*

A CAMPANHA E A MORTE NA BOLÍVIA

Por que foi rápida a carreira de CHE GUEVARA no governo de Cuba? Porque ele sabia e cumpria à risca o dever do revolucionário, que é dar seqüência à Revolução: CHE não era homem de gabinete, e sim de ação, de luta prática e real. Certa vez, declarou que não iria morrer na cama, e com caráter testamentário tinha também escrito: *"Que importa onde a morte nos irá surpreender! Que ela seja benvinda, desde que nosso grito de guerra seja ouvido, que uma outra mão se estenda para empunhar nossas armas e que outros homens se levantem para entoar os cantos fúnebres em meio ao creptar das metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória!".*

CHE GUEVARA tinha que seguir sua vocação. Deveria cumprir os planos aos quais se impusera. E quanto à guerrilha boliviana de 1967, sabe-se hoje que CHE GUEVARA a considerava precisamente como a primeira etapa de uma revolução continental, com outras ramificações. A Mensagem ao Povo Através da Tricontinental, contida no seu livro *Por Uma Revolução Internacional*, divulgada em maio de 1967, é um atestado disto tudo, e ele não ignorava de modo algum que a própria revolução latino-americana não era senão uma parte de um movimento mais amplo, do imenso movimento dessa humanidade que disse basta, e se pôs em marcha. O interesse de CHE GUEVARA pela dimensão mundial da guerra contra o

(9) As obras de CHE GUEVARA estão em todos os continentes e em diversas línguas. Na Argentina Obras Completas, da Editora Del Plata, Buenos Aires, 1968; no México Obra Revolucionária, Editora Era, 1968; em Cuba, CHE, Instituto do Livro, Havana, 1969, e obras-Ernesto Che Guevara – 1957/1967, Casa de Las Américas. No Brasil, a partir de 1978, editaram-se esparsamente, algumas de suas obras. As Edições Populares, de S.Paulo, está acabando de editar, em dez volumes, as Obras Completas do CHE.

No acampamento de Ñancahuazú, foi também aprisionado um manuscrito de CHE GUEVARA, sobre Economia Política da América Latina, que seria o seu último livro.

imperialismo, desenvolveu-se nas inúmeras viagens que empreendeu pelos países do Terceiro Mundo.

CHE GUEVARA tinha decidido que iria pelejar de novo, em gesto de renúncia e sacrifício que não tinha igual na história. Havia chegado para ele o momento necessário e se julgava na disposição de entregar sua vida pela libertação de qualquer país da América Latina. Este país resultou ser a Bolívia, um dos mais dolorosos e explorados da região.

Mas antes de chegar à Bolívia, CHE GUEVARA esteve no antigo Congo Belga, em pleno coração da África, de agosto de 1965 a março de 1966, participando de vários combates, ao lado dos guerrilheiros de Pierre Mulele e Gaston Soumilat, contra os mercenários brancos de Moses Chombe.

No decorrer de 1965, são divulgadas três emocionantes cartas de CHE GUEVARA (contidas no livro *Cartas*, Vol. 2 das Obras Completas – Edições Populares):

PRIMEIRA: AOS FILHOS

"Meus queridos Hildita, Aleidita, Camilo, Célia e Ernesto:

"Se algum dia vocês lerem esta carta, vai ser porque eu já não estarei mais com vocês.

"Quase não lembrarão de mim, e os mais pequenos não lembrarão nada.

"Seu pai foi um homem que age como pensa e, certamente, foi leal às suas convicções.

"Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito, para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza. Lembrem que a Revolução é o mais importante, e que cada um de nós, sozinho, não vale nada.

"Sobretudo, sejam capazes sempre de sentir profundamente qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. É a qualidade mais bela de um revolucionário.

"Até sempre, filhinhos, espero vê-los ainda. Um beijo grande e um abraço do Papai."

SEGUNDA: AOS PAIS

"Queridos velhos:

"Mais uma vez sinto sob os calcanhares as costelas de Rocinante, volto aos caminhos empunhando minha lança.

"Faz mais ou menos dez anos, eu lhes escrevia outra carta de despedida. Segundo me parece lembrar, eu lamentava não ser melhor soldado e melhor médico; a segunda coisa já não me interessa, e creio que não sou um soldado tão ruim.

"Nada mudou na essência, a não ser que agora estou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e apurado. Acredito na luta armada como a única solução para os povos que lutam pela libertação e sou conseqüente com as minhas convicções. Muitos dirão que sou um aventureiro, e sou de fato, só que um tanto diferente, sou daqueles que arriscam a vida para demonstrar suas verdades.

"Pode ser que desta vez seja a definitiva. Não procuro isso, mas está dentro do cálculo lógico de probabilidades. Se for assim, vai o meu último abraço.

"Amei-vos muito; apenas não soube expressar meu carinho, sou muito rígido nas minhas atitudes e penso que às vezes não fui bem entendido. Não era fácil entender-me. No entanto, peço-vos que acreditem no que digo hoje.

"Agora, uma força de vontade, que trabalhei com deleite de artista, sustentará umas pernas fracas e um par de pulmões cansados. Hei de conseguir.

"Lembrem, uma vez ou outra, deste pequeno condottiere *do século XX. Um beijo para Célia, Roberto,* JUAN MARTÍN *e Patotin, Beatriz, todos. Um grande abraço do filho pródigo e teimoso para vocês.*

ERNESTO".

TERCEIRA: A FIDEL CASTRO

Carta escrita, possivelmente, em 1º de abril e lida por FIDEL em 3 de outubro de 1965.

"Havana. Ano da Agricultura.

"FIDEL:

"Lembro-me nesta hora de muitas coisas, de quando te conheci na casa de Maria Antónia, de quando você me propôs ir junto, de toda a tensão dos preparativos.

"Um dia alguém passou perguntando quem deveria ser avisado em caso de morte, e a possibilidade real do fato golpeou-nos a todos. Depois soubemos que era verdade, que numa Revolução ou se vence ou se morre (se ela for verdadeira). Muitos companheiros ficaram ao longo do caminho para a vitória.

"Hoje tudo tem um tom menos dramático porque já amadurecemos, mas o fato é o mesmo. Sinto que cumpri a parte de meu dever que me ligava à Revolução Cubana em seu território e me despeço de ti, dos companheiroos, de teu povo que já é meu.

"Demito-me formalmente de meus postos na Direção do Partido, do meu cargo de Ministro, de minha patente de Comandante, de minha condição de cubano. Nada legal me liga a Cuba, apenas laços de outro tipo, que não se podem romper como as atribuições.

"Fazendo um rápido balanço de minha vida passada, creio haver trabalhado com suficiente honestidade e dedicação, para consolidar a vitória revolucionária. Minha única falta, de certa gravidade, foi não haver confiado mais em ti desde os primeiros momentos de Sierra Maestra e não haver entendido com rapidez suficiente tuas qualidades de líder e revolucionário. Vivi dias maravilhosos e senti ao teu lado o orgulho de pertencer ao nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe.

"Poucas vezes brilhou mais alto um estadista quanto naqueles dias, orgulho-me também de haver seguido teus passos sem vacilações, identificado com a tua maneira de pensar e de ver e de apreciar os perigos e os princípios.

"Outras terras do mundo reclamam o concurso de meus modestos esforços. Eu posso fazer aquilo que te é negado pela tua responsabilidade à frente de Cuba e chegou a hora de separar-nos.

"Saiba-se que faço isso com um misto de alegria e de dor; deixo aqui o mais puro das minhas esperanças de construtor e os mais amados dentre meus entes queridos . . . e deixo um povo que me admitiu como um filho; isso dilacera uma parte de meu espírito. Nos novos campos de batalha carregarei a fé que me inculcaste, o espírito revolucionário de meu povo, a sensação de cumprir com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja; isto reconforta e cura sobejamente qualquer ferida.

"Digo mais uma vez que libero Cuba de qualquer responsabiliade, salvo a que emanar de seu exemplo. Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para ti. Agradeço aquilo que me ensinaste e teu exemplo, ao qual tentarei ser fiel até as últimas conseqüências dos

meus atos. Digo que sempre me identifiquei com a política externa da Revolução e que assim permaneço. Que no lugar onde eu estiver sentirei a responsabilidade de ser revolucionário cubano e agirei como tal. Que não deixo aos meus filhos e minha mulher nada de material e isto não me aflige: alegra-me que assim seja. Que não peço nada para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e educar-se.

"Teria muitas coisas a dizer, a ti e ao nosso povo, mas sinto que são desnecessárias, as palavras não podem exprimir o que eu sinto, e não vale a pena sujar mais papel.

"Até a vitória sempre. Pátria ou Morte!

"Abraça-te com todo o fervor revolucionário

CHE"

O escritor e amigo de CHE GUEVARA, Ricardo Rojo, assim se expressou sobre a decisão do grande revolucionário de lutar na Bolívia: "CHE *decidiu voltar a seu velho sonho de levantar os povos da parte sul da América Latina, instalando-se na Bolívia, no norte argentino ou no sul do Peru. A operação era, em essência, a mesma que seu amigo* MASSETTI *levara com fracasso em 1964.* GUEVARA *estudou os informes sobre a Argentina, o Peru e a Bolívia. Em Buenos Aires, continuava o governo do pacífico médico centrista Arturo Illía e, embora a situação começasse a carregar-se de ameaças, o clima não parecia propício para se repetir ali a tentativa de* MASSETTI. *No Peru, um governo civil não ditatorial, equilibrista, havia se mostrado ativo participante na repressão às guerrilhas, e os principais líderes insurretos estavam mortos ou na prisão. Sobrava a Bolívia. O governo militar poderia se fragmentar em qualquer momento e a agitação reinava nas minas. Era esta, em síntese, a apreciação sobre o momento que haviam transmitido a Havana, jovens agitadores de agrupamentos esquerdistas, todos eles, com o Partido Comunista Boliviano, combatidos numa guerra de morte. (. . .) Em matéria de erros,* GUEVARA *teve um antecedente histórico no funesto equívoco de Lênin, quando enviou o Exército Vermelho para combater na Polônia, em 1920. Lênin também, com informes incompletos e otimistas; também ele foi seduzido pelos prognósticos dos exilados poloneses residentes em Moscou. Lênin . . . convenceu-se que os camponeses e trabalhadores poloneses se reuniriam ao Exército Vermelho e manteve em ação permanente o Segundo Congresso da Internacional Comunista, com a idéia de que poderia anunciar-lhes, de um dia para o outro, o estabelecimento de um governo em Varsóvia . . . Ao lado de um bom número de diferenças importantes, a aventura de Lênin na Polônia é bastante parecida com a de* GUEVARA *na Bolívia. As duas operações revelam que não só a análise política foi feita um pouco levianamente, como também a preparação militar padeceu de graves defeitos"* (10).

Entretanto, a luta e a morte de CHE GUEVARA na Bolívia só serviu para glorificá-lo mais ainda. (11)

"É a hora das fornalhas e não se há de ver a não ser a luz", escrevia CHE GUEVARA, citando Marti, no seu testamento político: **A Mensagem à Tricontinental.**

"O braseiro boliviano de Ñancahuazú foi provisoriamente extinto. Mas a sua luz, o pensamento de CHE, *continua a brilhar, a incendiar por toda a parte novos bra-*

(10) *Meu Amigo CHE,* , págs. 165 e 166, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1969.

(11) Toda a campanha de CHE GUEVARA na Bolivia é relatada no capitulo especifico sobre aquele pais, neste livro.

seiros, a fazer brotar por toda a parte novas centelhas, a guiar os povos como uma tocha na noite. Nada poderá apagar esta luz". (12)

Na noite de 18 de dezembro de 1967, diante do povo reunido na Praça da Revolução, em Havana, FIDEL CASTRO pronunciou o célebre discurso: *"O mais triste de toda a sua vida"* anunciando a morte de CHE GUEVARA e fazendo o elogio fúnebre do mesmo, sendo deste discurso (contido no livro *Revolução Cubana)* estes fragmentos:

"Companheiras e companheiros revolucionários.

"Foi num dia do mês de julho ou de agosto de 1955 que conhecemos CHE. *E em uma noite – como ele o relata em suas narrações – tornou-se um dos futuros expedicionários do 'Granma'. Mas, naquela época, essa expedição não possuía nem barco, nem armas, nem tropas. E foi assim que, com* RAUL, CHE *tornou-se um dos primeiros homens da lista do 'Granma'.*

"Doze anos se passaram desde então; doze anos de luta e de história. Ao longo de todos esses anos, a morte ceifou muitas vidas preciosas e insubstituíveis, mas, ao mesmo tempo, no decurso desses anos de nossa Revolução, seres extraordinários surgiram e laços de afeição e amizade que vão além de qualquer expressão possível forjaram-se entre os homens da Revolução e entre esses homens e o povo.

"E esta noite estamos reunidos aqui para tentar exprimir esses sentimentos para com aquele que foi um dos mais próximos, dos mais admirados, dos mais amados e, sem dúvida alguma, o mais extraordinário de nossos companheiros de Revolução, para exprimir os sentimentos que experimentamos para com ele e para com os heróis que combateram a seu lado e que com ele tombaram, os heróis de seu exército internacionalista.

"CHE *fazia parte daquelas pessoas por quem todos sentiam imediatamente afeição, em virtude de sua simplicidade, de seu caráter, de sua naturalidade, de seu espírito de camaradagem, de sua personalidade, de sua originalidade, antes mesmo de conhecer as outras singulares qualidades que o caracterizavam.*

"Nos primeiros tempos, ele era o médico de nossa tropa. Foi assim que surgiram nossos laços e nasceram nossos sentimentos.

"Via-se que ele se achava impregnado de um profundo sentimento de ódio e de desprezo pelo imperialismo, não somente porque sua formação política já havia atingido um grau considerável de desenvolvimento, mas também porque, pouco tempo antes, na Guatemala, tivera oportunidade de ser testemunha da criminosa intervenção imperialista, perpetrada por soldados mercenários, que derrubaram a revolução daquele país.

"Para convencer um homem como ele, não tivemos necessidade de usar muitos argumentos. Bastava-lhe saber que Cuba vivia numa situação idêntica; bastava-lhe saber que havia homens decididos a lutar, de armas na mão, contra essa situação; bastava-lhe saber que esses homens achavam-se animados de sentimentos autenticamente revolucionários e patrióticos.

"Uma de suas características essenciais: pronto a se oferecer imediatamente, instantaneamente, para realizar a missão mais perigosa. E isso, naturalmente, despertava a admiração, uma admiração dupla por aquele camarada que lutava a nosso lado, que não nascera nesta terra, que era um homem de idéias profundas, um homem em cujo espírito germinavam sonhos de luta em outras partes do continente, e, ademais, por aquele altruísmo, aquele desinteresse, aquela disposição de sempre fazer o que era mais difícil, de arriscar constantemente sua vida.

(12) Michel Lowy, o *O Pensamento de Che Guevara,* pág. 165, Livraria Beltrand, Lisboa, 1970.

"Foi assim que ele ganhou o grau de comandante e de chefe da segunda coluna que se organizou na Sierra Maestra. Foi assim que o seu prestígio começou a crescer, que começou a adquirir sua reputação de magnífico combatente, a qual serviu-lhe para atingir os postos mais elevados no decurso da guerra.

"CHE era tanto um soldado quanto um chefe insuperável. No plano militar, era um homem extraordinariamente capaz, extraordinariamente corajoso, extraordinariamente agressivo. Este guerrilheiro tinha o seu calcanhar-de-aquiles e esse calcanhar era a sua excessiva agressividade, o seu desprezo absoluto pelo perigo.

"Os inimigos pretendem tirar conclusões de sua morte. CHE era mestre da guerra, um artista da luta de guerrilhas. Ele o demonstrou um número infinito de vezes, mas provou-o sobretudo em duas proezas. Uma delas foi a marcha da Sierra Maestra a Santa Clara, à frente de uma coluna perseguida por milhares de soldados, sobre um território absolutamente plano e desconhecido, onde realizou – como CAMILO – uma extraordinária façanha militar. Provou-o também em sua fulminante campanha de Las Villas, mas, principalmente, no audacioso ataque à cidade de Santa Clara, onde penetrou com uma coluna de apenas trezentos homens, quando aquela se achava defendida por tanques, artilharia e vários milhares de soldados.

"Essas duas façanhas o consagraram como um chefe extraordinariamente capaz, como um mestre, um artista da guerra revolucionária.

"Num combate, num dos numerosos combates que empreendeu, ele perdeu a vida. Não possuímos elementos suficientes de julgamento para poder analisar inteiramente os fatos que precederam esse combate, para determinar até que ponto ele teria podido agir de uma maneira excessivamente agressiva, mas se – e nós o repetimos – como guerrilheiro possuía o seu calcanhar-de-aquiles, esse calcanhar era precisamente a sua agressividade excessiva, o seu desprezo absoluto pelo perigo.

"É neste ponto em que nos fica difícil estar de acordo com ele, porque consideramos que sua vida, sua experiência, sua capacidade de chefe aguerrido, seu prestígio e tudo aquilo que ele representava vivo ia muito mais longe, incomparavelmente mais longe do que a avaliação que talvez fizesse de si mesmo.

"A idéia de que os homens possuem um valor relativo na história, a idéia de que as causas não são vencidas quando os homens tombam e que a marcha impetuosa da história não se detém nem será detida pela morte dos chefes pode ter influenciado profundamente a sua conduta.

"Em CHE, não admiramos apenas o guerreiro, o homem capaz de grandes proezas. O que fez e o que estava fazendo, o próprio fato de enfrentar sozinho, com um punhado de homens, todo um exército oligárquico, treinado pelos conselheiros ianques, equipado pelo imperialismo ianque, ajudado pelas oligarquias de todos os países vizinhos, este fato, em si mesmo, constitui uma proeza extraordinária.

"E se procurar-se nas páginas da História, provavelmente não se encontrará nenhum caso no qual alguém, com tão poucos homens, tenha empreendido uma tarefa de tão grande envergadura, tenha empreendido uma luta contra forças tão consideráveis. Esta prova de confiança em si mesmo, esta prova de confiança nos povos, esta prova de fé na capacidade dos homens para a luta poderá ser procurada nas páginas da História e, por mais que se faça, nelas nada se poderá encontrar de semelhante.

"E ele tombou.

"Os inimigos acreditam haver vencido suas idéias, vencido sua concepção da guerra de guerrilhas, vencido seus pontos-de-vista sobre a luta armada revolucionária. Mas o que obtiveram foi, por um golpe de sorte, eliminar sua vida física; o que obtiveram foram vantagens acidentais, que um inimigo pode conseguir na

guerra. E esse golpe de sorte, essa boa fortuna, não sabemos até que ponto foi ela ajudada por aquela característica de agressividade excessiva, de desprezo absoluto pelo perigo, num combate como outros tantos.

"Isso aconteceu também no decurso de nossa guerra da independência. No combate de Dos Rios foi morto o Apóstolo de nossa independência, José Marti; (. . .); na batalha de Punta Brava mataram a Antonio Maceo, veterano de centenas de combates. Em outros combates semelhantes morreram muitos outros chefes, muitos outros patriotas de nossa guerra da independência. E, apesar de tudo, isso não acarretou a derrota da causa cubana.

"Seu grito de guerra não chegará a um só ouvido pronto a acolhê-lo, mas a milhões de ouvidos. E não será uma só mão, mas milhões de mãos, inspiradas por seu exemplo, que se estenderão para empunhar as armas.

"Novos chefes surgirão. Os homens, os ouvidos receptivos e às mãos que se estendem terão necessidade de chefes, que surgirão das fileiras do povo, como surgiram em todas as revoluções.

"Essas mãos não serão dirigidas por um chefe que tenha a extraordinária experiência, a enorme capacidade de CHE. Esses chefes se formarão na luta, esses chefes surgirão dos milhões de ouvidos receptivos, das milhões de mãos que, cedo ou tarde, estender-se-ão para empunhar as armas.

"Não é que nós achemos que, do ponto-de-vista prático da luta revolucionária, sua morte deva ter uma repercussão imediata; que, do ponto-de-vista prático do desenvolvimento da luta, sua morte possa ter uma repercussão imediata. Quando retomou as armas, o próprio CHE não pensava em uma vitória imediata, em um triunfo rápido sobre as forças das oligarquias e do imperialismo. Seu espírito de combatente experimentado estava preparado para uma luta que se prolongaria por cinco, dez, quinze ou até vinte anos, se fosse necessário. Ele estava disposto a lutar cinco, dez, quinze, vinte anos, toda a sua vida, se fosse necessário. E será com essa perspectiva no tempo que sua morte, ou melhor seu exemplo, devemo-nos dizer, terá uma enorme repercussão, uma força invencível.

"É a Revolução que é importante; é a causa revolucionária, as idéias revolucionárias, os objetivos revolucionários, os sentimentos revolucionários e as qualidades revolucionárias que são importantes.

"CHE reunia em sua personalidade extraordinárias qualidades que raramente são encontradas juntas,.

"Ele se afirmou como um homem de ação insuperável. Mas não era somente isso. CHE era um homem de pensamentos profundos, de uma inteligência visionária, um homem de uma profunda cultura. Isto quer dizer que reunia nele o homem de idéias e o homem de ação.

"Ele não somente reunia essa dupla caraterística de homem de idéias e homem de ação, mas também, como revolucionário, possuía qualidades que podem ser definidas como a mais alta expressão das qualidades de um revolucionário: era um homem perfeitamente íntegro, de uma honradez suprema, de uma sinceridade absoluta, de vida estóica e espartana, um homem em cuja conduta é praticamente impossível encontrar uma só mácula. Ele constituiu, por suas qualidades, aquilo que se pode chamar de um verdadeiro modelo de revolucionário.

"É por isso que legou às gerações futuras não somente a sua experiência, seus conhecimentos de soldado excepcional, mas também as obras de sua inteligência. Ele escrevia com o virtuosismo de um clássico. Suas narrações de guerra são inigualáveis. A profundidade de seu pensamento é impressionante. Ele jamais escreveu a menor coisa sem uma seriedade, uma profundidade extraordinária, e estamos certos de que alguns de seus trabalhos passarão à posteridade como documentos clássicos do pensamento revolucionário.

"Não duvidamos que suas idéias, suas idéias como homem de ação, de espírito, de grande qualidades morais, de inigualável sensibilidade humana, de conduta incensurável, têm e terão um valor universal.

"Os imperialistas cantam vitória diante do guerrilheiro morto em combate: os imperialistas cantam vitória diante desse golpe de sorte, que lhes permitiu eliminar um homem tão extraordinário. Mas os imperialistas ignoram ou talvez pretendem ignorar que o caráter de homem de ação era apenas uma das múltiplas facetas da personalidade desse combatente. De nossa parte, choramos a perda de um homem de ação, mas também a perda de um homem de qualidades excepcionais, de um homem de uma maravilhosa sensibilidade humana e choramos ainda a perda dessa inteligência. Sofremos com a idéia de que ele não tinha mais de 39 anos, sofremos com o pensamento de todos os frutos dessa inteligência e dessa experiência em constante evolução perdidos para sempre.

*"*CHE *não tombou defendendo outros interesses, defendendo uma causa diferente daquela dos explorados e oprimidos deste continente.* CHE *não tombou defendendo outra causa e isso nem os seus inimigos mais encarniçados ousam discutir.*

"Perante a História, os homens que agem como ele que fazem tudo e dão tudo pela causa dos humildes, crescem a cada dia. A cada dia, penetram mais profundamente no coração dos povos. E isto é o que os inimigos imperialistas começam a perceber e não tardarão a dar-se conta de que, a longo prazo, sua morte será como um grão que dará nascimento a muitos homens decididos a seguir o seu exemplo.

"Achamos-nos absolutamente convencidos de que a causa revolucionária neste continente se recobrará do golpe que recebeu, que a causa revolucionária não será vencida por esse golpe.

"Do ponto-de-vista revolucionário, do ponto-de-vista de nosso povo, como devemos encarar o exemplo de CHE. *Deveremos pensar que o perdemos? É verdade que não veremos mais novos escritos seus, é certo também que não escutaremos mais a sua voz. Mas* CHE *deixou ao mundo um patrimônio, um grande patrimônio, e nós, que o conhecemos tão bem, poderemos ser seus herdeiros, num grau muito alto.*

"Ele nos deixou seu pensamento revolucionário, deixou-nos suas qualidades revolucionárias, deixou-nos seu caráter, sua vontade, sua tenacidade, seu espírito de trabalho. Em uma só palavra, deixou-nos seu exemplo e o exemplo de CHE *deve servir de modelo para nosso povo, o exemplo de* CHE *deve ser exemplo ideal para nosso povo.*

"Se quisermos exprimir o que desejamos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes, nossos homens, devemos dizer sem a menor hesitação: que sejam como CHE. *Se quisermos exprimir como desejamos que fossem os homens das gerações futuras, devemos dizer: que sejam como* CHE. *Se quisermos explicar como gostaríamos que nossos filhos fossem educados, devemos dizer sem hesitação: queremos que sejam criados no espírito de* CHE! *Se desejarmos um modelo de homem, que não pertence a este tempo, que pertencem ao futuro, do mais fundo do coração dizemos que esse modelo, sem uma única mácula em sua conduta, em sua maneira de agir, esse modelo é* CHE. *Se quisermos exprimir como desejaríamos que fossem nossos filhos, devemos dizer, do mais fundo de nossos coração ardente de revolucionários; queremos que sejam como* CHE.

"CHE *tornou-se um modelo de homem, não apenas para nosso povo, mas para qualquer povo da América Latina.* CHE *elevou à sua mais alta expressão o estoicismo revolucionário, o espírito de sacrifício revolucionário, a combatibilidade revolucionária, o espírito de trabalho do revolucionário e levou as idéias do marxismo-leninismo à sua expressão mais sadia, mais pura, mais revolucionária. Nenhum homem de nossos dias elevou como ele, a um nível tão alto, o espírito do internacionalismo proletário!*

"É por essa razão, camaradas revolucionários, que devemos encarar o futuro com firmeza e decisão; é por essa razão que devemos encarar o futuro com otimismo e procuraremos sempre na luta a inspiração para a tenacidade, para a intransigência frente ao inimigo e para o sentimento internacionalista.

"É por isso que esta noite ao fim desta impressionante cerimônia, desta reunião que testemunha a grande sensibilidade deste povo, o reconhecimento deste povo, o modo pelo qual o povo sabe honrar a memória dos homens corajosos que tombam no combate, o modo pelo qual o povo sabe reconhecer aqueles que o servem, a solidariedade deste povo com a luta revolucionária, o modo pelo qual este povo sabe brandir e elevar cada vez mais alto o estandarte e os princípios revolucionários; hoje ao fim desta reunião, no momento de prestar esta homenagem, todos os nossos pensamentos se voltam para CHE *e, com otimismo em relação ao futuro, com um otimismo absoluto em relação à vitória definitiva dos povos, dizemos a* CHE *e, com ele, aos heróis que combateram e tombaram a seu lado:*

"Até a vitória, sempre!
"Pátria ou Morte!
"Venceremos!"

IDEAIS QUE PERMANECEM

Os ideais de CHE GUEVARA permaneceram. A sua figura já é um exponencial obrigatório da história universal, que o registrará para sempre, sendo um dos mais destacados revolucionários deste século.

"GUEVARA *era o jacobimo da revolução. Tinha a necessidade de ser íntegro e puro, e isto se traduziu em uma insuperável capacidade de sacrifício pessoal; era intransigente consigo mesmo, até o extremo de não se permitir sequer uma fraqueza, para poder apoiar sobre sólidas bases seu alto nível de exigência perante os outros. Penso naquela frase exata de Paul Nizan: 'Não existe nenhuma grande obra que seja um relato do mundo.' A vida de* CHE GUEVARA, *tão perfeita pela sua morte é como toda grande obra, uma acusação formulada, desta vez aos balaços, contra um mundo, o nosso, que converte a maioria dos homens, e condena a maioria dos países à servidão e à miséria, em benefício da minoria dos países; é também uma acusaçãao contra os egoístas, os covardes e os conformistas, que não se dedicam a mudá-lo".* (13)

A síntese dos ideais de CHE GUEVARA é relatada pelo sociólogo e escritor francês Michael Lowy, em *O Pensamento de Che Guevara*, livro do qual são extraídas estas considerações: CHE GUEVARA *não se inclina para uma visão puramente voluntarista da revolução. Não ignora de maneira alguma que são as contradições internas de uma formação econômica-social que criam as condições objetivas necessárias do advento da 'situação revolucionária'. Mas sabe também que sem a ação consciente da vanguarda e, por conseguinte, das massas populares, a Revolução não pode florescer. O pensamento político de* CHE *é construído em redor do eixo fundamental de toda a teoria autenticamente revolucionária: a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. Para* GUEVARA *a tarefa suprema é última da Revolução era criar um homem novo, um homem socialista, negação dialética do indivíduo da sociedade capitalista, transformado em homem mercadoria alienado, ou capaz de se tornar, graças ao maquinismo imperialista, num animal carniceiro, um 'homem-lobo, na sociedade dos lobos'. E porque a sociedade bur-*

(13) Eduardo Galeano, *Vozes & Crônicas*, 1978; Editora Global – Versus, S. Paulo, págs. 162 e 163.

guesa é baseada em última análise na lei da selva, só o malogro dos outros permite o êxito; ela é uma sociedade onde objetiva, necessária, inevitavelmente, quaisquer que sejam as 'boas vontades' cristãs ou outras, o homem é inimigo do homem. (14) *O homem socialista deve ser necessariamente um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo de solidariedade real, de fraternidade de universal concreta, um homem que se reconhece na sua obra e que, uma vez quebradas as correntes da alienação 'atingirá a consciência plena de seu ser social, a sua total realização como criatura humana'.* (15) *Para o humanismo revolucionário, para* CHE *a guerra do povo é a resposta necessária, a única possível, dos explorados e dos oprimidos aos crimes e à violência institucionalizada dos opressores: Empurram-nos para esta luta; não nos resta outro recurso senão prepará-la". (16) "Por outro lado, o verdadeiro respeito pela vida humana não se pode limitar apenas à sobrevivência física. Tanto, senão mais que a vida do corpo, trata-se de respeitar a do espírito: a dignidade. Este termo, que se tornou constante sob a pena de* CHE, *de* FIDEL *e dos revolucionários cubanos, tem vários singnificados, mas relaciona-se particularmente com a noção de justiça. Há uma frase de Martí de que* CHE *muito gostava, que citava freqüentemente nos seus discursos e na qual via 'a Bandeira da dignidade': 'Todo o verdadeiro homem deve sentir na sua face a bofetada dada em qualquer outro homem'. O tema da dignidade tem, sem dúvida, raízes profundas na cultura latino-americana ('A dignidade, na América Latina, não tem qualquer sentido na realidade de uma vida demasiada miserável, e é por a palavra estar de tal modo carregada de esperança, que desencadeia insurreições populares e dá o sinal às revoluções') (17). "A problemática da dignidade implica também este outro valor que* CHE *reclama: a liberdade que tem evidentemente para ele, como socialista, um sentido completamente diferente do que lhe é atribuído pelo humanismo individualista burguês. A liberdade não é o 'jogo livre' dos indivíduos que se defrontam no mercado, mas o controle racional da natureza e da vida social pelos homens'. O que implica precisamente a abolição da 'livre concorrência' e de toda forma de alienação – quer dizer – do domínio dos homens pelas suas obras e, particularmente, pelo processo de produção. Esta concepção é também a de* CHE *para quem a libertação do homem implica concretamente 'a solução das contradições que conduzem à sua alienação'. É por esta razão que não hesita em proclamar que 'a mais importante ambição revolucionária é libertar o homem de sua alienação', quer dizer em primeiro lugar, da dominação pelas leis cegas do capitalismo, emancipação que constitui o primeiro passo dos homens para o reino da liberdade. Para* CHE *a libertação do homem não é um ato isolado, mas um processo: é preciso construir a liberdade". (18) "A adesão rígida e sem compromisso de* CHE *ao método da luta armada, deriva precisamente desta análise: a sociedade nova não pode surgir senão das ruínas do velho mundo, do mundo da injustiça e da exploração, da opressão e da mentira, o mundo dos generais e dos banqueiros, dos latifundiários e dos polícias, da* CIA *e da United Fruit. 'A real libertação dos povos tomará fatalmente na América as características de uma revolução socialista. As burguesias nacionais são totalmente incapazes de se oporem ao imperialismo – se algumas vezes não o foram – e constituem atualmente a sua retaguarda. Não existem outras mudanças a fazer: ou revolução socialista ou caricatura da revolução". (19) "Na América, o caminho para a libertação dos povos que será o caminho do socialismo, far-se-á pelas armas em quase todos os países" (20). "O ceticismo irônico de* CHE *para com as 'vias pacíficas' não depende de qualquer dogma, mas de uma consequência objetiva e realista: 'mesmo que um movimento popular autêntico (quer dizer, socialista) pudesse conquistar o Poder por um processo eleitoral – possibilidade muito problemática dado ao caráter deformado deste processo – seria rapidamente derrubado por um golpe de Estado'.* CHE *é o revolucionário sem fronteiras, e para os povos dominados da Ásia, da África e da América Latina é o profeta armado da guerra revolucionária contra a oligarquia, os gorilas do imperialismo, cujas obras sobre a guerrilha são apaixonadamente estudadas e discutidas (como as de Mao, Giap e Fanon) nos liceus, nas universidades, nos campos e nas fábricas." (21)*

"CHE *teve uma vida fulgurante, meteórica e exemplar; a vida de um homem que Sartre definiu como 'o mais completo de sua época'; um homem facilmente comparável aos gigantes da Renascença, pela multiplicidade prodigiosa de sua personalidade: médico e economista, revolucionário e banqueiro, teórico militar e embaixador, profundo pensador político e agitador popular, manejando a pena e a metralhadora com igual mestria. O caráter extraordinário desta vida, sem precedentes na história do século XX, explica e clarifica o surgimento do mito de* CHE." (22)

O padre argentino Hernán Benitez exaltou a figura de CHE GUEVARA nestes termos: *"Como os judeus do velho testamento acreditavam que o profeta Elias sempre permanecia vivo, os espanhóis da Idade Média, o Cid Campeador; os gauleses, Artus; é também possível que nos anos vindouros, os soldados do terceiro mundo acreditem sentir a presença alucinante do* CHE GUEVARA *no auge das lutas guerrilheirras".*

O pensador católico brasileiro, Tristão de Athaíde, após a morte de CHE GUEVARA, sob o título de Os santos e os heróis, assim se manifestou:

"Falam no 'fim do mito GUEVARA' . . *É agora que ele vai começar! Não que o guerrilheiro argentino já não fosse uma figura legendária da nossa era revolucionária. Mas, agora com sua morte heróica, como a de* CAMILO TORRES, *sua legenda se converterá em mito, não apenas folclórico, mas de ação direta. A declaração de Debray é a principal e primeira prova disso. Este ainda não pagou com a vida sua dedicação à causa da revolução pela violência. Mas vai pagá-la por um preço ainda mais alto: o da liberdade.*

"O exemplo que eles nos deixam será para muitos, a confirmação da sua fé na violência, como método de progresso social. Longe de diminuir o surto das guerrilhas na América Latina, a morte de CAMILO TORRES *e de* GUEVARA, *assim como o cárcere de Debray, serão mais um estímulo para muitos dos seus continuadores.*

"O exemplo deles é aquele que os mártires do Cristianismo nos deixaram, os justos e heróis de todos os tempos e de todas as civilizações pregaram e os romanos exprimiam em sentenças lapidares! Há valores pelos quais vale a pena sacrificar a vida. E esses valores é que estão no âmago da revolução profunda e irreversível, por que está passando o mundo moderno". (23)

(14) Michel Lowy, *O Pensamento de Che Guevara*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1970, pág. 36.
(15) *Obra Citada*, pág. 38.
(16) Obra Citada, pág. 46
(17) *Obra Citada*, pág. 46.
(18) *Obra Citada*, pág. 47 e 48.
(19) *Obra Citada*, pág. 107.
(20) *Obra Citada*, pág. 108.
(21) *Obra Citada*, pág. 160.
(22) *Obra Citada*, pág. 9 e 10.
(23) Artigo publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, edição de 2 de novembro de 1967.

Parte Geral

América do Sul

Capítulo 6

REPÚBLICA COOPERATIVA DA GÜIANA – TODOS OS PARTIDOS SÃO REVOLUCIONÁRIOS

LUTA ENTRE DUAS TENDÊNCIAS

Os dois partidos, Progressista do Povo e Congresso Nacional Popular, são de tendência esquerdista, e a agitação tem sido constante na vida da República Cooperativa da Güiana, independente da Inglaterra desde 1966, e república a partir de 1970. Só após 1977 é que os caminhos se tornaram pacíficos. A principal razão das desavenças foi a composição da população: de um lado, os antilhanos (apegando-se à herança religiosa e racial) e de outro lado, os negros, que absorveram a cultura inglesa, mas que adotaram alguns antigos costumes africanos. Isto fez com que, em 1964, ocorressem conflitos sérios, até com derramamento de sangue. Foi necessária a vinda de tropas inglesas para restabelecimento da ordem.

O grande batalhador da Independência da Güiana foi o dentista Chede Jagan, de ascendência indiana, líder do Partido Popular Progressista, de tendência marxista. Suas lutas às vezes até o levaram à prisão.

O primeiro ministro da República Cooperativa da Güiana é atualmente o advogado negro Lindon Forbes Sampson Burnham, do Congresso Nacional do Povo, que sucedeu Jagan a partir de 1964, primeiro por imposição dos ingleses por ocasião da independência e, depois, por eleições gerais em 1968. Jagan tinha o comando do governo, desde o tempo da semi-autonomia (1957) e até a CIA (Agência Central de Inteligência) dos Estados Unidos, contribuiu para o seu afastamento. As fortes agitações políticas e sociais que comoveram esta antiga colônia britânica, durante o tempo que precedeu a obtenção da independência, foram instigadas e patrocinadas pelos órgãos de espionagem norte-americanos. Jagan nunca tinha concordado com a manutenção dos interesses estadonidenses na Güiana e acabou sendo derrotado.

A CIA desenvolveu uma verdadeira campanha anti Jagan, naquela ocasião, servindo-se, para tanto, do Instituto Norte-Americano para o Desenvolvimento do

Sindicalismo Livre (IDESIL) e do Departamento de Assuntos Internacionais da Federação Norte Americana dos Empregados Públicos – (FEP), ambos pertencentes a (AFL–CIO). Atuando junto a estas organizações os serviços de Inteligência dos Estados Unidos financiaram greves e distúrbios, que simplesmente mergulharam a Güiana – no período de 1962-1963 – num verdadeiro caos. E na época, a CIA gastou um milhão de dólares para sustentar os trabalhadores güianenses que se envolveram, por instigação, numa greve geral de 80 dias contra leis trabalhistas de Jagan. Por isso o IDESIL, quanto ao FEP se prestaram a manobras da CIA.

Duas grandes greves abalaram a economia do país. Uma, em fins de 1977, até março de 1978, com a paralização geral dos trabalhadores das usinas de açúcar, produto nacionalizado, principal fonte de divisas para a Güiana, depois da bauxita. Este foi um conflito também de cunho político (além das reivindicações salariais) pois a maior parte dos trabalhadores deste setor é indiana e com pouca representação no governo.

O outro movimento deu-se em agosto de 1979, onde sindicatos militantes lançaram campanha contra o governo, através de greves, nos setores do açúcar e da indústria da bauxita. O Partido Progressista Popular de Cheddi Jagan e o Aliança Popular dos Trabalhadores só não derrubaram o governo por falta de armas.

Entretanto, Forbes Burnham é um esquerdista muito ativo, forte aliado de Cuba e cujo aeroporto de Georgetown tem servido às tropas cubanas que operam na África.

Desde 1971, foi nacionalizada a multinacional canadense Denerara Bauxite Company. Através de acordo, a China Comunista contribuiu com uma usina têxtil.

Burnham descreveu, certa vez a filosofia econômica da Guiana como um Socialismo Cooperativista, afirmando *"Nós não estamos presos por dogmas rígidos e não realistas. Nosso único dogma é que os güianenses devem manter controle independente de seus destinos e ser senhores de seu país."*

Como prova de que a Güiana desejaria caminhar para um regime de progresso e independência, o primeiro ato de Burnham quando assumiu o governo, foi desapropriar diversos latifúndios, cujos donos eram os próprios ingleses, os antigos colonialistas.

Existem assessores cubanos, chineses, soviéticos, da Alemanha Oriental, e até dos Estados Unidos na Güiana, mas, diz Burnham, que são ligados a projetos econômicos, como o cultivo do algodão e a extração da bauxita.

A Güiana tem problemas em sua fronteira, quer com o Brasil, quer principalmente com a Venezuela, que reivindica extensas áreas do território güianense, às margens do rio Esequibo, onde se acredita existirem grandes jazidas de minério de ferro e petróleo. A disputa foi congelada por acordo, até 1982.

Em janeiro de 1959, eclodiu na Güiana um êmulo de revolução liderada por alguns colonos brancos, que tentaram separar uma rica região na fronteira do Brasil para constituição da República de Rupumini, ou anexação da região ao Brasil ou à Venezuela. Em dezembro, Peter D'Aguiar, capitalista branco, chefe do Partido Força Unida que era a esperança dos sulistas, foi descartado, pois Forbes Burnham conseguiu sozinho maioria no Legislativo e já começava a falar na divisão das terras do sul, que seriam entregues aos negros desocupados de Georgetown. Mas a revolta dos fazendeiros e seus empregados foi esmagada em poucos dias, e alguns morreram, outros caíram prisioneiros e a maioria fugiu para o Brasil e a Venezuela. Inicialmente, tomaram as cidades de Lethen Goo Hope e Annai, mas o plano falhou, pois havia faltado uma complementação e ajuda que não se deu. Lideravam este movimento as famílias Malville e Hart, que declararam que *"o separatismo foi uma idéia que tinha ganhado adeptos desde que o indiano Jagan e o negro Forbes passa-*

ram a seguir orientação nitidamente marxistas, embora ainda persistissem entre ambos apenas divergência puramente racistas."

ADIAMENTO DE ELEIÇÕES

O atual chefe do governo não está gostando de eleições. De qualquer maneira, serão sempre os esquerdistas, de um tipo ou de outro, que estarão no poder.

Burnham conseguiu aos poucos a nacionalização do setor bancário, encampando, entre outros, o Chase Manhatan o Barclay's Bank Internacional e o Royal Bank Of Canada.

Mas, a nacionalização mais importante, concretizada em 1977, foi a da Booker's Mac Connel, que controlava praticamente toda a economia do país, com ramificação na agricultura, no comércio e nos transportes.

A Güiana passa por algumas dificuldades econômicas, e Burnham cometeu ultimamente um erro ao assinar certos acordos com o padrastro inflexível, que é o Fundo Monetário Internacional. Uma greve de grandes proporções, dos operários de bauxita, também quase paralizou o país.

Em outubro de 1979, o partido governante Congresso Nacional do Povo anunciou o adiantamento, por tempo indeterminado, das eleições gerais: extendendo o seu mandato, conseqüentemente. Já um plesbiscito, realizado um ano antes, tinha aprovado uma nova Constituição, pela qual um presidente tomaria o lugar do primeiro-ministro, e a Güiana passaria a ser uma república socialista.

Jagan boicotou o plebiscito referido, e alegou que houve fraude, bem como em todas eleições anteriores, vencidas pelo Partido do Congresso Nacional do Povo. E tanto na própria Güiana, como no exterior, essa acusação de irregularidade dos pleitos de 1968 e 1973 tem sido muito comentada, a até provada. Aparentemente, os juízes são designados pelo partido de Burnham, que faz promessas à esquerda e, na última das hipóteses, algumas concessões aos centristas. E assim, vai dirigindo o país, há 14 anos. A própria Assembléia esteve sendo boicotada por Jagan, cujo partido não tem podido fazer circular seu jornal Mirror, por falta de papel de imprensa.

Um outro partido está em evidência, a recém-organizada Aliança Trabalhista do Povo, também de tendência marxista e vem conquistando grande apoio popular. Acusa, porém, o governo de sofrer perseguição.

A Güiana tornou-se membro associado do COMECON (Conselho de Assistência Economica Mútua. (1) Forbes Burnham e altos funcionários do governo visitaram a União Soviética, a República Democrática Alemã e a Coréia do Norte, para discutir problemas de intercâmbio comercial e assuntos políticos.

Entretanto, o adiamento de eleições acabou terminando de uma vez por todas e o socialista Forbes Burnham, do Congresso Nacional do Povo, venceu nas urnas, novamente, em novembro de 1980, o outro socialista, Chedi Jagan, do Partido Progressista Popular, ganhando um mandato de mais cinco anos. (2)

(1) O COMECON é o Mercado Comum Socialista, sob a liderança da União Soviética. Pertencem ao mesmo a República Democrática Alemã, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia. Tchecoslováquia, Cuba, Mongólia e Güiana. A Iuguslávia tem apenas uma participação limitadíssima e são observadores a Coréia do Norte e o Vietnam.

(2) Mais uma vez o pleito foi acusado de fraudulento e o CNP, que teve até o apoio de alguns marxistas dissidentes, obteve 38 cadeiras no Parlamento unicameral, o PPP 13 e o conservador Forças Unidas apenas 2. A abstenção nesta foi de quarenta por cento.

Capítulo 7

SURINAME – TEVE UMA REBELIÃO DE SARGENTOS

DEPENDÊNCIA ECONÔMICA E FINANCEIRA

O Suriname é, na atualidade, o nome da antiga Güiana Holandesa.

Os países da América Latina, que foram colonizados por outros europeus, além dos espanhóis, têm uma outra concepção política, mantendo maior estabilidade institucional e maior respeito às regras legais. É o que acontecia com o Suriname, apesar de problemas sociais e de tensões entre as etnias. Mas esta regra geral foi rompida há pouco tempo.

As grandes tensões e agitações do Suriname aconteceram nos anos que precederam a autonomia da Holanda, e nos imediatos posteriores. Foram lutas por aumento de salários, melhores condições de vida, greves e violências. Isto fez com que até desaparecesse o partido reacionário existente nos país, com a renúncia do então primeiro-ministro Jules Sedney, em 1973.

Os problemas sociais e econômicos afloram sempre. O principal, em 1975, ano da independência, foi o desemprego com um índice de quase 30 por cento, e quando o funcionalismo público já estava sobrecarregado, empregando cerca de 10 por cento da população.

Isto foi resolvido, em parte, com a imigração para a Holanda de mais de 60 mil surinameses, que foram engrossar as fileiras dos cidadãos da comunidade que lá inflacionam o mercado de trabalho.

Hoje vivem na Holanda quase 140 mil surinameses, oriundos da antiga colônia.

Outra questão foi a dependência financeira do país com a antiga metrópole, e interferências desta. A Holanda chegou a acusar o governo do Suriname de relegar ao abandono os agricultores pobres e desperdiçar dinheiro com projetos suntuosos. A balança comercial mantém-se relativamente equilibrada, graças à bauxita, que contribui com cerca de 90 por cento do valor das exportações, e a Secretaria Nacio-

nal do Planejamento fez recomendações categóricas: preços estabilizados, importação de supérfluos restringida e produção de bens naturais estimuladas.

Mas o dinheiro que entra no país nunca é usado para estabelecer uma estrutura econômica autônoma. O Suriname não tem indústrias. Importa quase tudo: desde geladeira até gêneros alimentícios (enlatados da Holanda e dos Estados Unidos).

A maior parte da bauxita ainda é exportada em bruto e grande ironia é encontrar-se nos supermercados bacias de alumínio marca Rochedo brasileira, e pratos descartáveis de alumínio americano, vendidos como artigos de luxo

No setor agrícola, as propriedades são pequenas e médias, estão bem subdivididas, mas não têm uma assistência técnica que as façam produzir intensivamente.

As reservas de madeira-de-lei são consideráveis e deverão ser, se bem exploradas, uma fonte de divisas, mas, infelizmente, estão nas mãos de uma única companhia holandesa, a Brujnzeel.

O NÃO APROVEITAMENTO DA RIQUEZA DA BAUXITA

O Suriname não sabe aproveitar a sua condição de terceiro produtor mundial de bauxita.

O controle deste minério, que leva á produção do alumínio, está em poder e nas garras das multinacionais: a Suralco, subsidiária da Alcoa, norte-americana, e a Bellinton membro do grupo Royal Deutch-Shell, holandesa.

O antigo governo Arron não pôde forçar com elas uma confrontação, que não teria condições de sustentar. E foi por isto que o Partido Nacionalista Republicano retirou seu apoio ao Nacional Surinamês, dois anos após a independência.

Resta saber se as perspectivas neste setor importante poderão ser modificadas ou melhoradas.

Ademais, os ganhos dos trabalhadores nestas indústrias são ínfimos, prática adotada pelas multinacionais nos países subdesenvolvidos. E este é um ponto a ser resolvido pelos que governam agora o Suriname.

É de se esperar que os partidos que ressurgirem se coloquem em posições diretas a favor da nacionalização das minas. Os interesses colocados em jogo neste campo continuam a ser tão imensos, que nenhum governo, que não dispusesse de grande apoio popular, resistiria a uma declaração deste tipo.

Até quando a grande massa da população do Suriname, porém, continuará à margem de tudo o que se passa no país, confinada no seu racismo e na sua pobreza?

PARTIDOS POLÍTICOS E UMA REBELIÃO DE SARGENTOS

O cenário político do Suriname se confunde e se mistura com as diferentes etnias, idiomas e religiões. Os grupos raciais até hoje não se fundiram.

Por ocasião da independência política da Holanda, em 1975, segundo estatísticas, a divisão era a seguinte: 31 por cento crioulos (mestiços): 37 por cento hindus; 15 por cento de indonésios; 10 por cento de negros (dos antigos quilombos); 3 por cento de índios (a maior parte vindos do Brasil); 2 por cento chineses; sendo que os europeus e outros não chegam a 2 por cento.

Os partidos ultimamente estavam assim postos:

NPK (Nacional Surinamês), do ex-primeiro ministro Henk Arron, de tendência centrista, com base crioulo e indonésia, saiu vitorioso nas eleições de 1973. Esteve unido uma certa época ao partido de Eddy Bruma.

VDP, extremamente conservador, composto principalmente de agricultores indianos do interior.

Partido Nacionalista Republicano, de Eddy Bruma, com antecedentes de muitas lutas, e que foi um candidato em outras épocas à implantação de guerrilhas.

Bruma trabalhou firme pela independência da Holanda nos primeiros anos setenta. De tendência esquerdista, não tinha representação no Parlamento.

Outros partidos de esquerda, ultimamente, vinham tentando alguma coisa, mas a propaganda anti-comunista dos holandeses sempre lhes foi prejudicial, sem se falar nas tendências raciais dos outros partidos que os impedia de maior avanço.

Entre estes partidos, citam-se o Democratisch Volkfront, o Palu (Social Democrata) e o mais forte deles o Volkspartij (Partido Popular), que constituía uma fusão de alguns grupos. Os sargentos e militares subalternos da recente rebelião estavam identificados teoricamente com esta agremiação política.

Em fevereiro de 1980, ocorreu um golpe de estado que surpreendeu a todos, inclusive ao Partido Popular.

No Suriname existe Sindicato de Militares, que estava descontente com o governo, principalmente com relação a problemas milítares e interna-corporis e até por baixos vencimentos. Isto se aliou aos problemas políticos e sociais do país e sub-oficiais e sargentos em rebelião rápida e adrede organizada depuseram o primeiro ministro Henk Arron, mas mantiveram o presidente Johan Henrie Eliza Ferrier.

Formaram um Conselho Militar Nacional para ajudar e compartilhar um novo governo de civis. As eleições programadas para março foram transferidas para outra data a ser marcada. Os novos militares querem mudar tudo e promoveram a reconstrução nacional, prometendo respeitar integralmente os "princípios democráticos do Estado de Direito".

Eddy Bruma tinha sido defensor dos soldados e sargentos que estavam tendo problema com o governo. Presidente da Ordem dos Advogados do Suriname, formado na Holanda, é partidário declarado do Poder Negro, de um tipo de ação inspirado nos grupos mais radicais da comunidade negra dos Estados Unidos e com forte penetração nas Antilhas.

Bruma foi acusado, certa vez, de ter sido um mau ministro de economia. Mas, no contexto da falta de progresso em sua pátria e cansado de ver favelas miseráveis na capital, Paramaribo, abrigando milhares de desempregados, passou para a oposição.

Por estar aliado aos militares subalternos, teve uma posição de relevo no novo governo, passando a integrar o ministério, juntamente com Hench Herrenbey, um jornalista socialista que estudou na Argélia e o líder sindical Frank Derby. A presidência do conselho coube ao médico Hench Chia-a-Sen, considerado politicamente neutro e com reputação de ser administrador eficiente.

O novo gabinete ficou subordinado ao Conselho Militar e o Parlamento perdeu muitos poderes, pois passou-se a governar por decretos, através de uma chamada Lei de Autorização.

Três meses após a rebelião houve uma invasão financiada por políticos ligados ao ex-primeiro ministro. O exército, composto de 800 homens, desbaratou um comando mercenário, que partira da Güiana Francesa, chefiado por Fred Ormskerk, um holandês de origem surinamesa e que tinha 200 participantes entre holandeses, belgas e venezuelanos.

Em agosto do mesmo ano, um novo golpe, promovido pelo próprio Conselho Nacional Militar, sob a chefia de Deisy Bouterse, um dos homens fortes do governo, depôs o presidente Johan Ferrier, que havia, anteriormente, permanecido no

cargo e em seu lugar assumiu o primeiro ministro Hench Chin-a-Sen. Muitas prisões foram efetuadas, inclusive de Badresein Sital e Chas Mijnals, que faziam parte do grupo dos sargentos – revoltosos de fevereiro. E após isto, anunciou-se o cancelamento das eleições de 1982 e a dissolução do Parlamento, que seria substituído por uma simples assembléia consultiva para assessorar o governo. (1)

(1) Em março de 1981 fracassou uma tentativa de golpe de Estado, liderado por alguns militares. O chefe dos conspiradores foi o primeiro sargento Hwaker, de tendência direitista e se manifestara contra a crescente participação de esquerdistas no governo.

Capítulo 8

GUIANA FRANCESA – POR QUANTO TEMPO VAI DURAR A ÚLTIMA COLÔNIA NA AMÉRICA DO SUL?

No início dos anos 60 – febre dos movimentos guerrilheiros na América Latina – os partidos políticos desse território francês exigiram em ultimatum que o governador A. Erignc abandonasse a Güiana no prazo de três semanas, e mais ainda: autonomia.

Exigiram, mas nada conseguiram até hoje.

A Güiana Francesa é uma terra com pouca gente, muito atraso, abundância de chuvas e selvas e mais selvas, além de pântanos.

Lá estão muitos cidadãos franceses, mas a maioria são mestiços de negros com brancos. A França não tem muito interesse na situação estratégica de sua Güiana e mesmo assim tem ali sediados 550 soldados da Legião Estrangeira, numa população total que não passa de 65.000 habitantes. Tem também as instalações espaciais em Kourou a 41,6 quilômetros ao norte de Caiena (capital com 30.000 habitantes); para lançamento de foguetes e satélites.

É, atualmente, no entendimento do governo francês, um Departamento, cujos vínculos com a metrópole são mais estreitos que um simples Território, segundo a terminologia jurídica em vigor. A Güiana Francesa anda muito devagar para a idéia de independência.

A França tem medo da estagnação econômica e da vida pobre do território. Urdiu um plano de desenvolvimento, um plano verde, querendo imitar até o slogan brasileiro *"integrar para não entregar"*, mas isto tudo ainda não deu certo. A França está disposta a manter o atual *statu quo*, mas sabe que a falta de progresso poderá levar a um enfrentamento armado contra a Legião Estrangeira, por parte dos esquerdistas.

Estes descontentes esquerdistas se tornariam guerrilheiros? Entrariam para o engrossamento desses blocos as turmas do Partido Socialista Güianês que venceram as eleições municipais de 1977, elegando os prefeitos das três principais cida-

des? André Lecante, presidente da Associação dos Prefeitos, é um ex-prisioneiro político que atualmente apregoa com a autonomia um mecanismo pelo qual o país tomaria suas próprias decisões e parece haver uma convergência entre esta linguagem e a plataforma da esquerda local. Mas acontece que Paris, toda poderosa, não cogita, por sua parte, sequer, de partir para um processo independencionista. A França mantém *"o grande desejo de coerência e continuidade"* nas aspirações políticas da colônia e cai na conotação envelhecida, ao dizer que a preservação do estatuto lhe permite *"estar presente num continente essencial aos destinos da humanidade"*. Mas é de se perguntar ainda por quanto tempo?

Finalmente, os autonomistas acusam a França de manter a Güiana em estado de hibernação, por causa da futura exploração de imensas jazidas minerais existentes na região, mormente a bauxita.

A Güiana Francesa, famosa pela ilha do Diabo, motivo de livros e filmes cinematográficos (que até há pouco tempo serviu como prisão), é administrada por um chefe de Departamento, indicado pelo governo central, em Paris, assistido por um Conselho Geral eleito, que por sua vez elege um deputado e um senador do Parlamento francês.

Capítulo 9

VENEZUELA – ESTARIAM OS EX-GUERRILHEIROS SATISFEITOS COM SUAS ATIVIDADES POLÍTICAS?

AS GUERRILHAS NO AUGE

As guerrilhas na Venezuela, hoje, praticamente podem ser consideradas como extintas. Mas, no passado, recente, sobreviveram em grande escala, graças justamente às suas origens nacionais. Nos últimos anos só operaram em ações isoladas, exclusivamente no setor urbano, mas sem conseqüências. Nenhum telegrama de Caracas, nos jornais, fala mais em guerrilhas.

A Venezuela é um caso particular no movimento guerrilheiro latino-americano. Teve um grande destaque durante os anos 60, e as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) agitaram o país de ponta a ponta, e com mais de mil e quinhentos homens ameaçaram tanto o governo de Rômulo Betencourt, como o de Raul Leoni. (1) Os principais quadros guerrilheiros estavam nos estados de Miranda e Falcon, os seus integrantes eram, na maioria, jovens estudantes universitários; mas existiam profissionais liberais e até camponeses. Muito sangue correu na Venezuela, nos melhores tempos da FALN. Ao cabo de alguns anos de lutas, noventa por cento de seus efetivos estavam dizimados pelas forças regulares do exército. Em 1967, a organização ficou reduzida a um grupo de cerca de duzentos guerrilheiros nos Estados mencionados de Miranda e Falcon mas com limitada capacidade de ação, em face do cerco do exército. Mas novas guerrilhas sempre se irromperam. Nos áureos tempos mereceram até especial atenção do regime cubano, que não economizou dólares, fuzis e até homens na ajuda. Mas, o grosso do movimento era basicamente mantido pelos próprios venezuelanos.

(1) Rômulo Betencourt tinha sido presidente em 1945, em virtude de uma revolução de liberais, que derrubara a ditadura do General Eleazer Lopes Contreras. Este tinha sucedido outro ditador, general Juan Vicente Gomez (1906-1935), cujo governo despótico deu concessões de petróleo a empresas estrangeiras.

Betencourt foi eleito posteriormente presidente pela Ação Democrática Liberal (período 1959-1963), tendo inclusive apoiado integralmente o bloqueio norte-americano contra Cuba.

Eis a história das guerrilhas venezuelanas através das datas:

1957-1958-1959 – Uma pastoral do Arcebispo Blanco da Venezuela, em 1957, mostra quais eram as condições sociais e econômicas no governo do ditador Marcos Perez Jimenez, e que originariam os movimentos de guerrilha em todo o país. A massa popular estava vivendo em condições que quase *"não eram humanas"*; os salários eram incrivelmente baixos e o desemprego era *"intolerável"*. Os que primeiro se revoltaram foram os militares, que obrigaram Jimenez a demitir um odiado chefe de polícia. Foi deflagrada a revolta dos estudantes universitários, algumas facções dissidentes e o Partido Comunista, todos num só esforço conjunto da Junta-Patriótica de FABRICIO OJEDA, que declarou a greve geral e com isto fez Jimenez fugir do país. (2) Uma Junta Militar Patriótica chefiada pelo Almirante Larazzabal assumiu o poder. Organizou eleições e apresentou-se candidato, mas foi derrotado pelo seu adversário Rômulo Betencourt, líder do Partido da Ação Democrática, embora os votos em Caracas fossem contra ele, na proporção de uma para seis. Ele havia prometido um governo de coalizão com todos os Partidos, mas faltou com a palavra, e excluiu o PC e depois sufocou com a força uma manifestação de estudantes, além de usar o exército para evitar que os lavradores se apossassem das terras que lhes tinham sido prometidas. Com a Guarda Nacional ele abafou as reivindicações e os comícios políticos dos trabalhadores.

1962 – O sucesso de FIDEL CASTRO em Cuba animou os venezuelanos de esquerda a se reunirem, e uma facção da Ação Democrática chefiada por MOSES MOLERO (seu fundador e primeiro dirigente, o MIR (Movimento de Esquerda Democrática) que contava com quatorze deputados no Congresso, tentou conseguir uma expressão legal para o sentimento reformista de esquerda que existia na capital. O presidente Betencourt usou mais uma vez a violência para acabar com MIR fechou o jornal comunista Tribuna Popular, prendeu deputados inclusive do PC e enviou tropas para a zona petrolífera que era a mais exaltada. Foram estes acontecimentos, além de outros, que provocaram, em 1962, os movimentos de guerrilhas. Alguns desses grupos começaram a lutar contra as forças do governo, procurando aliciar apoio entre a gente do campo. O MIR representou um dos melhores exemplos de movimento nacionalista e quase sempre esteve aliado aos comunistas. Nasceu de uma cisão da Ação Democrática, mas somente, quando Betencourt se recusou a nacionalizar ou controlar o petróleo e as companhias norte-americanas, o MIR compreendeu, sem demora, que apenas pela violência a Venezuela poderia romper o jugo que os Estados Unidos exercia sobre o país.

Tornou-se por isso progressivamente mais extremado, até ser abertamente reconhecido como muito mais revolucionário do que os próprios comunistas. Na verdade, foi o MIR e não os comunistas que consolidaram a FALN, embora com o apoio de muitos destes. Mas esta aliança, entre comunistas e nacionalistas, no seu final, não produziu os resultados desejados, em matéria de guerrilhas. Na ocasião da união, os irmãos Machado, que chefiavam o PCV e Domingo Alberto Rangel, um dos chefes do MIR, ficaram alguns anos nas prisões da Ação Democrática.

Organizaram-se então diversas frentes. A Frente Comunista CHIRINO, era chefiada por DOUGLAS BRAVO e FABRICIO OJEDA. OJEDA, antigo jornalista, precursor das guerrilhas, como já acentuado, tinha sido expulso de seu partido, a União Republicana Democrática (2 de Junho de 1962), por desvio extremista e comunizante.

(2) O coronel Marcos Perez Jimenez que, em 1948, havia deposto o presidente eleito Rômulo Galegos, intelectual esquerdista moderado, cai em 1958.

Passa a pertencer também ao MIR. Retira-se às montanhas venezuelanas para iniciar a segunda fase de sua revolução. A Frente El Charal era chefiada por VICENTE CABAZAS e dois comunistas, LUBEN PETKOFF e MANUEL SAHER, conhecido como Comandante CHENA, filho do Governador do Estado Falcon, e que em uma carta aberta acusava o pai de *"assassino do povo da Venezuela"*. Uma frente do PC ortodoxo Simon Bolívar era chefiada por TIRSO PINTO.

Em Caracas, as guerrilhas urbanas, em sua maior parte compostas de estudantes, foram organizadas como unidades táticas de combate. O governo não encontrou muitas dificuldades para lidar com estes grupos que foram obrigados a uma união com o Exército Nacional de Libertação composto de comunistas, do MIR, e de grupos pertencentes à Unidade Revolucionária Democrática (URD) que era esquerdista, mas não comunista. Essa organização foi fortalecida por muitos dissidentes das forças armadas do país, depois da tomada da base naval de Carupano, por seus próprios oficiais e da de Porto Cabello, por um grupo chefiado pelo capitão MANUEL PONTE RODRIGUEZ, que era o comandante da base. Depois disso, o PC foi banido, forçando-o pela primeira vez, a adotar uma política de insurreição armada, por uma resolução formal de seu Politiburo. Os sete principais grupos de guerrilheiros existentes estavam então incorporados às Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) e promulgaram um manifesto condenando o governo de Betencourt como antidemocrático, opressivo e responsável pela séria crise social e econômica que existia no país. Propunha-se a derrubá-lo com a revolução, para instalar um outro governo nacionalista e democrático, organizar um Código de Honra para orientar a conduta dos guerrilheiros e a nomeação do CAPITÃO RODRIGUEZ como comandante em chefe. As decisões políticas seriam tomadas pela Frente de Libertação Nacional. Os guerrilheiros aspirantes eram enviados a Cuba, China e URSS para treinamento. As operações foram dirigidas contra interesses do EUA, tendo sido incendiado o edifício da Sears Roebuk e a sede da Missão Militar dos EUA, em Caracas. Houve um atentado contra a vida de Betencourt e ele suspendeu as imunidades parlamentares, mandando prender novamente deputados. Em todo o país houve ataques a quartéis do exército e da polícia, sucedendo-se inúmeros combates entre estas e os guerrilheiros.

1963 – DOUGLAS BRAVO era, na prática, o chefe geral da Forças Armadas de Libertação Nacional. Vindo de Cuba, onde estivera algum tempo, desembarca com um grupo de guerrilheiros, inclusive alguns cubanos, para realizar ações tendentes a perturbar o processo eleitoral de dezembro, considerado uma farsa. Isto era o que afirmava o próprio BRAVO, em carta dirigida a outro guerrilheiro, o comandante MAGOLA. Esta carta foi apreendida pelo exército nas proximidades da povoação de Maria Diaz, nas montanhas do Estado de Falcon, cerca de 600 km de Caracas. Um ex-deputado comunista que também se tornou guerrilheiro TEODORO PETKOFF, estudante universitário de Economia, que contava na época com 24 anos fora preso, mas desapareceu de Caracas, misteriosamente. PETKOFF era um homem mito para a classe estudantil, sobre a qual exercia influência. Os guerrilheiros dão ordem de boicote e ameaçam de ação armada o processo eleitoral (as eleições de 1.º de dezembro de 1963). Mas ocorre o contrário, e houve o mais alto índice de comparecimento da tumultuada história política da Venezuela. O eleito foi o conservador Raul Leoni, candidato da Accion Democrática. Os outros candidatos eram ainda mais direitistas (3).

1964 – Raul Leoni oferece ao PC e a outros esquerdistas uma anistia geral, desde que disistissem da violência e da guerrilha. As divergências a respeito desse

(3) Raul Leoni sucedeu seu companheiro de partido. Período de 1964-1968.

oferecimento causaram uma cisão na FALN, mas as atividades guerrilheiras continuaram. O governo ataca de rijo as guerrilhas e todos os seus suportes. Prende diversos suspeitos, entre eles o rico médico psiquiatra TRINO MANUEL MELEAN, em cujo luxuoso e sofisticado automóvel são encontrados armamentos e bônus emitidos por grupos de guerrilhas. Dois agrônomos também são presos, e na casa dos mesmos existiam bombas e dinamites. Eram estes os suportes das guerrilhas nas cidades.

1965 – O PC resolve, não por unanimidade, voltar aos meios pacíficos, para conseguir as reformas que pretendia, mas esta decisão encontrou uma forte oposição em DOUGLAS BRAVO, que acusava muitos guerrilheiros de revisionismo. Houve uma nova organização da FALN e BRAVO junto com OJEDA assumiram outra vez os postos de comando. Anunciou-se um novo programa com o manifesto **IRACARA** que pedia a anistia para os presos políticos, legalização de todos os partidos políticos; um programa de industrialização que a Venezuela beneficiasse seus produtos naturais; terra, crédito e implementos agrícolas para a lavoura; emancipação da política exterior. O PC recusou-se a apoiar BRAVO e OJEDA mas concordou com uma reunião onde seriam discutidos os problemas. Quando deixou as montanhas, para vir a Caracas, para a reunião, onde seriam discutidos os problemas levantados acontece uma emboscada traiçoeira e OJEDA foi preso e depois morto covardemente pelas forças policiais.

LUBEN PETKOFF, que contava com 31 anos, em companhia de um grupo de guerrilheiros, desembarcou na costa da Venezuela e a operação chamava-se Bolívar, onde foi logo descoberto e atacado pelo exército e aeronáutica e foi obrigado a refugiar-se nas montanhas. Porém, ele e BRAVO continuavam funcionando e combatendo.

1966-1967 – O Partido Comunista Venezuelano, ainda na clandestinidade, rompeu com FIDEL CASTRO, respondendo acusações feitas pelo mesmo, além de lhe dirigir diversos ataques. O oitavo *plenum* do Partido Comunista Venezuelano decide por unanimidade, expulsar, em definitivo, da Comissão Central, o chefe guerrilheiro DOUGLAS BRAVO, que fora anteriormente suspenso como membro do Politiburo da CC. A esta reunião compareceram TEODORO PETKOFF, GUILHERMO GARCIA PONCE e POMPEU MARQUEZ, além de diversos combatentes que estavam nas frentes guerrilheiras SIMÓN BOLÍVAR e MANUEL PONTE RODRIGUEZ. Estes dirigentes, citados recentemente. Tinham conseguido fugir de maneira rocambolosa da prisão do quartel de San Carlos, de Caracas. Em conseqüência desta decisão o PC renunciou à luta armada contra o governo, adotando uma linha de paz democrática. DOUGLAS BRAVO, considerado por FIDEL CASTRO como um autêntico combatente comunista, foi expulso porque insistia em continuar com as guerrilhas. Por esta ocasião, ocorrem violentas lutas nas ruas de Caracas, entre guerrilheiros e policiais. É preso, inclusive, um dos ativistas cubanos e que estava em auxílio dos guerrilheiros, MANOEL ESPINOZA DIAZ, conhecido como comandante POLTRO. O insucesso das guerrilhas de CHE GUEVARA, na Bolívia, em outubro de 1967, levam um grande desalento aos seus colegas venezuelanos.

O guerrilheiro MANOEL SAHER, aqui já mencionado, é preso e passa a cumprir uma sentença de 14 anos, por insistência de seu pai.

Também são presos AMÉRICO MARTIN e FELIX CANALIS, que tinham deixado, temporariamente, as montanhas de El Bachilar, no centro da Venezuela, e se dirigiam para Cuba, onde tomariam parte da conferência da OLAS. Estes guerrilheiros entraram clandestinamente na Colômbia, com passaportes falsos e passagem em

um cargueiro espanhol. AMÉRICO e FELIX esperavam ir de navio até a Espanha, onde tomariam avião até Havana. Mas são delatados e, quando o barco tocou o porto de La Guaira, agentes da Polícia prenderam os dois.

1968 – Em abril, sob a égide de CHE GUEVARA, reúne-se a Assembléia de solidariedade com os povos da América Latina, que estuda, principalmente os significado e a situação dos movimentos guerrilheiros na Bolívia, Venezuela, Colômbia e Guatemala.

É neste tempo, também, que o Movimento de Esquerda Revolucionária publica um comunicado, reiterando sua disposição de prosseguir a luta guerrilheira. O documento foi divulgado pela comissão política do MIR, datado das montanhas de Bachiler, onde operavam as guerrilhas que dirigia, e afirmava que *"apesar das torturas, das deserções, dos assassinatos e da viscosa propaganda do inimigo"* prosseguirá na luta.

Outro trecho do comunicado dizia *"Cumpriremos nosso dever e não seguiremos os caminhos de tantos partidos políticos venezuelanos, que abandonaram como carga que estivesse incomodando, seus princípios. Não seguiremos o exemplo dos que traficam, dos que conciliam, e dos que se vendem".*

Este parágrafo era uma clara condenação da atual linha política do Partido Comunista Venezuelano, que decidiu abandonar a luta armada, optando pela luta política, dentro dos limites da legalidade. Após esta decisão o PC expulsou de suas fileiras DOUGLAS BRAVO e LUBEN PETKOFF, que dirigem as guerrilhas das FALN, nas montanhas dos Estados de Falcon e Portuguesa.

Por outro lado, os militares venezuelanos acreditavam que a morte de guerrilheiros, num choque ocorrido com o exército, foi o mais duro golpe sofrido pelas FALN nos últimos 5 anos.

Algumas fontes chegaram mesmo a afirmar que PETKOFF, fora morto também. A verdade é que o resultado do choque representou a maior perda sofrida pelos guerrilheiros venezuelanos em uma única ação.

O ministro da defesa, general Ramon Florêncio Gomez, deu uma entrevista no palácio presidencial de Miraflores, esclarecendo as circunstâncias em que foi travado o combate. Segundo afirmou os guerrilheiros haviam ocupado pequenas localidades, a cerca de 300 km de Caracas, antes de serem surpreendidos pelo exército. O grupo dizimado era comandado pelo lugar tenente de PETKOFF, FREDDY CARQUEZ, que teria sido treinado em Cuba.

Mais tarde circulou o rumor de que o batalhão de caçadores, especialmente treinados em luta antiguerrilha, por instrutores norte-americanos, teria localizado mais quatro corpos, perto do local do choque, elevando assim a 24 o número de mortos. Quanto aos sobreviventes da Coluna CARQUEZ, o exército estabeleceu seu número entre 10 e 12, e não 60, como anunciaram algumas fontes.

Segundo informações oficiais, há divergências entre BRAVO e PETKOFF, que é partidário da continuação dos ataques, em qualquer circunstância, enquanto o líder da FALN preferiu aguardar o resultado das eleições nacionais previstas para dezembro próximo.

O grande fato é que as guerrilhas estavam começando a se enfraquecer e os guerrilheiros venezuelanos divididos, declarou ao jornal clandestino pertencente ao MIR, o secretário geral desta agremiação MOSES MOLERO.

O dirigente rebelde apontado como chefe das guerrilhas nas montanhas do Estado do Yaracuy, 130 km a leste de Caracas, afirmou que se opõe radicalmente à tese do guerrilheiro DOUGLAS BRAVO, de ampliar as guerrilhas urbanas, e que as ações armadas de propaganda, nas cidades, não atendem ao desenvolvimento real

da guerra, e que a forma fundamental de luta urbana deve ser legal e pacífica. Enquanto isto, morria o chefe guerrilheiro BERNARDO FERREIRA GRANDET, no decorrer de um combate, que travou juntamente com seu grupo, contra uma unidade do exército, na região de Alto Sinu, departamento colombiano de Córdoba. GRANDET foi um antigo militante comunista e fez seus estudos universitários na Universidade Patrice Lumumba, de Moscou. Acontece também um novo posicionamento de um grupo forte de guerrilheiros, antes das eleições de dezembro de 1968. Estes, operando nas montanhas de Anzoateque, Sucre e Monágua, principais focos de luta armada na Venezuela, reunindo-se em Caracas num Conselho Nacional de Emergência. O objetivo era tratar do *"problema tático do movimento revolucionário venezuelano"*, tendo em vista, acima de tudo, a escolha de um novo presidente. A decisão foi determinar abstenção, sem boicote às eleições. Abriu-se mão sumariamente da possibilidade de qualquer ato de violência contra o processo.

Diz o documento aprovado na reunião de Caracas:

"O Conselho Nacional de Emergência concordou em que neste período, incluindo o imediatamente posterior às eleições, a forma de luta nas cidades será fundamentalmente política". Por que o recuo em relação a 1964? A explicação está em dois itens do próprio documento:

"1) Não é politicamente acertado desenvolver ações de violência contra o processo eleitoral, porque elas nos isolariam ainda mais das massas, dada a nossa debilidade, e não impediriam a realização das eleições.

"2) A abstenção deverá ter um caráter explicativo e de agitação, acentuando-se a verdade sobre o processo eleitoral e mostrando que não haverá qualquer mudança por meio do voto".

Em suas conclusões, o Conselho Nacional de Emergência insiste na necessidade de execução de *"uma política ampla e audaz, que preencha o vazio existente entre as massas e as vanguardas revolucionárias"*.

1969-1970 – É morto o guerrilheiro JUAN BAUTISTA ARENA, ex-pastor evangélico, braço direito de DOUGLAS BRAVO. Foi fuzilado a queima roupa por um desconhecido, ao sair de uma igreja, na cidade de Coro, Capital do Estado de Falcon. Ele havia participado de diversas incursões em Arauca, também no Estado de Falcon. Enquanto isto, um grupo de guerrilheiros liderados por JANUARIO VALERO, conhecido como OSCAR REYS, comete diversos assaltos perto da cidade de Neiva, capital do Departamento de Huil. LUBEN PETKOFF ferido num combate, nas montanhas do Estado de Yaracuy, após orientar pessoalmente um assalto à cidade de Sabana Larga.

Mas no ano de 1969, as guerrilhas encontram-se em seu nível mais baixo, desde que iniciou a luta armada. Há uma tentativa de mudança tática das montanhas para a cidade. As esquerdas, como acontece sempre na história, estão divididas e irreconciliáveis. A prisão de MOSES MOLERO e a rendição de outros importantes guerrilheiros atesta esta assertiva. MOSES era considerado o segundo líder em importância no país, depois de DOUGLAS. Foram presos ainda ROBERTO FRENKEL e sua mulher LILIANA ALCIRA FRENKEL, também envolvidos na guerrilha. Antes, os ex-oficiais da marinha PEDRO MEDINA SILVA e OMAR ECHEVARRIA SIERRA e outros guerrilheiros entregaram-se às autoridades aproveitando-se do indulto oferecido pelo presidente Rafael Caldera, em sua campanha de pacificação do país. Houve informações de que MOLERO se entregou para também aproveitar o indulto.

Isto reforça a posição do presidente eleito pela Democracia Cristã de que a pacificação nacional só pode ser alcançada por meios políticos. O guerrilheiro

JULIO ESCALONA ainda continuava a comandar a Frente Antonio José Sucre, que estava unificada à de MEDINA como medida de sobrevivência.

MEDINA SILVA ficou conhecido mundialmente com o seqüestro do navio Anzoatequi, episódio que terminou no porto brasileiro de Belém. MEDINA seria hoje almirante, se não tivesse participado em 1962, de uma rebelião contra o governo de Rômulo Betencourt, rebelião esta de caráter de esquerda, e que foi sufocada. Foi condenado juntamente com seus companheiros a vinte e um anos de prisão, na ilha de Tacariguá, de onde conseguiram fugir, escapando à perseguição de dez mil homens e se instalando nas montanhas, para as lutas guerrilheiras. No auge destas, em 1963, quando o Partido Comunista, o Movimento de Esquerda Revolucionária e outros grupos esquerdistas decidiram unificar suas guerrilhas, sob o nome de FALN, MEDINA chegou a ser indicado para a chefia suprema. Quando MEDINA SILVA decidiu abandonar a luta, sete anos após, tinha 43 anos, pai de seis filhos e achava que seus companheiros estavam condenados ao isolamento e à destruição, e que todos os que lutaram tinham cometido muitos erros. Passa a integrar o velho Partido Comunista ortodoxo e diz que BRAVO ao insistir na luta armada, sem perspectiva de sucesso, prejudicava mais do que ajudava o movimento revolucionário venezuelano, pois era justificativa à manutenção da política repressiva do governo, contra todo o movimento democrático e progressista do país. Seu esquema, coincidindo com o do PC era a manutenção dos destacamentos que não seriam dissolvidos, mas mantidos sem luta e dedicados ao trabalho de proselitismo e organização dos camponeses, continuando: *"o principal trabalho político será agora nas cidades, onde já se encontram setenta por cento da população do país, um dado fundamental para mudança de estratégica, que só há pouco o PC descobriu. A teoria do foco insurrecional aponta o campo como a área decisiva da América Latina. Será isso verdadeiro num país como a Venezuela, em que o processo de urbanização se acelerou nos últimos vinte anos, e onde o petróleo abundante retira qualquer possibilidade de destino agrícola, como de outras nações latino-americanas?"*

Mas estes dados não são levados em conta por DOUGLAS BRAVO e muitos outros.

MOSES MOLERO, que já estava em divergência com seus companheiros, entrega-se definitivamente, em 1970, para aproveitar as conversações de paz e o indulto presidencial. MOLERO combateu por quase cinco anos à frente de guerrilhas, nas montanhas do oriente do país.

Um ano antes já haviam sido indultados os dirigentes comunistas Pompeyo Marquez, Guilherme Garcia Ponce e TEODORO PETKOFF, e mais ainda Simon Saez Merida, ex-secretário geral do MIR, além do major reformado MANUEL AZUAJE ORTEGA, participante ativo do levante da base naval de Puerto Cabello.

O DECLÍNIO DAS GUERRILHAS

1973 – O presidente Caldera, em 1973, tinha solapado com os movimentos guerrilheiros, e estas atividades, que nos anos sessenta foram muitos ativas, estavam perto da extinção, enfraquecidas. Tinham ocorrido prisões, mortes e rendições dos principais guerrilheiros. (4) O cansaço levou muitos a depor as armas.

A Venezuela então adotou uma tática especial para terminar com as guerrilhas, tendo chegado, em certa ocasião a desmobilizar batalhões especiais antiguerrilheiros, fugindo até de muitos combates. E sobretudo concedia uma série de indultos, perdões e anistia, num convite tácito para os guerrilheiros participarem da vida

(4) Rafael Caldera foi eleito presidente em dezembro de 1968, para o período 1969-1973, pelo Partido Social Cristão (COPEI).

política e das eleições. O presidente democrata cristão Caldera achou conveniente assim, do que dar duros combates, prender, torturar e matar, o que geraria novas violências e novos grupos, e esta roda seria interminável.

Nas eleições de dezembro de 1973, comunistas e muitos esquerditas ex-guerrilheiros se apresentaram como candidatos. E os seus partidos fazem, embora em menor escala, seus senadores e deputados.

Nestas eleições é eleito deputado o ex-guerrilheiro AMÉRICO MARTIN, que após cumprir pena de prisão é também indultado. Este ex-guerrilheiro tinha sido mencionado por CHE GUEVARA na mensagem escrita a OLAS, em maio de 1967, sob o lema *"Criar dois, três inúmeros Vietnans, eis a palavra de ordem"*, como comandante, em frente de luta nas montanhas de Iachiller, na Venezuela (5).

O Partido Comunista Venezuelano é legalizado por Caldera. Este Partido estava há muito tempo dividido entre os ortodoxos que seguiam a linha de Moscou, que manda adotar métodos pacíficos na luta pela conquista do poder e o de orientação castrista, que fomentava a rebelião. Diante da medida de Caldera, estes últimos anunciam através da FALN que continuarão a luta, e que serão sumariamente fuzilados todos os guerrilheiros que aceitarem a anistia oferecida.

1975 – Em janeiro de 1975, fogem do quartel San Carlos em Caracas, 23 guerrilheiros, que conseguem escapar da prisão, cavando um túnel de 60 metros de comprimento, repetindo a fuga de 1967. Entre os que se evadiram, estavam CARLOS BETANCOURT chamado COMANDANTE GERONIMO, líder do grupo Bandera Vermelha – FRANCISCO PRADA e GABRIEL PUERTA. Os novos grupos Ponto Zero e Bandeira Vermelha continuavam em atividades, quer nas montanhas, quer nas cidades. A estes grupos foram atribuídos dois seqüestros de milionários venezuelanos, por cujos resgastes pagou-se o equivalente a dois milhões de dólares.

É este ano que ocorre a morte, em combate com o exército do já célebre COMANDANTE CHENA, que tinha saído da prisão sem cumprir sua pena, e voltado para as lutas guerrilheiras.

1976-1977 – O presidente Carlos Andrés Pérez Rodriguez teve que enfrentar novamente um ressurgimento das guerrilhas, mormente urbanas (6). As guerrilhas permanecem, como já comentamos aqui, por razões ideológicas. Apesar da riqueza do petróleo, há a provocação pelas divergências da redistribuição de riquezas. Em novembro de 1977, ocorrem os mais sangrentos choques dos últimos anos entre as guerrilhas que combatem o governo e as forças armadas venezuelanas. Depois de alguns anos de paz interna, interrompida uma vez ou outra por notícias de atividades guerrilheiras, em alguns zonas rurais do país, os grupos guerrilheiros ampliaram de novo sua ofensiva nos últimos meses, praticando seqüestros, tomando aldeias e atacando postos avançados do exército. Mas os guerrilheiros na Venezuela não constituíam mais uma ameaça significativa. Apesar de seus apelos à Revolução, não conseguiam conquistar um apoio popular decidido, embora houvesse, na Venezuela, distorções, ela ainda é o governo mais rico da América Latina. Há gastos de bilhões de petrodólares em previdência social e em programas de desenvolvimento destinados a redistribuir a riqueza nacional. As guerrilhas na Venezuela são em pequeno grau e talvez o sejam sempre, porque os guerrilheiros não encontram habitualmente um terreno mais propício, de afetação de miséria, e pela conseqüente instabilidade política e econômica.

(5) Esta mensagem de CHE GUEVARA – uma das últimas – foi publicada no Brasil, em 1979, no livro *Revolução Cubana*, já em 5ª edição, pelas Edições Populares, de S. Paulo. A citação está na pág. 97.

(6) Andrés Pérez da Ação Democrática, em 1973, vence as eleições, superando os outros treze candidatos. Foi a quinta eleição praticamente democrática na Venezuela, em 144 anos de vida republicana.

1978 – Em resposta aos últimos ataques, o governo do presidente Andrés Péres mobiliza as unidades do exército para as áreas que as atividades guerrilheiras se têm mostrado mais intensas, localizadas principalmente no leste do país. Os grupos mais ativos da Venezuela nos últimos anos são compostos por remanescentes dos antigos comandos guerrilheiros dos anos 60, reforçados por alguns elementos novos. A maioria estava ligada ao movimento denominado Bandera Roja (Bandeira Vermelha), que pregava a revolução violenta, para conseguir a igualdade total neste país de 1,2 milhões de habitantes. Quando 34 guerrilheiros, vestidos de uniforme verde-oliva e armados com metralhadoras, em setembro de 1977, tomaram a cidade de Caiguá, 322 km a leste da Caracas, eles exortaram a população a não votar nas eleições presidenciais de 1978 e a se juntar a eles para derrubar o *"o governo dos ricos"*. Eram pequenas erupções guerrilheiras se registrando. Os obstinados continuavam e mantinham o estado de insurreição, embora fraco.

Mas as defecções também continuam. E outro guerrilheiro, JULIO ESCALONA, abandona as lutas em abril de 1978, beneficiando-se de novo perdão presidencial, e entra na vida legal.

Hoje os esquerdistas e os ex-guerrilheiros da Venezuela estão satisfeitos na situação atual de simples políticos militantes?

Nas eleições de dezembro de 1978, os esquerdistas e os ex-guerrilheiros tinham-se situado apenas em terceiro e quarto lugar nas eleições. Porém, a distância dos dois partidos tradicionais era muito grande. O terceiro colocado, postulante à presidência do Movimento para o Socialismo, José Vicente Rangel, teve o apoio ainda do Movimento da Esquerda Revolucionária e de vários rebeldes do Partido Comunista Ortodoxo, que formavam o grosso das guerrilhas e depois foram reabilitados pelo governo de Rafael Caldera.

TEODORO PETKOFF já citado neste capítulo é atualmente dirigente e teórico do Movimento para o Socialismo escreveu o livro chamado *Processo de Esquerda*, que teve forte impacto na Venezuela, onde procuram brechas de esquerda que se destacam pela compreensão da realidade de um continente já tão castigado. Este partido não aceitou a proposta de outro também de esquerda, para a criação de uma frente parlamentar, reunindo as forças revolucionárias, dizendo que amplos setores da classe média também estão submetidos às tensões de uma sociedade sob o peso da inflação, insegurança social, crise educacional e outros fatores.

Nas mesmas eleições de 1978, apresentou-se também como candidato a presidente, mas com votação pequena, o ex-gurrilheiro AMÉRICO MARTIN que deu trabalho às forças de segurança de Rômulo Betencourt, nos anos 60, e acabou convertido num combativo, mas tranqüilo deputado do Movimento de Esquerda Revolucionária.

Outros guerrilheiros renitentes talvez ainda poderão insistir nas guerrilhas. Estas acabaram praticamente. Sim, na Venezuela houve e talvez possa haver guerrilha, sem que acabem as eleições, da qual participam até os chamados revolucionários equivocados.

"Nas eleições, o povo ainda não captou a mensagem socialista, não distingue socialismo de comunismo e por isto prefere as que já conhecem, e além do mais, qualquer esquerda tem dificuldades de subir ao poder com voto". Para José Vicente Rangel, *"a caminhada para o socialismo, através de voto, na Venezuela, será difícil e de passos curtos enquanto o* COPEI *e* AD, *mantiverem o seu poderio econômico e a máquina administrativa funcionando ao seu lado."*

Foram quase dez por cento os votos obtidos pelo principal partido de esquerda: o Movimento para o Socialismo, que tem suas origens no Partido Comunista e nas guerrilhas. Foi o dobro das eleições anteriores, de 1973, o que lhe garantiu a terceira força política do país. A esquerda sempre dividida teve ainda outros dois postulantes: Partido Comunista Venezuelano (jornalista Hector Mujica), Movimento Eleitoral Popular (Leonardo Pietro Figueiroa).

Todos os partidos de esquerda, para os cargos legislativos, obtiveram cerca de 15 por cento dos votos, mas para a presidência somente a metade desta porcentagem, pois muitos votaram em Luiz Herrera Campins. O jornalista Mojica declarou que *"Os socialistas não poderão obter uma boa votação, enquanto continurarem divididos, e outro fator da marginalização da esquerda é o de que, ao contrário dos dois grandes partidos, que sempre oferecem soluções concretas para problemas às vezes insignificantes, os esquerdistas continuam agindo no plano da ideologia e das abstrações."*

Quem mais combateu as guerrilhas na Venezuela foi Carlos Andrés Pérez, quer como ministro do Interior do presidente Rômulo Betencourt (1959-1962), quer como presidente da República. Sempre Andrés Pérez teve a reputação de um duro e implacável inimigo das guerrilhas. Chegou a afirma que *"Não haverá mais nenhum guerrilheiro quando eu chegar à Presidência (em março de 1979). Todos estarão na prisão, pagando por seu atrevimento e estupidez"*. Andrés Pérez, ideologicamente, pertence a um partido filiado à Internacional Socialista (social-democracia). Parte do pressuposto que dentro desta doutrina haverá um sistema social consectâneo em seu país e nos outros. Ademais, nacionalizou o petróleo e o ferro venezuelano, na esperança de trazer mais riquezas à sua pátria.

Andrés Pérez lançou um programa para investir grandes somas na agricultura e na indústria, com vistas a criar uma economia mais equilibrada. Neste campo, porém, não teve um êxito que convencesse. Realizou inclusive uma administração aberta, mantendo boas relações com os partidos de esquerda, representados no Congresso, inclusive pelo Partido Comunista.

Mas, por ironia da história, Pérez foi um dos que mais contribuíram para a guerrilha sandinista nicaragüense. O apoio que emprestou à mesma foi notável. Inclusive, além da ajuda moral e diplomática, mesmo quándo não era mais presidente, levantou um fundo especial para apoio aos guerrilheiros sandinistas, entrando com 200 mil dólares mensais para a luta contra a ditadura somozista.

DOUGLAS BRAVO, TALVEZ O ÚLTIMO DOS MOICANOS, ABANDONA AS GUERRILHAS

1979 – A história das guerrilhas na Venezuela foi feita por muitos combatentes, que tiveram o seu valor e o seu idealismo.

Das bandeiras de reformas que se empenhavam, diversas foram aceitas pelos governantes. A técnica administrativa e política dos que estavam no poder, a partir, principalmente, de Caldera, era conceder anistias e indultos aos guerrilheiros e procurar realizar obras públicas e serviços sociais. Assim a guerrilha caminhou para o colapso. Foi muito forte, ao tempo de Betencourt, considerado um fascista e um direitista pelos guerrilheiros.

Nem por isto, a Venezuela deixa de ser um país com alguns contrastes, pois ainda tem favelas em suas grandes cidades, não é um país industrializado, apesar de seu comércio ser rico e diversificado. A produção de petróleo vai a 2,3 milhões de barris por dia, mas morrem 54 crianças por mil, antes do primeiro ano de vida, grande parte da população é subalimentada. De uma mão-de-obra ativa de 4 milhões de pessoas, apenas 600 trabalham na agricultura. Um dado interessante é que o analfabetismo atinge uma taxa de menos de 18%, mas há pouco tempo era de quase cincoenta por cento, e na ditadura de Gomez havia mais de setenta por cento.

Mas na Venezuela de hoje os analfabetos também votam.

E há pontos, porém, que são fundamentais: liberdades, inclusive é um país aberto a todos os perseguidos políticos, com apoio à defesa dos direitos humanos na ajuda de movimentos de libertação nacional, primado do poder civil, desenvolvimento econômico, ascensão política e social das massas, independência com relação a superpotências, e tudo isto acobertado na retórica sonora e no manto romântico do herói nacional Simón Bolívar. É ainda a Venezuela a detentora da maior renda per capita da América Latina, US$ 2.800, segundo dados oficiais recentes.

É interessante acrescentar que a história das guerrilhas na Venezuela é a própria história de DOUGLAS BRAVO, seu mais ativo e importante guerrilheiro. Basta dizer que tempo houve em que o exército tinha 15.000 homens contra a coluna de DOUGLAS BRAVO. Nascido em 1933, entrou com 27 anos, quando já era dirigente comunista, para os duros embates, e a sua profissão foi sempre a luta, maneira correta para ele de serem resolvidos radicalmente todos os problemas do país. DOUGLAS BRAVO foi, em essência, um guerrilheiro rural e acabou reconhecido como errado o tipo de lutas que se desenvolvia nas cidades, sob a forma de atentados e seqüestros, o que colocava parte da população contra as guerrilhas.

DOUGLAS BRAVO, doente e cansado, retirou-se provisoriamente das guerrilhas, em 1975, quando foi a Cuba e Paris, onde permaneceu hospitalizado, retornando à Venezuela em 1977, com pouca força e ação, mas continuando a sua luta. Sua mulher EVA RAVERON, foi detida, com mais outras guerrilheiras, em agosto deste mesmo ano, na região central da Venezuela, e esteve quase um ano presa, na penitenciária feminina de Tocoyito, em Caracas. Com EVA, estava também DILSIA DE PETIT a mulher de outro guerrilheiro DIMAS PETIT. DOUGLAS BRAVO ainda travou combates com forças do exército, na região de Coxedes e Guarico. Foi muito perseguido e os lugares onde estava eram vasculhados sem êxito.

Em abril de 1979, o ministro do Interior, já do governo de Herrera Campins, Rafael Montes de Oca, anunciava que mais de cem guerrilheiros venezuelanos, entre presos e na clandestinidade, voltariam à vida legal. (7) E entre os beneficiados pelas medidas de indulto estariam os ex-comandantes guerrilheiros DOUGLAS BRAVO, MARCOS GOMEZ e FERNANDO SOTO ROJAS. O chefe do exército venezuelano, general Castro Hurtado, na ocasião, exonerou-se por discordar dos indultos.

Em setembro deste mesmo ano, o indulto é concretizado. A luta armada do mais renitente guerrilheiro, o lendário DOUGLAS BRAVO, chegava ao fim. Ultimamente, o comandante BRAVO andava em semi-clandestinidade, manifestando-se às escondidas nos bairros e nos edifícios de Caracas, à espera da graça presidencial. Suas memórias *Confissões de um Guerrilheiro* já tinham sido publicadas e BRAVO ainda doente não era o mesmo que em 1969, mofava da política de pacificação do então presidente Caldera, dizendo que uma guerra só termina com a vitória de uma das partes.

BRAVO tinha prometido sair das sombras e tornar-se um cidadão pacífico, desarmado, e este indulto presidencial pode ser considerado o fecho da política de pacificação da Venezuela, iniciado com Rafael Caldera, outro democrata-cristão, que quis recompor a convivência nacional, e tendo como principal auxiliar nesta tarefa o Cardeal primaz da Venezuela, Dom José Quintero.

(7) Luis Herrera Campins, jornalista e advogado, católico devoto, de 53 anos, eleito para o período de 1979-1983, pelo Partido Social Cristão-COPEI. Na sua posse disse que governava essencialmente para os pobres e marginalizados, que lhe deram os votos para levá-lo ao triunfo eleitoral.

As guerrilhas, na Venezuela, estavam com esta cena, fechando um ciclo iniciado na década de 60, e que em dado momento parecia a ponto de sufocar o país. O interessante é que estes episódios de indulto aconteceram para se deixar para trás brutalidades e extermínios violentos.

Dezoito longos anos durou a saga de DOUGLAS BRAVO. Em 26 de novembro de 1979, reapareceu em público, já como um cidadão comum, e um político militante na expressão da palavra. DOUGLAS BRAVO foi recepcionado triunfalmente e falou a uma multidão de mais de vinte e cinco mil pessoas, em um ato público na cidade de Coro, capital do Estado de Falcon (noroeste da Venezuela), região onde o antigo comandante tinha desenvolvido sua luta armada.

BRAVO não mencionou as guerrilhas e prometeu trabalhar ativamente no Partido Revolucionário da Venezuela. Este partido tinha sido fundado da clandestinidade, em 1974, pelo próprio BRAVO, tendo sido legalizado recentemente. Em seu discurso, disse que *"a desconfiança, em que o povo viveu durante os últimos anos, começou a ser sacudida pela mobilização operária, com a participação dos estudantes e com as recentes greves, e que tinha chegado a hora da ação das massas, atacando ainda o governo, que acusou de estar aliado ao maior organismo econômico do país – a Fedecamaras"*.

DOUGLAS BRAVO, nesta grande reunião popular, pediu um minuto de silêncio em homenagem aos grandes guerrilheiros latino-americanos tombados na luta armada–: CHE GUEVARA (cidadão latino-americano), CAMILO TORRES (colombiano), CARLOS FONSECA (sandinista) e FABRICIO OJEDA e CHEMA SAHER (venezuelanos).

Esta é a história das guerrilhas na Venezuela, que teve vitória no campo das idéias que pregou. A nacionalização do petróleo, ocorrida em 1975, foi uma delas e este fato, inclusive, veio atender um dos itens do programa revolucionário lançado doze anos antes.

Hoje, na Venezuela, os políticos mais atuantes, combativos e mais reivindicantes, são os antigos guerrilheiros. Defendem, no Parlamento, e nas praças públicas, as opções populares que surgem sempre com vitórias, a partir de um novo ciclo revolucionário na América Latina, e combatem uma possível guinada de centro-direita do presidente Herrera Campins. (8)

(8) Em janeiro de 1981, o comandante guerrilheiro PUERTA APONTE, o único dos combatentes históricos que jamais aceitou anistia e paz, e nunca desceu das montanhas do Oriente (teatro de diversas e duras batalhas nos primeiros anos 60), anunciou que iria recomeçar as ações de lutas armadas.

GABRIEL PUERTA APONTE tem o seu núcleo sediado em zona montanhosa do Estado de Monagas, sob a denominação de Partido Bandera Roja e sua Frente Guerrilheira Americo Silva conta ainda com os comandantes FAUSTINO LUGO, PEDRO RINCÓNES e PEDRO VELIZ.

Capítulo 10

COLÔMBIA – GUERRILHAS ATIVAS, PERMANENTES E PERSISTENTES

VIOLÊNCIA, MISÉRIA E POLÍTICA

Não se pode dizer que as guerrilhas não praticam violência, que às vezes estão em seu próprio bojo. Vamos tratar da violência colombiana, a partir de 1948. Uma violência de múltiplas facetas que ficando estanques das guerrilhas permanece até hoje. A violência ocorre pelo estado de miséria em que vive o povo colombiano; vamos falar da violência propriamente dita, a pura e simples. Da violência do comércio de drogas, faturando mais de um milhão de dólares por ano, importância equivalente a dois terços do orçamento nacional. A Colômbia tem uma *máfia* poderosa, que torna enfermo todo o corpo social, e que trafica inclusive votos. Usa todos os expedientes de corrupção, e parece que penetrou nos partidos políticos tradicionais. Mas a sensação na Colômbia, é de guerra civil permanente, com mais de seis mil crimes de morte por ano, produto da miséria e espoliação – um sistema de injustiças. Os cárceres colombianos, têm, na atualidade, mais de quarenta mil presos.(1) Sem se citar a anistia e o indulto, onde foram beneficiados cinco mil presos, para se descongestionar os cárceres do país, isto em 1978; nem se fale nos seqüestros, que superaram os da Itália em 1977.(2) De vez em quando, são organizadas as **Operações Fantasmas**, que visam a repressão à delinqüência no país. Ainda em 1977, uma auto-denominada **Aliança Anti-Comunista Colombiana,** que atua até hoje, fez uma série de represálias e violências contra os fora da lei, políticos e guerrilheiros. A criminalidade em Bogotá tem o índice mais alto do mundo. A guerra civil não declarada nos anos de 1947 a 1957, matou meio milhão de colombianos, mais que a guerra da Coréia. A cada ano invadem a capital 300 mil camponeses, saídos de um campo oligárquico e oprimido.

(1) Teve ano – em 1975 – que as infrações penais ascenderam a 450.000. Setenta por cento dos presos eram de idade inferior a 30 anos e desses, 40 por cento eram de origem rural.

(2) Os seqüestros são praticados eventualmente, em menor número por guerrilheiros e geralmente por delinqüentes comuns, e até por policiais secretos, tal como o grupo denominado F-2 (Policiais à paisana).

Certa vez, o coronel Desidério Vera, chefe de investigações da polícia colombiana, afirmou *"que ninguém rouba por vocação"*, apontando as causas sociais da violência. Quais as causas fomentadoras da delinqüência: o desemprego, uma berrante distribuição de riquezas, ignorância, alcoolismo, drogas, carestia e todo conjunto de motivações procedentes do mundo circundante.

Greves de todas as naturezas são comuns e quotidianas na Colômbia. Os protestos contra o aumento de custo de vida trazem grande agitação. Uma grande greve nacional ocorreu em agosto de 1979. Mortes, feridos e desordens são as conseqüências das revoltas populares. Estados de sítio e de emergência foram e são comuns na vida institucional da Colômbia.

O governo da Colômbia, do presidente Júlio Cezar Turbay Ayala enfrenta (como isto sempre ocorre na Colômbia) uma crescente inquietação social e grande descontentamento popular e até partidário. O novo **Estatuto de Segurança** e a crise econômica são repudiados, e já se falou que o **Estatuto de Segurança** ameaça derrubar a **Constituição** e sepultar sob os seus escombros a justiça civil. Em última instância, esta crise social e política se manifesta expressamente num contínuo de violência, que não foi abafada de todo e, dificilmente o será, por pacto de poder interoligárquico e está longe de ser superada. E a Colômbia, que criou um substantivo – o bogotazo – para traduzir a expressão da ira popular, ocorrida na capital, do país, em 1948, sabe de todos os riscos das tentativas de coação.

Mas falou-se acima em pacto interoligárquico, e isto significa que em 1957, com a esfarrapada desculpa da pacificação, as classes dirigentes, os poderosos do dia, estabeleceram um pacto de poder, com o pomposo nome de **Frente Nacional** dividindo eqüitativamente parcelas de mando entre liberais e conservadores (que no fundo têm muito de reação), de maneira a estabelecer a paz pelo menos ao nível das elites. Este acordo vem funcionando para as classes dominantes bastante a contento. (3) A Colômbia vive portanto sob o signo da violência há mais de quarenta anos. Partidos de centro-esquerda, e de esquerda democrática têm existência apagada diante de realidades que não mudam. Dez milhões de colombianos de uma população de 23 milhões são anêmicos, sofrem de anemia aguda devido a deficiências alimentares. Do total, 80 por cento são crianças. Nove milhões de colombianos vivem em barracos, favelados, sem água, luz e esgotos. Duzentas mil crianças colombianas morrem de fome todos os anos, segundo dados das **Nações Unidas**. Dois milhões de camponeses não têm um pedaço de terra, meio milhão de famílias de camponeses se espremem em 3,5 por cento das terras cultiváveis, quase 40 por cento delas em mãos de 8.123 grandes proprietários. Na Colômbia, os pobres comem cada vez menos: de 51 a 65, o consumo médio de calorias baixou de 2.515 por dia para 2.208, enquanto na Argentina a média é de 3.550.

Na Colômbia, os dólares da alta do café e os programas de estabilização e de combate à inflação aumentaram as riquezas dos grupos já anteriormente ricos, dos magnatas das finanças, que continuaram com o controle da economia do país. Os salários dos trabalhadores na Colômbia são sempre ridículos, e sempre sobem menos do que o **PIB**.

Por incrível que pareça, o cultivo da maconha, que se dá na Colômbia, principalmente na serra nevada de **Santa Marta** e na região de Guajira, ao norte do país, faz com que cerca de 150 mil pessoas, pequenos lavradores (em propriedades de um a dez hectares) vivam relativamente bem. Estes lavradores anteriormente trabalhavam nas plantações de banana da **United Fruit**, que de lá saiu há 15 anos. A produção

(3) Na teoria legal, este acordo terminou, mas continua na prática. Hoje, os conservadores são sócios minoritários da coalizão do governo de Turbay Ayala.

total da maconha colombiana permite satisfazer 60 por cento do consumo dos 22 milhões dos viciados americanos, com as suas 12 mil toneladas ao ano.

AS GUERRILHAS NÃO TERMINARÃO

As guerrilhas também ocorrem em virtude do estado de miséria em que vive o povo colombiano. Os guerrilheiros querem mudar esta situação. As guerrilhas não conseguem ter de seu lado o banditismo ainda existente. Não têm êxito em politizar os fora da lei, os violentos da Colômbia. As eleições trazem um grande número de votos nulos e brancos, e a abstenção é sempre enorme (4). Nas últimas eleições, os demagogos, candidatos fora dos partidos tradicionais, empalmaram a adesão da **Federação dos Camponeses da Colômbia**, com mais de trinta mil membros. Estes também, na atual contigência, não pertencem taxativamente às guerrilhas, estão fora. Idem, muitos grupos de esquerda, divididos entre si, como sempre, e na maior das vezes, preparando o prato para conservadores e liberais. Entretanto, a paz a nível das classes dominantes, não permeou uma parcela ativa da população colombiana. O governo consegue fazer apenas pouca coisa para que a Colômbia não acabe explodindo. As guerrilhas que praticamente tiveram início em 1949, persistem até hoje. As guerrilhas rurais, as mais antigas, e as urbanas, resistem a todas as tentativas oficiais de extermínio.

Cinco grupos de guerrilhas atuam hoje, na Colômbia, e todos são sistemáticos e organizados, a saber:

1) – **Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC**, formada desde 1965, de atuação geralmente na zona rural.
2) – **Exército de Libertação Nacional**, de 1964.
3) – **Exército Popular de Libertação**, fundado em janeiro de 1968
4) – **M-19 (Movimento 19 de Abril)**, cuja ação começou em fevereiro de 1976, de atuação urbana, e ultimamente, inclui-se, rural.
5) – **Movimento de Auto-Defesa Operária – (MAO)**, de tendência trotskista, com recrudescimento em 1978.

A história das guerrilhas na Colômbia pode ser contada da seguinte maneira:

Primeira Fase – Mistura de revolução civil, guerrilhas e violência generalizada. Em 1946, a eleição de um conservador para a presidência da Colômbia, onde só uma pequena minoria votou, fez eclodir uma onda de violências. (5) Em 9 de abril de 1948, após o assassinato do líder liberal esquerdista Jorge Eliecer Gaitán, as violências aumentaram num estado crescente e incontrolável, que levou a uma guerra civil entre **liberais e conservadores**, com um misto de desordens, guerrilhas e reivindicações de todas as espécies.

Gaitán tinha despertado em seus correligionários, operários e camponeses, algo até então desconhecido entre eles: consciência de classe. Roa Sierra, o culpado pelo assassinato, foi convenientemente abatido no local, e nenhuma prova se conseguiu levantar contra seus mandantes. Tanto o **Partido Conservador**, como o

(4) No pleito de 1978, nas eleições legislativas e presidenciais, a abstenção chegou a 68 por cento do eleitorado. Turbay Ayala foi eleito com apenas 20 por cento dos votos possíveis. Havia 12,5 milhões de eleitores inscritos, mas apenas 5,05 milhões compareceram e somente 2,5 milhões votaram em Turbay Ayala.

(5) A divisão dos liberais permitiu que fosse eleito Mariano Ospina Perez, e seu regime lançou, sem demora, um programa que foi denominado Homogeneização da Colômbia, a eliminação da maioria liberal e outros esquerdistas, pelo assassinato sistemático.

Liberal foram acusados do crime, e ambos tinham sem dúvida, o que ganhar com a morte de um líder, cujo enorme apoio popular ameaçava as oligarquias dos mesmos. O motim resultante, de imediato, passou à história com o nome de **bogotazo**. A polícia esmagou a ferro e fogo a rebelião na capital, mas a Colômbia caiu na guerra civil.

Durante longos anos ficou conhecida simplesmente como **La Violência.** (6) Esta época foi conduzida por todos com extrema ferocidade, numa sádica e grotesca crueldade, sem precedentes até mesmo neste século de terror, tanto mais que não havia mais razão de ser, não tinha direção e nem propósito, já que Gaitán estava morto e só ele teria podido restabelecer a ordem e realizar as grandes reformas sociais que o povo queria. Logo de saída, o **Partido Comunista** nada fez, apesar de haver podido, pois tinha praticamente a situação em suas mãos e não quis assumir a direção desta verdadeira guerra, e isto porque o **Comitê Central** não reconhecia a existência de uma situação revolucionária marxista-leninista, propícia, embora na década de 1930, o **Partido** tivesse liderado os camponeses em apropriações de terras. Porém, em 1949, o **PC** ou sua gente começou a reunir e organizar os sobreviventes da **Violência**, em grupos disciplinados, com o propósito de *"enfrentar a violência reacionária coma violência organizada das massas"*. Já em 1952, os camponeses, sob a liderança do **PC** tinham conseguido o controle de muitos distritos rurais, mormente no interior do país e nas montanhas, e tinham formado **repúblicas** independentes que escapavam ao controle do governo central. Surgiram as repúblicas que eram zonas de proteção, sendo **Marquetalia**, uma das principais, nas fronteiras dos Estados de **Tolima** e **Huila**. Fora fundada, em 1949, pelo líder comunista CHARRO NEGRO, que tinha sido membro do comitê central do **PC**. (7) Durante anos houve alguma trégua tácita entre esta república e o governo central. Estávamos então diante de um tipo de guerrilha revolucionária, de âmbito nacional. E esta primeira fase termina quando o reacionário ultra-conservador **presidente** Gomez (8) foi deposto por um golpe militar, liderado pelo general Rojas Pinilla, em 1953, que se proclamou ditador e suspendeu todas as ações militares contra as repúblicas agrárias comunistas e declarou uma anistia geral.

Segunda Fase: Enfraquecimento da violência; as guerrilhas declinam: A despeito das tentativas e esforços dos líderes, como MANOEL MARANDULA VELEZ, que havia sucedido a CHARRO NEGRO em **Marquetalia**, e JUAN DE LA CRUZ VARELA, da república de **Sumapaz**, para manter o movimento coeso, milhares de camponeses preferiram aproveitar-se do perdão e indulto e os movimentos de guerrilhas ficam um pouco enfraquecidos e Pinilla resolve novamente combatê-los.

Neste ínterim, os líderes políticos dos velhos e carcomidos **Partido Conservador** e **Liberal**, que estavam no exílio, começaram a negociar uma coalização e formaram em comum acordo a já citada **Frente Nacional** e forçaram Pinilla a renunciar, em 1957, através de um outro golpe militar. Em eleições fantasmas, de 1958, Alberto Leras Camargo, liberal de fachada, é elevado a presidente, e outra vez se atacam as guerrilhas.

Terceira Fase: Ressurgimento ativo das guerrilhas, em 1959. Neste ano, houve o grande sucesso de FIDEL CASTRO, em Cuba, e na Colômbia ocorre um reagrupamento de guerrilheiros e tudo levou a redobradas atividades. Uma boa parte dos guerrilheiros de hoje tiveram alguma origem em um grupo do ano de 1960, saído do **Movimento Revolucionário Liberal**, que tinha como um de seus líderes Alfonso Lopez Michelsen (que se tornou, muito posteriormente, presidente da República) (9). Em seus discursos de vinte anos atrás, falava de igualdade, de justiça e muito bem da Revolução Cubana. Mas Lopez era impulsionado por baixo e nunca foi partidário da disputa violenta, que incitasse a todos contra a malsinada situação criada por liberais e conservadores. Deste **MRL** saíram três grupos: a) a **Juventude do Movimento**, que era formada por radicais, que tiveram atuação destacada nas guerrilhas, até 1964, mas quase todos os seus integrantes morreram em combates; b) o **Movimento Operário Estudantil e Camponês (MOEC)**, que teve uma vida curta e quase sem importância, apesar de ter sido Fidelista, isto é, em oposição à direção oficial do **PC**, que se tornara, novamente *marmoto* e revisionista; c) **Exército de Libertação Nacional – ELN**. Muitos guerrilheiros saídos do **MRL** foram para Cuba e, quando voltaram, alguns anos após, fundaram esta facção. Neste período, um outro movimento se organizou, independentemente, a **Frente Unida de Ação Revolucionária**, que era chefiada pela filha de Gaitán e seu marido LUIZ VALENCIA.

Todos os estudantes e intelectuais, que pertenceram aos movimentos guerrilheiros desta época, só pretendiam a atuação na zona rural, pois acreditavam que revoltas e combates, iniciados no campo, poderiam chegar até as cidades.

Em 1962, o governo da Colômbia estava interessado em combater tenazmente as guerrilhas e enviou uma brigada de elite do exército, que havia sido treinada especialmente em luta anti-guerrilha, pelos Estados Unidos, para reconquistar Marquetalia, mas a pequena república combateu com grande valor, ajudada por demonstrações em Bogotá e outras cidades, e estas forças foram obrigadas a uma retirada. No ano seguinte, o governo atacou, novamente, com uma força bélica exagerada, com o número de 16 mil homens; e em 1965 todas as repúblicas dos guerrilheiros esquerdistas tinham sido liqüidadas. O exército gastou 42 milhões de dólares para derrotar Marquetalia, localizada na montanha mais alta da Colômbia, no coração dos Andes.

Quarta e Atual Fase: Mas os fatos acima nada significaram, e as guerrilhas jamais se desanimaram, nem por um instante qualquer. A guerrilha continuou e continua, e a sua prática, na atualidade, é quotidiana. É a oposição armada e agressiva contra um estado de coisas lamentáveis na Colômbia.

Turbay Ayala tentou conceder uma anistia, mas esta não passou de um ato restrito e humilhante, não correspondendo a nada. Atingiria apenas os alzados en armas, ou seja, os guerrilheiros que não estão presos. Foi rejeitada radicalmente por todos os guerrilheiros que lutam de uma forma ou de outra na Colômbia, e esta continua em estado de sítio e não será modificada a imagem internacional do país. (10).

(6) O livro dos sociólogos colombianos, com mais de 500 páginas, German Gusman, Orlando Fals Borda e E. Umanã Luga, *La Violencia en Colombia*, editado em Bogotá, em 1964, retrata este período.

(7) CHARRO NEGRO, nome de guerra de FERMIN CHARRY RINCON, *nom de plume, Jacob Frias Alape*. Foi grande líder das guerrilhas nos anos 50. Morreu em ação, em janeiro de 1960.

(8) Laureano Gomez, nas eleições fajutas, como sempre, de 1949, foi eleito como candidato único, pois o Partido Liberal se absteve.

(9) Lopes Michelsen foi eleito presidente, em abril de 1974, tendo governado debaixo de crises e pouco ou nada de positivo realizou.

(10) O senador liberal colombiano Rodrigo Lara combateu o projeto da anistia, pois tratou-se de um ato unilateral, recordando que Turbay Ayala, no começo de seu governo, perseguiu implacavelmente os guerrilheiros, cometendo toda a sorte de violação dos direitos humanos, e que por isto os guerrilheiros não têm como acreditar nele. Este senador é um dos mais ásperos críticos da estrutura do poder na Colômbia, entendendo que há muitas causas para as guerrilhas em seu país, e enquanto estas causas não forem enfrentadas, medidas como a anistia serão meros paliativos, que nada resolverão; e entre estas causas aponta a corrupção administrativa, o clientelismo, a miséria de milhões de habitantes e a descrença no governo. Rodrigo Lara viajou pelo Sul do país e constatou que os integrantes do FARC dominam vastas regiões, tendo apoio dos camponeses, aos quais dão proteção. Para ele esses guerrilheiros não vão entregar suas armas ao governo.

Outras considerações sobre as guerrilhas: Nas cidades, os grupos guerrilheiros urbanos começaram incipientes e primariamente com a criação da FUN – Federação Universitária Nacional. Depois foram para as guerrilhas nas montanhas, o que fez terminar este grupo. Isto no ano de 1969. Só depois, nos anos 70, é que as guerrilhas urbanas voltaram com a MAO e o M-19. O que restou da FUN, se incorporou ao ELN. Os estudantes constituem a grande força de todos os grupos guerrilheiros. Mas muita gente de todas as profissões estão em suas fileiras, inclusive camponeses.

O número de militantes guerrilheiros na Colômbia é sempre numeroso, e até se renova muito. Para cada um que cai preso, ou morre, para cada um que se exila em embaixadas e esta prática é muito comum – surgem três ou quatro.

Quanto ao total exato dos integrantes dos grupos guerrilheiros, não existe qualquer estatística. Estima-se que hajam seis mil pessoas nesta prática. Ninguém sabe onde estão os seus quartéis generais. Quando as guerrilhas estão na zona rural, muitos guerrilheiros – como antigamente no tempo das Repúblicas Independentes – são os próprios camponeses que lavram campos e, quando agem, não deixam pistas. Em algumas ocasiões, as atuações mais drásticas foram quando os grupos do ELN e do FARC se uniram. As ações dos grupos guerrilheiros estão bem determinadas, que se pode detectar os seus campos de lutas. De há muito tempo vem se anunciando uma possibilidade de unificação de todas as guerrilhas colombianas. Inclusive, em julho de 1979, o líder máximo do grupo guerrilheiro Movimento 19 de Abril (M-19) CARLOS TOLEDO PLATA, numa entrevista realizada *em algum lugar da Colômbia*, e divulgada pelas emissoras de rádio RCN e Caracol afirmou que *em breve os grupos guerrilheiros colombianos FARC, ELN, EPL, MAO e M-19 se unificarão numa frente ampla, destinada a coordenar as operações de luta popular*". As guerrilhas são uma realidade na Colômbia, têm contra si alguns fatores, mormente a grande extensão territorial do país. Ninguém pode dizer que um dia a Colômbia acabe ou não acabe explodindo.

AS GUERRILHAS EM AÇÃO

1-) Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC). No começo, eram apenas o aparelho de defesa das Repúblicas Independentes. Muitos militantes das guerrilhas, após o episódio destas repúblicas, formaram diversos grupos ligados entre si, para atuação nos pontos mais distantes do país. As FARC são basicamente de âmbito rural. Formadas ideologicamente, na maior parte por comunistas. Mas convém se acentuar que todas as guerrilhas colombianas possuem uma gama muito grande de idealistas, que nem ligam para doutrinas ou tendências. A ideologia é a da criação de uma pátria melhor. As FARC estão, seguramente, em quase dez frentes de combate, e sempre travam lutas com forças regulares do exército e da polícia. Os guerrilheiros agem em Huila (onde a Braspetro busca petróleo); no sul de Tolima; norte de Cauca; em Caldas; sul de Meta (na zona de Urabá, onde há vastas plantações de bananas); e, em geral, em todo o Estado de Santandér; inclusive no norte do mesmo e no norte de Antióquia, na região de Pueblo Belo, com aproveitamento do seu lado agreste e selvagem. Portanto, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia atuam em 8 dos 22 Departamentos Administrativos. É a mais importante força guerrilheira do país, e tem, seguramente, mais de três mil efetivos treinados e conscientizados.

Por ocasião da vitória sandinista, na Nicarágua, as FARC lançaram um manifesto bastante divulgado (possuem inclusive jornal clandestino de publicação regular), no qual asseguravam: "*O povo colombiano não é inferior ao povo da Nicará-*

gua. Aqui na Colômbia estão dadas todas as condições para a batalha frontal contra o sistema. O povo nicaragüense nos está dando mostras do que é capaz um povo em luta pela liberdade, dignidade e soberania."

O chefe inconteste e permanente das FARC é MANOEL MARANDULA VELEZ (também conhecido como PEDRO ANTONIO MARIN, o TIRO FIJO – TIRO CERTEIRO) o grande guerrilheiro, que conseguiu cobrir o percurso desde o caótico período da Violência até os dias de hoje. É o líder camponês típico da guerrilha e, lendariamente, um tipo de novo Robin Hood rural. Realizou e realiza uma luta ideológica comprometida e se converteu num comandante maduro e com metas sócio-políticas claras. A sua luta armada na Colômbia teve início muito antes da Guerrilha Cubana, e é o grande exemplo para os atuais guerrilheiros. MARANDULA está ligado ao Partido Comunista. Sua prisão e morte foram muitas vezes anunciadas, mas já tem mais da metade de sua vida – 26 anos de sua idade de 46 – nos combates, ao lado das guerrilhas.

2) Exército de Libertação Nacional – ELN: Data de 1964, e uma boa parte de seus membros seguiu para o norte de Santandér, departamento setentrional da Colômbia. Um dos líderes iniciais deste movimento foi o guerrilheiro FÁBIO VASQUEZ CASTANO, que tinha a intenção de fomentar uma insurreição armada entre as massas, a fim de tomar o poder para os camponeses pobres e os operários. É de tendência guevarista e hoje atua principalmente no médio *Madalena* (centro do país) *Antióquia* (região noroeste). Juntamente com as FARC, são os grupos mais antigos e mais audazes. Às vezes estão juntos, para campanhas drásticas. Por ocasião da última campanha eleitoral, o jornal colombiano *El Espectador* publicou um manifesto no ELN, que afirmava que "*só deporia as armas quando fossem eliminadas a desnutrição, o analfabetismo e os problemas de saúde e doenças na Colômbia.*" O padre CAMILO TORRES, em sua última tentativa, pertenceu a este movimento. O grande comandante do ELN, FÁBIO VASQUEZ CASTANO, retirou-se das guerrilhas, em 1976, por motivo de grave doença, encontrando-se atualmente em tratamento de saúde na União Soviética ou em Cuba. Seu substituto foi o guerrilheiro NICOLAS RODRIGUEZ BATISTA. Um ano antes, o seu lugar tenente ALEJO VARGAS VELASQUEZ fora preso. Outros membros do ELN, OSVALDO UTRIA GROST, MICAELE UTRIA DE FARJADO, CARMEN DE UTRIA e ALONSO OJEDA AWAD se exilaram na embaixada do México, sendo que este último, médico, de 45 anos, cuja ala defendia a guerrilha urbana.

A notícia mais recente do ELN é que para ser infrigida uma séria derrota desta, as forças regulares necessitaram mobilizar 18 mil homens durante dois meses. Foi desbaratada uma colônia de cerca de 80 guerrilheiros. O M-19 tem cedido muitos de seus membros ao ELN, para lutas na zona rural.

3) Exército Popular de Libertação – EPL. Surgiu em janeiro de 1968; era o primeiro movimento de tendência maoísta da América Latina. Parecia decidido a combater o PC junto com o Fidelista e também o *establishment*. Sempre funcionou regularmente e logo de início teve grande sucesso na região do Alto Sinu, na província de Córdoba, na costa do Pacífico. Atua também na região de Monteria e no Departamento de Antióquia, na região do Una, onde se constrói uma grande hidrelétrica, sob a responsabilidade da União Soviética, que atacaram há bem pouco tempo, por serem contra a mesma. Agem inclusive no setor urbano. Cite-se como seus membros destacados os guerrilheiros JOSÉ JESUS GOMEZ (EL CARTAGENA), ALBERTO GOMEZ, e o ex-jornalista PEDRO LEON ARBALDA, que morreu em combate, em julho de 1975.

Como as guerrilhas na Colômbia são crônicas e nunca cessam, o EPL segue também este corolário.

4) Movimento de Autodefesa Operária, de tendência trotskista, que surgiu nos anos 70. De preferência, é guerrilha urbana, e é a de menor vulto. Em agosto de 1979, em ruidoso julgamento, muitos de seus líderes foram condenados por rebelião e seqüestros, após sofrerem torturas nos quartéis militares. Destaca-se por uma atuação ousada. Um de seus líderes, JUAN MANOEL GONZALEZ PUENTE, foi libertado da prisão, juntamente com ARMANDO LOPES SOAREZ e outros oito, quando um comando de sua organização guerrilheira dinamitou, em 12 de setembro de 1978, uma parede da cadeia La Modelo, de Bogotá. GONZALEZ morreu depois, em fevereiro de 1980, em choque com forças policiais. Neste mesmo mês e ano, foi libertada ADELAIDE ABADIA REYS, ex-professora, de 25 anos, quando era conduzida por policiais ao Tribunal Militar de Bogotá. Seu marido, um dos principais chefes do MAO, ALFREDO CAMELO FRANCO, cumpre uma pena de 20 anos, na prisão da Ilha de Gargana no Oceano Pacífico.

5) A organização guerrilheira mais nova é o M-19 de Abril, que tem mostrado maior atuação. Age nas grandes cidades, sendo portanto uma guerrilha tipicamente urbana. Foi fundada em 1973, oficialmente. Antes tinha o objetivo de defender pelas armas a figura do ex-ditador Rojas Pinilla, mas agora tem como meta exclusiva a defesa dos oprimidos contra os opressores e busca o poder pela rebelião. Seu nome provém da data em que o general Rojas Pinilla perdeu as eleições para Pastrana Borrero, eleições que muitos consideram fraudulentas. (11)

Curiosa foi a maneira como apareceu o M-19. O grupo publicou durante vários dias em *El Tiempo*, o mais tradicional jornal colombiano, um anúncio, avisando: "O M-19 vem aí: aguardem". E no dia 19 de abril de 1973, os guerrilheiros invadiram a Quinta de Bolívar, um museu onde se podem ver alguns objetos usados pelo *Libertador* e levaram inclusive a sua espada. (12) No dia seguinte, publicaram um novo anúncio, dizendo que iriam defender a honra da nação. Mas a ação do M-19 nem sempre foi desta maneira. Seu movimento real começou em fevereiro de 1976, para comemorar a morte de CAMILO TORRES. Neste dia, eles promoveram comandos revolucionários e seqüestros. Geralmente expropriam gêneros alimentícios e os distribuem às populações pobres dos bairros e fazem discursos sobre a falta de atenção governamental para os problemas da coletividade. A sede desta guerrilha, com toda uma moderna organização clandestina, era, até bem pouco tempo, em Cauca, no sul do país. É uma guerrilha que aumenta sua atuação e seus efetivos dia a dia.

O fato mais audacioso e famoso do M-19 foi a invasão da Embaixada da República Dominicana, em Bogotá, que durou de 27 de fevereiro a 27 de abril de 1980. Mas esta história começa na verdade no dia 1º de janeiro de 1979, quando, por um túnel de 75 metros, cavado na terra, um grupo de guerrilheiros do M-19 penetrou no principal complexo militar da Colômbia – o Canton Norte, em Usaquem, ao norte de Bogotá, e de lá fugiu com 4.036 armas. Esta operação, chamada pelos

(11) Nas eleições de 1970, o general Pinilla obteve mais de 1,5 milhão de votos, enquanto sua filha Maria Eugenia, quatro anos depois, não chegou aos quinhentos mil. Termina então a Anapo Socialista. Quando senadora, tinha lançado o apelo à luta armada e era um misto de esquerda e direita; abandonada pelos primeiros, desaparece da cena política.

(12) A espada e demais objetos foram devolvidos, mas em julho de 1979 aconteceu novamente o episódio e, desta vez, na Casa-Museu São Pedro Alexandrino, em Santa Marta, onde morreu Simón Bolívar. E afirmaram que só a reporiam, quando o M-19 triunfasse completamente na Colômbia.

guerrilheiros de Operacion Colombia, rendeu um segundo troféu, a incorporar-se à galeria do M-19, o fuzil que fora utilizado pelo padre guerrilheiro CAMILO TORRES.

O êxito acabou redundando num contra-golpe ao M-19. A grande parte das armas foi recuperada e ocorreram prisões em massa, ao longo de todo o ano de 1979. Quase 70 mil cidadãos passaram, em algum momento, pelas cadeias colombianas, por motivos políticos, e isto fez com que se levase à detenção mais de trezentos elementos do M-19, além de outros cem, dos outros quatro grupos guerrilheiros. O processo estava na fase inicial, quando acontece a ocupação que fez reféns 30 diplomatas e 25 penetras. No decurso, a grande maioria foi libertada, e um embaixador fugiu.

Esta operação guerrilheira se denominou Liberdade e Democracia e visava a libertação de 311 presos políticos da cadeia de La Picota, que estavam em julgamento irregular, sem defensores, em pleno Conselho de Guerra, ao invés da Justiça Comum. O governo colombiano não cedeu a todas as exigências, mas no decurso, libertou inúmeros guerrilheiros acusados, adotando uma outra sistemática nos processos, e teve que se submeter a diversas exigências da Comissão Inter-Americana de Direitos Humanos e da Organização dos Estados Americanos que, no final, serviu também como interveniente e intermediária. A CIDH passou a investigar torturas de presos políticos e restrições a direito de defesa e se comprometeu a acompanhar e supervisionar os julgamentos na Corte Marcial.

O comando guerrilheiro, com o nome de MARCOS ZAMBRANO, em homenagem ao companheiro morto nas mãos das forças de repressão, estava composto de 15 pessoas, sendo 9 rapazes e 6 moças, e sob a chefia do chamado COMANDANTE UNO, identificado depois como ROSEMBERG PABÓN, um professor de 32 anos, filho de camponeses, perito em manejo de explosivos, e que já combateu na guerra do Vietnam. PABÓN abraçou desde sua juventude as idéias revolucionárias, combinando seu trabalho no magistério com as lutas, sendo um dos fundadores do M-19 e membro de seu comando superior. A guerrilheira que manteve todas as conversações com o governo, em número de 22, foi a jovem médica de 25 anos CARMENZA CARDONA LONDONO, "LA CHIQUI".

Guerrilheiros e embaixadores viajaram inicialmente para Cuba, tendo a colaboração de FIDEL CASTRO sido agradecida oficialmente por Turbay Ayala. O caso da embaixada atraiu a atenção mundial por longos 60 dias, e pôde ser considerado uma vitória das guerrilhas colombianas no seu objetivo de melhorar a vida social e econômica do país.

Quais são os dirigentes do M-19? Quase todos estão identificados pelos serviços de inteligência e pertencem à classe média ou alta.

JAIME BATEMAN CAYON, de 35 anos de idade, vem de uma das muitas famílias anglo-colombianas tradicionais e abastadas. Sua mãe, Clementina Escolon de Bateman, residente em Santa Marta, capital da província de Madalena, assim o biografou: "*Na infância foi tímido, tranqüilo, ajuizado e nobre. Sempre foi um bom irmão e bom cidadão, estudioso, humano com a gente pobre. Amante das idéias de Simón Bolívar, ele leu todas as suas obras. Estudou três anos de Arquitetura na Universidade Nacional, até que foi se dedicar à revolução*".

CARLOS TOLEDO PLATA, médico, jornalista e ex-parlamentar, dono de certa riqueza. É originário do sul da Província de Santandér.

RAFAEL ARTEGA era professor de Física, no nível superior, dispondo também de alguns recursos.

CARLOS DUPLAT SANJUAN, um bem sucedido ex-ator de televisão.

IVAN MARINO OSPINA MORON, jornalista que militou na esquerda colombiana por mais de trinta anos.

O EPISÓDIO DA INVASÃO DA EMBAIXADA PELO M-19 DEMONSTROU A FALSA DEMOCRACIA

O episódio da invasão da embaixada da República Dominicana, em 27 de fevereiro de 1980, pelos guerrilheiros do Movimento 19 de Abril, veio enquadrar a Colômbia como um falso regime democrático, com estado de sítio permanente e apresentação de vários fatores negativos.

Foi a própria Associação Nacional de Instituições Financeiras da Colômbia que reconheceu que 37 por cento do povo está desempregado ou sub-empregado e 4 por cento da população concentra mais de 68 por cento da riqueza do país. Um expolitico, que havia ocupado o cargo de Ministro do Exterior, declarou que "*A Colômbia é um caso estranho, por aqui existe um ato de segurança (uma espécie de AI-5 no Brasil) sem segurança. Modificou-se o Código Penal e fizeram-se interrogatórios com torturas. O presidente da República está investido de poderes tão grandes que nenhum outro teve nos últimos cem anos, e apesar disto acontecem fatos inexplicáveis, e não é necessário se aderir ao fascismo, pois a democracia tem o direito de subsistir.*" Na verdade o governo leva o país para um processo de uruguaização.

O desencanto do povo colombiano tinha sido claramente exposto por ocasião de uma pesquisa conduzida pelo jornal *El Espectador*, na época das últimas eleições. Das pessoas ouvidas nas quatro principais cidades do país, apenas 9 por cento tinham uma boa imagem do Congresso e um pouco mais (12 por cento) do presidente da República.

É de se citar novamente aqui o quadro sócio-econômico que, na Colômbia, reproduz as gritantes desigualdades encontradas em ditaduras latino-americanas. Começam na posse da terra: as sessenta mil propriedades de mais de cincoenta hectares, que são apenas 8,8 por cento do total das propriedades, ocupam 78 por cento das terras agriculturáveis, enquanto 887 mil propriedades ficam com o restante 22 por cento. E isto se segue com as empresas modernas, pois apenas 16 empresas de manufaturas dispõem de 82 por cento do capital de todas as sociedades anônimas existentes no país. E tudo isto se reflete na distribuição de renda, fazendo com que 1.500 famílias se locupletem de 40 por cento dos dez milhões de dólares que formam o Produto Interno Bruto.

Ao lado disto há a crise moral, onde, além do mais, o suborno é uma instituição nacional, e se paga, anualmente, neste título, a juízes, policiais, militares e outros, cerca de 4,6 bilhões de pesos (um dólar vale um pouco mais de 40 pesos). Isto tudo para se acobertar o contrabando e o tráfico de entorpecentes.

E para completar, em 20 de agosto de 1979, a Sociedade Anti-Escravidão, sediada em Londres, apresentou à Subcomissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra, relatório provando e documentando que três milhões de meninos colombianos trabalham em profundidades de até 280 metros, à luz de velas, sem nenhuma ventilação, e ainda em regime de escravidão, sem contrato, sem pagamento, a troco de péssima e escassa alimentação, e sem nenhum dia de folga. O trabalho destes meninos é, em média, de oito horas, e às vezes são obrigados a 13 horas diárias.

Em fevereiro de 1981, a Organização Mundial de Saúde (OMS) denunciou, em Bogotá, um tráfico mercantilista e desonroso de sangue humano na América Latina. Lelio Claheiros, representante da OMS e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), afirmou que na Colômbia e noutros países da área existe uma inadequada e desmedida comercialização do sangue humano e seus derivados.

E é por tudo isto que a grande e forte opção que atrai os setores da esquerda e dos marginalizados da sociedade é a luta armada.

Na Colômbia, de agosto de 1978 a julho de 1979, foi presa uma infinidade de pessoas e por incrível que pareça, apenas o número ridículo de 587 estavam envolvidas com drogas, apesar de que o combate ao tráfico ser tido como tarefa policial prioritária. Mas só prendem para valer, por questões políticas.

Assim sendo, os objetivos do movimento guerrilheiro M-19 foram totalmente atingidos, pois provocaram uma guerra psicológica, com propaganda a nível nacional e internacional, com o afloramento de uma ditadura camuflada em democracia, de uma situação de injustiça, e em apoio à luta armada, a guerrilha. As classes dirigentes ficaram a nu, e suas contradições foram expostas.

No campo político, em pleno episódio da ocupação da embaixada, a organização humanitária Anistia Internacional, com sede em Londres, divulgou longo relatório, denunciando a existência de torturas sistemáticas em 33 unidades militares colombianas. Esta organização tinha visitado a Colômbia de 15 a 31 de janeiro, e constatou ainda maior a perseguição sindical, que vai desde a hostilização das atividades, passando por prisões em massa, até chegar ao desaparecimento, à tortura e ao assassinato dos líderes sindicais.

A Anistia responsabilizou o estado de sítio vigente nos últimos 30 anos no país, como fator decisivo para as prisões indiscriminadas, detenções prolongadas sem processo, torturas, assassinatos políticos e julgamentos sumários de civis, perante tribunais militares, que funcionam arbitrariamente; e solicitou ao governo colombiano o levantamento do estado de sítio e recomendou também a revogação do estatuto de segurança *"segundo o qual, uma ampla categoria de delitos caem sob jurisdição militar"*. A respeito das torturas físicas e psicológicas, pediu a criação de comissões públicas independentes, com a participação de médicos e advogados, para investigar suas denúncias, assim como novas instruções a propósito dos procedimentos de interrogatórios da polícia e das Forças Armadas e exames médicos regulares nos presos.

Em plena Semana Santa de 1980, os guerrilheiros do M-19 lançaram um manifesto, no qual, entre outras coisas, afirmavam: *"Para nós, os cristãos do M-19, esta Semana da Paixão faz parte de nossa vida, em que nos guiam os sábios ensinamentos de Jesus, cujos princípios são fundamentados no amor ao próximo, à justiça social e à igualdade, para que a miséria não encarcere o homem em muralhas invisíveis. Nós, os cristãos do M-19, entendemos que o amor ao próximo é todo o ato tendente a livrar o homem e o povo colombiano da opressão e da miséria. E porque sentimos amor ao próximo, nesta Semana Santa, damos mais uma prova de Cristianismo, de humanismo, libertando alguns reféns. Fazemos isso porque eles, como todos os que padecem fome e justiça, são dignos de liberdade"*.

O embaixador do México, que serviu de testemunha nos primeiros diálogos entre representantes do governo e os guerrilheiros, declarou, no final da crise, que *"o movimento M-19 é autenticamente nacional, de colombianos, talvez o mais colombiano de todos os movimentos."*

O M-19, após o término desta crise, afirmou que deverá iniciar uma guerra popular prolongada, a ser preparada nas montanhas, com a colaboração de outros grupos guerrilheiros, encabeçando um movimento mais amplo contra o governo colombiano, e isto implicaria, naturalmente, em mudança de método, pois estavam afastados da tradicional guerrilha rural.

Em março de 1981, os guerrilheiros do M-19 realizaram incursões contra objetivos governamentais no Sul do país, tendo obtido diversos êxitos, pois inclusive chegaram a ocupar algumas cidades. Em um dado momento, alguns deles refugiaram-se na fronteira, já no lado do Equador, sendo traiçoeiramente presos. 48 guerrilheiros, entre eles ROSEMBERG PABÓN e TOLEDO PLATA, foram entregues pe-

las autoridades equatorianas às tropas do exército colombiano, que os conduziram a Bogotá. Constatou-se que isto foi apenas uma derrota isolada da coluna Narino, pois as colunas de Putomayo, Meta, Choco, Hila, Risaralda e outras continuam intactas, arregimentando mais adesões para as forças guerrilheiras. (13)

(13) Um dos líderes do M-19, ALVARO FAYAD DELGADO, que está preso em La Picota, respondendo a um julgamento num conselho de guerra, manifestando-se sobre este fato, advertiu que *"ele nada representa, pois a organização é bastante forte. As prisões de nossos líderes não nos assustam nem nos surpreendem. Nos dói como seres humanos e nos preocupam como combatentes, mas, ao contrário de nos intimidar, essas prisões nos enchem de forças e convicção, para mantermos nossa luta e procurar corrigir nossas falhas"*.

Capítulo 11

EQUADOR – EXISTEM LÍDERES POPULISTAS E NÃO EXISTEM GUERRILHEIROS

CHEFES POPULARES

Quando há líderes populistas, estes tomam o lugar daqueles que seriam os guerrilheiros.

Diversos fatores impediram que no Equador surgissem guerrilheiros, enunciando-se:

1 – a constante dos chefes populares;

2 – a espera da saída da ditadura militar e o fim da oligarquia, além do mais, da existência de 70 por cento de eleitores jovens dispostos a votar;

3 – a expectativa do petróleo;

4 – o candidato e depois presidente, o jovem Jaime Roldós, também líder de alguma origem populista, declara-se um esquerdista cristão.

"*Deixe-me e eu serei presidente deste país enquanto viver*", era o grito de guerra do extraordinário demagogo, José Maria Velasco Ibarra, que se elegeu cinco vezes no Equador, só conseguindo terminar um mandato. Grande orador, tinha a capacidade de levantar as massas equatorianas. Polarizava todas as reivindicações de dias melhores. Portanto, o povo equatoriano sempre viveu na expectativa, nas três últimas décadas, de verem seus problemas solucionados com um populista, ao invés das armas. Inclusive Velasco Ibarra, em determinada ocasião (1944), contou com a ajuda da Aliança Democrática, grupo heterogênio, sob influência socialista e comunista. Porém, nunca teve ideologia política.

Na quinta eleição de Velasco Ibarra, em 1968, ele se tornou um ditador, fechando o Congresso, em 1970, após dizer que estava pressionado pela esquerda e pela oligarquia. Mas foi derrubado por um golpe militar, dois anos depois. (1)

(1) Velasco Ibarra, advogado, formado pela Universidade de Guaiaquil, e com curso também na Sorbone. Foi eleito, incialmente, em 1934, sendo deposto em 1935. A segunda vez, quando estava ausente do país, em 1944, pelo Partido Liberal, e o golpe que o derrubou ocorreu em 1947. Na terceira candida-

Carlos Júlio Arasomena Monroy, também quis virar líder populista, mas este presidente foi deposto em 1963. (2) Mais jovem e mais audacioso, Arasomena deixou correr livres os invasores de terras no país, pensando na sua eleição e retorno próximo. Ele seria candidato em 4 de julho de 1972, sob a Frente da Pátria, que conjugava o Partido Nacionalista Revolucionário (o seu próprio), União Democrática Popular, Partido Comunista e Partido Socialista.

Até o Plano de Ação do Governo Revolucionário e Nacionalista do Equador, dos militares que tomaram o poder em 1972, tinha influência do Populismo Militar peruano.

A seqüência dos líderes populistas teria em Assad Bucaran (ex-prefeito de Guaiaquil) o seu mais atual representante, e a sua figura mais típica. E Assad Bucaran nunca foi esquerdista e sempre tentou sensibilizar as massas com *slogans* demagógicos.

Uma decisão casuística da Junta Militar vetou, em 1977, a sua candidatura, bem como dos dois ex-presidentes, o velho Ibarra e Arasomena.

FIM DA DITADURA MILITAR E OS JOVENS ELEITORES

Agitações ocorreram no Equador, mas de pequena monta. A expectativa de se sair da ditadura, por vias de eleições, também impediram qualquer movimento extremista. Os jovens estavam preocupados com eleições, as vias pacíficas. E o fato de que em mais de um milhão e seiscentos mil eleitores, em 1977, os jovens eram quase um milhão, se tornou sintomático. As agremiações estudantis, bem como as centrais sindicais, deram apoio a um plano de democracia. A nova Constituição, inclusive, introduziu o voto aos analfabetos (27% da população de quase sete milhões de habitantes).

Os militares, quando no governo, através de diversas juntas e presidentes, estiveram cheios de contradições, pois, inclusive, fizeram ampla reformulação da lei de hidro-carburetos, com o objetivo de atrair companhias estrangeiras para exploração e exportação do petróleo, sendo favoráveis à participação das multinacionais, com sujeitamento às leis do país.

Alguns militares criticaram as oligarquias, mas os resultados finais foram pouco práticos. Certa feita, em abril de 1975, uma figura importante na Junta, o comandante geral da Marinha do Equador, contra-almirante Sergio Vasquez, declarou que "*nem o capitalismo nem o comunismo podem inspirar o desenvolvimento do país*" e assegurou que "*as Forças Armadas deixaram de ser as guarnições dos grupos privilegiados, das camarilhas de políticos carreiristas e de uma minoria oligárquica*".

Sérgio Vasquez discursou em Guaiaquil durante a troca de comando da esquadra e afirmou que "*uma inflação de ordem internacional reduziu o ritmo de muitos programas nacionais e tem demonstrado até que ponto a economia equatoriana depende do sistema capitalista.*"

"*Esta dependência*" – disse Vasquez – "*acentua-se com a cumplicidade da oligarquia interna que, aliada aos interesses multinacionais, pretende controlar a economia do Equador*".

Segundo ele, "*o compromisso e a nova filosofia do regime militar são opostos ao sistema dos grupos que acreditavam ser donos do poder, donos dos processos que pomposamente chamavam de democráticos, proprietários de todos os recursos econômicos, de terras, bancos e do comércio. Pessoas que utilizavam a máquina do Estado em seu próprio proveito, enquanto a nação permanecia prostrada, enganada por uma farsa eleitoral, que só atendia aos interesses dos grupos de exploradores*".

As eleições se realizaram em dois turnos e disputaram as mesmas muitos partidos das mais diversificadas tendências. As esquerdas mais acentuadas, todas agremiações novas, como sempre, estavam divididas e sem rumo certo. Seis candidatos concorreram, inicialmente, tendo obtido maiores votações o sobrinho de Bucaran (este não pôde disputar, por ser filho de estrangeiros: pais libaneses), Jaime Roldós Aguilera, e o direitista, engenheiro Sixto Duran Ballen (ex-prefeito de Quito). (3)

E doze partidos concorreram ao Parlamento unicameral de 69 membros, para mandatos de cinco anos e sem direito à reeleição. O Partido de Concentração das Forças Populares fez a maioria, e o segundo classificado em maior número de deputados foi um partido recente, a Esquerda Popular, e os tradicionais foram pulverizados.

A grande surpresa da campanha eleitoral foi Jaime Roldós, que concentrou seu movimento contra a oligarquia equatoriana – os poderosos proprietários de terras e comerciantes que dominam tradicionalmente o país. A coligação deste candidato contava com o apoio dos partidos moderados, não comunistas de esquerda do Equador.

O GENERAL PETRÓLEO

Outra expectativa tornou-se a possibilidade de melhoria, através do petróleo, que o Equador começou a exportar em 1972, depois de completado o oleoduto transandino de 503 km. O Equador passou, em 1973, inclusive, a pertencer a OPEP. (4) O general petróleo era uma projeção que empanava possíveis revoltas e explosões sociais e daria base popular a qualquer governo. Sob a égide do petróleo, há sete anos atrás, os militares tinham estabelecido ainda como metas principais a redistribuição da renda, a capitalização do país e a criação de forte demanda de emprego, através da liquidação dos "resíduos feudais" no meio rural.

tura, completou o seu quatriênio (1952-1956). Na quarta disputa, concorreu como candidato independente, pois nenhum partido o aceitava mais, e só governou o ano de 1961. Na sua última disputa, 1968, e na queda, em 1972, já com idade de 79 anos, quis fazer uma nova experiência governamental, mas esta provocou um total desassossego econômico e social. Competiu em seis eleições, só perdendo em uma, em 1939.

(2) Arasomena assumiu, na qualidade de vice-presidente, em 1961, após a derrubada de Velasco Ibarra. Não confundir este com o seu primo, o banqueiro Otto Arasomena Gomez, que foi escolhido presidente por uma Assembléia Constitucional, em 1966. Precedendo estas eleições, a Junta Militar, que estava no poder, teve que sair, em virtude de uma rebelião de natureza civil. No atual Congresso, Otto Arasomena é líder do Partido Conservador, e apesar de normalmente calmo, em outubro de 1980, atirou contra dois deputados, por ocasião do debate de um projeto de sua autoria, que versava sobre aposentadoria para mulheres, após 25 anos de trabalho.

(3) Os demais candidatos foram: Raul Clemente Huerta (Partido Liberal Radical); Rodrigo Borja Cevallos (Esquerda Democrática, com posições semelhantes às da Social-Democracia Alemã); René Muoge (Frente Ampla de Esquerda) e Abdon Calderon Muñoz (dissidente do Partido Liberal Radical). Este político foi assassinado em 1978 e o principal implicado foi o general Bolivar Jarin Cahuenas, ex-ministro do governo da Junta Militar, que teve a prisão preventiva decretada, em novembro de 1979, pela Suprema Corte de Justiça, e foi afastado de suas funções no Ministério da Defesa. Este fato surpreendente veio significar um repúdio e um revertério a qualquer tipo de ditadura militar no Equador.

(4) São membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), um cartel internacional que dita preços e impõe condições, na América Latina: Venezuela e Equador; na África: Argélia, Nigéria, Líbia e Gabão; no Oriente Médio: Emirados Árabes, Irã, Iraque, Arábia Saudita, Kuwait e Qatar; e na Ásia, a Indonésia.

Fala-se na entrada do México para este grupo.

Far-se-ia, portanto, a reforma agrária, no contexto de uma política de eliminação da dependência econômica, social, cultural, militar e ideológica. O fortalecimento do mercado interno viria como uma decorrência lógica.

Mas os petrodólares entraram, o orçamento equatoriano inchou, e as importações, para o capricho consumista de uns poucos, se encarregou de liquidá-los. Todo este plano, ao invés de melhorar o nível de vida do povo, produziu o contrário, com o aumento das favelas nestes anos da ditadura militar. O petróleo surgiu como uma tábua de salvação, mas, no final das contas, só contribuiu para um maior acúmulo de riquezas em mãos de alguns privilegiados.

E não foi feita concretamente nenhuma reforma agrária. No campo social, há a miséria de quase três milhões de índios, e há latifúndios no interior, onde se vive em clima de idade-média e, os "*resíduos feudais*" permaneceram como características do campo no Equador. A taxa de desemprego foi alta. A volta à democracia, no Equador, em 1978, fez-se num cenário de aumento das desigualdades sociais. Pouco se tem aproveitado com o petróleo no Equador.

São muitas as observações históricas estimuladas pelas contradições daquele país. Humboldt, o sábio alemão, disse, no século passado, que o Equador era "*um mendigo sentado em sacas de ouro*". (5) Prova de tudo é que, em meados de 1979, houve a queda da produção de petróleo. A produção limitou-se a 210 mil barris diários, e o Equador deve procurar novas jazidas, pois, caso contrário, no começo da próxima década, poderá converter-se em importador de petróleo.

A dívida externa do país vai à casa dos quatro milhões de dólares, o que significa que o pagamento de amortizações e juros levará mais de um terço das exportações atuais.

POPULISTA E ESQUERDISTA

O grande vencedor das eleições, na qual concorreram os dois candidatos anteriormente mais votados, inclusive no segundo turno, foi o jovem advogado e político (tinha sido deputado em 1972), de 39 anos, Jaime Roldós, casado com uma sobrinha de Bucaran, e do mesmo partido deste, partido que tinha quase trinta anos de existência – a Concentração de Forças Populares –, sendo seu vice, outro advogado, Osvaldo Hurtado, de 42 anos, da União Democrata Cristã, e ambos acusados de ferrenhos esquerdistas. Hurtado foi taxado até de vinculação ao "*comunismo cristão internacional, e de defensor de um Estado Socialista Comunitário*", e quanto a Roldós, Sixto Duran tinha falado que "*ele já foi castrista, teve apoio dos comunistas como dirigente estudantil, e hoje levava uma vida cômoda como advogado dos oligarcas de Guaiaquil*".

A verdade é que Roldós herdou, em parte, o populismo de Bucaran e se sobrepôs à velha política com uma imagem de juventude. Seus *slogans* foram "*contra a opressão e a miséria.*" Considerou-se "*um homem de esquerda não totalitário, se por esquerda entendermos o desejo de transformação social, vivência efetiva de democracia, incorporação dos grupos marginais e respeito ao pluralismo ideológico*". Roldós ainda declarava que "*ao problema agrário é preciso dar uma solução econômica e social, sem mais explorações do homem pelo homem*".

(5) O Equador, embora sendo um país pequeno (o menor da América do Sul), tem imensas riquezas minerais, que não explora convenientemente, ou não as explora. Sempre se noticiam grandes descobertas, sendo que a mais recente é de setembro de 1980, com a constatação, pelo próprio Ministério de Recursos Naturais e Energéticos (confirmada por missão belga), de que a região de Chaucha, província de Azuay, a 460 km ao sul de Quito, tem grandes reservas de cobre, de molibidênio e, sobretudo, ouro.

Roldós, como candidato e logo no início de seu governo, não pensou em "*Medidas imediatas para tratamento de emergência da crise equatoriana. As condições de tensões sociais poderiam produzir desestabilização, as soluções devem ser integrais, é preciso começar aos poucos e encontrar um ponto de equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e justiça social.*" Roldós sempre se manifestou preocupado com o que aconteceu no Equador. E quanto à oligarquia, disse que esta "*não iria gostar de meu governo e não me interessa que goste ou não. Vou tomar medidas antioligárquicas, vou golpear a oligarquia.*"

Num ponto sensível à política petrolífera, Roldós pode ser considerado imobilista. Não pretende mexer em nada, nem sequer bloquear a entrada reaberta a empresa estrangeiras. (Essas operações haviam sido interrompidas em 1977.) Considera que "*a reforma da lei petrolífera, permitindo prospecção mais ampla por parte de capitais de fora, facilitará a descoberta de novos depósitos. Os contratos feitos serão mantidos desde que respeitem a soberania e os interesses do Equador, que continuará sendo membro da OPEP.*"

Em nome da eficácia técnica, Roldós afastou-se de certos setores nacionalistas. (6)

Roldós parece querer ir devagar. Dando-se por paus e por pedras, seu Plano Nacional de Desenvolvimento acabou sendo aprovado em março de 1980. Este plano, para cinco anos, visa dar apoio ao setor agrícola, para evitar-se importação de alimentos; quer a modernização da economia, reservando a maior parte dos dividendos petrolíferos, para investimentos a prazo muito longo, com a programação da compra de terras e sua distribuição a setenta e sete mil famílias camponesas; (7) insiste na necessidade de desenvolver o potencial elétrico, a fim de limitar o consumo interno do petróleo e exportá-lo ao máximo, e para tal, a gasolina aumentaria novamente; e assim seria adotada a fórmula venezuelana.

O problema é saber se nos próximos anos haverá real e concretamente mudanças e transformações no Equador, um país historicamente regido, como já aqui acentuado, por enormes desigualdades sociais.

Mas quatro meses antes, Roldós tinha rejeitado um plano político elaborado pelo partido Esquerda Democrática Popular, além de membros de seu próprio governo. O plano propunha imediata e principalmente grandes reformas sócio-econômicas do Equador e uma maior nacionalização das indústrias.

Caminha bem o programa nacional de alfabetização, com o objetivo de reduzir, em quatro anos, de 21,9 (dados oficiais) para 5,2 por cento o índice de analfabetismo no país, que, segundo os cálculos do Ministério da Educação, é de 930 mil. Este programa custará 1,14 bilhões de sucres (cerca de três bilhões de cruzeiros).

No plano exterior, foram reatadas relações consulares e comerciais com Cuba (8), e Roldós é, no Pacto Andino, quem mais tem combatido o golpe de Garcia Meza na Bolívia.

O Equador foi palco, em dezembro de 1979 e fevereiro de 1980, de violentas manifestações populares de rua, que ocasionaram mortos e feridos. Principalmente a classe estudantil protestou contra a alta do custo de vida e a falta de reformas sociais concretas. Alguns aumentos foram até revogados diante do volume de protes-

(6) Embora permitindo-se contratos de risco e outras concessões, aos trustes, o petróleo é controlado basicamente pela Corporação Estatal Petrolífera Equatoriana (CEPE).

(7) No governo ditatorial do general-brigadeiro Guilhermo Rodriguez Lara, foi feita uma lei de reforma agrária, em setembro de 1974, mas não cumprida por falta de orçamentos necessários.

Lara foi deposto em janeiro de 1976, por novo golpe militar incruento, acusando-o de não colocar em prática nenhuma reforma, e por não prever a realização de eleições. Em seu lugar, entrou uma Junta Militar chefiada pelo vice-almirante Alfredo Poveda Burbano.

(8) Fato ocorrido em 16 de julho de 1979, durando 17 anos o rompimento.

tos. Uma nova organização se distinguiu nestes movimentos de esquerda bem acentuada, foi a Democracia Popular. O governo, porém, declarou que "*as reivindicações não tinham justificativa, dado que o regime é democrático e sobretudo popular*".

Uma grande greve, promovida pela Federação Nacional dos Transportes, eclodiu em julho de 1980, relacionada, entre outras coisas, à alta do preço da gasolina. (9).

Em todos os países, com traços de populismo, surgem as desavenças políticas e a demagogia.

O Ministério, em apenas um ano de governo, passou por crises e sofreu diversas modificações.

A Câmara dos Deputados mediu forças com o presidente da República. A Câmara ainda tem um grande número de membros da velha classe e politiqueiros que pensam que os problemas podem ser resolvidos de modo paternalista, sem transformações em profundidade e querem distribuir verbas por conta própria às suas regiões eleitorais. O presidente da República e os deputados, em linhas gerais, têm questões de prioridade de desenvolvimento.

O grande conflito foi o desentendimento de Assad Bucaran, agora presidente da Câmara, com o próprio Roldós, uma briga quase familiar, pois este nada mais quis saber do tio de sua mulher, e quase foi convocado um plebiscito para solucionar sobre a dissolução da Câmara e realizações de novas eleições parlamentares. O impasse foi solucionado em maio de 1980, com a ameaça de Roldós de renunciar, se não fizesse a reforma programada, e afinal acabou recebendo o apoio do Congresso. (10)

Um acontecimento inesperado e triste para o Equador – e porque não dizer para toda a América Latina – ocorreu em 24 de maio de 1981. Roldós, juntamente com sua mulher e diversos militares morreram em desastre aéreo no sul do país.

Num quadro econômico não muito bom, assumiu o poder o vice-presidente, Osvaldo Hurtado, advogado, de 42anos, autor dos livros *Dois Mundos Superpostos* e *Organização Popular no Equador* no qual permanecerá até 10 de agosto de 1984. Hurtado, que se intitula um socialista comunitário e diz sempre que não é anticomunista, prometeu levar o país mais para a esquerda, fazer todas as reformas sociais, cumprindo as promessas do antigo programa conjunto de governo:

"Justiça social para terminar com privilégios e desigualdades, planejamento estatal para alcançar desenvolvimento integral e harmônico, reforma fiscal para gravar diretamente a renda e o patrimônio dos que mais têm, promoção do campesinato por meio da Reforma Agrária e erradicação do analfabetismo" com os slogans de *"Só o povo salva o povo", "com o imperativo histórico de se eliminar a exploração, a miséria e a injustiça."*

Em agitada reunião, o Congresso elegeu o irmão de Jaime, Leon Roldós, de 38 anos e também advogado, até então dirigente do Conselho Monetário para vice-presidente do Equador.

(9) Novos protestos populares ocorreram em fevereiro de 1981, contra novas altas da gasolina (que passou a custar Cr$ 12,00 por litro) e das tarifas de transportes coletivos. O governo anunciou um plano, com base na Lei de Emergência Nacional, prevendo subsídio ao transporte estudantil; impostos para carros importados, de acordo com a celindrada; congelamento de preços de alimentos e artigos essenciais e criação da Empresa de Comércio Exterior. Foi declarado ainda que os fundos serviriam para um rearmamento do país, embora não se pretendesse entrar em corrida armamentista, mas sim, preparar para emergências, como a do conflito que tinha havido com o Peru.

(10) Em dezembro de 1980 realizaram-se eleições para escolha de 416 vereadores em 122 municípios e 52 conselheiros provinciais em 19 províncias, que substituiriam os funcionários designados pelo antigo regime militar. Venceu este pleito um novo partido populista, a Frente Radical Alfarista, chefiada por Cecilia Calderon, filha do político assassinado, em crime que esteve envolvido o militar já aqui mencionado. Participaram também destas eleições os seguintes partidos: Concentração de Forças Populares (do atual presidente); Conservador Liberal, Democracia Popular, União Democrata Cristã, Social Cristão, Coalização Institucionalista Democrata, União Democrática Popular, Partido Velasquista, Nacionalista Revolucionário, Esquerda Democrática e Movimento Popular Democrático.

Capítulo 12

PERU – HUGO BLANCO GALDOZ, DE VIOLENTO GUERRILHEIRO A NOTÁVEL POLÍTICO

A SITUAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA NOS TEMPOS DAS GUERRILHAS

A origem dos movimentos guerrilheiros, no Peru, foi a impossibilidade de uma correção das miseráveis condições de vida, de oito décimos da população, por meios legais. A principal riqueza e o único meio de vida de 80 por cento de seu povo constituía-se na terra que estava nas mãos dos latifundiários, em sua maior parte, sobrando apenas uns 17 por cento para o povo. Os lavradores pagavam o arrendamento da terra com o trabalho, dando aos proprietários, ainda gratuitamente, um certo número de dias por ano. A grande maioria da gente da zona rural não falava o espanhol e sim apenas um dos idiomas do país, Quechua ou Aymara, que eram os principais no velho Império dos Incas. As escolas só ensinavam espanhol e por isto só serviam a 60 por cento das crianças, o que resultava em 40 por cento de analfabetos adultos. Nas áreas rurais existia apenas um médico para cada grupo de 50 mil habitantes. O governo era sempre uma ditadura – às vezes militar ou então um arremedo de democracia – que sempre representava uma pequena oligarquia imensamente rica. O Peru, nos anos 50 e 60, era um país com características pobres e dependentes, porque suas maiores riquezas estavam nas mãos estrangeiras. Encabeçava a produção mundial da farinha de peixe com 14 grandes consórcios pesqueiros, dominados por capitais de fora. Outros trustes estrangeiros, principalmente norte-americanos, controlavam direta ou indiretamente (através de sociedades mistas em colaboração com capital peruano) as fontes de riquezas do Peru. Era o caso da Anderson Clayton, para o algodão e a lã, da American Smelting Refening Co. e da Cerro del Pazco Corporation para a exploração do cobre e produtos minerais. O caso do petróleo sempre foi vergonhoso, e foi por causa dele que um presidente acabou sendo derrubado do poder. (1) Era a Internacional Petroleum

(1) O político centrista, arquiteto Belaunde Terry, foi deposto em 1968.

Company, subsidiária do polvo Standard Oil, que manobrava as riquezas petrolíferas do Peru, de maneira voraz e sugadora. Irregularmente, tinham-lhe sido outorgadas concessões de fabricação e comercialização por 40 anos.

O presente telegrama, estampado no jornal *Expresso*, de Lima, edição de 4 de novembro de 1966, traduzia muito bem o alto grau de espoliação de que era vítima o Peru.

"*New York, 3 (UPI). Os lucros da Cerro del Pazco Corporation nos nove primeiros meses deste ano, aumentaram consideravelmente. Não obstante os elevados custos de produção e uma greve de oito semanas, numa companhia subsidiária dos Estados Unidos, segundo anunciou o presidente dessa organização, Robert P. Koening, o lucro líquido atingiu nesses nove meses o montante de 31.137.912 dólares, ou seja, 5,32 dólares por ação. As vendas nos nove meses de 1966 totalizaram 296.538.020,00 dólares no ano anterior*".

Outras mazelas atingiram o Peru. E diante dessa situação, deste quadro todo, destas distorções, as guerrilhas foram despertadas para a luta, para, na pior das hipóteses, melhorar este estado de coisa. Terra ou morte e Luta para a libertação, seriam as bandeiras empunhadas para combater a miséria e a opressão.

A POSIÇÃO DAS ESQUERDAS

Nos anos de 1959 a 1966, ao lado dos poderosos partidos de tendências reacionárias, existiam também, no Peru, muitas forças de esquerda. O êxito de FIDEL CASTRO e CHE GUEVARA em Sierra Maestra animou muito os jovens peruanos. Cuba organizava cursos de formação de combatentes, em escolas especializadas, onde iam os futuros guerrilheiros. As armas de todos os lugares do mundo, principalmente da Bolívia, passaram a chegar ao Peru, porque a idéia da luta tinha nascido e florescido no país dos incas.

O mais velho partido peruano, a APRA, teve uma cisão, formando-se uma importante corrente, que se denominou Apra Rebelde, que era de extrema-esquerda e chefiada por um jovem, LUIZ DE LA PUENTE UCEDA, que mais tarde foi transformada no MIR. O tradicional *Partido Comunista*, fundado em 1928, com o nome de Partido Socialista do Peru, era dos partidos revolucionários o que menos preconizava a guerrilha e dizia: "*Não havia em nosso país situação revolucionária que autorizasse a considerar a luta armada como a principal tarefa do povo peruano.*" Mas houve uma oportunidade em que indicou que a luta armada era uma "*resposta*" ou uma "*autodefesa*" à violência de que eram vítimas os camponeses.

As facções maoistas e castristas estavam no esquema dos combatentes. E além destes ramos rivais do comunismo, a extrema-esquerda peruana contava com o Partido Trabalhista Revolucionário, de tendência trotskista, com divisão em numerosas correntes internas, e dentre estas havia um fator comum: o gosto pela revolução, ilustrado por HUGO BLANCO GALDOZ, um dos líderes mais destacados, que também foi secretário geral do FIR (Frente da Esquerda Revolucionária). Grande número de pequenos grupos extremistas também preconizavam a rebelião: o Partido Social Progressita, de inspiração castrista; O Partido Socialista Marxista, etc. Para se ver esta diversificação, basta termos o nome quilométrico da conferência, realizada no México, em março de 1961, sob a presidência do general Lázaro Cardenas, Conferência Latino Americana pela Soberania Nacional, pela Emancipação Econômica e pela Paz, e este conclave fez criar, no Peru, uma Frente de Libertação Nacional, em 4 de novembro de 1961, que foi logo dominada pelos partidários castristas e da linha chinesa. Os comunistas soviéticos bem depressa se puseram de quarentena.

Foram destas linhas esquerdistas que nasceram os guerrilheiros peruanos. O movimento que mais prevaleceu foi o MIR, de UCEDA. Em uma síntese, porém, com a atitude do Partido Comunista, observa-se que, como na Venezuela e em outros países da América Latina, nenhuma das esquerdas tinham uma só unidade, um só pensamento.

HUGO BLANCO – O INICIADOR DAS GUERRILHAS

HUGO BLANCO GALDOZ pode ser considerado o grande precursor e iniciador das guerrilhas no Peru. Este jovem revolucionário fez a sua campanha, de 1961 a 1963, com base no lema "*Terra ou Morte*", e toda ela violentamente.

Filho de um advogado, HUGO BLANCO nasceu em Cuzco, no ano de 1933. Recusou ajuda dos pais e trabalhou para estudar na Universidade de La Plata, Argentina. Na maior parte do tempo foi operário de um frigorífico. Ali filiou-se à Palabra Obrera Trotskista do professor Bressano.

Voltando ao Peru, em 1956, ingressou no Partido Obrero Revolucionário, trotskista e clandestino, iniciando sua luta.

Dois anos depois, foi morar no Vale de La Convencion, em Cuzco, onde trabalhava, vestia-se e comia como os camponeses pobres, ao mesmo tempo que aprendia o seu idioma, o quechua. (2) O seu trabalho revolucionário consistia ainda em organizar sindicatos camponeses, criando 142, e desses fez uma federação. Conseguiu melhorar diversas condições, declarando greves, e com seu consistente trabalho educativo, diminui o abuso do álcool e da coca. Seu nome tornou-se famoso entre os revolucionários em toda a América Latina, e anátema para a oligarquia dos peruanos ricos e a sua ditadura.

Um ano após, HUGO BLANCO tornou o Vale de La Convencion praticamente inexpugnável.

Nesta mesma ocasião, LUÍS DE LA PUENTA UCEDA se encontrava em preparativos na Sierra de la Libertad, ao norte do país. UCEDA tinha uma certa popularidade nas universidades mas não queria estar sob as ordens de HUGO BLANCO apesar deste ter um instrumento eficiente que era a Federação de Camponeses. Estabeleceu-se, porém, que ambos procurariam formar uma frente única, e o encontro chegou a ser verificado em outubro de 1962, mas sem qualquer êxito.

HUGO BLANCO passou a recrudescer suas atividades, desferindo ataques a postos da guarda civil e promovendo grandes manifestações de massas. Em 16 de dezembro de 1962, conseguiu reunir 15 mil camponeses na praça de armas de Quillabamba e fez com que, sob aplausos da multidão, diversas autoridades abandonassem a cidade. HUGO BLANCO tinha bastante capacidade para liquidação de todo policial que tentasse penetrar em seu setor.

Nas cidades, os partidários de HUGO BLANCO realizavam expropriações, e diversos latifúndios eram invadidos na zona rural. Os assaltos a bancos não foram para estabilizar a situação, mas a fim de comprar armas para a revolução.

É de se assinalar que no Vale de La Convencion, estava a empresa norte-americana Cerro del Pazco Coorporation, que, controlando os minérios e muitas terras, explorava o país e seus trabalhadores.

Diversos combates se sucediam. HUGO BLANCO tinha passado, com seus camponeses, à luta guerrilheira. Se não tivesse atacado, seria esmagado, inegavelmente, de maneira rápida.

(2) A língua Quechua, de origem Inca, foi oficializada em maio de 1975, pois já era falada pela maioria dos camponeses peruanos. Em 1784, um vice-rei tinha proibido este idioma de um povo pujante e cheio de riquezas culturais, em represália à ação libertadora de Tupac Amaru. Ao lado da oficialização, foi publicado semanalmente um jornal na língua Quechua.

HUGO BLANCO explicava ao campesinato que "*a terra chegaria às suas mãos, apenas através da força e ter-se-ia que enfrentar o inimigo com armas, até a derrota dos exploradores, para substituição dos mesmos, por um governo de operários e camponeses.*" Enquanto que o Partido Comunista não dizia nada disto. Pedia somente Lei de Reforma Agrária e queria entrada de deputados pára o encaminhamento do projeto que nunca ia para frente.

Na região de influência de HUGO BLANCO e seus camponeses, na Escola Noturna que funcionava na última etapa em Choupimayo, e que nada tinha a ver com o programa oficial (ao contrário da escola diurna), no curso de Educação Cívica se explicava: "*Câmaras (de Deputados e Senadores): conjunto de empregados dos caciques e capitalistas colocados por eles, para elaborar leis que mantenham a exploração dos pobres pelos ricos; guarda civil: organismo armado que serve para cometer ofensas contra o povo, a favor dos ricos.*"

O seu partido estava em plena ação insurrecional, para apoiar um programa de socialismo. Organizou-se para isto a Frente de Izquierda Revolcuionária (FIR), com contactos em diversos pontos do território peruano.

Na zona rebelada, as forças regulares do exército sempre sofriam baixas.

Como cessou este movimento de HUGO BLANCO, em 1963? Vejamos uma síntese do relato do mesmo, no livro *Terra ou Morte*: "*Infelizmente não houve um forte partido dos trabalhadores no Peru. Apesar deste movimento contar com apoio de operários e estudantes do Peru, que realizaram várias greves em apoio ao campesinato. Tudo isto foi desarticulado, pois não houve um apoio canalizado de todo o povo. O movimento que se iniciou, em Chaupimayo, foi um exemplo. As lições dele foram escritas com suor e sangue de milhares de camponeses. Alguns foram eliminados, ou seja, foram mortos nas prisões ou lutando. Mas foi uma derrota relativa.*

"*Em janeiro de 1963, as forças repressivas surpreenderam nossa guerrilha, atacando-nos com toda a munição possível e nos dispersaram. Depois deste ataque, não pude reunir-me com meus companheiros. Os policiais eram muitos, e não foi difícil me achar. Faziam parte do grupo efetivos da guarda civil, que tinham ordens de matar-me e membros da polícia de Investigações (PIP), com ordens de capturar-me vivo. Foram os da PIP que me encontraram, algemaram-me e me prenderam. Um oficial da guarda civil teve de contentar-se depois em bater em minha cabeça com a coronha do revólver. Menos sorte que eu e* BEJAR, *tiveram os companheiros* DE LA PUENTE, VALLEJOS, HERAUD *e tantos outros que foram mortos a sangue frio depois de capturados, como aconteceu ao* CHE.

"*Houve negligência, fruto da inexperiência dos camaradas de Cuzco. Mas estes fatos não são fundamentais, razão está no retrocesso das massas camponesas, incapazes de enfrentar a repressão, devido ao isolamento e à falta de um grande partido. A dispersão da guerrilha, meu isolamento, a inexperiência dos camaradas, ter que recorrer a pessoas que não eram do partido, etc . . . não são mais do que sintomas das profundas deficiências.*

"*As grandes possibilidades de sabotagem, de formação de milícias e outras guerrilhas etc . . ., levando em conta o alto nível do campesinato, também foram tragicamente desperdiçadas por ausência de organização partidária. A debilidade fundamental era política, e isso é um problema interno insuportável*". (3)

HUGO BLANCO foi, inicialmente, para o cárcere, em Cuzco e, em setembro de 1966, em julgamento próprio da sistemática de então e cheio de aberrações. É condenado a 25 anos de prisão, que começou a cumprir na cadeia de Arequipa. Depois, foi à prisão na ilha de El Fronton, nas costas de Callao. O promotor público

(3) O livro *Terra ou Morte* foi lançado no Brasil pela Editora Versus – São Paulo, 1979.

peruano Raul Vargas Ruiz pediu ao Conselho Supremo da Justiça Militar que revisse o seu processo, para a transformação do primeiro julgamento em condenação à morte, o que não foi acolhido. Mas a carreira e a luta de HUGO BLANCO não terminaria.

JAVIER HERAUD – UM MÁRTIR DAS LUTAS QUE OCORRIAM

JAVIER HERAUD PEREZ (1942-1963) – Um dos notáveis poetas peruanos, apesar de ter morrido em plena juventude. Seu livro de poemas *O Rio* foi premiado diversas vezes. Era um idealista e sonhador, e é considerado o mártir das guerrilhas peruanas. Filho de pais riquíssimos, foi educado em uma escola tradicional de Lima e depois na Universidade Católica, onde começou a ter nome como poeta, mas onde também começou a sentir desgostos e tristezas com as condições da maioria de seus compatriotas, os camponeses pobres, tornando-se socialista. Estava em Cuba, em 1963, provavelmente estudando a Revolução daquele país da América Central e o marxismo, quando, em maio, tornou-se público que HUGO BLANCO, estava sendo perseguido e em inferioridade perante as tropas do exército, no Vale de la Convencion. HERAUD organizou e chefiou um grupo de jovens intelectuais de esquerda, numa tentativa de socorrê-lo e apoiá-lo. Uns cincoenta desembarcaram na Bolívia e atravessaram a fronteira peruana, servindo-se de guias bolivianos também esquerdistas. Quando transpunha Porto Maldonado, é preso com mais alguns companheiros. Porém, resistem e travam um pequeno combate com as forças policiais e vencem, com algumas baixas. Daí para frente são perseguidos por um destacamento fortemente armado e por donos de terras locais. Em outro combate, no qual a diferença de forças é astronômica, o poeta è morto com o corpo crivado de balas. Com isto, torna-se um herói das guerrilhas e seu nome seria mais tarde dado à guerrilha chefiada por HECTOR BEJAR.

OUTRAS LUTAS – MANIFESTOS DO MIR

A atividade rebelde não se limitou ao Vale de la Convencion. Lutas armadas se sucederam.

Em 29 de maio de 1962, o sub-oficial da guarda republicana, FRANCISCO VALLEJO, inclinado à causa dos revolucionários, penetra na prisão de Jauja e ordena à tropa que deponha as armas, "*para inspeção*", em uma sala do edifício. Em seguida, leva os homens ao pátio; momento em que chegam companheiros armados de pistolas e, num instante, a tropa é encerrada nas celas. VALEJO então faz entrar uns vinte adolescente, alunos do 5º ano do Colégio de Ensino Secundário, distribui-lhes armas e vai abrir a cela do revolucionário comunista VICENTE MAYTA, e em meio de vivas à Revolução, a pequena tropa rebelde deixa a prisão e sobe para os caminhões que esperam à porta. O primeiro dirige-se ao Comissariado de Polícia, que tomam de surpresa, levando todo o armamento. O segundo caminhão dirige-se à sucursal do Banco Internacional, onde os jovens se apoderam de 109 mil sóis. Depois de cortar as linhas telefônicas e telegráficas para evitar que fosse dado o alarma, os outros companheiros, futuros guerrilheiros, marcham de volta aos caminhões. Seu objetivo é chegar antes a Quero, onde tem amigos, depois a Curimarca-Uchabamba, onde deverão estabelecer a base das guerrilhas. Nas proximidades de Quero, entretanto, são alcançados pela polícia. Em violento combate, os dois chefes rebeldes VALLEJO e MAYTA caem mortos. Os demais fogem, mas pouco depois são aprisionados.

Em maior ou menor escala, fatos semelhantes se reproduziam em diversos lugares do Peru. Durante os anos de 1963 e 1964, especialmente depois da prisão de HUGO BLANCO, as atividades guerrilheiras foram mais raras e esporádicas. Em compensação, os movimentos de extrema-esquerda desencadearam com perfeito sincronismo, uma impressionante série de operações de ocupação de terras pelos camponeses, a fim de forçar a mão do novo presidente da República. Este, Fernando Belaunde Terry, tomou posse em 28 de julho de 1963. Desde o dia 29, em plenas festividades nacionais, 3 mil camponeses de San Pedro de Cajas ocuparam a região de Chinchausiri de Junin. Esta primeira invasão foi seguida pelas de Algolan, Coyllor grande, Coyllor pequeno, Huaripampa, etc. E nas regiões de Pazco, Junin, Cuzco e Puno, especialmente, dezenas dessas invasões se verificaram. Depois continuaram estendendo-se em Huancayelica, Huanuco, Lima, Piura e Lambayeque. Nessa época, as manchetes diárias dos jornais davam notícias de invasões e ocupações. Um verdadeiro clima revolucionário reinava no país. Outras pessoas influentes também tenderam a se transformar em guerrilheiros ou em apoiar os movimentos revolucionários. Podemos citar o ex-padre SALOMON BOLLO, o jornalista ANGEL CASTRO CARAVELLO e o general reformado CESAR PADO EQUIZA. (4) Este foi preso em janeiro de 1963, com outros líderes guerrilheiros, em número de mais ou menos 300. O governo da Junta Governamental afirmava, na ocasião, que existia um plano de esquerda para assassínio de oligarcas e chefes das forças armadas, de sabotagem, mediante incêncios e depredações na indústria e na agricultura, de guerrilhas nas montanhas, de destruição de centrais elétricas e de inutilização das vias de comunicação. (5) E por isto, um plano de segurança era estabelecido, suspendendo as garantias institucionais. O Partido Aprista, que já se tornara um partido praticamente de direita, estava fora das cogitações governamentais. Toda a autoridade política do Peru foi confiada aos chefes militares dos Departamentos, aos quais podiam utilizar, se julgassem necessário, as seguintes prerrogativas limitadas pela Constituição, em condições normais. a) Deter, sem mandado judicial e sem limitação de tempo, quem se julgar necessário, não sendo preciso pôr à disposição dos tribunais os detidos, nem podendo estes últimos recorrer a *habeas corpus* (artigo 56); b) violar os domicílios, sem os trâmites legais prévios (artigo 61); c) impedir qualquer reunião (artigo 62) e d) expulsar do território ou retirar de sua residência os habitantes do país (artigo 68).

O comunicado do governo de então afirmava que o plano de esquerda culminaria no Dia de Tupac Amaru, (líder indígena colonial, que encabeçou a primeira rebelião contra a Espanha e que os socialistas peruanos de todos os naipes tomaram como o seu símbolo) com a tomada do poder pelas forças chamadas de operário-camponesas.

Mas o êxito da revolta, apesar de toda a represália, ĕra patente.

Manifesto do MIR – O MIR se prepara para declarar guerra. Em fevereiro de 1964, seis meses de governo da Ação Popular, DE LA PUENTE, em movimentado e concorrido comício, pronunciou inflamado discurso na Praça San Martin de Lima, um dos logradouros mais centrais da capital e tradicionalmente escolhido para todas as manifestações populares. Atacou duramente o regime, denunciando o fracasso reformista da burguesia e criticou as esquerdas que procuram, em vão, o caminho eleitoral, para atingir o poder. Mostrou as realizações da Revolução Cubana, que

(4) Adepto do Partido Comunista, ex-candidato à presidência da República, com poucos votos, pela Frente de Libertação Nacional, nas eleições de 1963, nà qual saiu vitorioso Belaunde Terry.

(5) Esta junta, sob a chefia do general Ricardo Perez Godoi, mandou de 1962 a 1963 e anulou as eleições de 1962, onde teve maioria de votos Victor Raul Haya de la Torre. O presidente que estava no poder era o velho Manuel Prado Ugarteche, que foi deposto antes de completar o seu mandado.

são possíveis e viáveis somente quando o "*povo tenha derrotado o dispositivo repressivo que garante a permanência daqueles grupos privilegiados e agressores*". Fazendo a apologia da citada rebelião conclamou o povo a seguir o "*caminho de* FIDEL". DE LA PUENTE deixou claro a necessidade de se expropriar a Internacional Petroleum Company, sugadora da riqueza petrolífera peruana, e de se realizar uma autêntica reforma agrária, para se liquidar com o latifúndio. O discurso do líder do MIR foi autenticamente revolucionário e concluído assim: "*Companheiros, o caminho da Revolução é o único caminho que convém ao nosso povo. Reconheçamos que os nossos irmãos camponeses, explorados e preteridos há séculos, estão nos dizendo a grande verdade de nossos tempos, estão em marcha. Com seus tambores e fanfarras, com bandeiras e fundos, com mulheres e filhos, com a voz da terra e do céu, vão anunciando o início da façanha que culminará com a descida em massa de nosso povo vitorioso pelos degraus milenares dos Andes.*"

Ocorre, então, um ano e meio após o manifesto definitivo do MIR, que entre outras coisas falava, enfaticamente:

"*O Movimento de Esquerda Revolucionária, do coração de nossas montanhas e de armas na mão, chama, enfim, todos os revolucionários, todos os patriotas, todos os explorados, para juntos abrirem as portas da história. Só a luta nos libertará! Só a liberdade nos dará a dignidade! Venceremos!*" Este chamado do MIR encerrava uma longa proclamação revolucionária ao povo peruano, assinado pelo próprio UCEDA, que combateria na região de Cuzco com mais três chefes guerrilheiros GUILHERME LOBATÓN (zona centro); RICARDO GALDEA (zona sul) e GONZALO FERNANDEZ GAZCO (zona norte).

Nesta proclamação revolucionária, de julho de 1965, pedia-se, entre outras coisas, "*a dissolução do Congresso, que apenas representava a oligarquia e os grupos dominantes; a anistia geral; reforma agrária com distribuição de terras para quem trabalhasse nelas; salários razoáveis para todos os trabalhadores, com um tipo de correção monetária; fim das propriedades urbanas; nacionalização do petróleo; independência da soberania nacional do predomínio norte-americano.*"

O líder era o advogado LUIZ DE LA PUENTE UCEDA, que contava então com 37 anos de idade, e que havia feito cursos da Universidade de Trujillo. Filho de ricos proprietários de terras, pertencia, inicialmente, conforme já acentuado, desde menino, à Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), um partido que oferecia uma posição liberal e inócua à oligarquia governante. Quando foi colocado fora da lei, em 1948, pelo ditador Odria, (6) UCEDA foi preso e depois deportado. Foi para o México, onde se envolveu com outros revolucionários e exilados políticos sul-americanos, mas continuou sendo um reformador liberal estritamente católico romano, sem ter, ainda, nesse estágio, chegado ao socialismo. Em 1954, ele regressou secretamente ao Peru, para preparar uma Revolução contra a ditadura e foi preso novamente, sendo solto junto com outros políticos, por ocasião das eleições de 1956. (7) Aí voltou à Universidade de Trujillo, onde escreveu uma tese sobre reforma agrária, *La Reforma del Agro Peruano* (1956). Compareceu ao Primeiro Congresso de Reforma Agrária em Havana, ainda defendendo o sistema capitalista de posse da terra, embora pugnasse por algumas grandes reformas liberais, com uma limitação de área para as propriedades. Mas sua ideologia foi mudando e a sua próxima medida política seria uma tentativa para levar a orientação da APRA para a

(6) Em outubro de 1948, uma junta militar, dirigida pelo general Manoel Odria, depõe o presidente José Luiz Bustamante Rivero, que tinha sido eleito em 1945, por uma coligação encabeçada pela APRA (que mais tarde o próprio Bustamante declarou fora da lei). Odria ocupou o poder até 28 de julho de 1956.

(7) As eleições de 1956 deram uma vitória a Manoel Prado Ugarteche, que assinou uma lei de anistia política.

esquerda. E quando não o conseguiu, passou a chefiar uma ala esquerda do partido que se intitulava Apra Rebelde, e tentava conseguir a reforma agrária por meio de lei do congresso, mas falhou como era de se prever. Seu movimento passou a chamar-se Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR). Em 1961, foi preso pela terceira vez – e por um ano – e ficou então convencido da necessidade de uma insurreição armada, principalmente de parte da gente do campo, para a instalação de um governo socialista. Do seu contacto com HUGO BLANCO, mas como já era comunista, ao passo que BLANCO era trotskista, a conferência com o grande organizador de reformas agrárias foi infrutífera.

Em 1964, a posição política de PUENTE UCEDA estava mais chegada a Pequim do que a Moscou; sob seu impulso, o MIR, que fora fundado em outubro de 1959, seria o principal promotor das guerrilhas peruanas.

AS GUERRILHAS

Era nas montanhas o lugar onde se preparava, a partir de 1965, a formação de instalações metódicas de tropas rebeldes, em regiões bem adaptadas. A ascendência de UCEDA crescia. A grande ofensiva armada começaria no Peru. Era um movimento análogo ao que saíra vitorioso em Cuba e aos que já vêm ocorrendo há anos na Venezuela, na Colômbia e na Guatemala. A luta das guerrilhas era então uma realidade na América Latina.

Formaram-se quatro grupos ou quatro frentes, sendo as três primeiras, do MIR, propriamente dito:

1) Guerrilha Pachacutec, que era uma espécie de supervisora geral da segunda e da terceira, e teria sua atuação mormente no Sul. Seu líder UCEDA era, como já acentuamos, o chefe supremo das chamadas Forças Armadas Revolucionárias do Peru. O seu final foi em 23 de outubro de 1965, com a morte de UCEDA.

2) Guerrilha Tupac-Amaru, com atuação no centro, a mais importante, chefiada por GUILHERMO LOBATÓN Y VELANDO, que foi morto em 7 de janeiro de 1966.

3) Guerrilha Manco-Capac, que se formou um pouco mais tarde do que as demais, na região norte. Seus comandantes eram GONZALO FERNANDEZ GAZCO e ELIO PORTOCARRERO RIOS.

4) Guerrilha Javier Heraud, iniciada em setembro de 1965, sob o comando do jornalista HECTOR BEJAR, que foi preso em 1966. Este grupo denominou-se ELN (Exército de Libertação Nacional) e tinha saído do Partido Comunista (setor reformista). Possuía uma certa independência do MIR, e com poucas conexões com o mesmo, embora em bases análogas. Combateu na região de Ayacucho. (8)

Além destas guerrilhas, outras menores e efêmeras também atuaram em Pucatá e Andamarca, na zona central peruana. Fazendo-se aqui uma síntese geral das guerrilhas, que tinham em UCEDA o grande vanguardeiro, veremos que as atividade-

(8) Ayacucho era o local do ponto de honra dos guerrilheiros, pois foi lá que ocorreu a batalha decisiva contra os espanhóis, na luta pela independência peruana. E Ayacucho acabou também sendo, por contradição histórica, a região onde os exércitos latino-americanos fizeram as suas primeiras manobras coordenadas de ação anti-guerrilhas.

des dos guerrilheiros incluíam incursões e assaltos aos arsenais da guarda civil e do exército, para conseguir armas; destruição de pontes de importância estratégica, saque das grandes propriedades rurais, lutas com a polícia e patrulhas do exército, aliciamento dos índios guerreiros campa e até mesmo à captura de cidades. Em tudo obtiveram grande sucesso, mas resultou na destruição, quando não se encontrou o levante geral em massa, que se esperava obter. O governo sempre usou todos os seus recursos bélicos contra as regiões controladas pelos guerrilheiros. As serras eram o lugar onde se preparava algo mais grave, sobretudo a partir de 1965, na forma de instalação metódica de tropas rebeldes, em regiões particularmente bem adaptadas para servir. O líder do MIR, LUIZ DE LA PUENTE UCEDA, que prevalecia sobre os demais grupos, escolhera a Mesa Pelada, ao sul em Cuzco, como centro principal de operações em todo o país e como acantonamento da Guerrilha Pachacutec, cuja missão era dirigir as operações no Vale da Convenção às ordens de RUBEN TUPAYACHI.

A Tupac-Amaru era comandada por GUILHERMO LOBATÓN, jornalista que contava 38 anos de idade, em 1965. Estivera ausente do Peru durante muito tempo (aproximadamente dez anos), vivendo na Alemanha Oriental, na França e em Cuba. Neste último país, completou sua formação marxista e sua preparação revolucionária e quando regressou ao Peru, em princípios de 1965, foi para filiar-se ao MIR e tomar o comando de uma guerrilha, à testa da formação Tupac Amaru. LOBATÓN tinha como ajudante MAXIMO VELANDO GOMEZ, esquerdista particularmente ativo, que depois de um curso de formação de nove meses em Cuba, se filiou ao MIR e se tornou secretário geral adjunto da Federação Regional das Comunidades do Centro. De ideologia marcadamente favorável à China e de caráter apaixonado e ambicioso, mostrou-se em desacordo tático com LOBATÓN, o que tornou mais fácil a destruição da intrépida Guerrilha Tupac Amaru.

Quanto à Guerrilha Javier Heraud, organizada depois das outras, na província de Mar (Ayacucho), estava sob as ordens de HECTOR BEJAR, jornalista, autor dos livros *Peru 1965* e *Anotações sobre uma experiência guerrilheira*, (Havana 1969).

Com 28 anos de idade, em 1962, fizera sua preparação para a guerrilha em Cuba e, de regresso, estivera sob as ordens de LUIZ DE LA PUENTE. Em 1964, residiu na Bolívia, de onde organizou e preparou os primeiros homens do Grupo Javier Heraud. Na época das guerrilhas, não dependia do MIR: o seu era o Movimento de 15 de maio (M15M), em homenagem aos acontecimentos de Puerto Maldonado.

No norte do país, próximo à fronteira equatoriana, na região de Ayacaba Huancabamba (distrito de Piura), encontrava-se outro centro importante de guerrilheiros, onde se acantonava a Guerrilha Manco Capac às ordens de GONZALO FERNANDEZ GAZCO e ELIO PORTOCARRERO RIOS. O primeiro nascido em 1920, advogado e catedrático da Universidade Nacional de Trujillo e, desde há muito tempo, militante de esquerda. Muito antes da Revolução Cubana, desde 1952, fizera-se conhecer, através de ativas campanhas de agitação, praticamente ininterruptas, até 1960. Foi então a Cuba, pela primeira vez, como delegado ao Congresso Latino Americano das Juventudes (agosto de 1960). Em 1962, encontrava-se na Bolívia, em contacto com os elementos mais extremados do país. Ativo militante do MIR, acompanhou LUIZ DE LA PUENTE UCEDA no momento em que este percorria o país, buscando melhores posições para os guerrilheiros. Em março de 1965, depois de uma estada em Cuba e em Pequim, regressou ao Peru, onde assumiu suas funções à testa da Manco Capac. ELIO PORTOCARRERO RIOS era muito mais jovem. Estudante de Direito da Universidade Nacional de Trujillo, não contava mais de 21 anos quando, em 1962, foi a Cuba, onde permaneceu oito meses. Provocou grande impressão em seus professores cubanos e regressou investido do título de

Comandante Chefe das Forças Revolucionárias do Peru. Mas, em seu país, não teve que exercer estas funções supremas. Inscreveu-se no MIR, onde chegou a ser um dos dirigentes nacionais, trabalhando ativamente na zona norte do país. Contudo, apesar do pomposo título de que fora prematuramente investido, parece que sempre temeu os riscos pessoais, apresentados pela luta armada.

Com esse dispositivo, estabelecido no primeiro semestre de 1965, tudo estava previsto para a grande ofensiva com que o MIR pretendia iniciar sua demonstração de força, para a conquista revolucionária do poder, anunciada na proclamação de julho de 1965.

A prova de força deu-se no segundo semstre de 1965, que foi decisiva. A polícia e o exército fizeram tudo para aniquilar as guerrilhas, antes que estas pudessem ter obtido resultados tangíveis. Este período abrangeu encontros e operações numerosas. Sucederam-se os mais variados fatos e árduos combates entre as forças regulares governamentais e os rebeldes. A partir de 7 de julho, a Guerrilha Tupac Amaru começou as hostilidades, capturando guardas civis e despojando-os de suas armas e montarias. Dois dias mais tarde, apoderando-se de caminhões, os guerrilheiros invadiram o arsenal de Santa Rosa, tomando 22 caixas de dinamite e 2100 explosivos, fazendo saltar, depois, a ponte sobre o Manayniyoce e incendiando propriedades agrícolas. Ao mesmo tempo, outro grupo da Tupac Amaru venceu o posto da guarda civil de Andamarca, recolhendo armas, munições e montarias. Uma semana mais tarde, dia 18, continuaram as atividades: sabotagem da central elétrica, destruição de pontes a dinamite. Ao mesmo tempo, os guerrilheiros procuravam atrair os camponeses pobres, distribuindo, entre eles, uma parte das presas, em troca da promessa de ajuda e colaboração. A ação dos Tupac Amaru resultou em êxito, por que realizada inesperadamente. Mas a polícia começou a reagir, um destacamento saiu em perseguição aos guerrilheiros, começando os combates. Em uma série de lutas, das quais a mais trágica ocorreu em Pucutá, os guerrilheiros levaram vantagem sobre os seus perseguidores. Então a Voz Rebelde de los Andes transmitiu pelas ondas da Rádio de Moscou e Rádio de Havana as façanhas da valorosa Guerrilha Tupac Amaru. A polícia impediu a tempo a execução de um plano definitivo do MIR na região de Trujillo, destinado a destruir os depósitos de gasolina e os oleudotos do porto de Salaverry, incendiar grandes extensões de cana-de-açúcar, para reduzir a próxima colheita, assaltar edifícios policiais e militares. Ao mesmo tempo, descobriu o centro de fabricação de bombas, no laboratório da Faculdade de Farmácia, da Universidade de Trujillo.

No distrito de Lima (capital), a partir de julho, explodiram bombas em diversos pontos da cidade, atingindo instalações militares, teatros, hotéis, bares e cafés. Foi expropriado O Banco de Crédito, enquanto greves periódicas, organizadas pelo poderoso sindicato dos construtores, que agrupava mais de 200 mil operários, atrasavam o programa de construção de alojamento e a Universidade se transformou em verdadeiro centro de propaganda da luta rebelde.

Na região de Arequipa, foram invadidos os armazeńs de trabalhos públicos e expropriadas 47 caixas de dinamite com 200 cartuchos cada.

Na montanha, as forças armadas foram derrotadas diversas vezes pelos guerrilheiros, inclusive no combate de Kubianta, em 9 de agosto. A Guerrilha Pachacutec, animada pelo exemplo da Tupac Amaru, lançou-se por sua vez a uma série de ataques violentos, enquanto o exército procurava cercar as montanhas da Convenção e da Mesa Pelada desde o mês de agosto. Nesse mesmo mês, a FLN, o MIR e o POR (Partido Operário Revolucionário) multiplicaram, na Universidade de Lima, os chamados à luta e de apoio aos guerrilheiros. A Universidade Nacional de Engenharia serviu para ocultar os rebeldes e os guerrilheiros (como

JORGE TAMAYO). A polícia descobriu emissoras clandestinas e númerosas sabotagens se verificaram no distrito de Pazco. Em Ayacucho, traficavam-se armas checoslovacas em grande escala. A situação era tal que, em 20 de agosto, o governo decidiu que qualquer ato subversivo seria punido com a pena de morte (lei 15.590) e que as forças armadas fossem dotadas de verbas especiais para a Defesa da Soberania Nacional, atribuindo-lhes também a responsabilidade dos mesmos (lei 15.591).

A partir de fins de agosto, o exército começou a cercar metodicamente a zona de Mesa Pelada. Em princípios de setembro, ocorreram violentos combates e, pelo fim do mês, os militares avançavam progressivamente, capturando uma parte dos campos rebeldes e perseguindo, ao mesmo tempo, os guerrilheiros. Desde princípio de outubro tinham sido ocupados campos e, ao estreitar-se o cerco, os chefes das guerrilhas trataram de procurar guarida entre camponeses, e muitos se recusaram em apoiá-los. Não puderam, contudo, evitar a pressão militar e o último combate se travou em 23 de outubro. Na luta árdua, tinha tombado LUIZ DE LA PUENTE UCEDA, o chefe supremo das guerrilhas, e destruída a Coluna Pachacutec.

Durante esse tempo, a Guerrilha Tupac Amaru, depois dos êxitos iniciais e do combate de Kubianta, sofreu contínuas derrotas e procurou efetuar um desesperado golpe de audácia: Tomar a guarnição de Pucutá, obstante o ataque surpresa na noite de 22 para 23 de setembro, os guerrilheiros foram vencidos. O exército lançou então ofensiva e, de combate em combate, apoderou-se das posições rebeldes, desmantelando sua organização. Em 2 de outubro, após desesperada resistência, os guerrilheiros perderam muitos homens entre mortos e prisioneiros, bem como uma grande parte de seu equipamento. Os que conseguiram salvar-se foram obrigados a abrigar-se em zonas, onde não gozavam do apoio dos camponeses. MAXIMO VELANDO GOMEZ foi capturado em 7 de dezembro pela guarda civil e assassinado.

O restante da formação Tupac Amaru, perseguido por toda parte, procurou encontrar uma saída, atacando Kuatsiriqui, em 22 de dezembro. Aumentando o cerco, o chefe GUILLERMO LOBATÓN morreu em combate em 7 de janeiro de 1966. Assim caiu o segundo centro importante de guerrilheiros.

A Guerrilha Javier Heraud, chefiada por HECTOR BEJAR, na região de Mar Vilcabamba (Ayacucho), começou mais tarde suas façanhas. Antes – durante dois anos – o seu grupo trabalhou entre os camponeses da província de Huanta, formando um núcleo do Exército de Libertação Nacional. Em setembro de 1965, então em ação, invadiu uma propriedade, tomou posse da mesma e a distribuiu aos camponeses, em troca de promessa de apoio, convidando-os a tomar posse do lugar "liberado". Orgulhosos dessa façanha, os dirigentes dos guerrilheiros lançaram um manifesto, dizendo que o Exército de Libertação Nacional, do qual fazia parte o Destacamento Javier Heraud, começara suas operações. A agitação se desenvolveu graças à ação dos estudantes da Universidade Nacional de Ayacucho.

Os grupos de HECTOR BEJAR entraram em luta com destacamentos do exército, entre setembro e dezembro de 1965, mas não é feliz nos combates.

As forças armadas chegaram a localizar a zona de ação de BEJAR e confiaram o contra-ataque aos militares da 4ª região, que acabavam de vencer a Guerrilha Pachacutec e LUIZ DE LA PUENTE, em Mesa Pelada. A operação se iniciou imediatamente em 25 de novembro; a zona foi cercada a 6 de dezembro, e a 17, durante um combate, foram mortos os dois tenentes de HECTOR BEJAR, JUAN ZAPATA BODERO e RICARDO LEON. Em 19 de dezembro, seguiram-se novos combates. Em seu avanço, as tropas se apoderaram das bases dos rebeldes, situadas em Soco e Moyoc. Em 24, 25 e 26 de dezembro novas refregas entre os guerrilheiros e os militares. Em princípios de janeiro, o reduto foi aniquilado, mas HECTOR BEJAR já não se encontrava mais ali. Mais tarde foi capturado e encarcerado.

Quanto á Guerrilha do Norte, chefiada por GONZÁLO FERNANDEZ GAZCO, conheceu destino idêntico. Guerrilheiros capturados em fins de outubro e princípios de novembro permitiram localizar sua trincheiras, pois a Guerrilha Manco Capac, de formação tardia, como a de BEJAR, não tivera ainda oportunidade de salientar-se por seus feitos e os serviços de informação ignoravam sua posição exata. Ao ser localizada, as forças armadas marcharam para lá e, em combate, apoderaram-se dos principais acampamentos rebeldes de San Sebastiã, Pato Piedra, Indio e San Pedro, onde encontraram considerável quantidade de material, víveres, armas e munições. Muitos guerrilheiros, que se encontravam nas fronteiras equatorianas, se retiraram para o país vizinho.

Um grande combatente e herói da Guerrilha Javier Haraud foi "LUCHO" ZAPATA, que alguns anos antes, com outros membros da FIR, tinha feito uma grandiosa concentração em Cuzco, na qual se pedia a devolução das terras que estavam em poder da Cerro del Pazco Corporation (usurpadora de terra em vários departamentos do centro do país) e castigo aos assassinos de camponeses de Pazco.

Como atuou o PC peruano nas guerrilhas? Pelos relatos acima, os iniciadores da luta armada e os combatentes não foram os comunistas do PC peruano. HUGO BLANCO era um militante trotskita do POR e do FIR; LUIZ DE LA PUENTE UCEDA, procedente da Apra Rebelde, era o secretário geral do MIR; quanto a HECTOR BEJAR, sua Guerrilha Javier Heraud pertencia ao Movimento de 15 de Maio. Em nenhum ponto das proclamações dos chefes guerrilheiros consta o nome do Partido Comunista, de Raul Acosta. E se alguns militantes comunistas participaram de combates, foram dissidentes, comunistas que se incorporaram às formações mais extremistas do advogado SATURNINO PAREDES (chinesista), ou que passaram diretamente a formações concorrentes. O Partido Comunista Peruano aplicou fielmente a linha de então dos comunistas soviéticos, o que significou que nunca trabalhou ativamente para mobilizar seus militantes em favor da luta armada, julgando que as condições não eram propícias para uma luta dessa natureza.

Segundo Cesar Levano, o PC adotou *"uma atitude de apoio crítico"* em relação às guerrilhas. *"Declarava-se solidário"*; mas, *"ao primeiro golpe, levantava objeções quanto à oportunidade do desencadeamento da guerrilha"*. Mais de dois meses depois que GUILLERMO LOBATÓN havia comprometido seus homens da Tupac Amaru em um combate de rara violência, o Comitê Central do PC, reunido em agosto de 1965, *"dentro da mais rigorosa clandestinidade"*, indicou que *"a luta armada era uma resposta à violência, de que eram vítimas os camponeses"*. Esta é a tese clássica: a violência revolucionária é sempre ou uma *resposta* ou uma *autodefesa*. Ademais, esse mesmo Comitê Central *"comprovava de novo que não havia em nosso país situação revolucionária que autorizasse a considerar a luta armada como a principal luta e a principal tarefa do povo peruano"*.

Em outros termos, o PC aplaudia a luta armada, mas não participava dela, julgando que seu papel era dedicar-se a *tarefas* principais. Esta posição, que reflete a tese fielmente soviética, tem sido, por outro lado, exposta na própria Moscou. No XXIII Congresso do Partido Comunista Soviético, o secretário-geral do PC peruano declarou que o PCP era pela luta armada, mas julgava que, no Peru, não havia condições para uma insurreição. Meses mais tarde, Levano escrevia no *Pravda* (31 de julho de 1966): *"Nosso partido sustenta esta luta (armada) . . . Ao mesmo tempo, considera que uma situação revolucionária não se criou ainda no país"*.

COMO FORAM COMBATIDOS OS GUERRILHEIROS?

Apesar de todas as circunstâncias e condições não muito favoráveis, as forças e colunas rebeldes vinham desempenhando com certa normalidade suas atividades de lutas.

No início, os setores médios da Ação Popular e sua elite no poder mostravam-se pouco realistas, minimizando os acontecimentos. Mas a camada exterior da alta burguesia, representada pelo jornal reacionário *La Prensa*, aumentava a sua pressão sobre o governo, para colocar as melhores forças militares antiguerrilhas, os rangers. Triunfou o pedido e chegou ao Peru assessoramento especial dos veteranos americanos do Vietnam, e a conclusão de que era necessário empregar-se métodos condenados pelas leis internacionais de guerra e pelos princípios morais universais. Os ianques que chegaram ao Peru se encarregaram de destruir os obstáculos de ordem ética e ensinar novas táticas contra as guerrilhas.

Ademais, o governo, já sob o comando de alguns militares e políticos direitistas, considerou que os guerrilheiros não eram forças tão desprezíveis, conforme tese inicial. A estabilidade do regime burguês corria perigo e a pressão militar norte-americana agiu adequadamente sobre velhos generais peruanos, sufocando suas últimas resistências.

No mês de agosto, a campanha guerrilheira continuava sem o controle das forças armadas, apesar do emprego de muitos efetivos. A burguesia estava aterrorizada, e colocou de lado as divergências ocasionais de grupos, para superar contradições internas e unir-se contra as guerrilhas que a ameaçava de morte. A APRA, a UNO do ex-ditador Odria e os demais partidos burgueses reuniram-se com o presidente Belaunde, para traçarem planos. O Congresso Nacional, às pressas, aprovou projetos de leis destinados a contragolpear os guerrilheiros e a diminuir as possibilidades de apoio camponês. Violações e delitos comuns e militares previstos nos Códigos Penais e no de Justiça Militar, anteriormente sancionados, com penas leves, tornaram-se graves com punição de penas de confinamento ou morte. Os dispositivos repressores previam o julgamento e sentenciamento por conselhos de guerra. Queriam atemorizar os camponeses e todos os que apoiassem as guerrilhas. As classes dominantes empregavam o terror para mitigar seu próprio terror.

A oligarquia detentora das terras e a alta burguesia monopolista industrial fez passar no Parlamento lei para a emissão de bônus denominados de Defesa da Soberania Nacional . . ., até 200 milhões de soles, para cobrir os gastos necessários na luta contra as guerrilhas. O primeiro milhão foi adquirido pelo diretor de *La Prensa*, Pedro Beltran e todas as forças retrógradas formadas pela Sociedade Nacional Agrária, Sociedade Nacional de Indústria, Sociedade de Mineração e Petróleo, Corporação de Comerciantes, Câmara de Comércio, e diversas empresas multinacionais cobriram rapidamente a emissão em poucos dias. (9)

Foi feita a mobilização de forças militares, e se iniciou inclusive e principalmente uma guerra psicológica. A ação psicológica não teve como único alvo os camponeses, mas se estendeu também aos guerrilheiros. E compreendendo-se que estes poderiam permanecer imunes a campanhas desse tipo, passou-se também a deter suas esposas, que permaneceram presas, várias delas grávidas ou com filhos pequenos, até o fim das operações. O Congresso peruano não aprovou lei neste sentido, mas realmente ficou caracterizado como crime ser esposa de guerrilheiro.

Mas nem tudo foi operação psicológica. Empregaram-se os meios mais destruidores conhecidos até então; incluindo-se o napalm. Os bombardeios com napalm não se realizaram somente nas áreas de operações das guerrilhas, mas nas grandes extensões onde se suspeitasse que havia habitantes camponeses capazes de prestar apoio às guerrilhas. A destruição de moradias, plantações e gado foi maciça e indiscriminada.

(9) Em julho de 1974, Alvarado assumiu o controle deste jornal e outros que teimavam em ficar do lado da reação, e contra as reformas.

Quando foram liqüidadas as guerrilhas, na maior parte, os líderes do MIR tinham sido mortos em ação, outros foram executados e muitos, tal como os principais elementos do FLN, estavam presos ou foragidos pelo país.

O guerrilheiro RICARDO GALDEA ACOSTA, irmão da primeira mulher de CHE GUEVARA, participou ativamente do Movimento de Esquerda Revolucionária, tendo servido, inclusive, como tesoureiro das guerrilhas. Foi preso, julgado por conselho de guerra e condenado pelo mesmo.

Os camponeses que prestaram apoio estavam arrasados, na prisão ou sofriam traumas psíquicos pelos horrores por que passaram e viram. Um documento, que circulou naquela oportunidade, apresentava as seguintes cifras: 3.600 camponeses detidos; 14 mil hectares de terras cultivadas incendiadas, mudança de local de 93 conjuntos de habitações, com um total de 19 mil habitantes; massacre de 8 mil camponeses, 56 baixas nas forças armadas.

NÃO ACONTECE O "PERÙ EXPLOSIVO"

As guerrilhas praticamente tiveram fim, em janeiro de 1966. O general do exército, Alejandro Sierralta, foi quem dirigiu as operações anti-guerrilhas nos Andes Centrais. Os únicos chefes sobrevivents das guerrilhas foram: HECTOR BEJAR, ELIO PORTOCARRERO e GONZALO FERNANDEZ GAZCO, chefe de escolas de guerrilheiros, que nunca atuaram. O balanço das guerrilhas não deixou de ser sangrento.

UCEDA preconizava uma guerrilha prolongada, com doutrinamento e preparação paciente do camponês, ao contrário de LOBATÓN que queria tudo de maneira fulminante. As guerrilhas, pode-se dizer, foram precipitadas, e esse *Peru Explosivo, "esse povo que somente esperava alguém que acendesse a mecha"* não ocorreu. A insurreição não teve a acolhida esperada. As explicações para isto seriam profundas e de longa análise.

As guerrilhas peruanas, como as de outros países, foram lideradas por jovens combatentes-intelectuais de origem burguesa e não proletária. Num artigo, antes de tombar, UCEDA dizia:

"Algumas pessoas ainda mantêm, dogmaticamente, o esquema tradicional da Revolução de Outubro, com liderança proletária e centro de operações nas cidades. O que falta em nosso país é uma vanguarda revolucionária, em condições de dar forma e organização às massas e levá-las para o caminho certo. A afirmação de que ainda não existem, no Peru, condições objetivas e subjetivas para a insurreição é somente um pretexto para conter a Revolução. Este pretexto é produto da incompetência da liderança revolucionária e da miopia daqueles que se chamam eles próprios de marxistas-leninistas ou revolucionários."

Escrevendo sobre as guerrilhas no Peru o major Victor Villanueva assim se expressou:

"DE LA PUENTE *viajou para Cuba e para a Europa, regressando convencido de que a luta armada é o único caminho revolucionário e o método mais certo de iniciá-la é a guerra de guerrilhas, conceito que calou fundo na mente dos jovens revolucionários do Peru, senão de toda a América. A assombrosa e espetacular vitória de* FIDEL CASTRO *sobre o exército de Batista inflamou a juventude, fazendo-a perder um pouco o senso da realidade, tumultuando seu espírito crítico e capacidade de análise. Já em 1962, advertimos sobre o perigo de pensar que basta declarar a guerra de guerrilhas em qualquer ponto do território para que, num passe de má-*

gica, seja possível obter a vitória, sem possuir previamente uma estrutura partidária, que ofereça à guerrilha o apoio político e logístico de que ela precisa. O movimento esquerdista revolucionário estava plenamente imbuído do conceito de CHE GUEVARA *: 'Nem sempre se tem de esperar que existam todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las'. Contudo, o* **MIR** *ignorou outro postulado do glorioso revolucionário: 'Onde quer que o governo tenha subido ao poder por alguma forma de consulta popular, fraudulenta ou não, e se mantenha, ao menos em aparência, na legalidade constitucional, a tentativa guerrilheira torna-se impossível por não terem se esgotado as possibilidades de luta cívica'. Também parece que o* **MIR** *não deu a devida importância à interrelação cidade-campo ou, pelo menos, não alcançou uma situação satisfatória na organização urbana. A verdade é que o* **MIR**, *com erros e acertos, engajou-se decididamente na tarefa de organizar a guerra de guerrilhas, aplicando sua maior ênfase na preparação de quadros e esperando captar apoio camponês por meio da propaganda armada, durante a mesma ação. Porém, o* **MIR** *não chegou a constituir um partido revolucionário, na medida necessária para a tarefa a que se tinha imposto. O proletariado permaneceu inerte ante o aparecimento das guerrilhas, não se pronunciando de forma alguma. Os sindicatos das classes trabalhadoras, em mãos da* **APRA** *ou do* **PC**, *de acordo com a linha política de seus partidos, preferiram não fazer declarações. A pequena burguesia, desorganizada ou alienada, tampouco se identificou com a luta empreendida pelo* **MIR**. *Os camponeses, sem meios de divulgação, permaneceram em isolamentos semelhantes, a não ser as populações dos teatros de operações, que foram aterrorizadas de diversas maneiras pelas forças de repressão. Sempre se dissera que, no Peru, somente a ação unificaria as Forças Revolucionárias, porém, uma vez mais, assim não aconteceu. Pouco tempo antes, quando da insurreição encabeçada por* HUGO BLANCO, *as esquerdas revolucionárias tinham dado mostras de apatia semelhante." (10)*

O REFLEXO DOS IDEAIS DAS GUERRILHAS, E O GOVERNO ESQUERDISTA DO GENERAL ALVARADO

A luta armada no Peru não recomeçou desde a morte de UCEDA, LOBATÓN e outros guerrilheiros. A esquerda no Peru sempre andou dividida. São muitas as organizações e em eleições elas têm muitos votos, mas às vezes sem perspectivas.

Em 3 de outubro de 1968, um golpe de Estado no Peru levou ao poder o regime militar esquerdista do general Juan Velasco Alvarado, que entrou em conflito com o imperialismo e a oligarquia, numa posição resoluta e de defesa dos interesses nacionais. Pode-se dizer que esta posição foi um nítido reflexo dos ideais e das lutas dos jovens guerrilheiros. Muitas das proposições dos rebeldes foram adotadas.

O contato com a miséria de La Convención (cenário da atuação de HUGO BLANCO), onde a taxa de mortalidade infantil chegava a 70 por mil, convenceu posteriormente muitos militares, envolvidos na operação, que de nada adiantava liquidar as guerrilhas, se não fossem eliminadas as situações de pobreza e injustiça social.

O ex-guerrilheiro HECTOR BEJAR , que foi libertado da prisão, e em 1969 colaborou ativamente com o regime de Alvarado, chegou a chefiar a **Organização da Juventude** do governo peruano.

"EL CHINO", como ficou conhecido popularmente Alvarado, era um general de origem humilde. Empreendeu um plano que visava, entre outras coisas, a redenção das populações nativas do Peru.

(10) *Peru 1968, Do Caudilhismo ao Nacionalismo*, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1969, págs. 21, 22, 23 e 32.

Um dos primeiros atos de Alvarado foi a expropriação do complexo industrial de **Talara**, cujas Atas, que tratavam de contratos subsidiados, foram anuladas, porque eram lesivas aos legítimos interesses do Peru. As jazidas petrolíferas de **La Brea e Parinas** foram nacionalizadas e o Exército procedeu a ocupação da refinaria de **Talara**, dos oleodutos e de todos os equipamentos que então pertenciam à empresa norte-americana, com a denominação de **Internacional Petroleum Corporation**, subsidiária da **Standard Oil of New Jersey**, que roubava o Peru desde de 1924.

Com este ato, Alvarado virou a opinião pública a seu favor, pois foi um ato ímpar na história nacional peruana. Os Estados Unidos reclamaram a não mais poder, mas em vão. A revolução estava em marcha.

Em fins de dezembro de 1973, foi encampada a empresa norte-americana **Cerro del Pazco Corporation**, envolvendo seis complexos minerais de cobre, bismuto, chumbo, zinco, prata e tungstênio. Os mesmos lemas dos manifestos guerrilheiros vinham à tona: *"O cobre para o Peru"*, *"Fora os Ianques"*. A **Cerro** era o símbolo mais acabado da presença imperialista no Peru. Era a empresa que mais casos tinha criado com os camponeses peruanos, e tinha envenenado, apenas na região de La Oroya, as águas do rio Mantaro e o ar, com arsênico, chumbo e anídrido sulfuroso, afetando a saúde da população rural e 700 mil hectares de terras, aniquilando toda a atividade agropecuária, e, além disso, nos últimos anos, vinha extraindo somente mineral de alta qualidade, deixando nas minas o de menor pureza, o que tornava anti-econômica a exploração futura de várias jazidas. Embora as leis peruanas obrigassem as companhias mineradoras a dar casas a seus trabalhadores, a Cerro jamais tinha cumprido essa disposição.

Foram nacionalizados também plantações de cana-de-açúcar da **W.R. Grace Company**, os serviços de comunicação operados pela **ITT** e os bancos estrangeiros, além de vários interesses norte-americanos nos setores de eletricidade, farinha de pescado e papel. Uma atitude firme foi adotada com relação ao mar das 200 milhas, tendo sido apreendidos vários pesqueiros que operavam ilegalmente em águas peruanas.

Em maio de 1975, foi expropriada a companhia petrolífera norte-americana **Gulf**, por imoralidade, e que operava somente na distribuição e comercialização, pois as permissões anteriores de exploração, em território peruano, já haviam sido declaradas caducas.

Dois meses após, foi expropriado o complexo mineiro metalúrgico, inclusive jazidas de ferro que eram exploradas pela empresa estado-unidense, a **Marcona Mining Company**, desde 1952. Para efeito de indenização, o governo levaria em conta as dívidas ao Estado, de mais de dez milhões de dólares, e o não cumprimento de dispositivos contratuais. A conduta da **Marcona** no Peru foi considerada um caso típico de conduta imoral, pois a maior parte era exportada em forma de concentrados.

Alvarado empreendeu ainda uma reforma agrária, para eliminação dos latifúndios. A lei foi firmada em junho de 1969, com princípio de *"transformar em proprietário da terra o camponês que nela trabalha"*, com a formação de cooperativas, comunidades camponeses e empresas agrícolas. As extensas e improdutivas propriedades da **Cerro Del Pazco** foram as primeiras a serem enquadradas. O regime imperante, além do mais, abalou o poder de cerca de 12 ou mais famílias, que tradicionalmente dominavam o Peru.

O próprio presidente Alvarado ordenou, pessoalmente, após ler o livro de Manuel Scorza, *Redobre for Rancas*, a libertação do personagem central, o camponês Hector Chacón, que permaneceu onze anos numa prisão, no meio da selva amazônica peruana, por ter participado de um movimento reivindicatório de classe. Até

então, pensava-se que Chacón fosse uma personagem fictícia. (11) Os episódios narrados por este escritor e hoje político peruano, apesar de fantásticos, são reais. Um exemplo contundente é a história de um *enfarte coletivo*, estranho fenômeno médico aceito pelo tribunal de Cuzco, como explicação para a morte de quinze camponeses interessados em fundar um sindicato, e por isso envenenados pelo dono do latifúndio onde trabalhavam.

Velasco Alvarado encontrava-se já doente, tinha sofrido diversas intervenções cirúrgicas, inclusive amputado uma perna e não conseguiu cumprir o seu plano **Inca.** Foi deposto por alguns de seus colegas de farda, de tendência centro-direita, em agosto de 1975. (12) Fora acusado de autoritarismo.

O velho e contraditório político peruano, Victor Raul Haya de la Torre, criador da **APRA**, definiu o governo de Alvarado como *"um equívoco"*, ressaltando que *"os métodos por ele empregados eram inconvenientes para promover uma alteração social"*. (13)

Os camponeses peruanos passaram a se constituir na maior força social do país, e as suas determinações serão difíceis de serem mudadas. Ainda guardam todas as lutas e ensinamentos de HUGO BLANCO e, na comemoração do décimo aniversário da lei, o presidente da **Confederação Nacional dos Agricultores,** Avelino Mar, declarou que: *"Se a reforma agrária sofrer algum retrocesso, uma semana depois teremos o responsável enforcado numa árvore"*.

A história da América Latina ainda não julgou Velasco Alvarado e a sua Revolução, mas já está claro que não há verdade axiomática em tese que os militares, pela natureza de suas próprias funções, hão de estar sempre ao lado e como guardiões dos interesses das classes dominantes. O manifesto das Forças Armadas, ao assumir o poder político no Peru, denunciou *"a injusta ordem social e econômica existente, que permite que o desfrute das riquezas nacionais esteja no alcance apenas dos privilegiados, de tal forma que a maioria sofre as conseqüências de sua marginalização lesiva à dignidade da pessoa humana."*

Uma coisa é certa: o general Alvarado e os militares peruanos, no período de outubro de 1968 a agosto de 1975, se levantaram e fizeram aliança e se comprometeram com o povo.

Seu sucessor, general Francisco Morales Bermudez, ex-primeiro-ministro, mudou completamente a linha do governo, condenando as lideranças sindicais, elevou o preço da gasolina, desvalorizou a moeda peruana, o sol, aumentando diversas tarifas, congelando temporariamente reajustes salariais. Por outro lado, revogou lei contra os bancos multinacionais, formulou claros acenos aos capitalistas nacionais e internacionais, insinuando que não promoveria nenhuma nacionalização ou estatização. As próprias bases de organizações pró-governamentais condenaram todas as medidas econômicas. A indústria de pesca foi parcialmente desestatizada e as empresas estrangeiras foram convidadas a explorar petróleo no país, inclinando-se

(11) Scorza participou diretamente nas lutas dos camponeses de seu país, entre 1950 e 1961. Tomou a defesa dos mesmos, na região de Cerro del Pazco. Primeiro foi preso e depois expulso do país. Retornou em dezembro de 1974, ingressando no mesmo partido de HUGO BLANCO a **Frente Operária, Camponesa, Estudantil e Popular.** (FOCEP).

(12) Alvarado morreu aos 68 anos, antes do Natal de 1977, e deixou em seu testamento escrito que acusava a oligarquia de criar obstáculos ao caminho para o socialismo. *"Os oligarcas não voltarão, e os seus rebentos não serão como seus antecessores, pois fizemos com que vivessem o mais cruel dos pesadelos."*

(13) Haya de la Torre, em 1932, liderou uma rebelião contra os militares no poder. Depois, por três vezes, ele reuniu condições para ser presidente, mas os militares não lhe perdoaram e sempre o barraram. O veto só caiu com o general Morales Bermudez, quando foi um dos deputados mais votados à **Assembléia Constituinte,** da qual foi presidente. Poderia até chegar à chefia do Estado, mas a morte o colheu aos 84 anos, em agosto de 1979.

o regime para a direita. As condições de ensino não melhoraram, e o analfabetismo passou a girar em torno de um índice de 40 por cento.

A reforma agrária tornou-se por demais burocratizada e a pobreza urbana aumentou dramaticamente. O subemprego atinge quase 50 por cento dos que têm condições de trabalhar. A situação financeira piorou dia após dia, com dívida externa elevadíssima. A **Marcona Mining Company,** que fez cair propositadamente sua produção, após ser expropriada, teve uma gorda indenização.

Morales Bermudez cumpriu a trancos e barrancos um denominado **Plano Tupac Amaru,** com vistas a realizações de eleições e entrega do poder aos civis, desde que naturalmente não fossem os esquerdistas os vitoriosos.

HUGO BLANCO, LÍDER POLÍTICO

Uma figura que continuou a se tornar altamente importante no Peru é HUGO BLANCO. De violento guerrilheiro transformou-se em notável político.

Quando foi posto em liberdade, negou-se, apesar de muito solicitado, a colaborar com o governo de Alvarado e com o de seu sucessor.

Foi um precursor da reforma agrária, e ainda luta para a sua concretização total. As terras que foram tomadas na guerrilha de HUGO BLANCO, em 1962, permanecem nas mãos dos camponeses. Nunca o governo se atreveu a agir nesta zona. E aí tampouco se pagou a terra, que foi expropriada através de um decreto de reforma agrária lançado pela própria **Federação Camponesa.**

A influência de HUGO BLANCO foi tão grande que, em maio de 1975, o Supremo Tribunal do Peru destituiu vários juízes de primeira instância da Comarca de Cuzco, que haviam cometido irregularidades, em prejuízo dos camponeses, favorecendo aos latifundiários em suas sentenças.

Mas o Peru ainda não chegou a ser a pátria sonhada por todos os guerrilheiros e patriotas. Todas as reformas que se pretendeu fazer tinham sido pela metade, ou menos ainda.

HUGO BLANCO foi libertado em 23 de dezembro de 1970, pelo governo Alvarado, pois a campanha de solidariedade nacional e internacional a seu favor era acentuada.

Depois, porém, foi preso e deportado para o México, mas de lá seguiu para a Argentina, pois queria ficar perto do Peru. Na Argentina, ficou detido três meses e meio e foi deportado para o Chile, em 1972, no último ano do governo de **Unidade Popular de Salvador Allende.** Em setembro de 1973, depois do golpe de Pinochet, vai para a Suécia, único país que o aceitava. Lá, ficou até 1975, quando houve outra anistia.

Incorporou-se à **Confederação de Camponeses** de sua pátria, como membro do comitê executivo. Depois de nove meses, foi deportado novamente para a Suécia, quando voltou em junho de 1978, durante as eleições; foi preso e mandado embora, quando era candidato às eleições da Constituinte, mas como venceu com uma grande votação, permitiram a sua volta em definitivo.

HUGO BLANCO obteve mais de 600 mil votos, tendo outros tantos anulados ou surrupiados, num colégio eleitoral de cinco milhões de votantes. O seu ojvetivo é conseguir todo o poder para as massas. Como politico de grande destaque, é a mesma pessoa de atuação vigorosa, e considera a *"luta armada um caminho para se conquistar a liberdade"*. São suas as seguintes proposições:

"Só uma revolução socialista poderá libertar os países da América Latina. Desde a antigüidade até os dias atuais, os povos só conquistaram seus direitos e mantiveram essas conquistas com muita luta.

"A luta armada é premissa imposta ao povo por regimes de força. O povo reage a esses regimes como pode. Sou um revolucionário e batalho pelo socialismo. Quando há condições, utilizo as vias sindicais ou até mesmo a Assembléia Constituinte. Quando não há, é preciso improvisar formas de atuação."

HUGO BLANCO propôs ainda, no Parlamento, direito de insurgência popular contra as autoridades usurpadoras do poder, mas esse ***desideratum*** foi obstado pelo regime militar de Morales Bermudez.

AS DUAS ELEIÇÕES DE 1980 E OS ESQUERDISTAS

As forças esquerdistas peruanas obtiveram, em 1978, nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, mais de 33 por cento dos votos, apesar de todos os impecilhos, dificuldades e fraudes, e estavam em ascensão. Só HUGO BLANCO obteve 12,6 por cento dos sufrágios neste pleito.

Os esquerdistas tentaram lançar uma candidatura única à Presidência da República, em 1980, mas a frente foi dissolvida bem antes das eleições, pois cada grupo acreditava na sua capacidade de vitória.

A declaração de agosto de 1969 foi assinada e as organizações de esquerda *"reiteraram sua vontade de trabalhar sem critérios excludentes, reconstituindo um quadro unitário comum de lutas contra a ditadura militar e os partidos de direita"*. Mas isto se tornou apenas uma mera retórica, pois elas se transformaram num mar de siglas e de recriminações. Dos 16 candidatos à Presidência, nada menos do que 7 eram da esquerda, e a **Aliança** denominada **Unidade da Esquerda** não deu certo. Nem uma patética exortação do septuagenário dirigente comunista, Jorge Del Prado, foi ouvida. Del Prado afirmava que *"sem a formação de uma frente, os partidos de esquerda seriam derrotados; e o Peru necessita de um governo democrático, verdadeiramente popular, com clara orientação antiimperialista e voltado para o socialismo, e isto porque os três grandes partidos tradicionais (a* **APRA**; o **Partido Popular Cristão** *e a* **Ação Popular***) são obsoletos e anacrônicos, porque defendem, na prática, os interesses do imperialismo e da reação, contra a pátria e o povo"*.

HUGO BLANCO GALDOZ, através do **Partido Revolucionário dos Trabalhadores**, acusou os outros partidos, da então coligação, de burgueses; e sua plataforma altamente avançada previa, entre outras coisas, a dissolução das forças armadas, com a criação de Milícias Populares; a nacionalização total e o boicote ao pagamento da dívida externa peruana. Explicou aos trabalhadores que *"Nós participamos destas eleições para demonstrar, entre outras coisas, que não são democráticas, e para organizar o povo e poder continuar na luta. Dizemos ao povo peruano, pela televisão, rádio e jornais, que não confiem que as eleições vão solucionar seus problemas, que somente confiem em sua força."*

A Frente Nacional dos Trabalhadores defendia a instalação de um regime esquerdista com base no modelo dos incas.

O Partido Socialista Revolucionário, dirigido por um general velasquista, Leônidas Rodrigues Figueiroa, teve, como candidato, outro general desta corrente: Javier Tantalean.

O Movimento de Esquerda Revolucionária, nunca extinto no Peru, com atuação restrita, mas vigorosa, integrava-se na **Unidade Democrática Peruana**, recebendo todo o apoio dos intelectuais e da influente revista *Marka*, que pregava *"a necessidade de os peruanos votarem pela* **UDP**, *porque os pobres não devem votar pelos ricos, porque os ricos jamais votarão pelos pobres."*

A Frente Operária, Camponesa, Estudantil e Popular, antes liderada por HUGO BLANCO, poderia vencer, se tivesse o apoio de todos os demais esquerdistas ao seu membro Genaro Ledesma Izquieta, advogado trabalhista e político da esquerda independente.

O resultado disto é que se criou uma perspectiva de vitória dos candidatos direitistas, quer da velha **Apra**, quer do **Partido Popular Cristão**, que tinham a simpatia dos militares mais reacionários. Isto fez com que, nos últimos dias da campanha, muitos grupos esquerdistas, para evitarem este mal maior, votassem no candidato que acabou saindo vitorioso, Fernando Belaunde Terry. E quem mais contribuiu foi **UNIR** grupo maoísta com grande força e que apoiou abertamente a volta do antigo presidente ao poder, e tornou-se, no novo parlamento, a maior representação de esquerda.

No final de tudo, as esquerdas caíram para um modesto índice de 20 por cento na votação total peruana.

Este resultado negativo serviu para a esquerda se raegrupar nas eleições municipais, realizadas em dezembro de 1980 e alcançar, desta vez, um resultado bem superior ao anterior pleito, surgindo a coligação **Esquerda Unida**, como a segunda força no Peru, elegendo prefeitos e vereadores em números surpreendentes, passando dos 35 por cento dos votos e com tendência para o crescimento até 1985. (14) Vencendo, como tudo indica, assumirá, manterá e sustentará o poder, pois tem e terá experiência e todo tipo de força. (15)

Um fato expressivo está ocorrendo no Peru, na atualidade. São as **rondas camponesas**, verdadeiros grupos de auto-defesa de camponeses armados, que operam sobretudo nas regiões das serras, onde atuaram em outros tempos, HUGO BLANCO e UCEDA.

As rondas camponesas, que estão fortemente armadas, começaram a surgir em 1978, e só na província de Chota existem 64 delas, e se espalham por outras províncias. O governo quer desarmá-las e os esquerdistas e até os apristas debatem no Parlamento a sua legalização. Os padres das regiões conflagradas defendem a existências das **rondas** como instrumento de *"defesa da segurança e do bem-estar, diante de administradores inescrupulosos da Justiça, não havendo outros recursos, senão as* **"rondas"**, *desde que inexistam os demais meios de defesa dos camponeses"*.

(14) A capital peruana está hoje cercada por um cinturão vibrante, por localidades com prefeitos esquerdistas, em condições de estrangulá-la, mobilizando imensas legiões de trabalhadores e de menos favorecidos. Nestas condições, estão os populosos bairros operários de Ate, El Agustino, Independência, Lurgancho e San Martin de Porras.

A Prefeitura de Arequipa, a segunda cidade do Peru, foi ganha no voto, por imensa maioria, por um jovem médico esquerdista, cuja força política foi obtida, fazendo medicina para socorrer doentes pobres e sem amparo oficial. A **Esquerda Unida** ganhou as eleições em oito capitais de Departamento (estados ou províncias) apenas um a menos que o partido do governo, deixando a **APRA** com o controle de apenas quatro. Além de Arequipa, a coligação de esquerda venceu em Puno, Pucalpa, Moqueguá, Huaraz, Huancavelica e Pazco. Em Tacna, na fronteira do Chile, região tradicionalmente rebelde, os votos da Esquerda Unida e dos grupos trotskistas, que não se juntaram à coligação, superaram os 40 por cento dados aos candidatos da **Ação Popular** do atual presidente.

(15) Um pacto de ação política vigorosa, que se denominou **Declaração de Arequipa**, foi assinado pelos partidos e organizações que fazem parte da **Esquerda Unida**, para lutar pela defesa do petróleo, pela contenção de preços, pelo respeito à autonomia nacional, contra o **FMI** e pela investigação e sanção do terrorismo de direita. Este manifesto teve apoio de Alfonso Barrantes Linguan, presidente da **Unidade de Esquerda**, Gustavo Espinoza, representante do **Partido Comunista**; Manuel Dammert, do **Partido Comunista Revolucionário** e de diversos prefeitos, entre os quais, de importantes cidades do Sul: Arequipa, Puno, Ilo e Moquegua. E os prefeitos esquerdistas estão articulando a formação de assembléias populares e não descartarão a luta armada para combater a burguesia e levar as massas ao poder.

A preocupação oficial se faz notar e o jornal *Expresso*, de propriedade de Manoel Ulloa, ministro da Economia e primeiro-ministro peruano, afirmou que "*ninguém sabe a origem das inúmeras armas (pistolas, escopetas, fuzis e outras) que estão nas mãos dos camponeses*", e há o receio de que estas rondas se transformem em germe de movimentos revolucionários. (16).

E, realmente, em março de 1980, tinha ocorrido uma pequena revolta camponesa, onde foi atacado o **Tribunal de Justiça Agrária de Cutervo**, incendiando o posto policial da mesma cidade, localizada nos Andes. Os camponeses revidaram ataques e ameaças de prisão a alguns de seus colegas. Inclusive, nesta mesma ocasião, o **Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR)** orientou e reuniu os camponeses, que acabaram ocupando Cutervo por alguns dias; sua população é de 40 mil habitantes.

Mas não param aí, estes fatos novos, pois há outras ações armadas reivindicadas por um forte grupo maoísta denominado **Sendero Luminoso**, e que nos últimos tempos já praticou mais de três centenas de todos os tipos de atentados.

(16) Um dos primeiros atos do governo Belaunde Terry foi devolver aos seus velhos proprietários, inclusive ao reacionário Ulloa, todos os jornais que tinham sido nacionalizados.

Capítulo 13

BOLÍVIA – AS GUERRILHAS DE CHE GUEVARA. OS PEREDOS, UMA FAMÍLIA DE GUERRILHEIROS

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O povo boliviano é muito politizado, mas de um modo *sui-generis*. Existem inúmeros partidos (predominando os diversos matizes de esquerda, muito desunidos) e muitas vezes passam por longos recessos impostos, com contínuos golpes de estado e deposição de presidentes (1).

Ultimamente parecia que tudo seria feito e pleiteado com eleições, com sindicatos fortes e organizações operárias. Os camponeses estavam agrupados de uma maneira esdrúxula, e os operários estavam incluídos na célebre **Central Operária Boliviana (COB)**, dominada pelos sindicatos mineiros, que sofreram grande repressão ao tempo de Hugo Banzer, repressão que voltou redobrada com um novo ditador, em 17 de julho de 1980. (2)

Qualquer coisa pode acontecer na Bolívia. É de se perguntar se a esquerda e as forças populares chegarão ao poder ou por meio de eleições ou com guerrilhas e revoluções. Pela via eleitoral, os fatos têm demonstrado que está se tornando quase impossível.

(1) O coronel Hugo Banzer Suarez, um militar de notória linha fascista, absurdamente aliado aos partidos Falange Socialista (de direita) e Movimento da Revolução Nacional do velho político Victor Paz Stenssoro, derruba o governo esquerdista de Torres, em 1971. Banzer só deixou o poder em 1978, afastado por um seu comparsa, general Juan Pereda Asbun, que tinha sido candidato à presidência, em eleições fraudulentas.

(2) O general David Padilha Aranciba, de centro esquerda, comandante do exército, promoveu, em novembro de 1978, uma limpeza nos golpistas, decretando eleições gerais e outras concessões populares. Um ano após, deu-se o golpe nº 208, em 154 anos de vida independente. O coronel Alberto Natusch Busch depôs o presidente eleito pelo Congresso, Senador Walter Guevara Arze (escolhido por não ter havido maioria na votação presidencial). Mas, este militar, diante do grande protesto popular, greve geral, união de todos os partidos de esquerda, numa frente anti-fascista, foi obrigado a deixar o poder, tendo sido depois, também, pelo Congresso, eleita a deputada Lidia Gueiler Tejada, então presidente do mesmo, mas que acabou sendo deposta.

É um panorama para ser analisado, e de algum tempo para cá a pretensão da maioria dos esquerdistas, camponeses e operários, seria de se atingir o poder, através do voto, pacificamente, dentro do quadro acima descrito, o que se tornou uma ilusão.

Apesar de que a Bolívia fez a célebre revolução popular de 1952. E apesar de que ainda restam membros da família PEREDO, pertinazes lutadores e outros guerrilheiros. Mas seriam estas forças ainda minoritárias na hipótese de novas guerrilhas, ou não?

A verdade é que a Bolívia ainda continua cheia de problemas sociais, econômicos, políticos e militares. Muitos de seus partidos se intitularam revolucionários. Os verdadeiros não atingem o poder, e as soluções não são encontradas. A Bolívia produz e exporta minérios em estado bruto, e apenas os discursos dos políticos e militares reacionários são refinados.

A expectativa de vida é uma das mais baixas da América Latina: 50 anos, devido naturalmente à sub-nutrição e às tristes condições de trabalho nas minas, onde os operários não atingem 40 anos de vida.

Existe apenas um médico para cada 5 mil habitantes, e de cada 100 profissionais formados pela Faculdade de Medicina de Cochabamba, 80 estão trabalhando fora do país. De cada dez bolivianos cinco não sabem ler, e a metade das crianças não freqüenta escolas.

A Bolívia tem ferro, manganês, estanho, antimônio, cobre, zinco, minerais radiativos, gaz natural e petróleo e ainda tem prata e ouro, mas não tem indústrias.

É um país pobre da América Latina, e isto porque tem alimentado a riqueza de outros países capitalistas do mundo.

A GUERRILHA DE CHE GUEVARA

Em setembro de 1966, CHE GUEVARA escolheu e chegou à Bolívia para fazer uma guerrilha de grande evergadura e de ação ampla. Mas este fato redundou em fracasso, se falarmos no campo militar. Psicologicamente e moralmente foi, porém, vitorioso. De setembro de 1966 a outubro de 1967 não houve a acolhida e apoio necessário a este cidadão latino-americano e a seus companheiros guerrilheiros, por parte dos partidos esquerdistas e da população boliviana.

A trajetória das guerrilhas, pela própria descriação do *Diário da Guerrilha Boliviana* e por tudo o que se tem conhecimento, foi uma verdadeira odisséia, apta a entrar para os anais da história universal.

As terras para a base da guerrilha foram compradas por COCO PEREDO, em 26 de agosto de 1966, e eram anteriormente de propridade de Remberto Villa Mariscal, denominada Fazenda Ñancahuazu, na região do mesmo nome, na zona da Cordilheira, departamento de Santa Cruz.

O local das operações foi a casa da sede da fazenda, conhecida pelo nome de **Casa de Calamina**, mas tornou-se devassada, despertando a desconfiança dos habitantes dos arredores. (3) A partir da **Casa de Calamina**, construíram-se caminhos na direção do norte da região e arsenais subterrâneo com armazenamento de armas, munições, víveres, roupas, remédios, além de aparelhos de transmissão e recepção.

Esta base escolhida era taticamente interessante, estava encravada na quebrada de Ñancahuazu, entre montanhas de 300 metros de altura e protegida por frondosa selva. Mas a guerrilha foi obrigada a abandoná-la.

(3) Casa de Calamina, assim chamada por ter o telhado de telhas tipo Eternit. Era bem montada e organizada.

Em agosto também foi descoberto e desbaratado um outro acampamento com a perda total de documentos, remédios e víveres, a exemplo do que acontecera anteriormente, na fazenda e nos esconderijos de Ñancahuazu.

Isto tudo era, em suma, produto das traições e delações que surtiam efeitos negativos. E a partir daí, a guerrilha passou a vagar sem diretriz certa, pelos piores lugares.

O primeiro e lamentável contratempo precocemente surgido foi que dois desertores da guerrilha deram a pista do acampamento original ao exército. Nas proximidades deste, acontece uma batalha, na qual morreram muitos soldados das forças regulares. Os guerrilheiros cometeram o erro de não evitarem o encontro.

Nos últimos tempos, a selva e o meio ambiente tinham se tornado hostis. Na maioria das vezes, enfrentavam o frio, a fome, a falta de contacto com outros grupos de suporte.

Um outro penoso golpe foi a prisão ocorrida em 16 de setembro, em La Paz, da universitária LOYOLA GUSMAN LARA e mais 16 pessoas que faziam parte de uma vasta e importante rede urbana de ligação com a guerrilha. Ocorre também que o responsável econômico pelas guerrilhas, que morava em La Paz, defrauda o movimento num momento crítico, sumindo com um quarto de milhão de dólares, que havia recebido para efetivar compras e mandá-las normalmente a Ñancahuazu.

Inicialmente, no primeiro acampamento, a guerrilha contava com 37 membros, sendo 18 bolivianos, um latino-americano autêntico CHE, 16 cubanos e 2 peruanos. (4) A incorporação de uma argentina e outro peruano deu-se posteriormente.

Dois guerrilheiros tinham morrido afogados, fora de combates, no rio Ñancahuazu, os bolivianos BEJAMIM CORONADO CORDOBA em 26 de fevereiro, e "CARLOS" LORGIO VACA MARCHETTY, estudante, em 17 de março.

Em fins de março, segundo o *Diário* do próprio CHE GUEVARA, eram 44 os participantes ativos, 2 visitantes e um refugiado: Serapio, não havendo no *Diário* nenhuma menção sobre o mesmo.

No último dia de setembro com as sentidas mortes em combates de "COCO" PEREDO, JÚLIO e MIGUEL, e as fugas de Leon e Camba (este deu ao exército as posições dos companheiros), a guerrilha ficou reduzida a 17 membros, sendo que 3 estavam feridos ou doentes.

Na batalha decisiva do dia 8 de outubro e suas conseqüências imediatas morreram 8, e depois mais um, sendo que no último choque, de El Naranjal, caíram 3. O último a tombar foi em 15 de novembro de 1967.

Apenas 5 sobreviveram: Os bolivianos "INTI" PEREDO e DARÍO, e os 3 cubanos, que atravessaram a Bolívia e o Peru, com os experimentados guias bolivianos, Efrain Quicanêz Aguilar, de 38 anos, e Estanislao Vila Colque, de 29 anos. Outros guias colaboraram: José Golb e Nicanor Mendez, que em 4 de setembro de 1969, foram presos em Santa Cruz. Os cubanos chegaram ao Chile em 22 de fevereiro de 1968, percorrendo uma distância de quase 1 mil quilômetros, e no Chile ficaram sob proteção legal do então senador Allende, e em 6 de março de 1968, tinham retornado a Havana, depois de fazerem escala em diversos lugares.

Eis o relatório sobre todos os guerrilheiros. Os com a pré-notação de (G) passaram a constituir, após os acontecimentos de Vado del Yeso ao Grupo de GUEVARA e com (J) pertenciam anteriormente ao grupo de JOAQUIM, que posteriormente se perderam do primeiro grupo.

(4) Os cubanos constituíam o coração das guerrilhas; na maioria, eram veteranos da famosa coluna CIRO REDONDO, que GUEVARA comandara durante a luta contra Batista e que travou a batalha decisiva de Santa Clara, em 1958.

VANGUARDA

(G) –MIGUEL (Chefe) – capitão do exército cubano, MANOEL HERNANDEZ, morreu em 26 de setembro.

(G) –BENIGNO – cubano – capitão DANIEL ALACRON RAMIREZ, 30 anos, chegou a chorar em 18 de setembro, sendo ferido no dia 26. Sobrevivente.

(G) –PACHO ou PACHUNGO – cubano – major ALBERTO FERNANDEZ MONTES DE OCA, morto em 8 de outubro.

(G) – LORO – boliviano, também conhecido pelas alcunhas de JORGE e BIGOTES, após ser ferido, é capturado em abril, fugindo do hospital, em Camiri, em maio. JORGE VASQUES VIANA, filho de famoso escritor boliviano. Foi assassinado posteriormente.

(G) –ANICETO – boliviano – foi ferido em 20 de junho e depois recuperado. Morreu na batalha em que caiu GUEVARA, em 8 de outubro. ANICETO REYNAGA GORDILLO. Antigo militante da juventude comunista.

(G) – Camba – boliviano – estava frouxo desde julho, sendo uma figura degradante, deserta em 26 de setembro e entrega-se no dia seguinte. Apesar de ser preparado em Cuba, depôs no processo de Camiri e declarou-se comunista militante, mas jamais voltaria a lutar em guerrilhas. Orlando Guimenez Bazan.

(G) –COCO – boliviano – caçador de crocodilo e motorista de táxi em La Paz. Um dos grandes organizadores e combatentes bolivianos da guerrilha, sendo o comprador da propriedade que serviu de acampamento. Antes seguiu curso de guerrilhas em Cuba e combateu no Vietnam, ao lado dos Vietcongs, por oito meses. Chegou a ser proclamado chefe de guerrilhas no congresso da OLAS. Morreu aos 27 anos, na batalha de Higueras, próxima de Yuro, em 26 de setembro. ROBERTO PEREDO LEIGUE.

(G) – DARÍO – boliviano – DAVID ADIASOLA VEISAGA. Sobrevivente.

(G) –JULIO – boliviano – morreu em 26 de setembro. MÁRIO GUTIERREZ ARCAYA. Ex-dirigente universitário.

(G) – PABLO ou PABLITO – boliviano – ferido em 26 de setembro e morto no choque de Naranjal, em 14 de outubro. O mais novo dos guerrilheiros. Tinha completado 22 anos em 17 de setembro. FRANCISCO HUANCA FLORES. Um simples camponês.

(G) –RAUL – boliviano – pouco combativo, apesar de ser instrutor político; morreu em 30 de julho. RAUL QUISPAYA.

RETAGUARDA

(J) – JOAQUIM (chefe) – cubano – morreu em Vado Del Yeso, em 30 de agosto. Major JUAN VITALIO ACUÑA NUÑEZ, membro do Comitê Central do Partido Comunista Cubano. Foi um dos primeiros a se unir a FIDEL CASTRO na guerrilha revolucionária. Seu grupo se perdeu do grupo do CHE, e caminhou errante até serem liquidados nos dias 30 e 31 de agosto.

(J) –BRÁULIO – cubano – morreu em 31 de agosto, seu *Diário* foi arrecadado e publicado posteriormente em Nova York, em agosto de 1968, pela Editora Stein And Day, juntamente com o de ROLANDO e POMBO. Tenente ISRAEL REYES ZAÍAS. Ex-Oficial da Coluna de RAUL CASTRO, da província de Oriente. Este livro será publicado no Brasil pelas Edições Populares.

(G) –RUBIO – cubano – morreu em 10 de abril, na Quebrada del Miguel, primeiro sangue cubano derramado na guerrilha. Capitão JESUS SOARES GAIOL. Ex-vice-Ministro da Indústria Açucareira de Cuba.

(J) –MARCOS – cubano – morreu em 15 de maio, Major ANTONIO SANCHES DIAZ, membro da comissão central do PCC e chegou a ocupar a direção das Minas, por ordem de CHE. Participou na guerrilha cubana, nas operações de Escambray.

(J) –PEDRO ou PAN DIVINO – boliviano da região de Tarata – morreu em 12 de agosto. ANTONIO FERNANDES ou ANTONIO JIMENEZ TARDIO.

(J) – EL MEDICO – boliviano – estudante de medicina. FRED ERNESTO MAIMURA HURTADO, morreu em 31 de agosto.

(J) –POLO – boliviano –APOLINAR AQUINO QUISPE, morreu em 31 de agosto.

(J) –WALTER – WALTER ARANCIBIA AYALA – boliviano, camponês ayamara (índio do planalto) – morreu em 31 de agosto.

(J) –VICTOR – boliviano –CASILDO CONDORI VARGAS, morreu em 2 de setembro.

(J) –PEPE – boliviano – morreu em 23 de maio, em Yugui. JULIO VELASCO MONTANA.

(J) –PACO– boliviano – único sobrevivente de Vado Del Yeso, preso, dá informações sobre a guerrilha (7 de setembro). JOSÉ CARRILO, ou JOSÉ CASTILLO CHAVES.

(J) – Eusébio – boliviano – desertou em 20 de julho. Eusebio Tapia Arumi.

(J) – Chingolo – boliviano – foi ameaçado de expulsão da guerrilha por CHE, em 27 de março. Depois desertou em 20 de julho e delatou o depósito e o outro acampamento de Ñancahuazu, que foi um duro baque nas guerrilhas. Como prêmio, foi incorporado ao exército regular boliviano. Hugo Choque Silva.

CENTRO

(G)– RAMON –cidadão latino-americano – CHE GUEVARA. No dia 14 de junho diz em seu *Diário: "Cheguei aos 39 anos, e aproxima-se inexoravelmente a idade em que serei forçado a pensar em meu futuro como guerrilheiro"*. Assassinado friamente em 9 de outubro, um dia após a batalha de Quebrada Del Yuro, quando ferido, caiu prisioneiro.

(J)–ALEJANDRO – cubano – morreu em 31 de agosto. Oficial do exército que durante um período chegou a ser Vice-Ministro da Indústria. Comandante GUSTAVO MACHIN.

(G) – ROLANDO – cubano – morreu em 25 de abril, também escreveu seu *Diário*, que foi capturado e publicado juntamente com o de POMBO e BRÁULIO. ELISEO REYES RODRIGUES era uma das glórias autênticas da guerrilha cubana, à qual se havia incorporado aos 16 anos de idade e onde alcançou o posto de capitão, durante a famosa marcha entre Sierra Maestra e Las Villas. Era, em 1959, chamado de SAN LUIZ por ter nascido nesta povoação do oriente cubano.

(G) – INTI – boliviano – GUIDO ALVARO PEREDO LEIGUE, sobrevive, tenta organizar nova guerrilha e é assassinado em La Paz.

(G) – POMBO – cubano – ferido em 30 de julho, contava com 27 anos no final das guerrilhas, capitão HARRY VILEGAS TAMAYO; sobrevivente, teve o seu Diário publicado.

(G) – ÑATO – boliviano de origem camponesa – JÚLIO LUIZ MENDEZ, antigo guia da coluna guerrilheira do ELN peruano, em 1963. O último guerrilheiro a ser morto em um encontro com o exército, em 15 de novembro.

(G) – TUMA ou TUMAINI – cubano – CARLOS CUELO, morreu em 26 de junho, em Piraí. Sua ausência foi sentida como a de um filho por CHE GUEVARA, como se vê em seu *Diário*, pois era seu companheiro inseparável desde 1959.

(G) – URBANO – cubano – contava com 27 ahos no final da guerrilha; capi-

tão LEONARDO TAMAYO NUNES, sobrevivente, que teve o seu *Diário* publicado juntamente com BRÁULIO e POMBO.

(G) – MORO – cubano – em fevereiro tinha pego impaludismo; morreu, pode-se dizer, assassinado em 12 de outubro, pois estava muito doente. Segundo Ricardo Rojo, em seu livro *Meu Amigo Che* e o próprio processo de Camiri (onde está arrecadado o seu *Diário),* trata-se do médico CARLOS LUNA MARTINEZ.

(J) – EL NEGRO – peruano – RESTITUTO JOSÉ CABRERA FLORES, médico, morre em 31 de agosto em Vado Del Yeso.

(G) – RICARDO – cubano – indisciplinado; comandante PAPI. Também chamado CHINCHU, morreu em 30 de julho em El Maroco. Major JOSÉ MARIA MARTÍNEZ TAMAYO. Esteve na Bolívia a primeira vez em julho de 1963.

(G) – ARTURO – cubano – rádio-operador, morreu em 8 de outubro. RENÉ MARTINEZ TAMAYO. Irmão de RICARDO.

(G) – EUSTÁQUIO – peruano – chorou por falta de água em 5 de setembro; morto no choque de Naranjal, em 12 de outubro. LUIZ EDIBERTO GALVAM HIDALGO.

(J) – GUEVARA – boliviano – chefe comunista dissidente boliviano, MOISÉS GUEVARA RODRIGUEZ. Deixou mulher e quatro filhos pequenos para dar sua vida à guerrilha; era recrutador de homens, líder sindical na mina de São José, no distrito mineiro de Oruro, trabalhava em mecânica. Morreu em Vado Del Yeso, em 31 de agosto.

(G) – WILLY – boliviano – mineiro de Huamuni, comunista, SIMON CUBA SARABIA, morreu juntamente com GUEVARA em 9 de outubro, assassinado friamente na escola de Higuera; antes tinha sido também ferido e preso.

(G) – LUIZ – boliviano – sempre referido no *Diário* como CHAPACO um elemento sinistro, não estava bem em 19 de agosto, ainda conforme o *Diário.* Era o antigo e ativo dirigente do M.R.N., JAIME ARANA CAMPERO, ex-universitário de Potosi, conhecido como "EL LOCO". Morreu no choque de Naranjal, em 12 de outubro.

(G) – ANTÔNIO – cubano – morreu em 8 de outubro. Capitão ORLANDO PANTOJA.

(G) – Leon – boliviano – abandona a guerrilha em 26 de setembro, e se entrega, depois, voluntariamente, ao exército. Afirmou que aderiu à guerrilha por problemas de ordem material. Disse mais que GUEVARA estava muito doente. Antonio Rodriguez Flores ou Antonio Domingos.

(J) – TÂNIA – argentina – filha de pai russo e mãe alemã. Inicialmente fazia parte da rede urbana que dava apoio a CHE, e chegou a ter acesso ao governo boliviano, pois trabalhava na seção de informação da presidência. Quando foi se incorporar às guerrilhas deixou seu jeep com documentos importantes numa fazenda abandonada a 50 milhas, a noroeste de Camiri. Descobertos estes documentos, foi detectada a rede de apoio logístico, com ocorrências de diversas prisões, o que impossibilitou o recebimento de auxílio externo regularmente. Morreu em Vado Del Yeso, e seu corpo foi achado boiando no rio Grande, próximo a Macicuri, em 6 de setembro. Nome completo: HAYDEE TAMARA BURQUE BIDER.

(G) – CHINO, peruano; estava doente quando foi capturado em 8 de outubro, tendo sido assassinado no dia seguinte; JUAN PABLO CHANG NAVARRO. Antes de se incorporar ao movimento, esteve em Havana, onde trouxe uma soma em dinheiro para as guerrilhas.

Falta de rede de apoio com a cidade e com o exterior, com uma péssima intercomunicação. Alimentos e remédios também sempre faltavam. Os moradores das regiões, onde atuou GUEVARA, camponeses desconfiados, cautelosos e simples – quando não eram hostis, e quando não davam pistas e denúncias dos guerrilheiros, em nada apoiavam. Mudanças forçadas de locais, levaram os guerrilheiros a terrenos por demais acidentados e estes para boa tática, se separaram em dois grupos e numa primeira vez houve grande esforço para uma nova junção, e em outra feita, esta não mais se deu. Não ocorreu nenhuma nova incorporação durante toda a campanha, e no auge da guerrilha, em fins de março, como já anotado, dentre os 45 participantes, uma era argentina, 3 peruanos e 24 bolivianos. A presença de CHE GUEVARA foi muito cedo detectada no interior boliviano, talvez desde março, o que deixou o exército em grande polvorosa. Mesmo com isto tudo, nos primeiros meses da campanha, a guerrilha, quando estava mais organizada, alcançou grandes vitórias. O governo, para se justificar, falou que os guerrilheiros eram mais de setecentos. E até no fim, antes da morte de CHE GUEVARA dizia-se que existiam ainda quase setenta guerrilheiros quando, na verdade, todo o grupo não passava de 18. Aí, então, ao lado do exército, estavam tropas de elite, com treinamento especial da CIA. O não conhecimento do terreno, com más informações de camponeses, levou, em 30 de agosto, à morte, de uma só vez, nove guerrilheiros e um prisioneiro. Foi em Vado Del Yeso, numa emboscada de rara crueldade, que deixou tintas de sangue as águas do rio Grande.

Era o grupo mais valoroso da guerrilha, o de JOAQUIM que caía mortalmente, sendo este um golpe irrecuperável.

Uma única vez, houve uma leve tentativa de mineiros de se unirem às guerrilhas. Foi em março, quando o exército, após algumas derrotas, temendo um levante em armas dos mineiros e que estes se incorporassem maciçamente às guerrilhas, fez uma expedição preventiva a diversos povoados, assassinando vinte e sete homens e ferindo quase uma centena.

Os delatores e os traidores mais conhecidos da guerrilha foram: Ciro Alganaraz Leigue, vizinho das terras onde estava a sede secreta da guerrilha. Inclusive vendeu aos guerrilheiros muitos objetos e animais. Durante algum tempo, manteve-se neutro; mas depois os denunciou. Foi preso pelo exército, após a delação e julgado em Camiri, mas como prêmio foi absolvido.

Pastor Barreta Quintana, Salustio Choque Choque e Vicente Rocacal Terraza, todos desertores da guerrilha. Salustio era mensageiro da guerrilha, e o mais cruel dos alcagüetas. Eusébio Tapia foi seu igual. Também saíram livres em Camiri.

Ademais, armou-se um verdadeiro complô de âmbito internacional contra CHE GUEVARA. E este complô foi concretizado pelos boinas verdes (as bem conhecidas tropas americanas especializadas na luta anti-guerrilha), que treinaram tropas bolivianas e as dirigiram, na presença de chefes militares argentinos, brasileiros, paraguaios e bolivianos. O major boliviano Coller Cueto esteve por ocasião das guerrilhas no Brasil e na Argentina com o objetivo de obter ajuda concreta de armas e mobilização de tropas nas fronteiras, para estreitar o cerco aos guerrilheiros. Inclusive o coronel brasileiro Meira Matos foi a Santa Cruz de la Sierra no mês de julho, para intervir na luta contra as guerrilhas.

O Partido Comunista Boliviano não apoiou de maneira alguma a guerrilha de CHE GUEVARA e até o traiu. Mario Monje Molina, chefe do PCB, em 1967, de tendência soviética tinha-se comprometido em Havana, a ajudar na campanha de CHE GUEVARA, mas se afastou completamente dando desculpas de que queria o comando geral da guerrilha.

Oscar Zamora, outro dirigente comunista de tendência chinesa, embora se tornasse guerrilheiro em 1971, também não apoiou GUEVARA por não ter sido convidado e por só saber de sua presença na Bolívia três meses após sua chegada; afirmou que, certa feita, Mário Monje, antes ao tempo do presidente Paz Estensoro, denunciou ao coronel San Ramon, chefe da polícia política a presença e treinamento de guerrilheiros peruanos e argentinos em território boliviano. (5)

Mário Monje foi condenado à morte pelo ELN por traição à causa guerrilheira. Quando de sua prisão em La Paz, em 1968, falou-se que se entregara à polícia, para evitar represália. (Foi posto em liberdade em abril de 1970.)

Outro membro do secretariado do PCB Jorge Coller Cueto, também foi contra CHE GUEVARA. O isolamento político da guerrilha era total, pois os principais quadros politizados do país pertenciam ao PC que deixou a guerrilha à sua própria sorte.

Além do mais, o Partido Comunista Boliviano desestimulava e não permitia, de forma alguma, o ingresso de seus membros ou simpatizantes na guerrilha.

VISITANTES DA GUERRILHA

O escritor esquerdista francês Jules Regis Debray, o jornalista e pintor argentino Cirus Roberto Bustus e o fotógrafo-jornalista, chileno-inglês George Andrew Roth, em certa ocasião, visitaram as guerrilhas de CHE GUEVARA, em plena selva boliviana. Roth, jornalista inglês, mas radicado no Chile, tentou fazer uma reportagem com os guerrilheiros na Bolívia. Jamais ouvira falar de Debray e as guerrilhas eram, para ele, segundo sua própria confissão, apenas *"um tema para fotos sensacionais"*. Não pôde realizar sua reportagem, mas acabou sendo aprisionado por quatro meses num quartel boliviano. Foi preso juntamente com Debray e Bustus no dia 20 de abril de 1.967, em Muiupampa, um lugarejo de 1.500 habitantes, típico da região: casas de barro e palha, ruas poeirentas, calçadas irregulares, sendo libertado em 26 de agosto do mesmo ano, tendo ficado durante este tempo, na cadeia de Camiri.

Regis Debray e Cirus Bustus foram julgados e condenados em processo ruidoso, em Camiri, pela justiça militar, a 30 anos de cadeia cada um, terminando os autos, em 17 de novembro de 1977. O próprio Debray fez a sua defesa, em longo arrazoado, disse que: *"não me importo com a condenação"*, afirmando, entre outras coisas, em defesa de CHE GUEVARA:

"A Bolívia se libertará do imperialismo ianque, se fundará a Bolívia Socialista, e com ela, todo o continente, do qual a Bolívia é o coração. Para CHE, *a verdadeira diferença, a verdadeira fronteira, que separa um boliviano de um peruano, de um argentino, de um cubano é a mesma que separa os latino-americanos dos ianques. Por isso, bolivianos, cubanos, argentinos são irmãos de luta e onde lutam uns, devem lutar os outros, porque têm tudo em comum, a mesma história, o mesmo idioma, o mesmo destino e até o mesmo dono, o mesmo explorador, o mesmo inimigo que os trata a todos de forma igual: o império ianque. Quem se atreveu a falar em vencedores? Quem se dá por vencido? Vencido* CHE, *porque morreu? Há vinte anos* CHE *expunha sua vida e escapava milagrosamente à morte; faz anos que tomou a decisão de combater na primeira linha, lá onde dele necessitavam, aqui e em outras partes; faz anos que* CHE *aceitou morrer a qualquer instante. Costumava dizer que seu sacrifício não significaria nada, não seria mais que um acidente no curso da revolução mundial, e que dependia depois de cada um de nós fazer de seu sangue semente. Existem homens, todavia, mais perigosos mortos que vivos, mesmo se aqueles que o temem cortam as mãos de seu cadáver, incineram o corpo, escondem as cinzas. Para nós* CHE *começa agora a viver e a revolução continua."*

(5) Victor Paz Estenssoro foi levado à presidência, pela primeira vez, em 1952, por uma revolução nacional, liderada por Siles Suazo, pois tinha sido impedido de tomar posse após vencer as eleições. No seu terceiro governo, em 1966, é derrubado.

Na qualidade de teórico das guerrilhas, pois foi o autor do famoso livro *Revolução dentro da Revolução,* Regis Debray escreveu um livro: *A Guerrilha do Che,* publicado pelas Edições Populares, e deu muitas entrevistas e explicações sobre a guerrilha de CHE GUEVARA na Bolívia. Este escritor francês afirmava que:

"Desde fevereiro de 1967, a situação de CHE GUEVARA *era extremamente precária.*

"Os guerrilheiros passavam às vezes fome, estavam fracos para combater e não podiam escapar aos choques com as forças do exército boliviano e não tinham a possibilidade de se refazerem entre dois combates." Declarou mais que *"Foi a falta de contato com as cidades que provocou esta situação, já que uma guerrilha tem necessidade do apoio das populações, para sobreviver. Isto não ocorreu na Bolívia, onde houve pouquíssimos contatos com os camponeses dos arredores. Faltou, sobretudo, o apoio dos simpatizantes das cidades, com os quais contavam de maneira formal. Na verdade, a guerrilha foi traída por certos partidos políticos, por certas pessoas desses partidos e pelas pessoas que não cumprem com os compromissos.* FIDEL CASTRO *tinha razão ao dizer que os bolivianos enganaram* CHE GUEVARA *e que os homens em que ele confiava não lhe explicaram claramente toda a situação."*

Regis Debray apenas cumpriu sua pena até antes do Natal de 1971, quando foi libertado por ordem pessoal do presidente esquerdista boliviano Juan José Torres (6). Também foi posto em liberdade Cirus Bustus. Foram para o Chile, onde primeiramente se encontraram com o poeta Pablo Neruda, em Ilha Negra, na Costa do Pacífico. Dali, Debray seguiu para Havana, onde foi recebido sem nenhuma pompa, e, passando depois algum tempo em Argel; fixou-se definitivamente na França, para continuar sua vida de escritor, longe da programação e equacionamento de novas guerrilhas.

Regis Debray é hoje militante do *Partido Socialista Francês.* Eis alguns de seus livros: sobre a América Latina, *A Prova de Fogo-Crítica das Armas* (em dois volumes), *A Guerrilha do Che,* e um romance, *O Indesejável.* Em fins de 1977, recebeu o prêmio Feminina por seu livro *A Neve Queima.* Este romance relata uma experiência revolucionária que se inicia em Havana e termina na Alemanha Ocidental. Em nota que acompanha o livro, Debray esclarece que não inventou nada. O livro está escrito nos jornais. Por ocasião da vitória dos guerrilheiros sandinistas, na Nicarágua, Debray foi um dos primeiros que lá chegou para os aplausos, e por algum tempo não largou do comandante "ZERO", o famoso guerrilheiro EDEN PASTORA.

O DESTINO CRUEL DOS ALGOZES DE CHE GUEVARA

CHE GUEVARA foi ferido, com alguma gravidade, em combate, no dia 8 de outu-

(6) Torres, assim, se alinhava à esquerda, a seu modo. Sua decisão foi interpretada como um desafio aos setores mais conservadores e de direita. Com seu gesto de anistia geral, desejava consolidar sua aliança com operários, mineiros e militares nacionalistas e esquerdistas, para edificação de uma nova sociedade. Mas isto tudo iria ter conseqüências funestas para sua sobrevivência na Casa Quemada. Torres, que tinha assumido o governo, em golpe que derrubou o general Alfredo Ovando Candia, caiu um ano após.

bro de 1967, na Quebrada de Yuro e, sem forças, foi capturado pelo exército, que naquele setor tinha a orientação da CIA. (7) Foi levado para o prédio da escola, no pequeno lugarejo de Higuera (que em português quer dizer: figueira). A ordem superior para se matar GUEVARA foi dada pelo general Joaquim Zenteio Anaya, e os executores foram diversos, pois de per si se acovardaram, e ao fazê-lo, todos tremeram. Um dos assassinos foi o coronel Andrés Selich Chop (conhecido por Andrecito Medio Trago, por sua tendência exagerada a bebidas alcoólicas), que também foi o despojador de muitos objetos pessoais de CHE, inclusive o relógio banhado a ouro de marca Rolex.

Todos envolvidos direta ou indiretamente na morte de CHE tiveram um destino cruel, a maioria, morte violenta.

O general Zenteno Anaya, na ocasião, era comandante da sétima divisão do exército, com sede em Santa Cruz de la Sierra, que era a principal unidade para combater os guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional.

Estava na França, como embaixador, pois fora afastado, a propósito, pelo presidente Barrientos, do cenário político boliviano, como possível golpista. Foi morto, em Paris, em 8 de maio de 1976, pelas Brigadas Che Guevara, como justiçamento pela atuação boliviana na proteção ao carrasco nazista Klaus Barbie (a data de 8 de maio marca a derrota final do nazismo) e como segundo motivo, a vingança pelo ordenamento da morte de GUEVARA. Zenteno guardava como troféu de guerra a faca e o fuzil M-1 de GUEVARA, que exibiu durante uma festa, promovida pelo magnata do estanho boliviano Antenor Patiño. (8) O coronel Selich foi morto também violentamente, espancado em dependência da própria polícia boliviana, em La Paz, em 14 de maio de 1973, por seus companheiros militares, que o acusavam de conspiração contra o governo. O relógio de CHE, que continuava em poder de Selich, desapareceu.

O próprio presidente Barrientos pereceu num acidente com seu helicóptero (presenteado pela Gulf Petroleum). Um simples sargento do exército atirou no helicóptero e na queda o mesmo incendiou-se; Barrientos morreu queimado. (9)

Em 1971, a germano-boliviana Monica Eret, matou a tiros o cônsul da Bolívia em Hamburgo, Roberto Quintanilla que, em 1967, chefiava o Serviço Secreto Boliviano.

Antonio Arguedas Mandieta, ministro do Interior na época de CHE GUEVARA, e o homem que enviou a Cuba uma cópia fotostática do *Diário da Guerrilha Boliviana* escrito por GUEVARA, foi morto a tiros, por desconhecidos, em La Paz, em 1970.

(7) O reduto boliviano de anti-guerrilha, o acampamento dos boinas verdes, estava situado a 8 km de Santa Cruz de La Sierra, onde 16 instrutores norte-americanos treinaram o exército boliviano, nas táticas anti-guerrilhas. O capitão Leroy Mitchel era o chefe de uma das equipes de boinas verdes. De raça negra, Mitchel – com 11 de seus comandados – já lutou no Vietnam, e tinha sido ferido em 1966, numa emboscada vietcong. Os instrutores norte-americanos deram seus cursos práticos a 650 oficiais e soldados bolivianos, que formaram os dois primeiros batalhões de rangers. Estes só entraram em ação após 26 de setembro, quando se completaram 19 semanas de treinamento intensivo, com a aparelhagem mais sofisticada possível. Outro instrutor foi o comandante Ralph Shelton, que já lutou na Coréia, servindo depois na República Dominicana e no Laos. Na Bolívia, foi o chefe do acampamento com o nome de Esperança.

(8) Os magnatas do estanho – a família Patiño (primeiro com Simon I. Patiño) com seus grupos estrangeiros, sugaram a Bolívia durante muitos anos, e com a nacionalização das minas, em 1952, ainda receberam milhões de dólares de indenização. Uma imensa fortuna foi transferida para o exterior.

No governo Banzer, o filho de Simon, Antenor Patiño e seu grupo foram chamados para sociedade de economia mista, com oferecimento de 70 por cento nos lucros.

(9) O general da força aérea, René Barrientos Ortuño, então vice-presidente de Estenssoro, lidera golpe em 1966, e logo em seguida é eleito, só deixando o poder por morte, em acidente de helicóptero, em 1969. Barrientos recebeu, da Gulf oil Corporation, 460 mil dólares a título de contribuições políticas, para facilitar os negócios desta multinacional na Bolívia.

Herverto Rojas, o guia dos rangers bolivianos e um dos agentes da CIA, que capturaram CHE GUEVARA, foi assassinado em Santa Cruz, em 1969.

E no mesmo ano, Felix Ramos e Eduardo González, dois cubanos dissidentes, que participaram da mesma operação, também tiveram mortes violentas.

Nem todas as mortes, a rigor, mas a maioria, podem ser relacionadas com vinganças políticas.

Outras pessoas envolvidas no episódio das guerrilhas de GUEVARA tiveram um destino estranho, embora não morressem. Assim é que o então major Gary Prado, um dos chefes dos rangers bolivianos, em 1967, chegou a entrar em desentendimento com o próprio exército boliviano, tendo ficado preso por diversos meses, em 1974, e em certa ocasião, quando viajou para o Rio de Janeiro, ia ser assassinado, mas acabou morrendo em seu lugar um militar alemão, devido à semelhança física entre ambos.

O general Luiz Roque Teran, que comandava outra divisão que lutou também contra as guerrilhas, foi expulso do exército boliviano, em maio de 1975.

O general Ovando Candia, que foi ministro do exército em 1967 e chegou a ser vice-presidente, e também presidente da República, foi acusado de corrupto na questão da Gulf e vive, desde 1971, em completo ostracismo, na Espanha.

O último a encontrar a morte, a 7 de outubro de 1980, foi um ex-chefe policial e membro do Serviço de Inteligência do II Corpo Militar, José Abraham Baptista, de 43 anos, na cidade de Santa Cruz de la Sierra, justamente nas vésperas do 13º aniversário do martírio e glorificação de CHE GUEVARA na Bolívia.

Este tira foi chefe dos Serviços de Investigações nas cidades de Santa Cruz, Cochabamba e Oruro, durante os regimes dos generais Barrientos (1964-1968) e Hugo Banzer (1971-1978) e participou ativamente na operação que causou a morte de CHE GUEVARA. Abraham, que ultimamente era um dos líderes da conexão boliviana da Máfia das drogas e apoiava integralmente o ditador García Meza, foi metralhado, sendo as causas ignoradas e os autores desconhecidos.

Mas não parou aí, o destino cruel dos algozes de CHE GUEVARA. No início de maio de 1981, o já coronel Gary Prado Salmon, comandante da 8ª divisão do exército, foi ferido gravemente no estômago e na coluna vertebral, por ocasião de uma rebelião isolada dos próprios partidários da ditadura boliviana, na região da Serra de Roboré, no campo petrolífero de Tita. Gary Prado foi depois transportado para os Estados Unidos, para um difícil tratamento.

AS GUERRILHAS POSTERIORES – OS GUERRILHEIROS DA FAMÍLIA PEREDO

Em 1968, a guerrilha se reorganizou, primeiramente sob a chefia de INTI PEREDO e, depois de sua morte em 1969, sob a liderança de seu irmão OSVALDO "CHATO" PEREDO. Enquanto existir um membro vivo desta família de guerrilheiros, haverá, na Bolívia, apesar de tudo, uma chama, uma centelha de guerrilha. Além de CHATO há outro irmão, o mais velho ANTONIO, que se enquadra na mesma diretriz. E, inclusive, até um cunhado de COCO PEREDO fazia parte da rede urbana de apoio às guerrilhas, ao tempo de CHE GUEVARA, sendo ainda hoje um militante.

Os PEREDOS só querem saber de lutas concretas. Traçaram uma linha que seguem destemidamente.

Eis, cronologicamente, a odisséia de toda a atuação das guerrilhas, após CHE GUEVARA, desde 1968 até os dias atuais.

Em maio se concentram alguns guerrilheiros na região de Trindad, no extremo oeste do país. Constava que INTI tinha grandes somas de dinheiro e com isto pode-

ria criar novo foco guerrilheiro. Em agosto, um grupo armado de guerrilheiros ocupou, por diversos dias, a fazenda *Durand* localizada entre os rios Manucipe e Muyamu, na fronteira da Bolívia. No mesmo mês, ainda ocorrem ações em Porto Maldonado, no sudoeste, perto do Peru.

Existiam guerrilhas ainda às margens do Lago Titicaca, também na fronteira entre a Bolívia e o Peru e em Chapare, nas montanhas da região central.

Em junho, o comando da 8ª divisão do exército boliviano anunciava a descoberta de importante depósito de armas automáticas na região de Yapacani, a 60 km a norte de Santa Cruz. Estas foram enterradas após a morte de CHE GUEVARA, pelos sobreviventes de seu grupo. Juntamente com as armas estavam munições, propagandas e alimentos devidamente protegidos contra a umidade. Ainda em junho, segundo o jornal *Los Tiempos*, de Cochabamba, os comunistas de linha chinesa promoviam treinamentos guerrilheiros em Chipiriri, com a participação de estudantes univesitários de La Paz, Cochabamba e Sucre.

Em setembro, anunciou-se que o estudante universitário equatoriano NELSON DELGADO RODRIGUEZ, conhecido como CAPITÃO NELSON, que estava na Argentina, seguiu para a Bolívia, para unir-se a INTI PEREDO. E outros estudantes comunistas chilenos também partiam para se unirem às guerrilhas.

O ano de 1969 começa com INTI PEREDO enviando mensagem a FIDEL CASTRO, afirmando que o *"único caminho possível para a libertação da América Latina é a luta armada"*. INTI era, então, o efetivo dirigente do Exército de Libertação Nacional da Bolívia.

Em julho, continuam os planos de reativação das guerrilhas, e inclusive há ações urbanas. Em uma delas, em Cochabamba, em combate, morre a guerrilheira identificada pelo pseudônimo de MAY, saindo ferido MARIO GUERRA, e presos MARIO ANDRADE, de nacionalidade cubana, MICAEL ROSA, RAUL CAMPOS e MARIO CAMPOS. Outros guerrilheiros são presos em La Paz, e entre eles JOSÉ ANTONIO MORENO, vulgo BRAULIO e ANTONIO CORDOVA, conhecido pelo pseudônimo de HUASCA.

Os guerrilheiros são constituídos de chilenos, cubanos, argentinos e brasileiros, e foram treinados em Cuba. Entraram e estavam na Bolívia para desencadearem ofensiva em todo o país. Um outro guerrilheiro é encontrado morto misteriosamente, identificado como sendo o chileno RIGOBERTO ZAMORA SASSO. Ele estava entre os guerrilheiros que, anteriormente, travaram tiroteio com a força da polícia, em Cochabamba, quando morreu RITA VALDIVIA, conhecida como MAY. Fugiu do cerco e vivia foragido e quase sempre andava vestido de sacerdote.

No início de agosto, na capital boliviana, três importantes membros do Exército de Libertação Nacional são presos. No aristocrático bairro de Obrajes, ao sul de La Paz, estava um grande núcleo de preparação às guerrilhas. Foi descoberto, graças à declaração de um guerrilheiro, preso anteriormente. Houve fortes tiroteios e saíram feridos alguns policiais. No local foram presos JURGENS SCHUTT MOGRO, catedrático da Faculdade de Engenharia Industrial de La Paz, GONZALO OROZA BELLIDO, engenheiro e funcionário da Corporação Mineira da Bolívia, e sua esposa, a filandesa TERTTU TUULIKKI DE OROZA BELLIDO. Esta tinha servido de elemento de ligação, por ocasião da guerrilha de CHE. Foi posta em liberdade em fins de abril de 1970, em virtude de seu delicado estado de saúde.

Em agosto, INTI PEREDO lança um manifesto que provoca a mobilização das autoridades e o presidente Siles Salinas fica visivelmente perturbado. (10) Este manifesto, dizia, entre outras coisas: *"Estou retornando às montanhas para reiniciar a guerra de guerrilhas, inauguradas por* CHE GUEVARA *em Ñancahuazú, em 1967. A luta será longa e cruel, já que as características atuais são mais violentas. Somente deporemos as armas quando a Bolívia e o resto do continente estiverem livres da opressão"*. PEREDO qualificava a Bolívia como *"território ideal para a luta guerrilheira, que se converterá em foco armado do continente, tal como havia previsto* GUEVARA". Reconhece que *"o movimento, que se iniciou em junho daquele ano, cometeu erros, sofreu traições e rudes golpes em sua organização, mas tudo isso já foi superado pelo Exército de Libertação Nacional"*. Afirma ainda que: *"a nova guerrilha não recebe dinheiro ou orientação de Cuba"*, e conclui sua mensagem: *"O presidente Siles Salinas é um prisioneiro que governa por autorização expressa do general Ovando Candia, que por sua vez é o carcereiro máximo nomeado pelo imperialismo norte-americano, com o objetivo de oprimir a Bolívia. Pátria ou morte, venceremos"*.

(10) O vice-presidente de Barrientos, o civil Luiz Adolfo Siles Salina, primo do outro Siles, que não chegou a governar nem seis meses, é destituído do poder pelo general Ovando Candia, em setembro de 1969.

Mas logo a seguir, o exército consegue localizar alguns depósitos de armas dos guerrilheiros, efetuando também prisões. Mas o novo movimento está espalhado por todo o país. Um rude golpe acontece em 8 de setembro, INTI PEREDO é ferido, durante um tiroteio, que durou seis horas, ocorrido na rua Santa Cruz, no centro de La Paz. O exército teve ajuda, neste episódio, de agentes secretos da CIA. INTI foi preso quando estava ferido, e abatido posteriormente, pelas autoridades bolivianas, que seguiram instruções da mesma CIA.

Era então o segundo PEREDO a tombar na causa que abraçaram com todo ardor e afinco. INTI nasceu em 30 de abril de 1937, contava, portanto, com 31 anos, e sempre foi de temperamento impulsivo. Era o mais moço dos irmãos. Nesta ocasião, restavam seus irmãos OSVALDO CHATO e ANTONIO, que estava exilado no Chile; COCO tinha morrido na primeira guerrilha, de CHE GUEVARA. Órfãos de pais, desde pequenos, passaram duras privações, sendo como a maioria dos bolivianos, pobres. Adolescentes ainda, inscreveram-se na Juventude Comunista Boliviana. INTI aderiu imediatamente à luta de CHE GUEVARA, após a chegada deste à Bolívia. Em seu *Diário*, analisando este PEREDO, GUEVARA afirma, a certa altura *"Não há dúvida de que ele é fisicamente fraco para a luta. Reconheço, entretanto, que se trata de um revolucionário integral"*. Era um brilhante orador, sempre o primeiro a falar aos camponeses. A 8 de outubro de 1967, quando os rangers bolivianos cercaram o último reduto de CHE GUEVARA, na Quebrada de Yuro INTI participou da luta até quase o fim. Percebendo, entretanto, que a batalha estava perdida, abandonou o local em companhia de 9 outros guerrilheiros. E, posteriormente, para escapar à vigilância militar, o grupo dividiu-se em dois, e INTI encontrava-se no segundo. Após seis dias, conseguiu romper o cerco, mantido em torno de Vallegrande, numa ação que os próprios militares classificaram de *"verdadeira odisséia"*. INTI não deixou vestígios. Em novembro, seu grupo voltou a chocar-se com o exército, ocasião em que foi morto o guerrilheiro ÑATO. Reduzidos a cinco, empreenderam longas jornadas, até atingir a região altiplana do país, entre La Paz e Oruro. Acompanhou os três cubanos, POMBO, BENIGNO e URBANO até a fronteira do Chile, mas INTI decidiu voltar para reiniciar a luta guerrilheira, como novo líder do Exército de Libertação Nacional. Uniu-se a DARÍO e, disfarçados de camponeses, entraram em La Paz. Sua morte foi anunciada e desmentida inúmeras vezes pelo governo boliviano. Mas desta vez, sua morte inesperada, era verdadeira, e encerrava o segundo e o mais curto capítulo da história da luta guerrilheira da Bolívia, mas não terminava, de maneira alguma, o movimento em seu todo. Este fato não significava o extermínio dos rebeldes bolivianos.

O cadáver de INTI foi entregue pelo governo a seus parentes, em breve cerimônia religiosa, não anunciada, para evitar-se manifestações, realizada num cemitério

de La Paz. O ministro do Interior, coronel Eufronio Padilla, entregou pessoalmente o corpo ao senador Guilhermio Leigue, primo-irmão do líder guerrilheiro, afirmando *"somos cristãos e agimos como tais"*. Mesmo assim, os parentes de PEREDO, Oscar Arani Peredo e o senador já citado, foram algemados, na viagem, e esta atitude foi tomada porque as autoridades temiam que o aparelho fosse desviado de sua rota para outro país. Em avião militar, teve como destino a cidade de Trinidad, departamento de Beni, sua terra natal, onde foi sepultado.

Uma bandeira a meio pau apareceu hasteada no edifício principal da Universidade de San Simon, em Cochabamba, como homenagem póstuma ao líder guerrilheiro. O mesmo ocorreu também na Universidade de San Andrés e em outros estabelecimentos estudantis. A Confederação Universitária Boliviana, decretou luto oficial pela morte de INTI, e realizou manifestação pública para honrar sua memória.

O ambiente, na Bolívia, era um pouco diferente do que o da época da morte de CHE GUEVARA. O presidente Luis Adolfo Siles Salinas, neste tempo, sugeriu que a ajuda norte-americana deveria incluir, além da remessa de armas, fundos destinados a projetos civis. Sobre a morte de INTI manifestou o presidente seu temor *"de que a guerra de guerrilhas continue afligindo o Continente, enquanto não forem superadas as condições de atraso e subdesenvolvimento. Nossos povos estão desesperados e se trata de uma impaciência legítima pelo progresso. Isto pode provocar explosões de cólera, já que nossos povos julgam que não há saída para a situação. Nossas juventudes são as vozes dessa cólera e daí a causa da desesperança e da rebeldia. Enquanto não forem abertos novos horizontes, tais perspectivas permanecerão e temo que cada vez, com maior violência.* PEREDO *morreu de acordo com a sua lei, mas não foi um rebelde sem causa. Sua causa foi o mal-estar, a inquietação e a miséria que reinam em toda a América Latina, povoada por 240 milhões de desesperados."* Outro político, o líder do PDC boliviano disse, por sua vez: *"É errado pensar que o problema guerrilheiro diz respeito a pessoas. Trata-se, isto sim, de ideologias emergentes das condições infra-humanas e da exploração e alienação de nossas riquezas"*.

Em entrevista publicada no jornal cubano *Granma* ANTONIO PEREDO LEIGUE, irmão mais velho de INTI diz que: *"A morte de meu irmão não significa a liqüidação da luta armada na Bolívia. A liderança da luta estava nas mãos de* INTI *por uma circunstância do destino, mas existe e existirão sempre muitos líderes dispostos a libertar sua pátria e a lutar sem descanso, tal como ele fez"*.

A Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAL), sediada em Havana, publicou um comunicado: *"A dor que nos causa a morte do comandante* INTI *será transformada em energia: decisão e luta para que, junto ao povo irmão da Bolívia todos os revolucionários latino-americanos contribuam para impulsionar a revolução no Continente."*

Em fins de setembro, uma orgaização intitulada Milícias Nacionais Antiimperialistas divulgou comunicado, afirmando que *"assumiu a honra de prosseguir a luta iniciada em Nancachuazu por* CHE GUEVARA *para libertar os povos latino-americanos do domínio imperialista"*. Afirmava mais que *"o governo terá uma trégua de seis meses, para alterar radicalmente sua política, sob a pena das milícias empunharem armas para expulsar do território boliviano os imperialistas e seus colaboradores. Uma vez reiniciada a luta, serão executadas as punições contra todos os traidores da causa e os delatores que provocaram as duas derrotas temporárias (as mortes de* CHE GUEVARA *e de* INTI PEREDO)." Esta organização reivindicava, entre outras coisas, liberdade, a devolução das propriedades dos sindicatos, a nacionalização das empresas norte-americanas, a supressão dos serviços secretos e a expulsão de todas as missões militares estrangeiras que estivesse no país.

Por outro lado, o Batalhão MOISES GUEVARA, do ELN, envia, clandestinamente, uma mensagem à Radio Altiplano, afirmando que "INTI PEREDO *foi assassinado, de acordo com um plano conjunto, elaborado pela* CIA, *pelo Ministério do Governo da Bolívia e por outras organizações pró-imperialista."*

Em 1970, no mês de fevereiro, anuncia-se que o Exército de Libertação Nacional, que opera na Bolívia, e que continua em plena ação, tem novo comandante OSVALDO "CHATO" PEREDO, irmão dos outros dois PEREDOS. CHATO nasceu em 1941 e formou-se em Medicina na Universidade Patrice Lumumba, de Moscou, mas a sua grande paixão, vocação e destino, como a de seus irmãos, é a guerrilha. O ELN publicou um comunicado que afirmava: *"Reiteramos a decisão de jamais renunciar às nossas bandeiras, que são as do povo. Nosso Exército é pequeno, mas tem a mística e o exemplo de CHE e dos demais que caíram. Conta ainda com a decisão e disciplina que lhe foram impostas por INTI. Por isto somos imortais. Vitória ou Morte. Voltaremos às montanhas"*.

Com isto ficou desmentido a afirmação do governo de Ovando Candia, de que as guerrilhas tinham sido desmanteladas.

Em julho, novo surto guerrilheiro atua com desenvoltura na Bolívia. Teoponte, uma cidade mineira, a 350 quilômetros ao norte de La Paz, é cenário da nova guerrilha. Além de CHATO, outros chefes se destacam, como o cantor boliviano BENJO CRUZ, intérprete de canções folclóricas, e ADOLFO QUIROGA BONADONA, cognominado RUDOLFO, presidente da Confederação Universitária Boliviana. Outros líderes universitários estão integrados. As ações deste novo grupo têm grande repercussão. Outros jovens estrangeiros também participam, e entre estes o brasileiro LUIS RENATO PIRES DE ALMEIDA, codinome EUGÊNIO.

Um general do exército que, pela segunda vez tentara, frustradamente, aderir à guerrilha e provocar uma rebelião, é detido pelo governo. Trata-se de HUMBERTO VASQUEZ SEMPERTEGUI. As tropas do exército, as mesmas tropas especializadas e treinadas pela CIA dão combate aos revolucionários. Um padre católico boliviano, que tinha servido de mediador para a libertação de presos políticos, diante de seqüestros praticados pelos guerrilheiros, declarou que: *"Muitos dos guerrilheiros são estudantes universitários, idealistas, mas sem treinamento, que desejam libertar a América Latina. Eles podem ser aniquilados, porque o exército tem fome de carne de guerrilueiros. Porém, isto alimentará as sementes da mudança na Bolívia. Fisicamente, estes homens serão destruídos e tenho certeza de que o governo que os destruir terá muitos problemas, porque o país não vai aceitar essa destruição. A atitude do povo mudou"*. Afirmou ainda que *"entre os guerrilheiros existem muitos líderes estudantis de La Paz, de boa família, e que este fator 'alterou' a mente de muitas pessoas, e que não pode convencer as autoridades de que seria um erro aniquilar os guerrilheiros."* E assim é que, em fins de agosto, são mortos, em combate, nas selvas tropicais bolivianas, a 300 quilômetros de La Paz, nove guerrilheiros, sendo apenas identificado o argentino RICARDO OSCAR PUENTE, e os estudantes universitários bolivianos, ADOLFO QUIROGA BONADONA (secretário executivo da Federação Universitária), JUAN JOSÉ SAAVEDRA (que se casara em maio, e era membro do Comitê Revolucionário da Universidade de La Paz, ADOLFO HUICI e JOSÉ MARIA GERALDO ANTONIO FIGUEIROA GUZMAN, que possui uma cédula de identidade chilena, mas era boliviano e exercia funções executivas na Federação Universitária de Sucre.

Em setembro, este grupo de guerrilheiros estava perto de outro desastre. Em novo combate, morreu o guerrilheiro TIRSO MONTIEL MARTINEZ "PABLO", natural do Chile e ex-tenente do Corpo de Carabineiros daquele país. Militara em organizações do Partido Socialista do Chile e pertencia à brigada internacional, integrada

por cerca de 15 guerrilheiros. Mas ocorrem também mortes de soldados do exército e, entretanto, a superioridade numérica deste, e a região escolhida pelos guerrilheiros, são dois elementos considerados para vaticinar uma derrota dos rebeldes. E o fator básico das guerrilhas, para o êxito, era o apoio dos camponeses – que continuava não existindo na Bolívia.

Em 23 de outubro são presos, após árdua batalha CHATO PEREDO e o ex-vice-presidente da Confederação Universitária Boliviana, MÁRIO SOARES MORENO, e no início do mês haviam sido mortos quatro guerrilheiros, sendo dois identificados como LUIZ RENATO PIRES DE ALMEIDA, brasileiro e ARTURO CALLE HURTADO, peruano, cujos nomes de guerra eram EUGÊNIO e RAUL, respectivamente. Esta batalha ocorreu nas regiões de Massapar e Haicura, a 300 quilômetros de La Paz, e a prisão, já ventilada em Tipuani, a 50 km de Teopante, onde os guerrilheiros haviam iniciado as ações em junho. Comandava o exército, o general Luis Roque Teran, um velho inimigo das guerrilhas. Estava se repetindo, com bastante semelhança, o que tinha ocorrido há três anos atrás.

Para todos os movimentos guerrilheiros é dado grande destaque. Inclusive os jornais bolivianos publicavam os comunicados dos guerrilheiros e todas as ocorrências.

O presidente Torres ordena, pessoalmente, a libertação de CHATO, que segue para o Chile, com mais sete companheiros, e publica, em janeiro de 1971, um diário, que é a mais dura autocrítica já surgida no meio guerrilheiro. Acusa os guerrilheiros latino-americanos de "*inconsistência ideológica*" e cita como causas das derrotas (quase as mesmas da outra vez) "*as deserções, falta de preparo militar, ausência de ajuda dos centros urbanos, meio-ambiente hostil e indiferença dos camponeses pela sorte dos guerrilheiros. Um isolamento total, portanto, é doloroso saber da morte de pessoas que poderiam ter usado sua energia de outra maneira*", disse PEREDO, amargurado.

Em 1971, o balanço das mortes vai a 36 guerrilheiros, um terço dos quais oriundos de outros países da América Latina.

Nem por isto as guerrilhas acabam, e em setembro, também de 1971, unem-se duas guerrilhas: o já velho ELN, e uma nova, a União dos Camponeses Pobres (UCAPO) ligada ao Partido Comunista Maoísta e tem os seus melhores elementos no leste da Bolívia. (11) E nesta região morrem, neste mês, em combate, mais oito guerrilheiros. No mês seguintes são mortos os chilenos HECTOR ELEZ e WALTER LUEZEN e os brasileiros GOTALDO FERREIRA, LUCIANO PRETA, EUDÍCIO PINHEIRO VAQUEL e FRANCISCO DAS CHAGAS FILHO.

Depois da queda de Torres, o governo quer acabar de uma vez por todas com as guerrilhas. São descobertos vários arsenais, destinados à guerrilha urbana, e presas muitas pessoas ligadas a ela. Um padre espanhol, naturalizado boliviano, LUIZ ALEGRE é detido por suas atividades como membro efetivo do ELN.

Em 1972, o regime fascista e pró-americano de Hugo Banzer, que já havia entrado de rijo, nas guerrilhas, para o seu extermínio, prende LOYLA GUZMAN, e outras guerrilhas do setor urbano e quer que elas denunciem o paradeiro de CHATO PEREDO, o que não acontece. (12) Este estava asilado no Chile, e volta à Bolívia para reorganizar o movimento guerrilheiro. Mais de cem pessoas são detidas em março, para se capturar guerrilheiros. As fontes oficiais dizem que mais de oitenta por cento das bases do ELN já haviam sido destruídas. Mas, em entrevista publicada

(11) Oscar Zamora foi expulso da Bolívia, ao ser preso nesta ocasião, tendo regressado em 1978, em decorrência de anistia concedida.

(12) Esta tinha sido a segunda vez que foi presa a ativista LOYOLA GUZMAM LARA, que resolve então abandonar em definitivo suas ligações com as guerrilhas.

pela revista esquerdista mexicana *Parque*, CHATO PEREDO propõe a formação de uma frente ampla de grupos políticos bolivianos e a organização de ações vigorosas, destinadas a depor o governo de Hugo Banzer, declarando que "*é necessário unir todos aqueles que se opõem ao atual regime boliviano*" e, com base nisso, conclamava todos os partidos – comunistas, católicos, liberais e socialistas – a integrarem uma única frente política, sugerindo que as organizações de esquerda promovam, em todo o território boliviano, ações armadas contra as Forças Armadas, justificando que "*só por meio das armas será possível derrotar o governo militar de Banzer*". Reconheceu sua derrota em 1970, em Teoponte, e admitiu que o movimento de esquerda boliviano também foi derrotado em 1971, ao ser deposto o presidente Juan José Torres, rematando que era era hora para reagir. E realmente houve uma tentativa de levante de todas as forças esquerdistas, mas sufocada logo no seu início.

CHATO PEREDO passa a ser perseguido pelas forças da reação, em todo o território boliviano.

Quando tentavam fugir da prisão, os guerrilheiros do ELN morrem em tiroteio: ENRIQUE ORTEGA HINOJOSA – "VITOR GUERRA", RAINES IPSEN CARDENAS – "PEDRO" e JORGE HILGUERRA SUAREZ "MANUEL". ORTEGA HINOJOSA, em 1970, tinha sido protagonista de um espetacular episódio, quando junto de sua companheira resistiu à polícia, e no momento de ser preso matou sua companheira de luta, para evitar que ela divulgasse os segredos da organização.

A guerrilha entra em recesso na Bolívia, até em junho de 1975, quando as autoridades bolivianas divulgam que um movimento guerrilheiro, considerado extinto, recomeça suas atividades, agindo entre os camponeses da região leste do país. Trata-se da União dos Camponeses Pobres (UCAPO), que trabalha juntamente com uma organização camponesa, denominada Tupac Katari. (13) Os guerrilheiros, na região dos altiplanos bolivianos, estavam provocando grande agitação entre os camponeses, pois muitos deles eram favoráveis ao governo. A UCAPO tinha sido criada em 1970, pelo dirigente maoísta OSCAR ZAMORA, que participou de atos guerrilheiros e comandou pessoalmente algumas ocupações de fazendas, que foram devolvidas a seus proprietários, quando o regime de Banzer assumiu o poder, por golpe de estado. Naquela ocasião, muitos guerrilheiros desta organização morreram e pensava-se que a UCAPO deixara de agir.

A partir de 1976, a atuação do ELN, que jamais se extinguiu totalmente, torna-se urbana. E em fevereiro deste mesmo ano, são presos sete guerrilheiros em La Paz, depois de forte tiroteio, do qual saíram feridos dois. Entre os guerrilheiros estava LOYLA SANCHES, filha de RUBEM SANCHES, que foi comandante da Guarda Presidencial, durante o regime de Juan José Torres. (14) Em julho, é descoberta uma nova organização guerrilheira do ELN, e que são presos doze elementos pertencente sao Partido Revolucionário dos Trabalhadores da Bolívia e cujo braço armado era o ELN. Ações de guerrilhas urbanas vinham sendo realizadas e culminariam com ataques importantes nos dias 26 de julho e 2 de agosto – datas do aniversário do episódio do quartel de Moncada, em Cuba, e da malfadada reforma agrária boliviana. Esta nova rede de guerrilheiros tinha sedes em La Paz, Cochabamba e Oruro, todas com material explosivo, propaganda e armas. Entre os deti-

(13) Tupac-Katari, nome de um rebelde inca que há dois séculos tentou enfrentar o domínio colonial espanhol.

(14) O MAJOR RUBEM SANCHEZ VALDIVIA foi o único que liderou uma unidade militar, que enfrentou as tropas de Banzer, em 21 de agosto de 1971 e, por ironia do destino, em 1967 foi capturado pelo Exército de Libertação Nacional, e naquela ocasião, posteriormente, os guerrilheiros o soltaram. SANCHEZ é, atualmente membro do ELN, que se encontra em Cuba, ou na clandestinidade na Bolívia, em atividade.

dos estavam o equatoriano RODRIGO ANDRÉZ CORDEIRO JARRIN – "ALVARO" e a argentina JAZMINE ERAJEDA "MARIA" e ESTEVAM AQUINO APAZA, assessor do MAJOR SANCHEZ. Segundo o governo, o chefe era o argentino LUIS STAMPONI, que se encontrava foragido.

Em outubro de 1978 – mais de dois anos após o início do movimento guerrilheiro boliviano – ainda atuava um PEREDO renitente e idealista, o guerrilheiro OSVALDO "CHATO" LEIGUE PEREDO. O comandante CHATO PEREDO foi preso com mais dois companheiros JUAN ALEXANDER FERNANDEZ e CARLOS NUNEZ DO PRADO, em La Paz, quando faziam guerrilhas urbanas. Os demais fugiram, quando do choque com a polivia boliviana,

A rebelião do CHATO PEREDO é considerada uma rebelião de defesa da pátria contra a miséria e a injustiça. Por seu crime ser politico, ele foi anistiado, mais uma vez, em 1979, e continuou pregando os princípios do **Exército de Libertação Nacional.**

O 209º GOLPE PROVOU QUE CHE GUEVARA E OS IRMÃOS PEREDO TINHAM E TÊM RAZÃO

Interesses escusos e desgraçados dos militares e civis fascistas bolivianos empanaram o sucesso nas urnas, que consistiu em vitória das forças esquerdistas. Em 17 de julho de 1980, um mês antes da posse do presidente Hernan Siles Zuazo, os gorilas empreenderam o 209º golpe para manterem suas egoístas regalias de exploração dos bens públicos, de traficância de drogas e esmagamento dos direitos populares. A cocaína entrou primordialmente no golpe.

Desta vez, os direitistas repetiram o golpe de Pinochet, no Chile, melhorando-o no seu aspecto de brutalidade. Militares e forças paramilitares, assassinaram, fria e covardemente, indefesos líderes sindicais, sacerdotes, estudantes, mineiros e jornalistas. Nem correspondentes de jornais estrangeiros escaparam à prisão, maus tratos e expulsão do país. Neste expediente, não faltou a sanha contra o candidato do Partido Socialista Uno, Marcelo Quiroga Santa Cruz, morto de maneira cruel. (15) A presidente Lidia Gueiler Tejada foi agredida em pleno palácio e obrigada a renunciar. (16) As prisões deram-se de um modo diferente: em ambulâncias de institutos de saúde e previdência, e tal como em Santiago, no ano de 1973, um estádio de futebol serviu de cárcere. Civis fascistas uniram-se a seus comparsas militares, para a nova infâmia que colocou fim a um efêmero processo de redemocratização. A ação terrorista teve início com um grupo de extrema direita da **Falange Socialista Boliviana (FSB).**

(15) Marcelo Quiroga Santa Cruz, no início do ano setenta, como ministro da Energia, nacionalizou a Gulf Oil na Bolívia. Líder de grande valor popular, tinha obtido a quarta colocação nas eleições. Foi torturado e trucidado, quando da invasão da sede da COB, por marginais comuns, aliados a militares, entre os quais um tal de Mosca Monroe, um dos personagens execráveis do golpe, e que antes havia sido libertado da cadeia, onde estava cumprindo pena por assassinato.

(16) Lidia Gueiler Tejada, após o golpe, exilou-se na Nunciatura Apostólica de La Paz. Mesmo nesta condição foi ameaçada de processos e julgamentos sumários. Somente em 5 de outubro de 1980, viajou para Paris, onde se encontra, residindo com sua filha. O salvo-conduto, que antes queriam dar-lhe e tinha segundas intenções era com destino à Argentina, que não foi aceito. Na capital francesa, denunciou que:

"*Muito pior que o movimento que a derrubou, foi a brutalidade usada pelos militares contra a oposição. Durante o tempo em que permaneci na Nunciatura, soube de verdadeiras atrocidades cometidas pelo governo militar contra o povo. Somente um intenso trabalho dentro da própria Bolívia, de unificação das forças de oposição possibilitará a derrubada do regime militar do general Garcia Meza.*"

Lidia Gueiler e outros exilados não devem viver muito tranqüilos, pois perdura a ameaça de se repetir o extermínio violento, tal como ocorreu com o ex-presidente Juan José Torres.

A Argentina, maquiavelicamente, ensinou e apoiou este golpe, que redundou nas mais selvagens violações dos direitos humanos.

O chefe inconteste, porém, desta nova falcatrua e novo ditador da Bolívia, é o general Luiz Garcia Meza Tejada, por ironia, primo da então presidente, tendo se imposto à mesma como pessoa de confiança, para ajudar manter as instituições democráticas.

O sangue correu na pátria boliviana para que as Forças Armadas satisfizessem este novo capricho institucional. Estava recriada mais uma vez a Bolívia para ser uma nação narcotizada e incapaz de manter a sua identidade e de caminhar para algo de fecundo e duradouro.

Os centros de minerações do interior do país transformaram-se em campos de concentração. Cerca de quatro mil pessoas foram presas. Quase duas mil assassinadas. Há mais de mil desaparecidas. Tudo isto foi o saldo dos primeiros meses na Bolívia, deixado pelos fascistas.

O jornal norte-americano *Washington Post* afirmou que a principal motivação do golpe na Bolívia foi o medo dos generais de perderam o controle do tráfico de drogas, que gera exportações anuais de um bilhão de dólares, sendo que dois ministros do novo governo, Coronéis Luiz Arce Gomez, do Interior e Ariel Coca, da Educação, estão ligados há muito tempo ao tráfico da cocaína. Este influente matutino informou ainda que "*Todas as ligações são do conhecimento geral e que o general Garcia Meza recebeu milhões de dólares de José Abrahan Baptista, importante e conhecido traficante de drogas*", concluindo que "*alguns golpes militares são condenáveis. O da Bolívia é vil.*" (17)

O Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, aprovou resolução, por grande maioria, contra o golpe, condenando as violações dos direitos humanos praticados. (18) Muitos países se negaram, no mundo inteiro, terminantemente, a reconhecer o novo governo.

As pressões externas contra a Bolívia foram grandes. Os Estados Unidos fizeram uma série de represálias, suspendendo todas as ajudas de qualquer caráter. O secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, lançou apelo para que a Bolívia cessasse as execuções sumárias no país.

A Organização Anistia Internacional divulgou relatório, em Londres, sobre violações dos direitos humanos na Bolívia, destacando a ocorrência de um massacre, verificado 18 dias após o golpe, quando tropas governamentais invadiram a cidade mineira de Caracoles (265 km de La Paz), matando, torturando, seqüestrando e violentando pelo menos 900 pessoas. Para esta chacina, foram utilizados aviões, artilharia e tanques. Os habitantes de Caracoles, assim como de outras cidades mineiras, haviam se manifestado desde o início o seu descontentamento contra o golpe e estavam tentando organizar a resistência.

A Bolívia, nas novas circunstâncias, entrava assim na era da repressão denominada "*científica*" pelos especialistas da região.

Em três anos Hernan Siles Suazo foi impedido de tomar posse três vezes nas eleições presidenciais em que saiu vitorioso.

Após o golpe do general Meza, Suazo tentou articular uma resistência civil, formando um governo paralelo. Com o peso de sua idade – 68 anos – não pôde re-

(17) Os jornais britânicos *Financial Times* e *The Economist*, por seus correspondentes, que foram presos e maltratados, confirmaram as ligações de membros da nova ditadura boliviana com os traficantes de cocaína.

(18) Nesta reunião, votaram contra, apenas, Chile e Paraguai; se abstiveram Brasil, Argentina, Guatemala e Uruguai; e estiveram ausentes República Dominicana, Santa Lúcia, Suriname e Trinidad-Tobago.

petir outra revolução. Perseguido e passando a ser o homem mais procurado pelas forças de segurança, foi obrigado a sair do país, e em setembro do mesmo ano entrou no Peru, e sua intenção é organizar um governo no exílio, para combater o ditador. (19)

Em outubro, Meza anunciou medidas drásticas com a feitura de nova lei de segurança, prevendo pena de morte, e seu ministro do Interior, Arce, declarou que "*meu pulso não tremerá quando tiver que levar alguém ao 'paredon'*". (20) O ex-nazista Klaus Altman, conhecido como Klaus Barbie, o carniceiro de Lyon, antigo chefe da Gestapo na França, durante a Segunda Guerra Mundial que vive na Bolívia há muitos anos, agora mais tranqüilamente, passou a ser importante conselheiro militar do general Meza, que não quer apoio de partidos políticos. (21)

Foi decretado um "*pacote*" de medidas aumentando o preço dos principais gêneros alimentícios, gasolina e outros combustíveis, energia elétrica e tarifas de transportes.

As universidades bolivianas foram sumariamente fechadas, sendo maltratados seus professores e alunos. Para fugir às perseguições, mais de dez mil pessoas já deixaram o país.

Teria estabilidade um governo desta natureza na Bolívia? (22)

Ali os votos não valem grande coisa.

Voltando-se à campanha armada de libertação de CHE GUEVARA e de todas as lutas dos irmãos PEREDO, constata-se que estas eram as únicas alternativas para se tirar este país da miséria, do fascismo e episódios trágicos de golpes contra o povo.

À Bolívia não restam senão as guerrilhas, a guerra popular, se quiser seguir um melhor destino na história da América Latina.

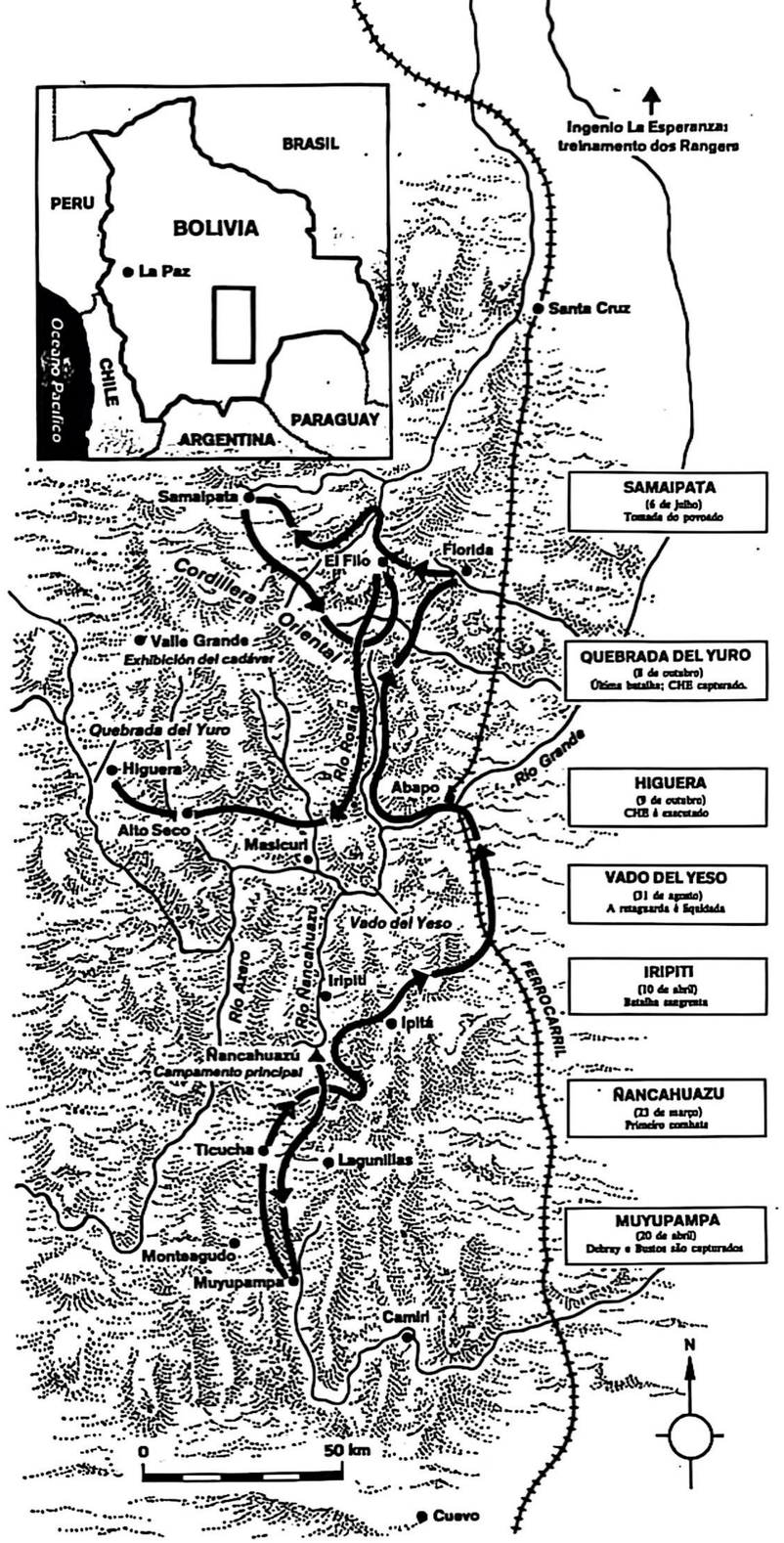
CHE GUEVARA, "COCO" PEREDO, "INTI" PEREDO e tantos outros denodados combatentes que tombaram, tinham razão. "CHATO" PEREDO, ANTONIO PEREDO e muitos e muitos patriotas têm ainda razão. As bandeiras desfraldadas a partir de 1967, estão tremulando novamente na Bolívia, e enquanto existir um PEREDO neste país, haverá uma perspectiva de guerrilha.

(19) Hernan Siles Suazo, um esquerdista sincero e velho revolucionário, tinha o apoio de seu partido, ligado à Internacional Socialista, e da coalizão denominada União Democrática e Popular, que contava com o Partido Comunista, o Movimento de Esquerda Revolucionário e outras diversas agremiações de vanguarda. Não teve maioria absoluta nas eleições porque houveram inúmeras fraudes. A linha política de sua coligação estabeleceria a ação antiimperialista, revitalização da revolução nacional e reuniria partidos e movimentos representativos da classe operária (a COB teria uma espécie de co-governo), dos camponeses, da classe média e de setores da burguesia nacional, identificados com a libertação do povo boliviano.

(20) Tentando, mas não conseguindo, romper o cerco internacional e melhorar a imagem do governo, em fevereiro de 1981, foram afastados do Ministério os coronéis corruptos Ariel Coca e Luiz Arce Gomez, sendo que este último tinha adquirido tanta força, que se constituía num poder paralelo ao Estado. Mas, a repressão não terminou, pois surgiram outros torturadores, perseguidores e fuziladores.

(21) Depois da guerra, este carrasco nazista fugiu para a Bolívia, adotando outra identidade. Quando localizado, em 1973, foi pedida pela França às autoridades bolivianas a sua extradição, pois tinha sido condenado à revelia, pela acusação de ter assassinado o *partisan* Jean Moulin, herói da Resistência. O Peru também pediu a sua extradição, por ter promovido o desvio de divisas do país e roubado peças arqueológicas. Isto tudo não surtiu efeito, e a Suprema Corte da Bolívia julgou os pedidos improcedentes, e por muito pouco tempo esteve preso. Em 1974, e durante alguns anos depois, viveu no Paraguai; hoje está outra vez na Bolívia, e é representante de firmas européias, que vendem armamentos ao governo de La Paz.

(22) A atual ditadura boliviana apodrece e se decompõe sozinha, o próprio Garcia Meza, após sofrer diversas tentativas de golpes, de seus colegas de farda, foi obrigado, por estes, a anunciar que iria abandonar o poder.



Após a delação dos desertores e os primeiros combates, o *"núcleo logístico"* de Ñancahuazu foi descoberto e CHE GUEVARA teve que abandoná-lo.

Os traços que descrevem as rotas das guerrilhas mostram as suas dificuldades.

"Depois de sairmos de Ñancahuazu, tudo correu mal", reconheceu POMBO em seu *Diário de Campanha*. A partir deste momento, dia a dia, caíram os guerrilheiros e as forças em luta contra as selvas e os soldados.

(Revista *Life en Español*, 20 de novembro de 1967.)

Capítulo 14

BRASIL – DETENTOR DE PRÊMIO INTERNACIONAL DA PAZ PREGOU COMO ÚNICA SOLUÇÃO A GUERRILHA

POLÍTICA

Em 1964, o presidente João Goulart, de tendência centro-esquerda, estava tentando implantar uma série de reformas nas estruturas fundiárias, tributária, social e econômica do país. (1)

Inspirava-se nos ideais de Getúlio Vargas, uma corrente de cunho nacionalista, de defesa dos interesses do Brasil e de melhorias à classe trabalhadora. (2)

Vargas foi presidente de 1930 a 1945, e quando voltou ao governo, em 1950, afirmava:

"O Brasil ainda não conquistou sua independência econômica, e nesse sentido farei tudo para consegui-lo. Por isto mesmo, serei combatido sem tréguas. Eles, os grupos internacionais, não me atacarão de frente, porque não se arriscam a ferir os

(1) João Belchior Marques Goulart, político de índole humanista. Rico criador de gado no Estado do Rio Grande do Sul. Tinha sido Ministro do Trabalho, no último governo do presidente Vargas, em 1953, mas saiu por pressões de alguns militares e políticos direitistas. Foi também uma reação à revisão do salário mínimo que dobrou. Vice-presidente da República de 1956 a 1960, na presidência de Juscelino Kubitschek de Oliveira, e reeleito para a mesma função em 1961, assumiu a presidência com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em setembro do mesmo ano, após regressar de viagem à República Popular da China, e apesar de vetos dos ministros militares; mas teve a seu favor um amplo movimento de defesa da legalidade. Até janeiro de 1963, esteve em vigor no Brasil, um êmulo de regime parlamentarista, substituído pelo presidencialismo, em plebiscito. Goulart foi destituído pela "Revolução de 64", faleceu no exílio, na Argentina – após ter estado alguns anos no Uruguai, em uma sua fazenda, na província de Corrientes – em dezembro de 1976, sendo sepultado em São Borja, no seu Estado natal.

(2) Getúlio Dorneles Vargas chefiou com a **Aliança Liberal** a célebre revolução de 1930, para terminar com a República Velha. Em 1934, foi eleito pelo Congresso, tendo, em 1937, implantado o controvertido Estado Novo, e permaneceu no poder até 1945, quando foi deposto. No pleito de 1950, é sufragado por grande maioria de votos, voltando à presidência, tendo-se suicidado antes de completar o mandato.

sentimentos de honra e civismo de nosso povo. Usarão outra tática, mais eficaz. Unir-se-ão aos descontentes daqui de dentro, os eternos inimigos do povo humilde, os que não desejam a valorização do homem assalariado, nem as leis trabalhistas, menos ainda a legislação sobre os lucros extraordinários. Subvencionarão brasileiros inescrupulosos, seduzirão ingênuos e inocentes. E em nome de um falso idealismo e de uma falsa moralização, dizendo atacar sórdido ambiente corrupto, que eles mesmos, de longa data, vêm criando, procurarão, atingindo minha pessoa e meu Governo, evitar a Libertação Nacional e prejudicar a organização de nosso povo".

Antes de seu heróico suicídio, em 24 de agosto de 1954, Vargas deixou a sua **Carta Testamento:**

"Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam, não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao Governo nos braços do Povo. À campanha subterrânea dos grupos internacionais, aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A Lei de Lucros Extraordinários foi detida no Congresso. Contra a Justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas, através da Petrobrás, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

"Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária, que destruía os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam 500 por cento ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos, existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

"Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o Povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o Povo Brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando nos vilipendiarem, sentireis, no meu pensamento, a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama mortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio, respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram, respondo com minha vitória. Era escravo do Povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas este povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.

"Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do Povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu

ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história".

Muitas das palavras de Vargas são atuais e ainda parecem ecoar por este Brasil afora.

Com o hiato do governo de Café Filho, de pequena duração, o Brasil teve, de 1956 a 1961, um nítido sistema populista, com feitura de algumas reformas sociais. (3)

O Brasil viveu, da Assembléia Nacional Constituinte, de 1946 para frente, uma democracia representativa, com acenos e pequenas concessões aos trusts, com predominância dos latifúndios, sem melhores e mais *largos* horizontes a toda a coletividade, com proibição de votos aos trabalhadores analfabetos e a outras classes, considerado ilegal o Partido Comunista, inelegíveis os seus adeptos, ainda que pudessem votar e se manifestar sob reservas. (4) Tal democracia pela sua própria estrutura, era racionada e constituía, além do mais, um empecilho às chamadas reformas de base, e esse tipo de democracia tinha um vício de origem, não foi feita pelo povo e sim pelas elites dominantes. Os grandes grupos trabalhadores cresceram, praticamente marginalizados, sem integralizarem todos os seus direitos pelo papel e desempenho na produção. As ressalvas do trabalhismo, do nacionalismo e do populismo tiveram uma coloração nunca bem definidas.

E é por isto que, quando se buscou – 1961-1964 – outras soluções e com ameaças ao poderio econômico, teve-se o 31 de março.

E a existência do Partido Trabalhista Brasileiro, fundado por Vargas, impediu também neste período – 1946-1964 – a formação de fortes agremiações de tendências esquerdistas. O PTB era um partido fraco, com muitos políticos, sem o fundo ideológico necessário, e líderes sindicais pouco reivindicantes.

De setembro de 1961 a março de 1964, uma parte do Partido Social Democrático (de centro), o Partido Trabalhista Brasileiro, o Partido Socialista Brasileiro e outras pequenas agremiações, e até o Partido Comunista Brasileiro, na época ilegal, dividido em diversas correntes ideológicas e de pouca representatividade, apoiavam o presidente Goulart, e sua política nova que queria inclusive leis de remessas de lucros, para anteparo do capital estrangeiro e não se submeter às normas draconianas do Fundo Monetário Internacional. Estava lançado também um bem feito Plano Trienal.

Muitas entidades de classes e diversas organizações, tais como Ação Popular, Movimento Católico Estudantil, União Nacional dos Estudantes (UNE), Comando

(3) João Café Filho, era do nordeste, filiado ao pequeno Partido Social Progressista – do político do Estado de São Paulo, Ademar de Barros – e na condição de vice, assumiu a presidência (1954-1955) identificando-se logo com os oposicionistas da União Democrática Nacional, constituindo um ministério de conservadores e anti-getulistas ferrenhos.

(4) O PCB teve vida legal curta no Brasil. Foi de 1945 a 1947, quando teve seu registro cancelado pelo Supremo Tribunal Federal, apesar de votos contra dos mais cultos Juízes na ocasião. Antes, seus representantes no Congresso foram cassados pela própria corporação, à qual tinham sido eleitos livremente pelo povo. Naquela época, além dos 15 deputados federais na legenda do PCB, Luiz Carlos Prestes tinha vencido as eleições para Senador, pelo antigo Distrito Federal. Mais dois deputados: Pedro Pomar e Diógenes de Arruda Câmara, também comunistas, se elegeram pela legenda do Partido Social Progressista, não tendo sido molestados. O PCB tinha quase 200 mil militantes inscritos em seus quadros. Nas eleições estaduais de 1946, tinha elegido 23 deputados à Assembléia Paulista e 18 vereadores, em 50, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ademar de Barros, um político trampolineiro, foi eleito governador do Estado de S. Paulo, do qual já tinha sido interventor, graças ao apoio que lhe emprestara o PCB, o qual, depois, perseguiu violentamente.

Geral dos Trabalhadores (CGT), Pacto de Unidade e Ação (PUA), respaldavam o governo, mas inexperientemente.

Uma boa parte do PCB rejeitou qualquer Frente Única, e passou a pregar a organização revolucionária dos camponeses. (5)

Mas não custou nada às forças reacionárias se anteporem a todas as tentativas populares. A Igreja, na época, alinhada, na sua maioria às mesmas forças reacionárias, promoveu as Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Os capitalistas nacionais, os mais retrógrados, aliaram-se aos seus colegas das multinacionais e aos políticos direitistas, os falsos liberais de um antigo partido político que se chamava União Democrática Nacional, sedentos do poder, que nunca haviam conquistado pelas urnas, com até os grandes juristas do dia, tal como Heráclito Sobral Pinto (que ainda hoje se diz pregoeiro da legalidade), e a denominada grande imprensa, investiram contra a ordem constitucional e num movimento que ficou conhecido como revolução de 31 de março, ou golpe de estado de 31 de março, desestabilizaram o governo de Goulart. Para este fato, que iria trazer péssimas conseqüências ao país, a CIA, que agia em consonância com as correntes oposicionistas, teve uma preponderante atuação. A operação Brother Sam, patrocinada pelos norte-americanos, estava pronta a atuar, pois estava bem montada.

Os udenistas e seus companheiros queriam matar Vargas pela segunda vez, e nesta feita, o seu espírito. Os fascistas pretendiam liqüidar os democratas, os nacionalistas, os trabalhistas e os esquerdistas.

Estava então terminado um ciclo ou um período da história brasileira.

Para não fugir à regra, na América Latina, mormente nesta época, as forças armadas assumiram o poder. (6) Os esquerdistas não *tugiram* e nem *mugiram*. E se houvesse alguma reação, teria se repetido o triste episódio de 1965, da invasão da República Dominicana, pelos marines norte-americanos. Era a moda que vigorava.

Passou-se à caça às bruxas, numa versão cabocla do macartismo. Muitos e muitos lares brasileiros foram invadidos pelas forças repressoras, para ser encontrado um idealista ou um patriota e colocá-lo nos cárceres. Eram os tristes Inquéritos Policiais Militares e as Comissões Gerais de Inquéritos, sendo oficializados até o dedodurismo e os alcagüetes.

Criou-se uma nova ordem. Os civis fascistas nacionais antigos e novos integralistas, por uma dessas coisas curiosas, assumiram nos governos que se sucederam os altos postos de Ministro da Justiça: Gama e Silva, Alfredo Buzaid e Armando Falcão, os dois primeiros professores de Direito e o último cartorário. Outros também deste naipe foram encastelados no poder. A *indústria do anticomunismo* viveu um de seus períodos mais prósperos.

No índex político, mais de 20 mil nomes foram colocados como inimigos da pátria, entre políticos, quer fossem esquerdistas, moderados, nacionalistas ou democratas; estudantes, empresários, operários, sindicalistas, militares, etc.

Eram estas 20 mil pessoas defensoras de uma sociedade mais justa, de combatentes do capital estrangeiro sugador.

(5) Constitui-se no Partido Comunista do Brasil (P.C. do B.) com o peso de posição rigidamente dogmática, aglutinando as organizações de esquerda radical. Em 1970, este grupo passou a integrar um movimento guerrilheiro no baixo Araguaia, no Sul do Estado do Pará.

(6) O Congresso Nacional, que teve inúmeros de seus membros presos e cassados, atemorizado, escolheu, sob pressões, para presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (período de 15 de abril de 1964 a 14 de março de 1967). Seu último ato foi instituir uma odiosa Lei de Segurança Nacional, redigida pelo professor Luiz Antônio Gama e Silva, que também foi um dos autores do Ato Institucional nº V. Castelo Branco, após deixar o governo, veio a falecer, num desastre de avião, em 18 de julho de 1967, no Ceará, Estado onde havia nascido, em 20 de setembro de 1900.

O Brasil viveu um êmulo de noite de Idade Média um período obscurantista, com cassações, prisões, exílios, torturas, assassinatos, desaparecimentos, sufocação do movimento sindical, castração das instituições políticas e violação das leis mais elementares; tendo ficado marcante, negativamente, o Ato Institucional nº V. (7)

"Eu sabia que a tortura era difusa no Brasil, e que se tinha transformado em método de governo, para salvaguardar o poder existente e para desencorajar as possibilidades ou intenções de resistência e resgate do povo brasileiro." (8)

Porém, novas forças vivas da sociedade brasileira fizeram com que, já em fins de 1978, este período difícil fosse se superando, mas não totalmente. Os reclamos de redemocratização foram insuperáveis. Foi necessária a concessão de uma anistia, e é de se pasmar, quando, já estando em pleno final do Século Vinte e ainda, no Brasil, ter-se lidado e debatido com problemas políticos, ideológicos, filosóficos e cívicos, desta natureza.

Hoje, os tempos são outros. Surgiu um termo político novo: abertura. Esta não pode ser contida, e reclama colocações menos tortuosas e mais atualizadas. (9)

É de nossos dias a manifestação do Senador do Estado de Goiás, Henrique Santilo, sobre a Tarefa de Potencializar os Movimentos Populares Brasileiros:

"A selvageria repressiva, que caracterizou o esquema de dominação, implantado em 1964, entrou em exaustão, pelo avanço dos movimentos populares, internamente, e pela alteração da correlação de forças internacionais, externamente, e o regime autoritário procura novos métodos de ação. Após a rápida fase do 'milagre', a partir de 1973, o modelo econômico e a estratégia de crerscimento, com endividamento, entram em crise; uma grande parcela de segmentos sociais que, até então, apoiavam o Governo, passam para a oposição, desarticulando o pacto social que se estabeleceu nas origens do golpe de 1964, iniciando o processo de isolamento da ditadura. A crise instaura o conflito no seio da classe dominante, desarticulando o pacto social formado pela aliança dos setores mais retrógrados do campo, aos setores mais dinâmicos da indústria, já que, pela redução do acentuado aumento de acumulação de capital, os setores ligados ao mercado oligopolizado, dominados pelo capital estrangeiro, forçam a defesa de seus interesses. O avanço do capitalismo brasileiro, nos últimos anos, estruturando um mercado oligopolizado, qualitativamente igual a qualquer país desenvolvido, por sua força econômica, transfere para os setores menos dinâmicos – onde predominam as pequenas e médias empresas – os prejuízos da crise, dada a relação de desenvolvimento desigual que se estabelece com esses setores. Por outro lado, no entanto, abriram-se espaços para o avanço do movimento popular, pelo aguçamento do antagonismo da luta do capital e o trabalho, dado o prolongado processo de compressão salarial. Se, em 1974, a vitória eleitoral da oposição não repousou num movimento popular articulado, o mesmo não se deu em 1978, quando já se começou a perceber um amadurecimento das lutas dos trabalhadores e um nível organizativo mais sólido. As eleições de 1974 e 1978 exprimem momentos diferentes no processo de luta contra a ditadura. Neste intervalo, articula-se amplo movimento, materializado na luta pela anistia, na luta contra as leis de exceção, pelo desmantelamento do aparelho repressivo e pela revogação, na prática, da lei anti-greve. Este conjunto de lutas cimentou a adesão da sociedade civil, com a materialização de um avanço notável do movimento popular. Ainda assim, a ditadura não caiu. Mantém-se intacto todo o aparelho, sob novas aparências, conservando, essencialmente, o mesmo modelo econômico, e tentando novo ciclo de internacionalização de nossa economia. Hoje, vivemos nova fase na luta oposicionista, que se define, precisamente, pela necessidade de ampliar e aprofundar o processo democrático, como maneira privilegiada de assegurar e alcançar maior organicidade dos setores populares. Estabelece-se, aí, uma relação biunívoca, em que a ampliação do espaço democrático é fator de organização popular e esta é sinônimo de ampliação desse espaço e de aprofundamento de nossas lutas." (10)

Este jovem representante do povo quer criar uma nova mentalidade, na interpretação política brasileira. Isto porque uma grande parcela de políticos só se preocupa com banais questões eleitoreiras. O Brasil não deve ser a Ilha dos Pingüins, de que nos falava o imortal escritor francês Anatole France.

As velhas raposas da política, protagonistas de muitos episódios lamentáveis da vida pública nacional, não podem mais dar as cartas. O matreirismo, o comportamento golpista, a formação vocacionada do cupulismo de outros tempos, o mesmo temperamento governista, o eterno dizer amém aos mandantes, não podem servir de exemplo à militância política, porque tudo isso levou o país a crises, golpes e autoritarismo. As mentalidades do passado não proporão nenhuma solução para o futuro.

As forças políticas de oposição: esquerdistas ou centristas, não poderão entrar no jogo dos que estão no poder. Devem levantar e martelar grandes problemas nacionais, grandes questões sociais e econômicas que interessam à coletividade, diariamente, mensalmente, anualmente, e não tratar de bizantinismos.

E o governo vai pressionando para angariar adesões. Ao longo dos anos de autoritarismo, foi-se pulverizando a autonomia municipal e até dos próprios Estados, com a centralização inerente à sua filosofia de mando. Na distribuição das rendas nacionais, a União tem 60 por cento, o Estado 31 e o Município apenas 9.

(7) O segundo presidente do novo sistema foi o general Arthur da Costa e Silva, ministro do exército do governo anterior e que estava tentando elaborar uma nova constituição para restabelecer, em parte, o regime democrático. Pressionado para não fazê-lo, sofreu uma trombose e foi afastado do cargo, sendo declarado impedido o vice-Pedro Aleixo. Assumiu uma junta militar, composta dos ministros do exército, marinha e aeronáutica, respectivamente general Aurélio Tavares, almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald e brigadeiro Márcio de Souza Melo, que governaram de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969. Costa e Silva faleceu em 17 de dezembro deste mesmo ano. O novo sucessor foi o antigo chefe do Serviço Nacional de Informações, general Emílio Garrastazu Médice, seguindo-se o general Ernesto Geisel, em março de 1974, que após um ano e três meses de ter deixado o governo, em junho de 1980, foi ser presidente de uma companhia petroquímica, composta inclusive de capitais estrangeiros.

(8) *Fora do Campo*, Raniero La Valle – leigo italiano, líder católico. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980.

(9) Para um período de seis anos, em 15 de março de 1979, assumiu a presidência – o 38º do período republicano – o general João Baptista de Oliveira Figueiredo, ex-chefe do Serviço Nacional de Informações do governo Geisel.

(10) Este político (que agora é do PMDB) chegou a pertencer, inicialmente, ao Partido dos Trabalhadores. Outros partidos que se organizaram, dando lugar às antigas Arena e MDB são o Partido Democrático Social que sucedeu o primeiro, para suporte emanutenção do antigo statu quo anterior, e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, reunindo grande parte do segundo, que aglutinava as oposições, e tem uma forte facção interna de Tendência Popular, de cunho esquerdista. Os demais são: O Partido Popular, que reúne banqueiros, liberais e até alguns progressistas que visam remendos na ordem constituída; O Partido Democrático Trabalhista, que conta com muitos dos antigos varguistas, inclusive o ex-governador do Rio Grande do Sul, o violento e hoje calmo Leonel de Moura Brizola, e alguns esquerdistas, como Francisco Julião, o professor Darci Ribeiro, ex-ministro da Educação de Goulart. Esta agremiação não leva o nome de Partido Trabalhista Brasileiro, porque a sigla foi doada, pelo governo, a uma antiga política, Cândida Ivete Vargas Tasch. Não será permitida a legalização do Partido Comunista, que está dividido, fracionado e rachado em diversas alas.

Como exemplo das distorções tributárias é de se lembrar a França, onde 34 por cento dos impostos e taxas gerados ficam nos municípios, e na Itália, 39 por cento. O espírito de Federação, no Brasil, está abaldo, pois o que prevalece é a vocação crônica do Estado unitário, que avoca todas as decisões. E é por isto, nesta marcha, que dentro de poucos anos, a população de mais ou menos 25 por cento dos quase quatro mil municípios brasileiros irá ampliando a migração para os grandes centros urbanos, multiplicando os problemas que se traduzem no quadro caótico, na periferia das metrópoles, conseqüência de uma perversa política social e econômica.

É este, também, outro problema político, que no seu todo, deve ser levantado, para resolução e equacionamento.

Uma forte personalidade tem sabido analisar a real situação brasileira. O ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar. (11) Diz ele que:

"A economia nacional chegou a um impasse muito grave e o governo já não dispõe mais de instrumentos para controlar a situação. A economia brasileira está entregue a grandes grupos que especulam com o suor do povo e a riqueza do país, sem que o povo receba nenhum benefício". Arraes sustenta: *"A necessidade de ser feita oposição contra os mecanismos de dominação que liquidaram com a autonomia do país"*, afirmando que *"o povo deve se organizar e manter unido, e que esta luta de organização não será fácil, mas, em contrapartida, no momento atual, ele está mais consciente do que no passado, e vê com clareza os fatos, e o regime não consegue mais apoio, e a organização popular, em todo o país, vai mudar de face esta nação"*, e pretende que *"o governo não deverá se arrastar por uma tecnocracia que até agora não conseguiu debelar, estacionar, retroagir a inflação, antes, pelo contrário, tem posto lenha na fogueira, pois a cada dia que passa, sobe o custo de vida."*

MODELO ECONÔMICO

De 1964 para cá, implantou-se um sistema de governo para se proteger, até em demasia, as classes ricas e dominantes. Os tecnocratas passaram a comandar friamente todo o setor econômico e financeiro do país. As multinacionais, causadoras da grande dívida externa brasileira, têm sugado a não mais poder as riquezas da nação, em detrimento das classes trabalhadoras.

Um dos Ministros do Planejamento do Brasil, Reis Veloso, teve o desplante de declarar, em alto e bom som, que o salário não poderia ser melhor, pois não atrairia as empresas multinacionais para instalarem aqui suas fábricas, pois seus investimentos teriam poucos lucros.

Salário mínimo no Brasil é salário de fome, que não dá nem para cobrir um terço das necessidades alimentares básicas de uma família de cinco pessoas. Segundo dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estaística, 35,04 por cento de nossa população percebe esta minguada quantia, e na verdade vegeta com a mesma.

Este percentual se refere às pessoas economicamente ativas. Mas estão incluídos no mesmo, os que não chegam a atingir o salário mínimo, que são quatro milhões dos quinze milhões totais nestas condições. E no nordeste, essa proporção chega a 52,8 por cento. (12)

(11) Miguel Arraes de Alencar foi o mais revolucionário dos governos estaduais do país. No movimento de 1964, foi deposto, preso e exilado, tendo retornado para a continuidade de sua luta em 1979, e ingressado no PMDB.

(12) Estes dados e números referem-se ao mês de maio de 1980.

O dia do Trabalho, quando se decreta esta medida, é comemorado com festas, promovidas pelo governo, e seria de se perguntar: que história é esta? Estamos diante de que país? Mas para que o salário mínimo atendesse a todas as necessidades de um trabalhador e sua família, conforme conceituação deste nível salarial na Constituição Federal, seu valor deveria ser, em meados de 1.980, Cr$ 11.666,57, de acordo com os cálculos do Departamento Inter-Sindical de Estatística de Estudos Sócio-Econômicos; um reflexo do custo de vida sobre o salário mínimo é dado pelo cálculo do tempo de serviço necessário para o trabalhador deste nível adquirir a ração essencial mínima. Enquanto que em 1959 ele precisava trabalhar 65 horas para comprar os alimentos básicos, em 1979 este tempo era de 153 horas.

Estes são apenas alguns dados e algumas das inúmeras razões da grande discrepância na distribuição de rendas, onde poucos exploram uma maioria.

"A renda per capita *do Maranhão, US$ 330 por ano, é equivalente ao custo de um sanduíche por dia"*, chegou a declarar Edson Vidigal, um deputado da antiga Arena, partido governamental, para acrescentar que *"é necessário evitar que alcancemos a hora do caos, pois a democracia não floresce no caos"*.

"A miséria no nordeste é a mesma, talvez entre as camadas mais baixas seja maior", falou José Américo de Almeida, um dos patriarcas da política brasileira (13).

"O Piauí é o Estado mais pobre do Brasil, cujos 2,3 milhões de habitantes vivem a miséria de uma renda per capita *de 310 dólares, cerca de 16 mil cruzeiros por ano, só comparável a infernos sociais como a República Centro Africana ou o Haiti. Pior do que isso: No Piauí, a metade dessa escassa, paupérrima renda, fica nas mãos de apenas um por cento da população. Neste epicentro da miséria, há outros percentuais escuros, 81 por cento das famílias recebem menos de um salário mínimo local (ou pouco mais de 3.000 cruzeiros por mês), 20 por cento dos proprietários possuem 80 por cento das terras aproveitáveis e existe um único leito de hospital para cada 578 habitantes. O povo, não há nenhuma dúvida, passa fome – e não só no Piauí, mas em extensas camadas da sociedade brasileira . . . A injustiça, porém, pressupõe a atuação de um mecanismo perverso da sociedade, que prejudica uma parte da população, em benefício de uma outra extraordinariamente menor . . . A verdade, dura e crua, é que o Brasil, neste início dos anos 80, vai caminhando para bater no fundo do poço como um dos países campeões da disparidade sosicial em todo o mundo – um país que responde, apenas com um embaraçado silêncio, ao fato de conseguir, ao mesmo tempo, ter a oitava economia do ocidente e abrigar 30 milhões de miseráveis absolutos, além de outros tantos que vivem desprovidos da maior parte dos benefícios da civilização moderna."* (14)

Em qualquer tipo de serviço, o ganho do operariado brasileiro é péssimo. Para a poderosa Volkswagen, a mão-de-obra mais barata está no Brasil. O presidente da Volkswagen, Toni Schmucker, divulgou, em setembro de 1979, o custo da mão-de-obra altamente especializada e sofisticada em suas várias fábricas, e, segundo ele, *"o custo da hora de trabalho na Alemanha é de 13,3 dólares; nos Estados Unidos, 9 dólares; no México, 3,2 dólares, e no Brasil, 2,2 dólares".*

(13) José Américo, escritor de renome, foi um dos que ajudaram a se fazer a Revolução de 1930, ex-governador de seu Estado, a Paraíba, ex-ministro e ex-senador. Faleceu em fins de 1979, seis meses após concedida a sua última entrevista.

(14) Trecho de reportagem publicada na revista *Veja* de 16 de junho de 1980, sob o título A face cruel do Brasil.

Nesta mesma época, o ex-todo-poderoso Ministro do Planejamento, dos áureos tempos do modelo econômico, Roberto de Oliveira Campos, declarou que *"é vergonhoso que o Brasil ainda não tenha eliminado os bolsões de pobreza absoluta. Alguns países mais pobres que o Brasil, como Formosa, Coréia e Malásia, corrigiram esta distorção estrutural"*. Reconheceu ainda que *"os trabalhadores brasileiros não participaram do processo de desenvolvimento nacional, e que houve realmente uma acumulação de renda concentrada"*. Admitiu ainda a concentração, dizendo que *"há um paradoxo entre a verocidade do consumo e a permanência de bolsões de pobreza absoluta, e a solução para este problema seria tributar adequadamente bens de luxo, e a receita decorrente, o governo deveria aplicar na correção dos bolsões de pobreza. Com o atual nível de renda, é vergonhoso que o Brasil não tenha feito maior progresso no atendimento do mínimo básico"*.

Após sair do governo, em 1979, o ex-ministro da Fazenda, Carlos Rischbieter, afirmou que *"um sentimento de elite, dona da razão e das decisões, que desconhece o que se passa no resto do país, domina os governantes de Brasília, e o Brasil é atualmente um país de muitos escravos, pois todos nós queremos formar um país de gente e não um país de poucos ricos e muitos escravos como é o Brasil de hoje"*.

O capitalismo selvagem, com a maxivalorização dos lucros e a péssima distribuição de renda, está causando miséria, aumento do índice de criminalidade e violência.

O que impressiona no Brasil é a estapafúrdia e malfadada distribuição de renda. Veja-se o **Informe sobre el desarrollo mundial-1979, do Banco Mundial.** Neste documento são apresentados alguns dados sobre a distribuição de renda de vários países. E analisando este informe, chega-se à conclusão de que o Brasil é o campeão mundial da má distribuição de renda, entre os 28 países analisados, das mais variadas situações, para os quais existem dados disponíveis. Por este relatório do **Banco Mundial,** observa-se que é no Brasil que os 10 por cento mais ricos da população detêm a maior parcela, entre os 28 países, da renda nacional: 50,6 por cento. Em contrapartida, é no Brasil e no Peru que os 40 por cento mais pobres da população detêm a menor parcela da renda nacional: 7 por cento.

É o **Banco Mundial** que ainda explica:

"A renda familiar média dos 10 por cento mais ricos é no Brasil quase trinta vezes superior à renda média dos 40 por cento mais pobres. E compara-se: nos Estados Unidos essa diferença é de 7 vezes.Na Suécia, 4. Na Inglaterra, 5. No Japão, 5,2. No México, 15. Na Turquia, 14. E no Brasil, 28,9, o que representa o pior índice dentre os países, para os quais existem dados estatísticos disponíveis".

O Brasil tem condições de erradicar a pobreza e levantar o nível de vida, mas falta decisão, vontade de suas classes dirigentes. O **Banco Mundial** chegou à conclusão, no seu último e volumoso estudo, de que este problema no Brasil não é exclusivamente econômico ou financeiro, mas basicamente político. Mas é preciso vontade política. As elites dominantes são egocêntricas, divorciadas dos verdadeiros interesses nacionais e este quadro tem que mudar para não se darem as grandes diferenças no bem-estar econômico de nossos grupos populacionais.

O documento do **Banco Mundial** mostrou que a distribuição de renda no Brasil tem-se tornado mais desigual e concentrada, em favor de uma pequena parcela de brasileiros, assinalando que as condições de saúde, medidas através das expectativas de vida e da mortalidade infantil são piores no Brasil do que em países com renda per capita semelhantes. No que se refere à desnutrição, os dados sugerem que

a situação existente é mais grave do que se pensava, a partir de estudos anteriores. Cerca de 21 por cento dos brasileiros menores de 18 anos sofrem de desnutrição de segundo e terceiro graus; no Nordeste, essa proporção se eleva a 30 por cento. A sexta parte da população do Brasil tem um déficit alimentar da ordem de 400 calorias diárias.

A partir do relatório, pode-se vislumbrar, com clareza, a estreita correlação que prevalece entre as condições de saúde e alimentação e os níveis de renda da população. Trata-se de uma idéia que, apesar de óbvia, não é levada em sua devida conta, nos programas de assistência governamental, e tais programas, na maioria das vezes, não pressupõem a necessidade de elevar os rendimentos dos mais humildes. Assim constatou-se que famílias com renda mensal inferior a 23 dólares (preços de 1970) têm uma expectativa de vida média de cerca de 14 anos, menos que a expectativa das famílias, cujas renda mensal é superior a 109 dólares. O que impressiona mais é uma outra estimativa que mostra que para uma dada renda por habitante, o aumento de um décimo na participação dos 40 por cento mais pobres na renda total é acompanhado por um declínio da mortalidade infantil da ordem de 11 por cento.

Todos os dados compilados pelo **Banco Mundial,** são provenientes de nossas fontes oficiais, e acessíveis às autoridades governamentais, que de outro lado considera que a pobreza no Brasil, em suas dimensões de desnutrição, com elevada mortalidade infantil e deficiente provisão de serviços públicos, não encontraria obstáculos de caráter econômico-financeiro em sentido estrito, o que quer dizer, a capacidade de produção de bens e serviços já existentes no país, combinada com uma ampla disponibilidade de terras agricultu ráveis, permitiria em pouco tempo, elevar substancialmente as condições de vida de uma parte dos brasileiros, sem diminuir o padrão de vida atingido pelos demais. E tal afirmação é confirmada, de forma eloqüente, através de uma projeção realizada pelos técnicos do próprio **Banco Mundial,** segundo o qual, o atendimento até o ano 2000, das necessidades mínimas da população brasileira mais carente, requereria entre 5 e 5,6 por cento do Produto Interno Bruto, em cada uma das duas próximas décadas.

Um importante sociólogo pátrio, maduro nos seus mais variados estudos sobre o Brasil, o professor Caio Prado Jr., assim viu o modelo brasileiro no livro *Revolução Brasileira*:

"Numa das direções, é o simples prolongamento do que aí está, e que, embora com algumas formas aparentemente novas e originais, mas respeitando no essencial os fundamentos e as linhas mestras de um lingínquo passado, se estende até hoje. Isto é, um país que no contexto do mundo moderno – é para isso que sobretudo devemos atentar – não representa mais que um setor periférico dependente do sistema econômico internacional; sob cuja égide se instalou e originariamente organizou como colônia a serviço dos centros dominantes do sistema. E em função dessa situação se estruturou econômica e socialmente.

"É certo que deixamos de ser, em nossos dias, o engenho e a 'casa grande e senzala' do passado, para nos tornarmos a empresa, a usina, o palacete e o arranha- éu; mas também o cortiço, a favela, o mocambo, o pau-a-pique, mal disfarçados, aqui e acolá, por aquele moderno em que minorias dominantes e seus auxiliares mais graduados se esforçam com maior ou menor sucesso por acompanhar, aproximadamente, com o teor de suas atividades e trem de vida a civilização de nossos dias.

"Essencialmente, contudo, com as adaptações necessárias determinadas pelas contingências do nosso tempo, somos o mesmo do passado. Senão quantitativamente, na qualidade. Na "substância", diria a metafísica aristotélica. Embora em

mais complexa forma, o sistema colonial brasileiro se perpetuou e continua muito semelhante. Isto é, na base, uma economia fundada na produção de matérias-primas e gêneros alimentares demandados nos mercados internacionais. É com essa produção e exportação conseqüente que sobretudo se mantém a vida do país, pois é basicamente com a receita daí proveniente que se pagam as importações essenciais à nossa subsistência e ao funcionamento da economia, bem como os dispendiosos serviços dos bem-remunerados trustes imperialistas – designação clássica das empresas estrangeiras, hoje eufonicamente crismadas de "multinacionais" – aqui operando.

"Vem a ser isso, no essencial, a economia brasileira. E como reflexo de uma tal infra-estrutura econômica, o que temos é uma ordem social que se caracteriza pelo extremo afastamento material e cultural, entre si, das categorias sociais da grande massa da população, reduzida a ínfimos níveis. O que se reflete, como conseqüência, e não podia deixar de ser, na mediocridade do conjunto, com a exceção mínima dos reduzidos setores no ápice da pirâmide social. (. . .)

"Contribuiu grandemente para o momentâneo e ilusório sucesso dessas forças – com o que enganaram muita gente – a conjuntura internacional que lhes foi favorável graças à larga liquidez financeira e abundância nela verificada de capitais disponíveis à cata de inversão nos rendosos negócios coloniais. Foi só escancarar as portas para o capital imperialista, concedendo-lhe facilidades de negócios e atrativos sem precedentes e muito além de tudo com que antes se poderia sonhar, e a "poupança externa" (como eufemisticamente os nossos economistas ortodoxos apelidam o capital imperialista) afluirá pressurosa. Tanto mais que se lhe oferecia, com o regime político vigente, a mais favorável das ambiências, com o "negócio", a mercancia, o ideal do ganho e do lucro consagrado institucionalmente como o mais alto valor. Encarna-o o EMPRESÁRIO que se torna a figura, o modelo humano máximo digno de consideração.

"Será então o chamadò "milagre" brasileiro. A política econômica desse milagre – e a social seguindo-lhe o rastro –, se é certo que se orientou tecnicamente, e soube acomodar o caminho – façamos-lhe essa justiça – para o aproveitamento máximo da especulação em que ferveu naqueles anos o mundo capitalista, no sentido da promoção da economia brasileira dentro do tradicional modelo colonial, doutro lado, também é certo, não lhe imprimiu, nem cogitou disso, nenhum desvio dos velhos padrões que manteve intactos. Como deixou com isso intactos e em aberto no mesmo pé em que se encontravam, senão pior, as grandes e fundamentais questões que se propõem no Brasil desde longa data, e de cujo equacionamento e solução depende a integração da nação brasileira nos níveis da civlização deste fim do século XX que vivemos.

"Em suma, o milagre brasileiro não passou – e isso já está aí patente aos olhos de todo mundo – de breve surto de atividades estimuladas por conjuntura internacional momentânea e fruto de circunstâncias excepcionais inteiramente fora, e a infinitas léguas, da ação de nosso país. Encerrado o ciclo dessa situação excepcional, e invertida a conjuntura, como não podia deixar de mais dia menos dia acontecer, mesmo sem a ocorrência do encarecimento do petróleo, desculpa de tanta gente e de tanta coisa, que apenas precipitou e agravou o desenlace da milagrosa aventura em que fora metido, o Brasil vai retornando à sua normalidade amarrada ao passado. Com a agravante agora (e de que vulto, ainda imprevisível) de fazer frente ao oneroso custo de seu instante de euforia e sonho de seus dirigentes com um Brasil "plenamente desenvolvido" e "grande potência" a curto prazo.

"Está aí a primeira e grande lição que proporcionaram estes últimos anos e o que neles se praticou: a extrema fragilidade, em termos de país e coletividade humana de nosso tempo, das bases em que assenta a estrutura sócio-econômica brasi-

leira. O melhor que oferece e pode proporcionar, na mais otimista das hipóteses, são breves surtos de aparente e superficial prosperidade, provocada por circunstâncias excepcionais e inteiramente fora de nosso alcance; logo seguidas de graves desastres. E que não chegam efetivamente a beneficiar, nem mesmo por momentos, antes pelo contrário, nada mais que reduzidas parcelas da população.

"Realmente, que nos trouxeram estes milagrosos anos de prosperidade? Não são certamente os progressivos índices do PNB com que os economistas ortodoxos se iludem e iludem os outros, que darão, por si, uma resposta aceitável. É só lembrar que esses índices não apresentam conta discriminada – e é o que mais importa – dos bolsos, nacionais e sobretudo internacionais, para onde confluíram afinal os benefícios desse produto do trabalho brasileiro.

"Para se avaliar o real desenvolvimento brasileiro por obra e graça do 'milagre', consultem-se de preferência os dados que efetivamente representariam o progresso do país e de seus habitantes; no conjunto, vive melhor a massa da população brasileira? alimenta-se mais fartamente e melhor? cuida melhor de sua saúde? ascendeu o nível de sua cultura? em termos universais. Não creio que se possa afirmá-lo (. . .)

"É de indagar, contudo, o que de fato se disfarça atrás dos enganadores números revelados nas estatísticas. O que se encontra é, fundamentalmente, e no essencial, uma indústria de bens de consumo durável substitutiva de importações, sem infra-estrutura apreciável, e dependendo do exterior para o fornecimento de boa parte de seus principais e essenciais insumos. E mais, da tecnologia empregada, que na falta de elaboração própria, que o mesmo sistema de nossa dependente economia torna inacessível, faz-se em simples repetição maquinal de modelos que nos vêm prontos e acabados, em seus mínimos pormenores, do exterior. Concretamente, uma indústria pouco ou quase nada mais que modesto fim de linha de estruturas industriais exteriores ao país.

"De fato, a indústria brasileira, naquilo que apresenta de mais significativo em termos modernos, não vai além, tanto quanto no passado, e sob certos aspectos ainda mais acentuadamente, de uma dispersa constelação de filiais ou dependências periféricas em maior ou menor grau, de grandes empresas internacionais (as chamadas eufemisticamente de "multinacionais") que, originariamente exportadoras de seus produtos, transferem para as proximidades do mercado local brasileiro, como fazem para a generalidade do mundo subdesenvolvido a que pertencemos, uma ou outra fase de suas atividades, para com isso aproveitarem mão-de-obra mais barata e menos reivindicadora, contornarem problemas de transporte e obstáculos alfandegários, ou para melhor se adaptarem a situações específicas do mercado local que exploram. (15)

"Nada, como se vê, que se assemelhe a um processo de industrialização digno desse nome e comparável àquele que se verificou, e em alguns casos se verifica ainda, nos autênticos centros do progresso industrial moderno (. . .)

"Aí está o pé em que nos encontramos depois destes longos anos recém-passados de 'milagre'. E que acabam por largar o país – como já era de longa data previsível – neste atoleiro em que nos achamos. 'Atoleiro' é bem a palavra, porque, é de se perguntar, quais são as perspectivas que se apresentam de nos safarmos, em prazo previsível, da crise que vai em crescendo de uns anos a esta parte? O que está essencialmente na base e de imediato, das dificuldades que a economia brasileira enfrenta, é o brutal endividamento estrangeiro do país, fruto da descabelada espe-

(15) Este assunto foi analisado longamente no *post scriptum* a partir da 19ª edição, em 1975, da *História Econômica do Brasil*, do mesmo professor Caio Prado Jr., e mesma Editora Brasiliense, de São Paulo.

culação e desperdício em que se envolveu e da crescente participação do capital imperialista, em suas atividades.

"Tudo isso abertamente, e estimulado pelos dirigentes do país e orientadores de sua política econômica, e perfeitamente enquadrado em 'modelos' – como dizem os economistas – que se inspiram na conservação e no reforçamento do 'status quo' de nossa tradicional estrutura colonial.

"Ora, uma tal dívida já vai muito além de nossa normal e previsível capacidade de atendimento. E para o simples serviço dela já estamos dependendo, em proporções crescentes, de novos créditos. Isto é, satisfazemos nossos compromissos com outros compromissos ainda maiores.

"Evidentemente, não é possível ir longe em tal regime. Tanto mais que nossas exportações, única fonte ordinária de divisas com que contamos para o atendimento de compromissos no exterior, inclusive pagamento de importações essenciais para o normal funcionamento da economia e a própria subsistência do país, não oferecem, dentro do previsível, perspectiva alguma de desenvolvimento significativo, em confronto com nossas necessidades.

"É a partir de tão frágeis premissas econômicas que enfrentamos hoje a catastrófica situação a que nos arrastou o natural e fatal desdobramento do 'modelo' escolhido para nosso tipo de desenvolvimento, e levado a suas últimas conseqüências pelos idealizadores, embora muito pouco originais, daquele modelo. Assim, a nos mantermos na mesma linha e orientação, não sobra outra alternativa que aguardar paciente e resignadamente o desenrolar dos acontecimentos, à espera de outro eventual surto de fervura especulativa internacional ou alguma outra conjuntura ocasional favorável, que estimule os interesses e atenções imperialistas para eventuais perspectivas de bons negócios no Brasil. Até lá, ir-se-á temporizando e procurando, quando muito, atenuar aqui e acolá, na medida do possível, que não é muito largo, os mais graves impactos da crise. (. . .)

"Estes anos decorridos desde a publicação do presente livro, anos em que, nas mais favoráveis condições financeiras e políticas, se levou aquela orientação econômica ao extremo, com a mais perfeita sistematização e rigor técnicos – temos que conceder isso ao chamado 'modelo brasileiro' dos economistas ortodoxos –, esses anos trouxeram a mais cabal das confirmações da insuficiência de tal política.

"Aí está o desastre cujo desenrolar, ainda em seus primeiros momentos, e certamente não os piores, estamos presenciando e sentindo; e que representa o alto custo pago por uns breves instantes de aparente prosperidade que assim mesmo não beneficiou mais que setores relativamente reduzidos do país, sem reforçar com nada de sólido e durável a estrutura básica da economia, e sem trazer nenhuma contribuição significativa para a melhoria ponderável, e solidamente instalada, das condições gerais de vida da grande massa da população brasileira.

"O 'bolo' terá crescido, talvez – e assim mesmo, em boa parte, em mãos estranhas, a 'poupança externa' como hoje eufemisticamente se diz; mas a 'repartição' dele, salvo talvez algumas migalhas que terão caído da mesa do festim de poucos, essa terá ficado, ao que parece, para as calendas gregas. (. . .)

"Em vez de optar, como fora o caso, no passado, dos países pioneiros do desenvolvimento capitalista, optar, fosse inicialmente por isso ou aquilo, e embora com todas as dificuldades e ônus daí resultantes, pela ampla e livre concorrência e disputa entre empregados e empregadores no mercado de trabalho, e procurando superar a contenda, proporcionando aos trabalhadores condições para um progressivo aumento de produtividade – o que foi um dos fatores decisivos do avanço tecnológico, pelo estímulo que lhe traz o objetivo da produtividade – compensando com isso um custo de remuneração do trabalhador compatível com padrões de vida dele aceitáveis e crescentes, em vez disso optou-se entre nós pelo conforto de um regime repressivo que, abafando as reivindicações populares, assegurasse com isso uma mão-de-obra de baixo custo – porém menos eficiente e produtiva.

"Não vamos agora analisar essa opção, suas razões e determinações de ordem histórica e sócio-econômica. Mas o fato é que assim foi: a burguesia brasileira preferiu, como aliás tem sido em geral a regra nos países retardatários como o nosso, preferiu para a solução de seus problemas de custo de mão-de-obra – e essa política foi agora elevada entre nós ao extremo – os regimes de força que abafam a voz do trabalhador, e suas reivindicações, e o excluem da ação política livre e efetiva, embora sacrificando, com isso – e porque uma coisa não vai ser a outra no nível em que nos encontramos – a sua própria participação, dela burguesia.

"Uma democracia, que significa essencialmente participação efetiva dos governados na ação de comportamento do governo, uma democracia só para a burguesia e os aspirantes a burguês, pretensão de muitos, não é realizável. Ou será de todos ou de ninguém, e se terá então um regime como este nosso em vigor. A experiência pela qual passamos faz isso suficientemente claro.

"(. . .) O retorno a condições em que seja possível a participação de todos os brasileiros na vida política do país e sua contribuição para a determinação de seus destinos. E não a presente monopolização do poder e direção dos negócios públicos, já não se sabe mais ao certo nas mãos de quem e para que fim.

"Uma tal participação, em especial das camadas populares praticamente excluídas e marginalizadas com o golpe de 1964 e suas seqüelas abrirá novas perspectivas para a realização, em benefício do país e de seu povo em conjunto, das grandes reformas que nos elevarão, como nação, e para ela toda, aos níveis do progresso material e à cultura de nossos dias; e que não se atingirão com o simples crescimento dos índices do PIN do desenvolvimentismo. Disso já temos agora uma larga experiência. Haveremos de aproveitá-la."

Um outro sociólogo nacional, mais jovem, o prof. Luiz Carlos Bresser Pereira, da Fundação Getúlio Vargas, relatou o Brasil como um país capitalista, subdesenvolvido e industrializado, em estudos realizados em setembro de 1979, em São Paulo, sob o tema: *A Lógica do Modelo Brasileiro.*

Segundo Bresser Pereira, *"a lógica que se pode encontrar na economia brasileira é contraditória, dialética e perversa, porém perfeitamente inteligível, pois todas as distorções existentes são características de um país capitalista, subdesenvolvido e industrializado."* O professor da FGV preferiu, metodicamente, analisar a economia brasileira por setores ou tópicos, os quais ele classificou de *"lógicas"*, pois todos têm explicações lógicas, embora perversos, porque não admitiram a participação do trabalhador brasileiro.

A primeira *"lógica"* citada por ele foi a da *"exploração de uma classe sobre outra; basicamente, a exploração da classe capitalista e dos burocratas sobre os trabalhadores." "Todo o processo desenvolvimentista"*, disse ele, *"ocorre em favor da classe dominante. No Brasil, porém, este processo foi mais perverso, porque os trabalhadores, além de não serem organizados, foram bastante reprimidos em suas manifestações. Assim, os trabalhadores não participaram do excedente (lucros e ordenados)."*

Como as *"lógicas"* apresentadas por Bresser Pereira se entrelaçam e completam, a da exploração facilitou a *"lógica acumulação"*, considerada por ele *"como uma necessidade fundamental do sistema capitalista como fonte de poder. Em seguida, veio a* 'lógica de consumo', *quando uma minoria passou a consumir bens de luxo, porque todo o processo de acumulação de renda, a partir de 64, se baseou na produção de bens de luxo.*

"Neste sentido, criou-se também o modelo exportador (ou a 'lógica da exportação') *com a produção excedente de alimentos e produtos manufaturados não acessíveis à classe de menor renda, portanto, os trabalhadores. Em seguida, vem a* 'lógica da dependência' *financeira e tecnológica, que garante a acumulação de renda e o consumo de bens de luxo.* Neste processo, disse Bresser Periera, *"as multinacionais passaram a ser bem vindas, porque criam ordenados altos e produzem bens de consumo de luxo."*

Continuando em sua linha de raciocínio, o professor da FGV disse que a *"lógica da dependência está bastante relacionada com a dos 'subsídios, da oligopolização e da estatização'. No caso da oligopolização, ficava mais fácil para o Estado controlar uma pequena quantidade de grandes empresas que o inverso, o que acabou por se transformar num cartel de preços das multinacionais."* Em relação aos subsídios, ele apresentou as mesmas jutificativas, ou seja, *"seria mais fácil para o governo distribuir recursos subsidiados para um número menor de empresas". "O Brasil é o império do subsídio"*, disse Bresser Pereira, relacionando-os com a inflação brasileira, pois *"o Governo usa boa parte dos recursos (impostos e emissões inflacionárias) para subsidiar empresas multinacionais."*

"Este conjunto de 'lógicas' *facilitou enormemente a especulação financeira, agravada pelo 'capitalista ocioso', assim definidos os empresários que tiveram de vender suas fábricas para as multinacionais ou perder o controle delas para os tecnoburocratas. Esta* 'lógica da especulação' *foi reforçada ainda pela desaceleração econômica, a partir de 74 e pelo aumento da dívida externa."*

E o Estado, como participa deste conjunto de *"lógicas"*? Para Bresser Pereira *"o Estado é representante do sistema capitalista, das multinacionais e encarregado de coordenar a ação das grandes empresas oligopolistas."* No caso da estatização, por exemplo, ele acha que *"ocorreu para garantir a acumulação privada e faz parte da lógica do sistema capitalista e 'não tem nada a ver com a socialização da economia'."*

"Desta forma, o Estado tornou-se cúmplice das distorções existentes e principal responsável pela alijação dos trabalhadores na repartição do bolo, pois foi o agente principal da repressão. A acumulação de capital foi aplicada de forma concentrada."

O Brasil, desastradamente, gastando quantias fabulosas e estapafúrdias, quer, com o acordo formulado com a Alemanha Federal, produzir energia nuclear. E quando ainda nem esgotamos as possibilidades da energia hidroelétrica aqui abundante, muito mais barata, sem normas de comparação e não atacamos a termoelétrica (do carvão).

O Brasil pode e deve dominar a energia atômica, mas em outros termos, por cientistas nacionais, por processos consectâneos, sem importar reatores e pacotes tecnológicos de fora.

O deputado Aírton Soares, do **Partido dos Trabalhadores**, abordando o assunto em uma agitada sessão da Câmara Federal, no mês de agosto de 1980, concluiu indagando:

"Esta aventura, em busca de bomba, não será para haver respeito pelo poder das armas? Não será mera aventura nuclear, buscando uma tecnologia, porque poderemos ter no futuro grandes guerras na América Latina? Para produzir energia elétrica, é que não é."

"O que poderia ser feito com o dinheiro das usinas nucleares? Se retirasse do dinheito total a ser gasto com a construção de usinas nucleares no Brasil para a construção de hidroelétricas capazes de gerar a mesma quantidade de de eletricidade, com o restante do dinheiro, ainda poderia ser feito: a) manter a Universidade de São Paulo (a maior do país), com seu atual orçamento, por 230 anos; b) Ou construir 2.500.000 casas (no valor unitário de Cr$ 500.000,00); c) ou ainda sustentar 375 hospitais, como o Hospital das Clíinicas em São Paulo. (16)

Ou então: *"Pagar-se a dívida externa (50 bilhões de dólares) e mais: construirse 8.300.000 creches de 160 metros quadrados cada uma, ou 350.000 leitos hospitalares anuais, até o fim do século, ou 185.000 km de ferrovias ou 16.600 km de metrô, o que equivale a linhas de metrô de 700 km para cada capital". (17)*

Mas no que redundou, num final de festa, o modelo econômico brasileiro? Em muitos equívocos e distorções, e para respaldo ainda na maior inflação da nossa história, inflação que colabora e ajuda só os poderosos e arruína as classes trabalhadoras populares. O índice anual já passou de 100 por cento. O deficit da balança comercial brasileira registrou, até setembro de 1980, 2,9 bilhões de dólares e com perspectivas pessimistas.

Uma montanha de dívidas no Brasil, foi o título de um artigo, da última semana de agosto de 1980, da revista *Time* de New York. Em tom sombrio, é relatado, entre outras coisas, o seguinte:

"Com seu gigantesco território e vastos recursos naturais, este deveria ser um dos países mais prósperos do mundo. Entretanto, uma série de políticas errôneas empurraram o colosso do sul a um pântano de problemas econômicos. A inflação brasileira está chegando a 106,8 por cento, e o cruzeiro, em doze meses, desvalorizou o dobro, frente ao dólar; e o índice de desemprego continua subindo, sendo que a dívida externa é o mais premente problema do Brasil. Tudo isso levou o Brasil a merecer a distinção de ser o país em desenvolvimento que mais se afundou no déficit, ao lado das nações indigentes como o Zaire, Peru e Bangladesh, assumindo, até o momento, o débito assombroso de US$50 bilhões, principalmente com bancos internacionais, e que somente os juros alcançarão 7,8 bilhões, e estes bancos consideram que se está aproximando o limite que estabeleceram para o país. A situação ficou ainda pior, porque os regimes militares anteriores negligenciaram o setor agrícola e o resultado foi um desastre."

NÚMEROS

Os números e as estatísticas no Brasil são horríveis. Retratam uma situação insustentável, cuja continuidade poderá resultar numa catástrofe.

No ensino primário, as crianças muitas vezes não podem freqüentar a escola, pois devem ajudar os pais, trabalhando em determinados períodos. E, às vezes, optam por roubar, para suplementar o parco salário familiar. São comuns casos de crianças que vão assistir aula para terem a merenda escolar e para levarem um pedaço de pão aos irmãos que ficaram em casa.

Mas existem muitos outros casos, todos oriundos da inépcia governamental.

A taxa de escolarização, na faixa do ensino obrigatório está se revelando com um decréscimo grave, pois a capacidade de atendimento educacional não consegue

(16) Extrato de estudo da professora Carmen Prado, do **Instituto de Física de São Paulo**, publicado no jornal *Movimento*, edição de 23 a 30 de junho de 1980.

(17) Discruso do deputado Fernando Morais (**PMDB**), na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 26 de junho de 1980.

acompanhar o ritmo de crescimento demográfico. Este setor, dos 7 aos 14 anos, tem 25.069.677 crianças, ficando sem escola 26 por cento delas, cerca de 6 milhões e 640 mil, sendo que o nível mais baixo está na faixa etária dos 10 anos, quando se atende apenas 13 por cento das crianças, sendo que 73 por cento deste atendimento está na área urbana, ficando apenas 17 por cento na área rural. E o duro é que o índice de escolarização vem em decréscimo ano por ano. E isto, ainda, sem se falar na população de analfabetos acima dos 15 anos. Estes são dados fornecidos oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura, em março de 1980. Mas, num cômputo geral, quase 70 por cento das gerações brasileiras em formação não concluem o ensino de primeiro grau.

O ensino superior é um privilégio apenas dos ricos, está elitizado. O próprio ex-ministro da Educação, o professor Eduardo Pertela, não quis tapar o sol com a peneira e afirmou mesmo que *"o sistema de ensino no país tem uma forte tendência seletiva"*, admitindo que *"a Universidade se encontra defasada em relação à sociedade, por não estar suficientemente comprometida com o desenvolvimento nacional"*.

O ensino técnico, o ensino que deve levar à prática e aos exercícios do trabalho, também é muito falho.

O percentual previsto, no último orçamento de 1979, da União, para o Ministério da Educação e Cultura, foi um minguado e ridículo de 4,3 por cento. Mas as quantias previstas para as Forças Armadas têm sido grandes . . . E ainda deve ser anotado a alarmanete redução sistemática do orçamento federal para o MEC sobre o orçamento total. A diminuição de 12,5 por cento para os 4,3 por cento atuais deu-se nos últimos 15 anos, sendo até de se perguntar se o governo se sente incomodado com a educação e cultura.

A recomendação da **UNESCO**, órgão específico da **ONU** para assuntos de educação e cultura, para a aplicação em ensino é de 12 por cento, e a própria Constituição Brasileira de 1946 previa idêntico percentual de vinculação, mas este dispositivo foi cancelado pelo atual regime que, inclusive, vetou seu restabelecimento, que não aceitou também a aplicação de 24 por cento pelos governos estaduais. A **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** manda investir pelo menos 12 por cento mas também não é cumprida.(18)

No que concerne ao problema do analfabetismo, o próprio Ministério da Educação e Cultura reconhece hoje que o Mobral que se propunha, em 1970, a erradicar o analfabetismo, até 1980, malogrou. O Brasil tem hoje 30 milhões de analfabetos, sendo 8 milhões de crianças em idade escolar fora das escolas, e 22 milhões de adultos analfabetos.

Houve uma época em que se fazia uma tentaitva séria neste setor. Em 1963 e nos primeiros meses de 1964, um professor do Estado de Pernambuco, **Paulo Freire**, revigorava planos e métodos para adultos analfabetos no nordeste brasileiro. Estava então assumindo a ingente tarefa de comandar uma campanha de alfabetização.

Seu trabalho foi associado à palavra conscientização e era a idéia de uma educação libertadora. Foi preso, considerado subversivo pela nova ordem política e só

(18) A marcha do decréscimo foi a seguinte: 1964: 9,74 por cento; 1965: 11,07 por cento; 1966: 9,70 por cento; 1967: 8,71 por cento; 1968: 7,74 por cento; 1969: 8,69 por cento; 1970: 7,33 por cento; 1971: 6,78 por cento; 1972: 5,62 por cento; 1973: 5,21 por cento; 1974: 4,95 por cento; 1975: 4,31 por cento; 1976: 4,76 por cento. O orçamento para 1965 foi elaborado em 1964, pelo então ministro da Educação de Jango, professor Darcy Ribeiro, um dos primeiros a serem cassados, após os acontecimentos de 31 de março.

lhe restou o caminho do exílio. Tinha sido mais um confronto entre a força e a inteligência. (19).

Mas todas as questões de ensino têm um fundo um pouco mais penetrante. A sociedade tem que ter uma reestruturação que vá à reformulação, à transformação total. Uns poucos privilegiados têm demais e o resto têm de menos. São evidências que surgem, e se o brasileiro não tem educação, deve-se muito ao fato de não ter o que comer.

Estaria chegando a hora da verdade. A educação hoje sobra para poucos, a cultura é apenas um luxo e aprofundam-se as diferenças sociais e econômicas entre os brasileiros. O quadro todo deve ser removido, pois caso contrário, o Brasil chegará ao final do século como uma das nações mais obscurantistas do globo.

Outro problema grave é o dos menores abandonados e sobre ele assim se expressou João Benedito de Azevedo Marques, um valente promotor público do Estado de São Paulo, e que tinha sido presidente da Fundação do Bem-Estar do Menor, mas foi mandado embora por ser considerado de idéias esquerdistas.

"A Comissão Parlamentar de Inquérito, instituída no Congresso Nacional, para levantar o problema do menor carente, chegou, em 1976, a dados verdadeiramente alarmantes, que até hoje não mereceram a suficiente divulgação para uma ampla análise e debate na sociedade brasileira, visando corrigir a mais grave injustiça social em nosso País, porque, além de atingir seres indefesos, afeta o futuro da nacionalidade.

"Feito um criterioso levantamento, em nível nacional, chegou-se aos seguintes dados: menores carentes, 13.542.508; menores abandonados, 1.909.570; menores infratores, 111.812.

"Se considerarmos, entretanto, a faixa de dois salários mínimos de rendimento mensal familiar, chegaremos à assustadora soma de 25 milhões de menores carentes no Brasil, sendo que as regiões de maior incidência são o Nordeste, em razão do baixo padrão de vida da população, e o Sudeste, por força das grandes concentrações urbanas, com seus tristementes famosos cinturões de miséria.

"E, em São Paulo, segundo dados da Secretaria da Promoção Social temos uma população de 3 milhões de menores carentes.

"A nível de Brasil, se considerarmos a cifra dos 25 milhões, já podemos dizer que, em termos de menores carentes, ganhamos das populações somadas do Chile, Uruguai e Paraguai, o que deve ser motivo de preocupação e constrangimento.

"Essas cifras chocantes nos levam à conclusão de que possuímos uma imensidão de crianças fora daquilo que podemos chamar de democracia, relativa ou absoluta, pois a esses brasileiros é praticamente negado o direito à educação (evasão escolar), profissionalização, saúde, habitação e, muitas vezes, até à alimentação e vestuário.

"Esse fenômeno que nos envergonha, mas não se passa da vergonha, com umas tintas de paternalismo hipócrita, não tem merecido a devida consideração dos

(19) Paulo Freire é hoje educador de renome internacional. No Chile e no Peru, onde esteve por alguns anos, seu método foi aplicado com êxito. Em 1969-1970 foi professor convidado do Centro de Desenvolvimento e Mudança Social em Harvard. Em 1970 aceitou o lugar de Consultor Especial no Gabinete de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra. É também assessor da Unesco. Trabalhou ativamente no Institut d'Action Culturelle, que fundou juntamente com outros educadores, com a finalidade de desenvolver estudos culturais que vêm sendo aplicados em diversos paises do mundo, com muito sucesso. Ainda colaborou com a Guiné Bissau, São Tomé, Príncipe, Cabo Verde e Angola, países africanos, antigas colônias portuguesas, em processo de reconstrução, onde o sistema educacional é fundamental.

governos, quer a nível municipal, estadual e federal, em que pesem exceções e iniciativas esparsas, dignas de elogios.

"Nós, que há algum tempo nos interessamos pelos problemas sociais, temos notado em São Paulo uma progressiva deterioração da qualidade de vida.

"Quer-nos parecer que a Nação que hoje se preocupa com o petróleo, precisa, urgentemente, repensar a sua política social e, de modo especial, o atendimento ao menor marginalizado, pois em 1976, eram 25 milhões e de lá para cá a cifra não diminuiu, ao passo que as verbas destinadas à área social são praticamente irrisórias.

"Sem uma política social claramente definida, que contribua para eliminar os gravíssimos desníveis sociais, e sem uma melhor distribuição de renda, estaremos assistindo a uma progressiva deterioração da Nação.

"A democracia, que é uma forma de governo de participação e igualdade de direito, é incompatível com a miséria absoluta que atinge a criança brasileira.

"A prosseguir a situação atual, estaremos sendo co-autores de um crime que é um verdadeiro genocídio social, praticado contra milhões de menores marginalizados.

"Se o menor é vítima deste verdadeiro pecado social de uma sociedade de consumo, desumana e cruel, há que ser tratado e não punido, preparado profissionalmente e não marcado pelo rótulo fácil de infrator, pois a própria sociedade que infringir as regras mínimas que deveriam ser oferecidas ao ser humano, quando nasce, não pode, depois, hipocritamente, pretender agir com rigor contra o ser indefeso e subproduto de uma situação social anômala.

"Essa imensidão de menores marginalizados acabará colocando em risco a própria nacionalidade, se não enfrentarmos o problema de frente, sem paternalismo e indo às suas causas profundas, pois, do contrário, estaremos formando sucessivas gerações de débeis mentais, subnutridos, analfabetos, carentes de carinho e afeto e candidatos certos aos hospitais, internatos e casas de detenção".

Os números negativos continuam. As multinacionais atacam também na saúde pública. Dominam mais de noventa por cento dos remédios, produzindo aqui a maior diversificação de um mesmo remédio já registrado no mundo. É o lucro até às custas de desgraça e da doença. E parece, por uma contradição inaudita, que ninguém vem se curando.

A origem de tudo é o famigerado modelo econômico, o desequilíbrio e a injustiça social.

Dia chegará em que o médico se limitará a receitar alimentos aos doentes, que na verdade são carentes, desnutridos, sem trabalho, e quando trabalhando, percebendo o salário mínimo, que é cada vez mais mínimo, e constrangedor; e 40 por cento dos brasileiros hospitalizados estão doentes por causa de problemas de nutrição.

O Brasil oferece um quadro desanimador no setor da desnutrição infantil e da saúde pública. A primeira é aqui uma das mais elevadas do mundo. Atingiu, como causa associada, 52,4 por cento dos óbitos na faixa de até 5 anos, em 1976; e 60,9 por cento das mortes ocasionadas por doenças infecciosas. Cerca de 105 crianças menores de um ano morreram, em cada grupo de mil nascidas. As verminoses e diarréias se converteram em mal permanente na infância brasileira, e cerca de 3 por cento das crianças são deficientes mentais.

Existem ainda outros números. Uma pesquisa feita pelo **IBGE**, em municípios das capitais de Estados, em 1975, nos quais a taxa média de óbitos, por complicações de gravidez, parto e puerpério, atingiu 100 de cada mil nascidos vivos, isto é,

era nove vezes maior, quando comparada com a dos países desenvolvidos. Já a taxa de mortalidade infantil, na mortalidade geral, atingiu 46 por cento, segundo **World Population, 1978**, e com esses dados, concluiu-se que no Brasil, a cada hora que passa, falecem 52 crianças.

A mortalidade infantil não seria a morte do Brasil?

Este país parece ainda ser o **Vasto Hospital** de que nos falou Miguel Pereira, no início deste século.

Ainda temos estes dados, para reafirmar o quão péssima é a saúde pública no Brasil: 12 milhões de doentes de esquistossomose, 900 mil de malária, 140 mil leprosos, 500 mil tuberculosos, 11 milhões de doentes mentais e milhões incalculáveis da doença de chagas (as estatísticas oficiais variam de 4 a 14 milhões).

Não há expansão entre nós das fontes de trabalho, pois a demanda empregatícia é de mais de um milhão e meio por ano e nem a metade desse quantum é atendida.

Qual seria a taxa de desemprego ou subemprego em todo o Brasil? Os estudiosos do assunto e os sociólogos dão geralmente as seguintes porcentagens: taxa de desemprego: de 8 a 9 por cento, e população subempregada chegando a 30 por cento.(20) Um estudo elaborado pelo **Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipea)** para a Secretaria da Comunicação Social da Presidência da República, em 1979, constatou a existência de um contingente de 38 milhões de desempregados, ou subempregados, em todo o país.

Dados mais recentes, pesquisas por amostragem do **IBGE**, maio de 1980, sobre desemprego na Grande São Paulo, englobando a capital do Estado e os municípios do A B C D, dão como desempregados oito por cento dos trabalhadores das regiões.

A imprensa e a televisão têm, constantemente, demonstrado e realçado a migração das áreas rurais de produção para as urbanas de consumo, em níveis impressionantes, de ano para ano, realçando que o país tem, vamos dizer assim, em suas estradas, quase trinta e cinco milhões de brasileiros sem destino certo, sem esperanças de condições mínimas de sobrevivência regular. (21)

Quais são os últimos números oficiais sobre o Brasil? O jornal **O Estado de S.Paulo**, edição de 3 de junho de 1980, estampou alguns dos resultados da pesquisa nacional, por amostra de domicílios, revelados pela fundação **IBGE**, mostrando extremas disparidades econômicas e sociais que prevalecem no país. A notícia teve este teor:

"No Nordeste, 69 por cento de uma população economicamente ativa, de 12,4 milhões de pessoas ganham até dois salários mínimos. Nessa faixa estão, portanto, 8,5 milhões de trabalhadores. Enquanto isso, na Grande São Paulo, estão na faixa de dois salários mínimos, cerca de um milhão de pessoas, representando 22 por cento das 4,8 milhões economicamente ativas. Já na região do Grande Rio, ganham nessa faixa cerca de 1,7 milhão para uma população ativa de 3,3 milhões, ou seja, cerca de 800 mil pessoas.

"A população nordestina, a partir de cinco anos de idade, é de 28,9 milhões de pessoas, das quais mais da metade classificada como analfabetas e 14,3 milhões de

(20) Neste sentido, apresentou estudo o professor Paulo Renato de Souza, da Universidade Estadual de Campinas, Estado de São Paulo, em Seminário sobre Informação Profissional e Trabalho, patrocinado pelo Serviço Nacional do Comércio, em 1979.

(21) Promoveu-se no primeiro semestre de 1980, pelas nossas televisões, a campanha patrocinada por uma entidade religiosa Para onde ir, na qual foi demonstrado, ao vivo, o quadro do êxodo.

alfabetizados. Na Grande São Paulo, para um total de 9,9 milhões de pessoas, nessa faixa etária, há 1,4 milhão de analfabetos, enquanto no Grande Rio, o total de analfabetos é de 1,1 milhão para uma população na citada faixa de 8 milhões de pessoas. Importante é também notar que tanto na região metropolitana de São Paulo, como na do Rio, predomina a população originária de outras regiões, sabendo-se que grande parte da população migrante nasceu no nordeste. Em São Paulo, há um total de 6,4 milhões de pessoas não nascidas no mesmo município onde residem, sendo que dessas, 3,8 milhões vieram de outras regiões. No Grande Rio, o total de migrantes é de 3,7 milhões, sendo 2,5 milhões originários de outras regiões.

"Indicador importante do grau de pobreza da população nordestina é o número de moradores por domicílio. Para um total de 6,5 milhões de domicílios, há, no Nordeste, cerca de 2,2 milhões em que moram mais de cinco pessoas, sendo que em 1,4 milhão de casas residem mais de oito pessoas.

"Dos 6,5 milhões de domicílios nordestinos, cerca de 1,8 milhão têm serviço de água e apenas 390 mil têm rede de esgoto. Enquanto isso, na Grande São Paulo, cerca de 1,4 milhões de domicílios têm rede de esgoto, para um total de 2,6 milhões de casas. No Rio, o número de domicílios é de 2,1 milhões, dos quais 1,1 milhão têm rede de esgoto.

"No Nordeste, há cerca de 2 milhões de mulheres, entre 15 a 19 anos, que tiveram um total de 226 mil filhos, ao passo que em São Paulo, o total nessa faixa etária é de 598 mil, com 45 mil filhos, e no Grande Rio, 492 mil, com um total de 31 mil filhos."

No dia seguinte, este periódico publicou o editorial sob o título **"A realidade que escamoteia os numerosos"**, dizendo, entre outras coisas:

"Nosso retrato de corpo inteiro, de nação fotografada desnuda e sem retoque, acaba de ser feito pelo **IBGE**. *Os últimos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, referentes ao ano de 1978 e divulgados oficialmente esta semana, tornam-se brutalmente espantosos.*

"Quando as estatísticas se repetem ao longo dos anos, mudando apenas (e sempre para pior) a gravidade dos números, numa dramática monotonia, sem que nada se faça para se corrigir as distorções, é o triste sinal de que entramos no perigoso círculo vicioso do torpor, da inércia moral, para enfrentar nossos problemas de nação.

"As estatísticas já nos cansam: o que revelam, não serve como ponto de partida para soluções globais, e se transformam, assim, unicamente, num jogo de números, que geram apenas (e quando muito) estudos e análises que vão servir para outros estudos e outras análises de tecnocratas ou políticos, sem nenhuma medida concreta. Quando não correspondem à formulação de uma política social, ou a uma política de desenvolvimento econômico social integrado, as estatísticas, por mais sérias que sejam (como é o caso da amostra anual do **IBGE**), *passam a ser um mero jogo de retórica numérica.*

"Uma triste retórica, desprovida da sintaxe da realidade presente e que – sendo exata nos dados – servirá, talvez quase que apenas como material para que, no futuro, se escreva a história econômico-social dos dias de hoje. As estatísticas cansam, mas também ferem. O que dizer, por exemplo, quando a amostra do **IBGE** *aponta que, em São Paulo, o Estado mais rico da Federação, o número de analfabetos cresceu (eram 16,9 por cento em 1977, passando a 17,5 em 1978), chegando a mais de três milhões e 400 mil pessoas?*

"Atribuir este drama unicamente ao crescimento das migrações de trabalhadores rurais do Nordeste para São Paulo, não é suficiente: no Estado do Rio de Janeiro, menos pressionado pelas migrações nordestinas, os números de analfabetos também se elevou de 15,6 para 16,6 por cento em 1978.

"A carência de uma política social fez de São Paulo uma área em que 23,5 por cento do total de vivendas não tivessem água há menos de dois anos. O 'favelamento' das cidades talvez tenha feito crescer esse número. No Rio de Janeiro, a estatística é ainda mais dura e os domicílios urbanos sem água chegavam, em 1978, a 28,9 por cento do total.Será possível levar adiante, com seriedade, planos de saúde pública quando 48 por cento dos domicílios do Estado de São Paulo, ou 52 por cento do Estado do Rio, não dispunham, em 1978, de esgotos sanitários? Não havendo uma política social global, não há igualmente uma política demográfica, o País se incha, entumece, dando a impressão visual de um crescimento que nada mais é que um tumor, escondendo a ferida.

"Somos um país jovem, com uma acelerada dinâmica própria. Só isto não nos leva a uma situação de paroxismo ou de vergonha geral pelos nossos velhos males de há muito conhecidos e nunca resolvidos ou enfrentados. Já não se trata sequer do Nordeste, mas de São Paulo e do Rio, as áreas mais desenvolvidas desta Nação, em que as estatísticas servem apenas para encher as estantes das repartições governamentais."

Mas os dados e as observações não param. Segundo o mesmo **IBGE**, a parcela da população economicamente ativa de São Paulo, que ganhava menos de um salário mínimo, elevou-se no período citado: 22,9 por cento para 23,9 por cento, perfazendo mais de dois milhões e quinhentas mil pessoas, enquanto decrescia a proporção dos que recebiam mais de cinco salários mínimos: 18,5 por cento para 17,9 por cento. E isto tudo sem contar os milhões de paulistas, sem qualquer rendimento em dinheiro (39 por cento da população de mais de dez anos), que não têm carteira de trabalho assinada (28,7 por cento dos empregados). Estas estatísticas, somadas às demais, são significativas, pois demonstram a precariedade das condições de vida no Estado de São Paulo, considerado o melhor da Federação, com o dobro de renda **per capita** brasileira.

A miséria ignorada se torna gritante no Nordeste, onde *"a qualidade de vida na região, nos últimos 15 anos, baixou cerca de 50 por cento, como reflexo da orientação centralizadora da União. No desempenho da economia nordestina, as transformações regionais ficaram muito aquém das reais necessidades e expectativas da comunidade regional".(22)*

A pobreza do nordeste revoltou até deputado governista do Ceará. *"A situação econômico-social do Nordeste reflete a orientação do próprio governo central, que conseguiu tornar uma região pobre, mas auto-suficiente em matéria de alimentação, numa importadora de alimentos, com investimentos insuficientes em termos quantitativos e insatisfatórios em matéria qualitativa. O Nordeste, além disto, registra o recorde sinistro de possuir 59 por cento das famílias mais miseráveis do país, 58 por cento de analfabetos, 20 por cento de desempregados ou com subemprego e 10 por cento com empregos de um salário mínimo"(23)*

E os números negativos, em agosto de 1980, também atingiram Minas Gerais. É que o secretário do Planejamento daquele Estado, Paulo Haddad, considerou que *"os índices de crescimento da economia mineira não contribuíram, para a melhoria*

(22) Declarações do técnico José Martins Amado, superintendente-adjunto de Planejamento da Sudene, em Seminário realizado em junho de 1980, sobre Desenvolvimento da Sudene.

(23) Deputado Federal Paulo Lustosa do PDS, no mesmo seminário.

da distribuição de renda, pelo contrário, se agravou a concentração já existente". Considerando dados fornecidos pelo **IBGE**, aquele homem público explicou que, *"enquanto, em 1960, os 50 por cento mais pobres participava de 18,77 por cento da renda, em 1970 ficaram com 14,45 e em 1978 com apenas 13,45 por cento".* Em contrapartida mostrou ainda que *"os 5 por cento mais ricos que em 1960 participavam com 29,30 por cento na formação da renda nacional, aumentaram essa participação para 37,83 por cento em 1978 e que esta constatação deixa de ser puramente econômica, já que as tensões sociais por ela provocadas se constituem numa séria ameaça à estabilidade social e às instituições vigentes".*

O quadro de fatos brasileiros é triste. Os jornais publicam quotidianamente por isto, também, notícias tristes.

No dia 28 de setembro de 1980, a **Folha de S.Paulo** noticiou que crianças pobres da capital de São Paulo, sem condições de freqüência, estavam invadindo escolas, mormente as da periferia, para furtarem das outras que lá estavam, que tinham algo, qualquer coisa que fosse.

A violência urbana e o crime se acentuam. Os presídios estão superlotados, e neles não existem ricos, ou pessoas da classe média ou trabalhadores com rendas condizentes, ou então com um certo grau mínimo de instrução.

A ânsia do consumismo retratada na televisão, a necessidade de alimentação, o fato de não se saber ler e nem escrever, atingem os que não podem ter nada, e que passam necessidades, e o desespero os leva ao caminho do crime.

No Grande Rio e na Grande São Paulo existem muito mais de cem mil mandatos de prisão – a maior parte por delitos patrimoniais – para serem cumpridos. Neste último Estado, existem a falta de mais de cem presídios, com capacidade de 500 internos cada um, conforme falou o ex-secretário da Justiça, Prof. Manoel Pedro Pimentel. (24) E o atual secretário da Segurança Pública, desembargador Octávio Gonzaga Júnior, desta mesma unidade da Federação, explicou em conferência, na Escola Superior de Guerra, que a *"inflação crescente contribui para gerar o desemprego, a fome e com isso o desespero das pessoas, que aderem ao crime"(25)*

MULTINACIONAIS E DESNACIONALIZAÇÃO

O Brasil não tem lei ou normas que obriguem as empresas multinacionais a publicarem informações precisas e não nebulosas sobre suas próprias ações e atividades.

Durante os últimos dez anos, o governo e entidades oficiais econômicas e financeiras nunca ligaram em apresentar mínimos detalhes sobre assuntos públicos, ligados à vida do país e tudo se escondeu. E muito menos se dá notícias referentes às multinacionais para que se possa realizar uma análise sobre seus efeitos dentro da economia brasileira.

Há que se considerar que a presença tão marcante das empresas multinacionais no Brasil trazem repercussões não apenas de natureza econômica, mas também sobre a própria natureza do sistema político. Há diversos indicadores que denotam as razões pelas quais os estrategistas de todos os passos mais importantes da vida institucional brasileira nos últimos anos, se preocupam em não ferir os interesses daquelas empresas. Ao contrário, as suas decisões tendem a ter o sentido de criar, no Brasil, o melhor ambiente institucional possível, para a realização de investimentos e de operações de comércio por parte daquelas empresas, muitas das quais tiveram ou têm, em seus quadros de diretores, pessoas chaves em postos governamentais.

(24) Jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 14 de outubro de 1980.
(25) Jornal *O Estado de S. Paulo*, edição de 8 de outubro de 1980.

Entre outras coisas, em fins de 1975, deputados do **MDB** que fizeram parte da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre multinacionais, apresentaram as seguintes conclusões:

"O governo não pode controlar o capital estrangeiro que dá entrada no país, porque não possui dados que lhe permitam acompanhar a atuação dos recursos externos nos vários setores da economia.

"Dentre as autoridades que prestaram depoimentos na comissão, nenhuma soube sequer informar quantas empresas nacionais, nos últimos anos, passaram ao controle do capital estrangeiro, embora, em tese, procurassem justificar o acontecimento. Além disso, as autoridades não sabem o número de brasileiros que, direta ou indiretamente, dependem da atividade das multinacionais, nem os custos sociais do seu capital. A contribuição atribuída ao capital estrangeiro, no sentido do desenvolvimento de nossa economia, não chega a corresponder, em verdade, aos prognósticos e avaliações otimistas de ponderáveis setores do governo. Como prova, eles dizem: A suposta contribuição de divisas, o aporte financeiro propriamente dito, não têm sido tão substancial como se afirma; a tecnologia nem sempre é efetivamente acrescentada aos recursos escassos e, quando o é, custa muito caro ao País; quando a imponderável contribuição da capacidade gerencial ou administrativa das multinacionais, está longe de ser comprovada a sua efetiva transferência para o sistema econômico nacional como um todo.

"A maior parte dos recursos, que constituem o patrimônio dessas companhias estrangeiras, foram captados em território brasileiro. A alegação de que elas permitem a transferência de tecnologia é contestada sob o argumento de que inibem e não estimulam **Know how** *próprio ao desenvolvimento.*

"A atitude dos últimos governos tem sido sempre a de considerar que ao Brasil cabe a concessão de vantagens crescentes para que elas aqui se instalem, adotando uma atitude de pedir investimentos quase de chapéu na mão, contrariando tudo o que vem sendo praticado em países subdesenvolvidos, com economias de características semelhantes às nossas."

O relatório do **MDB** deixou claro que as dificuldades econômicas atuais são decorrentes, em grande parte, do modelo de crescimento e do tipo de participação dessas corporações estrangeiras no perfil produtivo brasileiro.

"Com os dados fornecidos pelo Banco Central, constatava-se que a multinacional General Motors, cujo investimento é de 38 milhões de dólares e reinvestimento de 45 milhões, apresentou uma dívida junto a credores, no exterior, em junho de 1975, de 200 milhões de dólares, mais de um por cento de toda a dívida externa do Brasil.

"Mais de 80 por cento de todo o capital, sob controle estrangeiro, localiza-se na indústria de transformação, que é o setor de maior importância para a economia nacional, em termos de crescimento e de valor produzido. Nos sete últimos anos, conforme os dados, o investimento estrangeiro passa de uma participação de pouco mais de 10 por cento para uma participação de 35 por cento.

"O resultado de um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e apresentado à CPI mostrou que a maior participação das empresas multinacionais ocorre justamente nos setores produtivos que apresentaram

as maiores taxas de crescimento. Baseados no fato de que são dos setores produtivos, os grandes responsáveis pelas altas taxas de crescimento da economia e condicionam o desenvolvimento de outros setores. Parcela representativa da economia brasileira é controlada pelas empresas estrangeiras.

"O capital estrangeiro ganha terreno em relação ao capital nacional a cada ano que passa. Através das informações coletadas, junto aos órgãos oficiais, em apenas quatro anos, as empresas estrangeiras passaram de uma participação de 29 por cento sobre as vendas da indústria para uma participação de 43,5 por cento, com um acréscimo de exatamente 50 por cento. Esses dados revelam que as empresas multinacionais possuem uma participação nas vendas totais da indústria (43,5 por cento) mais do que proporcional à sua participação nos investimentos totais da indústria.

"No setor de material de transporte, as empresas estrangeiras controlam 90 por cento de todas as vendas; no setor de mecânica, controlam 0,8 por cento; no setor de material elétrico e de comunicações, controlam 61,5 por cento e no setor metalúrgico, controlam 54,4 por cento de todas as vendas.

"Através da análise de tabelas de classificação de entrada e saída de capitais estrangeiros, fornecidas pelo Banco Central, conclui-se que desde o início do século, o país recebeu 298,8 milhões de dólares, enquanto que nos últimos dez anos saíram 774,5 milhões, deixando um saldo negativo de aproximadamente meio bilhão de dólares."

Quem, na realidade, causa a grande dívida externa brasileira? São as empresas estrangeiras que, em seu conjunto, são maiores importadoras que exportadoras. E para as multinacionais, o Brasil é muito mais um mercado para absorver a produção de suas matrizes do que ponto de redistribuição de suas mercadorias, como se esperava, quando o governo lhe concedia facilidades fiscais de toda ordem. E isto foi o que se apurou por levantamento da **Cacex** em 1975, tendo surgido outros dados. As multinacionais eram responsáveis por mais de 50 por cento de déficit registrado no ano anterior, na balança comercial do país; cerca de 2,4 bilhões de dólares, num total de 4,5 bilhões, sua participação na dívida externa era superior a 20 por cento, devido à prática de disfarçar investimentos em empréstimos, para facilitar a remessa de lucros, sob a forma de juros em amortizações que, além de tudo, reduzem a parte tributável do lucro. Verificou-se ainda que as 10 maiores multinacionais instaladas no país – **Volkswagen, Rodhia, Esso, Pirelli, Firestone, General Eletric, Souza Cruz, Johnson & Johnson, Anderson Clayton e Light** – tinham enviado para fora do país, a títulos diversos, quantidade de capital bem superior a seus investimentos iniciais. A análise do setor eletroeletrônico indicava, ainda, em 1974, preponderantemente, devido à ação das multinacionais, que o Brasil despenderia de 3,5 dólares para exportar um.

O ex-ministro da Fazenda, Rischbiter, admitiu, pouco antes de deixar seu cargo, que *"dois terços da dívida externa do país são das multinacionais e um terço decorre da dívida pública, e estamos em grande dependência do capital estrangeiro, continuadamente."*

Até hoje, o Brasil ainda não votou nem ao menos um Código de Ética para as multinacionais, e não se possui diploma algum que regule o ingresso de recursos externos; e não há regras para se evitar que as multinacionais tomem conta do mercado. Segundo afirmações de um combativo deputado do então **MDB**, Hélio Duque *"o governo sempre resistiu a qualquer postura de regulamentação do capital estrangeiro na economia nacional"* e que *"as pressões partiram do general Golbery do Couto e Silva, chefe do gabinete Civil da Presidência da República"*. Um projeto de

lei que *"define o comportamento exigível às empresas que operam no território nacional, sob o controle do capital estrangeiro se encontra parado no Congresso Nacional."*

Este tema é sempre abordado e discutido por toda sociedade. A **Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base – (ABDIB)** – comenta o assunto e cada vez em tom mais cáustico:

"A empresa multinacional não traz tecnologia. Ocupa espaço e impede o desenvolvimento da tecnologia nacional, concorrendo deslealmente com as empresas locais. Ao invés de remeterem seus lucros para as matrizes, deveriam é pagar ao país por estarem aqui. É uma ilusão pensar que estão trazendo tecnologia". Esta manifestação foi referendada pela Embramec: *"É irrealista esperar que uma empresa estrangeira, radicada aqui, atinja o domínio tecnológico do produto a que se dedica, isto é, não se considera possível a eliminação da dependência tecnológica das subsidiárias com relação às suas matrizes instaladas no exterior."*

E o próprio presidente da **ABDIB**, o empresário Carlos Vilares, já declarou, em conferência, até na Escola Superior de Guerra, que *"é chegada a hora de reavaliar as contribuições e vantagens das empresas multinacionais para nossa economia, porque até hoje nenhum país do mundo conseguiu atingir o estágio de potência, com sua indústria e importantes setores de sua economia controlados por interesses externos."* Este industrial também declarou que *"a desnacionalização do setor de bens de capital já atingiu a faixa de 50 por cento."*

Os dados oficiais sobre as multinacionais são confidenciais, mas é certo que, em fins de 1977, 100 por cento do setor de máquinas de escritório era dominado pelas empresas estrangeiras; 99 por cento do mercado de fumo; 72 por cento do setor de aparelhos elétricos e material de comunicação; 69 por cento da área de borrachas e derivados; 69 por cento do setor de material de transportes; 60 por cento da mecânica; 52 por cento das empresas de comércio exterior; 43 por cento do setor de minerais não-metálicos; 41 por cento de vestuários e calçados e 87 por cento do setor farmacêutico (estes são os números oficiais). Mas como fruto de levantamento efetuado em 1974, admite-se que, em alguns setores, a participação das multinacionais cresceu substancialmente. Na área de produtos eletro-eletrônicos, por exemplo, a desnacionalização já teria atingido a faixa dos 90 por cento, acreditando-se em aumentos também no setor do comércio exterior e minérios.

No que concerne ao comércio externo, é de se refletir que, sendo 52 por cento estrangeiras, a comercialização externa da produção nacional já não é controlada pelo país.

Um outro industrial nacional, Luiz Biagi, da **Zanine**, que hoje está sendo processado por seus colegas, que lhe são antagônicos, por ocasião da discussão sobre o código de ética das multinacionais, disse acreditar que *"a economia brasileira chegou a um impasse e que, por ser altamente dependente de recursos externos, o país encontrará dificuldades para manter o seu ritmo de crescimento, sem que passe por um processo de desnacionalização, porque com a dívida externa elevada, sem dinheiro até mesmo para importar petróleo, necessitando de financiamento e recursos do exterior, ficará em situação difícil, e quem deve sempre é dirigido."*

Enquanto isto tudo ocorre, o governo estuda uma política mais liberal para a remessa de lucros das empresas transnacionais sediadas no Brasil, e isto porque a medida visaria à atração de novos investimentos estrangeiros.

O governo brasileiro vem praticando ainda uma desvalorização sistemática do cruzeiro, em relação ao dólar, mas isto vem beneficiando as multinacionais, como

bem explicou uma equipe de economistas da **Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais:**

"A maior aceleração na política de desvalorização do cruzeiro foi a forma encontrada para suportar as pressões externas contra a política de subsídios, que caracteriza o modelo exportador brasileiro.

"Quem, de fato, estaria sendo beneficiado com a política de incentivos e agora com a política acelerada da desvalorização do cruzeiro?

"Se analisarmos a pauta de exportação brasileira, vamos verificar que os principais produtos exportados estão nas mãos das empresas governamentais e multinacionais. É verdade que cresceu a participação de empresas genuinamente brasileiras no processo de exportação, mas esta participação ainda é pequena, em relação ao todo.

"Assim, as vantagens da desvalorização do cruzeiro, a par de recaírem também sobre o exportador nacional, recaem, em escala muito maior, em favor das multinacionais que podem realizar melhores negócios e auferir maiores lucros.

"Como corolário, vale indagar se a sociedade brasileira não estaria pagando um preço muito alto pelo protecionismo dado às exportações. De fato, quem vai arcar com as conseqüências é o mercado interno, principalmente o consumidor e a grande massa que vive de salários, que vêem, dia a dia, o dinheiro valer menos em suas mãos. De pouco adiantará ao consumidor tentar colaborar no combate à inflação, se não se consegue uma estabilidade da moeda, capaz de transmitir a confiança necessária a uma programação de gastos.

"Os beneficiados, com a desvalorização do cruzeiro, serão aqueles que irão receber mais cruzeiros por cada dólar trocado, ou seja, os exportadores ou investidores.

"O Brasil é um dos países que têm a mão-de-obra mais barata, em comparação com outros. Tem boas fontes de matéria-prima e razoável tecnologia. Estaria apenas no fator capital o grande impasse para a formação de preços competitivos no mercado internacional, ou estaria chegando a hora de abrirmos um pouco as importações para que pudéssemos melhorar a produtividade e a qualidade do produto?

"Não pretendemos discutir os benefícios que as exportações trazem ao País, pois são indiscutíveis. O que julgamos necessário é uma revisão na política de incentivos, de modo a que os benefícios gerados não se percam pela contra-partida de um sacrifício imposto à sociedade e, principalmente, à camada da população que pouco se beneficia com altos negócios do comércio internacional."

O físico e jornalista, Professor Rogério César de Cerqueira Leite, coordenador geral das Faculdades da Universidade Estadual de Campinas, Estado de São Paulo, em conferências e estudos, vem declarando que:

"Se o governo não adotar uma política rígida de proteção ao mercado, em menos de 20 anos, o Brasil não terá mais industrias nacionais. Os que dizem que há liberdade de mercado no país, estão mentindo. Na realidade, está ocorrendo uma colonização do Brasil, pelas multinacionais, porque o governo é inepto, não tem ação ou legislação que controle a vinda de multinacionais para seu território. Dados divulgados pelo Banco Central, apontam que o setor produtivo cresceu a média de 164 por cento entre 1973 e 1977, ao mesmo tempo que o Produto Nacional Bruto e a agricultura tiveram uma expansão de apenas 35 por cento.

"Assim, as multinacionais começam a se envolver no país, o que nos leva a afirmar que, em dez anos, 80 por cento do parque industrial será estrangeiro. O Brasil

precisa encontrar meios para defender sua indústria. Temos que fazer reserva de mercado para proteger os mais fracos, sem o que, a indústria nacional irá sucumbir. Se o cruzeiro caiu mais em relação ao dólar, o Brasil vai ficar baratinho, poderá ser comprado até por telefone. Precisamos começar a tomar atitudes sociais, no sentido de sabermos se é válido fazer uma cultura, criar um país, mas um grande supermercado, no qual não teremos laço algum. Vamos permitir que o país vire uma zona franca? Será melhor então não nos chamarmos brasileiros, mas multinacionais. É preciso ter coragem e falar, pensar se é válido formar uma Nação?"

E esta opinião muito abalizada é também o consenso geral de todos os que estudam este problema de magnitude importância para o futuro do Brasil.

O país vai assim se transformando em verdadeiro paraíso das multinacionais, que dominam nossa economia como bem entendem.

Até no setor de prestação de assistência médica as multinacionais estão penetrando. A **American Medical International**, a **Halt Care** e outras empresas estrangeiras estão usando no Brasil a doença como objeto de lucro e manutenção de um sistema que favorece as multinacionais na área de farmácia e equipamentos hospitalares.

Um livro **Ditadura dos Cartéis**, de autoria do industrial brasileiro Kurt Mirow, editado pela Civilização Brasileira, em 1977, causou grande celeuma, pois foi, de início, apreendido e enquadrado o seu autor e o editor Enio Silveira na **Lei de Segurança Nacional**. Só depois de quase dois anos é que nossos tribunais o liberaram. É um livro de relevante interesse para o país, pois reforça a segurança nacional pelo esclarecimento da opinião pública, sobre escusas dos cartéis internacionais, em detrimento de nossa economia. A partir de denúncias de Mirow, um órgão estudioso da atuação das multinacionais no Brasil, o **Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE)**, do Ministério da Justiça, realizou investigações preliminares, decidindo abrir processo, para apurar a ação de um cartel multinacional, no setor eletro-eletrônico, da indústria brasileira. Entre as firmas indiciadas figuram a **Siemens, AEG, Telefunken, Westhinghouse, General Electric, Asea Eletrica, Toshiba, Hitachi e Brown Boveri.**

Desnacionalização: crime contra o Brasil: bradou o deputado Rubens Medina, traduzindo dados e afirmações em livro publicado em 1970, pela Editora Saga. Daí para frente, as aquisições de empresas brasileiras por grupos multinacionais não pararam.

Um combativo ex-deputado da oposição brasileira, Alencar Furtado, teve destacada atuação neste problema brasileiro de multinacionais, sendo dele este pronunciamento, entre inúmeros outros:

"Desenvolvimento não é norma setorial de crescimento, mas forma global de progresso. Áreas cresceram outras definharam, setores desenvolveram, outros empobreceram. O progresso não era nosso, era alheio; os recursos também eram. Daí o lucro ter regressado aos países investidores, com duzentas, mil vezes mais do que o capital investido, além de terem as empresas estrangeiras dominado, com ânimo definitivo os campos mais rentáveis e de importância estratégica da economia nacional.

"A Esso investiu no Brasil 1,8 milhão de dólares e já remeteu para o exterior 44,5 milhões de dólares. A Souza Cruz investiu 2,5 milhões de dólares e já mandou para o exterior 82,3 milhões de dólares. A Firestone investiu 4,1 milhões de dólares e já expatriou 50,2 milhões de dólares. A Volkswagen investiu 119,5 milhões de dólares e remeteu 279,1 milhões de dólares. A Johnson & Johnson investiu 0,7 mi-

lhões de dólares e já remeteu 22,7 milhões de dólares. A General Electric investiu 13,9 milhões de dólares e enviou para o exterior 23,7 milhões de dólares. A Rhodia investiu 14,3 milhões de dólares e remeteu 60,6 milhões de dólares. (Dados do Banco Central).

"Nos últimos 15 anos, 'mais de 15 ministros da república eram também testas de ferro' de empresas estrangeiras; o território nacional "jarizou-se" ficando mais de um quinto em mãos estranhas; a desnacionalização cultural se exibe fagueira e há toda uma política entreguista e colonizadora nomeando ministros, sustentando ministros ou demitindo ministros.(26)

"Não foi por aquele programa de rádio e televisão, em julho de 1977, que fui cassado. Eu já estava marcado para isso, o programa foi apenas a gota d'água. Depois que passei à presidência da CPI das multinacionais, tornei-me um elemento de alta periculosidade, tanto para as multinacionais como para as autoridades do governo envolvidas em corrupção."

O monopólio estatal do petróleo, no Brasil, está sendo furado de diversas maneiras, inclusive pelos chamados contratos de riscos e outros problemas. O absurdo neste setor é, que a distribuição, a comercialização do ouro negro, um ramo rentável e específico tem ainda a participação de companhias estrangeiras. E estas querem também entrar no programa do álcool carburante.

O propalado mar territorial de 200 milhas, tão cantado e tão defendido pelo próprio governo, diante da pressão de diversos países e de algumas multinacionais, está sendo reduzido às minguadas 12 milhas.

VOLTA ÀS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

O Brasil, mormente na região da Amazônia Legal, está voltando ao sistema das capitanias hereditárias. (27) São os imensos, incalculáveis e intocáveis latifúndios que pouco ou nada produzem e que servem mais para fins especulativos e predatórios.

Esta modalidade de propriedade que era feudatária, foi criada por lei, para evitar ataques, invasões e posse por parte dos estrangeiros, e oficial e definitivamente extintas no Brasil, em 1759, pelo Marquês de Pombal; e agora, mais de três séculos depois, voltaram, mas sem leis, sem normas, sem nada, e pelo contrário, para se favorecer principalmente os estrangeiros. O governo, a partir de 1966, doando, vendendo a preços irrisórios, facilitando a grilagem para aumentos de áreas, colocou à disposição dos novos donatários, que doravante passaram a ser chamados de latifundiários, grandes proprietários, fazendeiros ou empresários, elevados favores e incentivos fiscais, creditícios, políticos e econômicos.

A situação é sui generis nas novas capitanias hereditárias. Os que lá estão querendo trabalhar, querendo produzir, não são os donos da terra, e os grandes ausentes e como tal, não trabalhando lá, são os seus potentados e possuidores.

E está provado que as pequenas propriedades produzem relativamente muito mais que os latifúndios. E não são ineficientes ou de baixa produtividade, como alguns adeptos das grandes propriedades querem crer. As chácaras e os sítios utilizam mais intensamente a terra e a mão-de-obra, e têm um nível de investimento e uma renda bruta, por unidade de área, sempre maior que a grande propriedade. Ressalta-se ainda que os imóveis rurais, com área inferior a 50 hectares, representando menos de 11 por cento da área total do país, são responsáveis por 44 por cento dos produtos básicos para alimentação; 38 por cento dos produtos de transformação industrial e por 48 por cento dos produtos hortifrutícolas.E é na agricultura que mais se destrói o mito de que o maior é o melhor.

É de se citar ainda que estas pequenas unidades respondem pela produção de 64 por cento do milho; 72 por cento do feijão; 78 por cento da mandioca; 43 por cento do arroz; 58 por cento do algodão; 40 por cento da soja e 31 por cento do trigo. (28)

E estes fatos ganham evidência e certa importância se se considerar que as grandes propriedades são as mais favorecidas pela política agrícola vigente e pela tecnologia disponível.

Na Amazônia Legal, o governo chegou a dar algumas migalhas de terras aos lavradores, muito poucas, mas o grosso, o melhor e o extenso, aos poderosos do dia. (29)

Os conflitos de terras se multiplicam. Os camponeses não têm onde plantar. O poder público perdeu o controle da questão agrária, a despeito da grande multiplicação dos grandes latifúndios e empresas, ou o que quer que seja, protegidos economica e politicamente por esse mesmo poder estatal.

"É o homem sem terra que chega todos os dias para os lados do oeste amazônico, à procura de um pedaço de chão para plantar e viver: o lavrador pobre, vindo principalmente do Sul, onde o progresso valorizou cada metro da terra. Sem chances de, um dia, comprar alguns alqueires para si, este homem lança-se à aventura de colonização da Amazônia. Parte em busca das 'terras de graça', dadas pelo governo, de que ouve falar. Leva muitos filhos e nenhum dinheiro. Os mais afortunados conseguem um lote do INCRA, que só começarão a pagar quando as suas terras estiverem produzindo. Mas nem todos têm sorte.

"A política governamental de colonização adotada colocou, sob uma perspectiva muito especial, a questão da terra. No Nordeste, não se fez reforma agrária, nem se buscou uma solução para garantir a posse e o uso da terra, para trabalhadores rurais e seus familiares. Assim, no Nordeste, a política de provocar a saída das "multidões famintas' foi um modo de garantir a estrutura fundiária prevalecente. Portanto, o governo não tocou nos interesses dos latifundiários, fazendeiros e usineiros, que eram o seu sustentáculo econômico e político. Ao mesmo tempo, o governo muitas vezes fechou os olhos às ações dos grileiros, latifundiários, fazendeiros ou empresários, que expulsavam os posseiros e os indígenas das suas terras. Mais que isso, muitas vezes o poder público federal, estadual e municipal, agiu de modo a favorecer e garantir o latifundiário e o empresário, em detrimento de indígenas e posseiros. Assim, o que está em causa, na política governamental de colonização, nos anos 1964-78, é também a ampla e acelerada transformação de terras devolutas, tribais e ocupadas, em propriedade privada de latifundiários e empresários, nacionais e estrangeiros".(30)

"A política de colonização oficial e particular, conforme ela foi formulada e posta em prática nesses anos, teve a conotação de uma contra-reforma agrária. No

(26) O Deputado Federal Álvaro Dias (PMDB-PR) em discurso na Câmara, em 19 de junho de 1980, afirmou que: "*É comum ministro ou ex-ministros serem diretores ou diretores licenciados, acionistas ou conselheiros de empresas estrangeiras. A galeria desses homens não é pequena: Golbery, Ueki, Delfim, Roberto Campos, Amaury Stabile, Simonsen, Breno Borges Fortes e outros.*"

(27) As capitanias hereditárias foram, pela primeira vez, aqui instituídas, em 1534, pelo rei de Portugal D. João III, 34 anos após o descobrimento do Brasil.

(28) Dados expostos pelo próprio Ministério da Agricultura, em 1979.

(29) A Amazônia Legal compreende os territórios de Rondônia, Amapá e Roraima; os Estado do Acre, Pará e Amazonas; parte do Maranhão e o norte dos Estados de Goiás e Mato Grosso.

(30) Valdir Sanchez, "Os Novos Colonos", *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 de janeiro de 1977.

Nordeste, na Amazônia, no Oeste e em outras partes do País, as burguesias de base rural, que apoiaram maciçamente o Golpe de Estado de 1964, para evitar precisamente qualquer reforma agrária, continuaram a pressionar o poder estatal, no sentido de desenvolver uma política agrária de contra-reforma. Nas diversas regiões do país, a questão da reforma agrária se colocava como necessária, ainda que com distintas definições, devido às características da estrutura fundiária e das relações capitalistas de produção em cada caso. Ao mesmo tempo, a Amazônia se apresentava como uma região imensa de terras-do-sem-fim virgens, devolutas ou indígenas. Sob vários aspectos, no contexto das desigualdades e contradições sociais, desenvolvidas nas várias regiões e no conjunto do País, a reforma agrária brasileira poderia ter por base, ainda que não exclusiva, as terras-do-sem-fim da Amazônia. Mas o que prevaleceu foi o interesse econômico e político da grande empresa, do capital monopolista, que passou a estender-se por essa região, com ampla proteção econômica e política do Estado. Assim se definiram as condições de uma política governamental de colonização oficial e particular, que se concretizou como uma contra-reforma agrária." (31).

Melhor explicando a posse, na relação dos latifundiários do Nordeste: a maioria dos que possuem terras são os detentores do poder, na região, e suas áreas são as mais extensas, os prefeitos, os deputados, os secretários, os altos funcionários e até governadores (por si ou seus prepostos).

O governo não quer saber de recomendações, nem de importantes e insuspeitos órgãos técnicos internacionais como **FAO, BIRD,** etc... que propõem urgente reforma agrária no Brasil. Não se criam fazendas coletivas estatais, não se instituem cooperativas de trabalhadores para a produção, não se dão e nem se vende pequenos ou médios lotes de terras.

Para se fazer a reforma agrária, faltam apenas vontade e decisão política. Pois terra é o que existe de sobra: em 1976, conforme dados do próprio **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)** havia, no Brasil, 97,8 milhões de hectares de terras boas, sem utilização!

Mas neste ponto, convém lembrar que o governo tem medo, e tem que ser reconhecido, pois em 1964, o sistema que se implantou e derrubou João Goulart teve um decidido apoio e aplausos da alta classe agrária, que ficou apavorada pelas tímidas disposições legais de cunhos pequenos e remendos reformistas para a sociedade rural, tentada por Jango.

Segundo estimativas gerais, há no País 10 milhões de famílias que necessitam de terras para terem condições de progresso social e econômico. Esse número aumenta a cada ano, o que significa que estamos criando uma população rural marginalizada que, quando tiver consciência da sua situação, poderá reagir da maneira mais inesperada possível. Além disso, essa população marginalizada não participa da vida social e econômica do país, ou melhor, não produz e não consome a produção industrial brasileira. Só há um meio para extinguirmos esse mal social: propiciando o acesso à propriedade da terra ou um trabalho regular na terra.

Sem crédito, sem assistência, ou simplesmente sem terra nenhuma, o trabalhador rural transformou-se no bóia-fria, um exército que cresce sem parar, dia a dia, e nesta marcha, até o final da década, haverá mais de 14 milhões de camponeses sem terra.

Não há estatística real, mas o cálculo feito pela **Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)** acusa que, atualmente, é de sete milhões

(31) Octávio Ianni, *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*, págs. 41, 43 e 44. Editora Vozes, Petrópolis, 1979.

o número de bóias-frias em todo o Brasil, sendo que, além destes, apenas 1,2 milhões conta com empregos permanentes na zona rural, com direito aos benefícios previstos na legislação trabalhista.

"A terra é um bem de produção e não simplesmente um bem de comércio ou patrimonial. A legislação brasileira ainda não incorporou este conceito, apesar dele ter sido formulado já na antiguidade. Somente o trabalho do homem sobre a terra legitima sua propriedade, e leis medievais devem ser eliminadas, como as que regulam a posse da terra". (32)

Nega-se terra ao camponês brasileiro, mas não às multinacionais que penetram fundo na propriedade dos latifúndios. Os estrangeiros, ao que parece estão acatando o chamado **Pulo do Gato,** ensinando por um nosso ex-ministro da Agricultura, em 1975, num Congresso realizado em Salzesburgo, na Áustria. Foi um episódio altamente depreciativo para o Brasil, onde a autoridade em questão estava oferecendo terras aos estrangeiros, e ensinou a estes como adquirir grandes extensões de glebas, já que a lei limitava as áreas. Afirmou que poderiam ser arrumados testas de ferro ou terceiros ou parentes, que comprariam terras próximas, e no final, a quantidade seria grande, e naturalmente foram oferecidos todos os incentivos e facilidades. A aula teve o título bombástico de **O Pulo do Gato,** mas foi um espetáculo deprimente.

Não se sabe hoje ao certo, mas as estimativas mais acuradas são de que as multinacionais já são seguramente donas de um por cento da zona rural brasileira, cerca de 12 milhões de hectares, sendo que possuem nove por cento da área dos 332 imóveis que têm mais de 50 mil hectares de terras.

Apenas 1,7 por cento de proprietários detêm hoje 52 por cento das terras do Brasil, e 10 por cento já estão titulados em nome de capitais estrangeiros.

Em todos estes dados não está incluída uma quantidade ponderável de terras de estrangeiros, que estão em mãos de testas-de-ferro nacionais. Mas como justificar o interesse estrangeiro, em terras brasileiras, que estão quase inteiramente ociosas? Seriam apenas reservas para produção agrícola posterior? Ou representariam uma reserva para provimento de recursos minerais cada vez mais escassos no mundo capitalista industrializado?

"A penetração do imperialismo na Amazônia e em outras regiões do Brasil tem sido tão escandalosa, que de vez em quando alguma personalidade do círculo das classes dominantes manifesta publicamente sua preocupação estranhada. Às vezes o que está em questão é uma espécie de nacionalismo. Outras, o que se põe, é a conveniência de renegociar as relações das classes dominantes com o imperialismo. Ocorre que a penetração é uma das manifestações do imperialismo no conjunto da economia brasileira. O mesmo modelo econômico brasileiro (adotado desde 1964), que transformou o Brasil, ainda mais do que antes, num vasto enclave do imperialismo, esse mesmo modelo criou as condições para recriação e dinamização do enclave imperialista na região. Desde 1964, a Amazônia e o conjunto da sociedade brasileira passaram a ser campo de uma fase especialmente agressiva e repressiva do desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo monopolista. A ocupação de terras por estrangeiros chegou a 36,8 por cento no Amapá, mais de 10 por cento na Bahia, e em Minas Gerais apenas uma empresa estrangeira, ligada à comercialização de carne bovina, ocupa cerca de 5 por cento do Estado." (33)

(32) Fernando Pereira Sodero, professor de Direito Agrário na Universidade de São Paulo. Afirmações feitas por ocasião da comemoração do 15º aniversário do Estatuto da Terra, criado em 1964.

(33) Octávio Ianni: *Ditadura e Agricultura*, Editora Civilização Brasileira, 1979, págs. 126 e 127.

É por todas essas mazelas que o Brasil está pensando em fazer controle de natalidade, manda vir do exterior leite em pó, não se produz arroz e feijão e até milho, em quantidades suficientes, e há importação destes alimentos do Paquistão, do México e dos Estados Unidos, havendo uma carência de 1400 toneladas de carnes para o consumo interno, e ocorre a especulação nas grandes áreas financeiras e de comercialização de alimentos, responsáveis em boa parte pelo processo inflacionário. Sem se falar na tradicional importação do trigo. Um número imenso de multinacionais participam e mandam no mercado agro-industrial. Ditam preços, auferem os lucros que querem, e sempre altíssimos. Manobram a bel prazer vastos setores de máquinas agrícolas, adubos, rações, sementes, matrizes avícolas, defensivos, fumo, cigarros, alimentos, chocolates, laticínios, chá, café solúvel, cacau, bebidas, embalagens de papel e outros.

"Com a instalação das fábricas de tratores, fábricas de máquinas e implementos agrícolas mais sofisticados, complementava-se a cadeia, mediante a qual as indústrias supridoras e as indústrias processadoras passavam a controlar, pelos dois lados, a atividade agropecuária do Brasil. Estava assim, definitivamente, montado no país o poderoso complexo agroindustrial. As subsidiárias de multinacionais atuam no mercado em condições de monopólio ou de oligopólio, o que torna o seu domínio, dentro do complexo agroindustrial, ainda mais completo." (34)

A 18.ª Assembléia Geral da Confederação Nacional dos Bispos no Brasil posicionou sobre a questão das terras, e entre outras coisas, o documento salientou:

"A situação dos que sofrem por questão de terra em nosso país é extremamente grave. Ouve-se por toda a parte o clamor deste povo sofrido, ameaçado de perder a sua terra ou impossibilitado de alcançá-la.

"O Censo Agropecuário de 1975 revelou que 52,3 por cento dos estabelecimentos rurais do País têm menos de 10 ha. e ocupam tão somente a escassa área de 2,8 por cento de toda a terra possuída. Em contrapartida, 0,8 por cento dos estabelecimentos têm mais de 1000 hectares e ocupam 42,6 por cento da área total. Mais da metade dos estabelecimentos agropecuários ocupa menos de 3 por cento da terra e menos de 1 por cento dos estabelecimentos ocupa quase metade.

"Se levarmos em conta que, provavelmente, muitos dos grandes proprietários têm o domínio de mais de uma propriedade, estaremos em face de uma concentração fundiária ainda maior. Além disso, a propriedade da terra vem-se tornando inacessível a um número crescente de lavradores que delas necessitam para trabalhar e não para negociar.

"Os estabelecimentos registrados nos dados censitários incluem os que são dirigidos por proprietários e os que são dirigidos por lavradores que não têm a propriedade da terra: arrendatários, parceiros autônomos e posseiros.

"Em 1950, apenas 19,2 por cento dos lavradores não eram proprietários dos seus estabelecimentos rurais. Em 1975, essa porcentagem tinha subido para 38,1 por cento. Em 1950, para cada lavrador não proprietário havia 4,2 que eram proprietários. Em 1975, para cada lavrador não proprietário havia apenas 1,6 proprietários.

"Esses números constantes dos censos oficiais, não incluem aqueles que são trabalhadores rurais propriemante ditos e, portanto, sem terra, assalariados permanentes, assalariados temporários, parceiros subordinados, mas somente os responsáveis pelos estabelecimentos.

"Se analisarmos a situação com relação aos pequenos produtores agrícolas, verificaremos que ela é ainda mais grave. Em 1975, para cada lavrador proprietário havia um não proprietário da terra, no que se refere aos estabelecimentos com menos de 20 ha. Se nos limitarmos aos estabelecimentos com menos de 10 ha. que constituem mais da metade das unidades de produção do País, notaremos que em cada lavrador proprietário, há 1,3 lavradores não proprietários. Desde 1950, vem-se agravando essa proporção, o que indica que um número crescente de lavradores não tem terra e, para consegui-la, deve pagar renda ou é forçado a invadi-la.

"Além disso, devemos considerar os milhares de lavradores que tiveram de sair da terra, seja terra própria, seja terra arrendada, seja terra ocupada. Entre 1950 e 1970, as oportunidades de trabalho para terceiros, na agropecuária, assalariados e parceiros subordinados, caíram em cerca de um milhão e meio de empregos.

"O estrangulamento da pequena agricultura, por sua vez, está intimamente associado à expansão das pastagens e à política inadequada de reflorestamento. Em 1970, os estabelecimentos agropecuários com mais de 20 ha. tinham 50,6 por cento da sua área tomados por pastos e apenas 8,5 por cento, por lavouras. Já os pequenos produtores, com estabelecimentos de menos de 20 ha. dedicam 50,1 por cento de suas terras à lavoura e 21,1 por cento à pecuária.

"Além do mais, a política de distribuição do crédito beneficia os grandes, mais do que os pequenos, embora mais numerosos.

"De modo especial, lembramos a triste situação em que se encontra o trabalhador rural do Nordeste. Duas décadas de intervenção governamental, através do Dnocs e Sudene, *naquela região, com o objetivo de superar o desequilíbrio sócio-econômico resultaram em benefício dos grandes proprietários, em detrimento dos trabalhadores rurais. A estrutura fundiária nordestina agravou a situação de opressão e escravidão. O mesmo risco, correm projetos semelhantes, destinados a outras regiões.*

"A política de incentivos fiscais é uma das causas fundamentais da expansão das grandes empresas agropecuárias à custa e em detrimento da agricultura familiar. Até julho de 1977, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia havia aprovado 336 projetos agropecuários, nos quais seriam investidos 7 bilhões de cruzeiros. Dessa importância, apenas 2 bilhões correspondiam a recursos próprios das empresas, enquanto os restantes 5 bilhões, mais de 70 por cento do total, eram provinientes dos chamados incentivos fiscais.

"A política de incentivos fiscais desvia dinheiro de todos para uso de uma minoria, não atendendo às exigências do bem comum. Esse dinheiro deixa de ser aplicado em obras de interesses públicos para ser desfrutado, como coisa própria, pela grande empresa. Embora se reconheça oficialmente que a maior parte da alimentação em nosso país provém dos pequenos produtores, até hoje não se promoveu uma política de incentivos fiscais, ou de renda em seu favor. Essa política revela o Estado comprometido com os interesses dos grandes grupos econômicos.

"Essa orientação oficial estimulou a entrada da grande empresa no campo. Um vultuoso programa oficial, o Proálcool, baseado em subsídios governamentais, já está aumentando a concentração da terra, a expulsão de lavradores, quando poderia ser uma oportunidade previlegiada para uma redistribuição de terras.

"A política de incentivos, na Amazônia, não aumentou a produtividade das grandes fazendas de gado, que apresentam uma taxa de utilização da terra inferior à dos pequenos produtores. Conclui-se daí que, por ora, os grandes grupos econômicos apenas visam beneficiar-se dos incentivos fiscais.

(34) Esta citação é do professor Alberto Passos Guimarães, autor dos mais importantes trabalhos sobre o problema da terra no Brasil: *Quatro Séculos de Latifúndio* e *A Crise Agrária*, ambos editados pela Paz e Terra, Rio de Janeiro.

"Há, no país, milhões de migrantes, muitos dos quais obrigados a sair do seu lugar de origem, ao longo dos anos, devido principalmente à concentração da propriedade da terra, à extensão das pastagens e à transformação nas relações de trabalho na lavoura. Sem contar os milhares de migrantes que, com extensão de migração interna se têm dirigido aos países vizinhos.

"Uma grande parte dos lavradores migrou para as grandes cidades à procura de uma oportunidade de trabalho, indo engrossar a massa marginalizada que vive em condições sub-humanas nas favelas, invasões e alagados, em loteamentos clandestinos, cortiços e nas senzalas modernas dos canteiros de obras da construção civil. O desenraizamento do povo gera insegurança, pelo rompimento dos vínculos sociais e perda dos pontos de referências culturais, sociais e religiosas, levando à disperção e à perda de identidade.

"Outra parte se dirige às regiões agrícolas pioneiras à procura de terras. Entretanto, com freqüência, sua tentativa de fixar-se à terra choca-se contra uma série de barreiras: dificuldades para obter o título definitivo da terra, no caso de compra; a falta de apoio ou o próprio fracasso das companhias colonizadoras: nova expulsão da terra, ante a chegada de novos grileiros ou de reais ou pretensos proprietários.

"Em quase todas as unidades da Federação, sob formas distintas, surgem conflitos entre, de um lado, grandes empresas nacionais e multinacionais, grileiros e fazendeiros e, de outro, posseiros e índios. Violência de toda a ordem se cometem contra esses últimos para expulsá-los da terra. Nessas violências, já se comprovou, amplamente, que estão envolvidos desde jagunços e pistoleiros profissionais, até forças policiais, oficiais de Justiça e Juízes. Não raro, observa-se a anomalia gravíssima de composição de forças de jagunços e policiais, para executar sentenças de despejo.

"A responsabilidade do próprio povo trabalhador poderá estar na falta de maior união e organização. Por outro lado, o povo tem sido impedido de participar e decidir dos destinos do País.

"A responsabilidade maior cabe aos que montam e mantêm no Brasil um sistema de vida e trabalho que enriquece uns poucos às custas da pobreza ou da miséria da maioria. A injustiça que cai sobre os posseiros, os índios, e muitos trabalhadores rurais não é apenas ação de um grileiro e seus capangas, de um delegado e seus policiais, de um Juíz e seus Oficiais de Justiça, de um cartório e seu escrivão, é, antes, a concretização localizada da 'injutiça institucionalizada', de que fala o documento de Puebla.

"Isto acontece, quando a propriedade é um bem absoluto, usado como instrumento de exploração. Essa situação tornou-se exacerbada, com o caminho do desenvolvimento econômico, que vem sendo percorrido em nosso país, escolhido sem a participação popular. O modelo de desenvolvimento econômico adotado favorece o lucro ilimitado dos grandes grupos econômicos. Técnicas mais modernas foram incorporadas em muitos setores de produção, à custa de forte dependência externa, no que se refere à tecnologia, ao capital e à energia. O rápido crescimento da dívida externa, que, segundo se anuncia, chega a 50 bilhões de dólares, representa um débito correspondente a cerca de oito salários mínimos, para cada brasileiro em média, inclusive aqueles que estão fora da força de trabalho, como é o caso de crianças. velhos e inválidos, e incluindo aqueles que, embora trabalhando, jamais receberam sequer o salário mínimo por seu trabalho.

"Essa dívida, cuja existência e crescimento, tem sua raiz na nossa dependência, em relação ás multinacionais, agrava poderosamente as condições de vida e de trabalho da população rural, pois sobre a agricultura recaiu grande parte desse pesado tributo.

"Intensificaram-se exportações sem a contrapartida de um volume crescente, na mesma proporção de mercadorias importadas ou disponíveis para o consumo ou investimento. Excedentes agrícolas têm sido extraídos à custa da redução das condições de vida dos lavradores. Com incentivo oficial, áreas de lavoura transformaram-se em pastagens. Programas de colonização, como da Transamazônica, praticamente desativados, passaram a segundo plano, em favor da pecuária extensiva.

"O desejo incontrolado de lucros leva a concentrar os bens produzidos com o trabalho de todos nas mãos de pouca gente. Concentram-se os bens, o capital, a propriedade da terra e seus recursos, concentrando-se ainda mais o poder político, num processo cumulativo, resultante da exploração do trabalho e da marginalização social e política da maior parte do nosso povo.

"Estamos diante de um amplo processo de expropriação dos lavradores, levada a efeito por grupos econômicos. Lamentavelmente, a própria definição da política governamental, em relação aos problemas da terra, fundamenta-se num conceito de desenvolvimento social inaceitável para uma visão humanista e cristã da sociedade.

"Não se pode aceitar que os objetivos econômicos, mesmo numa certa fase do desenvolvimento, sacrifiquem o atendimento das necessidades e dos valores fundamentais da pessoa humana, como dá a entender o documento do ministro da Agricultura, que fixou as diretrizes para o setor agrícola (documentação publicada pelo Estado de São Paulo, *de 19.08.70).*

"A política dos incentivos fiscais deu ocasião à especulação fundiária e aos grandes negócios, com a propriedade da terra.

"Onde a expropriação não corre diretamente, nem por isso a grande empresa deixa de se fazer presente, estrangulando economicamente os pequenos lavradores. Dados do Ministério do Interior, recolhidos no posto de migração de Vilhena, em Rondônia, mostram que os milhares de migrantes chegados àquele território procedem de áreas de pequena lavoura de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina, principalmente. Milhares de pequenos agricultores têm-se deslocado do Rio Grande do Sul, em direção ao Mato Grosso. Em virtude do escasseamento e do preço exorbitante da terra nos seus lugares de origem, esses agricultores não têm condições de ampliar suas próprias oportunidades de trabalho e de garantir a seus filhos que crescem e constituem família, a possibilidade de continuarem na lavoura. Só lhe resta migrar.

"Em grande parte, a falta de recursos para cobrir o preço da terra, nas regiões de origem desses migrantes, vem do fato de que os rendimentos do seu próprio trabalho agrícola são amplamente absorvidos pelas grandes empresas de que se tornaram fornecedoras, que estão criando mecanismo quase compulsório de comprometimentos e comercialização de safras. Nesses casos, embora as grandes empresas não expropriem diretamente o lavrador, subjugam o produto de seu trabalho. Têm sido assim com os grupos econômicos envolvidos na industrialização de produtos hortigranjeiros e outros. Na verdade, os lavradores passam de fato a trabalhar como subordinados dessas empresas, nos chamados 'sistemas integrados', embora conservando a propriedade nominal da terra. Só que, nesse caso, a parcela principal dos ganhos não lhes pertence.

"É necessário considerar, também, a prática sistemática do atravessamento na comercialização dos produtos agrícolas. Em muitos produtos destinados ao consumo urbano, como acontece com os gêneros alimentícios essenciais, os setores comerciais intermediários – transportadores, atacadistas e varejistas – costumam deter, não raro, mais de 50 por cento do preço final pago pelo consumidor.

"Não se pode esquecer, ainda, de um certo caráter perverso no mecanismo de preços de gêneros alimentícios de origem agrícola. O alimento considerado caro pelo consumidor urbano, e que o produtor agrícola considera barato e insuficientemente pago pelo comprador, beneficia ainda uma outra categoria econômica. Na verdade, o custo dos alimentos consumidos pelo trabalhador urbano é caro, em face do salário baixo por ele recebido, mas é barato para o patrão, que emprega o seu trabalho. Aquilo que falta no pagamento dos produtos do trabalho do lavrador aparece, de fato, como mão-de-obra barata na contabilidade e no lucro da empresa nacional e multinacional.

"Quando o lavrador compra alguma coisa produzida pela indústria – como o adubo, o inseticida, a roupa, o calçado, o medicamento – paga caro, em comparação com os seus próprios ganhos; quando vende o seu produto, que vai ser consumido na cidade, só consegue vendê-lo barato, em comparação com os lucros da grande indústria beneficiada pelo barateamento do preço da força de trabalho. Estamos diante de uma clara transferência de renda de pequena agricultura, produtora da maior parte dos alimentos, para grande capital. Mecanismo semelhante opera no caso do confisco cambial.

"Os que não conseguem resistir a essas diferentes pressões e agressões, não conseguem continuar como posseiros, colonos, parceiros, arrendatários, moradores e transformam-se em proletários, em trabalhadores à procura de trabalho não só no campo, mas também na cidade. É sabida a situação dos trabalhadores avulsos em amplas regiões do País, conhecidos como bóias-frias em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Goiás; ou como 'clandestinos' em Pernambuco; ou 'volantes' na Bahia e em outras regiões. As oportunidades de emprego para esses trabalhadores são sazonais, o que os impede de trabalhar todos os meses do ano. Para atenuar as dificuldades que enfrentam, aceitam deslocar-se para grandes distâncias, levados pelo 'gato', longe da família, sem qualquer direito trabalhista assegurado. Trabalhadores de São Paulo são encontrados, em certas épocas do ano, trabalhando no Paraná ou em Minas Gerais.

"Mais grave ainda é a situação dos peões na Amazônia-Legal. São trabalhadores sem terra, recrutados pelos "gatos" em Goiás, no Nordeste e mesmo em São Paulo e depois vendidos como uma mercadoria qualquer aos empreiteiros encarregados do desmatamento,

"O 'gato' como é conhecido em amplas regiões, opera como um agenciador de trabalhadores. Geralmente possui ou aluga um caminhão para transportar os pêes, recrutando-os sob promessa de salários e regalias que não serão cumpridas. Como não há nenhuma fiscalização, quanto mais os trabalhadores se aproximam do local de trabalho, mais longe fica de qualquer proteção ou garantia, quanto aos seus direitos trabalhistas. Não é diferente a situação de muitos trabalhadores rurais, nas outras regiões do País, quanto a estes direitos.

"Justifica-se a venda de pêoes, pelas dívidas que o trabalhador é obrigado a contrair, durante a viagem, como a alimentação e o próprio transporte. A dívida é transferida do 'gato' ao empreiteiro, que em nome dela, escraviza o peão enquanto dele necessitar. Os policiais, os donos de 'bolichos' e os donos de pensões nos povoados sertanejos, estão quase sempre envolvidos nesse tráfico humano. Quando o trabalhador tenta fugir, é quase sempre castigado ou assassinado em nome do princípio de que se trata de um ladrão – está tentando fugir com o que já pertence ao empreiteiro que o comprou: a sua força de trabalho.

"Direitos conquistados penosa e legitimamente ao longo da nossa história, consubstanciados em muitas de nossas leis – como é o caso das garantias fundamentais da pessoa, a igualdade jurídica dos cidadãos, a previdência social, as ga-

rantias trabalhistas e a própria legislação fundiária – têm sido precariamente observados, sobretudo em relação aos bóias-frias, aos posseiros, arrendatários, parceiros, pêoes, seringueiros, pescadores, garimpeiros e carvoeiros.

"Assim Pio XII denuncia o capitalismo agrário que expulsa do campo os humildes agricultores; forçados a abandonar sua terra, em troca de ilusões e frustrações no meio urbano. 'O capital se apressa a apoderar-se da terra . . . que se torna, assim, não mais objeto de amor, mas de fria especulação. A terra, nutriz generosa das populações urbanas, como das populações camponesas, passa a produzir apenas para esta especulação e enquanto o povo sofre fome, o agricultor oprimido de dívidas, caminha lentamente para a ruína, a economia do país se esgota, para comprar a preços elevados o abastecimento que se vê obrigado a importar do exterior' (Al particolare compiacimento, *alucução aos membros do Congresso da Confederação Italiana dos Agricultores, 15 de novembro de 1946 n. 14.*

"'O conjunto dos bens da terra destina-se, antes de mais nada, a garantir a todos os homens um decente teor de vida'. (João XXIII, Mater et Magistra, *119)*

"A Constituição Pastoral Gaudiam et Spes., *do Concílio Vaticano II, explicitou as exigências do Direito Natural, com relação ao problema da terra, num texto de impressionante atualidade para a situação brasileira. 'Em muitas regiões, economicamente menos desenvolvidas, existem extensíssimas propriedades rurais, mediocremente cultivadas ou reservadas para fins de especulação, enquanto a maior parte da população carece de terras ou possui só parcelas irrisórias e, por outro lado, o desenvolvimento das populações agrícolas apresenta-se com caráter de urgência evidente. Não raras vezes, aqueles que trabalham por conta dos senhores ou cultivam uma parte de seus bens, a título de arrendamento, recebem um salário ou retribuição indigna de um homem, não têm habitação decente e são explorados pelos intermediários. Vivendo na maior insegurança, é tal a sua dependência pessoal, que lhes tira toda a possibilidade de agir espontaneamente e com responsabilidade, toda a promoção cultural e toda a participação na vida social e política. Portanto, são necessárias reformas nos vários casos: aumentar as remunerações, melhorar as condições de trabalho, aumentar a segurança do emprego, estimular a iniciativa de trabalho e, portanto, distribuir as propriedades insuficientemente cultivadas por aqueles que a possam tornar poderosas. Neste caso, devem-lhes ser assegurados os recursos e os instrumentos indispensáveis, particularmente os meios de educação e as possobilidades de uma justa organização cooperativista (G.S.n.71).*

"Paulo VI insiste no princípio de que 'a propriedade privada não constitui, para ninguém, direito incondicional e absoluto' (Pop. Progressio, 23).

"João Paulo II, dirigindo-se aos agricultores de Oaxaca afirma 'De nossa parte, responsáveis pelos povos, classes poderosas que mantendes, por vezes, improdutivas as terras que escondem o pão que falta a tantas famílias, a consciência humana, a consciência dos povos, o clamor dos desvalidos e, sobretudo, a voz de Deus, a voz da Igreja, vos repete comigo. Não é justo, não é humano, não é cristão continuar com certas situações claramente injustas' (Aloc. em Oaxaca, AAS,LXI, p.210).

"Os posseiros lutam pela 'posse e uso' de sua terra, mais do que pela 'propriedade'. Esta, a propriedade, em muitos casos, é representada pelos grileiros, pelos grandes fazendeiros, pelas empresas agropecuárias e agroindustriais. Estas 'negociam com a terra': Um bem dado por Deus a todos os homens.

"Esta consciência do povo nos alerta para a distinção entre os dois tipos de apropriação da terra que merecem nossa atenção, terra de exploração, que nosso lavrador chama terra de negócio, e terra de trabalho. Essa distinção, entretanto, não desconhece a existência da terra como terra de produção, da propriedade rural

que respeita o direito dos trabalhadores, segundo as exigências da doutrina social da Igreja,

"Terra de exploração é a terra de que o capital se apropria para crescer continuamente, para gerar sempre novos e crescentes lucros. O lucro pode vir tanto da exploração do trabalho daqueles que perderam a terra e seus instrumentos de trabalho, ou que nunca tiveram acesso a eles, quanto da especulação que permite o enriquecimento de alguns, à custa de toda a sociedade.

"Terra de trabalho é a terra possuída por quem nela trabalha. Não é a terra para explorar os outros nem para especular. Em nosso país, a concepção de terra de trabalho aparece fortemente no direito popular de propriedade familiar, tribal, comunitária e no da posse. Essas formas de propriedades alternativas à exploração capitalista abrem claramente um amplo caminho, que viabiliza o trabalho comunitário, até em áreas extensas, e a utilização de uma tecnologia adequada, tornando dispensável a exploração do trabalho alheio.

"Há no país uma clara oposição entre dois tipos de regimes de propriedades: de um lado, o regime que leva o conflito aos lavradores e trabalhadores rurais, que é a propriedade capitalista; de outro, aqueles regimes alternativos de propriedade mencionados antes, que estão sendo destruídos ou mutilados pelo capital: o da propriedade familiar, como a dos pequenos lavradores do sul e de outras regiões; o da posse, no qual a terra é concebida como propriedade de todos e cujos frutos pertencem à família que nela trabalha, regime difundido em todo o país e sobretudo na chamada Amazônia Legal; a propriedade tribal e comunitária dos povos indígenas e de algumas comunidades rurais.

"No caso de pequenos e médios produtores, fica evidente que muitos são involuntariamente transformados em instrumentos da exploração de seus semelhantes, através da subordinação da sua produção aos interesses das grandes empresas que exercem um controle crescente, direto e indireto, sobre a economia agropecuária e que são as beneficiárias, em última instância, do seu trabalho e da riqueza extraída da terra.

"Cumpre distinguir entre propriedade capitalista da terra e propriedade privada da terra. Enquanto a primeira é utilizada como instrumento de exploração do trabalho alheio, a segunda é usada como instrumento de trabalho do próprio trabalhador e de sua família. A propriedade particular ou algum domínio sobre os bens exteriores conferem a cada um o espaço absolutamente necessário à autonomia pessoal e familiar, devem ser considerados como um prolongamento da liberdade humana. (Gaudiun et Sps-71)

"É o trabalho sobretudo que legitima a posse da terra. É o que entendem os posseiros quando se concede o direito de abrirem suas posses em terras livres, desocupadas e não trabalhadas, pois entendem que a terra é um patrimônio comum e que enquanto trabalharem nela, não poderão ser expulsos.

"Importa, enfim, não esquecer a terra de moradia, problema particularmente angustioso nas periferias urbanas, onde as famílias são obrigadas a viver em condições desumanas de promiscuidade e insegurança, e de onde, muitas vezes, são expulsos, até com violência, para se atenderem interesses das empresas imobiliárias ou por razões de urbanizações.

"Essa expulsão da terra de moradia se apresenta mais injusta e desumana, porque as famílias ficam expostas ao total desabrigo e abandono.

"Entendemos que a problemática dos trabalhadores rurais e urbanos e a problemática da terra só terão solução verdadeira se forem mudadas a mentalidade e a estrutura em que funciona a nossa sociedade. Enquanto o sistema político-econômico estiver a favor dos lucros do pequeno número de capitalistas, e enquanto o modelo educacional servir de instrumento de manutenção deste sistema, inclusive desestimulando a vida rural e seus valores, então, não terá solução verdadeira a situação de injustiça e de exploração de trabalho da maioria."

A reforma agrária no Nordeste, com o fim dos latifúndios, foi defendida pelo senador biônico Jutahy Magalhães, da agremiação governista **PDS:** *"Na aplicação do programa de emergência contra seca, verificou-se que numa área de aproximadamente 500 km², cerca de 80 por cento das terras ocupadas são latifúndios. Apenas 32 dessas propriedades somam 2,5 milhões de hectares, num tamanho médio de 72 mil hectares. O desprezo pela educação rural contribuiu para que as populações de baixa renda da região sejam vítimas de um dos mais violentos sistemas de exploração existentes no mundo. No Nordeste são considerados alfabetizados muitos que apenas ferram o nome para votar nas eleições. Esse predomínio escandaloso da grande propriedade não satisfatóriamente cultivada mostra uma sociedade agrária pré-capitalista, em que o parceiro depende totalmente do grande proprietário, quando deseja plantar uma lavoura de subsistência ou mesmo o algodão. O parceiro ou recebe a terça-parte ou se conforma em obter apenas 20 por cento da colheita, na maioria das vezes. É preciso mudar fundamentalmente o quadro educacional do interior, pois na raiz da exploração do homem pelo setor agrícola está a carência, quase sempre absoluta, de instrução. A quase totalidade dos lavradores que continuam, no interior nordestino, trabalhando, alugados ou sob o injusto sistema de parceria, são analfabetos totais, ou funcionais. Esse quadro é agravado por vários outros fatores, como, por exemplo, a precária distribuição do crédito rural. Em 1979, os grandes proprietários agrícolas receberam mais de 78 por cento dos empréstimos agrícolas do Banco do Brasil".(35)*

A realização imediata e plena da reforma agrária foi pedida pelo III.º Encontro Estadual de Agrônomos, que se deu no Estado do Paraná, em julho de 1980. A posição dos agrônomos paranaenses, na Carta de Cascavel, expressou, entre outras coisas, o seguinte:

"A situação da agricultura brasileira caracteriza-se, no atual estágio, pela dicotomia existente entre a acumulação do capital de um lado e, de outro, pelas atuais condições de intoleráveis pobrezas e qualidades de vida dos trabalhadores rurais, pequenos e médios produtores, que se vêem explorados até a exaustão. As políticas agrícolas adotadas nas últimas décadas, longe de serem instrumentos de desenvolvimento do setor, têm contribuído para o agravamento da situação econômica e social da Nação. As próprias estatísticas governamentais revelam que ano após ano o país depende cada vez mais da importação de alimentos (que obrigatoriamente deveria produzir), tecnologia ou ainda a importação de insumos básicos no processo produtivo de meio rural". Nas recomendações foi ainda pedido *"que o governo desaproprie todas as terras do país em poder dos estrangeiros, e promova a sua destinação a produtores rurais sem terras, e que as políticas agrícolas tenham como meta a produção, para atendimento prioritário do povo brasileiro."*

Mas, no Brasil, a concentração da terra não está apenas na zona rural. Nas cidades principalmente as grandes, os lotes urbanos também se enquadram na mesma disparidade. Minorias açambarcam grandes espaços e especulam a não mais poder, com o objetivo de elevar constantemente os preços.

(35) A entrevista deste Senador do Estado da Bahia, nomeado pelo próprio governo federal, publicada pelo *Jornal do Brasil* de julho de 1980, causou impacto nos próprios meios oficiais, mas, como sempre, insensíveis ao problema.

Segundo o secretário do Planejamento da Prefeitura de São Paulo, Cândido Malta, *"47 por cento dos terrenos do município estão vagos, em virtude da pressão da estrutura imobiliária. Corremos o risco de uma convulsão popular"*, e é nesta cidade, principalmente, onde as favelas crescem e se espraiam, de forma impossível de se conter, sem melhorar a vida dos seus habitantes. Outra capital, Belo Horizonte, tem 400 mil favelados, e, de acordo com estimativas, apenas um proprietário, o rentier Antônio Luciano possui 80 mil lotes de terrenos. (36)

LUTAS CÍVICAS

A situação do país apresenta, em seu todo, um retrato dramático.

É de se repetir que mudanças radicais na sociedade nacional deverão surgir. Nas atuais circunstâncias e condições, o Brasil é inviável.

As transformações serão difíceis, pois a estrutura, criada por uma minoria que está dirigindo o país, é conservadora.

Mas valerá a pena sairmos do marasmo de consciência, estabelecer-se uma politização maior, para ser afastada a filosofia apática e negativa de *salve-se quem puder*.

As bases sociais e econômicas atuais deverão ser abaladas pelas lutas cívicas. É de se começar até tudo de novo, pois não é mais possível, de maneira alguma, continuar-se na construção de um país capitalista, nos moldes presentes. E populismo, demagogia ou reformas, também, agora não vão adiantar.

A luta cívica poderá ser longa, não importa, mas deverá ter uma diretriz. As batalhas serão árduas e cheias de espinhos, para se extirpar o capitalismo explorador, que embora minoritariamente, está entranhando no poder e tem um certo grau de força. Os direitistas devem ser afastados para a transformação da sociedade. Não podem mais surgir decretos espertos ou normas casuísticas de última hora. Lei, quando injusta, não poderá ter mais valor.

Falando-se em reforma e transformação, é de se rememorar mais uma vez o professor Caio Prado Júnior, no seu livro *Revolução Brasileira*, sempre valioso para interpretações e soluções de problemas do país.

"Revolução, em seu sentido real e profundo, significa o processo histórico assinalado por reformas e modificações econômicas sociais e políticas sucessivas, que, concentradas em período histórico relativamente curto, vão dar em transformações estruturais da sociedade, e, em especial, das relações econômicas e do equilíbrio recíproco das diferentes classes e categorias sociais. O ritmo da História não é uniforme. Nele se alternam períodos ou fases de relativa estabilidade e aparente imobilidade, com momentos de ativação à vida política-social e bruscas mudanças, em que se alteram profunda e aceleradamente as relações sociais. Ou, mais precisamente, em que as instituições políticas econômicas e sociais se remodelam, a fim de melhor se ajustarem e melhor atenderem a necessidades generalizadas, que antes não encontravam devida satisfação. São esses momentos históricos de brusca transição de uma situação econômica, social e política para outra, e as transformações que então se verificam, que constituem o que propriamente se há de entender por 'revolução'.

"É nesse sentido que o termo 'revolução' é empregado no título do presente livro. O que se objetiva nele é, essencialmente, mostrar que o Brasil se encontra, na atualidade, em fase ou na iminência de um daqueles momentos acima assinalados, em que se impõem de pronto reformas e transformações capazes de reestruturarem

(36) Dados fornecidos pela revista *Veja*, da 16 de julho de 1980.

a vida do país, de maneira consetânea com suas necessidades mais gerais e profundas, e as aspirações da grande massa de sua população que, no estado atual, não são devidamente atendidas. Para muitos – mas assim mesmo, no conjunto do país, minoria insignificante, embora se faça mais ouvir porque detêm nas suas mãos as alavancas do poder e a dominação econômica, social e política – tudo vai, no fundamental, muito bem, faltando apenas (e aí se observam algumas divergências de segunda ordem), alguns retoques e aperfeiçoamentos das atuais instituições, às vezes não mais que simples mudança de homens nas posições políticas e administrativas, para que o país encontre uma situação e um equilíbrio satisfatórios. Para a grande maioria restante, contudo, e mesmo que ela não se dê sempre conta perfeita da realidade, incapaz que é de projetar em plano geral e de conjunto suas insatisfações, seus desejos e suas aspirações pessoais, o que se faz mister, para lhe dar condições satisfatórias e seguras de existência, é muito mais que aquilo. E sobretudo algo de mais profundo e que leve a vida do país por novo rumo.

"E os fatos, adequadamente analisados e profundos, o confirmam. O Brasil se encontra num destes instantes decisivos da evolução das sociedades humanas em que se faz patente, e sobretudo sensível e suficientemente consciente a todos, o desajustamento de suas instituições básicas. Donde as tensões que se observam tão vivamente manifestadas em descontentamento e insatisfações generalizados e profundos; em atritos e conflitos, tanto efetivos e muitos outros potenciais, que dilaceram a vida brasileira e sobre ela pesam em permanência e sem perspectivas apreciáveis de solução efetiva e permanente. Situação essa que é efeito e causa ao mesmo tempo, da inconsistência política, da ineficiência, em todos os setores e escalões, da administração pública, dos desequilíbrios sociais, da crise econômica e financeira, que vinda de longa data e mal encoberta durante curto prazo – de um a dois decênios – por um crescimento material, especulativo e caótico, começa agora a mostrar a sua verdadeira face; da insuficiência e precaridade das próprias bases estruturais, em que assenta a vida do país. É isso que caracteriza o Brasil em nossos dias. E acima de tudo, e como complemento, o mais completo ceticismo e generalizada descrença no que diz respeito a possíveis soluções verdadeiras dentro da atual ordem de coisas."

E, como falou o Autor, no prefácio escrito para a quinta edição do citado livro, em 1977:

"A tese central do livro consistiu numa tentativa de reajustamento necessário, assim penso, em alguns pontos importantes da teoria e programa político das esquerdas no Brasil. E isso, a partir da análise da conjuntura econômica, social e política que se apresenta na atual fase de nossa história. Essa conjuntura, como já vinha acontecendo, se biparte, no fundamental, em duas perspectivas que frontalmente se opõem, entre as quais se há de optar o rumo que se almeja para o Brasil na próxima etapa da história que nos é dado já entrever."

E muitas das teses deste sociólogo nacional são oportunas, porque se fundamentam bem na nossa história econômica e política.

Provado está que o sistema governante e seu partido de suporte não tem interesse em nada, ou em quase nada realizar a favor da grande massa de nosso povo. O chamado movimento 31 de março nada teve e nada tem de revolucionário. Foi urdido por políticos direitistas de pouca visão, aliados ao setor da alta burguesia mais reacionária do país, aos tecnocratas com quem se juntaram posteriormente, e ainda, ao interesse maldito do capital estrangeiro.

Competirá às forças vivas da nacionalidade, como vanguardas, empreender as lutas cívicas.

E uma delas – para só se falar de um ângulo – seria a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte?

É de se tomar por base que a Assembléia Constituinte é uma proposição que vem sendo defendida por importantes segmentos da sociedade brasileira, como é o caso, por exemplo, da Ordem dos Advogados do Brasil, que deseja à mesma um cunho nitidamente popular e que esteja assegurado o acesso das correntes democráticas, incluindo a participação de todos os esquerdistas e dos próprios comunistas, configurados no PCB, PC do B e outros grupos.

É certo que a Constituinte não deverá buscar uma mera liberalização do regime ou um estado de direito de simples formas, e muito menos homologar o sistema que aí está. Pelo contrário, tem que atender as reivindicações populares globais.

É evidente que só a Constituinte não seria uma panacéia, e os outros e inúmeros problemas sobejamente conhecidos deverão ser atacados.

À classe operária caberá um papel relevante, pois ela não poderá mais ser postergada do contexto político, social e econômico. Os critérios tradicionais devem dar lugar às transformações imperativas.

Nas condições semi-restritivas em que está o país, se poderá fazer uma Constituinte legítima? Há necessidade de liberdade de discussão ideológica e na organização e mobilização popular a eliminação dos obstáculos para a alternância do poder.

O debate sobre a Assembléia Nacional Constituinte torna-se oportuno. O deputado federal Aurélio Peres (PMDB-SP) acha o seguinte:

"O Parlamento poderá ser utilizado para fazer mudanças no regime, mas mudanças profundas não se dão através do Parlamento, onde nunca foram feitas e nem serão agora, e o movimento popular tem que caminhar para uma luta pelo poder. Não existe outro regime para atender às aspirações da classe operária, além do socialismo. Para implantá-lo, interessa aos trabalhadores, urbanos e do campo, a conquista das liberdades democráticas. Tanto o sindicalismo livre quanto a Constituinte são bandeiras burguesas, de um estado burguês, mas à Constituinte interessa muito mais a classe trabalhadora, porque coloca na ordem do dia a queda do regime." (37)

Para o líder sindical e presidente de um partido brasileiro, o Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio da Silva, o problema é colocado nos seguintes termos:

"Não somos contra a Assembléia Nacional Constituinte. Somos contra a forma e o momento em que ela estaria sendo organizada, porque toda vez que a burguesia se manifesta pela Constituinte é quando ela nota que o povo está se organizando. Então, se adianta, querendo introduzir, capiciosamente, algumas reformas que não são fundamentais para o trabalhador, com a única intenção de tapar a boca do povo. No momento atual, o mais importante é os trabalhadores se organizarem em cima de algumas questões mais concretas, pois a Constituinte ainda é uma coisa abstrata para a classe, e depois disso, depois da queda do regime, com um governo provisório, convocar-se uma Constituinte, aí sim, livre e soberana, pois atualmente ela não dará ao trabalhador condições de representatividade suficiente e vai repetir os erros do passado. No momento somos contra, e a luta por uma Assembléia Constituinte não se inscreverá no programa partidário. Para a grande massa, a Constituinte não é uma coisa óbvia, de forma que não adianta nada se não houver a participação do povo em sua formação. Uma Constituinte teria que vir incluindo todos os segmentos da sociedade, inclusive o Partido Comunista e todos sabemos que isso não ocorreria agora. (38) O PT não quer uma Constituinte pela Constituinte. Achamos que toda a luta deve partir das bases e o resultado das discussões em nossos núcleos mostra que o tema não deve entrar em nosso programa". (39).

Em síntese, transcrevem-se algumas das afirmações e teses defendidas e aprovadas pela VIII Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, realizada na capital do Estado do Amazonas, em maio de 1980.

O presidente da OAB, Eduardo Seabra Fagundes, na abertura da reunião, combateu a concentração da propriedade rural no país, a má distribuição de riqueza, o aglutinamento do poder e estruturas políticas autoritárias.

"Ninguém haveria de esperar que subscrevêssemos um sistema jurídico que garante à pequena minoria uma existência afortunada e à grande maioria do povo brasileiro, a liberdade de sentir fome, de migrar de uma região a outra, por falta de terra e trabalho, de morar em habitações sub-humanas, de permanecer no analfabatismo, de contrair toda sorte de doenças". Referiu-se também ao *"caráter sacrossanto do direito a propriedade que inviabiliza qualquer problema de redistribuição do solo. Ou se redistribui a riqueza que o país dispõe, que é basicamente seu vasto território, ou a atual estrutura social injusta perdurará indefinidamente."* Recorrendo a dados oficiais, no que se refere ao número astronômico dos que percebem até um salário mínimo e aos 25 milhões de menores carentes, o jurista disse *"ser forçoso reconhecer que não há liberdade capaz de resistir o tamanho descalabro social. As minorias privilegiadas, em ambientes, como este, celebram indissolúvel aliança com os detentores do poder político, valendo-se da estrutura do Estado para, pelo emprego da força e da opressão, manter os seus privilégios. Como conseqüência instaura-se uma situação de confronto entre o povo e o Poder, na qual este*

(37) Declarações prestadas ao jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 24 de julho de 1980.

(38) Em amplo comunicado divulgado pela imprensa, o PCB em 24 de julho, apoiou amplamente a Constituinte, não aceitando, porém, a transformação do atual Congresso em Assembléia Constituinte que *"não pode simplesmente elaborar uma fachada democrática para a continuação do arbítrio. Não pode ser mera outorga. Não pode vir de cima para baixo. Se assim fosse, ela não estaria corrigindo coisa alguma, mas contribuindo para a manutenção do regime. A questão real é a de que a Constituinte tenha ampla participação popular. Isso significa dizer que não somos uma força golpista. Do nosso ponto de vista, as mudanças se devem dar justamente ouvindo o povo, levando em conta as massas, suas aspirações, desejos e interesses. Sabe-se que há quem defenda a tese de que, ao invés de se lutar pela convocação de uma Constituinte, dever-se-ia concentrar fogo em campanhas pela revogação da Lei de Segurança Nacional, Lei de Imprensa, Lei de Greve e outras leis arbitrárias, que compõem o arcabouço jurídico do regime. Não percebem que a batalha pela Assembléia Nacional Constituinte engloba todas as outras, e que é preciso que se parta de um ponto definido, que só pode ser a Constituição, a lei fundamental do País para impedir que sejam praticados abusos e absurdos como essas leis, que estão obstaculizando a vida democrática".* Por sua vez, o PC do B acusou o PCB de colaboracionista, *"se está compondo com o poder para obter sua volta à legalidade, a qualquer custo."* Pelo integrante do comitê central do PC do B, José Duarte, foi dito ainda que *"a única constituinte admissível é a resultante de uma ampla mobilização da massa, livremente eleita para esse fim. Isso não aconteceria se fosse convocada pelo general Figueiredo. Numa Assembléia Constituinte, a massa proletária deverá ter ampla representação, todos com toda liberdade, para elaborar um texto constitucional que julguem atender às reais aspirações nacionais."*

(39) Declarações prestadas ao jornal *Folha de S. Paulo*, respectivamente edições de 9 de julho e 23 de outubro de 1980.

último procura reduzir ao mínimo possível o espaço reservado à liberdade. O objetivo final dos dominadores é a total erradicação da liberdade, que permitirá o exercício incontrolável da opressão. A supressão da liberdade torna inviável toda e qualquer mudança das estruturas sociais, econômicas e políticas por meios pacíficos. Diante dele só se ouve a voz do poder. Seus cúmplices e sócios, que jamais pronunciaram espontaneamente a palavra reforma. A reação é esmagada. A resistência considerada inadmissível. A crítica tida como intolerável. Os autores da repressão são, ao mesmo tempo, artífices da legalidade, de tal sorte que esta tem sempre a medida exata de sua convivência. Tem solidariedade os movimentos coletivos dos setores do operariado brasileiro, que se insurgem de forma ordeira, mas decidida, contra um sistema que os oprime, brandindo ostensivamente a arma da legalidade, empregada de permeio com a pura violência." Em síntese, foi enumerado o que se entende compor a liberdade: *"liberdade sindical, direito de greve, o direito de livre expressão do pensamento, inclusive pelos meios de comunicação de massas, o direito de participar ativa e livremente da formação dos órgãos do Estado, a liberdade de organização partidária, a liberdade de propaganda política."*

"É posto em dúvida o processo de abertura política, vista como incapaz de redemocratizar o país. O que parece se configurar é algo capaz de gar garantir a supremacia da classe dos dirigentes políticos profissionais da manipulação dos poderes, da classe dos 'insiders', *técnicos que se aproveitam dos benefícios por eles mesmos criados e administrados; da classe dos empresários barganhadores, que trocam favores por bajulação, enfim uma classe poderosa, composta por líderes sem seguidores, comprometidos apenas com a preservação de seus próprios privilégios. Há um casuísmo na legislação que rege a vida política, e o risco, de que dirigida como se entende estar sendo feita a abertura política, possa levar a uma mera democracia formal. A tática é simplista, conquanto eficiente: admitem-se as liberdades e os direitos, mas regula-se o seu exercício, segundo a própria conveniência dos detentores do Poder."* (Ari Fausto Maia – *Liberdade e Democracia Formal*).

"O sentimento de insegurança da população decorre da incapacidade do próprio aparelho estatal, responsável pela manutenção de estruturas sociais injustas. A mobilização da opinião pública para o fenômeno da violência, conquanto desenvolva a consciência para o problema, arrisca a fortalecer o poder repressivo em detrimento da liberdade do cidadão." (Técio Lins – *Liberdade e Abuso do Poder na Repressão à Criminalidade.)*

"A universidade brasileira perdeu a função crítica porque foi convocada a participar do chamado complexo industrial militar. Cada vez mais, a universidade perde autonomia, passando a ser governada de fora pelos auxílios financeiros que recebe do governo ou de grandes empresas. A televisão, essa babá eletrônica, posta a serviço do capitalismo, está alterando as fontes de espontaneidade e criatividade intelectual do artista e do escritor. Uma cultura espontânea e criativa só é possível numa sociedade democrática, aberta e pluralista, livremente consentida pelo povo brasileiro. Não bastam campanhas contra o analfabetismo para se criar no país uma cultura autêntica, genuinamente nacional." (Evaristo de Morais Filho – *Liberdade e Cultura*).

O documento final, intitulado **Carta de Manaus**, preocupou-se com os requisitos que o regime de arbítrio legou à Nação e que devem ser afastados da vida do país, como a Lei *de Segurança Nacional*. Foi enfocado também o problema fun-

diário, defendendo-se como única solução a reforma agrária, *"com responsabilidade, sem objeções de ordem política, mas bucando-se um consenso de que o problema deve ser visto pelo governo como prioritário para o abrandamento do êxodo rural, e que ele é fruto do atual modelo econômico e dos privilégios que são concedidos a grupos internacionais, em detrimento da própria segurança nacional. Uma justa distribuição de terra já aliviaria o desemprego que há no campo, um desespero ao qual o governo está ausente e omisso."*

E as conclusões foram do seguinte teor:

"O grande problema atual do poder é um problema de legitimidade. Não há poder legítimo sem consentimento do povo. Os advogados brasileiros afirmam que falta legitimidade ao poder institucionalizado em nosso país.

"O regime instaurado em 1964, decorridos mais de quinze anos, insiste em desprezar a forma democrática de legitimação através do voto popular. A massa do povo permanece marginalizada e indiferente, quando não hostil, a esse sistema de governo, que dispensa a aprovação dos governados e repele a vontade eleitoral.

"Ainda agora, pretextos e artifícios estão em marcha para suprimir eleições e prorrogar mandatos, forma de criar representantes sem representação, com a alternativa de intervenção em todos os municípios do Brasil. Vai, assim, a legitimidade, num crescendo, contaminar o exercício do poder em todos os planos da administração e da vida pública do país. Os advogados brasileiros não podem ficar insensíveis a esse atentado contra a democracia e o vêm denunciar à nação.

"Por outro lado, a aplicação sistemática de uma doutrina autoritária da segurança nacional, carregada de preconceitos, tem gerado apenas o reforço da autoridade, à custa da crescente insegurança coletiva.

"O anunciado abandono do regime de exceção não conduziu à restauração da responsabilidade na esfera do poder político, com a supressão do arbítrio e da violência institucionalizados como forma de governo.

"Os advogados brasileiros assinalam ainda que o sistema político em vigor repudia o essencial princípio democrático da alternância no poder.

"Essa iligitimidade de base criou a presente desordem constitucional, agravada pelo AI-5 e pela Emenda nº 1, oriundo de poderes que a Nação não conferiu aos seus signatários. Assim se explica a permanência de leis incompatíveis com a vida democrática, como as que regem a chamada segurança nacional, a greve e a sindicalização das profissões.

"É geral a repulsa à legislação ditatorial que, armando o governo de poder absoluto, atenta contra as garantias dos cidadãos, frustra o direito de greve e cerceia a liberdade sindical.

"A política econômica, posta em prática nos últimos anos, exacerbou as notórias desigualdades regionais, setoriais e de classe. Essa política tem agravado a situação do povo, com uma inflação aterradora, que não se detém pela inadequação do modelo econômico adotado às necessidades do País. Resultado ainda mais nocivo dessa política é que ela acarreta uma distribuição de renda gritantemente injusta, em prejuízo de todos os assalariados.

"O desenvolvimento econômico da Nação, que supõe a harmônica valorização do homem – seu capital mais precioso – não pode realizar-se através de uma vida de constante sujeição ao poder do mais forte. Não se admite o crescente endividamento externo do País, sem a fiscalização e o controle do povo, através de seus representantes no Congresso.

"Fora das cidades, os conflitos pela posse da terra e pela preservação das culturas indígenas vêm confirmando o desacerto de uma orientação que favorece o es-

magamento dos mais fracos. Na Amazônia, o enorme custo social da modernização econômica é ainda agravado pela falta de controle da exploração das riquezas naturais e pela ameaça à soberania nacional. Aqui também, a incapacidade do sistema não encontrou soluções satisfatórias para os múltiplos interesses em jogo.

"Só em clima de liberdade, com a participação e o consenso do povo, o problema da Amazônia poderá ser equacionado e resolvido sem prejuízo para a intangibilidade do nosso território, sem riscos para o equilíbrio ecológico.

"Os advogados brasileiros são porta-vozes do clamor nacional pela reformulação inadiável das bases constitucionais da nossa ordem jurídica. A Constituição não pode ser uma concessão governamental. Ela é o ato solene de criação, por todo o povo, do regime político de sua preferência.

"Aos advogados brasileiros repugna colaborar em qualquer tentativa de remendo constitucional que ainda se queira perpetrar. O Poder Constituinte há de retornar ao povo, seu único titular legítimo. Urge a convocação de uma Assembléia Constituinte que, superando em sua composição os vícios inveterados de nossa representação popular, incorpore efetivamente ao processo político a maioria que nele tem sido ignorada."

O jornalista e historiador gaúcho Décio Freitas fez um diagnóstico da crise brasileira, na conjuntura atual, para não se cair numa **Insurreição sem Revolução:**

"Aos olhos do observador leigo, o quadro político se delineia bastante nítido.

"Em seu começo, pode o regime, mercê de uma inédita prosperidade econômica, estabelecer um relativo equilíbrio social. Este equilíbrio se traduziu num virtual consentimento para o arbítrio e isolou politicamente os opositores. Numa certa altura, entretanto, o regime se viu acossado por uma grave crise econômica, com efeitos sociais e políticos instantâneos. Num ritmo rápido, operam-se o estreitamento da base social e o isolamento político do regime.

"Nesta conjuntura, entretanto, o regime não perdeu o sangue frio. Pelo contrário, manobrando com rara mestria, fez isso da fórmula maquiavélica das válvulas de segurança. A saber: realisticamente, erradicou os focos de maior tensão política, revogando o estatuto do arbítrio, soltando os presos políticos, autorizando o retorno dos exilados, suspendendo a censura à imprensa, pluralizando os partidos. Mediante estas concessões, o regime se adjudicou inestimável vantagem tática. Pois nada foi conquistado pelas oposições de luta política; tudo lhes foi outorgado, no empenho de ganhar tempo e conciliar a situação.

"Dessa forma, pôde o regime apresentar um falso semblante liberal, capaz de enganar até mesmo os opositores mais experimentados e perspicazes. Supôs-se que um regime autoritário, negando-se a si próprio, pudesse dar de si um regime genuinamente democrático. Não se tardou a ver que o regime impusera limites extremamente rígidos à abertura; limites que se viu em mais de uma oportunidade, não podiam ser transpostos ou transgredidos impunemente. Em tudo isso, o regime manteve invariavelmente a iniciativa política, marcando o compasso do jogo, sem deixar às oposições a menor chance de iniciativas válidas.

"Confinadas no acanhado espaço institucional que lhes foi reservado, as oposições se mostram desorientadas e perplexas. A despeito de uma espantosa crise econômica e social – uma crise que, na sua amplitude, excede qualquer outra da história brasileira – as oposições estão evidentemente desorientadas e perplexas. Não atinam canalizar politicamente contra o regime uma insatisfação dia a dia mais ampla. Cifram todas as esperanças numa contestação eleitoral, cegas à evidência de que o regime, graças à posse dos instrumentos institucionais, pode fazer eleições quando lhe convenha.

"Os diagnósticos da crise são certamente corretos e lúcidos. Fica faltando, sem embargo, a necessária contrapartida de um programa coerente para solucioná-la, ou seja, um programa que assegure às oposições a confiança da sociedade, dispondo-a a despedir o regime. Para exemplificar: qual é o programa das oposições para a solução dos cruciais problemas da inflação e da dívida externa, da terra e do salário, do êxodo rural e da violência urbana, da distribuição da renda e do desenvolvimento econômico? Manda a verdade que se diga que as oposições não possuem tal programa; e não o possuem pela singela razão de que nos quadros do atual regime não há solução possível. O estado de crise é inerente ao regime; ele a produz e reproduz.

"A História ensina até a exaustão que, quando uma nação não pode resolver uma grande crise nos quadros institucionais vigentes, resta apenas a saída revolucionária.

"Hoje, no Brasil, a revolução necessária e, mais importante, a revolução possível, há de ser uma revolução pacífica, uma revolução sem insurreição, uma revolução que ordeiramente ponha fim à desordem implantada em todos os setores da vida nacional. Num impasse tão dramático quanto este, a Nação precisa se reunir soberanamente para estabelecer um novo equilíbrio social e criar instituições novas. Numa palavra, através de uma Constituinte, deve reassumir a soberania que lhe foi confiscada pelo autoritarismo.

"Fora isso, o desfecho da crise poderá ser uma explosão social elementar, cujos surdos ruídos subterrâneos podem ser captados por quem tenha bom ouvido. Nenhum grupo político estará em condições de dirigir semelhante processo. O que configurará uma das maiores tragédias sociais – uma insurreição sem revolução." **(40)**

TENTATIVAS DE GUERRILHAS

Nos fins dos anos 60 e nos primeiros anos 70, ocorreram, no Brasil, tentativas de guerrilhas urbanas e rurais. Estava-se no auge da repressão política e todos os caminhos pelas vias legais e pacíficas ficaram fechados e bloqueados. Foram ensaios de lutas armadas, *in extremis*, longínquas, secretas e esquecidas.

Naqueles tempos pouco ou nada se revelou, pois a imprensa e demais meios de comunicação estavam sob a mais rigorosa censura.

O número dos patriotas que estiveram envolvidos em todos os movimentos revolucionários populares foi, porém, relativamente pequeno e despreparado, e constituíram-se em gestos de revolta, de aglutinamento de forças idealistas radicais, de chamamento para os grandes problemas nacionais, num grito que sempre se tornou rouco, contra o incrível sistema imperante.

Afeitos às contendas puramente políticas, de eleições, com calmas reivindicações, jamais anteriormente no Brasil moderno nem se tinha pensado em rebelião, apesar de que e quando em outros países da América Latina a prática das guerrilhas já era notória, e já datava dos últimos anos 50. O recrudescimento do movimento de 31 de março de 1964, ocorrido com a Linha Dura, em 1968, pegou mais uma vez todos os democratas, esquerdistas e anti-fascistas desprevenidos.

Uma parte e um ângulo da *Tortura, A história da repressão no Brasil*, é contado neste livro do repórter Antônio Carlos Fon, lançado em julho de 1979, além de outras matérias, estampou trabalho que já havia vindo à lume na revista *Veja*, com os títulos **Descendo aos porões** e **Um poder nas sombras.**

Qual é a situação do Brasil no final dos anos 60?

---

(40) Artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* de 3 de junho de 1980.

A crise politica veio se aguçando, até que foi editado, em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5, que termina, de uma vez por todas, com a possibilidade de participação política das organizações de esquerda e recrudesce as repressões violentas às organizações existentes. Antes do início de 1967, tinha sido criada a Lei de Segurança Nacional, que dava poderes ilimitados a qualquer autoridade no poder. Não existiam, na prática, mais direitos políticos ou cívicos. O Decreto lei 477, que acabou com todas as atividades estudantis, punia professores e estudantes. Aos operários se impôs a lei do arrocho salarial, e os proibiu de qualquer reclamo de direitos. A censura acabou com manifestações culturais e o esquadrão da morte entra no auge.

Somente após os assassinatos do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho no DOI-CODI de São Paulo, respectivamente em outubro de 1975 e janeiro de 1976, é que o governo resolve colocar um basta à tortura e à repressão, que vinha ele mesmo realizando, e isto pressionado pela opinião pública nacional.

Quando há repressão política, e não há, pelo menos perspectivas de justiça, nem a mais rudimentar, de alguns direitos dos mais fracos, acontecem as guerrilhas que muitas vezes são lançadas de qualquer maneira, visando combater uma violência de proporção muito maior.

E isto foi o que se deu e o que encaixou no Brasil. Tudo se tornou frustrado, mas valeu o fundo de idealismo, a demonstração de que tantos despautérios combatidos não poderiam continuar.

.Hoje é comum, nos jornais brasileiros, constantes declarações de inúmeros políticos – a maioria deles de tendência centrista, prevendo guerrilhas, lutas armadas, revoltas, se a situação do povo brasileiro não melhorar. (41) Mas estes pontos de vista são de efeitos literários ou eleitoreiros.

(41) A primeira manifestação, após não conseguir outros postos no novo governo, em 1978, prevendo rebelião das massas foi do velho político Magalhães Pinto, ex-ministro dos governos anteriores, e um dos iniciadores, no Estado de Minas Gerais, do qual era governador, do movimento 31 de março, por ter sido contrariado em escusos interesses de sua rede bancária nacional. Diz o Deputado Carlos Alberto, (antigo MDB-Rio Grande do Norte):

"O governo, com seu projeto de reformulação partidária, poderá marcar a institucionalização da guerrilha neste país. Folha de S. Paulo, 24/10/1979.

Senador Franco Montoro (PMDB-SP): *"Estamos enfrentando um grande risco, o risco de uma explosão subversiva no Brasil. A população brasileira está desesperada e pode recorrer a um modelo como o da Nicarágua. Estamos sujeitos a uma explosão subversiva o que se verá, será ditadura, de esquerda ou de direita no Brasil".* Este senador propôs *"um novo modelo econômico e social ao país, baseado numa alternativa comunitária, para a qual concorrem todos os setores da sociedade civil, rompendo o ciclo de decisões arbitrárias de cima para baixo".* Folha de S. Paulo, 03/06/1.980.

Deputado Ulisses Guimarães (PMDB-SP): *"O Brasil pode caminhar para uma revolução armada",* explicando em que circunstâncias tal situação ocorreria, *"se as coisas continuarem como estão, sem se resolver o problema inflacionário, o problema do salário e outros problemas que estão se acumulando, e o governo continuar agindo com a maior imprudência, desafiando a nação. A crise brasileira é a crise da incompetência. O Brasil está sendo conduzido com incompetência. Não é uma opinião minha como presidente de partido de oposição. Quando há inflação nos níveis em que está, e outros desacertos existem há 16 anos, esta incompetência é filha do arbítrio. O arbítrio faz com que as pessoas incompetentes ocupem cargos sem conhecimento de causa. Não é eleição que atrapalha, é não haver eleições, e não haver um regime de responsabilidade."* Folha de S. Paulo, 07/06/1980.

Senador Roberto Saturnino Braga (PMDB-RJ): *"Se o governo não adotar medidas compatíveis, dentro de muito em breve, três catástrofes poderão ocorrer no Brasil: um golpe de Estado de natureza violenta, uma guerra civil, e a transformação do território brasileiro em campos de lutas internacionais."* Folha de S. Paulo, 30/06/1980

Deputado Célio Borja (PDS-RJ): *"A sensação é de desconforto e desconfiança, estamos na véspera do dilúvio, na véspera da catástrofe: dentro de seis meses o país vai explodir. O governo não apresenta nenhuma articulação que dê respostas à crise. Ignora-se como é que vamos sair desta enrascada".* Folha de S.Paulo, 24/07/1980.

Nenhum político tradicional ou liberal militante participou de qualquer movimento guerrilheiro no Brasil, no mencionado período.

TENTATIVAS: Sim, é nesta categoria de tentativas que se enquadraram todos os movimentos guerrilheiros no Brasil, e nas seqüências aqui relatadas.

MOVIMENTO NO SUL: No dia 25 de março de 1965, o ex-coronel do exército, JEFFERSON CARDIM DE ALENCAR OSÓRIO, um descendente do general Osório, comandando um grupo de quase trinta homens, a partir do Uruguai, invadiu o Estado do Rio Grande do Sul e tomou de assalto a localidade de Três Passos, na época, com pouco mais de cinco mil habitantes, iniciando um movimento guerrilheiro surgido a partir de políticos ligados a Leonel Brizola, a maioria exilados nos países sul-americanos, com o objetivo de promover uma revolução, a partir da ocupação de regiões no sul do País. Pouca coisa fizeram, não tomaram parte mais do que em dois ou três combates e um mês após foram presos no Estado do Paraná, malogrando por completo a guerrilha. JEFFERSON CARDIM foi condenado, em 6 de junho de 1967, a oito anos de reclusão, pelo Conselho Especial da Justiça Militar da Quinta Circunscrição, com sede em Curitiba. A Procuradoria Militar recorreu ao Superior Tribunal Militar, e por desclassificação, a sentença foi agravada por mais de dez anos, como incurso na odiosa Lei de Segurança Nacional. A sua anistia e de outros envolvidos no processo aconteceu em agosto de 1980, cassada pelo Superior Tribunal Militar. Este ato do STM, foi taxado pelo advogado Décio Freitas, como uma aberração jurídica, pois não se poderia mais pretender a reclassificação de um delito cuja pena já estava cumprida, acrescentando que *"isso também revela a precaridade da anistia." (42).*

Estes antigos guerrilheiros estão hoje dispersos no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul: FIRMO CHAVES, ADAMASTOR ANTONIO BONILHA, EUSÉBIO TEIXEIRA DORNELES, SILVINO SOUZA FRAGA, ODILON VIEIRA BRUN, ALCÍNDOR AYRES, VALDELTAR ANTÔNIO DORNELES E MANOEL AYRES. Outro participante, o ex-sargento ALBERI VIEIRA DOS SANTOS, foi encontrado morto, em 1978, em circunstâncias não esclarecidas, em Medianeira, no oeste do Estado do Paraná.

O ex-governador gaúcho Leonel Brizola, negou, ao voltar ao Brasil, em setembro de 1979, que tivesse colaborado neste incidente, apesar de confessar que manteve, em certa época, contacto com Cuba, por intermédio de um companheiro, Lélio Telmo de Carvalho. *"Primeiro tinha um sentido humanitário e depois houve*

(42) JEFERSON CARDIM DE ALENCAR OSÓRIO, passou a levar uma vida de grandes contratempos. Em dezembro de 1970, o então embaixador do Brasil em Buenos Aires e depois ministro do Exterior no governo Geisel, Antônio Francisco Azeredo da Silveira, participava, pessoalmente, da operação de seqüestro do ex-coronel e nesta ocasião ficou despojado de diversos pertences, inclusive 500 dólares e até hoje não recebeu a devolução. Este fato foi confirmado pelo adido militar da embaixada *"mas que havia ordens superiores para não restituí-los, nem mesmo o dinheiro".*

Em 1975, acabou de cumprir a pena que lhe foi imposta. O STM, ao lhe cassar a anistia, em agosto de 1980, alegando que houve participação em *"crimes de sangue",* também cassou a sua promoção anterior. Foi aí que ele pediu asilo à embaixada da Venezuela, por considerar-se um asilado da abertura e com 68 anos, cansado e doente, viajou para Caracas e denunciou o caso ao alto comissariado de refugiados políticos da ONU. JEFERSON CARDIN estava ainda recebendo nos seus últimos dias no Brasil ameaças de pessoas que se diziam membros da Falange Patriótica. O advogado de JEFERSON CARDIN considerou a decisão do STM de política, argumentando que as outras cinco pessoas envolvidas no mesmo processo não foram atingidas, mas beneficiadas: Leonel Brizola, Neiva Moreira, Dagoberto Rodrigues, Nilo Silva e Paulo Shilling. Brizola, ainda quando regressou ao Brasil declarava que JEFERSON CARDIN *"era um homem inteiramente à margem de seu grupo, no Uruguai e que só tivera conhecimento do Movimento Guerrilheiro, tentado pelo ex-coronel no Rio Grande do Sul, através do rádio, e que pelo menos ideologicamente ele era do* Partido Comunista *e para nós não tinha confiabilidade."*

realmente alguma ajuda econômica, mais foi coisa modesta, pequena e serviu para viagens de alguns compatriotas nossos que foram a Cuba." Com relação às viagens, se elas serviam para treinamento, confirmou: *"para treinamento de toda a atividade que pudesse ser útil na luta contra o regime. Lamentavelmente não deu certo, não foi possível, não tínhamos condições, não tínhamos experiência. Os contactos com Cuba ocorreram no primeiro ou segundo ano de exílio (1964 ou 1965) e duraram pouco. Verificamos a inviabilidade desse relacionamento, porque tínhamos um propósito e eles outro.*

"Se me aparecesse naquela época o demônio, e dissesse que ia lutar contra a ditadura, eu mandava o demônio entrar em forma. Nossa reação não tinha conteúdo ideológico. Nenhum não digo, mas não era predominante um conteúdo ideológico, era uma questão de dignidade e de honra. Nos derrubaram, nos botaram o pé no pescoço, nos deram na cara, pisaram no poncho, como não iríamos reagir? Lamentamos que não tivesse dado certo, isso lamentamos. Quando verificamos que era um sacrifício inútil, paramos." (Declarações ao *O Estado de S. Paulo*, em 29 de setembro de 1979.)

Leonel Brizola, apesar de ter pretendido, nos últimos tempos do governo Goulart, organizar um esquema pára-militar, conhecido como Grupo dos Onze não poderia mesmo comandar guerrilhas, pois já era um político de larga militância, e sem expressão para esse tipo de lutas, e a pessoa por ele referida morreu no exílio, sem dar detalhes mais precisos da primeira tentativa de luta armada.

A GUERRILHA DE CAPARAÓ – Teve no professor BAYARD DEMARIA BOITEAUX, presidente da seção regional do Partido Socialista Brasileiro, no Rio de Janeiro, e secretário geral do mesmo, seu comandante nacional, conforme suas próprias confissões, mas não revelou seus desdobramentos e seus outros planos, que por certo eram inúmeros. O Movimento Nacional Revolucionário foi criado para servir de base à guerrilha de Caparaó, que foi uma versão mineira da Sierra Maestra, conforme a titulou o poeta e escritor brasileiro Carlos Drumond de Andrade.

Apesar de cinco meses de acampamento, treinamento e manobras militares e contando com víveres e munições para atividades de pelo menos um ano, jamais esta guerrilha entrou em ação. Seus componentes a evitaram e foram presos prematuramente após uma grande mobilização de forças de segurança, do exército e da aeronáutica, nas terras montanhosas da escarpa oriental do relevo atlântico.

O local escolhido – que tinha como sede a casa de pedra que fica na subida do Pico da Bandeira – era poético belo e, ar puro, perfumado de alecrins, lírios do campo, samambaias, taquaris do mato, cravos silvestres e rosas rústicas, assim como o verde e a solidão dos vales e a imponência das cordilheiras. E não era, por isto, rude e agreste como a Sierra Maestra.

A Serra de Caparaó, a 1300 metros de altitude, localizada no Estado de Minas Gerais, nas divisas com o Espírito Santo, não tem a penetração do sol, e faz 16 graus de temperatura durante o dia e baixa 10 graus durante a noite, foi descrita pelo promotor militar, hoje ministro do Supremo Tribunal Militar Jacy Guimarães, e ex-deputado da UND, como *"também chamada Serra da Chibata, uma das ramificações da Mantiqueira, é um maciço colossal, acidentado, de vales profundos e umbrosos, de grutas escarpadas, principalmente na parte referente ao Espírito Santo, como horizonte a perder-se no sem-fim, numa verdadeira dízima periódica de montanhas."*

O responsável pelo apoio logístico e de organização do MNR do Rio era AMADEU DE ALMEIDA ROCHA, que até hoje ainda reconhece que o local era

ideal para a guerrilha, e o mesmo já tinha sido sondado, anteriormente ao seu grupo, pela Polop (Política Operária) que lá pretendia atuar.

Para esta possível operação guerrilheira, compuseram-se jovens, militares cassados e políticos, a maioria membros do Partido Socialista Brasileiro, sendo que estes consideraran que a única solução seria a luta armada, pois seus militantes tinham sido alijados do cenário político nacional.

AMADEU ROCHA, inclusive, estava fazendo contactos nas Universidades, formando núcleos junto aos estudantes e aliciando-os para as guerrilhas. Os participantes do MNR tinham grande oposição ao movimento de 1964 e para este dirigente *"a luta armada não se resume em um foco de guerrilha. Quando começamos a de Caparaó, iniciávamos também movimentos nas cidades. Mas não poderíamos levar avante esse projeto se não tivéssemos inserido no contexto político-social do país, ao ponto de explorarmos todas as contradições."*

A guerrilha chegou a lançar um jornal no Rio de Janeiro *O Levante*, mas que ficou apenas no primeiro número, e só começaria a operação quando houvesse estruturação ampla em outros Estados, mas aconteceu que foi descoberta antes disto, quando ainda em fase de ultimação de treinamentos.

O ex-governador Leonel Brizola, apesar de estar fora do país, consultado, foi um dos primeiros a entrar no movimento, tendo mantido encontros com os chefes em um sítio de sua propriedade, no município de Pando, na fronteira do Uruguai, e enviado algum dinheiro para a montagem da guerrilha. Esta foi financiada também por doações internas, inclusive por empresários descontentes com o regime, e foi admitida também a realização de assaltos a bancos. A guerrilha gastou pouco dinheiro, apesar de ter mais de uma tonelada de armamentos e víveres escondidos na serra, e não chegou nem a um décimo do que o governo do Estado de Minas Gerais dispendeu na repressão: Cr$ 100 milhões antigos por dia. As marchas militares, que duraram treze dias, contavam com seis mil homens e dezenas de aviões e helicópteros da FAB.

Esta tentativa guerrilheira, que se articulou, tinha muitas outras ramificações e setores, inclusive atuaria na região da Serra dos Órgãos, no Estado do Espírito Santo, mas que não foram descobertas pelas autoridades.

Quais os envolvidos revelados na guerrilha? 17 deles receberam condenações, variando de 2 a 10 anos, e estavam todos presos em Juiz de Fora, à disposição do Conselho Especial da Justiça da 4ª Região Militar. O julgamento, que teve início em 25 de setembro de 1967, só terminou um dia depois, sendo a defesa representada por 9 advogados. O processo, com o correr do tempo, tornou-se volumoso, com quase duas mil páginas. A maioria das penas foi reduzida ou cancelada na apelação ao Superior Tribunal Militar.

O professor BAYARD DEMARIA BOITEAUX, chefe intelectual da guerrilha, lecionava Matemática em cursos de nível superior. Pessoa de grande cultura, de muita organização e de poucas palavras. Foi o que recebeu pena maior, 10 anos de reclusão e mais dois de medida de segurança.

AMADEU DE ALMEIDA ROCHA, bacharel em Direito, era do Partido Socialista, ex-membro do corpo de conferencistas do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB);

O Sargento AMADEU FELIPE DA LUZ FERREIRA seria o comandante da primeira frente guerrilheira. Ao ser preso, levava consigo os livros *Guerrilheiros Vietconga, Revolução das Senzalas* e *Ação de Che Guevara;*

SARGENTO ARAKEN VAZ GALVÃO;

O Sub-tenente JELCY RODRIGUES CORREA seria o comandante da segunda frente;

O Sub-tenente ITAMAR MAXIMILIAM GOMES;

O Segundo Sargento EDVAL AUGUSTO DE MELO, tinha sido presidente do Clube dos Sargentos da Marinha;

O Capitão JUAREZ ALBERTO SOUZA MOREIRA foi o único ferido a ser preso, tendo sido baleado na cabeça e no adbômem;

Marinheiro AMARANTO JORGE RODRIGUES MOREIRA, autor do Diário da Campanha, que foi apreendido e que se encontra nos autos do processo;

O Marinheiro de primeira classe, AVELINO BIOEN CAPITANI, ao ser preso, apresentava sintomas de peste bubônica. Antes de se incorporar às guerrilhas, tinha fugido do presídio Lemos de Brito, no Rio de Janeiro; (43)

Terceiro Sargento DEDOTADO FABRÍCIO BATISTA;

HERMES MACHADO NETO, marinheiro de 1ª classe;

Marinheiro de 1ª classe JÃO GERÔNIMO DA SILVA,

Sargento da Aeronáutica JOSUÉ CEREJO GONÇALVES, que era o rádio-operador do grupo;

GREGÓRIO MENDONÇA;

Cabo da Marinha JORGE JOSÉ DA SILVA;

e o terceiro sargento ANIVAIR DE SOUZA LEITE que, embora não participando, foi condenado à menor pena, 2 anos de reclusão, por ter arrendado um sítio na região de Caparaó, que cedeu aos seus companheiros de guer ilha, e que serviu a um dos acampamentos.

O professor BOITEAUX foi o único que não estava no cenário descrito. As prisões na Serra do Caparaó ocorreram em duas etapas, em 23 e 31 de março de 1967, além da detenção de dois membros, na cidade de Espera Feliz.

Apenas uma morte ocorreu em Caparaó, a do jovem guerrilheiro MÍLTON SOARES DE CASTRO, que tinha sido preso na primeira vez. Esta morte, que se deu em 27 de abril daquele ano, ainda não está esclarecida, sendo muitas as versões, mas é fato que, na véspera, o mesmo foi submetido a interrogatório inquisitorial, com violentas torturas físicas.

A maioria destes guerrilheiros abandonou toda e qualquer atividade política. Alguns voltaram a ser presos. AMADEU ROCHA, por exemplo, em outro processo, foi condenado a 12 anos, tendo cumprido apenas seis. E outros se encontram fora do país.

O professor BOITEAUX ainda admite falar em luta armada, deixando claro o seu ponto de vista:

"Não são as cúpulas que devem decidir o momento da luta armada no país e sim o povo é quem dirá quais são os melhores caminhos e a época para isso. Em Caparaó, achava que só deveríamos entrar em operação pelo menos depois de quando fomos presos. Sabia que não tínhamos condições imediatas e a própria prisão do grupo provou isso."(44)

(43) CAPITANI foi também um dos líderes da revolta dos marinheiros, no Rio de Janeiro, no início de março de 1964. Somente foi anistiado pelo STM em fins de dezembro de 1980, pois, em 1970, tinha fugido outra vez da prisão, e não obtendo asilo no Chile, foi com alguns guerrilheiros bolivianos para Cuba, onde permaneceu um ano. Regressando ao Brasil, ficou na clandestinidade até a anistia. Em suas mais recentes declarações disse que: *"A deterioração gradativa do movimento guerrilheiro se deveu, além da falta de recursos, para sua manutenção e do combate das Forças Armadas, ao fato de o grupo ter lutado pelo povo e não junto ao povo. As pessoas simpatizavam com a nossa causa, nos ajudavam quando era preciso, mas não se engajavam na luta".*

(44) A pena do professor BAYARD DEMARIA BOITEAUX foi comutada para três anos, e quando deixou o Brasil, asilou-se na Argélia e depois em Portugal. No seu regresso, em 1979, tentou reorganizar o Partido Socialista Brasileiro, e não conseguindo, ingressou no Partido Democrático Trabalhista, defendendo a união deste com o Partido dos Trabalhadores, que atuam numa mesma área e com objetivos ideológicos semelhantes. A anistia o reconduziu à sua cátedra na Universidade do Rio de Janeiro.

Quem também foi julgado e condenado, à revelia, nos autos de Caparaó, foi outra vez Leonel Brizola, que nem às vésperas da anistia teve sua pena de 11 anos de reclusão mais 2 de medida de segurança, anulada judicialmente. Sobre este assunto, declarou:

"Nunca acreditei na ação de guerrilha como processo de luta possível contra o regime no Brasil, por sua inviabilidade. Não acredito em guerrilha no Brasil, assim como na América Latina, que é uma espécie de grande ilha rodeada não de oceanos, mas de controle militar. Nesse processo de guerrilha faltaria retarguarda". Justificou, porém, sua posição na época, favorável à guerrilha de Caparaó, dizendo que *"no exílio decidimos contribuir para a derrubada do sistema político então vigente no Brasil, com a criação de um movimento civil-militar, que pudesse levar à insurreição popular-militar, com base na revolução de 1930. É bom deixar claro que insurreição é sempre luta armada."* (45)

AS GUERRILHAS URBANAS – Estas também ocorreram no Brasil.

Após 1964, a esquerda armada, a extrema-esquerda e até uma parcela pequena da esquerda mais moderada se dividiu em quase 20 organizações, para a realização de atos revolucionários, mormente para a guerrilha urbana. A estratégia dos partidos da esquerda mais quente, o Partido Comunista Brasileiro, passou a ser questionada por parte de seus militantes, e surgiram as várias cisões, e novas opções de lutas. Muitos outros novatos neste assunto também ingressaram no rol da rebelião. O terror governamental resultante de toda uma série de engrenagens repressoras, passa a alimentar as respostas violentas, com operações que culminam com seqüestros e mortes, tanto do lado da repressão oficial, com muito maior número de perdas, como das organizações, esquerdistas, que foram à luta para valer. As torturas, os assassinatos e os desaparecimentos foram a níveis altos, jamais conhecidos no Brasil, segundo depoimentos de centenas de prisioneiros, divulgados pela Amnesty Internacional.

A grande massa não se impressionou e não ingressou nos movimentos armados, e pouco ou nenhum conhecimento tinha do que se passava. Um líder da guerrilha urbana, em 1970, COLOMBO VIEIRA DE SOUZA JÚNIOR, libertado em fins de 1979, disse em entrevista aos jornais que, *"tudo era um negócio terrível, sabíamos de todas as quedas, mortes, assassinatos, mas na rua a massa comemorava a Copa, cantando aquela marchinha 'Prá frente Brasil, Brasil'."* É conhecida também uma música popular, que conta a história de diversos grupos de jovens, que tinham marcado uma data para a deflagração de guerrilhas, em alguns pontos do país, mas que adiaram, em decorrência da realização de uma importante partida de futebol, cuja data coincidiria. Isto é uma demonstração da espécie de apatia, de âmbito nacional, naquela ocasião. Ademais, estava-se no auge do chamado milagre brasileiro, que no fim resultou tudo negativamente.

Mas uma pergunta poderia ser feita. Em qual tempo teria dado ou daria efeito à guerrilha urbana?

As guerrilhas urbanas, na época, consistiram, principalmente, em invasões e tomadas de rádios para divulgação de manifestos, seqüestros políticos com o objetivo de libertação de companheiros ou líderes estudantis e operários ou pessoas não ligadas ao movimento e sofrendo injustiças, expropriação a bancos e carros pagadores para o financiamento dessas e outras atividades. Além disso, vários aviões fo-

(45) Declarações ao *O Estado de S.Paulo*, 08/02/1980.

ram tomados e levados para fora do país. Foram feitos alguns justiçamentos, inclusive de um capitão norte-americano, agente da CIA em São Paulo. O primeiro embaixador a ser seqüestrado foi o dos Estados Unidos, no dia 4 de setembro de 1969, seguindo-se ao da Alemanha, da Suíça e o cônsul japonês, em São Paulo.

Um livro de autoria de um ex-guerrilheiro urbano, o então jovem jornalista FERNANDO NAGLE GABEIRA, lançado em 1979, com o título *Que é isso companheiro?:* Depoimento, relatou ângulos desta modalidade de luta no Brasil, da qual participou, quando tinha a idade de 25 anos.

Algumas das quase 20 organizações armadas no Brasil foram: 1 – Partido Comunista do Brasil (PC do B); 2 – Movimento Revolucionário 8 de outubro - MR-8 (em homenagem a CHE GUEVARA, data de sua queda na Bolívia), com atuação no Rio de Janeiro; (46) 3 – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, criado por APOLÔNIO DE CARVALHO; 4 – Ação Libertadora Nacional (ALN), cujo criador principal e líder foi CARLOS MARIGHELA. Estas quatro facções foram saídas do velho Partido Comunista Brasileiro, e essas dissidências deixaram claro a idéia de que *"o regime só iria ser derrubado através da luta armada e que esta deveria ser desencadeada por ações ousadas de guerrilha – no campo ou na cidade – que, por seu exemplo, apontaria ao povo o caminho da libertação."* 5 – Política Operária (Polop), que passou, em 1967, a integrar-se na VPR; 6 – Comando de Libertação Nacional (Colina), dissidência da Polop, e que inicialmente atuava no Estado de Minas Gerais; 7 – Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), também dessidência da Polop; 8 – Vanguarda Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), que foi a união posterior da *Colina com a VPR);* 9 – Movimento Nacional Revolucionário (MNR), que foi o suporte da guerrilha de Caparaó. Deste movimento, também participou o jornalista Flávio Tavares "Dr. Falcão", que quis organizar uma guerrilha no Triângulo Mineiro, mas nada se conseguiu. (47) 10 – Ala Vermelha do PC do B; 11 – Movimento Revolucionário Tiradentes, sendo estas duas surgidas do PC do B; 12 – Movimento de Libertação Popular (Molipo), constituído de jovens que tinham saído da ALN. Era um movimento modesto e alguns de seus militantes seqüestraram um avião, que os leva para Cuba, em 8 de outubro de 1969, onde lá já se encontravam exilados outros membros do grupo. Todos decidiram voltar ao Brasil no final de 1972, apesar de que, nesta época, o massacre da esquerda armada estava no seu ponto mais alto. Este grupo, chamado de Os 28 da Molipo, foi cercado e liquidado, deixando a certeza de que havia policiais infiltrados entre os mesmos, pois os órgãos de segurança sabiam com detalhes a história do regresso. O Molipo procurou ainda ajuda da ALN, para transferir alguns militantes para o interior do País, mas sem êxito; 13 – Ação Popular, que nasceu dentro da Juventude Universitária Católica, e atuou de 1962 a 1972, quando se incorporou ao PC do B. Empolgou o movimento universitário e, no período de dez anos, elegeu todos os presidentes da UNE. Teve influência em grandes greves operárias: do Cabo, em Pernambuco, Contagem, Minas Gerais e dos metalúrgicos de Osasco, em São Paulo. Seu trabalho mais expressivo se dava entre os camponeses do Nordeste. Um de seus ativistas, MANOEL DA CONCEIÇÃO, produziu pequenos atos de guerrilhas, ao tomar uma cidade no Maranhão, com dois mil e quinhentos homens armados. Esta organização, a mais ativa em 1968, passou a defender a luta armada, e sua estrutura de comando se centralizou em reflexos que sofreu de Cuba, e da concepção foquista de Debray e GUEVARA, defensores da teoria da criação de focos de luta armada que se irradiam depois, desembocando numa revolução popular. Sua última denominação foi: Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil, e sempre se recusou a denominar-se partido, por entender que partido era uma invensão burguesa. Seus principais dirigentes, Aldo Arantes e Aroldo Lima, estão para editar um livro, que escreveram quando estiveram presos nos presídios do Hipódromo e Barro Branco, em São Paulo.

As guerrilhas urbanas, no Brasil, bem como as demais, num cômputo final, não surtiram resultados no terreno militar, não se falando quanto à idealogia e recrutamento. O último combate ocorreu em uma chácara, nas imediações de Recife, em janeiro de 1973.

Das figuras de proa da luta armada, só escapou, nada mais, nada menos, do que o cabo José Anselmo dos Santos, pertencente à VPR, que se encontra desaparecido, e com posição controvertida, pois muitos o dão como bandeado para o lado das forças de segurança. (48)

Quando o general Ernesto Geisel assumiu a Presidência, em 1974, a guerrilha no Brasil já era coisa do passado.

Quais seriam ainda outras causas do fracasso das guerrilhas do Brasil? Todas as fontes militares consultadas sobre o período em que se desenvolveram contra os movimentos de esquerda, são unânimes e categóricas em afirmar que os agentes secretos do governo estiveram infiltrados em todas as organizações guerrilheiras e foram decisivos para que os grupos das lutas armadas fossem desbaratados. O Serviço Nacional de Informações é um dos mais poderosos e organizados do mundo, só ficando atrás dos seus congêneres dos Estados Unidos, da União Soviética e da Inglaterra, contando com verbas secretas e ilimitadas.

A VPR, o capitão CARLOS LAMARCA e o treinamento de guerrilhas no vale da Ribeira – Um destacado movimento guerrilheiro urbano foi a Vanguarda Popular Revolucionária, que ganhou mais impulso quando recebeu a adesão do jovem capitão CARLOS LAMARCA, considerado um oficial de folha limpa e com elogios no seio de sua corporação, que abandonara, em janeiro de 1969, as fileiras do exército, para se dedicar às atividades guerrilheiras, tendo levado carregamento de armas de seu destacamento, o quarto RI, de Quintaúna, no Estado de São Paulo, Estado que foi a maior base de todas as operações. A VPR, chamada também de Grupo dos Sargentos, por ter alguns militares desta patente em seu meio, durou mais de cinco anos: de 1968 a meados de 1973. Foi uma verdadeira guerra aberta contra o governo, num processo que teve também presente a luta interna, tendo esta organização, no final, se cindido várias vezes, até a exaustão. Sofreu, além do mais, uma perseguição tenaz, e seus dirigentes foram quase todos torturados e mortos, das maneiras mais horríveis, pelas forças do exército e da polícia.

A Vanguarda Popular Revolucionária foi ao auge, quando se uniu ao grupo Comando de Libertação Nacional (Colina), formando a Vanguarda Armada Revolucionária (Var-Palmares), e chegou a contar com mais de 400 guerrilheiros profissionalizados, além de ter mais de outro tanto de simpatizantes que lhe dava suporte.

Em fins de 1969, a VPR deslocou parte de seus esforços para uma experiência e treinamento guerrilheiro no Vale do Ribeira, perto do litoral sul do Estado de São Paulo, uma das regiões mais pobres deste Estado. O capitão CARLOS LA-

(46) O MR-8 tem ainda hoje intensas atividades políticas no Rio de Janeiro. Passou a integrar o PMDB nos seus diretórios da 17ª e 18ª zonas eleitorais e por pouco não controlou estes diretórios da antiga capital. O jornal semanário *Hora do Povo* expressa a atuação do MR-8.

(47) Flávio Tavares, após ser preso e torturado, foi trocado com mais 14 presos políticos, em setembro de 1969, no seqüestro do embaixador americano Charles Buke Elbrich. Quando esteve em 1978, trabalhando como jornalista no Uruguai, como correspondente de jornais, foi encarcerado por quase um ano. Foi anistiado e atualmente pertence à redação de *O Estado de S. Paulo*, mas exerce suas funções em Lisboa.

(48) O Cabo Anselmo foi o chefe da rebelião dos marinheiros em 23 de março de 1964, que causou grande desgaste ao governo Goulart.

MARCA, ao lado de suas condições políticas, estava capacitado e familiarizado com as técnicas militares e táticas de combate e sabotagem, além de outras, e foi o comandante desta operação que visava, futuramente, deslocar-se para o Nordeste, onde eclodiria um movimento guerrilheiro, embrião do futuro Exército Revolucionário.

Por um mero acidente automobilístico, de um dos membros, na capital do Estado, em abril do ano seguinte, descobriu-se a trama da guerrilha. E esta manteve por quase dois meses confrontos com várias mortes de ambos os lados e todos os tipos de combates com forças governamentais. O grupo chefiado por CARLOS LAMARCA rompeu um dos maiores cercos militares já realizados no país, do qual participou um efetivo combinado de milhares de homens do exército, aeronáutica, da Polícia Civil e Militar. No dia 31 de maio de 1970, LAMARCA chegava em São Paulo com alguns de seus companheiros sãos e salvos, e foi quando consolidou sua posição na Coordenação Geral da VPR.

Porém, passou a adotar novas concepções para uma guerrilha popular prolongada. A determinação da VPR era, em 1971, de estabelecimento de um hiato, para retemperamento de forças, e LAMARCA deveria deixar o País, com destino a Cuba. Mas a disposição do mesmo era a luta, tendo ingressado no já fraco MR-8 e se envolvendo num péssimo processo, partindo para os sertões do Estado da Bahia, para começar tudo de novo. Tratando-se de velhos ferimentos com um médico, na cidade de Ibotirama, CARLOS LAMARCA foi, num ato vil, denunciado pelo mesmo, às forças de segurança e em 17 de setembro de 1971, após perseguição, sem tréguas, tombava com mais um companheiro JOSÉ CAMPOS BARRETO, em plena caatinga, no norte baiano, na localidade de Pintada, município de Ipupiara, nas plagas por onde tinha passado, há muitos anos, Antônio Conselheiro.

CARLOS LAMARCA tinha-se tornado um dos mitos do movimento popular armado e com sua morte cessava um perigo às forças governistas.

CARLOS MARIGHELLA E A AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL – O ex-deputado à Assembléia Nacional Constituinte, pelo Partido Comunista Brasileiro, em 1946, foi o mais destacado de sua bancada de quinze membros. MARIGHELLA representava a Bahia, seu Estado natal.

Mas a sua atividade política, na legalidade, durou pouco; pois foi forçado a retornar à clandestinidade, até a sua morte. Ingressou no Partido Comunista, em 1929, quando ainda era estudante de engenharia e rompeu com o mesmo, em 1962, e em 1967, após participar em Cuba, de reunião da Organização Latino-Americana de Solidariedade, já tomava sua definição de que *"com o abandono do caminho revolucionário, o partido marxista passa a ser apêndice dos partidos burgueses." O Jornal do Brasil,* na edição de 5 de setembro de 1968, chegou a publicar as suas Questões sobre as guerrilhas no Brasil, e daí para frente, passou a ter uma atuação muito vigorosa, a seu estilo próprio, conclamando todos os brasileiros para que eles aprendessem a atirar, a se organizar em grupos clandestinos e começar a agir: *"é chegado o momento de fazer a coleta de fundos, comprar e capturar armas e munições, fabricá-las clandestinamente, selecionar e adestrar combatentes . . . estabelecer apoio logístico para a guerrilha"*, e pensava ter-se entrado no liminar de uma era de inssurreições urbanas e camponesas.

A ala de MARIGHELLA, no antigo Partido Comunista, contando com inúmeros militantes denominou-se Agrupamento Comunista de São Paulo e, depois passou a ser denominada de Ação Libertadora Nacional, que deveria, largando discussões acadêmicas, ser a vanguarda do movimento popular, e *"a vanguarda será aquela força que passar à ação concreta contra os inimigos da revolução Brasileira . . . e se definirá em termos de ação e não falatórios por manifestos . . ."* e o próprio MARIGHELLA passa a comandar e tomar parte pessoalmente nos diversos confrontos da guerrilha urbana. De antigo intelectual do Partido, passa a um violento combatente.

Mas as guerrilhas urbanas não seriam o mais importante para a ALN e MARIGHELLA, nos últimos meses de sua vida, estava se dedicando à preparação da guerrilha rural, surgindo em meio à rebelião social, no campo. Porém, a morte, ocorrida em uma emboscada, na capital de São Paulo, em 4 de novembro de 1969, terminou com as suas pretensões estratégicas. (49)

O comando da ALN passou a JOAQUIM CÂMARA FERREIRA, velho comunista de São Paulo, antigo diretor do jornal oficial do Partido *Hoje* que posteriormente adotou o nome *Notícias de Hoje* e de outras publicações. E este, pouco menos de um ano depois, foi preso e liqüidado, em meio a torturas, na Fazenda 31 de Março, nas proximidades da capital paulista.

Assim terminava a Aliança Libertadora Nacional.

MARIGHELLA, que estava sepultado, como indigente, no cemitério de Vila Formosa, na cidade de São Paulo, teve seus restos mortais transladados para a necrópole de Quinta dos Lázaros, em Salvador. Está em sepultura, com lápide de concreto, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que mostra, em baixo-relevo, a figura simbólica de MARIGHELLA, braço direito erguido, com punho cerrado e cinco balas no peito, formando, essas, o contorno da constelação Cruzeiro do Sul, com a seguinte inscrição na lápide: Não tive tempo para ter medo.

Na capital baiana, em 10 de dezembro de 1969, por ocasião das solenidades da homenagem póstuma, foi lida a mensagem do escritor e seu colega da Assembléia Constituinte de 1946, Jorge Amado:

"Dez anos inteiros, ferozes, de calúnia e ódio, na tentaiva de extinguir a tua verdade, para que ninguém pudesse te enxergar. De nada adiantou tanta vileza, não passou de uma tentativa vã e malograda, pois aqui estás inteiro e límpido. Atravessaste a interminável noite da mentira e do medo, da desrazão e da infâmia e desembarcaste na aurora da Bahia, trazido em mãos de amor e de amizade. Aqui estás e todos te reconhecem como foste e serás para sempre: incorruptível brasileiro, um moço baiano de riso jovial e coração ardente. Aqui estás entre teus amigos e entre os que são tua carne e teu sangue. Vieram para te receber e conversar contigo, ouvir tua voz e sentir pulsar teu coração. Tua luta contra a fome e miséria, sonhavas com a fartura e a alegria, amavas a vida, o ser humano, a liberdade. Aqui estás plantado em teu chão e frutificarás. Não tiveste tempo para ter medo, venceste o tempo do medo e do desespero. Estás em tua casa, CARLOS: tua memória restaurada, límpida e pura, feita de verdade e de amor. Aqui chegaste pela mão do povo. Mais vivo que nunca, CARLOS".

A TENTATIVA DO ARAGUAIA – A mais séria e agora mais comentada tentativa guerrilheira, foi a do Araguaia, que envolveu a maior movimentação de tropas regulares, jamais realizadas no interior do Brasil, em todos os tempos, bastando dizer que estiveram operando cerca de 10 mil militares, inclusive agentes secretos da polícia federal, sem se falar em batepaus, informantes e outros. Foram co-

(49) As forças que assassinaram MARIGHELLA foram comandadas pelo chefe do esquadrão da morte e da tortura em São Paulo, o delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Este algoz da época pereceu afogado na semana santa de 1979, em Ilha Bela, litoral norte paulista, quando, após uma festa em que encheu a cara, iria inaugurar seu iate de cem mil dólares. Com isto, ficariam livres de julgamentos todos os seus crimes.

mandantes na campanha final três generais: Antônio Bandeira, que se mudou para o teatro central das ações: Xambioá; Viana Moog, que coordenava as operações à meia distância, e Hugo Abreu, que se juntou mais tarde, comandando a tropa de paraquedistas do exército, e contou com a assessoria do coronel Hermes de Oliveira, do exército português, um veterano das guerras coloniais da África. (50) As unidades em operação no Araguaia foram: Batalhão da Guarda Presidencial, 8º Grupo de Artilharia Anti-Aérea, Regimento de Cavalaria de Guarda, Polícia do Exército de Brasília, 10º Batalhão de Caçadores de Goiânia, 6º Batalhão de Caçadores de Ipameri e 36º Batalhão de Infantaria de Uberlândia, além de forças do comando Militar da Amazônia e da 12º Região Militar; da Aeronáutica: unidades da 1ª Zona Aérea de Belém, da 6º Zona Aérea de Brasília e da 3ª Zona Aérea do Rio de Janeiro; da Marinha: uma tropa do Agrupamento de Fuzileiros Navais de Brasília.

Dentro do cenário da guerrilha, ao lado das tropas do governo, o mais famoso militar atuante foi um tal de Curió, às vezes violento e cruel com os moradores da região, quando queria descobrir focos de combatentes, e tornava-se bonzinho para com os delatores atemorizados, que recebiam régios presentes. (51)

A guerrilha do Araguaia deu ainda motivos para, em 1973, o exército aumentar seus efetivos na Amazônia, construindo mais cinco quartéis, sendo quatro na Transamazônica: Marabá, Altamira, Itaiatuba e Humaitá, e o outro em Imperatriz no sul, no Maranhão, e todos destinados à criação de batalhões de infantaria da selva. E foi assunto que envolveu o Estado Maior das Forças Armadas e a Escola Superior de Guerra.

A duração de todo o movimento foi de mais de dois anos, desde o dia 12 de abril de 1972, até meados de 1974, sendo as operações antiguerrilhas oficialmente encerradas em janeiro de 1975.

Todo o complexo bélico, com emprego ainda de aviões, helicópteros, foi para serem enfrentados 63 guerrilheiros, entre eles 15 mulheres. Tombaram quase todos os componentes da denominada Forças Guerrilheiras do Araguaia que, já em 1967, tinha alguns elementos na região, vivendo como posseiros, comerciantes, camponeses, profissionais liberais e outras profissões.

As pelejas foram inúmeras, e os guerrilheiros portavam armas antigas e pouco eficientes, mas tinham grande força moral e contavam com algum apoio dos trabalhadores da região. Foram, além do mais, obstinados e relutantes, qualidades que fizeram a luta armada no sul do Pará durar tanto tempo. As FORGA tinham muitas ligações com o Partido Comunista do Brasil, e apresentaram um programa de 27 pontos, consubstanciados na União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo.

A idéia de guerrilha foi decisão do Comitê Central do PC do B, após exame da política nacional e da precária situação sócio-econômica da região do Araguaia, até então pouco policiada e longe dos principais centros militares. O valoroso **Partido Comunista do Brasil** jogou tudo o que tinha para a luta em pleno sertão brasileiro.

---

(50) O general Hugo de Abreu tornou-se Ministro Chefe da Casa Militar do presidente general Ernesto Geisel, mas se indispôs com este, por ocasião da sucessão presidencial. Articulou e apoiou a candidatura à presidência do general reformado Euler Bentes, pelo MDB, sem possibilidades de vitória; passou a atacar fortemente o governo e foi preso por diversas vezes, escreveu 2 livros, sendo que o primeiro, *O Outro Lado do Poder*, causou bastante celeuma; vindo a falecer em 5 de dezembro de 1979.

(51) Curió, ou doutor Curió, ou Major Mário Antonio Luchini, constituem o cognome do hoje tenente coronel Sebastião Rodrigues de Moura, que como prêmio pela sua atuação no combate às guerrilhas do Araguaia, foi ser assessor do Conselho de Segurança Nacional, e em maio de 1980, tornou-se uma espécie de interventor federal na região Amazônica da corrida do ouro – a Serra Pelada. Às vezes é mandado ainda para apaziguar índios, quando estes se revoltam contra a espoliação das terras que habitam. É um dos principais agentes do governo para questões ligadas à Amazônia.

Os seus ativos militantes CARLOS NICOLAU DANIELI; LUIS GUILHARDINI, LINCOLN CORDEIRO OEST e LINCOLN BICALHO ROQUE pertenceram à intendência logística, que foi desbaratada em meados de 1972, sendo os mesmos mortos logos após.

A guerrilha tinha como objetivo criar, em plena selva, um Exército Revolucionário do Povo, dirigido por uma organização política e destinado a consolidar, na região, uma área liberada, administrada futuramente pelos próprios guerrilheiros. Queria organizar os camponeses, visando incorporá-los no processo de transformação social brasileira. Através de pequenos grupos, se pretendia formar o embrião de um Exército Popular, ponto de partida para a tomada do poder pela luta armada. Era a transplantação, para o Brasil, da teoria de guerra popular, concebida pelos revolucionários chineses de Mao Tsé-Tung. Muitos de seus participantes ativos assim a consideravam:

"Isto aqui é um foco, uma chama brilhante que se acendeu na região do Araguaia. Acreditamos no povo e achamos que só tem futuro a luta de sólida base popular. Tudo quanto fazemos destina-se a elevar a consciência dos homens simples. O principal, agora, não é travar combate com o exército, ainda que isto tenha que ser feito, mas pôr de pé as massas da região, para defenderem seus direitos e chegarem a compreender, em profundidade, a necessidade da guerra popular."

A guerrilha do Araguaia não teve, na sua longa saga, nenhuma vitória militar, e nem poderia aspirar isto, e estava mais preparada para morrer do que para matar, mas abriu na história recente nacional, uma proposição de novos caminhos políticos. Na época, o próprio governo julgou que tudo poderia ser mais grave, e assim a considerou:

"Foi o mais importante movimento armado rural já ocorrido no Brasil, principalmente por ter sido mais organizasdo."

As bases ou destacamentos da guerrilha do Araguaia estavam sediadas nas localidades de Faveiro, perto de Apinagés, entre o rio Araguaia e a Transamazônica; Gameleiro, ao norte de Santa Izabel; e Caiano, a oeste de Xambioá e nas imediações do rio do mesmo nome, e em plena selva, não muito longe da aldeia dos índios Suruís, estava uma Comissão Militar.

São os seguintes os guerrilheiros entre outros, que participaram do movimento e combates do Araguaia:

JOÃO CARLOS HAAS SOBRINHO, 28 anos, médico gaúcho, ex-presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Fedral do Rio Grande do Sul e também da União Estadual de Estudantes. Antes, quando passou a ter problemas com as forças policiais de seu estado natal, tinha ido à cidade de Porto Franco, no norte de Goiás, e aí construiu, com ajuda dos trabalhadrores, um hospital, onde atendia com atitudes suaves e dedicação ímpar, todos seus habitantes. O surgimento de cartazes confeccionados pelas forças de segurança, na região, levando a sua foto, fez com que abandonasse o local e o seu sacerdócio e se integrasse nas guerrilhas, onde se tornou comandante da base de Faveiro, e membro da Comissão Militar. Mesmo ferido, em julho de 1973, ainda combateu, até tombar, em 30 de setembro do mesmo ano. Semanas antes JOÃO CARLOS tinha escrito uma emocionante carta aos habitantes da cidade onde estivera e fora estimadíssimo, recordando o período que lá vivera e concitando o povo a apoiar a resistência armada do sul do Pará;

OSVALDO ORLANDO DA COSTA, o OSVALDÃO, mineiro de Passa Quatro, nascido em 27 de abril de 1938, um atleta, com quase dois metros de altura, ex-jogador de basquete do Botafogo do Rio de Janeiro, oficial da reserva do CPOR, com curso de engenharia na Checoslováquia. Já vivia no Araguaia desde 1966. Comandava a base de Gameleiro, onde existiam mais 23 companheiros, e era membro da Comissão Militar. Foi o mais valente dos guerrilheiros, e se o Araguaia tivesse 50 iguais a ele, a situação teria sido outra. Combateu até o fim e, em maio de 1974, quando já havia ordem de dispersão da guerrilha caiu numa emboscada, em São Domingos. Ferido, com malária, magro, sem mais ânimo não foi difícil às tropas do exército, assassiná-lo e exibir aos habitantes do lugar o seu corpo maltratado. Estava com 37 anos;

MAURÍCIO GABROIS, velho militante comunista, ex-deputado da Assembléia Constituinte de 1946, colocou na prática a teoria da revolta armada no país, e como membro do dissidente Partido Comunista do Brasil, foi combater no Araguaia, apesar dos seus 60 anos. Era também membro da Comissão Militar. No Natal de 1973, numa operação dos paraquedistas, a guerrilha sofreu o seu mais rude golpe, pois muitos morreram e GABROIS deve ter tombado neste encontro, onde houve até bombardeios, apesar de as forças de segurança nunca terem se referido ao mesmo;

ARILDO VALADÃO, estudante, do Estado do Espírito Santo, foi para a guerrilha em fevereiro de 1969, juntamente com sua mulher, após seu casamento. Tombou em 24 de novembro de 1973, e seu corpo foi encontrado sem a cabeça, num sinal de atrocidade;

PAULO RODRIGUES, gaúcho, 33 anos, um dos primeiros a chegar na região. Tornou-se vendedor ambulante e depois dono de uma posse no município de São Geraldo do Araguaia. Comandante do Destacamento de Caiano;

DANIEL CALADO – "DOCA", operário, companheiro e acompanhante de PAULO RODRIGUES;

BERGSON GURJÃO FARIAS, químico, cearense, do Diretório Estadual dos Estuantes daquele Estado. Morto em maio de 1972, após ser pendurado em uma árvore e torturado;

KLEBER GOMES – "QUELÉ", sociólogo carioca. Em julho de 1972, doente, com leishmaniose, é preso, amarrado e arrastado sendo depois morto a golpes de baioneta;

DOWE MORAIS CAVALCANTI, estudante cearense;

LORIVAL PAULINO, camponês da região, que se integrou à guerrilha, foi enforcado em maio de 1972;

CIRO FLÁVIO DE OLIVEIRA SALAZAR, ex-estudante de arquitetura no Rio de Janeiro, morto em 30 de setembro de 1973, juntamente com o médico JOÃO CARLOS;

IDALÍCIO SOARES ARANHA FILHO, estudante de piscologia, morto em julho de 1972;

FRANCISCO CHAVES, ex-marinheiro, velho líder comunista, que já vinha do Movimento Aliancista de 1935. Morreu em 20 de setembro de 1973;

JOSÉ HUMBERTO BRONCA, gaúcho, foi trapezista de circo, camelô, motorista de táxi e mecânico da Varig;

ANTÔNIO MONTEIRO, geólogo, inscrito como cientista do Ministério de Minas e Energia. Morto em 20 de setembro de 1973, após sofrer torturas;

ÂNGELO ARROYO – "JOAQUIM", metalúrgico, 41 anos, também antigo comunista, integrava o PC do B. Era um dos dirigentes da Comissão Militar da guerrilha, da qual saiu com a ajuda da população local, em 1973. Mas foi assassinado pela polícia, no bairro da Lapa, rua Pio XI, nº 767, capital de São Paulo, num estouro do aparelho da sua facção, em 1976;

ANTÔNIO RIBAS – "FERREIRA", paulista, ex-presidente da União Estadual dos Estudantes Secundaristas;

JAIME PETIT, irmão de MARIA LÚCIA, que tinha também outro irmão na guerrilha;

GUILHERME GOMES LUND, "LUÍS", paulista, nascido em 1947, desapareceu na guerrilha, no dia de Natal, de 1973, após um ataque ao grupo de MAURÍCIO GRABOIS. (52)

MIGUEL PEREIRA DOS SANTOS – "CAZUZA", morto em 20 de outubro de 1972;

WADICK COQUEIRO – "JOÃO DO B. ";

ANDRÉ GRABOIS, filho de MAURÍCIO GRABOIS;

GILBERTO OLÍMPIO MARIA, genro de MAURÍCIO GRABOIS;

ELMO CORREA – "LOURIVAL";

UIRAÇU DE ASSIS BATISTA – "VALDIR";

PAULO MARQUES, "AMAURY", ex-bancário em Minas Gerais.

Os últimos seis são dados como desaparecidos, mas é de inteira certeza que também foram assassinados.

Todos os nomes citados tombaram, de uma forma ou de outra. Pouquíssimos sobreviveram, e entre estes estão:

JOÃO AMAZONAS DE SOUZA PEDROSA, um dos constituintes pelo Partido Comunista, em 1946, e outro dos líderes de cisão, que levou à criação do PC do B. Também um dos ideólogos da guerrilha do Araguaia, esteve na região por largo período, e quando de lá saiu, a guerrilha tinha sofrido sérios golpes. Viveu na clandestinidade, até ter-se notícias de que estava na Albânia, para onde se exilou. Após a anistia, regressou ao Brasil em 23 de novembro de 1979.

JOSÉ GENOÍNO NETO, 24 anos, foi presidente do Diretório Central dos Estudantes do Ceará e um dos diretores da UNE, onde chegou a ser preso no histórico Congresso de Ibiúna, no Estado de São Paulo. Formado em filosofia e mal iniciou o curso de Direito, foi cassado pelo Decreto Lei 477. Chegou, em 1970, ao Araguaia e pertencia ao destacamento de OSVALDÃO, e foi um dos primeiros presos em 18 de abril de 1972, tendo ficado incomunicável e sendo torturado um ano inteiro. Após cumprir pena de 5 anos no Hipódromo, Casa de Detenção, Penitenciária de Barro Branco, em São Paulo, e depois no Instituto Penal Paulo Sarazate, no Ceará, de onde foi solto em abril de 1977. Hoje é professor de história na capital de São Paulo, tendo ingressado no Partido dos Trabalhadores (PT).

---

(52) GUILHERME GOMES LUND, com a idade de 23 anos, em 2 de fevereiro de 1970, depois de abandonar o seu lar, mandou a última carta a seus pais, na qual, entre outras coisas, escreveu: *"Diante da situação atual, é preciso que se encare seriamente a questão de nossa vida e a quem dedicá-la. Andei pensando bastante no assunto e cheguei a várias conclusões. Na análise que fiz, pesei tudo, coloquei o específico dentro do conjunto. No conjunto sei que nada adiantará continuar a estudar pela própria situação geral do país. Cada vez se torna mais difícil para os jovens se manter nesse estado de coisas. Não há perspectiva para a maioria dentro do atual status, muito menos para mim, que não consigo ser inconsistente ou alienado a tudo o que se passe em volta. Sobre as propostas que me fizeram, cheguei à conclusão de que não posso aceitá-las, não posso largar tudo, seria atentar contra minha consciência. E, para mim, essa consciência é algo de muita importância. Minha decisão é firme e bem pensada, para mim nada vale o enquandramento dentro do esquema. No momento, só há mesmo uma saída: transformar este país, e o próprio governo é o que nos obriga a ela. A violência injusta gera a violência justa. A violência reacionária é injusta enquanto a violência popular é justa, porque está a favor do progresso e da justiça social. Temo que não compreendam a grandeza do caminho que vou tomar, temo que não entendam a nobreza de meus ideais."*

Quem não esteve no cenário da guerrilha foi Haroldo Lima, baiano de Caitité, engenheiro eletricista, 33 anos, membro da Comissão Executiva do Comitê Central do PC do B. Foi um orientador à distância e embora escapasse de ser morto no Araguaia, foi preso em São Paulo, juntamente com Wladimir Pomar, ELZA MONNERAT e Aldo Arantes, no mesmo dia e local em que foram assassinados Pedro Pormar, Ângelo Arroyo e João Batista Franco Dumond. Cumpriu parte da pena de 8 anos no presídio político Barro Blanco, também em São Paulo, tendo sido anistiado em 1969.

A guerrilha do Araguaia também foi integrada por cerca de 15 mulheres, citando-se entre estas:

ELZA DE LIMA MONNERAT, funcionária pública aposentada do Estado do Rio de Janeiro, a mais notável delas, pela sua idade de 60 anos, e por estar quase sempre nos cenários das lutas, pertencia à direção do PC do B e fazia parte do setor estratégico. Saiu do campo de ação em dezembro de 1973, aparentemente para providenciar reforços e armas. Foi presa em São Paulo, juntamente com outros militantes, em novembro de 1976. Foi condenada a 5 anos de prisão e posteriormente o Superior Tribunal Militar reduziu a pena para 3 anos, que esteve cumprindo na Penitenciária Feminina do Estado, sendo anistiada;

HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETTH – " FÁTIMA", antiga dirigente da União Nacional dos Estudantes. Presa e torturada até a morte em 29 de setembro de 1972;

SUELY YIOMIKO KANAYAMA, cursava letras na Universidade de São Paulo. Morreu perfurada com mais de 100 balas;

ZÉLIA MAGALHÃES;

ANGELINA GONÇALVES;

ÁUREA VALADÃO, antiga campeã brasileira de natação, mulher do guerrilheiro ARILDO VALADÃO. Desaparecida, presumivelmente assassinada.

MARIA LÚCIA PETIT DA SILVA, mineira, estudante no Rio de Janeiro, depois de morta seu corpo foi violado;

WALQUÍRIA SOARES ARANHA, mulher do guerrilheiro IDALÍCIO;

DINA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO, uma das grandes figuras da guerrilha. No seu início, no seu destacamento, lecionava como professora primária e fazia papel de assistente social. Mulher do guerrilheiro ANTÔNIO MONTEIRO, sendo também geóloga, foi morta no segundo semestre de 1974.

DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA, "DINA" famosa pela valentia como que se comportou nos combates em que tomou parte.

JANA MORONI BARROSO – "CRISTINA": desaparecida;

MARIA CLÉLIA CORREIA – "ROSA"; desaparecida e

TELMA CORREIA – " LIA"; desaparecida;

Quem ficou pouco tempo no Araguaia foi Regina Pereira, que dando parte de doente, praticamene desertou das guerrilhas, em meados de 1971. Em São Paulo revelou a seus pais o que se passava no sul do Pará, e os familiares da jovem transmitiram informações ao exército.

Este triste episódio de delação só foi desvendado, em 1974, após a derrota da guerrilha.

Em 24 de outubro de 1980, seguiram para Belém e daí para diversos outros locais do cenário das guerrilhas do Araguaia alguns familiares dos 59 mortos e desaparecidos, após a eclosão do movimento armado. Na capital do Estado do Pará, foram acolhidos pela secção regional da Ordem dos Advogados do Brasil e pela Regional Norte 2 do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil, visitaram a Câmara Municipal e Assembléia Legislativa. A caravana esteve depois em Marabá, onde foi realizado um ato ecumênico e uma manifestação pública, mas na última etapa da viagem, na região denominada Palestina, em São João do Araguaia, foram boicotados, por ordens superiores. Os moradores, sob pena de represália, foram ainda intimidados por membros do exército e da polícia para não darem nenhuma informação sobre os participantes da guerrilha, entretanto, constatou-se que alguns guerrilheiros foram presos com vida.

Este fato levou posteriormente os familiares dos guerrilheiros a interpelarem judicialmente o Ministério da Justiça, para saberem onde esão enterrados os mortos, e caso haja sobreviventes, onde se encontram.

DEBATES SOBRE GUERRILHAS

O jornal semanário *Movimento*, promoveu um debate no último mês do ano de 1979, sobre o problema da luta armada no Brasil, sendo ouvidos diversos peritos no assunto.

JOSÉ GENOÍNO NETO, assim se expressou:

"Para entender o contexto em que surgiu a luta armada no Brasil, a partir de 1969, é preciso ir um pouco além. É preciso ter uma visão mais profunda do que foi o golpe de 1964, quando as classes dominantes alteraram as formas de dominação política, redefiniram classses representadas no Estado e anteciparam-se ao movimento de masssas existente na época. Este movimento, por sua vez, marcado por uma perspectiva nacional-reformista, não teve condições subjetivas para atuar corretamente no momento de crise mais aguda.

"Pois bem: com a crise delineada e diante do fato de que o movimento operário e popular não conseguia lhe dar uma resposta adequada, veio a contra-ofensiva da burguesia, associada ao capital internacional, juntamente com os grandes proprietários rurais, e tendo à frente as Forças Armadas. Apelaram para o golpe na defesa de seus interesses de classe. Golpearam profundamente o movimento popular e democrático, criando condições para viabilizar o processo acelerado do desenvolvimento capitalista.

"O êxito das classes dominantes, nessa empreitada, serviu para aprofundar a crise de setores ponderáveis das forças populares, que se encontravam sob a perspectiva nacional-reformista, caracterizada pelo reboquismo do movimento operário à burguesia, pela ilusão em relação às Forças Armadas e pela ilusão quanto à possibilidade de conquistas de reformas sociais e conômicas pela via pacifista. Mas, por outro lado, com o golpe de 1964 aprofundaram-se as contradições de classe objetivas da sociedade brasileira; as formas ditatoriais de dominação acabaram ampliando o campo das forças oposicionistas, que discordavam da política econômica, baseada no arrocho salarial e no favorecimento ao grande capital estrangeiro e nacional; e que discordavam da penetração do capital no campo – consolidando a grande propriedade e aprofundando ainda mais a exploração, a miséria e a opressão.

"Ampliadas, as forças oposicionistas começaram a esboçar lentamente um movimento de resistência, que teve o seu pico em 1968, com um grande movimento de massas. Foi então que ocorreu o golpe dentro do golpe, de acordo com a firme decisão das classes dominantes de não permitir o que o movimento de massas criasse obstáculos ao processo de crescimento econômico do país. Veio então o AI-5

e a violência, institucionalizada no poder desde o golpe, transforma-se na essência do sistema político de dominação de classes.

"Foi assim, neste contexto, que forças organizadas da sociedade brasileira responderam à violência institucionalizada com a violência revolucionária, particularmente a partir de 1969. Esta violência revolucionária, quero frisar desde já, foi legítima. Foi o exercício do direito de se contrapor à violência do Estado. E, parcialmente, o recurso à violência foi também uma tentativa honesta, valiosa, salutar e louvável de se fazer uma autocrítica das causas que levaram à derrota o movimento de massas em 1964. Digo parcialmente porque as tentativas desenvolvidas no sentido de se resolver o problema da luta armada, nos planos teóricos e prático, foram marcadas por erros. Não foi uma autocrítica profunda.(. . .)

"Acho que a formação econômica e social brasileira tem uma característica marcante, desde o período colonial: é a dominação de classe através da violência, fundamentalmente. Isso tem obrigado os oprimidos a recorrer à violência como forma de defesa, desde o perióso colonial, quando tivemos célebres lutas populares. Na nossa história predomina, em larga escala, o uso de força bruta dos dominantes para impor seus interesses.

"Essa é a primeira questão: a violência está no miolo, na essência da dominação de classe da sociedade brasileira. Não é uma questão circunstancial, mas permanente. Todos os movimentos sociais, pacíficos, ou não, têm se defrontado com essa violência.

"A segunda questão é saber como o problema da violência foi resolvido pelas forças de vanguarda.(. . .)

"Na verdade existem duas classes na sociedade brasileira: a classe dos exploradores e a a classe dos explorados. Concordo que as tentativas de responder à violência têm sido marcadas por erros, tanto no caso da violência que parte das massas – o que foi Canudos? o que foi o Contestado? –, como também as experiências dos grupos – o caso dos 18 do Forte da Coluna Prestes, do movimento de 1935 e a experiência mais recente, depois do golpe de 64. Mas isso não implica a existência de três classes, mesmo porque a distinção fundamental é a seguinte: de um lado estão os que detêm os meios de produção e do outro os que detêm apenas o seu trabalho e são explorados. Os grupos que recorreram às armas estavam ao lado dos explorados e oprimidos. Sempre estiveram deste lado, mesmo tendo cometido erros na forma de resolver a questão.

"(. . .)Não estavam longe do ponto de vista dos objetivos, mas na forma de tratar a luta. Veja bem: do ponto de vista revolucionário, que considero referencial, a luta armada é uma forma de luta de massas. Os grandes clássicos do pensamento social dizem mesmo que ela é uma imposição das classes dominantes, à qual os dominados recorrem para se libertar. Daí ser a violência uma parteira da história. É uma necessidade para se destruir a força brutal que o Estado usa contra os dominados. Essa é uma questão. Outra é a dos erros cometidos.

"A história do pensamento revolucionário de 1945 a 1964, registra um certo vaivém, ora à direita, numa política de colaboração, de classe, ora à esquerda numa política isolacionista. Nos dois casos não se leva em conta a solução real colocada pelo movimento de massa. Em 1964, o erro foi o direitismo: fundamentalmente houve a ilusão de que a burguesia pudesse dirigir o processo de transformações, pudesse levar adiante aquelas reformas legítimas, que eram exigências das massas. Os setores de esquerda não acreditavam na possibilidade de qualquer saída para o bloco que vinha tramando o golpe desde 1947. Houve um erro de sentido direitista, na avaliação da correlação de forças assim como se cometeu erro nessa avaliação, de sentido esquerdista, depois de 1964.

"Resumindo: a crise da nossa sociedade não é fabricada por este ou aquele grupo, mas é inerente à nossa formação econômica e social. E o debate sobre a questão da violência tem dois ângulos: os aspecto objetivo da violência dentro da sociedade e o de como isso tem sido resolvido no plano subjetivo.

"O tratamento errado da violência tem sido o reflexo de uma concepção global errônea sobre a composição de classes e a correlação de forças no país. Este erro se manifesta no voluntarismo: ou negando a violência e caindo para a direita, ou então apelando para a violência sem as massas e caindo para a esquerda. É o caso de dois extremos que se tocam, como dizia Lênin: o espontaneísmo de direita se toca com o voluntarismo de ultra-esquerda.

"Não acho que o caminho da violência está na frente de tudo. O problema da violência deve ser conjugado com o desenvolvimento da crise política, com os reflexos dessa crise nas condições de vida econômica e social das massas, levando-se em conta ainda a necessidade imposta pelo processo real da mudanças de formas de luta – de lutas pacíficas para outras violentas de estágios inferiores para estágios superiores. Esse é o papel da vanguarda.

"O problema da violência não é ainda um problema só de métodos, só de formas. É de concepção. O correto é que a violência seja exercida pelo povo. E isso não é uma coisa do outro mundo, porque o povo já faz isso há muito tempo. Pelo contrário até: como conduzir o avanço organizativo das massas sem discutir essa questão, que está boi seu dia-a-dia? O povo sente esse poder armado colocado contra ele. Numa greve, por exemplo, esse poder vem e mata um operário, intervém no sindicato, prende lideranças . . .São coisas que todos vêem e a própria coletividade passa a perguntar: por que não se faz isso ou aquilo? Ou se dá um tratamento justo para o problema, ou acontece o espontaneísmo, facilmente derrotável.

"Esses erros dos grupos que lutam ao lado do povo revelam certa imcompetência como diz o Fernando Portela. Mas eu discordo dele em relação à incopetência das classes dominantes, que têm demonstrado exatamente o contrário, procurando sempre se adiantar ao povo ou apelando para a violência brutal ou chamando para a conciliação. Elas se adiantaram em 30 e 45 e estão tentando novamente agora. Vendo que não dá para solucionar a crise só através do terrorismo aberto e declarado, as classes dominantes hoje estão propondo a conciliação, a coalizão de classes. Isso não é incopetência. Pelo contrário.(. . .) enquanto o governo apela para o aumento do preço da gasolina e mergulha o país numa crise econômica, quais são as grandes manifestações que estão ocorrendo no país contra essa crise? Qual é a resposta que se está dando a ela? Veja bem: com o país mergulhado numa crise dessa, o governo ainda tem a ousadia de impor um projeto de reformulação partidária, porque está com a iniciativa nas mãos e a correlação de forças está do lado deles, em cima da nossa debilidade.(. . .)

"(. . .) Acho que as forças revolucionárias do Brasil contribuíram na luta contra a didatura. Pagaram um preço caríssimo, e foram derrotadas mas contribuíram. É essa imagem que, paulatinamente, na medida em que avança a luta política no país, vai sendo colocada para o povo. Está começando a predominar uma imagem de admiração por aqueles que se contrapuseram ao regime, mesmo com erros, mesmo com atitudes isolacionistas.

"Essas ações ocorreram na época do famoso 'sufoco', que todo mundo sentiu: então, quando alguém tinha a disposição, a coragem e a bravura, era motivo de orgulho do povo brasileiro. Isso é evidentemente saudável, mas também não podemos por causa disso ficar escondendo os nosso erros."

APOLÔNIO DE CARVALHO, um velho revolucionário que, no primeiro exílio, participou da Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos e depois na

Segunda Guerra Mundial, como combatente da **Resistência Francesa**, onde foi posteriormente condecorado. Voltou ao Brasil, em 1947, onde pertenceu ao **PCB**, até organizar o **Partido Comunista Brasileiro Revolucionário**, em 1967, ano em que foi preso e trocado depois pelo embaixador alemão que foi seqüestrado por ocasião das guerrilhas urbanas. No seu regresso atual, passou a pertencer ao **PT**, como membro de seu diretório nacional.

Esta foi a sua opinião:

"Penso que deveríamos ir um pouco mais longe ainda para entender essa violência. O golpe de 64 realmente agravou a situação do povo, mas a sociedade brasileira está marcada, desde antes do período republicano, por uma grande discriminação das forças populares. A classe operária, os trabalhadores da cidade e do campo, têm sido sistematicamente excluídos das liberdades democráticas, que já são muito limitadas em termos de conceito de democracia. Assim, a luta pelos direitos sociais e pelas liberdades políticas tem sido forçada a se orientar muitas vezes, quando setores avançados do povo tomam consciência de seus direitos, no sentido de uma resposta pela violência à violência institucionalizada através do poder do Estado.

"Se analisarmos a Constituição de 1946, veremos que, ao mesmo tempo que proclema mil liberdades já reconhecidas e que constituem um patrimônio geral dos povos, ela submete a aplicação dessas conquistas à elaboração de leis complementares que estarão subordinadas à iniciativa de um parlamento inteiramente monopolizado pelas classes dominantes (esse parlamento, inclusive adiou permanentemente a elaboração dessas leis complementares).

"O golpe de 64 agravou essa situação, em função dos objetivos a que estava submetido e de uma filosofia de governo apoiada na doutrina de eseguraça nacional, que transfere o inimigo da pátria das fronteiras para o seio do povo, divide a família nacional e coloca uma parte considerável da população no índex de suspeitos por subversão.

"Diante desse quadro é que eu concordo com o Genoíno, quando ele defende a legitimidade da violência como resposta à violência institucionalizada. Penso que o recurso da luta armada não deve ser colocado como obra do desejo, do voluntarismo, digamos assim, de certos setores avançados da população. A origem desta violência está no próprio sistema estabelecido, no próprio tipo de relações entre o poder de Estado e a imensa maioria da população, com a eliminação de todos os elementos de confronto de opiniões de crítica, de participação política e cultural.

"(. . .) A luta armada não está na ordem do dia. Estamos saindo de uma ditadura militar que fez tudo para evitar o problema da luta armada e também sua discussão, fundamentalmente para marcar advertências e ameaças contra o movimento popular e o movimento democrático. Outro fator é a diversificação de correntes políticas no interior da esquerda, inclusive no interior das organizações. E, além disso, se a questão que está na ordem do dia é o problema da ampliação do espaço político das forças populares e o desdobramento da democracia dentro de uma nova dimensão social, o problema da violência realmente se coloca para ser estudado.

"É um problema presente, conforme ficou demonstrado aqui, quando se levantou a questão da violência do Estado. É uma violência utilizada contra a imensa maioria da população, para manter uma democracia que na verdade é uma ditadura de classe, que limita profundamente o quadro das liberdades democráticas, que discrimina e que exclui politicamente a imensa maioria da população, e que ao mesmo tempo, serve de instrumento de contenção da luta de classes.

"(. . .) Eu participei do trabalho pacífico e legal do movimento de 1935 empreendido pela Aliança Nacional Libertadora. Estava no Rio Grande do Sul, trabalhando com os operários, com as camadas médias e assalariados urbanos, e com um mínimo de ligação com o campo. Participei desse esforço de mobilização popular que tinha uma imensa receptividade por parte de amplas camadas.

"Não era um movimento que visasse à transformação da sociedade diretamente no sentido do socialismo. Era um programa ainda profundamente possível nos quadros do regime burguês estabelecido. Nesse ponto, inclusive, queria lembrar que a violência do Estado está intimamente ligada à intolerância das classes dominantes e sua profunda intransigência contra toda tentativa de conquista de um mínimo de liberdades e direitos da imensa maioria. Essa questão tem que estar presente de corpo inteiro no debate, para não ficarmos numa análise que parte de posições de direita, antipopulares.

"Aconteceu que o poder cortou toda possibilidade de atividade da vanguarda, que havia nascido da massa e foi jogada na ilegalidade. E houve uma repressão muito violenta contra todas as forças participantes. Um programa tão simples e tão justo, tão marcado pelas aspirações populares, foi jogado de lado: e o povo ficou impossibilitado de participar, de ter o seu lugar no confronto de mensagens. É esse quadro de violência e intransigência, em 1935, que marca muito nitidamente a legitimidade do recurso à violência. A maneira como ele se processou é outra questão.

"Para analisarmos o rumo que as coisas tomavam, precisamos analisar também a orientação que a vanguarda, no momento, trazia ao movimento. E aí não podemos mais discutir só 1935. A análise crítica e autocrítica dessa orientação deve se estender para os anos 40, para os anos 50 e 60. Porque, quando se diz que o fundamental é a unidade e a organização das grandes massas, se diz uma verdade. Mas essa unidade, essa mobilização popular tem que ter uma orientação justa. Que linha política se traz a essas massas mobilizadas e organizadas para se oporem à ditadura de classe? E aí chegamos a 64.

"Seria muito fácil, mas seria unilateral ficar no plano da análise dos erros cometidos pelas forças que se opuseram ao regime militar e que utilizaram como recurso o enfretamento direto, sem analisar também as condições que levaram à vitória fácil do bloco militar e à profunda omissão da classe operária e do conjunto das forças populares face àquele conflito.

"Eu tenho uma opinião muito diversa da opinião do nosso companheiro Hércules. Para mim o problema fundamental da derrorta em 1964 está na orientação traçada para a classe operária e a partir dos anos 45, 46 e que tem como centro uma política de alianças orientadas fundamentalmente para os setores liberais da burguesia, e chamada burguesia nacional. Essa orientação colocou a classe operária numa situação onde não dispunha de um sistema de forças a seu lado, capaz de assegurar a independência de suas posições.

"Dizendo isto, eu também estou fazendo a minha autocrítica, porque até 67 eu participei do PCB.

"O movimento de 64 não teve – e este é um testemunho pessoal porque eu participei também diretamente desses momentos –, não teve como elemento essencial, como dizem os companheiros do PCB em geral, e como o Hércules disse em particular não teve como centro uma influência determinante das forças de esquerda. A raiz de tudo está no abandono de uma política independente da classe operária, e a dependência à política e à orientação submetida à burguesia.

"(. . .) A orientação dada pela direção do PCB não só foi imobilista, como ainda desarmava a classe operária e as forças populares que estavam ao lado dela, tanto material como política e ideologicamente. Essa dependência em relação à burguesia liberal se exprimia claramente na absoluta omissão da organização par-

tidária e de seus militantes face à ameaça do golpe militar e à confiança ilimitada no dispositivo militar. A classe operária não foi chamada a participar da resistência. Absolutamente. A direção, em vez de organizar essa resistência, fazia constantes chamamentos para que tivéssemos confiança no dispositivo militar do governo e nas medidas que ele tomava.

"Se não situarmos isto, continuaremos a focalizar o problema de 1964 com omissão da classe operária e das forças populares. A análise dessas responsabilidades é necessária porque, em primeiro lugar, a autocrítica é a primeira mostra de seriedade e responsabilidade de uma organização, particularmente daquela que se pretende representante da classe operária; e em segundo lugar, porque há uma profunda dívida para com o nosso povo que precisa ficar clara.

"A análise de 1935 não pode ficar isolada da análise de 1964, nem dos erros que surgem depois de 1964. Devem situar-se numa reavaliação crítica que tome como fio condutor o processo de formação de uma vanguarda política da classe operária, armada com sua ciência social e aproximada da realidade brasileira. Essa é uma análise absolutamene necessária.

"Nessa crise da vanguarda está também a origem de uma parte sensível das responsabilidades pelos erros cometidos no que e refere ao que mais tarde, depois de 68/69, se chamaria de enfrentamento militar. Isto porque não se preparou uma experiência política em função da realidade nacional, em função da violência do poder de Estado, da necessidade de se conhecer todas as formas de luta (para servir-se delas conforme as diferentes conjunturas e necessidades).

"Os que seguiram o caminho militar – e eu me incluo aí – achavam que ele era legítimo, que havia condições de levá-lo adiante e que falavam em nome do povo e da classe operária. Partíamos de uma avaliação errônea da correlação de forças real, do nível de consciência das masssas populares. Era errada a idéia de que, iniciando a luta, haveria condiçoes de mobilização da imensa maioria da população, contra a qual se jogava toda a política e todo o arcabouço do aparelho de Estado.

"Essa análise errônea não foi fruto só de uma visão voluntarista – porque não tinha em conta a realidade objetiva – mas se deve tembém ao imediatismo. Havia uma grande vontade de enfrentar e modificar a dureza e o drama em que se encontrava nosso povo, mas como a apreciação da realidade não era correta, chegou-se a uma situação em que as vanguardas tentavam substituir a grande massa.

"(. . .) Há ainda um outro elemento que deve ser levado em conta neste quadro geral. É uma falsa visão do que são as leis da luta de classe, as leis do movimento social. Em vez de basear-se na lei geral da tática das lutas populares, que assinala que as massas só participam efetivamente e de maneira consciente das lutas e passam diretamente por uma experiência política concreta, as forças que fizeram o enfrentamento se anteciparam ao processo de acumulação de forças e de experiência política, acreditando que seu exemplo contagiaria as forças populares. Se isso pode ter efeitos, sobre elementos mais avançados, sobre setores reduzidos da classe operária, dos camponeses, dos assalariados urbanos e das camadas médias da população, é errôneo e não tem reflexos no que se refere à grande massa, porque foge a uma visão científica do processo da prática social.

"Mas ainda aí – e o Hércules me permita, porque ainda estou falando como quem faz uma autocrítica – ainda aí penso que essas debilidades, essa ausência do domínio da ciência social, é em grande parte responsabilidade da orietanção do PCB. A sua direção desenvolveu uma atuação, a partir fundamentalmwente, de 45 a 46, dentro de uma política que não tem como eixo principal a luta de classes do proletariado, através de uma política independente, com seus meios próprios, a caminho de suas alianças fundamentais, não preparamos os quadros de militantes para o desdobramento da luta de classes com bases científicas e sobfe a realidade

nacional. Assumimos, em 1964, uma política revisionista que punha à margem do processo da prática social os interesses e os objetivos fundamentais da classe operária. Esse ano marca uma crise muito séria no 'revisionismo caboclo', que é como podemos chamá-lo dentro do quadro do revisionismo internacional.

"Estive no Rio de Janeiro desde o dia 1º de abril e senti a perplexidade dos operários, senti a perplexidade dos camponeses, mesmo daqueles que queriam resistir atráves de ações armadas, como em Caxias e suas imediações. E senti a grande confusão em que e encontravam também os militantes, que não tinham sido preparados.

"É preciso reconhecer os erros dessa aventura e seus efeitos; é preciso reconhecer a responsabilidade da vanguarda – e a única vanguarda existente no nosso país durante 40 anos foi o PCB.

"O erro principal foi que, mesmo pensando representar os interesses da classe operária e das massas populares, nós nos afastamos deles, que não tinham condições de participar. Pensando participar da luta de classes, nos afastamos das leis dessa luta, em particular das leis gerais sobre a tática das massas revolucionárias.

"A ditadura erigiu um muro entre as forças de vanguarda e o povo com uma propaganda terrível e mistificadora. Isolou em parte o conhecimento das grandes massas sobre quais eram os objetivos, as razões dessa luta. Por seu lado, as forças de vanguarda não dispunham de meios para chegar a essas massas – estavam isoladas e marginalizadas. Esse é um primeiro aspecto.

"No entanto, onde o aspecto claramente político das ações estava flagrante, como no caso dos seqüestros de diplomatas, havia tacitamente um apoio da população. Tacitamente havia uma solidariedade potencial que as condições impostas pela ditadura não permitiam aparecer. Mas que refletiam o inconformismo diante da situação, refletiam o entusiasmo adiante da coragem de fazer frente a um adversário tão solidamente ancorado no domínio do poder de Estado e seu aparelho policial-militar.

"A imagem, portanto, era de solidariedade potencial, mas dentro de um quadro de desconhecimento absoluto das razões dessa ação. Mesmo porque a maioria das ações ainda se situava no plano da infra-estrutura – que é a busca de armamentos, de dinheiro nos bancos etc.

"Mais tarde, o processo de amadurecimento da crise política do regime militar vai deixar claro para uma parcela considerável do nosso povo que os elementos fundamentais de sua ação de massas já estavam entre os objetivos das organizações que fizeram o enfentamento direto com a ditadura. Prova disso é a própria luta de nosso povo, já canalizada para entidades voltadas para o combate ao arbítrio, no plano político; e para a mobilização de forças no quadro de uma anistia ampla, geral e irrestrita. Essa mobilização do povo é que nos vai permitir voltar, sair das prisões, romper o muro do exílio e participar da luta com ele. Embora continue com uma visão ainda tênue e muitas vezes divergente do que foi feito, o sentimento de solidariedade e de apoio do povo estão presentes. E, depois de termos sofrido diretamente a pressão do arbítrio, voltando ao convívio popular e aparticipação nas lutas."

FRANKLIN DE SOUZA MARTINS atuou, em 1969, na guerrilha urbana, pertencendo ao Comitê Central do Movimenro Revolucionário 8 de Outubro. Tinha sido presidente da União Metropolitana de Estudantes do Rio de Janeiro. É hoje da direção do jornal semanário de esquerda, *Hora do Povo*.

Declarou que:

"Concordo com o Genoíno, quando ele demonstra que as classes dominantes no Brasil já deram exemplos de sobra de como reagem ao avanço das forças populares. É bom que isso fique claro, para mostrar que não somos amantes da violência, mas que somos acima de tudo, amantes da liberdade. Se, para conquistarmos essa liberdade somos forçados a passar pela violência, temos obrigação de assumir isso.

"Por outro lado, discordo daquela afirmação do Hércules de que se queria fazer todas as reformas até o final do governo do Jango, quando ele tratou dos erros cometidos naquela época. A meu ver o que houve foi o seguinte: confiou-se demais na solidez e na estabilidade da aliança com outras forças políticas, como os trabalhistas e setores da burguesia nacional. E foi isso que furou, pois, com o avanço da luta de classes, com o avanço das mobilizações populares nas cidades e no campo, atingindo inclusive os quartéis e apertando a hierarquia militar, os setores mais reacionários passaram à ofensiva. Esse foi o furo.

"Outra questão levantada foi a diferença entre a violência e a luta armada. Acho que isto procede e queria fazer uma outra diferenciação, entre a própria violência e a luta militar. Não há a menor dúvida de que o nosso povo, para resistir ao esmagamento em que vive, apela para a violência armada. É um direito legítimo que ele tem. Apela lá no Sul do Pará, apela aqui no interior de São Paulo, e assim por diante. Essa é a violência que está presente na nossa história. Outra questão é a luta militar, um nível mais elevado da luta política, desenvolvida por meios militares, visando expressamente o aniquilamento de parte ou do todo da força militar do inimigo. Isso é a luta militar, que não tivemos no período de 68. Queríamos ter, mas não tivemos.

"Acho que se apela mais para a violência no campo porque a concentração de força militar sobre os moradores interioranos é menos, dentro das possibilidades elementares de resistência. Apela-se também porque geralmente os participantes desse conflito são camponeses, têm, portanto, algo a perder. É diferente da situação na cidade, onde o cara sai de um emprego e vai para outro.

"Acho que existe um erro comum e que é o principal, tanto na experiência da guerrilha urbana quanto da guerrilha no campo. É o seguinte: não se considerou que a passagem da luta política para a luta militar exige condições precisas ao nível da sociedade. É aquilo que os clássicos, especialmente Lênin, chamavam de crise revolucionária: uma situação social onde os de cima não podem mais dominar, como estavam dominando e os de baixo não aceitam mais a dominação; uma situação de grande efervescência social e de grande participação política de amplas camadas da população. Essa crise pode ser longa ou curta, mas tem que ocorrer. No caso, por exemplo, da sociedade russa, em 1917, era uma crise de curta duração, condensada num período de meses. No caso da sociedade chinesa foi uma crise de longa duração. Um dos trabalhos mais importantes de Mao Tsé-Tung no meu entender, é aquele onde explica 'Porque pode haver um poder vermelho na China'. Ele analisa justamente porque a luta foi prolongada na China, ou seja: porque a China viveu uma situação revolucionária prolongada. Por que? Pelo fato de ser uma sociedade dominada por quatro imperialismos sugando o país e disputando as diferentes camarilhas militares; a economia camponesa independente das diversas regiões; o caráter gelatinoso do Estado, etc.

"No nosso caso, quando partimos para as ações militares, não havíamos investigado quais as raízes e as características de uma crise revolucionária no Brasil. E se havia uma crise revolucionária naquele momento. Hoje é fácil dizer que não havia essa crise. Mesmo porque uma crise revolucionária no país passa basicamente, pela cidade. E aí voltamos ao que o Portella levantou, aquele negócio do 'palácio'. O centro do país, a meu ver, é a fábrica, é a classe operária, é aquilo que

está na cidade. Não desconheço de jeito nenhum o imenso potencial revolucionário que existe no campo, mas é a classe operária que pode organizar e dar direção a esse processo. O centro é a fábrica, a cidade.

"O que nós temos que procurar agarrar nesse aspecto do debate é o seguinte: qual é o ponto onde se articula uma crise revolucionária no país, a partir do qual devemos pensar na organização das forças populares? E atentar para um outro tipo de questão: sendo o centro nervoso das forças progressistas, a cidade também é o centro da reação. Na cidade está a cabeça da reação e a esperança fundamental da revolução. Diante disso, uma crise revolucionária no país, a meu ver, é necessariamente uma crise de curta duração, pois os dois pivôs, da reação e do progresso, estão obrigados, pelas próprias condições sociais da produção a viverem juntos e se enfrentarem num embate no mesmo lugar, na mesma região.

"Isto é de extrema importância para compreendermos que a luta militar não pode ser vista como uma coisa que 'naturalmente aparece'. Não é uma tarefa atual a preparação disso, que fique claro (hoje em dia a tarefa central consiste na organização e mobilização das amplas massas populares por meios fundamentalmente pacíficos). Mas a preparação política e ideológica em torno disso tem que ser feita permanentemente. Não é o negócio de 'vamos ver, um dia, se aparecer, aí nós vamos fazer'. Se pensarmos assim, seremos pegos de calças curtas e podemos cair, novamente, com mais facilidade ainda.

"Admito, no plano teórico, que em determinado país, com o avanço das forças populares, as classes dominantes, acossadas, cedam para não cair no suicídio. Admito isso, mas creio que não é esta possibilidade de que nos tem sido apresentada.

"(. . .) Apolônio falou em relação a imagem que essas ações armadas deixaram no povo. Havia difusamente uma simpatia das camadas populares, mas que foi bloqueada. Isso não é fortuito: era impossível de se desenvolver algo mais concreto naquelas circusntâncias, que não correspondiam à experiência de luta das massas. Além disso, acho que a ditadura levantou uma barreira de calúnias sobre o conjunto desses agrupamentos, que perdurou durante certo tempo, graças a uma máquina infernal de propaganda.

"No entanto, não tinha a menor dúvida de que o conjunto de companheiros que participaram daquelas ações armadas, tanto no campo – e aí eu cito especialmente a guerrilha do Araguaia – , como na cidade, não tenho a menor dúvida de que, com o correr da luta popular, serão reivindicados como heróis da luta da classe operária e do povo brasileiro; os companheiros tombados serão assumidos pelo povo como seus filhos que tombaram na luta contra seus inimigos e serão honrados através dos tempos.

"Creio que a história já nos mostrou muitas vezes que os revolucionários cometeram equívocos, tombaram em função dos equívocos e, inclusive, esses equívocos contribuíram muitas vezes para enfraquecer momentaneamente as forças populares. A classe operária e o povo, porém, sabem perfeitamente, distinguir entre aqueles que, equivocadamente ou não, tombaram em defesa de seus interesses e aqueles que cometeram aventuras no sentido de desorganizar a classe operária, e que, na verdade, se situavam do outro lado."

Mário Carvalho de Jesus, assessor jurídico de sindicatos operários, autor do livro *A Força da Não Violência – a Firmeza Permanente*, disse que:

"Aprendi que uma batalha que você perde é uma batalha que você pensa que perdeu. Realmentre, uma avaliação sincera de qualquer ato praticado nos cunduz ao perfeiçoamento do trabalho.

"Em primeiro lugar, gostaria de deixar claro que sigo a linha da não-violência, que não é a mesma coisa que passividade. No meio operário, onde atuamos, essa não-violência é chamada de firmeza permanente. Na França chamam de violência dos pacíficos. Insisto que não é passividade; e também concordo com o Gandhi, quando dizia que se você não puder ser não-violento até o fim, então seja violento. O que você não pode ser é omisso. O problema está em não querer ser paternalista e não fazer uma revolução transformadora pelo povo, mas sim com o povo. Quando Guevara entrou na Bolívia, para libertá-la, o povo era submisso, não estava preparado. E o que adiantou o seu esforço? Foi uma generosidade, um gesto heróico, mas sem validade.

"Se houve ou há razões para a luta armada? Houve e há, não nego isso. Mas porque não usar armas diferentes? No caso do Brsil de hoje, por exemplo, o aperfeiçoamento da violência institucional cresceu geometricamente – hoje tudo realmente está na mão da repressão. Não só as armas visíveis mas também as invisíveis, como os espiões, os dedos-duros, a corrupção, os microfines . . . Como os oprimidos podem agir pela violência com fronteiras controladas para a entra de armas? Do ponto de vista pragmático, seria realmentre impossível querer insistir numa linha de revolução armada . . . . A experiência demonstrou que não dava certo. Precisamos rever com clareza.

"Se os grupos ideológicos tiverem a cabeça no lugar, não ficarem querendo um passar na frente do outro e o povo for preparado pelas bases a gente ainda transforma essa democracia relativa em efetiva, com a partilha e a rotatividade do poder. Isso pode demoraer alguns anos, mas nós temos que ensinar o povo que está aí, que quer saber do seu salário e não de questões ideológicas. Isso vem depois, virá. Mas é preciso amar esse povo e não somente odiar o repressor.

"Disseram uma frase que considero muito boa e que ajuda a responder à questão levantada agora. É a seguinte: quando não resta outro caminho, se vai à violência. O camponês para defender sua terra recorre à violência, como legítima defesa, que o próprio Código Civil permite e ampara, pois muitas vezes os jagunços unidos com a polícia, impedem o exercício da própria lei. Mas é um grande caminho a percorrer. É uma escada. Nós, que defendemos a doutrina social, ecumênica e cristã, não somos contrários à violeñcia – e há testemunhos concretos neste sentido – depois de esgotados todos os recursos. O que tem faltado é exatamente esse caminhasr degrau por degrau. No caso de hoje, por exemplo, a formação do povo exige que ataquemos em questões como a do custo de vida, lei salarial, a questão da produtividade, a gasolina, a mudança da capital de São Paulo. Com esses casos concretos é que poderemos levar nossos irmãos, que estão lá em baixo, a perceberem que a questão não é só salário.

"Quando estive com um grupo de seminaristas e sacerdotes em Roma, em 1971, fui bombardeado com perguntas e opiniões sobrre o Brasil. Diziam que tudo já havia se esgotado, que não havia mais nenhum recurso a não ser a violência. E eu perguntei: mas quem foi que disse a vocês? Qual foi o oráculo?

"Acontece que as pessoas pegam pequeninas informações e 'pumba' – as transformam em dogmas. Quem garantia que não havia mais recursos?"

O jornalista Fernando Portela, autor do livro sobre as ocorrências do Araguaia, intitulado *Guerra de Guerrilheiros no Brasil*, entende que:

"Não sou político e sim jornalista. E é sob este prisma que farei minhas observações.

"Objetivamente, esse país está dividido, desde o descobrimento, em três classes, ou três grupos: o povo, completamente abandonado; a classe dominante; e os candi-

datos à classe dominante. A luta armada, pelo que tenho visto, andando por este Brasil – no Nordeste, na época das Ligas Camponesas; na Amazônia, mais recentemente e em outras lugares de que os jornais não falam –, essa luta já existe há muito tempo. É a luta espontânea do povo contra quem o oprime. Porém, a incompetência dos que estão no poder e dos candidatos ao poder nunca levou o povo a nada melhor, a nada além de escaramuças, lutas esparsas.

"Essas lutas que temos visto são espontâneas, são a resposta à tirania e à situação medieval que existe no campo. É aí que entra outra questão importante: o campo é o cerne da coisa no Brasil mas a tendência generalizada é trazer tudo para o 'palácio'. O que eu chamo de 'palácio' é Rio, São Paulo, Brasília e proximidades, que se transformam no 'centro' do Brasil – quando o Brasil está muito além disso.

"O quadro, para mim, é este: enquanto o povo se põe a lutar, armado, desde há muito tempo, e a classe dominante lhe dá todas as condições para se organizar, por incompetência, a outra classe, que abrange os órgãos políticos, a resistência, marxista ou não, é incompetente para fazer com que esse povo, pacificamente ou não, leve adiante seu movimento contra a classe dominante. É o que tenho observado: só existe incompetência, de todos os lados. Este é um país altamente incompetente.

"Há muita insensibilidade da parte das forças chamadas progressistas – democráticas, marxistas, armadas ou não – em relação ao povo. Agora, por exemplo, está havendo um debate muito grande sobre os novos partidos. Mas se você fizer um inquérito na rua, para saber do povo o que acha deste assunto, verá que ele não está nem sabendo disso. O problema concreto é o preço da carne. Aliás, acho que a carne já nem entra em cogitação de preços para muita gente. Mas é o aumento da gasolina, a inflação, o custo de vida, enfim, o que está acontecendo com ele.

"Esse pessoal que aspira ao poder é muito teórico, muito centralizador e dispersivo, deixando o povo completamente abandonado. Acho que ocorreram poucas tentativas de se unir ao povo para, com ele, fazer alguma coisa. De um modo geral, enquanto a classe dominante continua medieval, continua oprimindo ainda mais o povo e dando todas as condições para haver uma reviravolta, a outra, que aspira ao poder, não está nem aí. Fica falando para uma platéia de líderes, ou de candidatos a líderes, que aplaudem muito o que dizem. Mas o povo está muito longe desta platéia.

"Os dois lados são incompetentes. A diferença está no fato dessa classe dominante, por mais incompetente que seja, dispor de todas as armas como o Mário falou, incluindo os gravadores e os espiões.

"O básico para mim é isso."

Hércules Corrêa dos Reis, membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, foi operário têxtil e um dos mais importantes dirigentes do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), antes de 31 de março de 1964. Foi também deputado à Assembléia Constituinte do antigo Estado da Guanabara, em 1960, ao tempo do Partido Trabalhista Brasileiro. A Editora Civilização Brasileira, Rio, lançou, em 1980, o seu livro *A Classe Operária e Seu Partido. (53)*

"Em primeiro lugar, acho que devemos fazer uma distinção entre a violência geral e a violência armada que houve no Brasil, num determinado processo ou momento político da vida do país. São duas coisas que ocorrem em planos diferentes.

(53) Hércules Corrêa, em março de 1981, ingressou no Partido do Movimento Democrático Brasileiro, que o aceitou em suas fileiras, pois não exigia atestado ideológico de seus filiados.

"Nosso povo tem enfrentado diuturnamente uma epécie de alternância entre regimes profundamente arbitrários e em determinados momentos até pró-fascistas, como foi o período do Estado Novo, com outros onde existem certas liberdades democráticos. Pelo menos a partir da República isso tem ocorrido a cada dez ou quinze anos. E quando não há essa alternância, nesse período de tempo, surgem tentativas de mudança das regras do jogo, como podemos verificar no período compreendido entre 1946 e 1964, por exemplo: houve uma tentativa de mudar as regras em 54; durante o governo Juscelino houve nova tentativa; e a renúncia do Jânio Quadros também tinha esse sentido, sem sucesso. Até que em 64 mudou.

"Me parece que uma das pistas para entender as causas dessa alternância é o caráter profundamente reacionário das classes dominantes, brasileiras e do Estado (uma das causas desse reacionarismo é que a sociedade capitalista no Brasil evolui do latifúndio – e o latinfundiário no Barsil sempre foi prepotente ao extremo, desde o brutal senhor de escravos); e própria estrutura econômica do país, altamente concentradora.

"Outro aspecto do problema é o seguinte: se fizermos um estudo da estrutura de classes da sociedade brasileira, verificaremos que há entre elas distanciamentos brutais em todos os terrenos. Mas também veremos que dentro de cada classe existem importantes 'quebras' de situação. Embora seja certo conceber a classe burguesa como uma unidade, seria errôneo pensar que, para efeito de atuação política, ela é estruturada e que todos são iguaizinhos. E se nós pegarmos o proletariado veremos que a coisa também é muito complicada neste aspecto e está se agravando. Há setores do proletariado que têm diante dessa estrutura econômica situações completamente diferentes da de outros setores, e que às vezes até numa luta salarial não se afinam

"Bom, mas isso tudo que eu falei, determina o quê? Determina que a sociedade civil brasileira ainda seja fracamente organizada, o que permite às classes dominantes manterem esse tipo de domínio que temos visto. Mais ainda: com essa sociedade civil fracamente organizada, podemos verificar, através da história e particularmente depois da República, a tendência das organizações políticas – revolucionárias, democrático-revolucionárias e marxistas – de substituir o povo nas realizações das reformulações sociais.

"Examinemos, por exemplo, a Coluna Prestes. (54) Foi isso ou não? E o agravante no caso daquela Coluna foi que o descontentamento estava nas cidades e a Coluna se internou pelo mato, na idéia talvez de que o campesinato da época fosse dar cobertura. Acontece que a situação dos camponeses era – como ainda é hoje – bastante precária (ainda não conseguiram sequer galgar o direito à escolaridade primária).

"E o levante armado que ocorreu em 1935? (55) Ele tem ou não essa característica? Se tivermos os depoimentos de todos os que participaram daquele movimento, verificaremos o seguinte: o levante foi feito, mas o povo não participou. Os participantes do levante não se interessaram em procurá-lo, porque o quartel era mais fértil. O grupo resolveu assim substituir o povo, ao invés de reforçar, através da luta política, dos embates entre as classes, a sociedade civil, no sentido de sua organização.

"Vamos agora ver o que houve em 1964. A partir de 1962, todas as forças políticas se empolgaram com a vitória no plebiscito que revogou o parlamentarismo e devolveu plenos poderes ao presidente João Goulart. E, de uma forma ou de outra, todos começamos a colocar na ordem do dia o seguinte: todas as transformações pelas quais lutávamos, deveriam ser feitas no marco do governo João Goulart. Aí começou o erro, porque você não pode marcar prazo para as transformações sociais. Se marcar prazo começa a atropelar o processo.

"Na prática, acabou acontencendo o seguinte: o grau de organização do proletariado era um; e as tarefas que começamos a colocar na ordem do dia eram tremendamente superiores a essa organização. Todas as forças fizeram isso, particularmente o Brizola. O nível de organização não era suficiente para você chegar numa reunião popular e propor 'reforma agrária na lei ou na marra'. Entretanto, todos nós radicalizávamos o processo de cima para baixo. Todos nós!

"Eu pergunto o seguinte: em quem confiávamos? Estávamos radicalizando baseados na força organizada do proletariado, dos camponeses? Não. Todos nós sabíamos que estávamos fracamente organizados. Mas em quem confiávamos?

"É aí que aparece o dispositivo do Assis Brasil. Só que esse dispositivo era o menos importante. Aliás, tinha pouca expressão. Todo mundo tinha seu dispositivo militar! Todas as forças políticas confiavam no quartel! Brizola radicalizava confiando nos sargentos; nós do PCB radicalizávamos pensando na base militar que tínhamos. Talvez todos pensassem que o governo teria condições de resolver o problema do poder ou do governo, para as forças democráticas e revolucionárias que existiam. Mas não era essa a finalidade do Jango e ele disse várias vezes em praça pública que pretendia desenvolver o capitalismo com liberdade, sem querer saber do socialismo. Ele sempre foi franco nesse ponto.

"O que houve em 64 foi isso: a perspectiva de resolver o problema do poder político através da ação de grupos, de parte do aparelho de Estado e, às vezes, até de um governo que provisoriamente tinha ligações com essas forças. Acho ainda que o surgimento da luta armada, depois de 1964 ainda foi resultado dessa concepção errônea.

"A força do movimento revolucionário está, fundamentalmente, na unidade e na organização das massas: e essa organização das massas não está como instrumento do aparato militar. Quando a massa tem unidade e organização, a solução complementar, no campo militar – que não é obrigatória – vem naturalmente. E, às vezes, havendo unidade e organização, em termos satisfatórios, é possível evitar a complementação militar.

(54) Este movimento do capitão Luiz Carlos Prestes, que durou de 1924 a 1927, não foi uma guerrilha, e sim uma coluna revolucionária, surgida no Rio Grande do Sul, e era extensão da Revolução Paulista de 5 de julho de 1924, que lutava contra as velhas oligarquias, que monopolizavam a política. Prestes, que se tornou chefe do Estado Maior da mesma, dirigiu-se para o norte do país, para encontrar-se com os remanescentes da Coluna Paulista, chefiada pelo general Miguel Costa. Daí por diante, percorreram juntos o Brasil e travaram uma série de combates e efetuaram brilhantes manobras militares. Em 3 de fevereiro de 1927, depois de haver percorrido cerca de 36 mil quilômetros por quase todos os estados brasileiros, sofrendo falta de alimentos, munições e roupas internou-se na Bolívia (620 de seus quase mil membros iniciais). Prestes, mais tarde, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, sendo um de seus reativadores e foi seu principal dirigente até maio de 1980, quando foi afastado pelos seus companheiros. Na opinião do genial poeta e escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, Prestes é um dos vultos da atual história do Brasil com mais glórias e mais erros, e nesta categoria, alguns imperdoáveis.

(55) Um dos chefes deste levante de 1935, no Rio de Janeiro, com ramificações no Nordeste, principalmente, mas que foi dominado em poucos dias, pelas forças do governo, foi o capitão Agildo Barata Ribeiro integrante da Aliança Libertadora Nacional, que considerou o movimento não essencialmente comunista, mas de cunho misto, inclusive com alguma tendência liberal burguesa. Em 1945, após ser anistiado, foi membro da Câmara Municipal do antigo Distrito Federal, na legenda do Partido Comunista, o qual abandonou em 1957. No seu livro de memórias Vida de Um Revolucionário, lançou um *"repto às autoridades militares, convidando-as a provar que alguém tenha sido morto dormindo durante o levante de 1935."* O capitão Agildo Barata morreu em 19 de dezembro de 1967, dois anos após ter sido reintegrado no exército, por decisão unânime do Supremo Tribunal Federal.

UM GUERRILHEIRO NACIONAL NA NICARÁGUA

O Brasil exportou e ainda exporta muitos de seus guerrilheiros para a América Latina. Jovens nacionais lutam no Chile junto ao *MIR*; na Colômbia com as *FARC*; em El Salvador na *FPL* e até na Guatemala, com o *EGP*.

Na Bolívia, após a morte de CHE GUEVARA, na campanha de "CHATO" PEREDO, passou de algumas dezenas os guerrilheiros brasileiros que combateram e a maioria foi morta nas árduas e adversas refregas.

No Uruguai, uma simples simpatizante dos *Tupamaros*, a brasileira Flávia Schilling, filha de um exilado político, foi presa, sendo, nesta ocasião, baleada e torturada, cumpriu oito anos de uma condenação de dez (56). Seu namorado, um uruguaio, também nas mesmas condições, teve, porém, pena menor e mais branda.

O mais notável guerrilheiro nacional, àlém fronteiras, foi um audacioso e inteligente jovem, CLÓVIS MICHELS, que teve, na Nicarágua, ao lado dos sandinistas, uma atuação digna e destacada. É de se notar que outros brasileiros também se tornaram guerrilheiros neste país da América Central.

CLÓVIS MICHELS, ou simplesmente MICHEL, nasceu no Estado de Santa Catarina, tendo residido nas cidades de Franca, Ribeirão Preto, onde fez preparatórios à Universidade e Botucatu, onde cursou até o terceiro ano de Medicina. Seu pai, Lauro Michels, um velho político, é prefeito de Diadema, região do ABC paulista, pela segunda vez. (57)

Teve o nosso guerrilheiro, após 1968, sérios problemas com o sistema imperante no Brasil, pois participava ativamente de movimentos de lutas cívicas, acadêmicas, em defesa da volta da democracia e da liberdade.

Processado pela 2ª Auditoria Militar de São Paulo, estava na iminência de ser preso pelas forças da repressão, que na época eram violentas, quando pegou, no aeroporto do Rio de Janeiro, no dia 14 de maio de 1970, um avião da Viação Aérea São Paulo (Vasp) – um *Boeing* PP SMA – que fora seqüestrado duas semanas antes, por outros jovens brasileiros, levando-o a Cuba. Como era difícil obter passaporte, CLÓVIS fez um arranjo diferente, forjou documentos que o davam com a condição de médico em Manaus, levou uma simples pistola e um vidro de quelênio – substância química altamente inflamável – que foram acondicionados num fundo falso que fizera no gesso do braço esquerdo, o qual, evidentemente, não estava quebrado. Na aeronave, só foi à cabine, forçar a mudança da rota, minutos antes da descida em Manaus. Na parada em Georgetown, capital da República da Guiana, desceram todos os passageiros.

CLÓVIS, no Brasil, não pertencia a nenhuma organização considerada ilegal, exceto a União Nacional dos Estudantes. Viveu na clandestinidade nos Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, como pescador, motorista e enfermeiro, e numa cidade deste último Estado ganhou fama como curandeiro, por ter feito partos, operações e tratado de diversas pessoas. Quando resolveu sair do Brasil, comprou diversos livros para estudar e entender de jatos *Boeings*.

Em Havana, foi muito bem recebido. Fez inúmeros treinamentos, para ficar apto a participar de guerrilhas. Chegou a ir com tropas cubanas à África, mas por pouco tempo. Esteve, inclusive, na Venezuela, retornando em seguida, pois lá as guerrilhas estavam em extinção.

No início de 1978, seguiu para a Nicarágua, integrando-se nas fileiras da *Frente Sandinista de Libertação Nacional*. Tomou parte em dezenas de combates nas montanhas, tendo sido ferido num deles. Um ano após, CLÓVIS, falando fluentemente castelhano, gozando de grande prestígio entre os seus novos companheiros, já era o comandante da coluna ERNESTO CHATO MEDRANO, integrada por

(56) Nos últimos tempos, Flávia Schilling, esteve numa prisão medieval, Punta Rieles. Diante do clamor internacional, foi libertada em fins de março de 1980.

(57) Lauro Michels, proprietário também de diversas fazendas de café, no interior do Estado de São Paulo, em agosto de 1980, passou para o Partido Trabalhista Brasileiro, de Ivete Vargas, *"por considerá-lo uma agremiação tradicional e sem radicalismo, e anunciou que em breve iria abandonar a Prefeitura por estar cansado, e por já estar militando na política partidária há 25 anos"*.

80 homens. Combateu na região sul, para a ocupação da cidade de Rivas; foi promovido seguidamente chegando a comandar quase duzentos guerrilheiros. Já era, então, o comandante conhecido como "ALEX". Suas táticas foram outras, pois a estratégia mudou de guerra de guerrilhas para a guerra convencional, sendo a luta por posições no estilo clássico. Quando entrou vitoriosamente em Manágua, no mês de julho de 1979, tinha se tornado chefe geral do Setor 2 do Flanco Sul.

Este jovem brasileiro foi descrito, na frente de batalha, por repórteres, como um moço alto, loiro, olhos verdes, barbas longas, aparentando 32 anos, e se assemelharia a um surfista e poderia ser tomado como tal, não fosse a circunstância de estar com a roupa de guerrilheiro e a rigor.

CLÓVIS foi na ocasião, entrevistado por jornalistas correspondentes de guerra, e declarou que não pretendia mais voltar ao Brasil. *"Se vencermos, ficarei integrado ao novo exército nicaraguense e pretendo ser instrutor de novos recrutas. Se perdermos, morrerei lutando nas montanhas"*. Saiu triunfante, e como bom brasileiro, chorou de alegria. Sua última batalha foi a tomada de La Virgem, que durou vários dias. Na sua marcha triunfante, foi um dos primeiros a se instalar no quartel da antiga Guarda Nacional. Hoje, CLÓVIS MICHELS ocupa um alto posto no novo *Exército Popular Sandinista de Libertação Nacional*, tem o grau de cidadão nicaragüense e é da direção suprema da Escola Militar.

Em fins de 1979, Lauro Michels viajou para a Nicarágua, tentando rever o filho, mas este político provinciano brasileiro não foi bem sucedido, pois CLÓVIS estava nas vésperas de embarcar para Cuba, onde realmente foi receber ensinamentos especiais de assuntos militares. O desencontro não abalou CLÓVIS, pois acentuou que os assuntos da Nicarágua deveriam estar em primeiro plano.

Para sair do Brasil CLÓVIS não cometeu crime algum, não praticou seqüestro, procurou o direito internacional de asilo da única maneira possível na ocasião. O caso do avião foi apenas um meio de transporte para deixar o país, nem foi levada a tripulação, apenas o comandante. Mas no processo à revelia, num tipo de inquisição, foi condenado a 30 anos de prisão, condenação que não teve valor legal, foi nula, não passando de verdadeira aberração jurídica. (58)

Mas CLÓVIS MICHELS, para um simples passeio, por poucos dias e para visita a seus familiares, acabou vindo ao Brasil, em janeiro de 1981. Reafirmou que não iria retornar em definitivo, de forma alguma, ao nosso país. Em uma única entrevista que concedeu e nas pouquíssimas conversações que manteve, se expressou somente em língua espanhola. Considerou que assumiu tarefas e responsabilidades na Nicarágua, acrescentando:

"Desgraçadamente a Nicarágua hoje não pode viver sem Forças Armadas, pois seria massacrada. Estamos nos preparando para a defesa de agressão externa e para evitar uma contra-revolução, vinda com a ajuda dos mercenários somozistas, que se encontram em Honduras. Gostaríamos de investir todos os nossos recursos, em, por exemplo, educação e saúde, mas acontece que, mesmo não estando em guerra com ninguém, já perdemos mais de cem soldados, devido a ações contra-revolucionárias".

E ademais, o comandante CLÓVIS já recebeu convites para juntar-se à *Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional*, a coligação dos grupos guerrilheiros que lutam contra o regime fascista salvadorenho.

(58) Em fins de outubro de 1980, os advogados paulistas Idibal Piveta e Paulo Gerab encaminharam perante o Superior Tribunal Militar, em Brasília, pedido para a obtenção da certidão de anistia de CLÓVIS MICHELS, que foi concedida.

MICHELS pôde lutar na Nicarágua por uma causa justa, e hoje é considerado um brilhante cidadão latino americano.

A PALAVRA MAIS ANGUSTIANTE

A História registra que as sociedades que não progridem no rumo da distribuição, um tanto quanto possível, eqüânime dos bens, arriscam a sua sobrevivência. A miséria não é apenas uma questão moral, uma afronta aos princípios humanísticos, mas um problema de segurança. Não existe nenhuma norma científica válida para justificar grandes desigualdades e desequilíbrios sociais, indefinidamente, e jamais subsistiu uma ordem com pequeno magote de beneficiários e imensa massa de miseráveis. Todos os equacionamentos desse tipo receberam soluções finais dramáticas.

Mas qual a palavra mais angustiante sobre guerrilhas no Brasil, e por extensão na América Latina? Qual a grande indagação com difícil resposta?

O mais notável sociólogo nacional, o professor Josué de Castro, de renome internacional, ex-presidente da *Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO)*, autor da Obra cultural brasileira mais difundida e comentada no mundo inteiro, que morreu em duro exílio, declarou um dia que:

"Eu, que recebi um Prêmio Internacional da Paz, penso que, infelizmente, não há outra solução que a violência para a América Latina. Só vejo uma resposta para os problemas da América Latina: a revolução . . . a luta. A história é infalível, se não houvesse violência, não haveria progresso. É preciso destruir para construir. Agora há uma violência institucionalizada na ordem, mas uma ordem falsa, porque se baseia na resignação dos famintos. É difícil saber se a guerrilha é justa, cabe saber se é eficaz. CHE GUEVARA foi um dos homens mais importantes da América Latina neste século, sua ação foi justificada pela eficiência psicológica que provocou" (59).

Josué de Castro denunciou, em seus livros, que a miséria é como uma praga, fabricada pelo homem, e não como um fenômeno natural, mostrando falsas teorias que visam apenas a defesa das minorias privilegiadas contra os interesses autênticos das maiorias espoliadas, as grandes massas deserdadas do mundo subdesenvolvido. (60) *A Geopolítica da Fome* teve como prefacionador da edição inglesa Lord John Boyd Orr, um Prêmio Nobel da Paz, que entre outras coisas disse:

(59) Declarações prestadas ao jornal espanhol *Arriba*, em 14 de novembro de 1968.

(60) *"Josué de Castro era o representante do Brasil na* Conferência de Desarmamento de Genebra, *quando foi surpreendido com o decreto de cassação de seus direitos políticos. Não sendo um político de grande projeção no governo passado ou que nele tivesse exercido uma influência muito marcada, a sua cassação pareceu, a muitos, incompreensível. Na realidade, era a sua obra que atraía sobre ele a ira das forças que subiram ao poder, com o movimento de Abril de 1964 – esta mesma obra que, traduzida em 19 idiomas e divulgada no mundo inteiro, numa tiragem que hoje alcança mais de um milhão de exemplares, fez de Josué de Castro um vulto de imensa projeção internacional. Os seus trabalhos foram considerados, no campo da alimentação, tão revolucionários quanto os de Copérnico no domínio da astronomia. Escritor, cientista e professor universitário, foi ele o pioneiro no Brasil dos estudos científicos sobre alimentação, tendo realizado, em 1933, o primeiro inquérito levado a efeito para apurar as condições de vida de nosso povo. Natural de Recife, impressionou-se com a miséria em que vivia a maioria de sua população atormentada pela fome. A princípio deu expansão à sua sensibilidade, em obras de ficção-contos reunidos no livro* Documentários do Nordeste, *nos quais retratou, com impressionante vigor literário, a tragédia daquele povo. A fome passou a ser o objetivo de seus estudos. Passou a estudá-la cientificamente, tal como ela se manifesta em nosso país, publicando sua conhecida obra* Geografia da Fome, *para, em seguida, aplicando o seu novo método de trabalho sociológico, em escala universal, apresentar*

"O título deste livro tão magistralmente escrito pelo professor Josué de Castro, bem poderia ser 'Fome e Política', porque dos debates neles suscitados, surgem perspectivas políticas de primeira grandeza . . . A fome nunca foi assunto muito popular em matéria de política. E, no entanto a fome tem sido, através dos tempos, a mais perigosa das forças políticas. Foi a fome que precipitou a Revolução Francesa. Uma multidão de mulheres dos cortiços de Paris marchou até a sede do parlamento, bradando por pão. Os políticos fugiram. As mulheres, com suas hostes reforçadas pelos homens, rumaram para a Bastilha. A queda da Bastilha foi o golpe de morte contra o sistema feudal na França, iniciando uma nova era na política européia. O movimento revolucionário, nos anos famintos de 1840, teve a mesma causa. O brado da turba 'Cartista' na Inglaterra era 'pão ou sangue' . . . Hoje, embora tardiamente, já se começa a reconhecer que a fome, a pior das conseqüências da miséria, constitui a causa fundamental da revolta dos povos . . . revolta que não poderá ser abafada por fuzis, enquanto aqueles povos acreditarem que a fome e a miséria de que sofrem são males desnecessários. Na atual crise, este livro é de vital importância. Se os políticos de todas as nações do mundo pudessem esquecer, por um momento, os seus conflitos políticos e lessem este livro, sem idéias preconcebidas, adquiririam, certamente, uma visão mais sadia dos problemas universais e teriam, assim, maior possibilidade de salvar nossa civilização".

o seu livro Geopolítica da Fome, *que teria imensa repercussão internacional. Seu livro foi laureado, pela Academia Americana de Ciências Políticas, com o prêmio Franklin D. Roosevelt e ao mesmo tempo pelo Conselho Mundial da Paz, evidenciando assim tratar-se de uma obra profundamente humana, elaborada acima das posições partidárias e das intolerâncias políticas. A Associação Brasileira de Escritores e a Academia Brasileira de Letras também laurearam a obra de Josué de Castro com os prêmios Pandiá Calógeras e José Veríssimo."* (Comentários da Editora Brasiliense no livro de Josué de Castro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, 2ª edição, 1967.)

Capítulo 15

PARAGUAI– CONTÍNUO PREPARO PARA LUTAS ANTIGUERRILHAS

26 ANOS DE ESTADO DE SÍTIO

O Paraguai se prepara constantemente para possíveis lutas antiguerrilheiras. Para sua hipotética eventualidade, contaria com a ajuda imediata dos países do Cone Sul, e nem necessitaria de auxílio dos mariners, mesmo porque não tem costas marítimas para um desembarque. O Paraguai é parceiro do Brasil em uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, a chamada bi-nacional de Itaipu, em adiantado estado de construção, e é sócio da Argentina em outra hidrelétrica, a de Yaciretá, cujo vultuoso empréstimo de 420 milhões de dólares já foi obtido junto aos Bancos Mundial e Interamericano. Daqui a alguns anos, então, o Paraguai terá, muita energia para vender, e talvez ainda tenha o ditador general Alfredo Stroessner no poder, mas não terá nenhuma melhoria, pois dificilmente ditaduras levam progresso aos seus países.

O Paraguai, em agosto e setembro de 1979, juntamente com a Argentina, destacou muito de seus efetivos para uma operação conjunta de treinamento antiguerrilha nas águas do Rio Paraguai. Esta operação durou dez dias, contando com mil homens das marinhas dos dois países, e se denominou Sereia Quinto, tendo por bases a cidade de Formosa, na Argentina, e na capital do Paraguai, Assunção. Este êmulo de ação teve como objetivo *"a segurança e a proteção de algum avanço subversivo"*.

Brasil e Argentina, pelos fatores econômicos apontados acima, têm interesse em resguardar o Paraguai, e conservar o status quo atual, e ainda as propriedades agrícolas e pastoris de brasileiros, além-fronteira, que são inúmeras. É difícil a ditadura de Stroessner deixar o poder de mais de vinte e seis anos. Esta ditadura protege antigos criminosos nazistas, e tem sólidas bases.(1) Quase sempre é decretado e renovado o estado de sítio, onde é denunciada a existência de órgãos internacionais *"cujos objetivos principais constituem a subversão da ordem pública, utilizando meios violentos, com a finalidade de destruir as bases fundamentais da nossa sociedade"*.

(1) Josef Mengele, um hediondo criminoso de guerra, o médico de Auschwitz, conhecido como o anjo da morte, que participou, ativamente, na exterminação de judeus nos campos de concentração de Hitler. Chegou até receber, em 1959, o título de cidadania paraguaia, encontrando no país um seguro refúgio, sem qualquer infortúnio. Este título foi perdido 20 anos após ter sido feito um pedido de extradição pela Alemanha Ocidental, A Áustria e Israel também reclamaram Mengele.

E o ditador vê o fantasma de organizações clandestinas, com atividades guerrilheiras para a tomada do poder.

Nem por isto, deixam de existir forças populares isoladas e muita perseguição, com presos políticos e perspectiva de formação de uma frente oposicionista legal, pois durante muitos anos este tipo de oposição foi meramente consentida ou de uma fraqueza visível. Stroessner, sempre representando *"paz, estabilidade e tranqüilidade"*, jamais gostou de oposição.

Em uma época da ditadura, chegou-se até a formação de guerrilhas, para a derrubada de Stroessner. Mas o ditador sempre foi mais forte e as superou. Um padre de nome TALAVERA, no ano de 1959, falou muito contra este governo despótico. O Paraguai sempre teve e tem exilados políticos. Naquela época, o número atingia a 500 mil. O padre TALAVERA organizou uma Frente Patriótica contra Stroessner, que visava restaurar as liberdades, conseguir a promulgação de lei de anistia geral para exilados e presos políticos, eleições livres, redução de orçamento militar, aumento de salários, congelamento de preços, liberdade para os sindicatos, aumento da produção e a organização de uma reforma agrária. Mas este sarcedote, que chegou a pegar em armas, fez guerrilhas, não realizou nada de concreto e ninguém até hoje o conseguiu. Suas forças rebeldes foram esmagadas em janeiro de 1960, e derrotados também foram neste mesmo tempo outros revolucionários civis, sob o comando de JUAN JOSÉ ROTELA. Estes, considerados os últimos pouquíssimos guerrilheiros ativos do Paraguai, internaram-se na Argentina, onde pediram asilo. (2)

Em 1964, o governo paraguaio anunciou, bombasticamente, que tinha esmagado um *"golpe de coronéis"*, supostamente organizado na Argentina, para derrubar a ditadura, sendo os seus participantes detidos.

Depois da dinastia de Somoza, no nosso continente, restou o império de Stroessner. E como a história é cheia de caprichos, o Tachito, depois de fugir de sua pátria, acossado pelos sandinistas, passou a morar no Paraguai, onde acabou tendo morte violenta. Só ficou, pois, um regime autoritário, personalista, de longa duração, de mais de um quarto de século.

(2) Dois agrupamentos guerrilheiros atuaram nos anos de 1959, 1960 e 1961. O primeiro deles foi o Movimento 14 de Mayo, que não tinha definição ideológica, a não ser derrubar o ditador, e saiu das fileiras dos partidos oposicionistas Liberal, e Revolucionário Freberista, que não os apoiaram em nada. ROTELLA e os outros chefes CARLOS CABALLERO FERNANDEZ, RIGOBERTO DELGADO e PAPITO SANCHEZ ou foram assassinados ou tombaram em combates, tendo igual destino os seus quatrocentos participantes. Quem mais deu combatentes para o 14 de Mayo foi o Club Liberal Alon, formado de universitários, sendo que mais de duzentos deles morreram, estando entre eles estudantes estrangeiros, principalmente uruguaios, acadêmicos de Medicina, e isto para não se fugir a uma quase regra na América Latina, onde os maiores revolucionários ou são estudantes de Medicina ou são médicos recém-formados. As regiões de Itapua, Guairá e Alto Paraná foram o teatro das lutas, as mesmas onde combateu a outra guerrilha, Fulina – Frente Armada de Libertação Nacional, ligada aos grupos de esquerda e ao Partido Comunista, sempre na ilegalidade e com pouco prestígio. AGAPITO VALENTE e JUAN FIGUEIREDO foram os seus dirigentes. O primeiro foi covardemente assassinado e o segundo escapou milagrosamente, encontrando-se fora do país. E até hoje ainda se fala que FIGUEIREDO está preparando uma grande guerrilha, formada de exilados, para tentar qualquer novo movimento.

A história de Stroessner começou quando, em 4 de maio de 1954, liderou um golpe militar, depondo o governo civil.(3) Os dissidentes foram mortos, exilados ou mantidos em campos de prisioneiros durante 20 anos, como se deu no caso de Antonio Maidana, líder do PC. (4)

Stroessner baterá em todos os sentidos a marca de Francia, que teve 26 anos de ditadura absoluta. (5)

COMO FUNCIONA A DITADURA

O Paraguai é hoje um país de economia predominantemente agrícola, onde 50 por cento da população, de três milhões de pessoas, são camponeses. O controle exercido pelo exército e pelas militâncias camponesas formam a base da estabilidade. Há muito de arcaismo e conservadorismo em excesso. Os líderes do exército de Stroessner e do Partido Colorado não mudam com o passar das décadas. Andrés Rodriguez, comandante da poderosa divisão de Cavalaria, cujo quartel se situa fora da capital, é general há 17 anos. O brigadeiro Cesar Barrientos é ministro da Economia há mais de 20 anos. Com corrupção e previlégios rendendo alto, Forças Armadas, polícia e militantes do Partido Colorado controlam o país de ponta a ponta. O Poder Judiciário é corrupto, e os juízes devem ser obrigatoriamente membros do partido referido. Ser colorado é sempre ter mais privilégio: isenções de impostos, direito de porte de arma, certos monopólios e créditos facilitados nos bancos do Estado. A grande maioria das rádios e das televisões estão nas mãos do poder. Cada funcionário do governo, cada militante partidário, se necessário, torna-se um espião. O regime se mantém infundindo o medo. Lá no Paraguai, o sistema é perfeito, onde toda a ordem vinda de cima repercute por toda a parte do país. Tudo isto constitui o segredo da longevidade do regime. Onipresente, todo poderoso, servido por um mecanismo bem adaptado e por militantes zelosos, apesar de haver muitos oportunistas, o general Stroessner é a encarnação sul-americana do Big Brother, o inquietante herói de 1984 de George Orwell. Dos três milhões de paraguaios, pelo menos 800 mil vagam pelo mundo, principalmente Argentina e Brasil, em busca de trabalho, que a pátria lhes nega, ou para escapar à repressão política.

No Paraguai, atualmente, e apesar de tudo, o descontentamento interno e as exigências de mudanças estão aumentando, a exemplo do que aconteceu nos primeiros anos depois de Stroessner assumir o poder, que foram muito instáveis. Naquela época, o sólido apoio norte-americano ajudou o regime paraguaio a sobreviver, porém, hoje é impossível contar-se com este auxílio, sobretudo após a queda do governo de Somoza, na Nicarágua. Mesmo assim, o caráter das manifestações públicas não sofreu muitas modificações no Paraguai. Os protestos são feitos de maneira ambígua, e a crítica continua a cargo da oposição política, que é muito amedrontada. O povo paraguaio quer uma modificação da ordem vigente, que atenda à

(3) O Paraguai foi devastado por revoltas políticas, sendo a mais grave, a guerra civil de 1947, que acabou com a deposição, um ano depois, do ditador general Higino Morinigo. Períodos de instabilidade se sucederam até que Stroessner tomou o poder e se fez eleger, proibindo a oposição de tomar parte.

(4) Maidana só foi libertado em agosto de 1977. Daí foi para a Argentina, mas em setembro de 1980, foi secretamente capturado, juntamente com outro líder esquerdista, Emilio Roja Espinoza, por uma conexão policial argentina-paraguaia.

(5) O Paraguai foi um dos únicos países da América Latina que obteve sua independência sem lutas. Em 15 de maio de 1811, o tenente coronel Fulgencio Yegros, o capitão Pedro Juan Caballero e o alferes Vicente Iturbe, proclamaram a independência. A primeira junta de governo foi presidida por Yegros, tendo como um dos vogais o Dr. José Gaspar de Francia, e em 1813, este tomou o poder, que exerceu como ditador, El Supremo, até a sua morte, ocorrida em 1840. Francia sustentou-se pelo terror e pela perseguição, mandou fuzilar Yegros, Iturbe e outros milhares, mantendo o seu país completamente isolado do exterior.

nova dinâmica do país. Há exemplos dessas atitudes, nas declarações divulgadas pela Federação da Indústria e do Comércio, Conferência dos Bispos do Paraguai, Confederação Geral dos Trabalhadores, e também nas campanhas conduzidas pelos poucos jornais independentes do país. Alguns foram até suspensos, por fazerem críticas ao governo, inclusive *La Tribuna,* por ter feito comparação entre Paraguai e a Nicarágua. Até setores jovens do Partido Colorado e os oficiais do escalão médio das Forças Armadas têm feito exigências de mudanças, embora de modo menos claro. Um Acordo Nacional de diversos partidos foi montado. Dele fazem parte, inclusive, o Mopoco (Movimento Popular Colorado), grupo dissidente do Partido Colorado, no exílio, que o governo tem medo que atue no país. Estes seriam a peça-chave para a formação de um governo, após Stroessner.(6) Integram também este acordo o Partido Liberal Radical Autêntico, do qual pertence o ex-deputado Domingos Laino, O Democrata Cristão e o Revolucionário Freberista (que está filiado à Social-Democracia). Se houver transição de poder – uma hipótese – só ocorrerá por intermédio de um pleito eleitoral, e sem convulsões, e sobre o Paraguai ninguém acredita que chegará à situação bélica que determinou a queda de Somoza.

Falou-se aqui na hidrelétrica de Itaipu, que poderá ter conseqüências num futuro bem próximo. Esta bi-nacional, Brasil-Paraguai, se transformará e se identificará como símbolo de dependência paraguaia, tornando-se uma reivindicação nacionalista, com bandeira comum nas propostas de diversos setores da oposição ou, então, há argumentos que a energia de Itaipu, numa sociedade como a paraguaia, sem modificações, poderá ter o mesmo efeito do petróleo do Irã.

UM "GUERRILHEIRO" SEM ARMAS

Falou-se também no ex-deputado paraguaio Domingos Laino, que exerceu mandato por dez anos, pelo Partido Liberal Radical Autêntico, e é talvez o único paraguaio com carisma político e currículo de combate à ditadura do general Alfredo Stroessner. Professor de direito da Universidade Nacional e vice-presidente do Acordo Nacional.(7) Esteve preso em 1975, sob tolas acusações e este fato provocou uma repercussão internacional, com o recuo posterior da ditadura. É autor do livro: *Paraguai, repressão, estafa e anticomunismo.* Domingos Laino pode ser considerado, simbolicamente, um dos únicos guerrilheiros do Paraguai, sem armas, sem formação convencional de lutas bélicas, mas com um ímpeto e âmbito de atuação muito notável, em campanhas de cunhos políticos e populares. Segundo Laino, toda a oposição à ditadura é considerada *"comunista"*. E a indústria do anticomunismo é assim explicada:

"As entidades financeiras e os bancos internacionais, direta ou indiretamente dependentes de Washington, estão sempre na melhor disposição para proporcionar ajuda ao regime do Paraguai. A experiência demonstra que o apoio norte-americano e os créditos internacionais se movem invariavelmente atrás da sagrada bandeira do anticomunismo. Na realidade, este fenômeno não é privativo do regime paraguaio, mas é possível que em nenhuma parte do mundo ele esteja tão difundido como dentro de nosso contexto nacional". Esclarece ainda Laino que *"há mais de*

(6) A Constituição do Paraguai permite a re-eleição, indefinidamente, do presidente da República. O ditador maneja como quer este assunto. O último pleito foi realizado em 1978, e o próximo está previsto para 1983. Em 1978, a oposição nem participou ativamente, e se o fizesse, pouco adiantaria.

(7) Este acordo foi formado em janeiro de 1979, é totalmente político e visa entre outras coisas a instituição do estado de direito no país, não havendo relação ideológica. Não é designado como Frente, *"já que por uma questão de 'macartismo' reinante a expressão pode sugerir luta armada"*.

30 anos que o Paraguai vive sob o estado de sítio. Somos a periferia. A cada 90 dias, o general Stroessner decreta um novo estado de sítio no país, que está assentado sobre dois pilares nada originais: ajuda externa norte-americana e a repressão interna, parte do trabalho para atemorizar o povo".

Não é àtoa que o governo do Paraguai tenha sido um dos poucos a votar com Somoza na OEA, às vésperas da queda do mesmo.

"A ditadura de Stroessner não é nada" diz Laino. *"Stroessner é um homem de formação intelectual baixa, interessado apenas nas 'ganâncias'. E assim o país, ou melhor, o regime vigente, toma um caráter bastante folclórico e estereoptipado, digno de uma boa ficção latino-americana. Reina o império da corrupção, 40 por cento das exportações e 30 por cento das importações são transadas ilegalmente com o Brasil. É o país do contrabandista. Qualquer estrangeiro, com faro para negócio, faz dinheiro da noite para o dia. A REPSA impôs, certa época, um aumento de 60 por cento no preço do combustível e o governo aceitou complacente. Com esta simples operação, a multinacional embolsou mais de um bilhão de guaranis (220 milhões de cruzeiros), apenas com suas reservas de gazolina e óleo diesel estocadas na Argentina. A sociedade é atrasada, existe ainda uma corte feudal e o camponês está vinculado aos partidos políticos, por questões tradicionais".*

As farsas eleitorais no Paraguai vêm se sucedendo desde 1957. Um dos principais suportes do Partido Colorado é o piraué, que em guarani significa dedo duro, que em cada quarteirão da cidade vigia as atividades dos vizinhos. Seja como for, Domingos Laino, político criado num dos regimes mais estáveis da América, tem uma sólida esperança num futuro melhor:

"Não pode vir nada pior depois desta ditadura".

UMA SITUAÇÃO QUE NÃO MUDA?

Em setembro de 1979, Domingos Laino foi novamente preso e confinado na prisão de Uyaby, a 160 km de Assunção. O Supremo Tribunal lhe negou habeas-corpus, pois alegou que o estado de sítio que vigora permite qualquer coisa ao presidente. E naquela vez, permaneceu nos cárceres da ditadura por mais de quatro meses. A última vez em que esteve preso, foi por 15 dias, no mês de outubro de 1980, juntamente com outros membros da oposição, inclusive Miguel Abdon Saguier e Luiz Alfonso Rescek, presidente do Acordo Nacional.

Um de seus crimes é unir a oposição, politicamente. Laino é político tranqüilo e tenaz, qualidades que produzem apoplexia em ditadores. Quando esteve preso a primeira vez, apesar das torturas comprovadas pela Cruz Vermelha Internacional, não assinou as confissões que a polícia lhe entregara, redigidas, nas quais se confessaria comunista e subversivo. E um outro foi denunciar uma das maiores redes clandestinas de negócios ilícitos no Cone Sul, ou seja, o contrabando do café, do Brasil, para o Paraguai, que beneficia o ditador paraguaio e sua corte. Este contrabando chegou à cifra de um bilhão de dólares.

Domingos Laino é ainda autor do livro, *Paraguai, Fronteira e Penetração Brasileira,* que foi, inclusive, lançado no Brasil. Nesta obra é denunciado o que ele chama de *"troca de fronteiras a favor do Brasil"* e a invasão se faz pelo crescente número de terras paraguaias, fronteiriças, em mãos de brasileiros e pela instalação de brasileiros no Paraguai, cujo crescimento é bem superior ao da população do país. Este líder também abordou a questão do acordo de Itaipu e seus complementos, citando, por exemplo, o caso do empréstimo da Eletrobrás à Itaipu Binacional, no valor de 3,5 bilhões de dólares, dos quais 1,3 bilhão *"nem ao menos sairão do Brasil"*. As denúncias de Laino, tão fundamentadas, que o próprio governo do general Alfredo Stroessner se viu obrigado a renegociar itens do tratado, contestado pela oposição: um, a questão da segurança nas fronteiras, que pelo acordo original previa a possibilidade de ações unilaterais, sem delimitação de espaço; outro, o pagamento agora estabelecido em dólares e não em cruzeiros.

Em fins de 1979, um jornalista e político paraguaio, Alcebíades Gonzalez Delvalle, foi preso, depois de ter escrito um artigo no jornal *ABC Color,* onde afirmou que se no Paraguai ocorresse o mesmo fato registrado em Paris, onde um ministro se matou depois de estar envolvido num caso de corrupção, *"seria necessário construir um cemitério especial, somente para os ministros"*. O jornal *The Washington Post* noticiou que o embaixador dos Estados Unidos Robert White, declarou que, como o governo do Paraguai não pode refutar as críticas de Gonzalez, *"adotou o único recurso de prendê-lo"*.

A Anistia Internacional apresentou, ao Supremo Tribunal do Paraguai, documentos e provas cabais, segundo os quais três integrantes da comissão central do Partido Comunista daquele país, Miguel Angel Soler, Derlis Villagra e Ruben Gonzalez Acosta, morreram em conseqüência de bárbaras torturas, durante a detenção destes, nas prisões da polícia, em 1975.

A mesma Anistia Internacional afirmou ainda, em fins de 1979, que os métodos repressivos do governo de Stroessner não mudaram, embora o número de presos políticos tenha diminuído.

Em fins de fevereiro de 1980, chegaram ao Paraguai, clandestinamente, diversos líderes da oposição. Reuniram-se os dirigentes dos partidos, sob a chefia de Carlos Cabellero Gatti, que integram o Acordo Nacional: Domingos Laino (Partido Liberal Radical Autêntico), Luiz Alfonso Rescek (Partido Democrata Cristão) e Sandino Gil Oporto (Movimento Popular Colorado), e alguns deles estavam exilados há vinte anos.

Carlos Caballero Gatti, advogado, industrial e criador de gado, de 67 anos, é também presidente do Partido Revolucionário Febrerista e se define como um social-democrata europeu. Defensor da reforma agrária integral, apesar de grande proprietário, este líder oposicionista prega uma justiça social dentro da realidade indígena autêntica.

Resta saber se os políticos que retornaram poderão agir com segurança, livremente, ou serão novamente presos. Tudo dependerá do humor do ditador Stroessner.

Enquanto isto, muitos esquerdistas ainda aguardam uma melhor oportunidade para se manifestarem.

Em meados de março de 1980, as forças antiguerrilhas de Stroessner entraram ruidosamente em ação. A mobilização foi grande: o exército, a milícia comum e membros do Partido Colorado, num contigente total calculado em cinco mil homens, se colocaram em pé de guerra.

E isto tudo para se combater modestíssimos trabalhadores rurais da clandestina Liga Agrária Campesina do Paraguai, sob a chefia do velho líder VICTORIANO CENTURION, o COMANDANTE VITÓ, no Departamento de Caaguazu, localizado entre Assunção e a fronteira brasileira, que tentavam se dirigir à capital do país, a fim de apresentarem queixas ao governo e *"para atraírem a atenção sobre a miserável situação dos lavradores"*.(8) Estes camponeses não estavam

(8) A primeira ação do COMANDANTE VITÓ ocorreu em 1974, quando invadiu a igreja matriz de Caaguazu, com mais de 150 lavradores e suas famílias. Lá eles estavam sem armas e ficaram com o

preparados para se dedicarem a um movimento guerrilheiro, pois nem armas, nem nada possuíam. E mesmo assim foram desbaratados e perseguidos. As forças anti-guerrilheiras fizeram inúmeros presos, e mataram, impiedosamente, 32 componentes do grupo de CENTURION, entre estes até mulheres e crianças. Nas proximidades da cidade de Caaguazu, que leva o mesmo nome do Departamento, as tropas governamentais instalaram um verdadeiro exército, na fábrica da Coca-Cola, para o que desse e viesse . . .

apoio dos religiosos, que evitaram uma chacina, quando os policiais cercaram a igreja. CENTURION, contudo, foi levado preso para Assunção, onde ficou encarcerado por três anos, sofrendo maus tratos.

Capítulo 16

CHILE – ALGUNS GUERRILHEIROS TINHAM TOMADO PARTE NO GOVERNO

VIA PACÍFICA E VIA REVOLUCIONÁRIA

No Chile, as esquerdas de diversas tendências estiveram praticamente unidas nas eleições de 1958, 1964 e 1969, e, após este último pleito, venceram e assumiram o poder.

Em 1958, a direita ganhou e a **Frente de Ação Popular**, que congregava todas as esquerdas, quase foi vitoriosa, faltando-lhe apenas 29 mil votos, num total de quase um milhão. Se setenta por cento dos camponeses chilenos não houvessem sido impedidos de votar, por serem analfabetos, Salvador Allende Gossens teria obtido esmagador triunfo. (1)

Em 1964, novamente a **Frente de Ação Popular**, conjugando comunistas (favoráveis à via pacífica) pouco atuantes e até omissos e socialistas (o partido mais forte de esquerda e do próprio Allende) disputou o pleito, embora estivesse nesta época muito propensa à deflagração de guerrilhas e de revolução popular. Os Estados Unidos apoiaram Frei, um candidato do centro, por ter compreendido que este era o menor dos males e que não nacionalizaria as minas de cobre, e deram uma ajuda, em termos práticos, com milhões de dólares derramados por intermédio de fundações puramente fictícias, e o então todo poderoso Departamento de Estado norte-americano teve êxito em suas manobras. (2)

Finalmente, no pleito de 1970, Allende, através da **Unidade Popular**, enfaixando mais uma vez todas as esquerdas, assumiu o poder. E pode-se dizer que um pequeno, mas ativo agrupamento de ultra-esquerda, o **MIR (Movimento de Esquerda Revolucionário)** também chegou a tomar parte no governo. Esta facção estava nestas circunstâncias a contra-gosto, pois sabia que não havia amadureci-

(1) O banqueiro Jorge Alessandri governou o Chile de 1958 a 1963.

(2) Eduardo Frei Montalva tinha como legenda o Partido Democrata Cristão. Presidente no período 1964-1969.

mento de forças para tal. Os componentes do Movimento de Esquerda Revolucionária eram favoráveis à tomada do poder, por meio de guerrilhas demoradas, mas resolveram colaborar com a coligação da denominada Unidade Popular.

Mesmo no governo, pleitearam a realização de uma revolução para serem extirpados de uma vez por todas o ranço reacionário dos poderosos, que conspiravam nas sombras. Queriam demonstrar a tese de que a esquerda autêntica não sobe ao poder ou se mantém nele por simples eleições, mas só por métodos mais vigorosos, ou mais claramente pela revolução popular, de baixo para cima. Pugnavam pelo adotamento e o equacionamento de formas propícias, inclusive com o expurgo dos inimigos em potencial, direitistas e contra-revolucionários latentes em todos os setores.

A estratégia da via revolucionária pacífica chegou a ser exposta por Carlos Altarmirano. Mas este influente membro do Partido Socialista Chileno, anteriormente, em 1967, chegou a perder seu mandato de senador, por fazer a apologia das guerrilhas. Altamirano presidiu, neste ano, a delegação chilena, à reunião da OLAS, em Havana, ocasião em que adotou as guerrilhas como forma de tomada do poder pelas classes progressitas. Deste Congresso também participou Allende.

O secretário geral do PSC assim se expressou, posteriormente, em 1976, sobre a Unidade Popular:

"O capítulo histórico, iniciado, em setembro de 1970, está caracterizado, em última análise pela resoluta vontade de iniciar a construção do socialismo.

"No Plano das definições estratégicas, a UP *determinou a natureza do processo iniciado e as forças que o impulsionavam; definiu seus inimigos; e enfatizou, a partir do papel hegemônico da classe operária, a gama dos seus aliados potenciais.*

"No seu programa, a UP *assumiu, inteiramente, as leis gerais da transição para o socialismo. A condição fundamental para o êxito do processo foi aí formulada com extrema clareza; conquistar a totalidade do poder. De acordo com o próprio texto, "as transformações revolucionárias de que o país necessita só poderão realizar-se se o povo chileno tomar o poder em suas mãos e exercê-lo real e efetivamente".*

Adiante, reitera que as forças populares e revolucionárias uniram-se *"A fim de levar a cabo mudanças básicas, exigidas pela situação nacional, através da passagem do poder dos antigos grupos dominantes para os trabalhadores, o campesinato e setores progressistas das camadas médias da cidade e do campo".* Finalmente, assinala como fundamental para o governo a tarefa de *"transformar as atuais instituições, a fim de que seja instaurado um novo Estado, onde os trabalhadores e o povo tenham real exercício do poder".*

Tais afirmações estão colocadas no preâmbulo do Programa sob o título politicamente sugestivo: **O Poder Popular.**

"A originalidade do projeto político, iniciado no verão de 1971, estava na transformação do caráter de classe do Estado Burguês, sem sua destruição prévia. Em teoria, o processo começaria com a conquista do mais importante centro de poder político; o Poder Executivo. Em seguida, seria possível conquistar progressivamente os outros poderes, modificando aos poucos o caráter do Estado. Tudo isto se obteria sem ruptura violenta, sem guerra civil e, naturalmente, sem a implantação da ditadura do proletariado.

"A escolha da via pacífica estava implícita no programa. As medidas para a construção do novo Estado seriam elaboradas dentro do respeito irrestrito ao re-

gime jurídico vigente. Estava subentendido que a institucionalidade chilena era suficientemente elástica para modernizar-se em interrupções violentas, no curso da sua longa evolução política e social. Em conseqüência, acreditou-se que a nova institucionalidade socialista também poderia ser aí gerada.

"Contudo, a aceitação da via pacífica, pela totalidade da direção revolucionária, não implicava numa crença irrestrita no comportamento leal dos mecanismos democráticos representativos. Tampouco, aceitava-se o extremo de considerá-los capazes, por si próprios, de tolerar o encaminhamento de um processo revolucionário.

"Apesar disso, nas esferas dirigentes da UP, *criou-se uma confiança crescente na factibilidade da* 'via chilena para o socialismo, em pluralismo, liberdade e democracia'. *Deste modo, seguia-se uma linha estratégica insuficientemente elaborada, que era mais um desejo do que uma conceituação acabada e que nem mesmo indicava as possíveis etapas e táticas para a sua aplicação. E, no entanto, essa linha adquiriu consistência teórica e científica.*

"Assim, apesar de todas as experiências revolucionárias dos últimos cem anos – desde a Comuna de Paris –, aderiu-se a um caminho inteiramente inédito, levado adiante a despeito das leis gerais do marxismo e dentro de uma aberta disposição voluntarista, até mesmo fanática.

"A possibilidade de avançar, com êxito, pelo caminho político-institucional supunha a convergência de diversos fatores. Alguns eram reais e outros aparentes; mas acabavam definitivamente por diluir-se na dinâmica da emergência revolucionária.

"Diversos fatores contribuíram para facilitar o triunfo eleitoral da esquerda e o subsequente início da 'via chilena para o socialismo'. *A singular evolução política e social do país permitirá o desenvolvimento de uma vigorosa organização sindical e de sólidas organizações políticas, que expressavam, nitidamente, os interesses do movimento popular, dentro de um amplo regime de partido. A convivência política permitia um exercício real da liberdade de setores significativos da população. Um sistema de eleições livres e periódicas vigorava com um alto nível de participação. E, sem abandonar a sua essência de classe, um complexo sistema jurídico havia incorporado as reivindicações mais imediatas dos trabalhadores.*

"Por outro lado, o conflito social institucionalizara-se no contexto dos mecanismos arbitrários do Estado. Isto fez com que se desenvolvesse, nas Forças Armadas, uma ideologia constitucionalista, que aparentemente as marginalizava da contenda social e do seu papel tradicionalmente desempenhado em defesa do sistema. Finalmente, esta conjuntura era também favorecida pelo fracasso de um projeto reformista; por uma situação internacional que afastava a possibilidade de intervenção estrangeira direta; e pela consciência política e revolucionária dos setores principais do proletariado e do campesinato.

"Todavia, a conquista de todo o poder, através de uma via pacífica, supunha a manutenção das condições a que nos referimos antes e também o surgimento de novas condições, típicas do sistema político-institucional herdado.

"A burguesia, apoiada no Parlamento e no Poder Judiciário, transforma, da noite para o dia – através de simples malabarismo político-jurídico –, o regime presidencial em regima parlamentar. Os ministros, teoricamente de confiança exclusiva do presidente, são acusados e depostos, de acordo com a vontade das maiorias parlamentares. A ação legislativa do governo é paralisada e se bloqueiam todas as suas iniciativas, enquanto os tribunais o imobilizam ante o inflamado ataque do adversário. Ao mesmo tempo, a burguesia utiliza seus mecanismos na burocracia estatal, no Tribunal de Contas da União e nas Forças Armadas, para minar e debilitar a autoridade do governo.

"Supunha-se que a legalidade fosse útil para conter a burguesia revoltada. Mas, sem o apoio da classe dominante, a ordem legal perde sua eficácia e, mais do que isso, acaba por se converter na camisa-de-força da revolução. A Constituição, os códigos e as leis esvaziam-se, quando a reação se reserva o direito de interpretá-los a seu modo, através dos seus centros de poder. E então cria-se uma situação inteiramente ridícula. Comprometido com a via escolhida, o governo não podia dar um só passo fora da legalidade. Ao mesmo tempo, a oposição, muito bem resguardada, lançava uma ofensiva maciça, sem encontrar obstáculos.

"O exército profissional, neutro, democrático e constitucionalista, desde o início, começa a revelar sua essência classista, de acordo com seu papel dentro da sociedade capitalista. Primeiro como aval da burguesia contra qualquer pretensão do governo em ir além dos limites estabelecidos; mais tarde, como restaurador cruel e eficiente do domínio burguês imperialista.

"Contribuiu para tanto a alteração grosseira e atrevida das regras do jogo, impostas pela burguesia, após o triunfo popular. Até então, orgulhava-se em reservar ao presidente da República o título de 'Generalíssimo das forças de ar, mar e terra'. *Posteriormente, passa a assumir um papel moderador e arbitrário, que questiona, inclusive, o exercício dos poderes presidenciais, em relação a promoções e nomeações militares.*

"Os fatos aniquilaram também as esperanças quanto à divisão da burguesia: tratava-se de uma simples querela familiar superada, quando se evidenciou que o movimento popular representava um perigo para o regime. Por sua vez, as inclinações modernizantes da classe-média esvaziam-se rapidamente: logo que as transformações começam a questionar o sistema, colocam-se em pé de guerra ao lado da classe dominante. Do mesmo modo, as pretensas 'potencialidades revolucionárias' da DC *esfumam-se ante o imperativo de assumir às claras a representação dos seus setores monopolistas e da pequena burguesia, hostil ao processo.*

"Por último, a idéia de que os Estados Unidos, por imposição da conjuntura internacional, estariam forçados a tolerar uma experiência socialista inaugurada dentro da democracia, era inteiramente ilusória. Além disso, a agressão desencadeada desde o início já demonstrava a impossibilidade do funcionamento normal da economia.

"Deste modo, a via pacífica para o socialismo desmoronava-se a partir dos seus pressupostos básicos: um regime que, por vontade da burguesia, deixara de ser presidencial; um exército 'neutro' que assumia o seu papel natural em defesa do sistema ameaçado; um presidente da República, constitucionalmente generalíssimo deste exército, cujas prerrogativas, na prática, eram questionadas; um poder jurídico honesto e austero, transformado em antro da reação e protetor dos seus excessos; uma burguesia que respeita o jogo democrático, mas decide esfacelá-lo a partir do instante em que seus privilégios de classe são ameaçados; e, finalmente, os Estados Unidos, que não toleram a experiência socialista em democracia e liberdade, e portanto buscam esmagá-la desde o início, com seus enorme poderio.

"Então, se as suposições se concretizassem, quais deveriam ser os mecanismos empregados para conquistar o poder?

"Era indispensável acumular forças, o que se considerava possível desde que se definissem os inimigos fundamentais. Em termos sociais, impunha-se uma aliança com as camadas médias; e em termos políticos, deveria ser articulado um entendimento com o Partido Democrata Cristão, levando em conta a sua expressão majoritária.

"Em conseqüência, alcançada uma correlação de forças, favorável, o Parlamento seria conquistado. Isso, por sua vez, permitiria modificar radicalmente a ordem jurídica, transformando a Constituição burguesa em socialista.

"No decorrer do processo, o **PS** *reiterou inúmeras vezes o seu cepticismo, com relação à aplicação de uma via pacífica, sobretudo após a greve patronal de outubro de 1972. Em março daquele mesmo ano, durante o Plenário realizado em Algarrobo, nosso Comitê Central deu uma orientação clara e definida à sua proposta estratégica e às perspectivas táticas para o processo em desenvolvimento. Com extraordinária clarividência e precisão insistimos que: 'A confrontação é o problema central e básico de todo este período. Desde 4 de setembro de 1970, a luta de classes desembocou numa confrontação permanente de classes, que tende a acirrar-se e culminar num conflito armado. A agressão armada do imperialismo e da burguesia dar-se-á, necessariamente, em grande escala, utilizando toda sua força militar, social, econômica, política e ideológica numa aventura, onde se joga, definitivamente, a última cartada para o controle do poder. A luta travada entre as forças revolucionárias e a contra-revolução, visando a conquista do poder, faz ranger toda a superestrutura, aguça a luta de classes, e obriga todos os setores sociais e políticos a definir-se. Em algum instante do desenvolvimento do processo, estas tensões deverão, necessariamente, desembocar numa confrontação total das classes. A burguesia não tolera a aplicação das suas próprias leis por parte dos seus inimigos. Todas as instituições, os códigos e o aparelho burocrático foram feitos para assegurar o domínio da classe burguesa e são eficientes enquanto os próprios burgueses os manejam. Funcionam como instrumentos de defesa do sistema, enquanto estão nas mãos da burguesia. Com eles se pode destruir, mas não é possível construir(. . .). Não foram feitos para permitir a construção de uma sociedade socialista(. . .). Não se pode transformar o sistema sem ruptura, sem salto qualitativo, sem destruição da atual institucionalidade e a construção de uma nova (. . .).' E finalmente decidimos que: 'Não podemos cair na ingenuidade de acreditar que o socialismo pode ser construído através das atuais instituições e das vinte mil leis existentes. Sustentar que a presente correlação de forças pode permitir um desenvolvimento longo, estável e tranqüilo não é apenas uma ingenuidade, mas também uma posição reformista e aventureira. O aventureirismo acredita que a plenitude do poder político e o socialismo serão conquistados sem a necessidade de preparar as massas ideológica, orgânica e materialmente.(. . .) Os desvios reformistas dentro do movimento operário caem muitas vezes nestas irresponsabilidades aventureiras, por mais que os ataquemos. Para os revolucionários, a solução não está em negar ou esconder o objetivo da tomada do poder e do socialismo, mas em preparar e educar as massas para a sua conquista; se a revolução supõe uma passagem violenta a qualquer momento, não é correto evitar a revolução em nome do menor custo" (3)*

A verdade foi que Allende caiu e a estratégia da Unidade Popular não deu certo. Juan Garcês, ex-conselheiro político de Allende, publicou livro no México, explicando a queda do governo, afirmando, entre outras coisas:

"O governo da Unidade Popular baseava na legitimidade política seu direito de governar o país e aplicar seu programa, sem que figurasse um único general socialista ou mesmo comunista no alto comando. Não há revolução possível sem armas revolucionárias. Este axioma de valor universal foi experimentado mais uma vez no Chile, determinando a instauração e o desenvolvimento da crise no governo da Unidade Popular. A existência de um corpo armado profissional e democrático em suas convicções e na prática, permitiu o início de um processo revolucionário pela via de política institucional. Quando, em 1973, foi eliminado este setor militar,

(3) *Dialética de uma derrota*, Carlos Altamirano, Editora Brasiliense, pág. 52, 56, 59, 60 e 63. 1979.

o governo de Allende viu-se sem o apoio das Forçass Armadas e foi atacado violentamente por seus inimigos. A situação agravou-se a partir do momento em que a reação ficou de posse dos meios econômicos que lhe permitiram desencadear greves. A Unidade Popular havia conseguido que o aparelho militar não combatesse mais o governo. Mas o caráter classista desse aparato militar o tornava completamente inepto para reprimir a pequena burguesia, quando esta entrou em conflito com a classe operária". (4)

A viúva de Allende, Hortência Brussi, exilada no México, em entrevista ao jornal *Excelsior*, em outubro de 1973, declarou que:

"Agora estou vendo que o povo tinha razão. Não basta chegar ao poder por meio das urnas. O povo chileno precisava estar armado. Salvador estava otimista, a princípio. Mesmo quando começaram as dificuldades, pensou que entregaria o poder a seu sucessor, em 1976, alguém da Unidade Popular. *Se ele tivesse previsto este final, organizaria a resistência. Resistiria, lutaria, embora os meios fossem difíceis. Não tínhamos as vantagens do socialismo, mas sim as desvantagens do capitalismo. O Poder Judiciário, o Congresso e a Corte Suprema entorpeciam o trabalho de Allende. Também a Justiça no Chile era classista."*

Mas, a verdade é que seria possível armar o povo chileno? Era difícil esta tarefa, apesar de que poder, seria seguir o exemplo de Diego Portales, que criou Corpos de Guardas Civis para enfrentar o caudilhismo militar. (5) As forças revolucionárias da Unidade Popular, que venceram as eleições, tinham buscado o poder, através de uma via pacífica, aceitando as regras do jogo democrático, e se submeteram a elas, mas em troca o imperialismo, a burguesia, os reacionários, os fascistas, com maior dose de realismo, planejaram, desde 1970, uma estratégia insurrecional armada, até os dentes, que culminou em 1973.

Quem nunca acreditou na via pacífica, foi mesmo o MIR – Movimento de Esquerda Revolucionária, fundado em 1965, inicialmente restrito à cidade de Concepción, estendendo-se a outras cidades maiores. O meio universitário era onde tinham maior dinamismo. O primeiro apelo feito, publicamente, no Chile, em favor da guerra de guerrilhas, partiu do MIR, em abril de 1970, quando afirmou, em manifesto, que: *"O mundo poderá ser transformado quando nos decidirmos a empunhar um fuzil. A luta armada é o único meio para que o povo tenha acesso ao poder".* O MIR no decurso do governo de Allende, julgou o programa de Unidade Popular como não revolucionário, e também a aliança dos grandes partidos que o sustentava. Em junho de 1971, em debate público, realizado na Universidade de Concepción, entre o MIR e o presidente Allende, afirmaram os líderes esquerdistas que: *"O governo já não tem saída. A necessidade de ativar ações revolucionárias está bloqueada. O poder político só se conquista através da luta armada".* Allende insistia de seu lado, em que *"O povo chileno conquistou o poder político sem armas"* e que o Chile é *"o primeiro país chamado a criar um outro modelo de transição ao socialismo". "Confronto social não é luta armada",* declarou, lembrando que Lênin acusou o *"extremismo revolucionário"* de traição ao socialismo.

(4) Publicado pela Editorial Siglo XXI, do México.

(5) Diego Portales, famoso ministro chileno, chefe do Partido das Estanqueras. Colocou fim ao período de anarquia política e guerra civil em 1830, com a vitória de seu grupo na batalha de Lircay. Promulgou uma nova Constituição sob princípios democráticos e presidencialista. A partir de 1831, iniciou-se um longo período de prosperidade, governo constitucional e tranquilidade política. É considerado consolidador da República Chilena.

O MIR foi à luta armada, quando caiu o governo de Allende. Combateu o quanto pôde, fez guerrilha urbana e guerrilha rural, mas sempre com uma desvantagem incomensurável. Sua maior expressão MIGUEL ENRIQUEZ, morreu lutando, assassinado pelo fascismo chileno, depois de tê-lo enfrentado quase dois anos.

Mas o MIR ainda não desistiu. Em junho de 1979, lançou uma proclamação na qual afirmava:

"As diversas manifestações 'dissidentes' que se registraram no Chile, nas últimas semanas, são uma demonstração do 'fim do recesso político' imposto pelo governo do general Augusto Pinochet, em setembro de 1973, quando as forças armadas tomaram o poder. O MIR afirmou que, atualmente, existe, no país, uma 'luta antiditatorial' *e que a nova lei antiterrorismo, decretada pelo regime militar, objetiva reprimir 'os combatentes da resistência'. Sustenta ainda que 'a rebelião e a luta são o único caminho da liberdade'."*

Acusou os que se opõem à unidade e *"buscam a divisão do povo"* de aspirarem a *"ser os continuadores históricos da opressão da ditadura, na exploração e subjugação do povo"*, afirma ainda que os que condenam *"as ações da resistência não favorecem a luta em prol da liberdade".*

O MIR acusou também Eduardo Frei de manter, diante do governo do general Pinochet uma *"posição hipócrita"*, e de descartar a aliança entre a Democracia Cristã e o Partido Comunista, para *"não molestar o imperialismo ianque"*. Dizia ainda que Frei pretendia dividir o Partido Socialista, porque aspira a ser o *sucessor e herdeiro histórico"* da ditadura militar.

E, nesta mesma época, regressou ao Chile, ANDRÉS PASCAL ALLENDE, de 39 anos, clandestinamente, para chefiar, novamente, a luta armada, reativando o movimento guerrilheiro, tendo o MIR comunicado que:

"Informamos à classe operária e ao povo que nosso camarada, primeiro militante de nosso partido, se encontra bem resguardado por nossas equipes de segurança e protegido pelos trabalhadores de nossa pátria, e participando ativamente junto aos trabalhadores na luta contra a ditadura. (6) Com PASCAL ALLENDE, também retornou ao Chile outro alto dirigente do MIR, NELSON GUTIERREZ.

O GOVERNO DE ALLENDE

De 5 de setembro de 1970 a 11 de setembro de 1973, Allende realizou o governo mais importante e destacado na história do Chile.

Carlos Altamirano, em síntese, assim o relatou:

"Além das companhias produtoras de cobre, o governo nacionaliza outras empresas de controle norte-americano e intervém na Companhia de Telefones do Chile, filial da ITT.

"Iniciada no governo de Frei, a Reforma Agrária é aprofundada até quase a liquidação do latifúndio, que demarcava o regime produtivo da terra e por isso passou a ser uma expressão relevante na evolução político-social do Chile. A oligarquia agrária havia imposto o seu sistema de vida, durante todo o século XIX e parte do século XX.

(6) ANDRÉS PASCAL ALLENDE, filho da antiga parlamentar Laura Allende, irmã do ex-presidente Allende, tinha-se refugiado, em 1975, na embaixada da Costa Rica, em Santiago, e viveu em Cuba e em Paris depois de ter saído exilado do Chile em 1976.

"No plano social, alcança especial significado a incorporação do campesinato às lutas políticas. O seu despertar já se evidenciava desde anos anteriores, a partir da ascensão do movimento popular.

"O esforço fundamental, para estruturar a nova economia, foi a constituição da Área de Propriedade Social. Em torno desta medida desencadeou-se a mais encarniçada ofensiva reacionária. Tratava-se de uma medida essencial para iniciar a construção do socialismo, daí sua enfatização dentro do programa popular e a virulenta oposição que a burguesia lhe moveu. A área social dominante definiu-se a partir dos grandes monopólios mineiros, industriais, financeiros e de distribuição, assim como o das chamadas empresas estratégicas. Inicialmente foram estatizadas as mais importantes empresas têxteis, metalúrgicas, petroquímicas e de alimentos básicos.

"Durante o Governo Popular, o Estado assumiu também o controle dos bancos privados, nacionais e estrangeiros (96% do crédito bancário).

"As operações bancárias orientam-se em benefício dos pequenos e médios industriais, mineiros e agricultores; ao mesmo tempo, os juros diminuem significativamente. No Chile, as instituições bancárias eram os veículos principais de um império integrado por onze 'clãs econômicos'. Assim, a maior parte do poder industrial, comercial e financeiro da burguesia estava concentrada em suas mãos.

"Paralelamente, o governo voltou-se para todas as atividades sociais e colocou em prática medidas de benefício popular. Tudo isto objetivava transformar radicalmente a estrutura econômica.

"Uma drástica redistribuição das rendas foi imposta através da política de preços, pagamentos e salários, medidas tributárias e melhorias sociais. O objetivo era ainda a satisfação das necessidades fundamentais da população. Durante os primeiros anos foi conseguido um aumento espetacular da produção industrial (12%) e uma substancial queda das demissões de trabalhadores.

"O incremento do consumo não foi planejado apenas com um propósito social, mas também como um recurso técnico para o aumento da produção. No plano social, desenvolveu-se uma atividade igualmente significativa. Os serviços de saúde foram aperfeiçoados e ampliados de modo nunca vistos no país. Meio litro diário de leite foi distribuído gratuitamente a todas as crianças do Chile. Os serviços médicos da periferia foram colocados inteiramente à disposição da população. A taxa de mortalidade infantil baixou consideravelmente, graças a uma política adequada de proteção à mãe e à criança.

"O novo regime intensificou a construção de casas populares. Em comparação com o qüinqüênio anterior, houve uma duplicação de área construída.

"A educação recebeu um impulso vigoroso, através da sua extensão a toda a população escolar, redução significativa do analfabetismo (12% em 1971 e 10,8% em 1972) e aumento considerável das matrículas em todos os níveis de ensino.

"As pensões mínimas de aposentadoria, invalidez e viuvez do Serviço de Seguro Social cresceram em torno de 550%, entre 1970 e 1972. Os salários-família foram nivelados. Trezentos mil velhos aposentados tiveram os seus proventos aumentados desde um terço até a um salário mínimo completo. A previdência foi estendida a 130 mil pequenos comerciantes, 200 mil feirantes, 30 mil pequenos industriais e artesãos, aos desportistas profissionais, atividades correlatas, e transportadores.

"Durante o ano de 1971, o Produto Nacional Bruto experimenta um crescimento jamais conhecido na história do país: 8,3%. Apesar das dificuldades surgidas no ano seguinte o índice ainda é alto: 5%. Os setores decisivos da indústria e das construções tiveram um aumento médio superior a 10% e 8%, respectivamente.

Por sua vez, o crescimento da mineração de cobre não foi interrompido – apesar dos problemas gerados pela sua nacionalização.

"Por outro lado, os intelectuais progressistas agitam-se na busca de novos valores. Isto foi conseqüência de um processo social onde, pela primeira vez, o proletariado assumiu o papel principal. A efervescência ocorre em todas as manifestações da cultura, especialmente na Universidade. Tratava-se de encontrar uma coerência estratégica entre os novos objetivos colocados pela revolução e uma cultura que reunisse as aspirações e o pensamento dos trabalhadores. Tudo isto contribuiria para a destruição dos velhos esquemas burgueses. A atividade intelectual e científica alcançou os seus mais altos níveis. A Universidade assumiu a tarefa de satisfazer as necessidades culturais, científicas e tecnológicas do nosso povo, através da dinamização pelos setores democráticos e progressistas. A crítica, o empenho em conhecer a realidade, a criação literária e artística expressam o anseio da intelectualidade chilena em recuperar o caráter nacional da cultura. Com razão, disse Cortázar: 'Através do diálogo com estudantes e professores, o que vi nas universidades confirmou minha certeza de que o governo de Salvador Allende e seus assessores, no plano da educação e cultura, realizavam, também de maneira exemplar, aquilo que o governo revolucionário cubano propôs: não apenas a libertação exterior e física do povo, mas uma outra igualmente difícil. Trata-se da liberdade, libertação da mente, da sensibilidade frente à beleza, da lenta e maravilhosa conquista da identidade pessoal, da autêntica capacidade de ser um indivíduo, sem a qual não é possível consolidar e defender a libertação exterior e a soberania popular'. (Júlio Cortázar: Declaração feita na Terceira Sessão da Comissão Internacional de Investigação dos Crimes da Junta Militar do Chile, México, 18 de fevereiro de 1975).

"Em setembro de 1971, é criada a Editorial Quimantu. Em apenas dois anos, são editados 12 milhões de exemplares de livros, revistas populares e especializadas, e documentos diversos. Os livros apresentavam uma temática variada que abrangia desde a análise social e educacional até a historiografia chilena e latino-americana, além de obras mais relevantes da literatura universal. As edições populares das obras literárias esgotavam-se rapidamente, muitas vezes no mesmo dia da sua publicação.

"Uma extraordinária inquietação intelectual ocorreu a níveis populares. Com o objetivo de atender à exigente procura, a Editorial Quimantu esforçou-se em organizar bibliotecas nos sindicatos, organizações populares, desportivas e juvenis.

"A mesma orientação foi dada aos limitados meios de comunicação que a **UP** *conseguiu controlar. O funcionamento do canal 9, da Universidade do Chile, propiciou uma experiência política significativa. Os trabalhadores de esquerda enfrentaram a administração direitista da Universidade e deram aos programas um conteúdo cultural e ideológico participante. A disputa pelo controle do canal – que a burguesia pretendeu insistentemente silenciar – é um dos episódios que mais evidenciam as mudanças na consciência dos trabalhadores. Quando a reitoria da universidade decide negar recursos para o canal, os próprios trabalhadores o financiam e determinam diretamente a sua programação. Ante as ameaças do terrorismo fascista, tomam-se precauções físicas para o seu funcionamento.*

"Em todos os planos da atividade artística, a imaginação criadora manifesta-se em níveis desconhecidos até então. A influência popular se faz presente na pintura e na música. Surgem os murais, criação simples e direta do povo, inicialmente com um objetivo propagandístico. Por todo o país, os lemas do movimento popular adquirem expressão plástica nas ruas e edifícios. Paulatinamente, aperfeiçoam-se o seu estilo e o seu conteúdo, nos diferentes grupos que proliferam, cultivando a nova manifestação artística. Acabam por transformar-se num virtual meio de comunica-

ção popular a nível nacional. Posteriormente, os burgueses lançariam todo o seu profundo ódio de classe contra esses murais.

"Dentro do mesmo espírito, foram reivindicados os valores autênticos do folclore. Como expressão vital da experiência revolucionária, a música de protesto, de contestação e de combate desenvolve-se vigorosamente, a partir de elementos musicais do povo. Nela se registram os combates da classe operária, enquanto as tradições populares são difundidas e incorporadas às novas alternativas de luta. Alguns dos seus cultores conseguem uma grande projeção artística. Gente como Víctor Jara paga com a vida o compromisso de sua poesia e de seu canto. (7) Outros, como o Conjunto Quilapayú e os Intillimani, continuam até hoje estimulando pelo mundo todo a solidariedade internacional e difundindo a luta do nosso povo contra a opressão fascista.

"Finalmente, o Prêmio Nobel, concedido ao grande poeta americano Pablo Neruda, foi também um prêmio à mais gloriosa poesia de luta libertadora escrita pelo povo chileno.

"Durante o Governo Popular, o Chile alcançou uma repercussão internacional como nunca havia acontecido antes. O país se abre para o mundo, através de uma política externa autônoma. As primeiras medidas do governo constituem uma afirmação de sua soberania. A despeito da Casa Branca, são estabelecidas relações com as nações 'proscritas': Cuba, China, República Democrática da Alemanha, Vietnam e República Popular da Coréia.

"Durante três anos, o Chile mantém uma presença marcante no cenário internacional. A humanidade está extraordinariamente atenta à originalidade do seu projeto de libertação social e nacional. Sua voz eleva-se com particular prestígio e peso entre os países não-alinhados. Santiago torna-se a sede de importantes eventos internacionais. Em suas viagens ao exterior, o Presidente Allende é aclamado pelos povos que o identificam como um líder continental. Sua voz acusadora se faz ouvir dentro das Nações Unidas. Ele denuncia a agressão de que éramos objeto e o drama do Terceiro Mundo. Os representantes da humanidade ali reunidos escutam-no em silêncio e aplaudem-no de pé.

"Só após a derrota, fomos perceber como o Chile era considerado no mundo inteiro. A imensa solidariedade em torno da tragédia vivida pelo nosso povo está relacionada com o destaque que o Chile conquistou entre as nações. As experiências passadas adquirem ainda maior importância se confrontadas com o Chile atual: um país isolado e repudiado internacionalmente, cuja presença é mantida apenas pela grandiosidade do crime e do terror. Seu enorme desprestígio está brutalmente refletido no isolamento do tirano, que é recebido apenas no covil de alguns congêneres".(8)

Também descreveu este período, o político brasileiro Almino Álvares Afonso que esteve exilado no Chile, durante todo o governo de Allende:

"Há seis anos, em poucas horas de absurda realidade, fez-se por terra, no Chile de Salvador Allende, o regime de 'transição ao socialismo'. Constituído através do processo eleitoral, longamente trilhado, ele se propunha realizar a façanha histórica de edificar uma sociedade socialista e erigia, como modelo, a via pluralista, democrática e pacífica. O desafio era imenso, já se vê. Mas, a estabilidade das instituições chilenas, a politização do povo, o nível de sua organização partidária e sindical, bem como o descortino de seus principais líderes, tudo isto justificava a expectativa com que o mundo acompanhou aquele admirável arrojo.

"Afora a tarefa imediata de lograr a redistribuição da renda, assegurando melhor padrão de vida às classes populares, o governo da Unidade Popular assumiu três compromissos históricos: 'a nacionalização das atividades econômicas, a progressiva socialização dos meios de produção e a superação da divisão de classes'. Não cabe pretender, nas poucas linhas de um artigo, a avaliação daquela experiência. Mas, vale a pena evocar alguns de seus impasses, como exercício de reflexão política. Pois a verdade é que o Chile daqueles dias, tanto no êxito quanto no fracasso, é um repositório de lições inestimáveis., E, dentre tantas, aquela que mais fundo me calou, tão simples e tão fundamental: a de que não se deve avançar além do que se pode.

"O acervo de compromissos cumpridos pelo regime de 'transição ao socialismo', sobretudo tomando em conta que a sua duração não chegou a três anos, é extraordinário. Bastaria lembrar que o Chile recuperou o cobre que, durante meio século, fora usufruído pela Anaconda e pela Kennecott, praticamente sem pagar-lhes indenização alguma, fundado no critério do custo histórico e deduzidos os lucros excessivos que as referidas companhias auferiam. O cobre repsentava 75% das exportações do Chile. A sua nacionalização, portanto, era imperiosa. Mas, tenha-se presente que a Anaconda e a Kennecott são um verdadeiro império financeiro, o segundo depois do truste do petróleo, e se poderá medir a audácia do governo do presente Allende.

"No que diz respeito à reforma agrária, um diagnóstico realizado pela FAO/Nações Unidas, indica que, em apenas dezoito meses (de novembro/70 a Junho/72), o governo da **Unidade Popular** *expropriou cerca de 441.961 hectares de 'riego básico', o que equivale a 21% da terra produtiva do país. Anote-se que, durante os seis anos do governo democrata-cristão de Eduardo Frei, foram expropriados tão somente 14,5% da terra produtiva. Aliás, as reformas agrárias consideradas não revolucionárias, levadas a cabo na Itália, Colômbia e Equador, não atingiram a mais de 5 a 10% da terra agrícola. E as que significaram uma transformação mais profunda, como nos casos do México e de Cuba, da Rússia ou da China, foram produtos de revoluções sangrentas que cobraram um alto preço social. No Chile, sem quebra da legalidade, o governo de Allende virtualmente eliminara o latifúndio em apenas um ano e meio.*

"Não sei até onde essas conquistas históricas ampliaram, em termos imediatos e na medida do que era necessário, as bases de sustentação política da **Unidade Popular.** *O governo pagou um preço altíssimo,. no plano econômico, pela forma audaz com que nacionalizou o cobre: seja através dos embargos da Kennecott, que tumultuaram a comercialização do metal vermelho, seja através do bloqueio financeiro que os Estados Unidos impuseram ao Chile, não lhe dando nem pão nem água em matéria de crédito. Porém, paradoxalmente, amplos setores de classe média (além das fronteiras 'allendistas' não pareciam sensibilizados com essa verdadeira gesta nacional . . .*

"Tenho dúvidas também se a reforma agrária se traduziu, no plano urbano, em maior apoio à **Unidade Popular.** *Embora se possa dizer, relacionando confederações camponesas e partidos políticos, que 62% dos trabalhadores rurais organizados respaldavam o governo de Allende. E as outras realizações, de mais alto vôo, como a política exterior, marcada por uma grande dignidade nacional, ágil e brilhante? E a cincorporação da rede bancária à área social? Até onde, enfim, os*

(7) Víctor Jara, produtor de teatro, poeta e cantor. O mais laureado artista do Chile moderno, com prestígio inclusive no exterior. Teve, no Estádio Nacional de Santiago, onde estava detido com mais 10 mil presos políticos, morte horrível, num episódio triste que repugna qualquer sentimento humano. Foi vítima de verdadeiros monstros do terror que se estava instalando, em setembro de 1973.

(8) Obra já citada *Dialética de uma Derrota*, pág. 45, 46, 47, 48 e 49.

avanços do processo revolucionário conquistavam o apoio efetivo de crescentes maiorias?

"Estas perguntas, feitas agora, em abordagem analítica, eram àquela época, cruciais. É óbvio que cada uma dessas medidas desatava, por parte dos setores atingidos, resistências extremas. E como poderia a via pluralista ser sustentada, se o regime não lograsse a adesão majoritária do país? O próprio Allende, invocando a predição de Engels, dissera, em seu discurso de um longínquo, mas ainda vivo, 5 de novembro de 1970: 'a evolução pacífica da velha sociedade para a nova pode ser concebida nos países onde a representação popular concentra em si o poder'. Mas, nem todos, à direita e à esquerda, acreditavam na evolução pacífica que Salvador Allende defendia.

"Em termos eleitorais, o regime ganhara maior respaldo. Nas eleições presidenciais, Allende obtivera 36,2% dos votos. Um ano depois, nas eleições municipais de 1971, a Unidade Popular *alcançou 47,3% dos sufrágios. E em março de 1973, nas eleições parlamentares, realizadas em meio à crise econômica e social mais aguda, o regime de 'transição ao socialismo' logrou 44% dos votos. Foi, sem dúvida, um admirável triunfo, medido em termos tradicionais. Mas, acossado por todos os lados, Allende precisava, naquele instante, de uma vitória inequívoca, que lhe desse maioria no Parlamento e que repercutisse nas Forças Armadas, neutralizando a conspiração em marcha . . .*

"A política social do governo gerara uma expansão do mercado de trabalho da ordem de 220 mil novos empregos (vale dizer que nada menos de 700 mil pessoas se incorporaram ao consumo) e uma notável redistribuição da renda, como assinalou o então presidente da Federação da Unidade Popular, senador Gumúcio: 'Em 1969, os patrões retinham para eles 49% da renda nacional, hoje retêm 34%; os assslariados, em 1969, retinham 51% agora retêm 66%.' Tudo isso refletiu-se no incremento do consumo de alimentos. Segundo o diagnóstico elaborado pela FAO, *o aumento, tomando como referência 1970, fora de 27%, enquanto que a produção crescera em trono de 6%. Outro dado objetivo, recolhido do mesmo relatório, é o referente às importações de alimentos que, em termos reais, duplicaram entre 1970 e 1972. Como compatibilizar essa demanda com o quadro das desarticulações do mercado, provocadas pelas classes empresariais, como extrema precisão?*

"Em meio ao torvelinho, a grande arma da Salvador Allende era a defesa intransigente da legitimidade de seu mandato, o que implicava na manutenção da ordem constitucional e na sustentação política da via pluralista. O destino de seu governo e a sorte da continuidade democrática se interligam de modo inseparável.

"Se um dia, na história dos povos, uma sociedade socialista puder implantar-se, democrática e pluralista, o nome de Salvador Allende há de ser invocado como um herói, assim como hoje eu o recordo entre 'a utopia e a bravura'."(9)

UM GOLPE MONSTRUOSO

Os imperialistas norte-americanos sempre exploraram o Chile. O cobre esteve sob o controle dos mesmos, além de outras riquezas.

As reservas chilenas de cobre são as maiores do mundo: 60 milhões de toneladas. Entre 1930 e 1969, as empresas estrangeiras, concessionárias de minas, retiraram do Chile três bilhões e 700 milhões de dólares. Representam 40 por cento do total das riquezas chilenas, de um esforço acumulado durante 400 anos por todo um povo. Entre 1965 e 1970, as três maiores minas (Chuquicamata, El Teniente e

(9) Jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 6 de outubro de 1979.

Salvador) deram lucros anuais da ordem de 110 milhões de dólares. Em 1969, a empresa norte-maericana Anaconda ganhou 99 milhões de dólares em seus negócios, em vários países. Das minas de cobre do Chile saíram 79 milhões. As sangrias aconteciam sempre, e durante muitos e muitos anos a economia chilena foi espoliada.

Para fazer prevalecer o direito soberano do Chile de dispor de suas riquezas, o governo de Allende desapropriou e nacionalizou muitas companhias norte-americanas, observando as normas jurídicas internas e o Direito Internacional.

E a resposta veio. A CIA entrou em conexão com várias empresas multinacionais afetadas para desestabilizar o regime e criar o caos econômico para derrubar o governo constitucional da Unidade Popular. Aliás, já, durante a campanha eleitoral e as vésperas da posse, a atuação nefasta da CIA se fez notar, com o derrame de dólares, ficando entre os beneficiados o candidato direitista Jorge Allesandri, que tinha alguma possibilidade, o jornal *El Mercúrio* e a organização fascista Pátria e Liberdade. (10)

A CIA estava implicitamente aliada aos militares fascistas e aos reacionários de todos os tipos do país andino. Estava articulada uma ofensiva monstruosa contra Allende, que teria triste desfecho, quase três anos após a sua posse.

A partir de janeiro de 1973, os muros de Santiago apareceram pixados com a frase Yakarta viene. Era a direita ameaçando o Chile com um banho de sangue, como o que acontecera na Indonésia, em 1967, com o golpe que derrubou Sukarno. E a promessa foi cumprida.

Allende foi bárbara e covardemente assassinado.

"As chamas consumiam o Palácio do Governo, bombardeado, num gesto épico de 'audácia e valor'.

"Com Allende, caiu assassinada a própria democracia chilena, uma das mais antigas e sólidas do mundo, além de serem estrepitosamente arruinados cento e cinqüenta anos de evolução política e os valores históricos nobres e dignos cultivados nesse período. Naquela manhã, os projéteis de Pinochet destruíram a república democrática consolidada no amanhecer da nação e demoliram a criação de Portales até os seus fundamentos, ou seja, o Estado de direito, impessoal, fundado no respeito à lei e no irrestrito acatamento do poder militar ao poder civil, em contraposição ao caudilhismo armado.

"Com esse brutal ataque ao palácio histórico e o assassinato premeditado do primeiro mandatário, o país sofreu uma ruptura cultural e social, abrindo-se entre os chilenos uma ferida de ódio que marca as gerações atuais e compromete as futuras.

"As forças revolucionárias buscaram o poder, através de uma via pacífica. Aceitaram as regras do jogo democrático e se submeteram a elas. Em troca o imperialismo e a burguesia, com maior dose de realismo, planejaram desde o começo uma estratégia insurrecional armada." (11)

(10) O mais famoso dos grupos paramilitares de direita era o Pátria e Liberdade, que se formou depois da eleição de Allende, em 4 de setembro, durante o chamado track II. A CIA entregou 38 500 dólares ao Pátria e Liberdade, através de uma terceira pessoa no período track II, numa tentativa de criar tensões e um possível pretexto para a intervenção militar. Depois que Allende assumiu a Presidência, em várias ocasiões a CIA voltou a fornecer pequenas quantidades ao grupo, ainda através de terceiros. (. . .) *"É possível que o dinheiro entregue pela* CIA *a certos partidos políticos tenha chegado às mãos do* Pátria e Liberdade *e de um grupo semelhante, chamado brigada* Rolando Matus – *isso porque os partidos mantinham laços estreitos come essas organizações".* (Do informe Church.)

(11) Obra já citada, pág. 175 e 176.

É o próprio Sr. Henry Kissenger, Secretário de Estado, em suas *Memórias*, que relata com relação a campanha eleitoral chilena de 1969:

"Nixon manifestou a Helms (chefe da CIA*): Se há uma chance contra dez de nos livrarmos de Allende, tente. Kerry (embaixador americano) recomendou um plano de ação em duas fases: 1)aumento nos gastos com o funcionamento já aprovado da campanha Anti-Allende, e 2) fundos para influenciar a votação do Congresso. Mais tarde vim a saber que alguns representantes da CIA orientaram durante os meses de julho e agosto, os investimentos de determinadas empresas americanas, nas eleições do Chile". (12)*

O Senado norte-americano promoveu um estudo sobre as atitudes da CIA no Chile, em 1975, e a comissão presidida pelo senador Frank Church informou que *"de 1962 para frente, a* CIA *e a embaixada americana tinham interferido totalmente em todas as manifestações políticas, sociais, econômicas e militares do Chile."*

A marcha para o golpe, teve, entre outros, os seguintes lances:

1) assassinato do general René Schneider, comandante do Exército, em 1970, por um grupo de militares e civis da ultra-direita, chefiado pelo general Roberto Viaux. Schneider se negava a intervir na situação chilena, pois esta deveria ser resolvida exclusivamente pelos políticos, e este foi o seu crime. Estava-se já diante do preparo do golpe.

2) Greve empresarial de outubro de 1972. Em julho de 1973 houve paralisação de agremiações e colégios profissionais.

3) Greve dos transportadores, que paralisou 50 mil caminhões, durante cincoenta dias, imobilizando o transporte de um milhão de toneladas diárias de alimentos, matérias-primas, combustíveis e outros produtos. Esta greve foi financiada pela CIA.

4) Atuação da organização fascista Pátria e Liberdade, à qual se juntaram as outras entidades, tais como comandos gremiais e partidos de oposição, desencadeando ofensiva terrorista de grandes proporções, chegando a praticar um atentado por hora, nos meses de julho, agosto e setembro. Foram dinamitadas pontes, estradas, vias férreas, fábricas, oleodutos e centrais elétricas; houve colocação de explosivos em residências, estabelecimentos comerciais e repartições públicas. Esta organização, que chefiava o terror, tinha sido preparada na Bolívia, em campos de treinamento de Viacha e Santa Cruz. Nestes centros, os instrutores eram agentes da CIA, militares chilenos, bolivianos e brasileiros, previamente preparados na zona do Canal e ostentava o nome de Operação Bandeirantes.

Os Estados Unidos estavam por trás de todas estas maquinações, financiando tudo. Mais de quatro milhões de dólares foram despejados, segundo depoimento de William Colby, diretor da CIA, perante à Comissão Church e de oito milhões de dólares pelos cálculos do jornal *New York Times*. Foi ainda bem montado um clima artificial de pânico financeiro, para preparo do golpe militar.

Sobre o golpe contra Allende, está descrito ainda no livro de Carlos Altamirano, aqui já mencionado:

"Entretanto, suas Forças Armadas foram utilizadas para destroçar sua democracia centenária, para liquidar seu sistema de convivência e destruir o Estado de Direito construído quase no amanhecer da República. Arruinado cultural e socialmente, o Chile viu-se convertido num imenso e pavoroso cárcere, onde seus melhores homens são esmagados, escarnecidos e torturados. E, como disse o Presidente Ford, tudo isso foi feito 'para favorecer os legítimos interesses do povo chileno e proteger os interesses dos Estados Unidos'.

"Sem a vontade do governo americano e sem a intervenção criminosa da CIA, o modelo contra-revolucionário jamais teria chegado a tais níveis de eficácia. A burguesia nacional não possuía nem capacidade nem recursos para tanto. Sem o cerco financeiro magistralmente organizado por Wall Street, a situação econômica do país não teria atingido graus tão profundos de anarquia e desarticulação. Sem a pressão constante do Petágono, o processo de debilitação profissional e democrática dentro das Forças Armadas teria tido outro ritmo ou nem sequer teria chegado a produzir-se. Sem a participação ativa e eficiente da CIA*, o terrorismo desencadeado pela burguesia certamente teria se expressado em escala menor. Sem o dinheiro americano – que foi prodigamente empregado para o suborno, a corrupção e o aviltamento da consciência nacional – as greves empresariais não teriam provocado danos tão irreparáveis. (. . .)*

"O mundo compreendeu isso tudo e encontra aí o motivo para desprezar e condenar a intromissão dos Kissinger e Nixon. O Chile foi um Vietnam, 'silencioso e derrotado'. Tratava-se da mesma intervenção descarada, do mesmo desprezo pela vontade do povo, da mesma arrogância brutal e intimidatória, da mesma invocação hipócrita e mentirosa da lei, democracia e liberdade. Como o mitológico deus Jano, também aí existiram duas caras; mais ainda, duas almas. Por um lado, os Estados Unidos treinavam os exércitos nativos para impedir a insurreição armada contra ditaduras oligárquicas subservientes; por outro lado, planejaram e promoveram uma insurreição armada contra um governo constitucional e legítimo. Reuniram seus lacaios para, durante quinze anos, marginalizar Cuba da comunidade continental, sob a acusação de ingerência nos assuntos políticos de outros povos. Enquanto isso, a mesma nação fez uma intervenção clara e aberta, para torcer o destino de um povo pequeno, que aspirava a encontrar seus próprios caminhos no 'pluralismo, na democracia e na liberdade'.

"Devo assinalar aqui a permanente preocupação do Partido Socialista*, que, em mais de uma ocasião, apresentou formalmente ao governo o pedido de reestruturação dos altos comandos, para promover oficiais de sólidos compromissos e transferir aqueles manifestamente hostis ao regime.*

"Entretanto, as coisas aconteciam ao inverso. O setor sistematicamente desarticulado foi justo o setor democrático, que permaneceu sempre na defensiva. Apesar de constituírem maioria, os oficiais e suboficiais leais acabavam atuando clandestinamente e sendo preteridos em suas promoções ou simplesmente afastados, sempre que manifestavam obediência ao governo. Após o frustrado golpe de 29 de junho de 1973, a situação chegou a adquirir um tom grotesco. Ao invés de eliminarem-se os oficiais comprometidos na conspiração, tramou-se com êxito a renúncia do General Prats e, em seguida, a dos generais Pickering e Sepúlveda, todos de reputação constitucionalista.

"Por outro lado, era necessário um trabalho sério e coerente no seio das Forças Armadas, para organizar e agrupar os elementos potencialmente leais ao governo. À semelhança do que acontecia em outros exércitos latino-americanos (Peru, Argentina, Panamá, Equador), esses militares tinham um peso significativo e encarnavam o desenvolvimento de tendências democráticas. Entretanto, tais tendências jamais se efetivaram nem chegaram a formar estruturas fracionárias. Por isso, uma minoria fascista que era audaz e decidida conseguiu, graças à clareza de objetivos e à coesão enquanto bloco, derrotar os militares progressistas que careciam de uma ligação orgânica.

(12) Publicado no Brasil, no jornal *Folha de S. Paulo*, dia 5 de outubro de 1979.

"É verdade que houve altos oficiais comprometidos com o processo.

"Sua presença dentro das Forças Armadas não se devia absolutamente a uma ilusão de óptica. Durante um período importante, chegaram a ter hegemonia nos altos comandos. A derrota final não fez senão colocar em destaque a sua força, mesmo depois de terem sido acossados e reprimidos institucionalmente pelos grupos sediciosos, durante três anos. Dezenas de oficiais, suboficiais e soldados foram assassinados. O fascismo cobrou-lhes com o preço de suas vidas a lealdade que dedicaram ao governo legítimo. Dezenas deles ainda permanecem nas prisões. Os infames processos movidos contra os sobreviventes põem a descoberto, por todo o país, sua existência desgraçada. Somente dois desses julgamentos chegaram até a opinião pública: o dos oficiais e suboficiais da Força Aérea, que envolveu mais de 60 pessoas e custou a vida do General Alberto Bachelet; e outro, iniciado antes do golpe, envolvendo contingentes de marinheiros acusados de denunciar ações conspiratórias de almirantes e altos oficiais da Marinha. Antes já havíamos mencionado o sacrifício heróico da suboficialidade de carabineiros, que foi barbaramente massacrada por se negar a aderir ao golpe.

"A guerra foi declarada em todas as frentes. No final de 1972, a oposição contava com 54 jornais e 98 rádios, enquanto o governo tinha apenas 10 jornais e 36 rádios. Isso significa que a direita controlava 64 por cento dos meios de comunicação.

"No plano ideológico, preparou-se uma campanha com todos os recursos disponíveis. Uma formidável rede de meios de comunicação organizou-se debaixo da liderança do jornal El Mercúrio, *que foi financiado e dirigido diretamente pela* CIA, *segundo ficou demonstrado.*

"A guerra decretada pelo imperialismo foi declarada, sem tréguas, no terreno político, institucional e ideológico. As regras do jogo modificaram-se sem nenhum pudor. O regime presidencial, tecnicamente caracterizado pela primazia do Poder Executivo, muda para regime parlamentar, mediante a manipulação coordenada dos demais centros do poder. O Parlamento, o Poder Judiciário e a Inspetoria Geral da República aliam-se numa sistemática obstrução às tarefas do governo. Trabalham com desavergonhado abandono das normas que até então conduziam a institucionalidade chilena. Os tribunais silenciam diante dos desmandos físicos e verbais da burguesia rebelada. As reiteradas queixas judiciais apresentadas pelo governo frente às incríveis provocações publicitárias da oposição são arquivadas ou invalidadas. Em troca, as queixas ocasionalmente apresentadas contra jornalistas ou líderes de movimentos populares são imediatamente aceitas e encaminhadas com odiosa severidade. Quando a polícia civil surpreende grupos fascistas em atos de sabotagem ou de terrorismo evidentes, O Poder Judiciário dá liberdade aos presos. O 'Senhor Inspetor' fazia o que bem entendia. Os decretos baixados pelo governo ou não eram referendados ou só o eram depois de inesgotáveis discussões, fortalecendo com isso a imagem de ilegitimidade.

"Um setor estudantil secundarista, liderado pela Democracia Cristã, *organizava bandos que, diariamente e durantes meses, provocavam desordem no centro e nos bairros elegantes da Capital, quebrando vitrinas dos locais comerciais e queimando ônibus ou automóveis. Tratava-se de uma manobra hábil e covarde da reação: utilizava esses 'jovens rebeldes' para provocar um morto que acendesse a faísca. Agiam sabendo que o governo não podia reprimi-los. Nesse mesmo sentido, turbas de mulheres eram trazidas para as ruas. Senhoras bem alimentadas, vestidas de peles e jóias resplandescentes, saíam batendo panelas também resplandecentes, acompanhadas por outras mulheres do lumpemproletariado. Gritavam sem parar, reclamendo contra a 'falta de alimentos'. Assim, mulheres e crianças eram*

usadas para reforçar o clima de agitação e acentuar a imagem de caos, desordem e falta de autoridade do governo.

"Nos últimos meses, enquanto se estimulava todo o tipo de greves ilegais, a direita montava – com assessoria estrangeira – uma poderosa e eficiente organização terrorista, que preparava um clima da mais extrema tensão. Assassinavam operários e camponeses; faziam explodir oleodutos, estradas de ferro e instalações elétricas, atentaram contra a vida de dirigentes de partidos populares, queimaram sedes partidárias e chegaram a assassinar um dos secretários do presidente da República.

"Em resumo, a oposição burguesa contra-revolucionária se constituíra a si mesma como defensora e garantia da legalidade. Enquanto o grosso de sua ofensiva se desenvolvia clandestinamente, ela impunha ao governo o respeito à lei como uma espécie de 'camisa-de-força'. Nascido sob o amparo da ordem jurídica, o governo se enredava cadà vez mais nas suas redes paralisadoras.

"Finalmente, é no terreno econômico que as manobras reacionárias atingem a categoria de suprema falta de escrúpulos, planificando pura e simplesmente a destruição da economia nacional. Iniciou-se uma dupla ofensiva: uma baixa drástica no preço do cobre e um aumento considerável dos produtos agropecuários importados – isso dentro do contexto de uma imensa dívida externa herdada do governo anterior. O imperialismo fez manobras internacionais: barrou os créditos dos organismos financeiros, embargou o cobre chileno para provocar instabilidade no mercado e bloqueou o abastecimento dos insumos indispensáveis para a exploração mineira e a indústria. No interior do país, a burguesia fez o que queria. Tornou-se também burguesia especulativa, através do mercado negro, devidamente incentivado para conseguir dividendos políticos e financeiros; provocou sabotagem nas empresas estatizadas. A greve empresarial de outubro de 1972 significou para o Chile uma perda líquida de 200 milhões de dólares; a greve de um setor mineiro, ocorrida em julho de 1973, acarretou outra perda de 60 milhões de dólares, por diminuir a produção. Saíram clandestinamente do país mais de 300 mil cabeças de gado, enquanto milhares de vacas eram abatidas quando prenhes, para provocar problemas de abastecimento.

"A disposição reacionária era tanta que chegou a empregar métodos tão extremamente criminosos!

"Os fatores que convergiram para a derrota só podem ser perfeitamente avaliados a partir da identificação do adversário, de sua disposição frente ao processo, do poderio acumulado para destruí-lo e dos meios utilizados para tal objetivo." (13)

Como prêmio à atuação de Pinochet, os Estados Unidos passaram a conceder, oficialmente, inúmeros empréstimos e auxílios ao Chile, que também recebeu armas, o que lhe deu a condição de um dos países mais bem armados da América Latina.

Mas tudo isto iria mudar, pois os protestos surgem no mundo inteiro contra o novo Chile de Pinochet. Nos Estados Unidos, uma das primeiras reprovações, de um denominado Comitê de Emergência para a Salvação dos Trabalhadores Chilenos dizia, entre outras coisas:

"Oficialmente nosso governo não vê nada, não houve nada, não faz nada . . . e envia dinheiro. É como se a ajuda militar e econômica norte-americana fosse utilizada para apoiar os nazistas, fundar a Gestapo, e manter os campos de concentração de Auschwitz, Belsen e Dachau".

(13) Obra já citada, páginas 137, 149, 194 e 195.

Pela ajuda e esforços que a Companhia Telefônica Chilena, do Grupo Internacional Telephone and Telegraph Corp (ITT) deu ao golpe chileno, Pinochet, em dezembro de 1974, resolveu pagar mais aproximadamente cem milhões de dólares como indenização complementar às expropriações de suas propriedades no território chileno.

A CTC era um bom negócio para a multinacional, pois seus lucros anuais ascendiam a 25 milhões de dólares. A avaliação oficial do patrimônio desta empresa no governo de Allende tinha sido orçada em 24 milhões de dólares, e naquela ocasião a ITT apresentou um plano de 18 pontos ao governo norte-maericano, destinados a assegurar que *"Allende não passasse dos próximos e difíceis seis meses"*.

Mas outras indenizações tinham-se dado, pois já em junho do mesmo ano, Pinochet tinha pago à Anaconda Cooper Company, também dos Estados Unidos, 235 milhões de dólares pela expropriação da mina Chaquicamata.

O CHILE ATUAL

Ciclicamente ocorrem terremotos no Chile, mas o golpe de estado e o governo do ditador Pinochet foi e está sendo pior do que todos os terremotos juntos. Uma catástrofe social e política caiu sobre o Chile.

O poder foi usurpado, e a democracia se desfez num banho de sangue, prejudicando profundamente o Chile e o seu povo. A assombrosa tarefa destruidora foi dirigida por uma verdadeira quadrilha, e sobre isto é de se repetir Saint Just: *"Foram tão malvados quanto a sua estupidez lhes permitiu"*.

O Chile é presentemente um país demolido, com sua sociedade desestruturada, com sua cultura e suas universidades emudecidas e obscurecidas. Um dos primeiros atos dos que chegaram ao poder foi a queima de milhares de livros. A faísca destruidora não poupou nem a biblioteca da grande glória chilena, que foi Pablo Neruda. (14) Seus cidadãos não têm direitos individuais ou de qualquer outra espécie, seus trabalhadores foram despojados das conquistas obtidas em meio século de lutas.

O modelo importado, através dos Chicago Boys, faz com que a economia do Chile vá de ruim a pior, e a maioria dos chilenos se torna cada vez mais pobre, enquanto isso se engordam os grupos econômicos conhecidos como piranhas e crocodilos. A dívida externa equivale a 640 dólares para cada um dos onze milhões de habitantes do Chile. A taxa inflacionária chegou a atingir 500% em 1974 e 350% em 1975, e o desemprego, segundo as próprias cifras oficiais é de 15% e os salários estão aviltados.

(14) Pablo Neruda – Ricardo Neftali Eliezer Reys Basoalto era o verdadeiro nome do maior poeta de língua espanhola. Prêmio Nobel de Literatura, em 1971. Obteve também o Prêmio Lênin da Paz. Foi ativo militante do Partido Comunista Chileno, o qual chegou a representar como senador. Em 1948, foi processado e preso a mando do reacionário presidente Gábriel Gonzales Videla. Em seus últimos tempos de vida, era embaixador do seu pais na França. Antes foi também cônsul em diversas nações. Morreu alguns dias após o assassinato de seu amigo e companheiro de lutas e idéias políticas-sociais, o presidente Allende. Este fato, a invasão e a destruição parcial de sua casa em Santiago, por forças direitistas paramilitares, e a sua prisão domiciliar em Isla Negra, na costa do Pacífico, onde geralmente escrevia, influíram em seu estado de saúde e precipitaram seu falecimento. Foi significativo que o notável poeta se extinguisse quase ao mesmo tempo que o regime socialista, em que ele havia posto tantas esperanças. Sua poesia foi lírica e revolucionária e nenhum poeta de sua época tinha representado como Pablo Neruda tão profundamente os anseios da humanidade. A casa de Isla Negra, que durante muitos anos foi a convergência mundial da literatura, ao invés de se transformar em Museu nacional, foi confiscada em 1974, pelo regime do general Pinochet. Em setembro de 1980, a ditadura argentina proibiu a circulação e a leitura em seu território de toda e qualquer obra de Pablo Neruda.

Em abril de 1978, suspende-se o estado de sítio mas se mantém o estado de emergência. O ditador Pinochet declara sempre que o recesso político continuará por muitos e muitos anos, e os partidos políticos tradicionais não terão vez. Os outros partidos políticos tradicionais que ainda não tinham sido extintos são dissolvidos definitivamente em 1977, inclusive o PDC. Uma coisa é certa: Pinochet não tem nenhuma intenção de largar o poder ou de pelo menos encaminhar-se para uma fórmula de pequena abertura.

Até fins de 1974, 150 companhias privadas nacionalizadas pelo governo de Allende foram devolvidas a seus antigos donos.

Eis um balanço da ditadura que se abateu sobre o Chile. Oficialmente, fontes do próprio governo, em 1975, davam como 3 mil o número de pessoas mortas, 41.359 presas, sendo libertadas 27.438 e 9.167 expulsas do país. Os campos de concentração se instalaram em muitos locais, e o estádio de futebol mais importante de Santiago virou um deles. As torturas foram de todo o tipo, horrorosas. Segundo o ex-embaixador da Suécia no Chile, Harold Edelstam, em dezembro de 1973, o saldo real de mortos pelos fascistas era de 15 mil, enquanto 30 mil estudantes perderam o direito de prosseguir os seus estudos e 20 mil pessoas ficaram sem emprego.

Nos últimos meses de 1979, foram localizados três grupos de cadáveres, dois em Minas de Cal abandonadas respectivamente nas localidades de Lonquen, perto de Santiago e Yumbel, bem ao sul do país, e o outro em cemitério clandestino, na cidade de Laja. Todos eram pessoas presas e dadas como desaparecidas, após a derrubada do governo de Allende. A igreja católica pediu inclusive a investigação de centenas de sepulturas sem identificação, no próprio cemitério geral de Santiago, que se acredita sejam também de pessoas tidas como desaparecidas, após os seqüestros.

A famosa revista católica chilena *Mensaje*, dos jesuítas, diagnosticou como gravemente doente a sociedade do Chile, hoje falando de um contexto nacional de política dura e repressiva, com o surgimento de sintomas claros de decomposição. O governo do general Pinochet e seus membros foram acusados, textualmente, de transgressão da ordem moral da nação.

A igreja tem protestado energicamente, e o cardeal Raul Silva Henriquez declarou que os fatos que ocorreram e ocorrem traduzem a insensibilidade e desumanidade do governo, e *"o conhecimento da tragédia que nos afeta me leva a deplorar e protestar pela falta de respeito que caracterizaram esses atos"*.

A ditadura de Pinochet se dedicou também a promover assassinatos e atentados em outros países, contra elementos representativos e importantes que estavam exilados.

O primeiro ato deu-se ainda em 1969, quando estava apenas no embrião o projeto nefasto de Pinochet e de todos os direitistas chilenos. E este foi no próprio território chileno, quando o general de tendência constitucionalista, René Schnneider, comandante em chefe do exército, foi assassinado, e neste episódio também houve o dedo da CIA.

Já organizada a DINA (Direção de Inteligência Nacional), após o golpe de Pinochet e seus asseclas, esta mandou assassinar hediondamente, em plena cidade de Buenos Aires, em outubro de 1974, o general Carlos Pratts e sua mulher. Este general tinha sido radicalmente contra o golpe e se exilara voluntariamente na Argentina. Com medo de seu retorno, pois ele era uma bandeira para a defesa de regimes democráticos, a sua eliminação interessou aos fascistas chilenos.

Em Roma em outubro de 1975, sofreu um atentado o ex-dirigente do Partido Democrata Cristão, Bernardo Leighton, que se salvou milagrosamente, atentado

este também promovido pela DINA hoje denominada Central Nacional de Informações.

Porém, o mais vergonhoso crime deu-se em plena cidade de Washington, quando foi assassinado o ex-chanceler do governo Allende, Orlando Letelier e sua secretária norte-americana, em setembro de 1976. A polícia secreta chilena, através de seu chefe general Contreras, armou os bandidos que eram compostos de chilenos e exilados cubanos, tendo pago aos mesmos um milhão de dólares.

Por uma situação tão triste, o Chile tem sofrido condenações de quase todo o mundo. Em fins de 1979, os Estados Unidos retiraram seu embaixador de Santiago, oficialmente e em linhas de governo para governo, cortou e suspendeu empréstimos e financiamentos. Mas a represália deve-se, principalmente, ao assassinato de Letelier e uma cidadã norte-americana pela DINA, no próprio território americano, e o Chile se negou a extraditar os envolvidos no crime. Evidentemente que é uma atitude diferente da adotada por ocasião do golpe de setembro de 1973, quando os Estados Unidos o apoiavam integralmente.

A Organização Regional Inter-Americana do Trabalho (ORIT) decidiu decretar um boicote ao regime chileno em 1979, tendo o secretário geral desta entidade declarado que:

"As principais confederações operárias de cerca de 70 países cumprirão uma semana de boicote contra o Chile. A medida tem por finalidade enfraquecer a estrutura social do regime fascista, chefiado pelo general Augusto Pinochet, e com este boicote pretende-se também demonstrar a Pinochet, ao general Videla, na Argentina e aos militares uruguaios, que a solidariedade internacional da classe operária repudia suas odiosas ditaduras".

A ONU, por diversas vezes, reprovou o Chile, inclusive em dezembro de 1979, quando realizou uma enérgica condenação pelas contínuas violações aos direitos humanos. Por maioria arrasadora de 96 votos, seis contra e 33 abstenções, foi adotada resolução que pedia ao governo chileno para terminar com o estado de emergência *"sob cujo amparo continua-se a violar direitos humanos"* e a restabelecer as instituições democráticas e as garantias constitucionais, exigindo que *"terminem também as torturas e outros tratamentos desumanos e degradantes"*.

Ainda em fins de fevereiro de 1980, a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas condenou, em Genebra, as violações dos direitos humanos no Chile, por 29 votos a favor e 3 contra (Uruguai, Brasil e Argentina) e 10 abstenções. A resolução apresentada pela Holanda e Dinamarca pedia ainda que as autoridades chilenas restabeleçam as instituições democráticas e as garantias constitucionais. (15)

O Chile está isolado interna e externamente. Mas nem por isto deixa de ser um campo propício à exploração das multinacionais e de todos os capitalistas. Os tecnocratas chilenos, aliados ao ditador Pinochet, mantêm boas relações com investidores e bancos privados estrangeiros. Os Bancos dos Estados Unidos emprestaram, em 1978, um bilhão de dólares ao Chile, aumentando o endividamento do país, e é esta a chamada ajuda pelas portas do fundo, paga a preços de agiotagem. De

(15) Em fevereiro de 1981, a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, sediada em Genebra, decidiu, mais uma vez, denunciar o que qualificou de um agravamento na situação dos direitos humanos no Chile. Apenas Brasil, Argentina e Uruguai e Estados Unidos votaram contra a resolução apresentada pelo México, Cuba, Argélia e Iugoslávia. A maioria dos restantes países ocidentais que se abstiveram, inclusive a Alemanha Ocidental, cujas emendas ao projeto se fossem aprovadas, teriam posto fim ao caráter prioritário com que a comissão vem abordando a questão chilena. A resolução que regeitou todas emendas, expressou *"Indignação pela persistência e agravamento da situação dos direitos humanos no Chile e pediu que se ponha fim ao estado de emergência nesse país."*

agosto de 1974 até junho de 1979, foram aprovados projetos de investimentos, totalizando quatro bilhões e 148 milhões de dólares, 76 por cento dos quais de origem americana. Os investidores estrangeiros se movem pelos critérios de rentabilidade e conveniência comercial e estão alheios a políticas governamentais e continuarão entrando dólares para uma fácil multiplicação. Até a Anaconda, nacionalizada por Allende, voltou festivamente ao Chile. E outra multinacional, dá a razão disto: é que após a queda de Allende, os custos de produção de cobre chileno baixaram de 55 por cento, enquanto os do mundo livre subiram de 59 por cento. A exploração da mão-de-obra é também um dado de isolamento interno.

O Chile, por paradoxal que pareça, recebe auxílio até da China, e a França lhe vendeu aviões de guerra e navios.

A Força Aérea Chilena (FACH) instalou a primeira fase de uma rede de mísseis para a defesa do território e esta operação coincidiu com a chegada ao país de uma leva dos caríssimos aviões Mirage, adquiridos na França. E com isto, mais nítido fica que o regime de Pinochet não poderia servir mesmo para outra coisa.

Em março de 1980, nem as Filipinas, governadas de uma maneira não muito democrática por Ferdinando Marcos, quiseram receber Pinochet, que pediu para ser convidado. Os protestos populares foram tantos contra esta visita, que as autoridades locais foram obrigadas a cancelar. O líder sindical Bonifácio Tupaz, escreveu carta interpretando os sentimentos de seu país, que teve que ser deferida, e que entre outras coisas dizia:

"Que se evite a profanação das costas Filipinas, pois as Filipinas seriam objeto de condenação de todos os foruns internacionais se permitíssemos que este monstro Pinochet pise nossa terra como visitante oficial. O isolamento do atual governante chileno é crescente nas reuniões trabalhistas internacionais que denunciam o assassinato, a tortura e a destruição dos líderes sindicais, chilenos". Qualificou Pinochet como *"praga da humanidade e o seu regime que institucionalizou o terror e a repressão dos direitos humanos, representa o governo mais atroz da América do Sul". (16)*

E para completar e respaldar a ditadura de Pinochet, este fez realizar, debaixo de intimidações, prisões, torturas e até assassinatos de opositores, em setembro de 1980, um fraudulento e infame plebiscito, para tentar perpetuar-se no poder até o fim do século. E, como praxe, nenhum regime fascista conseguiu, até hoje, nos anais de história, perder "consulta popular".

O ex-presidente Eduardo Frei tem falado muito nos últimos anos. Uma coisa porém ele está certo, ao declarar ao jornal sueco *Svensha Dagbladet*, que cerca de 80 por cento da população de seu país está contra o regime de Pinochet que o Chile se converterá em uma nova Nicarágua, com a deflagração de uma revolução civil. Mas é evidente que Frei e outros fracos democratas não poderão ter vez num governo popular que surgir.

Os milhares de exilados chilenos espalhados pelo mundo não descartam a possibilidade da oposição de esquerda ao regime militar, em razão do referendo, recorrer agora à luta armada, para derrubá-lo. Os que se encontram na Colômbia, entre os quais o ex-ministro de Allende, Júlio Benitez, levantaram esta tese prioritariamente e relataram o que sempre é conhecido: nos últimos sete anos, um milhão de

(16) Mas nem todos os países gostam que se ataque Pinochet. O deputado brasileiro Francisco Pinto, do MDB, em 1977, por relatar no Parlamento, com provas cabais, as atrocidades do ditador chileno, foi condenado pelo governo do general Geisel à prisão e perdeu ainda o seu mandato.

pessoas tiveram que sair do Chile, 30 mil foram assassinadas e três mil encontram-se "desaparecidas".

Pinochet, ao ser entronizado em ditador, praticamente vitalício, em decorrência do falso plebiscito, afirmou que não haverá abertura política e que continuará o estado de emergência, significando muito mais que a tentativa de institucionalização da ditadura. Estão sepultadas as tradicionais práticas de política partidária e parlamentar.

É por isto que o bispo de Talca, Alejandro Jimenez, admitiu que:

"O Chile vive uma revolução cujo desfecho está a vista. Montado numa máquina militar e repressiva sobre a qual tem absoluto controle pessoal, Pinochet preside a criação no Chile de um país com duas classes, a dos dirigentes e a dos miseráveis. Nunca a concentração de renda foi tanta. Nunca o desemprego foi tanto". (17)

A oposição de esquerda já declarou de irrealista a esperança de um fim pacífico do regime de Pinochet.

O MIR se lança com todas as forças ao combate armado, tendo praticado expropriações contra Bancos, inclusive Banco do Brasil S.A., agência de Santiago, para a formação de um fundo de lutas, tendo assumido a responsabilidade por 76 atos revolucionários durante o ano de 1980, e entre estes ação de propaganda armada contra o capital monopolista, duros golpes aos aparelhos repressivos e apoio combativo à defesa dos direitos do povo. O MIR passou a denominar-se Resisitência – Milícias Armadas de Resistências Popular (MPR), com a intenção de unificar todos os grupos de esquerda que estão ativos, contra a ditadura militar (18).

O PC optou, segundo o seu dirigente Luiz Corvalan, que vive no exílio, pela *"Violência revolucionária, de modo consciente e responsável, e o povo deve recorrer a todas as formas de luta, inclusive a violência aguda, para defender o seu direito ao pão, à liberdade e à vida."*

(17) O Chile chegou ao cúmulo, a nível e com apoio da ditadura de Pinochet, vender crianças. Assim é que, em fevereiro de 1981, denunciou-se em Santiago que crianças órfãs, abandonadas ou pobres, estão sendo tiradas do Chile à razão de 150 ou mais por mês para serem adotadas no Exterior.

Estes menores são enviados, de preferência, aos Estados Unidos e países europeus, Itália, em especial. A exportação destes menores de idade, fomentada pelo jogo da oferta e da procura internacionais, está autorizada por um decreto que tem resquícios que burlam a oposição, que possam apresentar familiares ou as próprias autoridades judiciárias.

(18) A dirigente esquerdista chilena, Silvia Soto, afirmou, em fevereiro de 1981, que após a eleição do presidente Reagan, que veio apoiar a ditadura chilena e tornar mais vigoroso o imperialismo, deu-se ao povo fatores propícios ao uso das armas e da guerrilha.

Capítulo 17

ARGENTINA – DA OBSCURA GUERRILHA DO JORNALISTA JORGE RICARDO MASETTI AO EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO DO POVO E AOS MONTONEROS

A GUERRILHA QUE A SELVA DEVOROU

A GUERRILHA QUE A SELVA DEVOROU

Em 1958, quando os guerrilheiros lutavam nas montanhas de Cuba, um jornalista argentino, nascido em 1929, JORGE RICARDO MASETTI, lá estava fazendo reportagens e se tornou muito amigo de CHE GUEVARA, tendo ambos a mesma idade. Com a vitória da guerrilha, no início de 1959, GUEVARA nomeou MASETTI para a chefia da agência de notícias *Prensa Latina*, mas, em abril de 1961, ele renuncia do cargo. Ambos já estudavam planos para a implantação de um foco guerrilheiro em território argentino, a partir de um acampamento oginário, na Bolívia, pois lá a revolução social era inevitável. A teoria era muito boa, porém, restava a prática, equacionando-se uma situação política, onde as guerrilhas cumprissem o papel a elas reservado.

Em junho de 1963, MASETTI já estava na Bolívia, com três companheiros cubanos, que eram da tropa de elite de GUEVARA: HERMES PEÑA TORRES, RAUL DAVILA e "PAPI". Mas a Argentina estava sendo constitucionalizada, com a eleição de um pacífico e velho médico, Arturo Illia, à presidência, e um dos requisitos da guerrilha passava a não existir, pois a legalidade burguesa iria prevalecer.

MASETTI estava, então, escolhendo o pior momento, e os primeiros guerrilheiros chegaram ao acampamento, de Emborozá, em território boliviano, próximo à fronteira com a Argentina. Organizou-se então o Exército Guerrilheiro do Povo, com jovens universitários e dissidentes do Partido Comunista. MASETTI, com seu movimento, tinha se esquecido da frase de José Martí, que GUEVARA sempre falava: *"É um criminoso aquele que promove num país a guerra que pode ser evitada e aquele que deixa de promover a guerra inevitável"*, e tinha além do mais, recusado colaboração com as organizações políticas existentes na Argentina, o que ia de encontro ao modelo cubano, que embora tivesse estado lá, não havia aprendido nada.

FIDEL CASTRO fez acordos com quase todos os partidos, e GUEVARA, em seu livro *A Guerra de Guerrilhas,* fala que sem o apoio e colaboração dos movimentos de massas, o desastre das guerrilhas seria inevitável.

Em setembro, a expedição de guerrilheiros penetrou em território argentino, e na localidade de Águas Brancas, junto ao rio Pescado, levanta o seu primeiro acampamento, e solta um manifesto, publicado na revista da esquerda, de pouca circulação *Compañero.* O eco foi nulo, e só serviu para alertar as forças militares que um COMANDANTE SEGUNDO se rebelara em armas, contra os poderes da República. (1) Este Manifesto, porém, valeu para a incorporação de novos jovens à guerrilha, e MASETTI impõe um duro código de ética na atuação dos guerrilheiros, que leva ao julgamento e condenação à morte absurda de dois de seus próprios componentes. A vida na selva de Salta era difícil. O COMANDANTE SEGUNDO não encontrava a via de comunicação com as massas, o instrumento indispensável para quebrar o seu isolamento. E o presidente Illia estava sempre disposto a negociar com todos os grupos de pressão de seu país, e a violência não figurava entre os seus recursos. MASETTI deveria abandonar suas pretensões, pois a situação política lhe era desfavorável no momento.

A guerrilha, militarmente, não vai em frente. Inclusive, em março de 1964, os serviços de inteligência introduzem espiões em seu seio, e esta já estava descoberta prematuramente e sofre os seus reveses em combates, e alguns guerrilheiros são presos. Uma força policial militarizada corta os abastecimentos e cerca um grupo de guerrilheiros; os que não morrem em combate são derrubados pela fome. Em abril, é morto o CAPITÃO HERMES e mais alguns companheiros de sua ala, os presos são torturados sinistramente. No mais, a guerrilha fora derrotada, principalmente pela hostilidade do meio ambiente e pelo isolamento.

MASETTI e os poucos remanescentes penetram na espessa selva de Yuto, um inferno de espinhos e animais. Não houve mais notícias, pois a mata os liqüida para sempre.

Os guerrilheiros presos, em número de quatorze, foram julgados em fins de 1964 e tiveram como advogados dois grandes amigos argentinos de GUEVARA, Gustavo Roca e Ricardo Rojo (2), que em seu livro, *Meu Amigo Che,* mostra as conseqüências desta derrota para a revolução latino-americana, que foi sentida por GUEVARA, como uma derrota pessoal.

"A tragédia do COMANDANTE SEGUNDO *nas montanhas e nas selvas do norte argentino foi a mais silenciosa derrota da guerrilha da América Latina. Mereceu pouco destaque por parte da imprensa e até mesmo as publicações de esquerda temeram comprometer-se com uma aventura, na qual muitos acreditaram ver rastros de provocações organizadas pelos serviços de inteligência. As grandes massas das cidades argentinas praticamente não chegaram a se inteirar de que, no norte, estava sendo gerado um exército guerrilheiro. Os camponeses, destinatários um pouco genéricos da mensagem rebelde, muito menos: talvez nunca vieram a saber."*

"Firmando-se no Campo", escrevera GUEVARA, *"um grupo guerrilheiro, que se ligue às massas de camponeses, crescerá de menos para mais, destruirá o exército, em luta frontal e terminará apoderando-se das cidades, partindo do campo."*

(1) "COMANDANTE SEGUNDO" era mais que um pseudônimo, pois indicava a existência de um "COMANDANTE PRIMEIRO", ausente momentaneamente, e este não era outro senão o próprio GUEVARA.

(2) Rojo foi duramente perseguido e preso pelo regime militar argentino, posterior à queda de Izabelita Peron, até que conseguiu exilar-se na Venezuela, onde se encontra presentemente, exercendo atividades jornalísticas.

MASETTI fora fiel ao modelo, mas ao cabo de dez meses de sacrifícios, na terra mais inospitaleira que se possa imaginar, sua força não chegava a 30 homens e o isolamento castigava-os com as neuroses e o desespero. A mais impressionante conclusão que MASETTI extraiu da situação foi que o campesinato não poderia ligar-se a ele, nem ele ao campesinato, no norte da Argentina, simplesmente porque este último não existia. A densidade da população é geralmente baixa na Argentina e particulamente escassa nos campos do norte. MASETTI deveria buscar as massas, politicamente atrativas, nos bairros industriais, mas ali, era um desconhecido. Sua mensagem provocara desconfiança e esta criou em seu redor o mais impenetrável vazio.

MASETTI não só era um desconhecido, mas também conhecido apenas entre a reduzida coletividade de jornalistas. Sua carreira se desenvolveu fora da Argentina e nela carecia de amigos significativos ou de sólidos laços políticos. Não podia, em uma palavra, esperar que os operários nas cidades se colocassem ao seu lado, tal como ocorrera com o **"26 de Julho"** desde o primeiro momento.

"É difícil explicar por um só motivo o conjunto de razões que terminaram por configurar o quadro que levou CHE a repetir o caminho de MASETTI, quase que mecanicamente, com um resultado surpreendentemente parecido." **(Ricardo Rojo: *Meu Amigo Che).***

OS MONTONEROS E OUTROS GUERRILHEIROS

Em setembro de 1968, o exército argentino desbarata, no interior do país, um primeiro grupo de guerrilheiros, que tinha como chefe os jovens JUAN GUTIERREZ, engenheiro, e SAMUEL LEONARD SLUTZKY, médico.

O primeiro sinal nítido de que a guerrilha na Argentina iria explodir-se e durar anos, deu-se em um acontecimento insólito: um grupo de jovens atacou um posto de guarda militar, em Campo de Mayo, e roubou diversos armamentos. Era abril de 1969 e o fato inaugurava um processo novo na Argentina. As guerrilhas foram, por excelência, de tipo urbano, e por muitos anos realizavam-se ataques a unidades militares e de segurança, seqüestros e assassinatos de pessoas, expropriação de bancos, repartições públicas e particulares, exigindo-se resgates e até ocupações de lugares e cidades. O assalto inicial ao Posto de Campo de Mayo revelara a existência de uma organização decidida, que tinha o necessário apoio logístico, para empreender operações de envergadura, inclusive com o próprio exército, e por bastante tempo.

Os nomes dos grupos guerrilheiros que passaram a atuar foram: Exército Revolucionário do Povo (ERP); Montoneros; Forças Armadas de Libertação (FAL); Forças Armadas Peronistas (FAP), mas os dois primeiros eram os mais importantes. Integravam os seus quadros, principalmente, jovens da classe média ou alta, técnicos e profissionais, moças das mais diversas origens, e todos da luta de esquerda, até o *Catolicismo Terceiro-mundista.* Nos quadros das guerrilhas o número de operários e sindicalistas não era grande, e as pessoas nunca tinham mais de trinta anos. Alguns desses grupos se diziam peronistas, outros exibiam uma ideologia difícil de se rotular, mas, em linhas gerais, eram esquerdistas ou da extrema esquerda.

O recrudescimento da atividade guerrilheira deu-se a partir de 1973.

Na análise dos grupos guerrilheiros, que praticamente só cessaram sua atuação no atual governo militar, convém destacar e computar uma cota de idealismo, que os animava e levava os militantes a abandonarem a vida normal para se lança-

rem às refregas, onde a morte violenta não era o maior risco. Este idealismo se nutria de sentimentos diversos: populismo elementar, ansiedade de mudança social, patriotismo, repúdio a dirigentes sindicais, que consideravam corrompidos, ódio à opressão econômica e vingança da repressão policial.

Não houve neste período da história da Argentina, grandes simpatias populares pelos guerrilheiros, apesar de terem, muitas vezes obtido resultados sensacionalistas.

Os Montoneros eram comparados aos Tupamaros uruguaios e com os Weathermen (3) dos Estados Unidos, e eram quase sempre bem organizados em células de doze companheiros, que continuavam a levar uma vida normal, até serem descobertos pelos órgãos de segurança, mas sempre recebendo instruções políticas e militares.

Mas a atuação das guerrilhas, num cômputo geral, levou a muita violência e à repressão na Argentina, por anos seguidos.

Eis uma análise da marcha dos acontecimentos relacionados com as guerrilhas na Argentina:

1973 – Em setembro, quando estava na presidência o peronista Hector Campora, os sindicatos pronunciaram-se categoricamente contra a continuação das atividades da guerrilha urbana, advertindo que rejeitavam tanto a ação dos *gorilas de direita*, como os trotskistas do Exército Revolucionário do Povo. Eram 62 sindicatos peronistas que repudiavam métodos que consideravam anti-argentinos. Era o rompimento entre o peronismo autêntico e o grupo ativo, no momento, de guerrilheiros, o Exército Revolucionário do Povo. E o próprio Peron, que estava para chegar ao país, chama o ERP de *"provocadores trotskistas"*, ao passo que o ERP sustentava que *"o atual governo parlamentar não pensa e nem pode, por sua metodologia e composição, encabeçar e conduzir eficazmente, a continuação da luta revolucionária"*, e denuncia a próxima conciliação controlada por forças burguesas e burocráticas, exigindo, para cumprimento imediato, a liquidação de toda a cúpula militar, a entrega das fazendas aos trabalhadores rurais, a expropriação da grande indústria nacional e estrangeira e a estatização de todos os bancos. (4) Mas Peron sabia que os seis milhões de eleitores que votaram no peronismo não estavam exigindo isto, e a trégua política seria alcançada por meio de uma política econômica e social elaborada de comum acordo com organizações nacionais de trabalhadores e empresários, e o ERP não teve apoio popular suficiente para enfrentar o peronismo.

1974 – A partir de setembro deste ano, a violência endêmica dos guerrilheiros urbanos, depois de quinze meses, atinge níveis consideráveis, sucedendo-se atentados, seqüestros, assassinatos e toda a sorte de tropelias. A organização dos Montoneros, um grupo esquerdista do peronismo, já atua com radicalismo, e sustenta que *"não haverá paz, se o governo não modificar sua política econômica e social, não libertar presos políticos e não terminar com a repressão, pois o pacto social não beneficia os trabalhadores, mas o imperialismo, cujos agentes devem ser eliminados."* E por isto o governo já estava preparando medida legal, destinada a prescrever os Montoneros, como já tinha acontecido, em setembro, com o Exército Revolucionário do Povo. Surge, em outubro deste ano, uma organização terrorista de ultra direita, a Aliança Anti-Comunista Argentina (AAA), que vai eliminando esquerdistas que qualificam de bolchevistas e inimigos da Argentina. É também neste mês que surge a violação do túmulo do ex-presidente Aramburu e o roubo do cadáver, onde fora sepultado em 1970. (5) Alguns esquerdistas chegaram a afirmar que este fato tinha sido um grave erro político, e o Partido Comunista Argentino o condenou, dizendo que os Montoneros estavam trabalhando para a direita radicalizada.

O Exército Revolucionário do Povo estava completamente armado, com todas as armas modernas e veículos e em todas as suas ações tinham, inclusive, rádios transmissores. Atuavam no interior e na própria capital. Os Montoneros, no final do ano, passaram à clandestinidade, e prometeram uma luta sem descanso contra o governo de Izabelita Peron.

A violência entre os grupos armados causou mais mortes, desde o desaparecimento de Peron, do que nos mais negros períodos da violência dos últimos anos. O líder montonero MARIO EDUARDO FIERMENICH fez um balanço assustador aos jornalistas correspondentes estrangeiros, ao afirmar que desde a posse de Campora e a volta do peronismo ao poder, haviam sofrido mais baixas, cerca de 90 mortos, do que durante toda a época em que Peron, de Madrid, comandava indiretamente e alentava diretamente as ações da resistência armada, cuja liderança estava justamente em mãos dos Montoneros.

1975 – Para se ter uma noção dos acontecimentos, basta dizer que de 1.º de julho de 1974 a 30 de maio de 1975 tinham morrido 503 pessoas, e desta terrível cifra, 70 não tinham sido identificadas, e das 432 identificadas, 190 eram filiadas à esquerda, enquanto que 38 eram direitistas. A polícia perdeu 54 homens, o exército 22 e 13 empresários foram assassinados. Um total de 91 pessoas foram mortas em tiroteios, todas, presumivelmente, de tendência esquerdista; quatro crianças foram mortas, bem como um diplomata e vinte outras pessoas que não podem ser classificadas em nenhuma categoria.

O exército vinha realizando e intensificando operações anti-guerrilhas, na província de Tucuman, a 1400 km a noroeste da capital, onde o setor da guerrilha rural do Exército Revolucionário do Povo estabeleceu sua sede e concentração e intensos combates eram comuns. Esta região é montonhosa, com áreas cobertas de matas de difícil acesso, e povoada por gente muito pobre, favorável ao desenvolvimento da guerrilha. Mas as forças armadas, em maio, anunciam que tinham desmantelado trinta campos militares e matado uns 350 guerrilheiros, entre os quais vários chilenos e bolivianos. Também descobriram arsenais clandestinos, com armas e medicamentos, bem como croquis de várias fábricas da região, e apesar destes reveses, os guerrilheiros continuavam ativos neste setor. Enquanto isto, o Exército Revolucionário do Povo vinha demonstrando fraqueza e, como prova, no fim do ano chegou a propor, ao governo, um armistício, prometendo suspender todas as suas atividades, com a condição de serem libertados os seus guerrilheiros aprisionados e presos políticos. Queriam ainda a revogação de toda a legislação re-

(3) Movimento de tendência anarquista ilegal norte-americano dos anos 60, que pretendia modificar a sociedade pela violência. Surgiu de uma facção do STUDENTS DEMOCRATIC SOCIETY, a qual dominaram, e conseguiram expulsar os marxistas moderados. Os chefes eram jovens, pertencentes a ricas famílias. Não tinham ligação com o PC, que consideravam burocrata e ortodoxo. Mantinham ligações com a Frente de Libertação de Quebec, a Al Fath e outros grupos de guerrilheiros palestinos.

(4) Modestamente, a presidente Izabel Peron nacionalizou, em outubro de 1974, a *Standard Elétric* subsidiária da *ITT*, a *Siemens*, filial de *Caynee* da Alemanha Ocidental e a *Companhia Italo de Eletricidade*, de capital suíço. Foram transformadas em empresas de economia mista, tendo o Estado o controle acionário.

(5) O general Pedro Eugênio Aramburu governou a Argentina de 13 de novembro de 1955 a 1º de maio de 1958, e havia sido seqüestrado em 29 de maio de 1970 pelos líderes dos montoneros, MÁRIO EDUARDO FIERMENICH e NORMA NELIDA ARRESTITO. Aramburu foi condenado à morte por um tribunal Montonero, por ter mandado fuzilar vários líderes peronistas, que participaram de um levante malogrado, cujo objetivo era reconduzir Peron ao poder.

pressiva e do decreto que os colocara na ilegalidade. Esta proposta tinha em vista a *"crítica situação que o país atravessava"*, mas não foi aceita, e a luta continuou.

É ainda neste ano, em março, que é preso, em Rosário, após tiroteio com as forças policiais, o guerrilheiro JUAN MARTIN GUEVARA, de 31 anos. MARTIN GUEVARA confessou pertencer ao **Exército Revolucionário do Povo** e com ele foram encontrados fuzis, metralhadoras, revólveres e granadas anti-tanques. Já anteriormente, em abril, de 1974, este mais jovem dos quatro irmãos de CHE GUEVARA, depois de retornar de uma viagem a Cuba, tinha sido detido e acusado de atividades guerrilheiras, mas posteriormente foi libertado por falta de provas.(6)

1976 – Os ataques dos guerrilheiros quer do **Exército Revolucionário do Povo**, quer dos Montoneros prosseguem. Só em janeiro deste ano morreram 30 pessoas, enquanto que em 1975 as vítimas da violência tinham ultrapassado a 800 mortes, nos choques entre guerrilheiros e os direitistas e as forças de segurança. O jornal *La Opinion* revela que a formação dos grupos terroristas da ultra-direita, a Aliança Anti-Comunistas Argentina, que matou mais de mil pessoas nos últimos anos, fez consultas prévias a vários folhetos e regulamentos militares das Forças Armadas norte-americanas. Guerrilhas e violências, como nos tempos duros da Colômbia, se misturavam.

Mas o grande acontecimento negativo deste ano de 1975, para as guerrilhas argentinas, foi a morte de SANTUCHO, em 20 de julho.

Depois de pregar a rebelião camponesa e organizar um foco guerrilheiro rural na província de Tucuman, MARIO ROBERTO SANTUCHO, com 40 anos, o principal dirigente do ERP, morreu num apartamento de Villa Marteli, uma verdadeira *ratoeira*, no segundo andar de um prédio recém-terminado, construído sob um imenso jardim, num subúrbio norte da capital argentina.

As circunstâncias da sua morte definem a própria linha em que se situou o neo-trotskista Exército Revolucionário do Povo. Da improvisação inicial, em 1970, seus militantes passaram ao planejamento programado para novamente cair na improvisação, sob o peso do ataque que lhes desfecharam as forças armadas argentinas.

Com SANTUCHO foram mortos outros sete guerrilheiros, entre os quais uma moça e os outros dois mais importantes líderes da organização: JOSÉ BENITO URTEAGA, uma espécie de chefe de operações, e DOMINGO MENA, apontado como ideólogo e planejador político e militar do movimento.

Aparentemente surpreendido durante uma reunião da cúpula do ERP, o grupo de guerrilheiros esteve cercado por patrulhas do exército durante quase duas horas, antes que se iniciasse um tiroteio que durou 100 minutos. Escapar ao cerco seria impossível, e a única opção foi resistir a bala. SANTUCHO morreu lutando, atingido por uma dezena de disparos. Tinha sido o primeiro combate dentro de um edifício de apartamentos na história da guerra revolucionária. Dentro do apartamento, estendidos da porta até o banheiro, havia sete corpos. No corredor, junto à porta, o corpo do capitão Leonetti e de dois sub-oficiais do exército.

O combate de cem minutos desenvolveu-se numa superfície restrita, de menos de 150 metros quadrados.

Ao lado dos corpos de SANTUCHO e seus guerrilheiros, mapas, croquis, documentos datilografados e anotações manuscritas demonstravam que, ao ser cercada pela patrulha militar, a cúpula do Exército Revolucionário do Povo celebrava o que seria a sua última reunião.

(6) Em setembro de 1980, na capital espanhola, o pai de JUAN MARTIN GUEVARA, Ernesto Rafael Guevara, de 80 anos, ao lançar o livro sobre o o seu filho CHE, revelou que JUAN MARTIN ainda se encontra preso. Pediu, na ocasião, que fosse criada uma comissão mundial de jornalistas e médicos para investigar a fundo a situação dos presos políticos na Argentina, tendo abordado ainda os desaparecimentos e os suicídios forçados.

Tudo indicava que a reunião se destinava a traçar novas e urgentes normas de operações. A 10 de julho, o ERP havia perdido uma das suas principais gráficas, numa chácra da vizinha cidade de San Andres de Giles, onde se achava seqüestrado o coronel da aeronáutica, Roberto Moisés Etchegoyen. O esconderijo foi invadido pelo exército e Etchegoyen assassinado pelos seus raptores. Três militantes do ERP morreram na ocasião e um quarto foi capturado. As informações que proporcionou durante os interrogatórios levaram à localização do centro de propaganda e imprensa do ERP, na cidade de Córdoba, onde se achava, num subterrâneo de oito metros de profundidade, uma moderna oficina *off-set*.

Os arquivos, dados e anotações encontradas no subterrâneo de Córdoba, levaram à prisão de outros elementos do ERP e, através desses, o exército chegou ao esconderijo da rua Venezuela, em Villa Martelli.

Uma hora depois de concluídas as operações em Villa Martelli, contingentes do Batalhão de Inteligência, número 601, realizaram, na localidade de Gonet, no lado oposto da Grande Buenos Aires, outra operação contra outro reduto do ERP. Aí teriam sido mortos pelo menos cinco elementos deste grupo guerrilheiro.

Com a morte de SANTUCHO, URTEAGA e MENA, a guerrilha neotrotskista estava ferida de morte. Suas operações na zona canavieira da província de Tucuman limitavam-se a árdua luta pela sobrevivência pessoal dos integrantes que ainda lá se encontravam. Em outubro do ano anterior, o ERP havia sofrido, em Tucuman, a primeira baixa importante. ASDRUBAL SANTUCHO, irmão de MARIO ROBERTO, o membro do Estado-Maior guerrilheiro morreu num tiroteio com forças militares. Depois, na véspera de Natal, ocorreu o espetaculoso ataque ao Arsenal de Monte Chingolo, no bairro de Avellaneda, em que morreram cerca de 70 guerrilheiros e perto de 30 civis.

Estruturalmente, a ação destruiu o ERP. Permaneceram ainda alguns redutos, muitos talvez com fôlego de combate, mas destituídos de orientação político-militar global, agora que os três principais membros da organização foram abatidos.

Dos dirigentes de envergadura que sobraram, o único conhecido era HAROLDO GORROARAN MERIO. Foi ele que passou a manejar a organização. Mas pouco lhe sobrou para fazer frente a uma ação repressiva das forças armadas, cada vez mais contundente.

SANTUCHO, de economista passou a ser o técnico e principal líder da guerrilha.

Baixo, de corpo atarracado, olhos oblíquos que lhe davam uma tênue feição indígena, MÁRIO ROBERTO SANTUCHO deixou sua carreira de economista, na capital provincial de Santiago del Estero, para estruturar o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, de origem trotskista e, cinco anos depois, em 1970, organizar o Exército Revolucionário do Povo, o grupo guerrilheiro do qual foi o chefe incontestável até sua morte. (7) Ele mesmo definiu o adversário que o abateu, num opúsculo de 48 páginas, em que exprimia a sua estratégia insurrecional:

"Estamos frente a um inimigo relativamente forte, que cai na impotência ante a generalização da mobilização. Um inimigo hábil, bem armado e treinado. Um inimigo relativamente disperso, que adquire força quando pode concentrar-se. Um inimigo brutal e sanguinário. Um inimigo cuja força principal, as Forças Armadas,

(7) SANTUCHO, estudou também, em certa época, na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

têm um calcanhar de Aquiles, o serviço militar obrigatório, que torna possível um amplo e demolidor trabalho político na massa de soldados, um inimigo politicamente débil, com sérias divergências internas e que se mascara ainda na legalidade do Parlamento."

Este inimigo concentrou-se, aglutinou seu poder dispersivo e não só eliminou fisicamente SANTUCHO e seus dois principais assessores, como, de fato, aniquilou o ERP, numa constante batalha que começou quando, meses depois que Peron assumiu a Presidência, em 1973, os guerrilheiros de SANTUCHO declararam guerra aberta às forças armadas, ao atacar o regimento da cidade Azul, na província de Buenos Aires.

Peron viu, no ataque do ERP, um desafio ao próprio sistema que, meses antes, fora restaurado na Argentina. A partir desse momento, com altos e baixos, o ERP não teve um minuto de descanso.

Muito antes, porém, SANTUCHO e o neo-trotskista ERP haviam travado uma surda luta subversiva durante os governos militares de Juan Carlos Ongania, Marcelo Levingstone e Alejandro Lanusse. O próprio SANTUCHO fora preso três vezes, e nas três conseguiu escapar. Primeiro em Tucuman, em 1970, no ano seguinte, em Rosário e, finalmente, em 1971, na Penitenciária de Rawson, um cárcere na gelada Patagônia, destinado aos presos altamente perigosos, onde foi protagonista de uma fuga tão sensacional quanto trágica, em função da qual morreria sua mulher, ANA MARIA VILLARREAL.

Um grupo de seis presos entre os quais DOMINGO MENA e HAROLDO GORRORIAN MERIO, depois de fugir, tomou um avião comercial, no aeroporto de Rawson e foi para o Chile. Daí foram a Cuba, de onde SANTUCHO regressou clandestinamente à Argentina, nos últimos dias do governo de Lanusse. Sua mulher e outros 18 fugitivos foram recapturados no aeroporto, quando outro avião desviou seu vôo, alertado pela torre de controle. Enviados à base naval de Almirante Zar, 15 deles foram mortos, poucos dias depois. Os quatro sobreviventes declararam que foram mortos por vingança, em suas celas, numa verdadeira chacina. (8)

Talvez este episódio tenha feito de SANTUCHO um homem dogmático, frio e implacável, muito distante da visão que tinham dele seus colegas da Faculdade de Ciências Econômicas de Santiago del Estero, onde recebeu o título de *contador público*, que na Argentina é curso de nível universitário.

Os dirigentes Montoneros – a guerrilha de extrema esquerda, nascida das entranhas do peronismo, o chamavam de *dogmático* – não lhe poupavam críticas. E também SANTUCHO os atacava, colocando-os quase no mesmo nível do Partido Comunista Argentino, apresentado como uma corrente *reformista e burocrática.*

SANTUCHO afirmava que:

"Um dos fatores que contribui poderosamente para manter oculta a necessidade de arrebatar o poder do Estado das mãos da burguesia é o papel das correntes reformistas e populistas, como o Partido Comunista e os Montoneros que, falando do lado em que está o povo – e, portanto, ouvidos com interesse pelas massas – difundem falsas esperanças, apoiando, sem nenhuma vergonha, a um ou outro dirigente da burguesia pretensamente 'progressita'. Com isto, perdem-se no labirinto da luta, dentro da mesma burguesia e desviam as massas do caminho revolucionário da luta conseqüente e constante pela tomada do poder."

(8) As três filhas menores de SANTUCHO, Ana Cristina, Manuela Eva e Gabriela, com outros parentes, após a morte do pai, asilaram-se em Buenos Aires, na Embaixada Cubana e em abril seguiram para Havana.

Pouco depois da morte de Peron, SANTUCHO escreveu:

"Não há dúvida: a política do governo peronista corresponde claramente a uma estratégia contra-revolucionária, antipopular e antinacional. E seu caráter repressivo acentuou-se a partir da consolidação da ala fascista de José Lopez Rega, que pretende salvar o capitalismo argentino, com os métodos de Hitler e Mussoline, destruindo, militarmente, as forças populares e estabelecendo um controle policial maciço e repressivo."

Este homem que, ao longo de sua fulminante carreira como chefe de uma organização guerrilheira, evitou sempre fazer qualquer tipo de alianças táticas e que procurava uma espécie de *purismo* rebelde e revolucionário, que levasse seu grupo ao poder de forma isolada, foi um furioso crítico do governo de Hector José Campora, quando a esquerda peronista controlou o poder.

"Os primeiros passos de Campora buscam conter as atividades revolucionárias e a luta das massas em geral, com a promessa de retumbantes mudanças revolucionárias. A campanha eleitoral de Campora foi pró-socialista e pró-guerrilheira, mas seu governo disto só tem o verniz".

E acrescentava, referindo-se ao governo peronista como um todo, em todas as suas diferentes etapas:

"Nosso Partido Revolucionário dos Trabalhadores, braço político do ERP, *adotou, ante o governo peronista, uma firme linha de princípios, resistindo com êxito às pressões da burguesia. Graças a isto, nossa organização é vista pelas massas como conseqüente a seus postulados revolucionários e como fiel defensora dos interesses proletários e populares, sem nenhuma pintura oportunista".*

Sua resposta ao presidente Campora – uma carta aberta em que ele prometia uma trégua, mas advertia que poderia voltar à ação armada, não permitiu, no entanto, que o ERP ou o PRT conseguissem penetrar nos escalões populares do peronismo.

Quando o peronismo começou a se auto-destruir, no govero de Isabelita, as duas organizações que SANTUCHO chefiava, que de fato eram uma só, ampliaram pouco os seus quadros.

O ERP, na ocasião e após a morte de SANTUCHO, passou a ter um número pequeno de guerrilheiros e os seus membros – os que morreram, os que estão presos, os que desistiram e os que sobraram – pertenciam à pequena e média burguesia que SANTUCHO muitas vezes criticava.

Na zona canavieira de Tucuman, na região da pré-cordilheira Andina, o grupo guerrilheiro do ERP, lá incrustado, conseguiu, em meados de 1974, apoio dos trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar. Mas foi mais um apoio logístico, tático, uma espécie de solidariedade ao único grupo de pessoas que se haviam lembrado deles e se deslocado à região mais pobre da Argentina, praticamente esquecida em todas as épocas de abundância do país. Em Tucuman houve apoio à guerrilha, no início de suas operações, mas poucos foram os camponeses ou cortadores de cana-de-açúcar que se tornaram guerrilheiros.

Nascido ideologicamente no trotskismo, SANTUCHO rompeu seus laços de disciplina com o Partido Trotskista e passou a renegar publicamente suas origens. Ele se proclamava um *"marxista-leninista"* e um *"guevarista"*. O ERP apresentava

CHE GUEVARA como um protótipo do revolucionário argentino e latino-americano, mas sem definir o caráter político do *"guevarismo"*, retendo apenas o seu tom romântico da sublevação.

Com os 15 milhões de dólares, que conseguiu como resgate pelo seqüestro de Charles Samuelson, gerente da Esso argentina, SANTUCHO assumiu, a seu modo, a bandeira da rebelião guerrilheira latino-americana e tinha formado a Junta de Coordenação Revolucionária, dirigida pelo ERP e que era integrada pelo MIR chileno, pelos Tupamaros uruguaios e pelo ELN boliviano. Aos seus companheiros, tinha dado 5 milhões de dólares. Em abril de 1976, numa reunião de cúpula da Junta de Coordenação Revolucionária, irrompeu uma patrulha do exército argentino, na localidade de Moreno, subúrbio de Buenos Aires.

Dez membros da JCR morreram na ocasião. SANTUCHO escapou, milagrosamente. Deveria ter chegado aq local da reunião horas depois que o exército lá esteve. Daí em diante, sua estrela começou a eclipar-se, e acabou sendo morto. Era a quarta vez que se via cercado, em sua vida de rebelde. Nas três anteriores, fora preso e depois conseguira escapar. Mas o isolamento em que viveu o ERP nos últimos meses fez com que outro fosse seu fim.

Entretanto, os guerrilheiros do Exército Revolucionário do Povo não desistiram, apesar de todo este golpe, e as próprias forças de segurança sabiam que o ERP continuou atraindo novos militantes. O jovem JAVIER LOPEZ AUFRANC, filho de ninguém menos que o general Alcides Lopez Aufranc, ex-comandante do exército, ingressou na organização guerrilheira. E além do mais, restou outra organização de esquerda, cuja cúpula permaneceu intocada, os Montoneros, que foram considerados menos eficientes no plano militar, mas eram mais numerosos e contavam com mais recursos financeiros. E as suas ações de guerrilhas urbanas, com bombas, mortes e ataques a unidades da polícia, se fizeram sempre presentes. E outro sinal de que os guerrilheiros ainda não estavam vencidos, foi a notícia, em agosto, de que os Montoneros e os remanescentes do ERP haviam decidido fundir os movimentos numa única frente, a OLA, Organização de Libertação da Argentina, da qual faria parte, também, uma certa Brigada Roja del Poder Obrero. E, de Paris, no mesmo mês, um porta-voz do ERP prometia continuar a luta. *"O* Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), *com seu braço armado, o* Exército Revolucionário do Povo – ERP, *avança para a formação de um exército regular revolucionário"*. Assim tinha-se manifestado JÚLIO CÉSAR SANTUCHO, irmão do falecido líder do ERP, ROBERTO MARIO SANTUCHO, em entrevista sobre a situação argentina, embora admitindo que a morte de seu irmão *"foi um golpe muito duro para o* ERP", SANTUCHO assegurou que *"a luta pela libertação nacional e social iniciada pelo* ERP *continuará com mais vigor"*.

Sem fazer qualquer menção aos reveses do ERP, nos últimos meses, SANTUCHO acrescentou que *"o PRT e o* ERP *estão à altura das novas responsabilidades que devem enfrentar, bem como em condições de continuar a luta contra o imperialismo, a ditadura militar e o exército contra-revolucionário"*.

Para JÚLIO CÉSAR SANTUCHO *"depois do golpe de estado de 24 de março, os trabalhadores e os camponeses não deram respostas aos militares, não por debilidade ou falta de consciência da situação, mas por carecer de organização política e militar.*

"Somente quando ela existir, em nível de classe operária, será possível travar a batalha decisiva contra a ditadura, cujos métodos selvagens e brutais são bem conhecidos".

SANTUCHO colocou, como tarefa fundamental do PRT, organizar a luta política, econômica e militar e trabalhar para a criação da Organização de Libertação da Argentina, com participação do ERP e outros grupos guerrilheiros. Segundo ele, *"já existe um processo de convergência e unidade entre as organizações revolucionárias argentinas."*

O ano termina com um balanço desalentador para o país e desfavorável à guerrilha. No primeiro caso, na Argentina morria-se mais por motivos políticos (média superior a cinco pessoas por dia, desde a posse do general Videla), do que acidente de trânsito (média diária de 2,3 pessoas). E no segundo caso, o exército continuava a atacar de maneira vigorosa e total os guerrilheiros, e assim é que um importante guerrilheiro, o físico nuclear, MARIO TARCHITSKI, é morto em tiroteio com as forças de segurança. A ele era atribuída a fabricação de sofisticados explosivos utilizados pelos Montoneros. O exército também tinha descoberto dois centros cirúrgicos (localizados clandestinamente em porões de elegantes casas na grande Buenos Aires) com todos os materiais hospitalares.

1977 – Este ano marca, praticamente, o fim das guerrilhas na Argentina. Em fins de março EDUARDO MOLINETE, chefe da organização Montoneros, nas províncias de Córdoba e Santa Fé, foi morto a tiros, num choque entre o seu grupo e tropas do exército e da polícia, em Córdoba. Na capital, os desfalques da guerrilha continuam, e muitos abandonam a luta. Até junho já haviam morrido 551 pessoas, seguramente, a metade era guerrilheiros urbanos. E em Paris, um dos líderes do Exército Revolucionário do Povo declarava que os trabalhadores argentinos não apoiaram o movimento que empreenderam, explicando as causas do não-êxito de sua organização. Em agosto, um grupo de Montoneros dinamitou seu próprio arsenal, onde guardavam armas e munições, e anuncia a decisão de abandonar a luta, pois, inclusive, muitos de seus líderes tinham abandonado o país.

De outro lado, os grupos para-policiais de extrema direita, mormente a AAA, ainda praticava seus últimos atos de seqüestros e morte. Até o ex-presidente da Bolívia, Juan José Torres e os ex-parlamentares uruguaios Zelmar Michelini e Hector Gutierez Ruiz foram vítimas, em Buenos Aires, dos paranóicos direitistas. O semestre termina com a diminuição da violência. O Exército Revolucionário do Povo fora praticamente destruído, e o peronismo combatente de ultra-esquerda dos Montoneros, acossado por todas as armas governamentais, ficou isolado e difícil de subsistir. O governo militar, com um ano de duração, tinha toda sua atenção concentrada no combate ao inimigo principal: a guerrilha, e fez, conseqüentemente, da repressão, o seu mais importante e quase único caminho político. A decisão do governo mexicano de fechar, no mês de setembro, o escritório Montonero, na cidade do México, foi recebida pelas forças armadas argentinas como um triunfo, na longa luta contra os grupos guerrilheiros de esquerda. Os Montoneros – que significa combatentes dos matagais – já não tinham mais seu nome soando romanticamente em muitos setores da Argentina. Praticaram, e às vezes seus remanescentes ainda fazem, um tipo de guerrilha urbana altamente extremada. Exerceram um grande atrativo sobre antigos peronistas frustrados, sobre nacionalistas de direita, e muitos até chegaram a classificá-los como não sendo esquerdistas.

Ainda em 1977, estourou um grande escândalo, quando o banqueiro David Gravier, supostamente desaparecido num desastre de avião, no México, foi acusado de gerir milhões de dólares, provenientes dos resgates e seqüestros, para os Montoneros, e com eles fazer negociações ilegais. O jornalista Jacob Timerman, ex-diretor do jornal *La Opinión*, preso e expulso do país, em setembro de 1979, também foi acusado de cumplicidade neste caso.

1978-1979 (9). O jornalista James Nielson, do *The Observer*, já em fins de 1977, analisando os Montoneros, afirmou que eles ainda tinham alguma capacidade operacional, bem pequena.

"Eles ainda podem assassinar agentes policiais solitários ou detonar bombas à noite, mas não podem preparar ataques frontais contra postos policiais ou quartéis".

Em julho de 1979, após a vitória dos guerrilheiros sandinistas na Nicarágua, lá esteve o secretário geral Montonero MARIO FIERMENICH. Manágua se tornou, então, o foco de atenção para a esquerda latino-americana, quer por parte dos dirigentes, que por parte dos teóricos das guerrilhas. É interessante registrar todas as declarações de FIERMENICH, que negou toda a possibilidade de que o triunfo sandinista se transformasse em novo modelo para os revolucionários da América Latina, admitindo o interesse de sua organização pelas lições da guerrilha sandinista.

"A tomada do poder permite vislumbrar a década de 80 como uma década de libertação e de contra-ofensiva do povo latino-americano. Um estudo da luta sandinista nos leva a constatar uma conbinação bastante original de insurreição urbana com guerrilha rural. O cerco estratégico, que a guerrilha fazia a cada cidade, era combinado com a insurreição das massas dentro das cidades".

Ressaltou o papel desempenhado pela desarmada Costa Rica, que chamou território de retaguarda, e referindo-se ao apoio do México, Venezuela, Panamá, Cuba e Costa Rica dado aos guerrilheiros, disse:

"Isto nos indica uma nova situação no mundo, que nos permite vislumbrar a década de 80 em nossos Continentes como uma década de libertação e contra-ofensiva do povo latino-americano."

O dirigente Montonero, que estava com seu companheiro FERNANDO VACA NARVAJA, revelou a presença de uma brigada médica de seu grupo, na região de Masaya, durante o conflito e *"além disso, demos uma contribuição material à Frente Sandinista, sobretudo para financiar a guerra em sua fase final."*

Mas o governo da Argentina nem quer saber de FIERMENICH e dos Montoneros, apesar deste ter declarado que seu grupo não desapareceu, e prometia lançar uma grande ofensiva em todo o território da Argentina. Um jornal argentino que publicou sua fotografia teve sua edição apreendida e preso por diversos dias seu diretor. Em agosto, o advogado, ex-chefe da Polícia Federal argentina, general Miguel Angel Iniguez, pediu que o governo solicitasse à Interpol a prisão de FIERMENICH, pois a presença do mesmo num país latino-americano representava uma ameaça para Argentina. Este general está acusado de ter facilitado a libertação de FIERMENICH, logo depois de ter sido preso, em 1974.

No mês de agosto, o jornal colombiano *El Siglo* afirmou que *"os guerrilheiros da América Latina mantêm uma rede de ligações, cuja sede é em Paris e que coordena todas as suas operações, fazendo parte desta rede o movimento colombiano* M-19, o Exército de Libertação Nacional de El Salvador, *a* Frente Sandinista da Nicarágua *(já no poder) e o grupo dos* Montoneros, *da Argentina, que praticamente foi exterminado pelas forças armadas."* O jornal disse mais que "a Junta Coordenadora da Guerrilha, *em Paris, foi organizada com uma contribuição de cinco milhões de dólares, feita pelo grupo* Montoneros."

(9) Estes anos ainda serão analisados no título seguinte deste capítulo, que se constituirá do aspecto político da Argentina.

Em setembro, dois importantes dirigentes Montoneros – ARMANDO CROATO, ex-deputado do Partido Justicialista (peronista) e HORACIO MENDIZABEL – são mortos pelas forças de segurança.

Ainda em setembro, os Montoneros realizam alguns pequenos atentados com bombas. Evidentemente que, num tempo aziago deste, esta ação favorece a direita. O jornalista Newton Carlos, comentando o assunto, diz:

"Mais uma vez esta organização presta serviços aos cultores da repressão continuada e total. A validade dos serviços aumenta com as circunstâncias do momento. Com que perspectivas políticas voltam os Montoneros *com bombas? Na Argentina, o isolamento é dos* Montoneros, *hoje reduzidos a pequenos núcleos ultra, que guardam a pre-disposição à violência de dirigentes, cuja extração é de uma direita nacionalista, habituada a métodos brutais. Essa é a origem do próprio FIERMENICH. Embora o movimento tenha um rótulo geral de esquerda, de peronista de esquerda, o surgimento dos montoneros, sua cúpula tem muito a ver com o movimento 'Tacuara', que se inspirava em Rivera, teórico do franquismo. As dissidências avançam; intelectuais do porte de Gelman são julgados em 'tribunais do povo', condenados à morte e os locais onde possam estar, vasculhados por comandos armados. Os métodos da repressão são 'internalizados'. Num quadro de violência indiscriminada já não se sabe quem é quem. Muito bom para os duros do regime." (10)*

1980 – Está amplamente consolidada a derrota dos Montoneros. O governo argentino, inclusive, vai persegui-los e matá-los em terras alheias, onde se encontram asilados. Usando da conexão do terror dos países do Cone Sul, ocorrem casos de assassinatos de Montoneros no Chile, no Paraguai e no Uruguai. Até no Peru, em julho, foram seqüestrados alguns Montoneros, pelos serviços de segurança do exército argentino.

O chamado conselho supremo dos Montoneros está dividido entre si mesmo. A maioria critica as teorias do Foquismo e do Militarismo, considerados agora verdadeiras armadilhas, que fizeram com que houvesse afastamento das massas e desligamento da realidade argentina. Os principais dirigentes dos Montoneros, JUAN GELMAN, DANIEL VACA NAVAJO e MIGUEL BENASSO, hoje estigmatizam o enfoque militarista e desejam trabalhar, se um dia voltarem, para o estabelecimento de uma Frente Cívica de Oposição. Iriam para o campo da oposição política, com o funcionamento regular de todos os partidos.

FIERMENICH, que ainda se intitula chefe supremo dos Montoneros, vive amargurado em Porta de Hierro, em Madrid, o mesmo bairro onde residiu Peron, no seu longo exílio, na Espanha.

Na Europa sai publicado, para respaldo geral, um estudo completo sobre a guerrilha argentina, de autoria do sociólogo alemão Peter Waldmann, que ainda, não chegou e não foi traduzido na América Latina.

POLÍTICA, PERONISMO E CRISE

O primeiro governo de Juan Domingo Peron, de longa duração, foi de 1946 a

(10) Newton Carlos é um grande entendido de assuntos latino-americanos. Estas considerações foram publicadas no jornal *Folha de S. Paulo.*

setembro de 1955, quando é derrubado pelas forças militares. (11) O Peronismo é proscrito totalmente, ocorrem prisões e confiscos, e o nome de Peron é até proibido de ser falado na Argentina.

De 1955 a 1973, a Argentina teve apenas dois presidentes civis eleitos: Arturo Frondizi (maio 1958-março 1962) e Arturo Illia (outubro 1963-junho 1966), e ambos foram depostos, e depois uma série de ditadores militares, até Alejandro Lanusse. (12)

O Peronismo ou uma espécie de *Neo-Peronismo*, neste grande lapso de tempo, apesar de tudo, não desapareceu, e a volta ao poder somente ocorreu com o dentista Hector José Campora (49,04% dos votos), nas eleições de março de 1973. (13) Campora, que tinha o compromisso de devolver o poder, renunciou, o que propiciou o retorno definitivo do já velho caudilho, com 78 anos, e cuja popularidade e carisma ainda era ilimitada (62% dos votos).

Evidentemente, Peron foi uma das figuras singulares da história argentina, e como não poderia deixar de ser, repleto de contradições. Ao longo de sua ausência, sempre se manifestou e longe viveu seu país muito de perto, e vice-versa. Em março de 1963, afirmava que contava com o apoio de 70% do povo argentino.

"Queremos chegar ao poder através de uma vitória eleitoral, mas se o caminho legal continuar vedado, lograremos a vitória, mediante a revolução, e poderemos empreender este caminho a qualquer momento."

Em março de 1969, de Madrid, em entrevista ao jornal mexicano *Excelsior*, faz uma previsão que todos os países, no século vindouro, seriam socialistas, expressando-se:

"O mundo está nos umbrais da primeira civilização universal. Os nacionalismos, vínculos da integração dos povos e que herdamos do Século XIX, foram deslocados pelo continentalismo, outro passo em direção à meta suprema e final: a reorganização político-social do mundo, isto é, uma terra integrada, sem fronteiras, sem imperialismos. Todos os povos do mundo serão socialistas". A respeito da América Latina, disse Peron: *"No ano 2 mil, nos encontraremos unidos ou dominados. Devemos criar as bases para os futuros Estados Unidos da América Latina, dentro de cuja organização, sem fronteiras, caberia um verdadeiro e sólido Mercado Comum Latino-Americano."*

(11) No último de um dos golpes militares, em 1943, o coronel Peron passa a ser o Secretário do Trabalho, e realiza reformas radicais no plano social e econômico, ganhando grande popularidade entre as massas. Seus colegas de farda, mais por susto, o colocaram em prisão, da qual sai em oito dias, por uma mini-revolta dos sindicatos operários. Daí reclama eleições, que vence folgadamente. Sendo viúvo, casa-se com Maria Eva Duarte de Peron, antiga artista de rádio e teatro (que o tinha ajudado em todas as suas campanhas, quer para livrar-se da prisão, quer em sua candidatura). Eva Peron colabora ativamente em seu governo, com muita inteligência, ajudando-o a fundar sindicatos operários. Com a morte desta, seu governo passa a declinar e sofrer grande oposição, e ocorrem muitos golpes militares.

(12) Desta vez, as forças armadas colocam no poder, sob condições e restrições, um obscuro civil, o senador José Maria Guido, até novas eleições, mas sempre sem participações do Peronismo ou do Neo-Peronismo.

(13) Campora viveu exilado, desde o golpe militar de março de 1976, na embaixada mexicana, em Buenos Aires. Somente em fins de novembro de 1979, com 70 anos, muito doente, sofrendo há tempos de câncer na garganta, teve autorização, *salvo-conduto*, para viajar ao México, tendo permanecido na legação daquele país um seu filho e outro político. Campora foi, no seu curto governo, protetor e amigo indireto dos Montoneros (tinha-lhes concedido anistia ampla). Acabou falecendo no próprio México, em 19 de novembro de 1980.

Sobre suas possibilidades de voltar à Argentina, disse:

"Estou para servir a meu povo, a qualquer momento. E o servirei a qualquer custo até o último dia de minha vida. Contudo, meu regresso nas atuais circunstâncias só agravaria as coisas."

Peron acalentou sonhos em seu ostracismo, pregando a guerrilha abertamente, em outubro do mesmo ano. O vespertino uruguaio *Frente* publicou uma carta sua, enviada a Raimundo Ongaro.

"A guerra de guerrilhas está prestes a eclodir na Argentina e o líder sindical Raimundo Ongaro, comandará a luta de libertação que o povo reclama. A violência ditatorial, institucionalizada, conducirá inevitavelmente o país a esta situação. Mas é preciso perseverança, porque a luta será longa e árdua."

A carta é dirigida *"ao querido amigo e companheiro Raimundo Ongaro"* e nela Peron também afirma: *"Ante os fatos que se registram atualmente no país, acredito que é chegada a hora da guerra revolucionária. A guerra de guerrilhas, levada aos centros urbanos, desgastará o governo, até impor-lhe uma decisão final. Incruenta se possível, ou não violenta."*

A carta faz alusão também a acontecimentos ocorridos no Brasil e no Uruguai, que o jornal alega ser impossível publicar, em conseqüência da censura imposto à imprensa uruguaia. Depois de felicitar os dirigentes sindicais que se encontram presos, Peron afirma:

"A nação vive horas de decisão e à juventude, que vocês representam, cabe o esforço humano e patriótico de procurar a libertação que o povo reclama. Não há justificativa para quem desertar desse dever."

Em fevereiro do ano seguinte, 1970, o seu diapasão é o mesmo, pois diz ao semanário esquerdista uruguaio *Marcha*, em reportagem realizada ainda em Madri, que *"se a União Soviética estivesse em condições de apoiá-lo, em 1955* (ano que foi derrotado), *poderia ter-se convertido no primeiro FIDEL CASTRO do continente"*, afirmando categoricamente que *"não foi o povo argentino que nos cercou, mas os norte-americanos. Se tivéssemos tomado outra atitude, sofreríamos, provavelmente, invasão como a de São Domingos".* Manifestou sua simpatia pela Revolução Cubana e disse que *"em 1955, seus principais inimigos foram os ianques e o imperialismo inglês, que trabalharam juntos."*

Em junho de 1973, véspera de seu retorno, já com a saúde abalada, repetiu a famosa frase que tinha pronunciado há muitos anos atrás: *"O ano 2 mil assistirá a uma América Latina unida ou desunida,"* assegurando que *"somente unidos poderemos nos defender, porque, isolados, nada somos, mas unidos seremos mais de 250 milhões de seres humanos. Deste modo, a América Latina atingirá um estado de libertação, de países e homens, pois não se pode conceber um homem livre num país dominado."*

A morte de Peron deu-se em 1º de julho de 1974, tendo assumido a vice-presidente, sua mulher, Maria Izabel Martinez de Peron, que com ele tinha vivido o longo exílio na Espanha, e se tornado sua terceira esposa.

Izabelita Peron foi deposta pelas forças militares, em 24 de março de 1975, sendo imediatamente presa. (14) E logo após, o Peronismo estava definitivamente em frangalhos, os partidos políticos em recesso, as guerrilhas em retirada, feridas de morte e encurraladas, e os militares instalados no poder, decididos a levar com mão de ferro, violando direitos e leis para ácabar com a violência, mas provocando uma repressão sem limites.

"No hay Peronismo sin Peron", e ninguém pode duvidar desta afirmativa, após a morte do líder carismático. Os sintomas da decomposição do *"Peronismo"* apareceram em meados de julho de 1975. (15)

Uma sucessão de acontecimentos quebrou os principais dogmas deste sistema argentino: a exigência de absoluta fidelidade ao chefe e a monolítica obediência das bases sindicais. Um a um e todos os pilares peronistas caíram por terra. O governo de Izabelita não logrou obter a sonhada união nacional e a pacificação entre as diversas linhas do *Peronismo*. No setor econômico, aumentava a evasão de divisas, os índices inflacionários recrudesciam.

A queda de Izabelita passou a ser até um fato conseqüente, lógico, sendo o clímax de uma longa e dramática crise.

O fenômeno *Peronismo*, um tipo de *Populismo* impediu sempre que a Argentina caminhasse à esquerda ou que guerrilhas ou revoluções populares assumissem um cunho importante. O *populismo* foi um dos grandes inimigos de formas não tradicionais e não conservadoras, e os militares, dentro de outro prisma também o são.

A agitação, na maior parte destes tempos todos, marcou a vida política e social da Argentina. O governo militar só anunciou, em 1979, o fim da violência, o fim de tudo e estava imposta a chamada paz dos túmulos. Teria na verdade anunciado o término de sua violência e das forças para-policiais de ultra direita?

TERRORISMO ESTATAL E REPRESSÃO.

No começo de 1977, as guerrilhas estavam fracassadas, derrotadas, mas as forças de segurança acharam interessante continuar e aumentar para frente, de maneira atroz e sem precedentes, a repressão indiscriminada. E o balanço posterior foi trágico, e além do mais, os comandos particulares repressores, de tipo SS, passaram a agir por conta própria, às vezes em união com o próprio governo e outras vezes, este não conseguia limitá-las ou segurá-las. Portantó, quem praticou o terrorismo? Os Montoneros estavam desbaratados, e o próprio Almirante Masera reconhecia este fato, e que a luta anti-guerrilha tinha sido bem sucedida. (16) Quem seqüestrou, matou, e torturou foi o aparelho e a engrenagem repressora, com dinâmica própria. Pelo menos, em Buenos Aires, existia uma dúzia de serviços de repressão, que funcionavam autônoma e isoladamente, para evitar que os seus *trabalhos* não transpirassem para serviços de inteligência. Era um tipo de estágio final e perigoso. O ERP e os Montoneros estavam abatidos, estava claro, e os comandos de pressão

(14) Encontra-se sob prisão domiciliar, numa chácara que era de Juan Peron, situada em San Vicente. Quando foi derrubada, teve seus direitos políticos cassados e confiscados os seus bens, e tem contra si diversos processos. O movimento peronista pede, constantemente, sua libertação. Inclusive o papa João Paulo II fez apelo direto ao general Jorge Videla neste sentido.

(15) Izabelita comunicou à nação que os aumentos salariais obtidos em negociações entre empregados e empregadores, da ordem de 150%, em alguns casos, excediam as possibilidades reais do país e por isto seriam anulados. Era um erro tático e José Lopes Rega, um notório fascista, Secretário da Presidência, cai em desagrado popular. Greves e crises se desencadeavam.

(16) Almirante Emilio Massera, comandante da marinha e integrante da Junta Militar, que derrubou o governo constitucionalista, em 1976.

apelidados de *"los tenientes de la noche"*, ficavam sem objetivo, e neste estado, tornaram-se mais desvairados, fingindo-se de Montoneros, para a prática de seqüestros. E o próprio governo não desbaratou o seu aparelho repressor inerente e bem montado, sendo o notável terrorista.

A Argentina não estava em estado de sítio, mas sim em estado de guerra, e não havia distinção entre inocentes e envolvidos, e o governo passou a ser o responsável por muitos episódios estúpidos e sangrentos.

Em março de 1977, já começam com mais vigor os protestos no mundo todo contra este estado de coisas.

A *Anistia Internacional*, sediada em Londres, divulgou um amplo relatório, renovando suas acusações ao regime militar da Argentina, pedindo investigação oficial das Nações Unidas sobre a situação dos direitos humanos neste país, afirmando que os próprios militares admitiam a queda da violência, mas não tinha diminuído o número de seqüestros, torturas e execuções de responsabilidade das forças oficiais de segurança. Dentro da própria Argentina, os parentes, amigos, em sua maioria mulheres, transformaram-se nas Locas de la Plaza de Mayo, onde protestavam constantemente contra milhares de desaparecidos. Em dezembro de 1977, o secretário de Estado norte-americano entrega relatório confidencial ao presidente Jorge Rafael Videla. As inclusas tabelas deste relatório dão uma noção desta tragédia latino-americna. (17) Foi encaminhada uma lista, contendo os nomes de 7.500 pessoas detidas sem processos ou desaparecidas.

(17) ARGENTINA: CLASSIFICAÇÃO DE POPULAÇÃO PRESA

A. Estimativa da população presa. (1)	Mínimo	Máximo
Prisioneiros mantidos em cadeias oficiais, reconhecidos como tal pelo governo	5.500	7.500
Prisioneiros mantidos em campos, provisórios do Exército, Marinha, Aeronáutica e delegacias instalados em todo o (2) país e em campos não reconhecidos	5.000	7.000
Prisioneiros mantidos em delegacias de polícia e centros de detenção clandestinos, em regime de interrogatório ou mantidos como reféns, não reconhecidos (3).	1.500	2.500
Totais:	12.000	17.000

B. Classificação da população presa. (4)	Mínimo	máximo	Presumivelmente assassinados (5)
1. Intelectuais: escritores, jornalistas, advogados, psicólogos, médicos, educadores universitários e secundários, não ligados a organizações subversivas. Este grupo é geralmente referido como "ideólogos da subversão" em declarações oficiais do governo	500	750	(200)

(1) Estes números incluem prisioneiros sabidamente detidos e vivos, assim como outros comumentes referidos como "pessoas desaparecidas". Alguns dos "desaparecidos" estão presumivelmente mortos e deveriam ser incluídas no número de 6.000 do ítem B. As fontes para esta estimativa são baseadas na média dos números dados pela Anistia Internacional, pela Comissão Internacional de Juristas, pela Assembléia Permanente Pelos Direitos Humanos, por fontes do governo argentino e outras organizações por direitos humanos da Argentina (Comissão Argentina Pelos Direitos Humanos, Movimento Ecumênico Pelos Direitos Humanos, Liga Argentina Pelos Direitos Humanos, e outras).

(2) Estimativas baseadas em testemunhos de prisioneiros libertados ou por seus parentes e amigos.

(3) Estimativa baseada no testemunho de prisioneiros de outras fontes do país.

(4) Estimativa baseada numa amostragem de 1.000 prisioneiros conhecidos cujos antecedentes foram tornados públicos. As proporções resultantes foram corrigidas para se tomar em consideração as tendências de certos grupos sociais mais capazes de tornar seus casos conhecidos de organizações de direitos humanos (intelectuais, líderes sindicais, etc) em contraste com outros grupos com menor relacionamento social e contatos internacionais (operários, esquerdistas, e outros ativistas).

(5) O número total de pessoas presumivelmente assassinadas desde outubro de 1975 é estimado com base nos números governamentais de baixas verificadas em choques entre as forças de segurança e supostos guerrilheiros. Sabe-se que estes números oficiais incluem uma alta (60%) proporção de pessoas

2. Governo: pessoas diretamente ou indiretamente associadas com os governos de Campora ou Peron, acusadas de corrupção e outros crimes econômicos, ou acusadas de ligação com a subversão).	250	500	(200)
3. Ativistas Sindicais: delegados de fábricas ou empresas comerciais, membros das "Comissiones Internas" ou das "Coordenadoras Sindicales", funcionários de sindicatos presos por atividades sindicais que eram legais até a decretação da legislação depois de 25/3/76, sem qualquer associação com grupos subversivos.....	750	1.000	(500)
4. Operários em geral: presos por participação em ou associação com greves, "operação tartaruga" ou outras práticas de atividades sindicais tradicionalmente reconhecidas até 25/3/76 e destinadas a obter alívio no trabalho ou a reclamar contra injustiças salariais	3.000	4.000	(750)
5. Amigos, parentes e colegas, pessoas indiretamente ligadas a ativistas presumíveis ou conhecidas de organizações subversivas, tais como parentes, amigos e conhecidos, colegas de trabalho e de escola, etc. Este grupo está sendo mantido na prisão em virtude de parentesco ou outra ligação. Na maioria dos casos não há acusações específicas contra estas pessoas	2.500	3.500	(1.000)
6. Outros ativistas de esquerda não ligados orgânica ou ideologicamente com organizações subersivas. Este grupo seria formado por ativistas que por várias razões se opõem a quaisquer formas de ação violenta contra o governo ou os órgãos oficiais, considerando isto terrorismo	600	1.000	(500)
7. Membros ativos de organizações subersivas (ERP, Montoneros e outros) presos quando executavam, conduziam ou preparavam atividades subversivas na forma definida pelo governo. (6).....	1.500	2.500	(2.000)
8. Ativistas dirigentes de organizações subversivas, isto é, pessoas com estrutura de liderança local provincial ou nacional.....	150	250	(250)
9. Enganos: pessoas, sem compromisso ou atividade política particular, mantidas presas por engano ou por falsas acusações...	750	1.000	(500)
10. Presos comuns, aprisionados por atos estritamente criminosos, em geral processados e considerados culpados. Não têm conexões políticas, a não ser as desenvolvidas na prisão (7).....	2.000	2.500	(100)
Totais.....	12.000	17.000	(6.000)

C. Análise porcentual da população presa.

		% dos presumíveis assassinados.
1. Intelectuais	4,15	3,3
2. Funcionários	2,10	3,3
3. Ativistas sindicais	6,30	8,4
4. Operários	25,00	12,5
5. Amigos, etc.	21,00	16,7
6. Outros esquerdistas	5,00	8,3
7. Subv. ativos	12,50	33,3
8. Líderes	1,25	4,2
9. Enganos	6,20	8,4
10. Comuns	16,50	1,7
	total 100%	

assassinadas pelas forças de segurança em situações outras que não os choques militares, incluindo-se aí: execuções de prisioneiros políticos depois de serem presos, pessoas assassinadas durante ou como conseqüência de torturas, pessoas executadas depois dos interrogatórios ou depois de terem sido identificadas como membros de organizações subversivas, enganos, pessoas mortas acidentalmente pelos órgãos de segurança em operações antisubversivas. A data de outubro de 1975 foi escolhda porque ela marca um drástico aumento no número de pessoas assassinadas pelos órgãos de segurança.

(6) Baseado em dados governamentais assim qualificados por representantes de organizações subversivas atualmente no exílio.

(7) Baseado em dados oficiais do governo para 1975 e anos precedentes.

Em setembro e outubro de 1979, a Argentina esteve em grande evidência, negativamente. A Anistia Internacional anunciou, em Londres, que o número de desaparecidos eram de 15 mil nos últimos quatro anos. Em Genebra, o vice-presidente da Assembléia Nacional da França, Bernard Staci, tinha feito um apelo à opinião pública internacional, para que prestasse atenção ao problema das milhares de pessoas desaparecidas na Argentina. Staci, também presidente da Comissão Parlamentar de Defesa dos Direitos Humanos, calculou, aproximadamente em vinte mil o número de pessoas desaparecidas na Argentina.

"Milhares de cidadãos foram assassinados, mas presumivelmente, muitos deles ainda estão vivos em condições subhumanas", acrescentando que *"problemas mundiais, tais como o caso dos refugiados indo-chineses não pode fazer esquecer a situação dos direitos humanos, em países como a Argentina e o Uruguai."*

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA inspecionou, de 6 a 20 de setembro, o chamado genocídio argentino, que se tornou muito conhecido. A brutalidade e o terror do Estado é fato sabido e os teóricos governamentais desse genocídio pretenderam transformar numa *"guerra santa"*, uma *"questão dialética"*.

O almirante Massera quis se passar por liberal, acreditava até que a repressão maciça levaria a juntar militar ao impasse político, mas isto não o impediu de dar cobertura ao revelado massacre de 4.726 militantes, encaminhados à Escola Superior de Mecânica, espécie de matadouro humano, em Buenos Aires. O *dossier* sobre este assunto, publicado em Paris, é aterrador.

A lei argentina número 22.068, de 12/10/1979, visa *"regularizar"*, dar *"solução"* final para o *"problema dos desaparecidos"*, ao considerá-los presumivelmente mortos, para todos os efeitos legais. São os desaparecidos *"misteriosamente"*, após serem detidos por agentes de segurança. Esta lei permite, inclusive, o assassinato dos desaparecidos, que ainda se encontrem vivos, e justifica as arbitrariedades cometidas pelo regime argentino. Organizações de parentes de desaparecidos, de direitos humanos, argentinas e estrangeiras, advogados e políticos de vários países não concordam com esta lei e já pedem a sua revogação. Os escritores argentinos Julio Cortazar e Carlos Fuentes publicaram, no jornal francês *Le Monde*, o seguinte artigo:

"Os projetos de lei anunciados pela ditadura militar argentina, em 22 de agosto último, legalizam e facilitam a morte de milhares de oponentes políticos 'desaparecidos', isto é, seqüestrados, torturados e presos em campos de concentração. Eles são 15 mil, segundo a Anistia Internacional, 25 mil para os organismos que defendem os direitos humanos na Argentina, e 30 mil segundo outras estimativas.

"Eles foram levados por comandos militares na calada da noite. Em pleno dia, os militares fingem nada saber deles. Essa formidável operação de hipocrisia da ditadura argentina chegou a uma conclusão própria, declarando como 'supostos mortos' aqueles que depois de uma notificação divulgada pela imprensa, não se manifestarem dentro de 90 dias. Não parece provável que a ditadura militar abra seus campos de concentração para que os detidos se apresentem diante dos juízes que os convocaram. A liquidação dos 'desaparecidos' já começou.

"Essa 'solução', acelerada pela chegada da comissão dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, que está em Buenos Aires, tem um antecedente: a 'solução final' do problema judeu perpetrado pelos nazistas. Encontra-se

em Auschwitz um curioso livro de anotações que data dessa época. Ao lado do nome, idade e nacionalidade do deportado, consta a hora da 'morte' e a causa da mesma: gripe, influenza, com páginas e páginas de influenza e gripes mortais. A ditadura militar argentina preferiu que os tribunais legalizassem o terrorismo de Estado e o massacre dos oponentes políticos.

"A opinião pública mundial, os organismos internacionais, os governos democráticos não devem permitir que esse crime, que esses milhares de crimes passem em silêncio. Isso também equivaleria a legalizá-los. Nós pedimos à próxima Assembléia Geral das Nações Unidas que condena a ditadura do general Videla. O povo argentino não merece tal solidão".

A repressão deu-se também contra a cultura, contra a universidade argentina. Até as empresas transacionais foram aliadas do terrorismo neste combate, pois a Faculdade de Farmácia e Bioquímica estava produzindo remédios, e os monopólios estrangeiros seriam os grandes perdedores, num processo político de independência nacional. Antes do golpe militar, eram apenas as organizações de direita que faziam perseguições, e após este, o sangue começou a correr, estudantes e professores foram para os campos de concentração, os seqüestros e assassinatos antes operados por grupos para-policiais, passaram a se efetuar por cobertura completa do governo. Nos cemitérios argentinos, os cadáveres se assemelham. Professores e intelectuais se misturam na mesma cova clandestina a políticos e sindicalistas. À Universidade praticamente pereceu, com os seqüestros e desaparecimentos, com o exílio maciço e campos de concentração. Hoje é um fantasma do que foi, bastando dizer que inclusive fecharam-se 85 de seus cursos ou carreiras e especialização. Na Argentina de hoje, quem simplesmente pensa já é um perigo potencial para o regime.

Na Argentina há ainda recessão e inflação de mais de cento e cincoenta por cento, enquanto que em 1978, já havia sido de trezentos e cincoenta por cento. O Presidente general Jorge Rafael Videla, cujo mandato consta que irá até 29 de março de 1981, tem declarado que a *"A Argentina voltará à democracia mas sem prazos, e isto não ocorrerá nem rápida e nem facilmente"*. E já se programa um novo período ditatorial de 1981 a 1984, com a indicação formalizada *interna corporis*, em outubro de 1980, do tenente general Roberto Eduardo Viola, como sucessor *legal*. (18)

O governo militar, ademais, não consegue resolver os problemas a que se propusera.

A Igreja Argentina, em todos os seus documentos críticos, sobre o processo militar, iniciado em 1976, tem solicitado solução para o tema dos desaparecidos, melhor tratamento econômico para os setores mais pobres e *"na necessária defesa do bem comum e da ordem pública, com a conseqüente repressão, que esta se realize com meios lícitos e legais, segundo o estado de direito"*.

O relatório de inspecção, feito pela *Comissão Inter-Americana de Direitos Humanos da OEA* foi dado a público em janeiro de 1980 e como não poderia deixar de ser, foi um libelo contra a Argentina, sendo denunciadas torturas institucionalizadas, proliferação de campos de concentração, utilizando as forças de segurança de maneira habitual, execuções sumárias, seqüestros, violações de domicílios e outros recursos ilegais.

(18) Roberto Viola, é ex-ministro do exército, cargo que ocupou até dezembro de 1979, passando para a reserva. Amigo íntimo de Videla, anunciou que não vai fazer nenhuma modificação e se declarou um animado defensor das teorias de segurança nacional, tendo sido o grande destaque da última conferência dos Exércitos Americanos, realizada em Bogotá. Acabou tomando posse na presidência, conforme previsto, em março de 1981.

Também divulgaram relatórios em fevereiro, o Departamento de Estado Norte-americano e a Anistia Internacional, todos negativos ao país platino, que ameaçou até em sair da OEA, como protesto.

Não existem sanções internacionais previstas nestas conclusões, mas acontece que tudo isto é a deterioração da imagem da Argentina no exterior, como um país que mais viola os direitos humanos.

Comentando estes fatos, o jornal *Buenos Aires Herald* ressalta que *"a sociedade a que o relatório se refere, está doente, desesperadamente doente e muitos entre eles, os que tomaram a si a tarefa de restituir-lhe a saúde, são em si símbolos desta doença. É uma sociedade em que milhares de pessoas 'desapareceram', eufemismo usado no lugar de presos não declarados pelas forças de segurança, e que provavelmente foram executados, secreta e sumariamente"*.

Num cômputo final, quantos são os mortos, os presos, os exilados, os desaparecidos na Argentina?

Qualquer cifra acima de centena de milhares pode estar certa. O jornal norte-americano *Washington Post* bastante moderado, em editorial, considerou o regime do general Videla o mais sanguinário do mundo, depois da queda do louco ditador Idi Amim, de Uganda.

O próprio general Albano Harguinquedy, Ministro do Interior da Argentina não negou nenhum tipo de terror, mas justificou que ao *"exército vencedor não se pede prestação de contas"*.

As forças da repressão realmente desmantelaram todas as guerrilhas, mas num roldão derrotaram seu próprio povo, que foi o grande perdedor.

Assim é que foi reformada a lei de investimentos estrangeiros, que intensificou a penetração das multinacionais no país; a dívida externa pulou, de dezembro de 1978, a dezembro de 1979, de dez para dezenove milhões de dólares (ou seja, praticamente dobrou em apenas um ano); o aparato produtivo está cambaleante, em função de esquema que premia a especulação e pune a produção, conforme declaração do economista Rogelio Frigerio no jornal *El Clarim*, e neste ano de 1980, o produto por habitante será menos do que no ano de 1974, com queda sensível dos salários reais, o que se dá ano por ano.

Capítulo 18

URUGUAI – O POSICIONAMENTO DOS GUERRILHEIROS TUPAMAROS

ELEIÇÕES E ESQUERDAS

O Uruguai era, antigamente, uma democracia de tipo *sui-generis*, chegando a ser chamado de *Suíça da América Latina*. Dois grandes e tradicionais partidos – O Colorado e o Blanco – eram os que tinham maior votação, e estavam sempre no centro do poder, principalmente o primeiro. Outros partidos, de diversas tendências de esquerda, sempre existiram nos áureos tempos, porém, de menor expressão. Fórmulas de esquerda estavam agrupadas ao redor do Partido Comunista e de seus aliados da Frente de Izquierda e Liberacion Nacional (Fidel) que repudiavam a ação armada. Desde a sua criação, o Partido Comunista do Uruguai agiu dentro da legalidade, aproveitando-se da grande estabilidade política do país e mantendo-se fiel à linha de Moscou *"pela conquista pacífica do poder"*, em termos. Não apoiavam qualquer luta armada. E isto acabou beneficiando o Partido Comunista. Havia repulsa, inspirada pelo terror, nos círculos esquerdistas. Nas eleições de 1958, 1962 e 1966, o Partido Comunista e o conjunto do Fidel obtiveram 27 mil, 40 mil e 70 mil votos, graças aos eleitores desiludidos do Partido Socialista (que se tornou castrista) e os da União Popular, correntes que vieram a se constituir nos Tupamaros. E, de fato, o Partido Socialista e a União Popular passaram, nas mesmas datas, de 35 mil para 27 mil e a seguir para 11 mil votos. Os votos se transferiram para o outro lado, mas permaneceram estáveis com relação à esquerda. O PC e a Fidel, estimuladas pela vitória de seus colegas esquerdistas no Chile, com a eleição de Allende, preferiram o jogo eleitoral, na tentativa de se chegar ao poder pelo voto. Nas eleições de novembro de 1971, os Tupamaros não mais disputavam, pois já estavam na clandestinidade desde 1962; a esquerda não revolucionária se uniu numa denominada Frente Ampla. O Partido Comunista decidiu-se por uma fórmula de Unidade Popular de tipo chileno. Nesta Frente Ampla, proposta inicialmente pelo pequeno Partido Democrata Cristão, participaram diversos agrupamentos de esquerda, além

de dissidentes setoriais dos Partido Colorado e Blanco. Os esquerdistas eram a Fidel, o próprio Partido Comunista, os Socialistas, os Grupos de Ação Unificadora (GAU) e o Movimento Revolucionário Oriental. O total dos grupos esquerdistas ia a 17. O candidato à presidência da República, desta Frente Ampla, foi o general reformado Liber Seregni Mosquera. Estas eleições, de 28 de novembro de 1971, foram as últimas do Uruguai. Nelas, as esquerdas tiveram uma votação surpreendente. No Senado e na Câmara, a Frente Ampla fez uma votação de 25 por cento, o Partido Nacional 35 e o Colorado 38 por cento. Para a presidência, o conservador Juan Maria Boldaberry (eleito), (Partido Colorado) 680.440 votos, o populista Wilson Ferreira Aldunati (Partido Nacional ou Blanco) 667.860 e Liber Seregni (Frente Ampla) 303.178.

A Frente Ampla visava a ruptura do velho bipartidarismo (Colorados e Blancos). O seu candidato assim declarava:

"Os partidos tradicionais se mostraram incapazes de resolver a crise uruguaia. Deixaram de existir praticamente. São lemas e não conjuntos homogêneos. São forças eleitorais e não políticas, logo sem condições de conduzir o país. A Frente Ampla nasce como força política e não eleitoral. Está destinada a uma tarefa histórica que não termina e nem se esgota com as eleições. Num momento crítico, que o Uruguai joga sua sobrevivência, todos temos o dever de contribuir para encontrar uma saída".

Serigni deu ao seu movimento um caráter de retomada da luta de Artigas, herói nacional uruguaio. E concluía assim o objetivo da Frente Ampla:

"Quebrar os três pilares da oligarquia latifundiária, através da reforma agrária, a especulação financeira com a nacionalização dos bancos e a drenagem da comercialização com a nacionalização do comércio exterior".

OS GUERRILHEIROS TUPAMAROS

Um setor da esquerda na América Latina jamais acreditou em eleições. É difícil a vitória da esquerda – quaisquer que sejam – nas urnas. Lá no Uruguai, este setor era representado pelos Tupamaros (que sempre foram pouco votados, conforme já exposto). Os Tupamaros surgiram em 1962. Era uma esquerda radical e paradoxal. De base nacionalista, mas de uma violência incrível. A organização dos Tupamaros foi fruto de um ativo líder da juventude socialista RAUL SENDIC, que depois de ter chefiado rebeliões em Paysandu, Salto e Artigas, no interior do país, começou, então, com outros grupos esquerdistas, a formar uma organização clandestina de luta armada, o Movimento de Libertação Nacional, mais tarde chamado Tupamaro. (1) Como todos os movimentos revolucionários de luta armada, os Tupamaros aprenderam as lições de Mao, até de CASTRO, e principalmente, a seguir, de Régis Debray. De acordo com este, as formas mais adequadas de comba-

(1) RAUL SENDIC – Advogado, atualmente com 54 anos. É, na verdade, um dos fundadores ideólogos dos Tupamaros. Foi detido em agosto de 1970, mas alguns meses depois fugiu da prisão, com diversos companheiros. Em setembro de 1972, voltou a ser capturado quando uma patrulha da Marinha descobriu o seu esconderijo, numa propriedade rural, perto de Montevidéu. Resistiu em combate e foi ferido gravemente no rosto. Começou a agir em 1962, mas em 1968, 1969, 1970 e 1971 intensificou suas atividades, que terminaram em 1972. O nome Tupamaro é em homenagem a um bravo guerreiro Inca, Tupac Amaru, que lutou contra os espanhóis, para libertar seu povo escravizado, descendentes do Imperador Atahualpa.

tes eram as guerrilhas rurais, sendo considerada a cidade *o túmulo dos revolucionários*. Contudo, as condições que apresentava e apresenta o Uruguai são de muita peculiaridade. De um lado, é um país plano (o pampa), não possuindo nenhuma dessas montanhas que são os refúgios ideais para os grupos armados. De outro lado, o país está 80 por cento urbanizado, e uma guerrilha rural não faria sentido. E foi por isto que os Tupamaros optaram pela luta revolucionária nas cidades, especialmente em Montevidéu, e assim se tornaram, praticamente, os criadores da guerrilha urbana na América Latina. Mas este tipo de guerrilha que empreenderam foi a sua sepultura.

Tinham objetivos patrióticos, mas pelos seus métodos de atuação – seqüestros, desordens, saques, assaltos e tantas tropelias, às vezes inúteis, os Tupamaros até não podem ser considerados guerrilheiros na melhor expressão do termo, tanto é que depois de dez anos de atuação, chegaram a fazer uma auto-crítica, e um tipo de arrependimento. O saldo da atuação dos mesmos não foi positivo, pois tiveram pouca simpatia nos círculos políticos, mesmo de esquerda. Existiram críticas a seus sistemas. Até mesmo os então deputados de esquerda, no auge do *imboglio*, votaram, sem vacilar, a suspensão de garantias individuais solicitadas pelo presidente de então, Jorge Pacheco Areco (2). Afinal, quem eram os Tupamaros e o que pretendiam? Com as suas forças jamais poderiam esperar a conquista do poder. Sem respaldo popular, não foram felizes, nem em eleições e nem nas guerrilhas urbanas.

Mas os Tupamaros eram de muita eficiência técnica. O número de seus componentes, no auge da atuação, estava acima de dois mil. A organização era clandestina, secreta e muito dispersa. Os seus ativistas de primeira linha eram de uma dedicação ao crime a toda prova. Da mesma forma que os Weaathherman nos Estados Unidos, os Tupamaros procediam da burguesia. Não se compunha de proletários ou de jovens. Este grupo sempre foi dirigido e mantido por gente de meia-idade, que ocupava altos cargos, funcionários públicos, professores, bancários, poucos universitários e até por alguns membros do clero. Certa feita, um Tupamaro foi capturado, após ter abatido um agente da autoridade. Era um antigo padre de nome IGNACIO DE OLIVEIRA ROSA, que havia trocado a sotaina pela pistola-metralhadora e se tornara um dos chefes da organização. Da mesma forma que alguns outros movimentos da América Latina e dos guerrilheiros da Palestina, esse movimento dedicava-se mais a criar uma condição para a revolução e não para ser deflagrada imediatamente. Suas atividades poderiam, até um certo ponto, ser comparadas com as do niilistas e dos militantes de A Vontade do Povo, no final do século XIX, na Rússia, mais do que com as do comunismo organizado e consciente. Os Tupamaros, que tinham até em seu próprio seio alas dissidentes, tais como a Organização Revolucionária 33 e a Faro – Forças Armadas Orientais, foram os pioneiros nos seqüestros de diplomatas, de autoridades que eram mantidas como reféns, para obrigar o governo a soltar presos políticos ou para exigir altos resgates. (3)

(2) Jorge Pacheco Areco, vice-presidente, que assumiu a presidência, em 1968, pela morte do general Oscar Gestido, também dos Colorado (Partido Liberal). Decretou o estado de sítio, em 1970, fechou jornais, e quase teve votado pelo Congresso o seu *impeachment*. Um ano após, entregou às forças armadas o comando da luta contra os Tupamaros, criando um precedente que possibilitou a interferência cada vez maior dos militares na direção do país, que inclusive prenderam políticos. Como prêmio, alguns anos depois, ficou livre da cassação e recebeu um cargo de embaixador, primeiro em Madrid, depois em Genebra, e finalmente em Washington. Foi o único político influente que em novembro de 1980 apoiou a *"nova Constituição"*.

(3) Foram seqüestrados, em 1970, Dan Mitrioni, funcionário norte-americano, que trabalhava para a polícia uruguaia, Claude Fly, técnico dos Estados Unidos a serviço do Ministério da Agricultura e Aloisio Dias Gomide, cônsul do Brasil em Montevidéu. O primeiro foi executado pelos Tupamaros, pois o governo se recusou a soltar cerca de 150 presos políticos, e os outros foram soltos após o pagamento de vultosas somas em dinheiro pelas famílias dos mesmos.

Os Tupamaros declinaram e se acabaram em 1972. Em 1973, uma pá de cal, passada pelas forças da repressão uruguaia, extinguiu o movimento. Os Tupamaros bateram em retirada em todo o país. Tentaram em vão, nos últimos estertores, a abertura de uma segunda frente no interior – o chamado Plano Tatu, que não deu em nada. Só nos últimos seis meses de vida dos Tupamaros, foram presos 1.276 de seus adeptos combatentes, a saber: 798 no interior e 478 em Montevidéu. Deles, 72 tinham diploma universitário, 143 eram estudantes de nível superior; haviam 111 professores, 43 bancários, 51 comerciantes ou industriais e 92 operários. Neste mesmo período, 35 Tupamaros foram mortos pelas forças do governo e 14 foram feridos, enquanto 103 esconderijos eram descobertos, alguns deles verdadeiros prodígios técnicos, com pavimentos móveis e túneis ocultos.

AUTOCRÍTICA E ARREPENDIMENTO DOS TUPAMAROS

Os remanescentes Tupamaros bifurcaram-se em alas distintas: uma delas ou eclipsou-se no próprio Uruguai ou foi para Cuba. Em 3 de agosto de 1973, talvez num último suspiro, foi enviado para as redações dos jornais o *Correio Tupamaro*, boletim da organização guerrilheira, que havia deixado de circular há vários meses.

O *Correio* fez uma autocrítica profunda do grupo guerrilheiro e reafirmou também seu objetivo de *"destruir o regime fascista do presidente Juan Maria Boldaberry"*, que segundo diz: *"mostrou sua verdadeira face, ao dissolver o Congresso, no dia 27 de junho"*.

"Nossas deficiências foram: por um lado, subestimar o inimigo, pois este era muito mais poderoso do que acreditávamos, sobretudo a partir da técnica e da poderosa ajuda em recursos que lhe foi proporcionada pelos norte-americanos; por outro, não avaliarmos, em termos justos, a grande capacidade de luta do povo. Confiamos excessivamente em nossas próprias forças".

Acentuou que *"as traições também tiveram um importante papel. Os traidores sempre aparecem quando os povos se levatam para lutar por seu destino. Hector Amodio Perez e Mario Arquimedez Piriz Budes, são, especificamente, o motivo das vitórias das Forças Armadas. Logo o povo ajustará contas com eles"*.

Amodio Perez, depois de ter assumido importantes cargos dentro da organização dos Tupamaros, durante vários anos, foi preso, há cerca de dois anos e se constituiu numa *fonte de informação* dos organismos de segurança.

O *Correio Tupamaro*, sob o título "Daqui para a frente", dizia: *"o povo enfrenta um duro desafio: o de tomar o caminho das armas revolucionárias, para construir e defender a pátria dos explorados"*.

Mas em verdade, nesta época, os Tupamaros já estavam liqüidados. A resposta das Forças Armadas e da Polícia foram violentas. Seus esconderijos, arsenais e *prisões do povo* foram descobertas. As *colunas* dos Tupamaros tinham caído uma a uma nas mãos das autoridades.

Por volta de 1972, o ex-deputado e secretário geral do Partido Comunista Uruguaio Rodney Arismendi, que hoje se encontra em Moscou, enviou a Cuba diversos jovens uruguaios para o treinamento de guerrilhas urbanas. (4) Estes guerrilheiros ficaram por Cuba mesmo, e não puderam voltar mais a seu país, pois a situação tinha mudado por completo. Os Tupamaros foram contra este sistema de recebimento de instrução no exterior, pois sempre acharam e acreditaram que os uru-

(4) Naquela ocasião, houve uma mudança de atitude do PC, mormente por influência de Walter Sanseviero, líder da União da Juventude Comunista. Estes tinham resolvido, tardiamente, fazer também guerrilhas. Todos estão presos no Uruguai. Além de Arismendi, só outro principal dirigente, Hector Rodriguez, encontra-se exilado.

guaios deveriam deflagrar a revolta em seu próprio país, sem auxílio de quem quer que fosse.

Um outro grupo representativo dos Tupamaros proclamou, recentemente, na Europa, onde se encontra asilado, *"a renúncia aos métodos mais radicais, a aceitação da luta em moldes democráticos, a repulsa a todo tipo de governo autoritário e ditatorial e a crença na participação livre e ativa do povo, como única via para garantir as transformações e o desenvolvimento progressista da sociedade."* Mas o governo uruguaio parece não ser sensato, nem a este e a nenhum apelo para sanar as feridas que ele próprio abriu, a partir de junho de 1973, no corpo social uruguaio.

REPRESSÃO

Os Tupamaros terminaram. Foram mortos ou foram presos ou se asilaram. E os militares aproveitaram esdruxulamente este fato, para exterminarem também a democracia uruguaia.

A repressão foi dura por parte do exército e da polícia. *"A luta não terminou e nem terminará, se depois de extirparmos o câncer, não empreendermos com igual energia, a tarefa patriótica da remoção das causas da violência"*. Estas eram as palavras iniciais dos membros da oficialidade uruguaia, que não mais se detiveram. Os Tupamaros costumavam justificar a violência, sustentando que era preciso mudar a ordem econômica e social. Tanto insistiram nessa tese, que ela acabou contagiando seus captores, que passaram a defender a necessidade de erradicar as supostas causas da violência. Os que aplicaram métodos repressivos, com mais crueldade – os mesmos jovens oficiais, que tiveram seu batismo de sangue nas ruas da capital uruguaia – são os mais radicais e os que mais reclamam. Não queriam ser mais testa-de-ferro de ninguém, mas estavam dispostos a legitimar sua própria espada. Não queriam mais voltar aos quartéis, pois encontravam na guerra a sua razão de ser, investindo-se como juízes e moralizadores dos costumes, provocando um escândalo geral.

O Uruguai passou a não ter nem lei e nem ordem. As forças de repressão tudo aniquilaram. Desencadeou-se uma onda de reação num plano inclinado a nunca mais acabar. Só que esta vez a desordem vinha da direita. Criou-se o sistema militar, que passou a adotar a ditadura cruel e a filosofia vigorante foi a do ódio, e da vingança. Os partidos políticos foram dissolvidos ou proscritos, bem como os sindicatos.

Foram presos e torturados os Tupamaros, os esquerdistas moderados, os políticos de centro.

O regime uruguaio, inclusive, foi matar no exterior algumas de suas indefesas vítimas. (5) E ele teve a necessidade de justificar permanentemente um estado de guerra, para a sua permanência e para as enormes verbas consumidas pela repressão. É planemente sabido que no Uruguai, por ocasião do golpe de 27 de junho de 1973, os Tupamaros já estavam inteiramente desbaratados e não mais representavam nenhum perigo para a ordem social vigente, muito menos um perigo capaz de justificar uma ditadura. O mito Tupamaro rendeu e rende inesgotáveis dividendos políticos. O terror governamental implatado e a intimidação passaram a fazer inveja aos métodos mais cruéis da Gestapo. A pobre democracia uruguaia foi levada de roldão. (6)

Em 1976, a Cúria Metropolitana Uruguaia chegou a lançar uma dramática proclamação que não encontrou guarida.

"Não se pode corrigir erros com outros. Se os crimes cometidos devem receber o peso da lei através da justiça, esta deve ser impregnada do espírito evangélico da caridade e do respeito à pessoa humana."

Isto foi uma alusão aos casos de prisões ilegais e às mortes, em muitos casos promovidas pelo governo.

Os principais líderes guerrilheiros Tupamaros, JÚLIO MARENALES SAENZ, JOSÉ MUJICA CORDANO, JUAN AMIRANTTI, HENRY ENGLER GOLOVCHNKO, MAURÍCIO ROSENKOFF, ADOLFO WASSEN, EULETERIO FERNANDEZ HIDOBRO, JORGE ZABALA WASMANN e MANERA DUVERAS, continuam presos, além de SENDIC, condenado a trinta anos. E o julgamento pelo Tribunal Militar dos mesmos foi desmentido depois de ter sido noticiado pela imprensa, no início de setembro de 1980. Na primeira instância, houve condenação unânime, e tudo se prevê para o sancionamento de todas as penas impostas, quando se der a apelação. As condições de vida nos quartéis e nas prisões destes guerrilheiros foram descritas por seus familiares:

"Os presos ficam incomunicáveis, não podem nem falar com os guardas. Raramente têm horas de recreio, e, quando as têm, saem a um pátio, sempre encapuçados, mesmo quando o sol é forte. Em um dos quartéis, a cela era um poço que se enchia de água quando chovia, até a metade da perna do preso".

Hoje, somente um pequeno grupo age na clandestinidade, em Montevidéu. É o chamado Movimento Revolucionário de Libertação, de tendência marxista, e seu dirigente, que fez plástica e trocou suas impressões digitais, é um jovem de 25 anos, Daniel Mitendorf, que declarou:

"Nossa tática, no momento, é de formação de uma ampla frente de democratização, com todos os setores liberais que ainda estão no país. A frente deve ter o caráter mais amplo possível. Para isso, nós já temos um programa político, cujos pontos principais são: melhores condições de salários, retorno ao regime parlamentar e liberdade para todos os presos políticos, além da volta dos exilados que não participaram de ações armadas. Temos também um terceiro eixo de luta. Ela está no exterior. É a luta pelo isolamento internacional da ditadura uruguaia". E sobre a luta armada hoje, diz que *"não é encarada como uma tarefa imediata das massas uruguaias. Consideramos que no momento o fundamental é a formação de uma frente ampla democrática, que vise a reorganização nacional da vida política e da economia. Achamos que nesta etapa contra-revolucionária, o povo uruguaio tem tarefas*

(5) No Capítulo dos seqüestros e dos assassinatos, um dos episódios mais bárbaros foi o que ocorreu em Buenos Aires, em 1976, quando foram mortos os políticos uruguaios Zelmar Michelini e Hector Gutierrez Ruiz, ali exilados desde 1973; Michelini, ex-ministro e ex-senador, trabalhava como jornalista, para sustentar a mulher e nove filhos. Ruiz, ex-presidente da Câmara de Deputados, casado e pai de cinco filhos, também trabalhava, ganhando a vida em Buenos Aires. Na noite de 18 de maio de 1976, os dois foram seqüestrados, o primeiro perto do *Hotel Liberty*, situado no ponto mais central da cidade, e o segundo, em sua residência, nas proximidades de uma delegacia de polícia. A operação desenvolveu-se às escâncaras e sem pressa. O ministro da Defesa da Argentina afirmou que *"se tratava de uma operação uruguaia"*, mas não restou dúvida de que houve participação das forças de seguranças argentinas. Três dias após, Michelini e Ruiz foram encontrados mortos, dentro de um automóvel, crivados de balas.

(6) Um simples decreto do presidente Boldabery, que já havia se tornado um mero joguete nas mãos dos gorilas, dissolveu o Congresso. Depois, colocou-se em recesso toda a oposição política e se prescreveu a Convenção Nacional dos Trabalhadores. Como recompensa, recebeu o tutelado Boldabery, quando, em 12 de julho de 1976, foi mandado embora pelos próprios militares, o direito de cuidar de suas propriedades agro-pecuárias.

democráticas a serem cumpridas. Não somos foquistas. E talvez seja essa a grande diferença que nos separa das demais facções do Movimento Tupamaro. *Defendemos a combinação de ações políticas no movimento de massas, a organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho, a formação de um movimento sindical forte. E combinamos isto, com a proposta de ir aos poucos organizando um exército de libertação nacional, que garanta as conquistas do povo uruguaio, na sua luta anti-imperialista e pela construção de uma pátria socialista" (7).*

O DOMÍNIO DO MEDO E DA INSEGURANÇA

No Uruguai de hoje – o país com o mais alto índice de presos políticos do mundo (um em cada seiscentas pessoas já esteve presa) – não há família que não tenha tido a sua vítima da repressão.

O Uruguai se tornou um vasto campo de concentração. O terror estatal ficou instaurado, cedendo-se lugar ao antigo nível sócio-econômico e cultural elevado. As piores torturas foram feitas, e os desaparecimentos se multiplicaram, e nem crianças ficaram a salvo da insanidade do governo.

E, em cada 48 uruguaios, um pertence às Forças Conjuntas (Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia), sendo que em cada 10 habitantes, um colabora com o regime. Todas as facilidades são fornecidas para isso. Há, inclusive, um telefone – 0890 – que está à disposição daquelas pessoas que queiram, como as autoridades, *"varrer do território uruguaio, os grupos contestadores".*

"Quem são os inimigos? Quanto sobraram? No Uruguai existem de quatro a cinco mil presos políticos. Não é pouco. No começo foram os guerrilheiros. Depois os militantes dos partidos de esquerda. Depois os sindicalistas. Depois os intelectuais. Depois políticos tradicionais. Depois qualquer um".

É o que diz Eduardo Galeano sobre a atual situação do Uruguai. O escritor considera que a máquina da repressão não pára e exige mais e mais combustível. Ou seja: mais e mais torturas dentro da guerra contra o inimigo, que os atuais governantes insistem em procurar na população. (8)

Os presídios de Puenta Caretas, Punta Pieles e La Libertad estão com lotações completas.

Em janeiro de 1980, surgiram numerosos casos de lepra e a eclosão de uma epidemia de tuberculose entre os 1.253 prisioneiros políticos da penitenciária de La Libertad.

Nesta mesma época, um documento de Juristas Internacionais pela Anistia no Uruguai, distribuído na França, denunciou mais uma vez a deterioração das condições sanitárias e psíquicas dos prisioneiros políticos do país. Transtornos mentais, em decorrência de prolongadas torturas. Mais de cem mortes de prisioneiros políticos nas prisões ou pouco depois de terem sido libertados, e entre estas quase a metade por violência, durante a tortura.

A ditadura fascista uruguaia não quer correr nenhum risco. A realidade é sinistra, pois é um país com pouco mais de dois milhões de habitantes, dos quais meio milhão estão exilados, expatriados, banidos ou foragidos. Sem mencionar-se os prisioneiros políticos. Esta cifra corresponderia no Brasil proporcionalmente a trinta milhões.

(7) Entrevista publicada na *Folha de S. Paulo*, de 16 de setembro de 1979.

(8) Eduardo Galeano, famoso escritor e jornalista uruguaio, exilado na Espanha, está proibido de entrar em seu país, o mesmo acontecendo com suas obras.

A continuar assim, os 14 generais que constituem a Junta de Oficiais Generais, verdadeiro poder no Uruguai, acabarão por se ver diante do cáustico conselho de Brecht: *"Ou mudar o regime, ou mudar o povo."* (9)

O Uruguai faz parte, juntamente com a Argentina, o Chile, o Paraguai e agora a Bolívia, do chamado Bloco do Cone Sul, onde não existe, geralmente, nem direito e nem justiça.

Um Ato Institucional, de número 4, editado em 1976, suspendeu, por 15 anos, os direitos políticos de 15 mil membros de todos os partidos.

O general Liber Seregni foi detido, em 9 de julho de 1973, pelo crime de ser candidato a presidente da República, nas últimas eleições e acusado de desvio ideológico, além de outros delitos. Em novembro de 1974, foi posto em liberdade condicional, para ser novamente preso em 11 de janeiro de 1976. Inicialmene ia ser condenado a três anos, mas o promotor elevou o pedido de acusação para 10 anos, e o Juiz aumentou-a para 14. A sentença saiu em meados de 1977, quando Sergni tinha 61 anos. Esta condenação, por certo, pode significar o seu aniquilamento pessoal e político, desejo macabro dos militares.

A Anistia Internacional adotou o general Seregni como um dos prisioneiros por cuja libertação trabalha. Diversos congressos de países europeus pedem liberdade para Seregni, e o Conselho Mundial da Paz lhe concedeu a *Medalha da Paz.*

O ex-senador Wilson Ferreira Aldunate, que também foi candidato a presidente da República, foi taxado de subversivo, altamente perigoso, e se encontra asilado.

Direitos humanos é palavra que não existe no Uruguai. A queda do poder aquisitivo dos trabalhadores foi de 50 por cento nos últimos oito anos. O índice de desemprego passa de 10 por cento.

O *Instituto da Paz de Estocolmo*, em relatório de 1975, citou o Uruguai como o país latino-americano que destinava, na época, a maior percentagem do produto nacional bruto à organização militar: 3,3 por cento, contra 2,2, por cento do Brasil. E isto trouxe mudanças definitivas na rotina dos uruguaios: até 1967, o orçamento nacional destinava 22 por cento de seu total para gastos com a educação, e em 1975, mal superava os 7 por cento.

Não se encontram mais líderes e nem políticos dentro do Uruguai, eleitoralmente o país está acéfalo. O Uruguai, segundo observações de alguns sociólogos, é um país que no continente mostra sintomas de imprecisão política. O que se pode assegurar é que o terreno diretivo das forças políticas uruguaias, que foi um dos mais fecundos e ativos, se acha devastado. O Uruguai pode ser considerado hoje um país arcaico, com população de velhos e aposentados.

Allejandro Vegh Villegas, que chegou a fazer parte do governo atual, como ministro de Economia e Finanças, declarou, a título de censura, que o Poder Judiciário transformou-se em um organismo administrativo do Poder Executivo, e *"deste modo ficou prejudicada a segurança jurídica dos cidadãos".* Este economista falou também, qual nova cassandra, em tom pessimista, que o principal problema do Uruguai é o da baixa densidade demográfica e da constante saída de pessoas para o Brasil ou Argentina.

"Se o Uruguai não conseguir manter sua identidade ante os dois grandes pólos de atração que são o Brasil e a Argentina, o país tenderá a desaparecer".

Nos últimos meses de 1980, a ditadura uruguaia fez diversas trampolinagens, para institucionalizar o regime, reafirmando o Conselho de Segurança Nacional,

(9) O presidente simbólico atual é um velho jurista, Aparício Mendez, que não passa de um mero fantoche nas mãos dos militares, foi designado por estes e está para ser substituído.

criando o Tribunal de Controle Político, com o afastamento definitivo dos movimentos de esquerda, e pondo freio nos velhos partidos.

Convocou-se o eleitorado para votar, e neste pleito, perguntou-se se apoiava uma Nova Constituição.

Mas o povo repudiou, em eleições, toda a trama urdida. Disse não aos sete anos de terror e de repressão. Gritou alto contra o regime militar que o oprime, mesmo sob ambiente policialesco. Nem os 30 milhões de dólares gastos pela Direccion Nacional de Relaciones Publicas (o ministério de propaganda uruguaio), e o cerceamento de opiniões fizeram o povo apoiar a ditadura, que tenderá, no final, a se apodrecer sozinha.

América Central

Capítulo 19

MÉXICO – LÚCIO CABANAS BARRIENTOS E GENARO VASQUEZ ROJAS FORAM OS MODERNOS GUERRILHEIROS

O PRESIDENTE PORTILLO NÃO QUER MAIS GUERRILHAS

As guerrilhas mexicanas declinaram, a partir de 1976, pois antes, os seus grandes líderes já haviam sido mortos. O México já pretendia se tornar um país grande produtor de petróleo. Outro panorama econômico deveria vir e outra perspectiva política deveria surgir, com a criação de novos partidos políticos, e estes, inclusive, já participaram das eleições de julho de 1979. Portillo, ao promulgar uma anistia, um mês após, declarou porém que os líderes extremistas não poderiam se iludir, pois estava disposto a apurar responsabilidade. Afirmou:

"Que sempre lutei e continuarei lutando para impedir que o México se torne um país de cínicos. Temos recursos energéticos suficientes para nos dar tranqüilidade e crédito no exterior. Temos petróleo para os próximos 60 anos e o que é mais importante, o México é o único grande produtor de petróleo da América Latina que não pertence a Opep, o que nos dá, portanto, autonomia para discutir e negociar com outros países."

Destacou também a importância do México como produtor de petróleo no futuro. *"Por volta do ano 2 mil, quando provavelmente se modificará a lei da oferta e da procura de fontes de energia, a única solução será encontrar mais petróleo, ainda que existam outras, como a solar, a geotérmica e a nuclear. Quando isto acontecer, o México estará tranqüilo, pois tem assegurados não só todas essas fontes de energia como também 45 bilhões e 800 milhões de barris de petróleo, em reservas comprovadas, e 200 bilhões de barris de petróleo, em reservas potenciais. Esses novos dados significam que o México teve um aumento de produção de petróleo e gaz natural estimado em cinco milhões e 700 mil barris, nos últimos sete meses."* Esse novo poderio mexicano para o presidente é *"para ajudar na formação de um mundo com uma divisão de riqueza mais justa, equilibrada e duradoura."*

Mas a nação azteca tem uma série de outros problemas, mormente o da terra. E tal qual a Venezuela, com a riqueza do petróleo (o México tende a se tornar o 6º maior produtor de petróleo do mundo) não mais deseja agitação, guerrilhas, pois pensa e quer resolver seus problemas sociais. Basta, porém, que não ocorra como no Irã, onde o ex-xá todo poderoso nada pôde fazer para sua pátria, e nem tirá-la do atraso com todo o petróleo que possuía.

O México se vangloria, hoje, de ser uma grande democracia latino-americana, mas permenecem desequilíbrios sociais. Aconteceram, em um passado recente, repressões à população, principalmente à classe estudantil, em 1968, 1971 e fevereiro de 1977. (1) O Partido Revolucionário Institucional, que está no poder desde a célebre revolução consolidada em 1929, conta com um mecanismo tão completo que será difícil a alternância. (2) O Partido Comunista, legalizado há pouco tempo, antes das últimas eleições, e o Partido Social Trabalhista, outra agremiação de esquerda, elegeram trinta e nove deputados, numa Câmara de quatrocentos, no último pleito.

Entretanto, no mês de agosto de 1979, um grande número de parentes de presos políticos e desaparecidos invadiram a embaixada Suíça, na capital mexicana, exigindo do governo a libertação de 553 presos e informações sobre o paradeiro de 300 pessoas e a aplicação integral da lei da anistia, decretada em fins de 1978. Os manifestantes, inclusive membros do Comitê Nacional pela Defesa dos Presos, Perseguidos, Desaparecidos e Exilados, foram retirados à força, da embaixada, o que fez com que o jornal suíço *Der Bund* criticasse a democracia mexicana, afirmando que:

"Existem camponeses que ocupam terras e exigem igualdades de riquezas e os trabalhadores e os estudantes não estão satisfeitos com a política governamental. É difícil acreditar que nesse país, em desenvolvimento econômico e industrial, se desenvolva também a democracia".

Em fins de fevereiro de 1980, fatos idênticos se repetiram, quando membros da esquerdista Frente Nacional Democrática Popular (FNDP), chefiada por Felipe Martinez Soriano, ex-reitor da Universidade de Oaxaca, ocuparam, pacificamente, não tendo havido intervenção policial, as embaixadas da Bélgica e da Dinamarca, na cidade do México, pleiteando a libertação de vários presos políticos e a revelação sobre o paradeiro de outros seus membros, que tinham sido seqüestrados, e para que se pusesse fim à repressão contra os camponeses, nas áreas rurais dos estados de Vera Cruz, Hidalgo e Tramulipas. A Organização Nacional dos Advogados Democráticos de México se solidarizou com a ocupação das embaixadas. Mas o governo, através do Ministério do Interior, negou mais uma vez a existência de presos políticos, afirmando que:

"Todo mundo sabe que no México não se priva ninguém de sua liberdade, pelo tipo de doutrina que defender em participação cívica, e que só há presos comuns."

Apesar ainda da economia mexicana estar crescendo a uma progressiva taxa de 6,5 por cento ao ano, sua dívida externa é grande, bem como há déficit na ba-

(1) Em junho de 1971, no governo de Echevaria, 150 pessoas foram feridas e mais de trinta mortas, em conflitos entre estudante e um grupo para-militar, da extrema direita, Falcões, financiado por fortes grupos econômicos. Este incidente, o mais grave dos últimos anos, provocou uma séria crise e uma onda de seqüestros políticos.

(2) Apesar de tecnicamente estruturado sobre três pilares: o campesinato, o operariado urbano e os movimentos populares, o PRI tem sido constantemente dominado pelos grupos financeiros e passa eventualmente por crises.

lança comercial. A industrialização rápida implicou em vasto investimento externo, o capital estrangeiro é avaliado em cerca de três bilhões de dólares e exigiu uma constante importação de equipamentos básicos.

Há fatos inegáveis e positivos de que o exército mexicano de hoje absorve uma porcentagem do PIB menor do que a que se destina às forças armadas de qualquer país latino-americano, com exceção, naturalmente, da Costa Rica. O México também controlou e superou a etapa do militarismo, que não representa ameaça permanente e organizada que atua em forma de corpo político, impondo condições e partindo do princípio de que detêm a verdade. E o controle dos militares e de sua atuação política deveu-se à iniciativa dos próprios militares. E, realmente, os generais Calles, Cardenas (principalmente) e Ávila Camacho que puseram em prática uma série de medidas de controle.

O México deseja, no plano exterior, nos países do continente, pela sua posição política independente e aberta, uma união e estímulo entre os povos latino-americanos.

Portillo visitou, em agosto de 1980, Brasil, Costa Rica, Panamá, Venezuela, Nicarágua e Cuba, afirmando que o seu país tem ajudado a fortalecer e dinamizar os laços integracionistas e que vem condenando todo e qualquer ato que amplie a mancha negra da repressão e das arbitrariedades de ditaduras na América Latina. E está pleiteando, com muita veemência, a volta de Cuba à Organização dos Estados Americanos, relembrando sua solidariedade para com aquele país, e que *"qualquer ação contra o mesmo será como fosse contra o México, e as causas de Martí são as causas do México e Cuba juntos, e assim continuaremos afirmando e fazendo, num exercício de congruência histórica que nos liga profundamente a esta pátria americana, na qual Cuba e México devem ter voz, apoio, projeção e compromisso"*.

Portillo, carinhosamente, costuma tratar FIDEL por companheiro.

O PROBLEMA AGRÁRIO AINDA PERSISTE

O problema da terra ainda é muito grave. Pela Constituição, ninguém pode ser dono de mais de 120 hectares, mas são muitos os que possuem grandes latifúndios, usando o conhecido sistema mexicano de *praisa nombres* (testas-de-ferro), burlando-se a lei.

E sabemos que o México fez uma revolução popular, pela terra, em 1910, na qual lutaram Emiliano Zapata e Pancho Villa. E mais ainda o grande presidente Lázaro Cardenas, um socialista e reformista radical, que nacionalizou as ferrovias e o petróleo, até então em mãos dos ingleses e norte-americanos; em 1938, distribuiu nada menos do que 67 milhões de hectares de terras aos camponeses. Cardenas resgatou a Revolução Mexicana.

Para melhorar a eficiência dos *ejidos* normalmente abrangendo terras de qualidade ruim, promoveu a sua coletivização, coisas que seus sucessores desfizeram, por temor à criação de uma suposta *mentalidade socialista* entre os camponeses. (3) Os seus sucessores foram fracos e deixaram ocorrer a infração progressiva do

(3) Lazaro Cardenas (1895-1970), participou da revolução contra Victorino Huerta, servindo depois sob as ordens de Obregon, a quem auxiliou, quando da tomada de Guadalajara. Em 1928, elegeu-se governador de Michoacan, seu estado natal, tornando-se depois presidente do Partido Revolucionário Nacional, tornando-se, afinal, presidente da República (1934-1940). Foi também Ministro da Defesa Nacional (1942-1945) e Comandante-Chefe do Exército. Cardenas pode ser considerado a maior fitura da história atual do México. No seu governo é que o México retomou, com vigor, o impulso revolucionário. Sempre desfrutou de grande prestigio em seu país e no exterior. Em 1970, por ocasião de festividades de comemoração de aniversário da Revolução, solicitou a libertação de todos os presos políticos e afirmou que: *"seria ilusão crer que a revolução mexicana esteve em ascenção ininterrupta, pois em alguns momentos estancou e mesmo retrocedeu"*, e referiu-se a *"certos desníveis sociais que beneficiam desproporcionalmente grupos minoritários e privilegiados, que fizeram grandes fortunas, inexcrupulosamente."*

capital estrangeiro, e passou-se a permitir a criação de novos latifúndios. O grito e o lema revolucionário de 1910 "Terra e Liberdade" ainda ecoa por todo México. Em 1969, por ocasião da comemoração do cinqüentenário do assassinato de Zapata, denunciou-se que 12 mil latifúndios constituíam 35 por cento das terras cultiváveis e 40 por cento da maquinaria agrícola, e que a metade do país era propriedade de 24 mil grandes proprietários.

Mas ainda hoje, a questão aflora e o tema continua. Atualmente quatro milhões de camponeses que não possuem terras estão na lista de espera, alguns há mais de 30 anos. E uma nova reforma agrária não surge. A única arma dos lavradores é a pobreza e a esperança, e no final saem sempre prejudicados, e é certo que uma nova revolução nos campos – nos moldes da anterior – está quase fora de cogitação.

Nos fins do governo do presidente Echevaria foram desapropriados 100 mil hectares de boas terras no Estado de Sonora, pertencentes a 72 latifundiários, para distribuição a 8.800 camponeses, enquanto que nos Estados de Sinaloa e Durango ocorreram invasões de mais 50 mil hectares. (4) Os protestos dos grandes proprietários rurais, que se uniram aos grandes industriais, em onze Estados, atingiu até a ameaça de *lock-out*, e esta nova reforma agrária fracassou, pois na maioria dos casos o poder judiciário a anulou. Os camponeses se retiraram sob novas promessas e protestos, e acordos não ultrapassaram a cessão de 13.500 hectares em Sinaloa e 15 mil em Sonora.

Até agora, os benefícios do progresso econômico dos últimos anos não atingiu todos os habitantes do país, e a maioria da população camponesa não vive muito melhor hoje do que em 1910.

Nos primeiros dias do mês de junho de 1980, 50 mil camponeses, pertencentes à União Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (UNTA), organização ligada ao Partido Social Trabalhista, simultânea e pacificamente ocuparam 150 mil hectares de terras, em 18 Estados da República Mexicana. Mas antes disto no Estado fronteiriço de Chiapar, no sul do país, pelo menos 46 camponeses foram mortos a tiros, por latifundiários, o que fez com que centenas de colegas dos assassinados, armados, ocupassem o povoado de Chancal, reunindo-se nas montanhas do município de Xaialon, para a decretação de guerrilhas. Com muito custo, a intervenção do governador daquele Estado trouxe pacificação, com promessas solenes de imediata regularização da posse da terra.

Outro grande problema do México é o registro de elevado taxa de crescimento demográfico (três por cento ao ano) e já surgiu um programa de planejamento familiar, cujos objetivos são baixar a taxa de crescimento para 2,5 por cento nos próximos cinco anos e para um por cento até o final do século. Sem terras os camponeses migram para as cidades, onde vão engrossar o número de desempregados e subempregados, os quais aceitam trabalhar por salários inferiores ao mínimo vigente.

O presidente Portillo organizou a Aliança para a Produção na Indústria e no Comércio, na qual quer criar 350 mil novos empregos, nos anos de sua gestão, que vai até 1982. Tudo leva a crer que a mitologia revolucionária mexicana não existe mais. Hoje, no México, se fala muito que o regime quer ser centrista.

O QUE FORAM OS MODERNOS GUERRILHEIROS MEXICANOS

Se há perspectiva de progresso com o petróleo, apesar de tudo, não há no México de hoje viáveis possibilidades de guerrilhas. Estas se restringem, diminutamente, ao setor urbano, com alguns seqüestros e alguns protestos violentos.

(4) Luís Echevaria, presidente de 1971 a 1976, duplicou os gastos com obras de infra-estrutura e projetos sociais. A guerra que quis fazer ás minorias privilegiadas, em novembro de 1976, foi tardia.

Em 1924, sob a presidência de Plucarco Elias Cale, terminou a onda revolucionária, e podemos dizer que em 1975, após a morte do grande líder guerrilheiro LUCIO CABANAS BARRIENTOS, cessaram praticamente as guerrilhas rurais, pois antes já havia tombado, em 1972, GENARO VASQUEZ ROJAS.

Recentemente em agosto de 1979, foi anistiado outro guerrilheiro importante, FLORENTINO JAIME HERNANDEZ, companheiro de lutas de CABANAS e GENARO VASQUEZ, que se encontrava asilado em Cuba, restando saber se este vai voltar às antigas atividades ou vai se dedicar à política partidária. É de se assinalar, ainda, que algumas organizações políticas nem se legalizaram, apesar da permissão de todos os agrupamentos, o que se deu com o **Partido Socialista dos Trabalhadores**, formado por intelectuais da esquerda radical, o **Movimento de Ação de Unificação Socialista (MAUS)**, ligados a grupos de guerrilhas urbanas, e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, de tendência trostskista.

Mas a tradição de lutas do povo mexicano fez com que, nos primeiros anos 70, a guerrilha estivesse ativa. O primeiro grupo que se tentou formar foi em agosto de 1966, sob a chefia e liderança do jornalista espanhol, radicando no México, VICTOR RICO GALAN, colaborador da revista *Política* de tendência comunista e do semanário *Sienpre* dirigido por progressistas. Fora constituído o **Movimento Revolucionário do Povo**, que antes de agir manteve um centro de instrução bem aparelhado e com inúmeras ramificações por todo o país. Na cidade do México, eram 87 os guerrilheiros que seguiam os métodos da **Revolução Chinesa e Cubana**, bem como as demais guerrilhas da América Latina. Tinham grande arsenal, como armas de grosso calibre e rádios transmissores. RICO GALAN teria aprendido as táticas de guerrilhas, quando fez a cobertura jornalística das atividades de seus companheiros na Venezuela, Guatemala e Nicarágua. Este grupo pretendia empregar a luta armada para uma transformação democrática do México, com combates pela intensificação da reforma agrária e erradicação do capital estrangeiro. Mas teve curta duração, sendo todos os membros presos nas primeiras refregas.

O grande guerrilheiro do México atual foi LÚCIO CABANAS BARRIENTOS, que com seu grupo atuou valentemente, por quase sete anos, nas serras de seu estado natal, em Guerrero, os mesmos locais de Zapata. LÚCIO CABANAS era um simples professor, quando assistiu à polícia investir contra mestres e pais de alunos, em 18 de maio de 1967. Indignado com a violência e já simpatizando com as causas esquerdistas e populares, CABANAS ingressou no dia seguinte nas guerrilhas. Tinha então 27 anos, alto, magro, moreno de cabelos e olhos negros, era uma figura controvertida, e transformou-se num famoso guerrilheiro, e chefe do Partido dos Pobres. Passou sua infância numa fazenda do município de Atoyac de Alvarez. Filho de Cesareo Cabanas, foi neto de Pablo Cabanas, outro guerrilheiro que lutou durante a Revolução Mexicana, também na serra do Estado de Guerrero. Membro de uma família muito pobre, fez o curso de professor na escola normal rural de Ayotzinapa, sempre no Estado de Guerrero, onde entrou em contato com a educação socialista, instituída pelo regime que acabara de terminar (o do general Lazaro Cardenas). Militou nas Juventudes Comunistas, lecionou em diversas escolas antes de converter-se, num guerrilheiro, enfrentando, inicialmente, o então governador do Estado de Guerrero, Raymundo Abarca Alaron. Seu grupo sempre travou constantes combates contra as forças regulares do exército, e quando outro importante guerrilheiro, GENARO VASQUEZ ROJAS, morreu em fevereiro de 1972, CABANAS e seu grupo ganharam grande evidência, e era a única guerrilha rural organizada no México. CABANAS e seus companheiros venciam todas as batalhas, e causaram sempre baixas aos regulares. Dedicou-se também ao seqüestro, para angariar resgates, com os quais financiava as suas guerrilhas. Nos diversos manifestos que fazia, afirmava o seu desejo de um governo socialista para o México e que a sua

campanha era um mero prolongamento da Revolução de seu avô, Pablo Cabanas e de Emiliano Zapata. Em 1974, uma caçada de cinco meses ininterruptos, a cargo de 20 mil soldados do exército mexicano (40 por cento das tropas), com modernos equipamentos de guerra, perseguiu CABANAS. O poder de fogo do exército era devastador, mesmo assim somente em 2 de dezembro, em combate onde morreram muitos guerrilheiros e soldados, tombou LÚCIO CABANAS, em El Ottatal, a 140 km de Acapulco. Seus seguidores foram quase desbaratados; e os remanescentes se manifestaram dizendo que a repressão e a exploração dos pobres foi que levaram JENARO VASQUEZ e LÚCIO CABANAS a tomar armas nas guerrilhas e que a mensagem dos mesmos permanecia viva. CABANAS já era uma figura notável, um idealista, e por isto o governo tratou de enterrá-lo às pressas, numa cova rasa do cemitério de sua cidade natal, Atoyac de Alvarez, não permitindo nenhuma cerimônia, e o local exato foi mantido em sigilo.

A guerrilha de CABANAS não tinha logrado êxito, pois num plano geral não mantinha conexão com outros grupos, era um movimento restrito, num país de grande extensão territorial e diversidade de tendências, e em particular era desprovida de melhores táticas.

O governo mexicano sempre foi intransigente no combate tanto à guerrilha urbana como à camponesa. E o próprio governo, através de suas fontes de inteligência (espionagem e anti-espionagem), sabia perfeitamente que, em maio de 1975, cerca de uma centena de grupos guerrilheiros se uniram à **Liga Comunista 23 de setembro**. Este conjunto de grupos estava integrado por mais de 600 guerrilheiros armados, inclusive numerosas mulheres. A atuação consistia em atentados, seqüestros e expropriação a bancos, tendo começo nos Estados de Jalisco e Sinaloa. Eram quase todos estudantes, ardorosos partidários da instituição de uma nova ordem e suas guerrilhas denominavam-se entre outras, **Forças Armadas Revolucionárias do Povo, Guerrilha Urbana Salvador Allende e Comando de Libertação do Povo**. Outras facções alheias à Liga também atuavam, tais como: Forças da Nova Revolução e Frente Urbana Zapatista. Mas esta união não simboliza muito. Destacava-se como novo líder CARMELO CORTES CASTRO, que queria dar continuidade ao **Partido dos Pobres**, e à s suas guerrilhas. Segundo ainda as próprias autoridades mexicanas, muitos dirigentes guerrilheiros foram treinados na Coréia do Norte. Eram jovens de formação superior, que percorriam faculdades do país procurando contato com estudantes de tendências esquerdistas. Eram convidados para seminários, onde ouviam os objetivos do movimento guerrilheiro, ao qual quase todos acabavam aderindo, e após serem submetidos a intensa preparação, recebiam um codnome e começavam a participar das operações, ganhando o equivalente a 8 mil cruzeiros para despesas pessoais de alimentação, aluguel e vestuário. A **Liga Comunista 23 de Setembro** tinha este nome porque, em 23 de setembro de 1965, tinha travado um combate com forças do exército, em Madera, no Estado de Chiuahua, tornando-se vitoriosa.

No início de 1978, três eram os principais grupos guerrilheiros que operavam no México: **Liga Comunista 23 de Setembro, Frente Armada Revolucionária e União do Povo**. Mas desde meados de 1976, a **Liga 23 de Setembro** passou a sofrer duros ataques do próprio **Partido Comunista**, através do semanário *Oposicion*, que dizia:

"A Liga Comunista 23 de Setembro foi vítima da repressão, das exacerbações e das contradições externas, e os grupos que ainda mantinham uma concepção de lutas armadas não apenas perdem posição no México, como ainda fazem o jogo das forças mais reacionárias, uma vez que tendem a sobrepor as medidas repressivas às políticas."

E para todos os ataques, há os contra ataques. O movimento guerrilheiro urbano tem sempre sofrido represália por parte do governo mexìcano, através dos serviços de segurança. Os objetivos dos guerrilheiros enfrentam sempre sérias dificuldades, pois há um grupo especial de combate aos mesmos e suas ações. Este comando especial é chamado de *Brigada Branca* e está alerta, aplicando, quando atua, sérios golpes nos guerrilheiros, não só na capital, como em outras cidades importantes.

O POSICIONAMENTO HISTÓRICO DE EMILIANO ZAPATA E DE PANCHO VILLA

Falando-se e escrevendo-se sobre México, guerrilhas e revoluções, não se pode deixar de citar Emiliano Zapata e Pancho Villa, considerados pelo historiador e sociólogo inglês E. J. Hobsbawm como bandidos-guerrilheiros, no livro *Bandidos*, mas Zapata não pode ser incluído nesta terminologia, pois foi um típico precursor de guerrilheiros (5).

Diz a citada obra, entre outras coisas:

"Pancho Villa terminou um 'hacendado', a recompensa natural de um aspirante a 'caudillo' na América Latina, ainda que indubitavelmente seu passado e suas maneiras o tornassem mais popular que os aristocratas crioulos. A Revolução Mexicana possuía duas grandes formações camponesas, o típico movimento de rebeldes salteadores de Pancho Villa, no norte, e a agitação agrária de Zapata, em Morelos (no sul, sem nada de banditismo). Em termos militares, Pancho Villa desempenhou papel incomensuravelmente mais importante, mas nem a configuração física do México, nem a do próprio território norte ocidental de Villa, se modificaram. O movimento de Zapata era inteiramente regional, seu líder foi morto em 1919, suas forças militares não tinham grande peso. No entanto, foi esse movimento que injetou o elemento da reforma agrária na Revolução Mexicana. Os salteadores produziram um 'caudillo' em potencial e uma legenda, a do único líder mexicano que tentou invadir a terra dos gringos neste século. O Movimento camponês de Morelos produziu uma revolução social, uma das três que merecem este nome da história da América Latina".

O México comemorou o centenário de Zapata em agosto de 1979. Quando nasceu, este herói nacional e popular, filho de um humilde lavrador do Estado Mexicano de Morelos, estava destinado a ser o líder de uma grande revolta de camponeses e o símbolo da reforma agrária na Revolução Mexicana, que começou em 1910, com a queda do ditador Porfirio Diaz. Conta-se que um dia, voltando da escola, o menino Emiliano encontrou seu pai desesperado, por que um rico proprietário do lugar, com a cumplicidade da polícia, o tinha despojado do único pedaço de terra que possuía, para *arredondar* a sua imensa propriedade. Emiliano disse ao pai: *"Papai, quando eu for homem, farei com que te restituam a terra".*

Anos depois, Zapata iniciava a revolução agrária. As massas rurais abandonavam as terras e o seguiam, convertendo-se num exército de rebeldes. Inspirando-se num plano político-social, aprovado em 1911, Zapata transformou-se num paladino da reforma agrária e logo ficou conhecido como o *Centauro do Sul.* Quanto mais era perseguido pelos governos, que não viam com bons olhos a sua liderança radical, mais a sua popularidade aumentava. Fiel ao seu lema, seguno o qual *"mais vale um homem morrer de pé do que viver ajoelhado",* Zapata desafiava, com grande ousadia, os poderes constituídos. Conta-se que, mesmo tendo sua cabeça a prêmio, por uma enorme soma, Zapata costumava deixar seu reduto no interior e rever amigos, em plena cidade do México, sem nunca ter sido capturado.

Muitos de seus feitos se transformaram em lenda e não se sabe, muitas vezes, até que ponto foram verdadeiros. Quando o liberal Francisco Madero tomou o poder, em 1910, derrubando o ditador Diaz, com o apoio de Zapata, o novo presidente, achando incômoda a companhia do legendário caudilho, ofereceu a Zapata uma grande propriedade e muito dinheiro, para uma longa viagem ao exterior. Mas Zapata recusou e permaneceu à frente das suas tropas de guerrilheiros. Victoriano Huerta mandou assassinar Madero e tomou o poder em 1913, enviando uma proposta de paz a Zapata. Mas o *Centauro do Sul* respondeu simplesmente: *"A paz não pode ser feita com os executores da tirania".*

Zapata invadia fazendas com suas *tropas,* determinava as *expropriações,* segundo sua própria lei, e distribuía lotes para os camponeses. Ele também promovia a reforma social por sua própria conta, criando escolas e mantendo uma assistência social à sua moda. Muitas vezes reunia os camponeses pobres e distribuía os produtos das pilhagens, em meio a grandes *fiestas* que duravam três dias. Era o terror dos espanhóis, que geralmente mandava torturar e matar. Em 1915, seu poder chegou ao auge e ele acabou dominando vários Estados, no sul do México, mandando até mesmo cunhar a sua própria moeda.

Até hoje, corre a lenda de que ele e seu cavalo branco continua a correr pelas planícies que tão bem conhecia. Em abril de 1919, o presidente Venustiano Carranza resolveu livrar-se de uma vez do perigoso rival e deu ordem para que fosse morto, oferecendo a enorme soma de 50 mil pesos, para quem o executasse. O coronel Jesus Guajardo, fingindo-se de aliado de Zapata, o atraiu para um encontro, a 10 de abril de 1919. Sem desconfiar da traição, Zapata compareceu ao encontro e foi morto pelas tropas de Guajardo, que recebeu a recompensa.

Por causa de Zapata e de sua agressiva promoção do lema *Terra e Liberdade,* à frente de um exército de camponeses, o México acabou convertendo-se no pioneiro da América Latina em redistribuição de terras.

Lázaro Cardenas, 15 anos após, apreguou a sua fidelidade do ideal de Zapata.

Em 8 de agosto de 1979, seu filho Mateo Emiliano Zapata negou-se a entregar os restos mortais de seu pai para que fossem sepultados num monumento à *Revolução Mexicana.* Ele afirmou, naquela oportunidade, que só faria isso quando fossem libertados todos os presos políticos e os camponeses detidos por causa das disputas sobre terras no Estado de Morelos.

O congresso mexicano reabilitou, em dezembro de 1966, Pancho Villa, cujo nome foi impresso em ouro numa das paredes da Câmara dos Deputados. Do ponto de vista de fidelidade à história, essa decisão foi correta, embora muitos ainda condenem os métodos de ação de Villa, não se pode negar que foi ele que levantou o Norte do país, tornando irresistível o movimento revolucionário de 1919. Porém, Villa foi um líder de origem popular indiscutível e a sua reabilitação foi referendada com a construção de uma estátua eqüestre do legendário herói, na cidade do México, em 1969 por ocasião da comemoração do 59º aniversário da Revolução, e assim o célebre caudilho mereceu o reconhecimento oficial, pois do povo ele já o tinha, desde os já longínquos dias das refregas, e o povo sempre o considerou o expoente mais fiel de suas rebeldias, de sua dor, de suas aspirações e de sua violência justiceira.

(5) Publicado no Brasil pela editora Forense Universitáriia Rio, 1975. O texto transcrito está nas páginas 106, 107 e 108.

Francisco Villa, cujo verdadeiro nome era Doroteo Arango, que ele abandonou quando se colocou fora da lei. Nascido no ano de 1878, em San Juan de Rio Durango.

Existe uma categoria de pessoas fora da lei que é metade revolucionário social e metade bandido. Nechayev e Bakunin disseram que os bandidos da Rússia, com a sua tradição de roubarem dos ricos para darem aos pobres e protegê-los, eram os verdadeiros revolucionários, que deviam ser imitados por todos os revolucionários sociais. Na Inglaterra, o seu arquétipo mítico é Robin Hood; são muitos no folclore chinês; os grandes exemplos russos são Pugachev e Stenka Razin.

Pancho Villa pertencia a essa espécie. As condições no México eram especialmente favoráveis às suas violências, que contribuíram para a sua fama, junto com a de Zapata, que era mais sofisticado. Os pobres do México, geralmente índios e camponeses analfabetos, não tinham a menor probabilidade de protestarem contra a opressão dos brancos espanhóis e alguns já nativos latifundiários, que dominavam o país, só lhes restando uma saída, o banditismo, pois outra solução não existia. Villa recrutou seu exército no meio da população sofrida que queria vingança. Com a idade de dezesseis anos, Villa foi obrigado a fugir para as montanhas, pois matara um homem que violentara sua irmã, e daí para frente se tornou um chefe de revoltosos. Tinha uma certa consciência política, pois só atacava as grandes fazendas, de gente rica, que explorava os humildes, durante a ditadura de Porfirio Diaz. Quando, em 1910, Francisco Madero, chefe liberal, revoltou-se contra Porfírio Diaz e expulsou-o do país, Villa levou seus cavaleiros para apoiarem Madero, e quando ele chegou à presidência, Villa constituiu-se em chefe de um bando de patriotas *irregulares*. Como não se submetesse a qualquer disciplina, a sua constante insubordinação levou o General Huerta a prendê-lo e condená-lo à morte.

Madero comutou a sentença para a prisão perpétua, mas ele conseguiu fugir para os EUA. Quando Huerta mandou assassinar Madero e tornou-se ditador, um outro general, chamado Carranza, levantou-se contra o seu brutal regime de opressão e Villa imediatamente veio juntar-se a ele, organizando uma força de cavalaria que se tornou famosa. Carranza derrotou Huerta, com auxílio de Villa, e assumiu a presidencia, mas Villa voltou-se contra ele, sofrendo vários revezes, mas sempre controlando uma grande parte do norte do país.

Para mostrar sua força, ele aprisionou e executou 16 cidadãos norte-americanos e invadiu os EUA em 1916. O exército dos EUA expulsou-o e continuou a persegui-lo dentro do território mexicano, mas isso irritou Carranza, que se recusou a auxiliar na sua captura, tendo ele também encontrado auxílio entre a gente do campo, da província de Chiuahua, onde era considerado herói. Continuou suas hostilidades contra o governo de Carranza, e quando ele morreu, em 1920, Villa aceitou a paz, com a condição do governo lhe dar uma grande propriedade para residir. Foi, talvez, o grande e único erro de Pancho Villa, pois deu a impressão de algum mercenarismo. Mas logo que sua tropa o abandonou, ele foi assassinado traiçoeiramente, em 1923.

Capítulo 20

GUATEMALA – AS GUERRILHAS EM ASCENÇÃO

UM QUADRO DRAMÁTICO

A Guatemala, com quase 60 por cento de sua população indígena, oferece um aspecto trágico de miséria, de *"sistema feudal com um toque de capitalismo do século passado"*.

Declaração recente de um padre norte-americano da Ordem Maryknoll, Blase Bonpane diz, em relatório:

"A fome é quase generalizada. Há um sistema de trabalho escravo. Caminhões sobem a serra com carregamento de indígenas. Famílias inteiras são fretadas para plantar algodão e café na costa. Se um cavalo fica doente, chamam um veterinário. Se o doente é um indígena, nenhuma assistência. Muita gente começa a perceber que este é o pior tipo de violência."

O último censo realizado revelou que a concentração de riquezas está nas mãos de poucos potentados: 5 por cento da população recebem 34 por cento da renda nacional e 3 por cento das famílias possuem 72 por cento das terras cultiváveis. 72 por cento da população ativa, ou não tem emprego (22 por cento) ou estão subempregadas (50 por cento). 75 por cento das crianças com menos de 5 anos de idade sofrem subnutrição. 55 por cento dos guatemaltecos vivem em choupanas, mais de 60 por cento das casas urbanas não têm esgotos, apenas 13 por cento dispõem de água potável e 88 por cento não têm eletricidade. 63 por cento são analfabetos. O salário mínimo de um dia, quando há serviço, equivale ao que um operário norte-americano ganha em apenas 50 minutos, e assim ajudam a enriquecer as empresas da nação mais poderosa do mundo.

O próprio Instituto Nacional de Transformação Agrária da Guatemala admite a existência de meio milhão de camponeses, chefes de famílias com cinco pessoas em média, sem qualquer pedaço de terra, onde pelo menos possam fazer cultura de subsistência. A Guatemala possui seis milhões e meio de habitantes.

Na Guatemala existe um povo com muitas tragédias. *"Prefiro matar um homem que uma barata, porque um homem pode ressuscitar e uma barata não"*, dizia, no século passado, um dos vários ditadores que foram transferindo os ativos da Guatemala a empresas estrangeiras, até condená-la à desgraça, deixando o povo na miséria mais negra. Três empresas estrangeiras praticamente controlam o país (United Fruit, Internacional Railways of Central American e American Foreing Power). São donas de plantações, portos, estradas de ferro, meios de comunicação e fontes de energia. As concessões de petróleo da Standard Oil totalizam quatro milhões e 600 mil hectares, quase a metade do território guatemalteco. Só partidos apoiados pelas forças armadas e pela reação bem organizada vencem as eleições. Os moderados são passados para trás, e os de qualquer tipo de esquerda são proscritos. É por isto tudo que nas últimas eleições a taxa de abstenção chegou a quase 60 por cento e os votos nulos a 20 por cento. O *"eleito"*, em 1974, general Kiell Laugerud Garcia teve os votos de 8,3 por cento do eleitorado guatemalteco (1).

Esta situação caótica, afora a violência governamental que impera, fez com que houvesse tentativas de modificação.

Em 1954, o presidente Jacob Arbenz Gusmán, que morreu recentemente, no exílio, abriu uma brecha para rebelar-se contra este sistema de espoliação que transforma a Guatemala numa região altamente retrógrada da América Latina. Mas os Estados Unidos, através de uma manobra, planejada e executada pela CIA, depôs o presidente e restabeleceu o *status quo*, restaurando os privilégios de suas empresas e das oligarquias locais. Jacob Arbenz estava iniciando uma reforma agrária, para a distribuição de terras, não aproveitadas pela United Fruit e outras empresas monocultoras americanas, aos índios e camponeses. Queria, além do mais, fazer uma reformulação social e nacionalista (2).

As forças direitistas, invasoras, foram montadas em Honduras, pelos Estados Unidos, que enviou até aviões e cujo seu secretário de Estado, John Foster Dulles, era também advogado da United Fruit.

Os chefes militares de Albernz recusaram, ao seu pedido, de entregar armas e munições aos operários e camponeses e se voltaram até contra os mesmos.

Castillo Armas teve, como primeiro ato, devolver as terras expropriadas ao polvo norte-americano (3).

A segunda tentativa de recuperação da Guatemala teve início em 1959 e permanece até hoje. São as guerrilhas. Neste ano, após frustrado movimento militar, de objetivos redemocratizadores e anti-imperialistas, começaram as guerrilhas, com fins novos, com a intenção de modificar todo panorama dramático de miséria, pois nenhum governo tem oferecido um mínimo de garantia de direito e de progresso. A guerrilha passou a ser a única opção, na luta contra toda esta situação.

VIOLÊNCIA GOVERNAMENTAL

A violência, na Guatemala, começou em 1954, quando da deposição, por um golpe de força, de Arbenz, o coronel esquerdista. A frustração e os reclamos também começaram. E só a violência, a sistemática repressão de direita, poderia combater as aspirações populares. As pobres comunidades guatemaltecas foram lançadas ao caos, ainda pior do que suas vidas de secular miséria.

Os Esquadrões da Morte de todos os matizes passaram a agir e hoje, após 26 anos, foram, seguramente, assassinadas 65 mil pessoas, por razões políticas. Uma boa parcela morreu torturada, como provam as marcas encontradas nos cadáveres, o país está na onda do terror. Só de 1966 para cá as vítimas da repressão foram 40 mil. E as ameaças continuam, pois as organizações paramilitares, muitas vezes, mandam aviso prévio de extermínio. Estas organizações de direita radical fazem com que muita gente mude de domicílio dia após dia, noite após noite. Elas pretendem apagar a ferro e fogo todo rastro de esquerdismo, e com isto cada vez mais, desestabilizam a vida institucional do país. Todos os grupos paramilitares estão amparados pelo próprio governo ou pela oligarquia, que participa do poder junto com os militares. As vítimas são, numa proporçãao de mais ou menos 80 por cento, de camponeses e trabalhadores e os restantes são estudantes, profissionais e políticos de esquerda ou inovadores. No essencial, os conflitos sociais se resolvem freqüentemente com rajadas de metralhadoras ou tiros de revólver, ou os direitistas fazem suas vítimas desaparecerem. Mantêm prisões e até cemitérios clandestinos.

Em março de 1980 foi descoberto um cemitério clandestino localizado na área agreste do departamento de Chinaltemango, a 60 km da capital guatemalteca.

Centenas de cadáveres estavam enterrados e apresentavam marcas de balas, com as mãos atadas e com evidência de torturas. Todos tinham sido assassinados por terroristas da extrema direita e eram algumas mulheres e homens, na maioria, todos, porém, de aparência jovem.

Estes são os mais notórios tipos de Esquadrões da Morte: 1) Exército Secreto Anti-comunista; 2) Esquadrão da morte, propriamente dito, conhecido também simplesmente como G-2; 3) A Bandeira do Rei; 4) A Mão Branca; 5) Nova Organização Anti-Comunista Ojo por Ojo e 6) Movimento de Libertação Nacional, que dispõe de 3 mil homens e pode mobilizar 50 mil em poucas horas.

Também se formou, ultimamente, nas próprias fileiras policiais, o Comando-6, no qual figura mercenários do ex-ditador Somoza, que fugiram da Nicarágua.

O Partido Democrata Cristão da Guatemala, em junho de 1980, fechou todas as suas sedes oficiais, em protesto com a decisão política da extrema direita de acabar com a mínima possibilidade de democracia na Guatemala, retirando seus poucos representantes na Câmara dos Deputados e isto em conseqüência do assassinato de seis dirigentes da democracia cristã.

Nos primeiros seis meses de 1980, a extrema direita vem se especializando em assassinar jornalistas, tendo atingido 14 deles, num total desrespeito pela vida humana, e outros 45 foram obrigados a deixar o país, por receberem ameaça de morte.

AS GUERRILHAS

A Guatemala está convencida de uma verdade simples, que a guerrilha encarna e propaga: somente com o combate, a luta armada na sua expressão mais pura, se poderá conquistar terra e liberdade. E é por isto que os camponeses constituem uma boa parcela da esquerda em armas.

Um geólogo norte-americano, George Plafker, que visitou a Guatemala após o segundo abalo, ocorrido em 1976, declarou que, pelo menos, nos próximos 50 anos,

(1) Seu antecessor foi o general Carlos Arana Ozório (1970-1974), lançado por um partido de direita. Levou-se em consideração a reputação deste militar de lutador incansável contra as guerrilhas, e o seu sucessor, em 1978, foi outro general, Fernando Romeu Lucas Garcia.

(2) Arbenz tinha sido Ministro de Defesa do presidente anterior, o professor Juan José Arevalo, um esquerdista que fez grandes modificações a favor das classes trabalhadoras, nos setores da saúde e do ensino.

(3) O ditador Castillo Armas foi assassinado, em 1957, no palácio presidencial, por um soldado de sua própria guarda, que se enojou e se revoltou com tanta bandalheira deste pequeno agente do imperialismo.

a Guatemala não voltará a sofrer terremoto (4). Mas ninguém poderá garantir que não terminarão ali as violências e as guerrilhas. Os problemas políticos e sociais persistem. Não há programas humanos, abertura política, reforma agrária, distribuição de riquezas, e o governo é militar repressivo. Enquanto as massas camponesas não tiverem terras e assistência, e prevalecerem a miséria e as doenças decorrentes desta e a desigualdade na distribuição de renda, todos os guatemaltecos sofrerão a frustração dos mais pobres.

Nesta seqüência, nota-se que são quatro os tipos de violências na Guatemala, os terremotos, provocada pela natureza ímpia; a segunda, fomentada pelas forças regulares de exército e polícia, a terceira, pelos esquadrões da morte, nas suas diversas modalidades, a quarta pelos governos sempre reacionários. Destas violências estão excluídas as guerrilhas, que constituem, em uma última análise, uma verdadeira luta por uma vida digna para a maioria absoluta do povo. O mundo todo e o governo dos Estados Unidos ficaram muito embaraçados quando o Padre Thomas Melville fez a defesa, a justificativa das guerrilhas, em carta dirigida ao Senado norte-americano, dizendo que o povo da Guatemala estava sendo intoleravelmente provocado pela miséria, pela tortura e pela mòrte, e por isto, a causa dos guerrilheiros se tornou mais cristã do que a atuação do governo da Guatemala e dos seus aliados, as forças armadas dos Estados Unidos, que desde muitos anos vinham contribuindo por todas as formas, em apoiar esta situação, através da denominada Doutrina da Segurança Nacional.

Os guerrilheiros, ademais, sempre tiveram um poderoso aliado no clero jovem da Igreja Católica Romana. Uma grande parte dos padres sempre pregou a incompatibilidade do capitalismo na sua fase imperialista com os princípios do cristianismo. Nesse assunto, do ponto de vista da igreja, é de se citar o movimento marxista entre os jovens sacerdotes, com o apoio de um ou dois bispos, e organizados sob a sigla COSDEGUA (Confederação dos Partidos Diocesanos da Guatemala) que se dedicam ao combate contra o *"materialismo capitalista"*.

Os movimentos revolucionários guerrilheiros surgiram devido ao ressentimento da interferência imperialista dos Estados Unidos no governo do país, especificamente devido a deposição do governo eleito do presidente Arbenz. Sabendo que não teriam mais as reformas legais pelo parlamento, muitos grupos de esquerda recorreram à insurreição armada e propaganda entre os camponeses. A guerrilha surgiu, além do mais, da necessidade de anteposição às hordas remanescentes, de Castillo Armas, que vieram trazendo e iniciando a violência em sua forma mais atroz.

O movimento foi concretamente começado em 1959, por dois jovens oficiais do exército: MARCO ANTÔNIO YON SOSA, conhecido por "EL CHINO", por sua descendência chinesa, e LUIZ AUGUSTO TÚRCIUS LIMA, que haviam feito o curso completo de antiguerrilhas na Escola mantida pelos Estados Unidos, na Zona do Canal do Panamá. Abandonaram as fileiras regulares e passaram a liderar as guerrilhas. Depois de sobreviverem ao esmagamento de uma revolta militar reformista, eles pretendiam restaurar os direitos democráticos básicos, violados pelo governo ditatorial do General Miguel Ydigoras Fuentes (5). Atacaram diversos postos do exército e assaltaram os escritórios da United Fruit.Co., formando um fundo de luta. O movimento contava com forte apoio da gente do campo e dos estudantes universitários, mas não de um modo geral e total do Partido Comunista (PGT). O Ex-Coronel PAZ TEJADA também formou um segundo grupo de guerrilheiros,

(4) O mais violento registrado na América Central, em 4 de fevereiro de 1976. 60 cidades atingidas, 12 completamente arrasadas, quase 20 mil mortos. 60 mil feridos e mais de um milhão de desabrigados.

(5) Na sequência de ditadores, o general Fuentes esteve no poder de 1958 a 1964.

chamado Frente 20 de outubro, que pelejou, fez insurreições e tumultos, mas depois de algum tempo foi esmagado pelo exército.

TÚRCIOS LIMA e YON SOSA posteriormente separaram-se. TÚRCIOS formou o FAR – Fuerzas Rebeldes en Armas, como um ramo executivo do PGT, com o qual fez uma estranha aliança. Começou a organizar os camponeses da Sierra de las Minas para nova revolução, em 1964. TÚRCIUS, sempre um combatente destemido, recebeu outras adesões de guerrilheiros para a derrubada do regime. YON SOSA e seu grupo o MR 13, que tinha as simpatias troskistas da Quarta Internacional continuaram independentes. Ele fez uma proclamação, concitando a revolução socialista armada, à rejeição da linha pacifista e conciliatória de Moscou, e o reconhecimento dos Estados Unidos como o inimigo número um da Guatemala. Foram conquistados mais simpatizantes para a causa, com o prosseguimento dos combates, e os oficiais da polícia e do exército, conhecidos por suas crueldades contra os presos políticos, eram sumariamente fuzilados. O FAR rompeu com o PGT, mas trabalhava numa linha parecida e mais tarde o MR 13 também desligou-se da Quarta Internacional. O PGT quase sempre participou das guerrilhas, embora não tendo segurança de seu êxito final, e por isto tornou-se a juntar com o FAR, para continuidade da revolução armada, em linhas comunistas ortodoxas, mas esta nova combinação durou até março de 1966, quando, nas eleições, o FAR boicoteou-as, enquanto que o PGT decidiu votar contra os militares e a favor de Montenegro, candidato liberal.

Seguiu-se uma onda de grande agitação, com seqüestros, ataques e avanços guerrilheiros. Mas o exército, que não queria nem liberais, prendeu e assassinou o candidato Mario Mendez Montenegro, prendendo também diversos políticos e guerrilheiros. Nas eleições de 1966, um irmão do candidato assassinado foi eleito, Júlio Cesar Mendez Montenegro. Este recebeu como herança de Peralta a responsabilidade pelos presos políticos, que na realidade tinham sido executados secretamente. Mendez Montenegro foi obrigado a confessar e a FAR nada pôde fazer, a não ser soltar diversas personalidades, que etavam como reféns, em troca de apenas a libertação de um único guerrilheiro sobrevivente da chacina. TÚRCIOS LIMA era, nesta ocasião, uma figura já legendária, na boca dos camponeses, que lhe atribuíam grandes virtudes e o seguiam, apoiando todas as suas campanhas. Tinha aprendido a técnica da guerrilha, quando os americanos lhes ensinaram a combatê-la, em Forte Benning, Columbus, Geórgia. O ditador Peralta Azurdia chegou a pôr sua cabeça a prêmio, e ele pôs a prêmio a cabeça do ditador. Desde sua sublevação, em 1960, quando tinha apenas 24 anos, ele burlou a morte uma dezena de vezes. Mas a morte, por ironia do destino, ganhou, quando seu carro se incendiou numa estrada das montanhas, em 1966. Após este acidente, com a perda de uma grande figura da guerrilha, esta enfraqueceu. Um jovem, CÉSAR MONTEZ, seu lugar-tenente, o sucedeu. Os guerrilheiros sofreram diversas derrotas, tendo inclusive sido morto um outro destacado ativista, o comandante CAMILO SANCHEZ. O enfraquecimento ocorria ainda por lutas internas dentro da própria guerrilha, que foram obrigadas a se congregarem novamente.

O ano de 1967 foi uma longa noite de São Bartolomeu. Com métodos de Guerra suja e ganhando fortunas dos cofres públicos, o exército, a polícia e as organizações de esquadrões da morte, assassinaram uma multidão de pessoas. TÚRCIOS ficou apenas na história da guerrilha, pois desejava colocar um obstáculo definitivo à intervenção norte-americana, disfarçada nos corpos de paz e missões. Dizia que o problema camponês da Guatemala só podia ser resolvido com a integração dos índios à vida política e social do país, e através, exclusivamente, da luta armada. Seus exemplos e ensinamentos deram origem à famosa guerrilha da

Serra das Minas, que estava integrada por indígenas das duas Verapaces (a alta e a baixa) e por camponeses de outras regiões. Um dirigente revolucionário indígena, EMÍLIO ROMAN LOPEZ, conhecido por PASCUAL, era um líder de grande influência, tornando-se o segundo comandante geral da FAR. Era um homem de religião protestante, evangelista. Morreu combatendo, em fins de 1967. Outro guerrilheiro de importância, morto na campanha, foi OTTO RENÉ CASTILLO, cujo corpo foi encontrado carbonizado em Zacapa. Fora considerado o melhor poeta jovem da Guatemala. Vivera exilado (*"o exílio é uma avenida longuíssima, por onde caminha a tristeza"*) e regressara ao seu país para lutar; profeta de seu próprio sacrifício, escrevera um dia:

"Vamos em frente, pátria, eu te acompanho,
Descerei aos abismos que me indicares,
Beberei teus cálices amargos,
Ficarei cego para que tenhas olhos,
Perderei a voz para que tu cantes,
Hei de morrer para que não morras."

Em 1970, tombou em território mexicano, onde se encontrava, refazendo forças, provisoriamente, YON SOSA. Por adversidade da sorte, YON SOSA morreu lutando contra uma patrulha do próprio exército mexicano, nas divisas da Guatemala, nas margens do rio Lacantun.

YON SOSA foi a maior perda da guerrilha nos últimos tempos. Com ele, tombaram mais quatro companheiros.

Em 1974, os remanescentes dos grupos guerrilheiros voltaram à ação em diversas regiões da Guatemala, com vitalidade renovada, mal grado às campanhas de extermínio, estilo Vietnam com uso de até *napalm*.

O *napalm* foi usado novamente na Guatemala, para se desalojar e matar barbaramente um grupo de camponeses, que tinham entrado na embaixada espanhola, para reclamarem, pacificamente, contra os seqüestros e o assassínio de seus colegas, da região provincial de Quiche, ao norte do país. Queriam ajuda para denunciarem a escravidão a que se encontravam submetidos. Em ação brutal, foram mortos 39 pessoas, sendo o edifício totalmente incendiado. O embaixador saiu ferido gravamente e um único sobrevivente camponês foi morto no hospital, a tiros, para onde tinha sido levado, em precário estado.

Este episódio, este massacre de fevereiro de 1980, fez aflorar, mais uma vez e acentuadamente, o drama da Guatemala.

Os próprios meios oficiais de Madrid, na ocasião, justificaram a atitude dos camponeses de El Quiche, cuja situação desesperadora era conhecida em muitos círculos espanhóis. Nesta região, existe uma missão de sacerdotes austurianos da Diocese de Oviedo. Um padre que lá esteve, Luiz Legaspi, declarou que:

"A população vive em condições dramáticas, com uma renda, por trabalhador, que não chega a cem dólares por ano. Os latifundiários, depois de lhes tomar as terras, submetem-nos a regime de parceria, mas lhes impedem de aproveitar a fertilidade do solo e obter duas colheitas de milho por ano, a fim de os manter em permanente dependência. Além disso, como operam na região algumas forças guerrilheiras e o exército se mostra impotente para lhe dar combate, os militares exercem repressão sangrenta contra a população, a fim de justificar a sua presença na área".

Este padre estranhou ainda a atitude conservadora de seus colegas de missão, diante de tanta injustiça.

Um depoimento de militantes das comunidades cristãs da Guatemala, em visita a São Paulo, traduziu todas as violências cometidas pelo exército, na região de Quiche (um dos 22 departamentos da Guatemala, habitado basicamente por índios quiches, uma das 22 etnias que vive no país). Essa área, ao norte da Guatemala, conhecida como Transversal del Norte é rica em minerais (níquel e petróleo, principalmente), sendo também fértil para lavouras, criação de gado e para a exploração da madeira. Ali, 75 por cento da população, predominantemente indígena, vive em pequenos lotes de terra (as quadrilhas), que acabam funcionando como reserva de mão-de-obra barata para as grandes propriedades. A partir de 1975, começaram a se instalar na área destacamentos do exército, como que se inciaram as queimas de ranchos e colheitas, roubos de dinheiro e animais, ameaças com armas às mulheres, para poder violentá-las (há casos de meninas de 10 anos estupradas por elementos do exército), roubo até de almoços dos indígenas, que trabalham no campo, seqüestro, torturas, desaparecimentos, assassinatos e massacres dos quiches e ixilles. O objetivo dessas ações é claro: cansados de servir de guardião dos ricos, os coronéis e generais também querem ser ricos e, por isso, começam a roubar terras. Com as violências surgem os protestos e os primeiros ensaios de mobilização, duramente reprimidos, como o que aconteceu em Uspantan, também na região norte: nove indígenas foram presos e torturados ao longo de três meses. Depois, o exército anunciou que ia liberá-los, mas exigiu que vestissem o uniforme verde-oliva e levassem com eles velhas armas vazias. Era uma emboscada: ao saírem, todos foram mortos, e um deles queimado vivo.

No agravamento destas situações retratadas acima, e de outras, é que um grupo de indígenas decidiu ir até a capital, e cujo desfecho causou repulsa de todo o mundo.

A conclusão final é a seguinte: é o próprio governo e a difícil situação que os indígenas estão sendo levados a viver que empurram parcelas sempre maiores do povo para a guerrilha. Hoje há um crescente número de índios – principalmente ixilles – que aderem às guerrilhas, um fenômeno certamente inédito nesta América Latina tão conturbada.

A Anistia Internacional, em Londres, lançou, em setembro de 1979, uma campanha de âmbito mundial, destinada a denunciar a onda de crimes políticos, torturas e seqüestros na Guatemala. Esta campanha se intitulou Ano dos Direitos Humanos na Guatemala – Um calendário de abusos.

A ditadura guatemalteca foi acusada de promover uma vaga de assassinatos políticos nos últimos 16 meses, vitimando duas mil pessoas, sobretudo militantes da oposição. O volume vai assim aumentando. Foi relatado que os índios quiches, ameaçados de perderem suas terras, cultivadas por seus ancestrais, dirigiram-se em grupo na cidade de Panzos, para exporem suas reivindicações às autoridades locais. Foram massacrados e entre os cadáveres havia 35 crianças e mulheres. A premeditação do assassinato transpareceu por um macabro detalhe: 48 horas antes que chegassem a Panzos, a polícia já havia determinado a abertura de covas coletivas, para enterrar suas vítimas.

Casos semelhantes a este acontecem sempre e a Anistia, numa linguagem categórica, atribuiu *"a responsabilidade dessa nova vaga de violências ao governo, às*

forças militares e de segurança, e aos esquadrões da morte semiclandestinos, dos quais alguns agem com a cumplicidade do governo".

Nesta mesma ocasião, a Comissão Internacional de Juristas, sediada em Genebra, advertiu que pode entrar em andamento uma situação revolucionária na Guatemala, onde o povo está criticando cada vez mais a corrupção do governo. O relatório afirmou que:

"Há sinais evidentes de uma situação pré-revolucionária, que pode estar se desenvolvendo, em virtude da crescente percepção do povo de que o poder provocou a corrupção do governo, a venalidade nas Forças Armadas e a ganância da classe proprietária. A maior parte dos assassinatos são decorrentes da repressão, pelas forças militares e organizações clandestinas paramilitares, que atuam em defesa dos interesses dos grupos dominantes, formados pelos setores proprietários".

As seções da Anistia de Paris e da Bélgica secundaram estas denúncias posteriormente.

Em fevereiro do ano seguinte, o Parlamento Europeu aconselhou os países membros a tomarem medidas, de caráter diplomático, contra o governo da Guatemala, sugerindo a redução do número de diplomatas, acreditados neste infeliz país centro-americano. A resolução criticou ainda *"a violência terrorista que atinge o povo guatemalteco, especialmente a população indígena, condenada à miséria e à extorção pelas Forças Armadas."*

O ditador General Lucas García dirige campanha destinada a afastar cada vez mais a oposição do poder e dar recompensa aos seus partidários. Inclusive dois políticos sociais-democratas foram assassinados, com pouco tempo de diferença – exatamente no instante em que haviam terminado o trabalho de criação dos seus partidos.

O mais vigoroso retrato da Guatemala foi feito pelos padres da Companhia de Jesus, que lá trabalham. O título do documeto foi Ante a dor, a esperança do povo da Guatemala, que disse, entre outras coisas:

"Com sinceridade e humildade evangélicas, nos sentimos no dever de romper um longo silêncio, frente ao clamor que brota de milhões de irmãos empobrecidos e oprimidos da Guatemala, onde domina um sistema de poder anticristão, que mata a vida e persegue quem luta por essa mesma vida." Estes 52 padres *"se sentem parte da Igreja, cujo dever é ser a voz de quem não pode falar ou de quem é silenciado"*, afirmando que na Guatemala *"se seqüestra e se assassina com a cobertura de carros sem placa, em emboscadas noturnas, num terror seletivo e às vezes maciço e indiscrimiado."* Lembru ainda o documento que *"em dez meses de 1979, 3.252 pessoas foram assassinadas pelos chamados esquadrões da morte, e não existem presos políticos, só mortos desaparecidos."* Num parágrafo dedicado aos índios, os padres lembram que esses constituem *"mais da metade da população do país e produzem a maior parte da riqueza nacional, mas assim mesmo são explorados e discriminados, em flagrante violação a seus direitos fundamentais e constitucionais. Fechar os olhos diante destas verdades, sob o pretexto do anti-comunismo, equivale ao que afirmou a Igreja latino-americana em Puebla: 'O temor do marxismo impede a muitos de enfrentar a realidade opressiva do capitalismo liberal'."*

Todos os sacerdotes desta entidade, como não poderia deixar de ser, foram ameaçados de morte pela organização terrorista – a mais atuante – de extrema direita e autodenominada Exército Secreto Anticomunista.

As guerrilhas nunca foram extintas. Estão se organizando novas frentes. Sua influência ainda é grande, e ressurgem hoje com vitalidade renovada. E continuarão, por todos os motivos apontados, e até com boas possibilidades. Pelos diversos fatores, as perspectivas das guerrilhas aumentam muito e muito. Um deles, psicológico, foi a subida ao poder, na Nicarágua, de seus colegas sandinistas.

Na atualidade, existem três correntes ou frentes guerrilheiras: Forças Armadas Revolucionárias (FAR), as mais antigas, que lutam desde 1960, o proscrito Partido Comunista, que, na Guatemala, denomina-se Partido Guatemalteco do Trabalho, e que, embora sendo de linha moscovita, é, talvez, o único, na América Latina, favorável ao combate armado. A Organização do Povo em Armas (ORPA) e o Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP), o mais poderoso e atuante (6).

A união dos grupos guerrilheiros, embora pouco teórica, com esquemas para os rebeldes, num futuro próximo, foi anunciada em Paris, no início de junho de 1980. Decidiram as quatro organizações guerrilheiras *"trabalhar juntas, a nível político-militar, e levar adiante uma guerra popular, contra a ditadura do general Lucas García".*

Em extenso comunicado, o EGP, a ORPA, a FAR e o PGT expressaram que:

"As lutas de todos os setores populares e democráticos guatemaltecos se fundem na autodefesa combativa das massas e com o acionar decisivo da guerra de guerrilhas. Um elemento decisivo da vitória revolucionária é a materialização do processo unitário", embora reconheçam que ainda *"restam problemas para serem resolvidos"*. Os signatários do comunicado consideram que deram *"um passo para a constituição, na Guatemala, de uma ampla frente revolucionária, popular e democrática."*

As guerrilhas agem em todos os setores que lhes são específicos. Tomam parte em combates com forças regulares do exército, da polícia, e das chamadas paramilitares. Atacam quartéis, patrulhas, procuram eliminar os chefes militares mais reacionários. Praticam seqüestros de personalidades governamentais, visando, em contrapartida, fundos para a continuidade da luta e geralmente apreciam como exigência a publicação de seus manifestos explicativos em grandes jornais de circulação nacional e inclusive mundial. O *New York Times* e o *The Washington Post* já estamparam longos documentos do Exército Guerrilheiro dos Pobres. E até mais de 200 ministros de Finanças, banqueiros internacionais e economistas escutaram, em completo e constrangido silêncio, durante a abertura da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento Econômico, um manifesto do EGP. Foi exigência para a libertação de um diplomata, tendo sido distribuídas muitas cópias entre os participantes e jornalistas presentes. Este documento denunciava o desvio e a má utilização dos recursos fornecidos pelo BID para ajudar na reconstrução dos terremotos de 1976, além de acusar a repressão exercida por diversos governos da América Central, e concluía:

"Estão profundamente enganados os senhores governadores, banqueiros, funcionários e empregados nas empresas imperialistas, dos diferentes países que par-

(6) O PGT teve quase toda sua velha guarda morta pelos órgãos de segurança, em 1972, mas não desapareceu e se rearticulou, fortemente, seis anos após. Desde 1960, optou pela luta armada, quando se fundiu com o Movimento 13 de Novembro, chefiado pelo falecido líder guerrilheiro YON SOSA. Exerce grande influência na Universidade Nacional, onde tem o maior número de simpatizantes. Sua atuação, porém, nas guerrilhas é considerada fraca.

ticipam nessa reunião, se acreditam que ainda podem enganar, com sua política financeira a serviço das classes dominantes dos Estados Unidos, dos grandes monopólios e das grandes oligarquias da América Latina, os povos dos países do nosso continente".

Também um novo e independente grupo guerrilheiro, muito preparado, tem base no oeste da Guatemala, sendo liderado por RODRIGO ASTURIAS, um ex-membro das FAR. ASTURIAS tinha estado anteriormente em Cuba, e inclusive assistiu às comemorações do 21º aniversário da Revolução Fidelista que segue à risca.

Um notável movimento guerrilheiro é o EGP, cuja importância já é avaliada, seriamente, em organizações políticas, com forte gravitação na estratégia do Ocidente. A revista de larga circulação latino-americana *Nuneva Sociedad* publicou, na íntegra, um documento do EGP, que sustentou:

"Nunca, como agora, a conjuntura centro-americana foi tão favorável ao desenvolvimento de processo revolucionário. A luta é colocada em termos regionais e não nacionais".

A revolução da Nicarágua foi citada como um fator de mutações, que não podem ser compartimentadas e a correlação de forças passou a ser favorável às aspirações populares. O EGP colocou-se, sem subterfúgio, num campo socialista pró-soviético, com acusações à China de traição e abandono dos princípios revolucionários.

"Há uma crise no sistema capitalista", diz o documento, ao mesmo tempo em que ocorrem *"reajustes e revitalização das posições revolucionárias, no âmbito do campo solicialista mundial"*. Cuba é citada e surge como a *"vanguarda do socialismo no continente, o primeiro salto qualitativo da luta dos povos latino-americanos, pela libertação definitiva". Este manifesto está conseguindo a adesão de camponeses indígenas, esboça a intenção de transformar a Guatemala em uma nova Cuba, sendo que a única solução é o socialismo, que elimina as fronteiras da exploração e da divisão de classes".* Os guerrilheiros do EGP, em suma, exigem, pelas armas, as reformas mais radicais possíveis.

Hoje, o principal guerrilheiro do EGP é CÉSAR MONTES, um estudante de Direito, que não terminou o seu curso, pois está nas guerrilhas desde 1962, quando tinha apenas vinte anos. CÉSAR MONTES é conhecido por seus companheiros como "EL CHIRÍS", uma palavra guatemalteca que significa o garotão. Pequeno, magro, de traços delicados, assim é ele. A história deste rebelde é simples: explosão de raiva quando caiu o governo revolucionário de Arbenz; aos dezoito anos, as manifestações estudantis, os companheiros desarmados que caem sangrando, a cadeia pela primeira vez, e aos 20 anos a sorte estava lançada, o desafio aceito, a luta escolhida: é a vez da serra, andar até desmaiar, com os dentes apertados, sem soltar uma queixa, nem jamais pedir trégua, e aos 24 anos já era comandante de movimento guerrilheiro. Certa feita, foi entrevistado nas selvas do oeste da Guatemala e portava a encíclica *Popolorum Progressium* do papa Paulo VI. Seus companheiros, camponeses da guerrilha, contam que até as cobras o respeitam. Este denodado combatente acentuou:

"O guerrilheiro é, essencialmente, um lutador agrário. Levantamos uma bandeira fundamental que é a nossa principal reivindicação: a terra para quem trabalha nela, de uma forma ou de outra. Buscamos diferentes soluções para as diferentes regiões e diferentes problemas. O certo é que tanto o minifúndio, como o latifúndio, fizeram muito, mas muito dano à Guatemala. A propaganda armada sempre nos trouxe bons resultados, para levar a Revolução até a população camponesa. Por exemplo, quando tomamos Panzós, que está na zona indígena, onde só se fala quelchí, primeiro ocupamos o destacamento militar, onde obtivemos uma metralhadora MG-34. Depois, através de um alto-falante, que existia na Prefeitura Municipal, um Guerrilheiro, que conhèce a língua quelchí, começou a falar às pessoas. Os índios tinham ficado assustados com os tiros e se esconderam nos morros ou se trancaram dentro de casa. Mas nem bem escutaram as palavras de Revolução, ditas em seu próprio idioma, começaram a se aproximar. Prometer não lhes prometemos nada. Prometemos luta, exigimos deles que lutassem por seus direitos, por aquilo que lhes faz falta. Os guerrilheiros estão começando a trabalhar e a lutar com métodos diferentes dos utilizados em Zacapa. Não é algo que possa fazer artificialmente. Um grupo armado atua onde a situação se encontra mais explosiva, ali onde o povo está vivendo uma situação que pode não ser politicamente clara, mas será definitivamente urgente, no plano animal de defesa da vida, como hoje está ocorrendo em muitas partes da Guatemala. Sabemos que os índios formam mais da metade da população, que são eles que vão decidir, de maneira definitiva, a sorte da Revolução neste país. Mas o trabalho se faz devagar, com paciência, com dificuldade. Existem quatro séculos de justa desconfiança dos índios com relação aos 'ladinos', como aqui chamamos aos mestiços e brancos."

O fato recentíssimo, da adesão positiva e concreta, de grandes setores da população indígena, aos guerrilheiros, para a luta armada, contra o governo, dá a estes uma nova dimensão.

O Exército Guerrilheiro dos Pobres, já ficou acentuado, é o principal grupo guerrilheiro e, apesar de seus líderes serem estudantes da classe média e intelectuais, constatou-se que inúmeros índios, inclusive mulheres, estão integrando as colunas rebeldes, que atuam cada vez mais intensamente na populosa região de montanhas, a noroeste do país.

Em 1979, a guerrilha ocupou, temporariamente, cerca de 70 cidades e organizou comícios políticos, nos quais os discursos eram feitos em língua espanhola e indígena. Todas as informações dão conta de que os índios guerrilheiros fazem proselitismo ativo, junto com seus parentes.

O recrutamento de índios para a guerrilha dá um novo traço potencial à crise política na Guatemala. Agora eles estão participando, quando no passado evitaram conflitos políticos com as minorias dominantes, quando nenhum governo ou partido teve qualquer preocupação com o seu bem-estar.

Apesar de viverem na miséria, com uma subnutrição crônica, os índios conservaram a sua língua, costumes, tradições e religião, rejeitando conscientemente a influência da sociedade branca. Mas, devido à sua superpopulação, desemprego e racionamento de alimentos, nas montanhas centrais, todo o ano, cerca de 500 mil índios são forçados a migrar para as áres costeiras tropicais, no Sul, para trabalhar com salários da fome e do medo, no cultivo do algodão, do café e do açúcar, principais fontes de divisas no comércio externo da Guatemala. Apesar de não terem nenhuma influência política, os índios têm um importante papel na economia do país.

E a guerrilha chegou à conclusão de que não é possível uma revolução socialista no país, sem a participação dos índios, e por isto está conquistando e obtendo esta colaboração.

O Exército Guerrilheiro dos Pobres começou a atuar para valer, desde 1975, incorporou muitos remanescentes de grupos guerrilheiros anteriores, e abandonou

uma tradicional tática de recrutamento de estudantes universitários, e se instalou na decadente província de El Quiché. No início, até mesmo os esquerdistas da cidade da Guatemala deram pouca importância ao grupo. Mas os guerrilheiros escolheram a estratégia da luta popular prolongada, mantendo um rígido esquema de segurança, que impediu a infiltração de informantes do governo. E se expandiu suas atividades e já estão na escalada da guerra revolucionária.

Capítulo 21

BELIZE – DIREITO INALIENÁVEL À LIVRE DETERMINAÇÃO

EX-HONDURAS BRITÂNICAS

Belize, até mesmo antes de 1973, era simplesmente Honduras Britânicas. Está em plena América Central, banhada pelas águas sempre revoltadas do mar das Antilhas. Colônia Britânica, com muitas autonomias internas, está próxima da plena liberdade.

Uma assembléia geral da ONU aprovou resolução, reafirmando o direito inalienável do território à independência e livre determinação, e apelou à Grã-Bretanha e à Guatemala para que se abstivessem de usar a força, para conclusão do problema.

E problema surgiu, pois o governo ditatorial e fascista da Guatemala queria, de qualquer jeito, usando seus tanques de fabricação norte-americana e seus aviões importados de Israel, fazer uma pirataria moderna e invadir Belize. Os Estados Unidos chegaram até a não ver com bons olhos uma Belize negra e independente, a poucas milhas de Cuba.

A voz mais atuante em defesa de Belize livre tem sido a Costa Rica, que chamou a atenção para as particularidades do povo de Belize, que formou, ao longo dos anos, sua própria identidade.

Belize chegou até a temer a independência, e ver-se desprotegida militarmente da Inglaterra, e quer da antiga metrópole garantias contra a expansão intervencionista. E o confronto armado entre a Guatemala e a Inglaterra quase ocorreu. Esta queria até deixar Belize e não pôde fazê-lo, apesar de ter lá apenas uma presença militar simbólica, mas chegou a enviar barcos de guerra, no auge da crise.

O primeiro-ministro de Belize, George Price, tem declarado que não quer a incorporação ou cessão de nem uma polegada de terra da sua pátria à Guatemala, a troco de todo o ouro do mundo. Tem assegurado que a idéia que seu país seja livre e independente é sustentada e compartilhada por todo o Terceiro Mundo. Não seria

na verdade fácil aos belizenhos, que bem ou mal se habituaram ao estilo político de seus colonizadores, com Parlamento, Partidos, eleições regulares e liberdade se atrelarem à força a um país onde, nos últimos dez anos, mais de vinte mil pessoas foram ilegalmente executadas.

Na América Central, quase todos os países estão dando apoio à plena independência da Belize, inclusive militarmente. MAURICE BISHOP é um novo revolucionário das Antilhas. É de um pequeno país-ilha, Granada, entretanto é o que mais fala e anda. Nas suas visitas aos países vizinhos da área, formula declarações e faz tratados de defesa de Belize livre.

INTERESSES ECONÔMICOS

Por trás de todo o problema existem ainda interesses econômicos. A Guatemala queria ao menos um pedaço do território, potencialmente rico em petróleo, e isto envolve o interesse também de poderosos grupos internacionais. Corre um processo judicial em Belmopan (capital), sobre direitos de exploração da área, que é semelhante à de Rubelsanto, na Guatemala, onde está prevista uma produção diária de quarenta mil barris de petróleo e mil toneladas de amônia, total suficiente para suprir, com sobras, todas as necessidades guatemaltecas de combustíveis e fertilizantes.

Nesta história toda, entram também os grandes interesses da Exxon, que juntamente com a International Nickel, a Watherford Internacional e a Canadian Superior está perfurando poços na região. A International Nickel fez grandes investimentos nas minas de níquel de Exmibal, em Belize, e tem interesses nas reservas de Rubelsanto.

Uma competição imperialista não será tolerada por Belize, apesar de estarem em jogo, na região, interesses econômicos que se avivam toda a vez que se fala em petróleo, e não é de se duvidar que os monopólios norte-americanos incentivem, por trás da cortina, a sanha da Guatemala. A Anglo Exploration Corporation já revelou, oficialmente, que existem mesmo reservas de petróleo de *"vários bilhões de barris"* e é uma das candidatas à exploração.

A Guatemala tem suas pretensões de domínio e tem ainda reafirmado que Belize é parte de seu território.

Em agosto de 1980, George Price reuniu-se com o chanceler britânico Lord Alexander Carrington, na cidade do México, para se discutir mais uma vez a independência definitiva de Belize, que tem sua defesa e política externa controlada pela Grã-Bretanha.

A grande pergunta é a possibilidade posterior da interferência cínica e violenta da Guatemala.

PRICE SE JUNTA AOS ESQUERDISTAS

Belize se alinhará aos esquerdistas e revolucionários de toda sua região. A América Central e as Antilhas terão mais um companheiro avançado em Belize, na pessoa de seu primeiro ministro George Price, que por ocasião das festividades do primeiro aniversário da guerrilha nicaragüense, foi um dos oradores bem aplaudidos.

Price interveio para dizer que a *"Revolução Sandinista é irreversível, deve ser a base e a orientação para os esquerdistas na América Latina"*, e *"a Revolução é a força motriz que muda a história"*.

E com isto Belize já traçou sua posição ideológica no contexto de sua futura nação.

A última reunião dos países membros da Organização dos Estados Americanos, realizada em fins de novembro de 1980, na capital dos Estados Unidos, aprovou, por 18 contra 1, resolução defendendo o direito do povo de Belize à auto-determinação, independência e integridade de seu território.

A Grã-Bretanha acabou promovendo uma conferência constitucional, para conceder a independência de Belize, com ou sem acordo com a Guatemala. Mas este acordo se deu e Belize se converterá, em dezembro de 1981, no país número 155 das Nações Unidas. As *Bases de Entendimentos* prevêm, entre outras coisas, a concessão de águas territoriais à Guatemala, sendo que esta e Belize farão a exploração conjunta do petróleo na plataforma do Caribe. Belize permitirá, também, a passagem dos oleodutos, que levarão o petróleo guatemalteco até os navios do Atlântico, e outras partes da convenção serão fixadas posteriromente. (1)

(1) Violentos protestos e greves eclodiram em Belmopan, capital de Belize, no início de abril de 1981, com a população exigindo independência completa, sem nenhuma concessão à Guatemala. Passou-se a exigir um plebiscito para que o povo de Belize possa dar sua opinião.

Capítulo 22

HONDURAS – UMA AUTÊNTICA REPÚBLICA BANANEIRA

FATORES CONTRA OS GUERRILHEIROS

A surrada teoria do dominó é difícil de ocorrer, com relação a Honduras, na América Central, mas não impossível. Isto porque, após a derrocada do regime arbitrário e malfadado de Anastásio Somoza, na Nicarágua, os seus vizinhos de Honduras colocaram-se de plantão, para que fosse instalada, o mais brevemente, uma democracia. Afinal, após a vitoriosa guerrilha sandinista, na Nicarágua, os Estados Unidos e os países do Bloco Andino estão se desvencilhando da política antes apresentadada com as ditaduras remanescentes no continente.

No exterior, nos demais países da América, Honduras não tinha condições de buscar apoio de ninguém, e internamente tentou-se tomar algumas precauções: para evitar-se guerrilhas vitoriosas, em abril de 1980, foram prometidas eleições livres e democráticas, e o próprio exército garantiria um sufrágio limpo e honesto. Entretanto, estas eleições foram uma farsa, sem valor. Outra solução seria incorrer-se no risco das guerrilhas, que apesar de serem de remota hipótese, mas com alguma possibilidade, estão incubadas em Honduras.

Em 1977, quando os sandinistas iniciaram a etapa final da luta que acabaria com Somoza, os centros de informações secretas dos Estados Unidos registraram contatos entre as guerrilhas da Nicarágua, El Salvador, Guatemala e Honduras. É sabido também que guerrilheiros destes últimos países ajudaram os nicaragüenses, e estão no aguardo de uma contra-partida.

Três fatores básicos influíram para a não proliferação acentuada de guerrilhas em Honduras: quase sempre uma ditadura militar com apoio reacionário, quer interno ou externo, este dado pela dominante United Fruit, que hoje se denomina United Brands, a existência de dois partidos tradicionais, que se degladiavam sempre, iludindo o povo, e a tensão da guerra do futebol com El Salvador, que entre

prelúdios, ação propriamente dita e conseqüências, durou de 1968 a 1972 (1). Foram anos em que o povo ficou despertado para um combate contra um país estrangeiro. A guerra contra o vizinho El Salvador, que invadiu o território hondurenho, em junho de 1969, fez com que o apoio popular aos militares chegasse a um ponto alto, e o exército soube empregar esse apoio e acenar com novas ameaças, vindas de El Salvador, para manter-se comodamente no poder. Com isto, as guerrilhas ficaram paradas e muitos guerrilheiros até ajudaram as tropas regulares do exército.

Apenas em 1979, houve um acordo de pacificação prévia entre El Salvador e Honduras, mas os ressentimentos ainda persistirão, apesar de haverem assinado, um ano depois, um tratado de paz definitivo, que foi mediado pela Organização dos Estados Americanos, através do embaixador peruano em El Salvador José Luiz Bustamante.

Por muitos anos, cartazes incitavam os hondurenhos a serem bons soldados, porque para desviarem outras atenções diziam que os problemas das fronteiras eram importantes.

Das atuais repúblicas bananeiras da América Central, Honduras seria a menos infectada e sujeita a guerrilhas, aspecto que poderá mudar.

Teve o privilégio de ser, em 1979, sede da Conferência de Treinamentos das Forças Aéreas do Continente, que é um tipo de Conferência dos Exércitos Americanos.

Honduras conta ainda hoje com mais de mil membros da extinta guarda nacional de Somoza, que lá estão asilados, ou em expectativa de atacarem a nova Nicarágua, ou então defenderem, como mercenários, os possíveis guerrilheiros da própria Honduras. E já ocorreram algumas invasões esporádicas da Nicarágua pelos mesmos, que nas fronteiras têm cometido até assassinatos de indefesos camponeses.

POLÍTICA, CORRUPÇÃO E POBREZA

Honduras é uma autêntica república bananeira da América Central, na sua expressão mais pejorativa.

Os sentimentos populares são amordaçados de uma maneira incrível. Na Guatemala, seus vizinhos, os índios que se constituem em mais de 60 por cento da população, são analfabetos e miseráveis, mas têm um sentimento de patriotismo ímpar, que lhes é levado por uma tradição milenar e por verem a riqueza de suas terras nas mãos dos latifúndios não aproveitados, enquanto que em Honduras, apesar da pobreza, há um conformismo, uma indiferença decorrentes de diversos fatores.

Quanto aos partidos, sempre atuaram num passado recente, o Liberal e o Nacional, pois o Democrata-Cristão e outros ficaram à margem das iniciativas políticas relevantes.

Nas eleições de 1971, os dois partidos assinaram um acordo semelhante ao da Frente Nacional da Colômbia. A presidência seria ocupada pelo candidato que obtivesse maioria nas urnas, mas as cadeiras do Congresso e do Poder Judiciário e os cargos públicos seriam divididos entre os dois partidos. Tinha um objetivo de acabar com as *"lutas políticas que entravavam o progresso do país..."* Os outros foram excluídos do acordo. Ficaram afastados os Partidos Democrata Cristão, o de

(1) Esta famosa guerra explodiu com a expulsão, por Honduras, de milhares de migrantes do superpovoado El Salvador, que trabalhavam nas plantações hondurenhas de banana, por ocasião, principalmente, das colheitas. Um jogo de classificação para o campeonato mundial de futebol criou a faísca para a luta (a partida jamais terminou e muitos jogadores e torcedores foram mortos ou feridos).

Renovação, Unidade Popular e o Comunista, que apenas agia na clandestinidade. A abstenção e os votos nulos e brancos somaram mais de 50 por cento.

O eleito foi Ramón Ernesto Cruz, deposto um ano após, por um golpe do general Osvaldo Lopez Arellano. Este militar já havia, em 1963, derrubado outro presidente civil, o liberal Ramón Villeda Moralez, alegando que o mesmo era esquerdista e que a infiltração comunista e as atividades guerrilheiras estavam dando problemas no país. A verdade é que Villeda Moralez estava tentando um projeto de reforma agrária, que atingia especialmente os interesses da United Fruit e dos latifundiários locais.

Costuma-se dizer que havia, em Honduras, até há bem pouco tempo, dois governos: o eleito (ou militar-ditatorial) e o manobrado pela United Fruit. Basta dizer que, em 1975, esta companhia pagou alguns milhões em gorjetas, para convencer os governantes hondurenhos – o que conseguiu com sucesso – a baixarem as novas taxas sobre as bananas.

Acusado de corrupto, o presidente ditador e contumaz golpista, General Arellano, foi afastado do poder, sendo substituído pelo Coronel Juan Alberto Melgar Castro (2).

E a natureza parece ainda castigar os países onde impera a exploração, a espoliação da maioria pela minoria. Em 1974, um furacão devastou a melhor região de Honduras, a Costeira, ao norte, onde se concentra a grande parte das indústrias do país, além de grandes áreas de cultivo. E uma feroz seca, nos últimos meses de 1975, se fez sentir em todo o país.

Mas Honduras é uma das mais pobres repúblicas da América Central. 51 por cento ficam com apenas 13 por cento da renda do país e a situação é particularmente dramática. 70 por cento da renda de Honduras vão para as mãos de apenas 20 por cento de privilegiados hondurenhos, a aristocracia do café e alguns testas-de-ferro das multinacionais. Destes, 50 por cento – as famílias olgárquicas se apropriam de 33 por cento. A elevada concentração da propriedade rural é um dos primeiros fatores da distribuição desigual de renda (3).

As propriedades maiores, cinco por cento do total, acupam 67 por cento das terras disponíveis. Um imenso número de famílias camponesas vivem a níveis de subsistência, passam fome, morrem de fome.

Dois terços da população hondurenha é camponesa. As 120 mil famílias de minifundistas existentes constituem 67 por cento da população agrícola, mas detêm apenas 12 por cento das terras, enquanto, no outro extremo, seiscentas famílias ocupam 27 por cento das terras.

Na seqüência de mazelas, a mortalidade infantil dispara. De cada mil crianças hondurenhas, 203 morrem anualmente. São desgraças que se entrelaçam no contexto de uma identidade, ou de uma maldição histórica. O nível médio de desemprego urbano chega a 44 por cento, o que quer dizer que quase a metade dos hondurenhos em condições de se empregarem não trabalham. As cidades vão ficando entupidas, proliferam as favelas, e o povo não tem onde morar ou como alimentar-se. O desenvolvimento industrial curva-se aos interesses das multinacionais, principalmente a United Fruit e a Standard Fruit. A dominação econômica é exercida

(2) O general Lopez Arellano caiu de podre, por ter recebido 2,5 milhões de dólares de suborno da Standard Fruit subsidiária da Castle e Cook e uma das duas empresas que controla o setor bananeiro, ao lado da Tela Railwad, subsidiária da United Brands. Este general e mais outros inclusive Melgar Castro foram transferidos para a reserva, em agosto de 1980.

(3) Segundo dados fornecidos, no início de 1980, pelo Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (IADESIL), financiado pelas grandes corporações multinacionais, a situação è espantosa em Honduras, pois 75 por cento da população obtém 13 por cento do Produto Nacional Bruto, enquanto os outros 25 por cento ficam com o resto, ou seja, com 87 por cento.

por um grupo restrito e a dependência persiste. O capital norte-americano controla cem por cento da produção das 5 empresas maiores do país e 82 por cento de outras cincoenta.

Ademais, a velha United Fruit que apesar de ter mudado de nome corrompeu os governos, e até o próprio povo, na classe dos mais notáveis, sempre levando a consciência dos mesmos a preço em dólares.

Melgar Castro, no seu primeiro ano de governo, em 1975, fez modificações com relação ao setor bananeiro de Honduras. Cancelou alguns privilégios odiosos concedidos a companhias estrangeiras, que exploram as plantações de bananas. Criou uma corporação encarregada de controlar todas as operações relacionadas com esse produto, incluindo as vendas e o escoamento, através de portos e estradas de ferro, mas isto pouco adiantou. Embora o novo governo tenha também prometido dar execução à lei de reforma agrária, que previa a distribuição de 600 mil hectares a 100 mil famílias, até 1980, nenhuma medida foi tomada. E, ao contrário, foi demitido o diretor do Instituto Agrário Nacional, que estava ao lado dos camponeses e hostilizando a organização sindical dos latifundiários. Em 1976, quando a União Nacional Camponesa tentou acelerar o programa de distribuição de terras, ocupando terrenos devolutos do Estado de Lempira, registraram-se choques entre lavradores e proprietários que resultaram na morte de diversas pessoas, sendo que os distúrbios só terminaram após a intervenção de tropas federais.

Em 1978, houve uma troca de guarda e Melgar Castro, acusado de vinculação com o tráfico de drogas, foi substituído por uma junta militar, liderada pelo general Policarpo Paz García.

Em fevereiro de 1980, a oficialidade jovem do exército denunciou a corrupção dos militares na administração pública, afirmando, em manifesto, entre outras coisas: *"O exército está debilitado, por exercer trabalhos impróprios"*. O pronunciamento de capitães e majores teve, porém, pouca ressonância nos velhos meios políticos e militares hondurenhos, mas atacou de rijo uma situação muito conhecida em toda a América Latina:

"Como conseqüência da intromissão do exército nos assuntos civis, a partir de outubro de 1963, com a derrubada do presidente Ramón Villeda Moralez, a corrupção tem corroído nossas mais altas esferas hierárquicas, nossos campos de ação são nossos quartéis e não os departamentos públicos. Nossas deliberações devem ser exclusiva e estritamente militares e não políticas. A oficialidade jovem é consciente de que, se alguma vez o exército, obrigado pelas circunstâncias, teve de enfrentar responsabilidades de administrar o Estado, seu papel determinante nesse sentido chegou ao fim. E tanto oficiais como soldados compreendem que a instituição militar tem pela frente uma etapa de reorganização interna, para solucionar as dificuldades criadas propriamente pelo desvio no cumprimento de seus objetivos".

A FRENTE CAMPONESA E O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO HONDURENHO

Desde 1969, em conseqüência da guerra do futebol com El Salvador e em virtude do regime ditatorial, os Estados Unidos não mandavam armas a Honduras.

Mas com os perigos da guerrilha, quer em Honduras ou nos países da região e com a realização de eleições, as remessas foram restabelecidas, e os instrutores militares dos Estados Unidos já chegam às bases anti-guerrilheiras.

O pleito, realizado em abril de 1980, foi uma verdadeira farsa e não teve nem ao menos aparência de legalidade, e mudanças por vias político-eleitorais não se darão. Escolheu-se, nesta época, a Assembléia Nacional Constituinte, e nem ao menos

o Partido Democrata Cristão pôde participar, pois foi proibido. E as forças populares de esquerda, aglutinadas no Partido Revolucionário Hondurenho, também ficaram por fora, num sinal de que a miséria extrema em Honduras não iria sofrer nenhuma alteração.

Os despojos das eleições foram repartidos pelos velhos partidos, como sempre, Liberal (de tendência centrista) que venceu e Nacional (conservador-reacionário) que chefiou, no passado, 15 dos 24 governos hondurenhos (4).

Para prova do pouco valor destas eleições, basta dizer-se que um elevado índice de 29 por cento dos eleitores não compareceram às urnas e 4 por cento dos votos foram brancos ou nulos. A Frente Patriótica Hondurenha, agrupando o Partido Democrata Cristão, o Partido Revolucionário Hondurenhoe mais 48 organizações operárias, camponesas e estudantis, pregaram a abstenção, pois o processo eleitoral era fraudulento. Mesmo assim, muitos esquerdistas ainda votaram com o Partido Liberal, para evitar-se mal maior.

Mas parece que os hondurenhos querem dar um basta em toda esta situação lamentável: açambarcamento das terras, riqueza de pouquíssimos, domínio exagerado de empresas estrangeiras, eleições pré-fabricadas e tantas mazelas.

A mobilização em Honduras vem se acentuando. No ano de 1979 aconteceram seis grandes greves, duas paralizações parciais de trabalho e um número elevado de invasões de terras pelos camponeses.

Em 1980, as exigências dos camponeses redobram. Os camponeses têm-se apoderado pela força de terras e pedido com forte e permanente pressão que o governo dê terras à população agrária pobre, bem como maquinarias. Os camponeses querem a aplicação da lei da reforma agrária vigente, desde 1962, que estabelece que o governo tem a faculdade de expropriar terras privadas ociosas.

A Frente de Unidade Nacional Camponesa Hondurenha, entidade que congrega quatro importantes organizações camponesas, com cerca de 500 mil membros, defende pelo seu líder Francisco Ramos, o princípio de que a terra deve pertencer a quem a cultiva e que os membros de sua organização continuarão invadindo mais terras particulares, apesar das advertências do governo. E só no mês de fevereiro de 1980, pelo menos 6 mil hectares de terras foram tomados pelos membros da Funacamh em sete províncias.

Além do mais, esta organização já ameaçou transformar-se em uma frente revolucionária e ir à prática de guerrilhas.

O Partido Revolucionário Hondurenho, que não pode atuar política e eleitoralmente, agrupa um elevado número de militantes da esquerda, que numa última alternativa, já afirmaram que partirão para as montanhas, que em Honduras são muitas, a fim de promoverem as guerrilhas, visando a mudança radical do atual sistema econômico e social.

Honduras já tem os seus grupos rebeldes prontos para saírem da letargia. São eles a União Revolucionária do Povo, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-Americano, de orientação trotskista, cujo líder JOSÉ MARIA REYES MATTOS regressou, em maio de 1980, da Europa Oriental e a Frente Morazanista para a Libertação Hondurenha que diz *"não resta ao povo outra saída a não ser transitar pelo caminho da violência."*

Há temor em Honduras. O sinal da pressão popular foi a decretação, em setembro de 1980, pela Assembléia Nacional Constituinte, que embora não represente todas as tendências políticas do país, foi compelida a conceder uma anistia, para cerca de 800 presos, em sua maioria camponeses, acusados de invadir latifúndios, e isto no sentido de se aliviar tensões, embora que provisoriamente.

(4) Três meses após as eleições da Assembléia Constituinte, esta escolheu, como presidente provisório, até outro pleito, previsto para fins de 1981, quem já estava no poder, o General Policarpo Paz Garcia, famoso por ter dado de presente à sua amante um automóvel Mercedes Benz, com fundos da Loteria Nacional.

Capítulo 23

EL SALVADOR – OS GUERRILHEIROS À ESPERA DO CONFRONTO FINAL

GOLPE CONTRA A DITADURA FOI UMA FARSA E NÃO FEZ PARAR A LUTA

Um golpe em 15 de outubro de 1979, sob a chefia dos Coronéis Jaime Abdul Gutierrez, de 37 anos, e Adolfo Arnoldo Majano, de 39 anos, foi rápido e eficaz. Foi preparado, segundo seus protagonistas, em seis meses.

Quando assentados no poder, convidaram também para participar do novo governo três líderes civis: Ramón Mayorga Quirós, de 37 anos, reitor da Universidade Centro-Americana José Semion Cañas, Guilhermo Manoel Ungo, de 48 anos; secretário-geral do Movimento Nacional Revolucionário, um partido de centro-esquerda e Mário Andino, de 43 anos, representante do setor empresarial.

Os esquerdistas e guerrilheiros foram tomados de grande surpresa, pois eles é que planejavam a mudança e a derrubada do poder, mas por vias não pacíficas e que se partisse para a criação de um novo El Salvador, sem compromissos com o passado.

Este golpe, desfechado por aqueles coronéis e outros oficiais de patentes não superiores, derrubou, apenas em pequeníssima parte, ou em nada, a ditadura do general oligarca ultra-conservador Carlos Humberto Romero e atrasou, porém, por pouco tempo, uma intensificação das guerrilhas em El Salvador, e estancou, provisoriamente, a queda total do sistema. (1) El Salvador ia, na verdade, às últimas conseqüências, ainda mais com a vitória dos sandinistas, que tinha trazido uma força surpreendente às suas guerrilhas, e uma virada radical.

Mas o quadro, na sua generalidade e no seu total, não veio sustar a possibilidade de uma vitória, a médio ou a longo prazo, das forças guerrilheiras, que são muitas e ativas em todo o país.

(1) O general Carlos Humberto Romero, em eleições fraudulentas, próprias de uma democracia de mentira, tinha assumido o poder, em 1977, por um partido que, se chamou, por desplante, de Reconciliação Nacional, sucedendo a outro ditador militar.

Alguns grupos de esquerda chegaram, logo de início, a apoiar a Junta, mas, ao verem que tudo continuaria como antes, apesar de promessas de reforma, se afastaram. A pretensão da Junta não atingiu seus objetivos de acabar com prisões e cemitérios clandestinos, passar para a reserva os militares direitistas, conceder anistia, eliminar a corrupção, a nível governamental, execução da reforma agrária e alteração nas leis do comércio exterior.

Os guerrilheiros permaneceram inflexíveis e denunciaram a derrubada de Romero como uma farsa, destinada a perpetuar os militares, os fascistas e os exploradores do povo no poder, e por isto retornaram ao combate armado.

Quando o ex-candidato à Presidência da República, pelo Partido Democrata Cristão, José Napoleon Duarte, voltou ao país, após longo exílio, na Venezuela, não conseguiu realizar nenhum comício, pois os conflitos foram grandes. (2) Napoleon Duarte foi acusado, pelos agrupamentos de esquerda e pelo povo, de fazer parte da oligarquia salvadorenha, de oportunista e de ser marionete do imperialismo, sendo certo que não contava mais nem com o apoio de seu próprio partido.

A Junta foi mudando seus figurantes de mês em mês, até ter Duarte como seu presidente e o coronel Gutierrez, que acabou mostrando sua tendência direitista e repressora, como ministro da Defesa. Majano, um moderado que não se definiu por nenhum lado, foi afastado por alguns de seus colegas de farda, saiu do país, foi preso na Guatemala e depois de ser trazido à força a El Salvador, foi solto, sob a condição de continuar calado.

Hoje não existe mais nenhum elemento progressita na Junta. Manoel Ungo levou seu partido para uma tendência revolucionária e o ex-ministro da Educação, PROF. SALVADOR SAMAYOA, de 35 anos, de uma respeitada família de profissionais, integrou-se ativamente aos grupos guerrilheiros, declarando que:

"A única maneira de resolver os problemas nacionais é através da luta armada. O caminho pacífico fracassou, porque o sistema opressor nunca desapareceu realmente. Não temos que pensar no número de mortos ou feridos que podem provocar uma guerra civil, pois muito mais pessoas morreram por causa da desnutrição, por falta de atendimento médico e pela repressão do exército".

PORQUE LUTAM OS GUERRILHEIROS

As razões da existência de guerrilhas em El Salvador é que não há confiança nos partidos burgueses e na classe dominante que oprime e explora operários e camponeses.

El Salvador é o país mais pobre da América Latina, a chamada pobreza fabricada, e pode ser considerado um dos mais miseráveis do planeta, ao lado de Bangladesh e do Haiti. É minúsculo, mas o mais povoado dos países centro-americanos, com densidade demográfica de 124 habitantes por quilômetro quadrado. Possui uma renda *per capita* equivalente a 540 cruzeiros por mês, e é dominado por uma oligarquia conhecida como as Catorze Famílias, que na verdade são umas setenta ou oitenta. (3) O desalento, por este estado de coisas, é que fez com que as organizações guerrilheiras esquerdistas se levantassem contra o regime.

(2) Em 1972, Duarte, que tinha sido prefeito da capital, eleito três vezes, em 1964, 66 e 68, venceu as eleições presidenciais, mas houve fraude grotesca e foi agredido e expulso do país, não sem antes tentar uma rebelião que fracassou. O proclamado foi um coronel de nome Arturo Molina. Em abril de 1980, Napoleon Duarte passou a integrar a Junta de Governo, mas sem nenhuma representatividade de seu partido, o Democrata Cristão.

(3) Estas famílias estão organizadas nos poderosos grupos econômicos: Associação Nacional de Empresas privadas e Associação Salvadorenha Agro-Pecuária, que financiam os grupos de direita. Vivem grande parte do tempo em Miami, desfrutando as delícias das praias e em El Salvador deixam seus violentos capatazes, com ordens expressas de imporem a escravidão em seus feudos.

Existem grupos paramilitares de ultra-direita que contam com respaldo do regime: a União Guerreira Blanca, a Falange, a Mano Blanca e a Organização Democrática Nacionalista (Orden) que matam trabalhadores, políticos e até sacerdotes. (4). A Orden chegou a ser colocada fora da lei pelo novo governo, mas de nada adiantou, pois continuaram assassinando, adaptando-se a novas formas e cometendo mais atrocidades.

Os novos militares não estão realizando nada no governo. O certo é que as forças armadas mandaram no país, nos últimos 50 anos, em benefício de uma pequena minoria. (5). A riqueza está concentrada em pouquíssimas mãos. Dois por cento dos habitantes do país são proprietários de sessenta por cento das terras. (6) O índice de desemprego é, no mínimo, de trinta por cento; a doença, a subnutrição (22 por cento de todas as mortes, do ano de 1978, foram causadas por doenças diretamente relacionadas à desnutrição) e o analfabetismo, que excede a 50 por cento, estão profundamente arraigados, mormente em meio à população rural. O índice inflacionário nunca é inferior a cem por cento ao ano. Nas grandes fazendas proliferam condições subhumanas, e só três delas produzem, processam e exportam mais de cincoenta por cento da produção nacional. Uma das últimas colheitas foi calculada em 2,5 milhões de sacas, de 60 quilos, em um ano, e a renda vai para os potentados, que lá não têm o desconto do confisco cambial, adotado inclusive no Brasil.

Há alguns anos, um bispo salvadorenho provocou um escândalo em seu país, ao declarar que *"os cavalos em El Salvador são mais bem alimentados do que os homens trabalhadores"*. A Igreja, ultimamente, antes tinha outra atitude, passou a apelar para mudanças de estrutura, sem as quais a sociedade salvadorenha não seria mais viável. Monsehor Oscar Arnulfo Romero y Galdanez, arcebispo de El Salvador, só tomou posições quando o padre Rutilo Grande e outros lavradores foram assassinados pela repressão, em 1977, e em declarações candentes não deixou dúvida de que: *"aquele que assassina um camponês é um anti-Cristo; que Jesus, tratado em seu tempo como agitador, seria hoje acusado pelos poderosos de ser um subversivo."*

Monsenhor Romero tornou-se uma das personalidades mais odiadas pela direita salvadorenha. E por esta, foi assassinado de maneira bárbara, em pléna igreja matriz da capital, quando rezava missa, em 24 de março de 1980.

A única saída para El Salvador é a luta armada popular. É o único caminho e a solução legítima.

ATROCIDADES

As forças armadas e os esquadrões da morte paramilitares direitistas, que têm o apoio tácito das primeiras, continuam torturando e assassinado. Os segundos são responsáveis por quase oitenta por cento das desgraças no país. Todos estes, juntos, fariam inveja e superam a polícia nazista no seu auge. Causaram a morte de 10 mil salvadorenhos em 1980, e de quase 3.500 nos dois primeiros meses de 1981, segundo revelação do escritório jurídico do arcebispado de El Salvador. Até quatro

(4) Entre 1979 e 1980 (até novembro), foram assassinados nove padres em El Salvador, quase todos em suas igrejas.

(5) Em meio século, de sucessivos golpes de estado, apenas um civil governou El Salvador, mas por pouco tempo, pois foi deposto pelos militares. Todos os mandantes governamentais foram ferozes ditadores militares, em conluio com a oligarquia.

(6) Os latifundiários constituem uma casta de senhores feudais retrógrados, que sempre resistiram a qualquer reforma agrária e nunca quiseram cumprir uma lei governamental que instituiu o salário mínimo.

freiras norte-americanas foram torturadas e mortas. (7) A universidade de El Salvador foi invadida e fechada, e seus alunos e professores sofreram todo tipo de repressão.

Em fins de novembro de 1980, quando se reuniam, pacificamente, os líderes da oposição salvadorenha houve invasão do local, o colégio católico São José, a poucos metros da embaixada norte-americana. Cerca de 200 homens, fortemente armados, alguns em trajes militares e outros em trajes civis, constituindo a elite da repressão, seqüestraram os líderes da Frente Democrática Revolucionária e, após a aplicação de torturas e mutilações, todos foram fuzilados no dia subseqüente. Foram sacrificados, pela causa da Revolução salvadorenha: ENRIQUE ALVAREZ CORDOVA, de 49 anos, o líder máximo da FDR, ex-ministro da Agricultura da antiga Junta, quando se pensava que esta iria fazer qualquer coisa de útil. (8) JUAN CHACON, camponês, de 23 anos, líder do Bloco Popular Revolucionário (9); HUMBERTO MENDONÇA, do Movimento Popular de Libertação; HENRIQUE BARRERA, sociólogo, do Movimento Nacional Revolucionário; DOROTEO HERNANDEZ, dirigente sindical; MANOEL FRANCO, da União Nacionalista Democrática (Partido Comunista) e LEONCIO PICHINTE, 22 anos, das Ligas Populares 28 de Fevereiro (10).

Este fato não fez parar a luta, pois a Frente, segundo seus participantes, é formada por organizações e não por indivíduos e que o combate continuaria com mais ímpeto e energia.

O genocídio e o massacre prevalecem em El Salvador. Após a posse de Ronald Reagan, na Presidência dos Estados Unidos e da subida de seu secretário de Estado, o general Alexander Haig, os fascistas da Junta salvadorenha passaram a ter apoio total, com o envio de armas, munições, helicópteros, assessores militares (os chamados boinas verdes), em quase cem, e dólares à vontade. Isto tudo é a contribuição e a intervenção mais cínica dos falcões norte-americanos contra o povo de El Salvador.

E assim, em El Salvador, os fascistas, os latifundiários e poderosos da economia assassinam, trucidam e liquidam camponeses, operários, estudantes, intelectuais e empresários progressistas. Estes não são mortos em combates, mas sim, em seus locais de trabalho e em seus lares, covardemente.

Mas há um equívoco histórico, pois os tempos são outros e a América Latina não será mais o quintal dos Estados Unidos. Não irá valer e nem prevalecer uma vietinamização de El Salvador.

Os guerrilheiros salvadorenhos estão esperando, pessoalmente, os marines.

(7) Os dados de maio a setembro de 1980, sobre o terror, foram os seguintes: 6.004 assassinatos perpetrados pelo exército, 484 pela guarda nacional, 147 pela polícia nacional, 175 pela polícia judiciária, 125 pelo grupo Orden, 725 pelos esquadrões da morte e 2.439 no transcurso de diversas operações mistas.

(8) ALVAREZ CORDOVA, um latifundiário, pertencente a uma das mais ricas famílias de El Salvador, condições que rejeitou, pois jamais se conformou com tanta injustiça que havia em seu país e se tornou, por isto, num dos mais ardorosos revolucionários. Seu assassinato foi um duro golpe contra a FDR, da qual era presidente. Seu corpo demorou a ser encontrado, após a chacina. Apresentava seis perfurações a bala e um braço mutilado.

(9) JUAN CHACON teve diversas vezes sua morte anunciada, mas desta vez ela se tornou uma verdade amarga e lamentada. Foi um dos maiores líderes que teve a oposição salvadorenha. Seu corpo também foi encontrado mutilado e com sinais de tortura.

(10) Embora ocorressem diversos tiroteios, nada impediu que 100 mil pessoas comparecessem ao velório, realizado na catedral da capital salvadorenha e ao enterro. Mais de 50 coroas de flores foram colocadas sobre os seis caixões, inclusive uma vermelha, com cravos brancos, enviadas pelo Partido Social Democrático, do primeiro-ministro da Alemanha Ocidental, Helmut Schmidt.

"Não é preciso ser analista de política internacional, para se sensibilizar com o grito de socorro de um povo, aviltado por uma pesada carga de tradição repressiva, garantida pela presença constante de militares norte-americanos. Tampouco para assistir, inerte, ao crime, que representará a intervenção aberta: desprezando os ensinamentos da história recente e imaginando que se pode vencer pelas armas a determinação de um povo, que quer 'viver em paz, criar suas famílias, educar seus filhos, cultivar suas colheitas, operar suas fábricas e construir um futuro melhor para suas crianças'. Um povo que promete 'lutar até que tenha uma paz que o deixe viver' e que anuncia explicitamente: 'quando chegarem os "marines" na calada da noite, nós os enterraremos ao alvorecer'." (11).

O Tribunal Permanente dos Povos condenou, no México, a Junta salvadorenha *"por crimes contra a humanidade"* e reconheceu que *"o povo de El Salvador exerce, legitimamente, o seu direito à insurreição"*. Este Tribunal concluiu que a junta de governo é culpada de *"graves e sistemáticas violações dos direitos humanos, que constituem uma agressão não só aos salvadorenhos, mas a toda a humanidade"*. O documento final foi lido pelo presidente do Tribunal, o norte-americano George Wald, prêmio Nobel de Biologia, que destacou: *"Lamentavelmente, o valor da sentença é apenas moral"*.

O governo de Ronald Reagan está tentando justificar a intervenção em El Salvador. E por incrível que pareça, até o ex-agente da CIA, Philip Agee, criticou um livro branco do Departamento de Estado norte-americano sobre El Salvador, qualificando-o de *"fraude destinada a inclinar a opinião pública em favor de uma intervenção estadonidense nesse país centro-americano"*. Agee, que abandonou seus trabalhos na CIA, em 1968, disse que *"os documentos, publicados pelo Departamento de Estado, com a errada intenção de demonstrar a participação da União Soviética, Cuba e outros países socialistas, estavam cheios de erros de tradução, pura invenção, falsificações e exageros."*

AS GUERRILHAS E A FRENTE DEMOCRÁTICA REVOLUCIONÁRIA

As forças aéreas da Junta salvadorenha, no maior desespero, diante da ofensiva guerrilheira, estão utilizando até *napalm*, para tentar dizimar os combatentes, concentrados nas montanhas.

Nada tem diminuído ou detido o ânimo de luta e o ímpeto dos guerrilheiros, que já têm, inclusive, uma potente rádio rebelde, ouvida em todo o país, e que estão aptos a vencerem e se vingarem do episódio de 1932 (12).

Os guerrilheiros já obtiveram a adesão de alguns coronéis do exército regular e estão mais fortes do que nunca, atuando com destemor e desenvoltura. As lutas serão espinhosas e as vitórias serão obtidas num final difícil e prolongado.

A partir de janeiro de 1981, dá-se a grande ofensiya das guerrilhas, que atuam em divesas frentes e que contam em suas fileiras, inclusive, pessoas muito jovens e mulheres.

As forças que se defrontam são, de um lado, as guerrilhas, que têm de 4 a 6 mil homens bem armados e mais 15 mil (com a maioria de bóias-frias), numa segunda frente, que portam pistolas e espingardas, contra 18 a 22 mil homens do exército e da polícia, recebendo moderna ajuda bélica norte-americana.

(11) Artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 5/3/81, pelo Professor da Faculdade Medicina de Ribeirão Preto, Dr. José da Rocha Carvalheiro.

(12) Em 1932, o exército conseguiu massacrar um grande movimento socialista de camponeses, guiados por intelectuais, que quase se tornou vitorioso. Foi a primeira rebelião popular da América Latina. E foi quando um ditador sanguinário, de nome general Maximiano Hernandez Martinez, sufocou a rebelião, matando entre 25 e 30 mil pessoas. Este fato parece estar ainda esgasgado e não concluído de todo, em El Salvador, porque as lutas continuam.

As guerrilhas têm, atualmente, quatro frentes: Feliciano Ama, no oeste de El Salvador; Modesto Ramirez, na zona central; Anastacio Aquino, na região paracentral e Isaias Aguilar, no leste. Existem zonas onde o exército governamental não pode entrar, já que estão sob o controle total das guerrilhas e nas quais, inclusive, há um sistema de governo local, sob o comando das forças revolucionárias; estas zonas são: Chalatenango, Cinquera, San Vicente, Usulatan, Morazon, Cabanas, Santa Ana, San Miguel, Zacatecoluca e a região norte de El Salvador. A maior base guerrilheira está junto ao vulcão Guazapa, apenas a 35 quilômetros da capital, e deste vulcão não estão saindo lavas, mas o fogo dos fuzis e metralhadoras dos guerrilheiros.

"Sentada na tampa do caldeirão, a tirania torna o seu conteúdo mais explosivo. O povo salvadorenho recorreu à violência, pois esta é a única maneira de defender seus direitos" (13).

As frentes revolucionárias oposicionistas estão unidas na luta atual e, sobretudo, para quando atingirem o poder, se propõem, segundo seus dirigentes, a *"respeitar os direitos de todos os salvadorenhos que não tenham se manchado com o sangue do povo"*.

Todos os grupos, organizações e facções oposicionistas de El Salvador estão unificados de maneira concreta, positiva e definitiva na Frente Democrática Revolucionária. Entre as 18 organizações que compõem a FDR estão liberais, democratas cristãos (PSC), sociais democratas do Movimento Revolucionário Nacional (MNR), membro da Internacional Socialista e a Coordenadoria Revolucionária das Massas (CRM), de todas as esquerdas, que é formada pelo Bloco Popular Revolucionário (BPR), Forças Armadas Populares Unificadas (FAPU), União Democrática Nacional (UDN), que é o Partido Comunista Salvadorenho (PCS), Ligas Populares 28 de Fevereiro (LP-28) e o Movimento Nacional de Libertação Popular (MLP), aliado ao Partido Revolucionário da América Central (PRTC).

O braço armado da FDR é a Frente de Libertação Nacional Farabundo Martí (FMLN), surgida da aliança entre os cinco grupos guerrilheiros (14).

Assim, existe uma só estratégia e tática político-militar, numa contribuição notável ao processo de unidade do povo, para a conquista do poder.

Os seis pontos do futuro Governo Democrático Revolucionário (GDR) são os seguintes:

"1) O Governo Democrático Revolucionário assegurará a soberania e a independência nacionais e garantirá e defenderá a autodeterminação do povo salvadorenho.

"2) O GDR *assegurará a paz, a liberdade, o bem-estar e o progresso e para isso promoverá reformas políticas, sociais e econômicas, a fim de assegurar a justa distribuição da riqueza, o desfrute da cultura e da saúde, e o exercício efetivo dos direitos democráticos das maiorias.*

(13) Declarações de CAYETANO CARPIO, um dos membros da direção executiva da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

(14) AGUSTÍN FARABUNDO MARTÍ, um líder camponês, amigo de AUGUSTO CESAR SANDINO, da Nicarágua, foi o grande herói da Revolta Popular de 1932. Morreu numa emboscada, trucidado pelos reacionários da época. É por isto que a FPL leva o seu nome.

"3) O GDR *aplicará internacionalmente uma política de paz e não-alinhamento.*

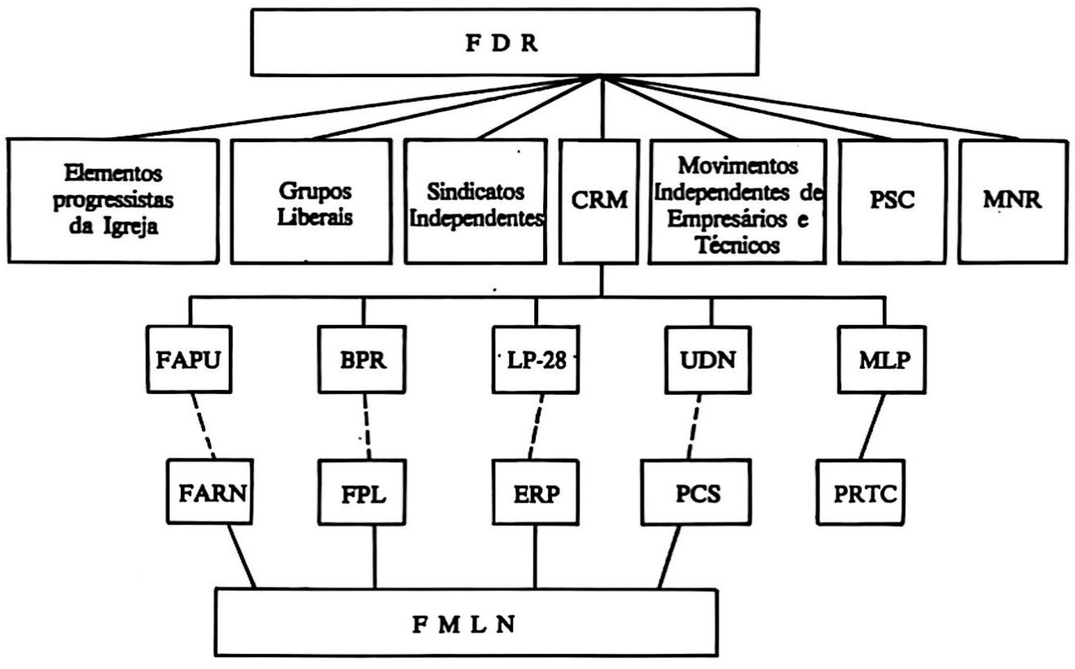
"4) O GDR *criará um novo tipo de Exército, formado pelo Exército Popular Revolucionário e pelos grupos de indivíduos patriotas, entre tropas e oficiais do atual Exército.*

"5) O GDR *assegurará a representação democrática de todos os setores, que tenham contribuído ativamente para derrubar a ditadura.*

"6) O GDR *apoiará os empresários particulares, que cooperem e incentivem o desenvolvimento econômico do país e a realização de seu programa."*

A FDR já instituiu seu futuro governo, o chamado Comitê dos Sete, que está integrado por Guilherme Ungo (presidente da FDR); Eduardo Castillo (ex-reitor da Universidade de San Salvador); José Rodriguez (atual reitor da mesma), SALVADOR SAMAYOA (ex-ministro da Educação); Rubem Zamora (dirigente do Partido Democrata Cristão); Mario Aguinada (líder do Partido Comunista) e a guerrilheira ANA GUADALUPE MARTINEZ (comandante da Frente Farabundo Martí (15).

ESTRUTURA DA OPOSIÇÃO – JANEIRO 1981



(15) ANA GUADALUPE MARTINEZ é hoje a grande chefe guerrilheira de El Salvador. Pertencente a família da média burguesia, abandonou seus estudos na Universidade para se dedicar à causa revolucionária. Conta com 30 anos e já tem cinco em atividades armadas. Já esteve presa anteriormente, sendo libertada em troca do capitalista Roberto Poma. Escreveu o livro *Os Cárceres Clandestinos de El Salvador*, de larga divulgação na América Latina.

Capítulo 24

NICARÁGUA – OS GUERRILHEIROS ASSUMEM O PODER

AS GUERRILHAS NÃO TINHAM TERMINADO

Em 29 de setembro de 1967, quase todos os jornais do mundo publicaram um telegrama da agência de notícias UPI, oriundo da cidade de Jinotega, anunciando o *"Fim das Guerrilhas na Nicarágua"*, que tinha o seguinte teor: (1) *"O presidente Anastasio Somoza afirmou hoje, nesta cidade, que as guerrilhas castro-comunistas haviam sido inteiramente exterminadas no território norte da Nicarágua."*

"Esta é a primeira vez que o mandatário revela o local onde estiveram operando os irregulares, cuja aparição fora anunciada, oficialmente, no dia 13 de agosto passado, sendo que no dia 29 desse mesmo mês, divulgou-se a morte de 13 guerrilheiros e, uma semana mais tarde, a de outros dois, inclusive um professor da Universidade autônoma de Leon.

"Em seu discurso, disse Somoza: 'quero anunciar a todo o norte que já não existem as guerrilhas. Quero anunciar que a guarda nacional as exterminou. Quero anunciar aos cidadãos da Nicarágua e do mundo inteiro que nosso país está em paz'.

"A seguir, o presidente nicaragüense convidou os camponeses a se dedicarem a suas tarefas 'em paz e segurança'."

Mas o movimento guerrilheiro resultaria, em 1975, na decretação da lei marcial na Nicarágua, e só em 1977 é que é suspensa a censura à imprensa e o estado de sítio que vigorava há três anos.

Novamente os periódicos de todos os países estamparam um outro telegrama, procedente de Manágua, datado de dois de dezembro de 1977, o qual tinha o título: *"Somoza: a guerrilha acabou. Feliz Natal."* (2)

(1) No Brasil: *O Estado de S. Paulo.*
(2) No Brasil, *O Globo*, do Rio de Janeiro.

"A primeira reestruturação da administração pública, durante o atual Governo da Nicarágua, foi anunciada pelo presidente Anastasio Somoza, que revelou, ontem, em mensagem de fim de ano à Nação, haver recebido os pedidos de renúncia de todos os membros do Gabinete e dos presidentes e gerentes das entidades autônomas do Estado. Referindo-se aos rumores de que o país está prestes a mergulhar numa onda de violência extremista, Somoza garantiu que 'não acontecerá nada'. Pouco antes, um senador havia revelado, no Congresso, que panfletos circulam pela capital, anunciando 'para dezembro, a batalha final da Frente Sandinista de Libertação, contra o Governo'. Mas Somoza acredita que os guerrilheiros já foram derrotados pela Guarda Nacional e que não lhes resta outro caminho 'senão a propaganda'. Por isso, desejou a todos os nicaragüenses 'um feliz Natal'."

Mas o engano de Somoza foi tremendo e, na verdade, as guerrilhas somente terminaram quando foram totalmente vitoriosas, e quando os guerrilheiros sandinistas assumiram o poder plenamente.

OS SOMOZAS – A DINASTIA SANGRENTA

Certa vez, perguntaram a um presidente norte-americano, porque ele mantinha um canalha na presidência da República em um país da *"banana republic"*, e a resposta foi que *"realmente era canalha, mas o nosso canalha, e o mesmo nos interessa"*. Isso se aplicou muito bem a Somoza.

Um famoso repórter brasileiro, dos anos cincoenta, Joel Silveira, entrevistando, numa ocasião, o velho Somoza (Tacho), perguntou a ele quantas fazendas possuía, e a resposta, em tom de deboche, foi que: *"toda a Nicarágua era uma imensa fazenda de sua propriedade."*

Anastasio Somoza Garcia (o primeiro), após mandar matar Sandino e cometer outras séries de atrocidades, derrubou o presidente Juan Sacasa, e começou sua dinastia, que duraria 43 anos. Morreu, dançando tango; sendo a história verdadeira e não um simples capítulo de um romance de ficção. O velho Tacho levou vários tiros, na noite de 21 de setembro de 1956, em uma festa, oferecida pelo Partido "Liberal", na cidade de Leon. Ao saber do atentado, o presidente Eisenhower mandou seu médico particular para salvá-lo, mas em grande agonia e sofrimento, acabou morrendo cinco dias após.

A dinastia continuaria, com um filho na presidência, de nome Luiz – um pacífico advogado, e o outro, Anastasio Somoza Debayle (Tachito), ocupando a chefia da Guarda Nacional. Por ocasião da morte de Luiz, em 1963, sucedem-se, por alguns anos, presidentes fantoches, sob rígido controle dos Somozas, até que, em 1967, Tachito assume realmente o poder.

Os Somozas, a vida inteira, exauriram todas as rendas da Nicarágua, juntamente com as multinacionais norte-americanas e alguns empresários e latifundiários, sob a proteção da família, quase tudo era dos Somozas, a começar das melhores terras. Os Somozas eram os primeiros empresários e os primeiros legisladores, apesar de que existia uma Câmara, mas esta era uma boa condição de favorecimento para legislar-se em benefício próprio. E o crescimento da Nicarágua, decaindo desde 1972, quando já tinha sido registrada uma queda para –9,6 por cento, ou seja, uma taxa negativa. A Nicarágua, ao tempo de ditadura somozista, contava com cerca de dois milhões de habitantes e mais de 60 por cento da população compartilhava de apenas 15 por cento da riqueza nacional, e o poder econômico estava concentrado nas mãos da família Somoza e seus asseclas. A família tinha propriedades em todos os ramos e setores comerciais e industriais, incluindo desde unidades

açucareiras, linhas de aviação, bancos e financeiras. Imperava em todo o setor pecuário, inclusive a sua industrialização, e também eram donos do tabaco, do algodão e do café, sem se falar no setor do pescado e derivados. A lista era enorme e se incluiria ainda um domínio muito acentuado em empresas marítimas, de transporte terrestre e aéreo, metalúrgicas e outras.

O aparato de segurança consumia quatro vezes mais recursos do que os destinados à saúde pública.

Durante 45 anos de ditadura, o intercâmbio de favores com os Estados Unidos foi fundamental para a segurança da família, que recebia fluxos de recursos, via Agência Internacional de Desenvolvimento, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Banco Internacional de Reconstrução e Fomento e outros bancos e financeiras norte-americanas. E em contra-partida, os Somozas prestavam auxílio aos Estados Unidos, nas lutas contra a Revolução Cubana e na preparação de tropas antiguerrilhas para operar em outros países da região. Por ocasião do terremoto que ocorreu na Nicarágua, em 1972, os Somozas ficaram com a maior parte dos auxílios e financiamentos recebidos do mundo todo. Segundo informes do próprio governo, em 1975, sessenta por cento da população rural era atingida pela fome, 130 entre cada mil crianças morriam de desnutrição e enfermidades, setenta e cinco por cento dos habitantes não dispunham de água potável, 30 mil nicaragüenses padeciam de tuberculose avançada e a cegueira noturna e a demência (causada pela fome) tinha atingido grupos extensos na região norte do país.

O terror era usual na dinastia Somoza, e a pena de morte e torturas eram aplicados nos adversários políticos, e aos que ousassem clamar por mudanças. O jornalista Pedro Joaquim Chamoro, vítima também desta ditadura fascista, chegou a escrever, quando esteve asilado na Costa Rica, o famoso livro *A Estirpe Sangrenta*, no qual relatava as mazelas dos únicos donos do poder.

Nenhum Somoza preparou quadros políticos, muito menos Tachito, que caiu na armadilha que lhe urdiram os sandinistas, por longos anos, a luta armada. A Frente Sandinista, bem organizada e bem disciplinada, preparou-se para assumir o poder, lançando-se na luta de vida e morte contra o regime.

Nos últimos dias de seu governo, Somoza fez, em linguagem delirante, aos seus antigos amigos e novos inimigos: os Estados Unidos, os mais estapafúrdios ataques.

A indústria do anticomunismo, que o sustentou no poder, tinha parado de produzir rendimentos e só restou a fuga, primeiro para Miami, e depois para um giro nas Bahamas e finalmente para o grande ninho de todos os fascistas – o Paraguai, onde encontrou, em 17 de setembro de 1980, morte violenta, pois em toda a sua vida só tinha praticado atrocidades. Somoza foi bazucado, dentro de seu próprio automóvel, quando passava por uma avenida de Assunção (3).

---

(3) Anastasio Somoza Debayle, um dia antes de seu justiçamento, tinha declarado, no seu exílio ourado no Paraguai, à revista alemã *Quick* que:

"Não importa que Carter tenha entregue o poder aos comunistas. Ainda estou cheio de coragem e nergia suficientes para reconquistar a Nicarágua".

Quatro hipóteses foram levantadas sobre as razões do atentado fatal: 1) praticado por pessoas liga-as ao próprio governo de Stroessner, que se mostrava descontente com a sua presença no país, envol-endo rumorosas ligações amorosas, que envolviam até a família do presidente; 2) cometido por um co-ando da ex-Guarda Nacional, que queria vingar-se do mesmo, diante da traição e do abandono; 3) te-a sido assassinado por contrabandistas de armas, aos quais devia grandes somas e se negava a pagar. o final da revolução nicaragüense, tinha-se envolvido com figuras do crime internacional e 4) foi liqui-do por um comando de guerrilheiros argentinos, que o tinha julgado sumariamente, como criminoso guerra.

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS
E DAS GUERRILHAS DE 1978
ATÉ A VITÓRIA, EM JULHO DE 1979

Registramos a história de Moninbó, antes de colocarmos a cronologia. Moninbó é um povoado indígena, da Nicarágua, dedicado ao artesanato e famoso por suas festas folclóricas e sua música de marimbas. Esta povoação indígena resolveu, no curso dos acontecimentos que ensangüentavam a Nicarágua, rebelar-se também contra a tirania de Somoza. Construiu barricadas e lutou com o que tinha, pistolas e rifles 22, facões, paus, pedras ou atirando água fervendo na guarda nacional. As varas de ferro para a construção foram transformadas em lanças. Com a pirotécnica de suas festas folclóridas, fabricaram bombas e assim combateram 15 dias, em luta absurdamente desigual, contra um exército de tanques, aviões, helicópteros e metralhadoras. Os homens recuaram para a montanha e lá continuaram lutando contra a guarda nacional, que entrou no povoado. Ocorreram então cenas atrozes: os guardas cortavam as duas mãos de adolescentes e crianças que tinham ajudado na luta.

Janeiro de 1978: No dia 10 é assassinado o proprietário do jornal *La Prensa*, Pedro Joaquim Chamoro, por asseclas de Somoza. Este fato trouxe aumento de protestos e violências. Chamoro tinha, embora sendo liberal, verdadeira adoração pelos guerrilheiros, tanto é que diversos jornalistas seus, além de dois filhos, já pertenciam à guerrilha sandinista.

Uma onda de greves se alastra por quase todo o país, paralizando de 80 a 90 por cento da indústria e comércio de Manágua, e das principais cidades.

Fevereiro de 1978: A França promove a venda de um bilhão de dólares em armas à Nicarágua, que naturalmente seriam usadas no combate aos guerrilheiros. As empresas multinacionais dizem que apóiam Somoza, logicamente para continuarem obtendo lucros. Os Guerrilheiros Sandinistas atacam logo no início do mês (dia 2), as cidades de Granada e Rivas, sendo violentos os combates. As armas dos guerrilheiros constituíam-se de metralhadoras ponto 50, granadas de mão, bazucas, fuzis, Garand M-1, metralhadoras Johnson, carabinas, lançadores de granadas, dinamite, explosivos plásticos, bombas-relógio, coquetéis Molotov, munições, além de aparelhos de transmissão e recepção, o que vinha provar que a guerrilha estava organizada.

O país já vivia um clima de guerra. Durante o mês, ocorrem choques em muitas cidades, inclusive Leon, Matagalpa e Rivas. Além da repressão governamental, as tropas oficiais cruzam o país em tanques, helicópteros, aviões e jipes para tentar deter a Frente Sandinista. Estudantes armados erguem barricadas na Universidade de Manágua.

Março de 1978: Há tréguas de ambos os lados. Somoza se vê tão apertado, que promete reformar a Constituição, e permitir inclusive ao Partido Comunista de participar das próximas eleições legislativas e presidenciais. (4)

Abril de 1978: As patrulhas ARNOLD KUAMP e MOISES RIVERA (nomes dados em homenagem a guerrilheiros mortos em combate) executam um famoso general.

Somoza confia na vitória, contra a revolta da população. Salientava a capacidade de seu exército de defrotar-se com qualquer outra força armada bem treinada, quanto mais para combater civis armados, motivo pelo qual a luta teria que favorecer à guarda nacional. Choques ocorrem em Jinotepe, Leon e Masaya.

Agosto de 1978: mobilização geral contra o governo de Somoza. O inimigo número um da ditadura era, até então, a Frente Sandinista, que atua em todos os setores da vida da Nicarágua. Os sandinistas lançam manifesto conclamando a população a pegar em armas. Greve mobiliza quase todas as associações de trabalhadores e empresários da capital e de Leon. No dia 22, acontece o fato espetacular da ocupação, pelos guerrilheiros sandinistas, da sede do Palácio Nacional, símbolo do regime deposto, que veio acachapar Somoza. Neste palácio, funcionava a reacionária Câmara dos Deputados e o Senado, além de alguns ministérios e agências arrecadadoras de fisco. Os guerrilheiros nem conheciam suas dependências, necessitam de desenhos e mapas para a atuação, pois este era um antro, onde se poderia apenas resolver questões contra o povo, contra os trabalhadores, contra os estudantes, contra os progressistas. Esta ação foi planejada muitos anos antes pelos guerrilheiros, e aconteceu para abalar o poder de Somoza e deflagrar um processo de contestação popular nacional. O comando de 25 guerrilheiros denominou-se RIGOBERTO LOPEZ PEREZ (5), e estava sob a chefia de EDEN PASTORA GOMEZ, o COMANDANTE "ZERO", um veterano das guerrilhas sandinistas, que se tornou famoso no mundo inteiro, e tinha como sub-chefes e autor do plano, HUGO TORRES GUIMENEZ, COMANDANTE "UM", e a guerrilheira DORA MARIA TELLES, COMANDANTE "DOIS".

EDEN PASTORA contava, então, com 42 anos de idade, tendo entrado para as guerrilhas aos 22 anos, com militância muito intensa e com grande capacidade de comando, aliado a um estupendo bom-humor. Filho de um lar conervador, fez seu bacharelado entre os jesuítas, tendo cursado três anos de medicina na Universidade de Guadalajara, no México. Três anos em cinco, porque várias vezes abandonava as aulas para participar dos combates em seu país.

Para tomar o Palácio Nacional, os guerrilheiros tiveram de aparar, à moda militar, suas longas cabeleiras e barbas, bastante crescidas depois de muitos anos de luta nas montanhas.

Os guerrilheiros vestiram uniformes verde-oliva, iguais aos soldados da Escola de Infantaria Blindada da Guarda Nacional, comandada pelo filho do ditador, major Anastacio Somoza Portocarrero, tendo sido bem equipados, inclusive com cordas de *nylon* para amarrarem os principais reféns, e as armas eram as mesmas utilizadas pela guarda nacional: submetralhadoras Uzi, fuzil G-3, um M-20, fuzis Garand, pistolas Browning e granadas. As caminhonetes tinham uma pintura mais brilhante, mas este detalhe não foi percebido pelos guardas que faziam plantão, na entrada do edifício. Rapidamente penetraram no palácio, com EDEN PASTORA gritando *"Viene El Chefe"*, como faziam os soldados da guarda, quando Somoza passava por algum lugar. Só que o chefe naquele momento era outro.

Alguns minutos depois, os deputados, senadores e funcionários presentes eram mantidos como reféns e a operação tinha tido sucesso. Somoza, depois de dois dias, capitula e cede às exigências, e entre estas a libertação de 83 presos políticos e guerrilheiros condenados. Partiram para o Panamá todos os guerrilheiros, os libertados, alguns reféns, arcebispos e embaixadores, que serviram como mediadores. A partir desta época, milhares de jovens nicaragüenses passaram a engrossar as fileiras das guerrilhas, que foram à ofensiva. A Nicarágua entra em crise política e

(4) A Nicarágua só tinha dois partidos, o do governo – o Liberal e o da Oposição, o Conservador – que representava, fundamentalmente, os latifundiários e amplas parcelas das classes médias e altas urbanas. Somados os dois, nada valiam e nada faziam pelo país.

(5) Em homenagem ao guerrilheiro sandinista que disparou cinco tiros contra Anastasio Somoza Debayle (pai).

social de amplas proporções. Alastram-se choques armados e violências em várias cidades.

Setembro de 1978: A pedido dos sandinistas e da verdadeira oposição política, os sindicatos, e os próprios empresários participam de uma nova greve. Os guerrilheiros lutam com denodo, Masaya, que ficou em poder dos rebeldes é reconquistada e reduzida a escombros pela guarda nacional, que executou um terrível massacre contra a população, prendendo e fuzilando todos os homens que encontrava. A lei marcial é decretada, e a Nicarágua já está em chamas. As barricadas dos guerrilheiros se erguem por todo o país. Esteli, Chinandega, Leon e Rivas são alvos de lutas constantes. Os aviões tanques e artilharia pesada de Somoza avançam para novo massacre, e querem a rendição dos rebeldes, conforme apelos lançados pelas rádios oficiais. Para retomar Leon, praticamente destroem a cidade. Em Matagalpa (a terceira cidade mais populosa do país: 60 mil habitantes) se dá a *"guerra dos jovens"*. A maioria dos guerrilheiros são rapazes estudantes e camponeses, que põem em porvorosa as forças regulares. Mas estes rebeldes são obrigados a fugir para as montanhas, para reorganização, e os somozistas retomam a cidade. Porém, se verá e se observará que a guerrilha é como a hidra de Lerna, da lenda grega, quanto mais se combate e se castiga ele ressurge, sempre, com obstinação.

Somoza já pratica toda sorte de crimes, e as acusações contra ele ganham força quando, no dia 28, o representante da Nicarágua nas Nações Unidas, embaixador Henrique Fernández, numa entrevista à imprensa, anunciou sua renúncia ao cargo e declarou-se um exilado. Fernández denunciou a repressão violenta do governo de seu país, onde a população é executada sumariamente e as cidades bombardeadas. A Cruz Vermelha calculou que 10 mil pessoas já haviam morrido.

Outubro de 1978: O próprio Somoza admitia que a Frente Sandinista de Libertação Nacional estava preparando uma nova e grande ofensiva militar, o ditador ainda fala que não renunciará de maneira alguma.

Há uma pequena trégua, e surgem negociações políticas por mediação da Organização dos Estados Americanos, que recomendava, preliminarmente, a renúncia de Somoza e a constituição de um governo de transição, acatando os líderes da Frente Ampla de Oposição da Nicarágua. Mas o ditador afirma que não concorda, e que só haveria eleições em 1981. Os membros da OEA se limitam a ouvir os habitantes de Esteli e Leon, onde são constatadas as atrocidades cometidas pela guarda nacional de Somoza. Mas a FAO, que reúne 16 agrupamentos políticos, sindicais e estudantis sabe, como os próprios Sandinistas, que a única solução é a luta armada mesmo (6).

Novembro de 1978: Somoza retoma, aparentemente, o controle militar da Nicarágua, mas isto não quer dizer nada, pois os guerrilheiros continuam se preparando redobradamente. Tanto é que na cidade de Masaia, reiniciam suas atividades. Somoza não obtém vitória alguma, pois, além do mais, a guerrilha, aliada à greve, deixou o país à beira da falência.

O empréstimo, negociado anteriormente, de oitenta milhões de dólares, com o Fundo Monetário Internacional, foi suspenso. A produção agrícola de café e algodão (cuja exportação representava metade dos rendimentos do país) foi prejudicada e os produtores não sabem se vão receber financiamentos dos bancos e nem se haverá mão-de-obra disponível, já que muitos lavradores fugiram de suas cidades; os comerciantes não têm condições de pagar os tributos que representam 40 por cento dos rendimentos do Estado.

(6) Na FAO, o Grupo dos Doze era uma espécie de porta-voz da FSLN e dela também fazia parte o Partido Socialista (comunista).

Dezembro de 1978: Os Estados Unidos suspendem assistência militar a Somoza, deixando o velho aliado e fantoche a um tipo novo de matroca. A guarda nacional tem o seu efetivo elevado de 7.500 para 10 mil homens, mas isto é outra coisa que não vai representar nada, e logo em seguida, atinge a 15 mil.

Janeiro de 1979: Os sandinistas iniciam novas ofensivas e aumentam suas ações militares.

Abril de 1979: Desta vez, a guerrilha peleja para sair vitoriosa. Em combates que caem milhares de mortos, dos dois lados, os guerrilheiros tomam Esteli, definitivamente.

Maio de 1979: Os Sandinistas atacam Jinotega. A ditadura de Somoza tem o recurso da aviação, e esta intervém bombardeando alvos civis, principalmente. Acusando Somoza de praticar um *"genocídio horroroso"*, o México segue os passos da Costa Rica, e rompe relações com a Nicarágua e mais tarde também o fariam Panamá, Equador e Peru.

Os Sandinistas lançam uma espécie de ofensiva final. A deterioração do país alcança proporções alarmanetes. Toda a Nicarágua está em chamas. Os guerrilheiros estudam a designação de uma Junta Provisória de Governo, a ser composto de cinco membros, a saber: Violeta Barrios de Chamoro, 50 anos, viúva do editor do jornal anti-Somoza, *La Prensa*; Alfonso Robelo Callejas, 40 anos, empresário e engenheiro-químico, ex-presidente do Instituto Nicaragüense de Desenvolvimento e do Conselho da Indústria Privada, dirigente da moderada Frente Ampla de Oposição que, em determinada ocasião, foi preso por determinação de Somoza; Sérgio Ramirez Mercado, 37 anos, advogado e escritor, ex-dirigente da Universidade Central Americana, da Costa Rica, do Grupo dos 12, organização de tendência socialista, esquerdista não marxista, e os guerrilheiros sandinistas, que se encontram nas frentes de batalhas, MOISÉS HASSAN MORALES e DANIEL ORTEGA SAAVEDRA.

Junho de 1979: Tem início a greve ampla e geral, de âmbito nacional, convocada pelos sandinistas e pela FAO, e nos primeiros dias a pralização é total.

A guerrilha lança intenso ataque sobre Manágua, e chegam a ocupar bairros pobres; dias depois se retiram, porque a aviação de Somoza quer é matar a população, indiscriminadamente.

A sede do jornal *La Prensa* é arrasada pelos tanques e aviões de Somoza, que admite, em entrevista à *UPI*, que suas tropas estão sofrendo *"elevadas baixas, mas que dominará a situação, necessitando de tempo, pois a luta será difícil e sangrenta, e os guerrilheiros estão melhor armados, melhor treinados e melhor abastecidos, e têm metralhadoras de alto calibre, lançadores de foguetes, morteiros, granadas de fragmentação, todas armas que pertencem a arsenais do governo e não de revolucionários" (7).*

Por outro lado, a Rádio Sandini, emissora clandestina dos guerrilheiros da FSLN, que opera, provavelmente, a partir do território da Costa Rica, divulga que os rebeldes controlam 29 cidades, sendo que quatro delas são as mais importantes do país, depois da capital (Leon, Rivas, Matagalpa e Masaya). No dia 18 é lançada mundialmente a proclamação sandinista:

"Com o desenvolvimento da guerra popular revolucionária, dirigida pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), *o povo nicaragüense está a ponto de pôr o selo final a quase meio século de tirania dinástica.*

(7) Os sandinistas estavam muito melhor equipados do que em setembro do ano passado. Os fuzis são M-1 e M-16 e as metralhadoras ponto 30 e ponto 60, e sub-metralhadoras israelenses Uzi.

"Profundamente emocionados com a recordação de nossos mártires gloriosos, que empunharam os velhos fuzis de ontem, para fazer possível os fuzis de hoje, e conscientes da necessidade histórica de substituir a ditadura, a desordem, a injustiça, a corrupção, o atraso e a violência pela ordem, a justiça, a honradez administrativa, o progresso real, a democracia e paz, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FLSN) *dá a conhecer, ante o povo nicaragüense e todos os povos do mundo, um novo governo, de caráter democrático e provisório, que será conhecido como Governo de Reconstrução Nacional. Integrado pelos seguintes dirigentes políticos, pertencentes às mais amplas áreas de representatividade:*

"Senhora Violeta Barrios de Chamorro; Doutor Sérgio Ramirez Mercado, do Grupo dos 12*; engenheiro Alfonso Robelo Callejas, da* Frente Ampla de Oposição (FAO); *engenheiro Moisés Hassan, do* Movimento Povo Unido *e Daniel Ortega Saavedra, membro da direção nacional conjunta da* FSLN.

"Os mencionados dirigentes políticos aceitaram, sem reservas, fazer parte do governo de reconstrução nacional.

"Desta forma, a Frente Sandinista de Libertação nacional *cumpre com a promessa de propiciar um governo amplo e de caráter nacional, ao qual dará seu apoio, para o cumprimento do programa de construção nacional.*

"Assinam: TOMAS BORGE, HUMBERTO ORTEGA, JAIME WHEELOCK, HENRY RUIZ, DANIEL ORTEGA, VÍCTOR TIRADO, LUÍS CARRION, BAYARDO ARCE e CARLOS NUÑEZ."

Os Estados Unidos já reconhecem que Somoza está no fim, mas alguns, os falcões do governo, sonham tardiamente com uma intervenção, repetindo-se a República Dominicana e os velhos tempos de colonialismo. A Organização dos Estados Americanos, convocada, nega a intervenção, afirmando que:

"A solução do problema corresponde, exclusivamente, aos nicaragüenses, e o drama da Nicarágua só terminará com a substituição imediata e definitiva do regime somozista e a instalação de um governo democrático, cuja composição inclua os principais grupos oposicionistas ao regime e que reflita a livre vontade do povo nicaragüense".

O desespero dos somozistas é tão grande que, no dia 20, a guarda nacional mata, barbaramente, um jornalista dos Estados Unidos. Somoza responde não à OEA, e ordena novos bombardeios à capital, repetindo o louco imperador Nero, ao tempo do império romano. Outros países suspendem relações com a Nicarágua, inclusive o Brasil.

Julho de 1979: As tropas de Somoza têm um problema, que é a falta de material bélico pesado, e a aquisição, em outros países, se torna agora mais difícil, ao contrário de outros tempos, em que Portugal, Israel e até o Brasil chegaram a vender armas à ditadura nicaragüense. Nem a Guatemala quer ajudar mais seu aliado. Os guerrilheiros ocupam Matagalpa, e têm o apoio quase total da população. Somoza está praticamente isolado em sua fortaleza de Manágua. Os sandinistas não aceitam nenhum plano apresentado pelos norte-americanos, de manterem elementos da antiga guarda nacional no seio de um novo governo. O próprio senador Kennedy disse que:

"A Nicarágua, sem Somoza, mas com a guarda nacional, seria o mesmo que a Alemanha Nazista sem Hitler, mas com a SS".

A Venezuela decide não mais entregar petróleo a Somoza, e muitos dos seus colaboradores fogem do país. No campo de batalhas, novas vitórias sandinistas são anunciadas. Jinotepe e San Marcos caem em poder dos guerrilheiros, que controlam um triângulo estratégico, ao sul de Manágua, apesar de grandes esforços das tropas somozistas, sob a chefia do Comandante Bravo, não reconquistam, de maneira alguma, Maya (8). No dia 17, Somoza, finalmente, renuncia, e deixa, em seu lugar, tentando aplicar um golpe baixo, Francisco Urcuyo, que demora dois dias para fugir do país.

No dia 19, a guerra da Nicarágua chega ao final, e o último comandante do exército afirma que:

"A Frente Sandinista de Libertação *está com o controle de quase todo o território nacional, e isto significa que a guarda nacional foi derrotada".* E ordena a rendição incondicional, concluindo que *"isso não é uma traição a nada ou a ninguém, mas um ato inteligente, no interesse da harmonia nacional. Esta ordem é dada com inteira aprovação do comandante Humberto Ortega Saavedra, chefe do Estado Maior da* Frente Sandinista de Libertação Nacional. *Obedeçam estas ordens".*

A nova Junta de Governo estava instalada, provisoriamente, em Leon e no dia 20, o Governo Provisório de Reconstrução Nacional assume, em Manágua, oficialmente. Não houve nenhuma dúvida de que os sandinistas teriam obtido um triunfo militar, mas acharam preferível, para evitar-se mais derramento de sangue, um tipo de acordo, que estabelecesse, de pronto, a saída de Somoza, em vez de chegarem a Manágua, a ferro e fogo. Estava terminada a batalha, e os guerrilheiros sandinistas, através de conciliação nacional, assumiam plenamente o poder.

Os guerrilheiros sandinistas tinham lutado, ardorosamente, durante 16 anos, para atingirem a vitória. Milhares de seus membros tinham perdido a vida, nas batalhas e nos cárceres, mas tinha valido a pena, pois a causa era grandiosa.

PORQUE O NOME SANDINISTA

Os guerrilheiros da Nicarágua, desde os tempos de lutas, nos primeiros anos da década de 60, se denominaram sandinistas, em homenagem a um destacado vulto de sua história. AUGUSTO CESAR SANDINO, também um guerrilheiro dos anos 30. AUGUSTO CESAR SANDINO nasceu em 1895, num povoado montanhoso, do distrito de Masaya, Niquinhohomo, onde recebeu apenas educação elementar e trabalhou como camponês. Em 1921, saiu de sua terra e foi procurar serviço em Honduras e depois no México, convulsionado pelas conseqüências da Revolução. Ali, aprendeu seus primeiros conhecimentos de política. Em 1924, regressou a seu país, enfrentando os governos títeres dos norte-americanos, com suas tropas aquarteladas na região. Aí, surge uma reação nacionalista, contra a manipulação de eleição e contra a presença de tropas estrangeiras. SANDINO recruta seus primeiros companheiros e forma o Exército Defensor da Soberania da Nicarágua. Com apenas 30 guerrilheiros, enfrenta tropa de 200 soldados, e com audácia e coragem, que substituía a inferioridade numérica, vence os inimigos, e alcança outras vitórias. SANDINO estava ao lado do general José Maria Moncada, mas a ligação

(8) Comandante Bravo era o apelido de Pablo Emilio Salazar, Oficial de alta patente da guarda nacional de Somoza, conhecido pela sua violência e por não acreditar na derrota. No final da guerrilha, fugiu para San Salvador e depois para Honduras, onde seu cadáver foi encontrado crivado de balas, num subúrbio de Tegucigalpa, em 16 de outubro de 1979, quando já fazia seis dias que estava morto.

se desfez, pois este general também posteriormente fez acordo, para o retorno dos norte-americanos. SANDINO continua combatendo e não se rende com nenhum ultimato norte-americano, que ataca, inclusive,' com a aviação. SANDINO só abandona as armas em 1932, quando estes deixam o país, mas deixam também a semente da divisão e da discórdia. SANDINO havia triunfado em definitivo. Mas a semente da traição fora lançada pelos norte-americanos, com a colocação de um títere Anastasio Somoza Garcia (Tacho ou Somoza 1º) como chefe diretor da guarda nacional. Era presidente outro títere, Juan Sacasa, e em fevereiro de 1933, firmava-se, em Manágua, um tratado de paz, no qual SANDINO se comprometia a desarmar seus homens, não percebendo a armadilha em que caía, Somoza lhe dera um abraço de amigo-urso. Um ano depois, ao sair do palácio presidencial, onde fora chamado, os soldados de Somoza o detêm traiçoeiramente, seus generais Estrada e Umanzor e seu pai, Don Gregório, são assassinados em um terreno baldio e enterrados ali mesmo, e neste tempo, em outra parte da cidade, outros soldados atacavam a casa onde dormia o irmão de SANDINO, Sócrates, e o assassimavam.

AUGUSTO CESAR SANDINO recebeu, no auge de sua atuação, por parte do povo, o título honorífico de general. São suas as seguintes afirmações:

"A frouxidão dos políticos chegou ao ridículo, e foi então que compreendemos que nós, os filhos do povo, estávamos sem líderes, e que necessitávamos de homens novos". "A soberania de um povo não se discute, mas se defende com armas na mão".

Já naquela época longínqua, o exemplo dos guerrilheiros de SANDINO tinha despertado entusiasmo popular, o que transformou SANDINO e sua longa marcha pelo interior do país em uma lenda imperecível. SANDINO passou a ser a bandeira definitiva do povo nicaragüense.

Pela bandeira que empunharam e pela causa que abraçaram, os guerrilheiros sandinistas tiveram êxito ímpar na Nicarágua. Empolgaram toda a população, desde trabalhadores até proprietários, quer agrícolas, industriais ou comerciais. A organização sandinista, desde os primeiros tempos, foi perfeita, até com livros próprios de inscrição para suas fileiras. Não precisou praticar assaltos para angariar fundos, pois a coleta era feita ordenadamente. Nem fez terrorismo. Os sandinistas se cotizavam individualmente, o povo contribuía, e muitos e muitos países prestavam auxílios financeiros. Basta dizer que o próprio Carlos Andrés Pérez, quer como presidente ou ex-presidente da Venezuela, era um dos que tratavam das finanças dos guerrilheiros, no exterior. Instruções militares e armamentos receberam de Cuba, Costa Rica, México, Venezuela, Panamá e outros países da América Latina, além de algumas nações européias. As origens exatas, quer por doação, ou por compras, serão desconhecidas por muitos anos, mas a verdade é que quantidades cada vez maiores de armas apareciam nas mãos dos guerrilheiros, sendo a maioria metralhadoras ponto 50, de fabricação norte-americana. Sendo também que uma grande fonte foi a ocupação de arsenais e quartéis da guarda nacional.

Guerrilheiros de diversos países latino-americanos se incorporaram aos sandinistas, como voluntários. Chilenos, uruguaios, colombianos, argentinos, bolivianos, peruanos, panamenhos e até um jovem brasileiro lutaram na Nicarágua, contra a ditadura de Somoza.

Os guerrilheiros sandinistas surgiram em 1962. Convém citar algumas figuras importantes, mortas no decorrer da longa luta destes patriotas: CARLOS FONSECA AMADOR, um dos fundadores do movimento, morto em combate, em 1977; o padre espanhol que se incorporou às guerrilhas, GASPAR GARCÍA LAVINA, em outubro de 1978, em Cardenas; COMANDANTE MARIANO, um chefe guerrilheiro que participou ativamente na tomada de Leon e outras cidades, morreu na luta pela tomada da localidade de La Paz Centro; EDUARDO CONTRERAS, outro importante líder, morto em 1977; GERMAN POMARES, também morto em combate, e o antigo *bunker* de Somoza hoje tem o seu nome, é o complexo militar GERMAN POMARES.

Os guerrilheiros sandinistas, que se tornaram os guerrilheiros mais populares da América Latina, eram, até então, um grupo de jovens desconhecidos e ingênuos. A ideologia dos guerrilheiros é, a grosso modo, a sandinista, que para a maioria dos nicaragüenses significa patriotismo. No início, os sandinistas organizaram-se nas montanhas e partiram para as guerrilhas rurais, onde sofreram uma série de derrotas. Mas, em dezembro de 1974, foi feita a primeira ação urbana, com um ataque à casa do então embaixador dos Estados Unidos, Turner Shelton, onde mantiveram 40 reféns. Somoza foi forçado a libertar vários sandinistas presos, darlhes salvo-conduto para Cuba e pagar cerca de oito milhões de dólares, como resgate.

Em junho de 1979, no auge da ofensiva guerrilheira, o número regular e cadastrado de combatentes não passava de 8 mil.

Os guerrilheiros sandinistas se unificaram, desde o início de 1978, na chamada El Frente ou Frente Sandinista de Libertação Nacional. Foi aliança tática e não formal. E desde 1975 as três facções que se fundiram estavam divididas em: 1º) GPP – defesa e adotamento da tese da Guerra Popular Prolongada, a mais antiga. Como seu membro influente cite-se TOMAS BORGE. 2º) Tendência Proletária, de orientação marxista, embora sem vínculos com o Partido Comunista. Estas duas facções tendiam mais para uma tática de acumulação de forças e organização da resistência das massas, fortalecimento das organizações das classes proletárias, visando a criação, no futuro, de um partido em moldes leninistas (caso da facção proletária). 3º) O último grupo a surgir foi o Tercerista, em 1974, favorável à guerrilha urbana, a ala mais discutida das três, principalmente devido à sua política de aliança com a burguesia. A tática desta facção era a de criar condições para uma insurreição geral, através de uma organização política de base, dando grande ênfase à luta armada. Tido por alguns como aventureiros, acusados por outros (revista *Time*, por exemplo) de serem financiados pelos socialistas (sociais-democratas) da Europa e da América do Sul, os terceristas foram responsáveis por algumas das mais espetaculares operações dos sandinistas, inclusive a tomada do Palácio Nacional. O mais conhecido era o COMANDANTE "ZERO", EDEN PASTORA, que liderou aquela operação. Entretanto, os mais influentes eram os irmãos ORTEGA, HUMBERTO E DANIEL. O sacerdote católico e poeta ERNESTO CARDENAL também pertence à mesma.

A FSLN uniu-se, desde o início de 1979, com a Frente Ampla Oposicionsita e com a Frente Patriótica Nacional, nas quais estavam representados a maioria dos partidos nicaragüenses (não reconhecidos oficialmente), de esquerda e moderados, assim como a burguesia que se opunha a Somoza.

Em 5 de dezembro de 1977, quando da união dos sandinistas, a direção nacional conjunta passou a ser integrada por TOMAS BORGE; HUMBERTO ORTEGA SAAVEDRA (chefe do Estado-Maior, 31 anos, vivendo na guerrilha desde os 20, incluisive com curso em Cuba e amigo de FIDEL; VICTOR TIRADO LOPEZ, nasceu no México, pertencente ao sandinismo desde 1971; CARLOS NUÑEZ TELLEZ "ROQUE", do Estado-Maior da Insurreição; WILLIAN RA-

MIREZ, "AURELIANO" – idem, jornalista de *La Prensa*; BAYARDO ARCE CASTANO, "JOSÉ LEON", também jornalista de *La Prensa*, do GPP; JOAQUIM CUADRA LACAYO, "SIMON", também do Estado-Maior, filho do milionário Joaquim Cuadra (9); LUIZ CARRION; HENRY RUIZ, matemático, pertencente ao GPP; JAYME WHEELOCK ROMAN, estudou no Chile, de tendência proletária marxista; MOISÉS HASSAN MORALES, 36 anos, filho de palestinos, engenheiro, professor universitário, tercerista, da ala esquerda moderada, passava a ser membro do Governo Provisório em 30 de junho de 1979. DANIEL ORTEGA SAAVEDRA, 34 anos, tercerista, marxista, também tornou-se membro do Governo Provisório; EDEN PASTORA, a partir de outubro de 1978, passou a ser um dos comandantes do Exército de Guerrilheiros Sandinistas, tornando-se vice-Ministro do Interior do novo governo. Outro combatente sandinista foi PLUTARCO HERNÁNDEZ, comandante da brigada internacional, que reuniu pelo menos 200 homens de vários países latino-americanos. Pertencia à guerrilha desde 1964, na ala tercerista, embora seja marxista, sempre acreditou no surgimento de um *"socialismo à moda nicaragüense, não se copiando fórmulas de outros países, mesmo porque a Nicarágua tem características muito diferentes, possuindo terras férteis e lavouras diversificadas, com natureza generosa, ao passo que Cuba é país monocultor, com desenvolvimento econômico meio difícil, coisa que não deve ocorrer aqui"*.

TOMAS BORGE – UM GUERRILHEIRO TÍPICO

TOMAS BORGE MARTINEZ, por ocasião da vitória da guerrilha sandinista, da qual foi um dos mais notáveis chefes, contava com 40 anos, mas desde os 21 já participava das ações de guerrilhas. Sempre foi um grande admirador da Revolução Cubana e um grande amigo de FIDEL CASTRO. É um esquerdista consciente, mas declarou que:

"Existem diferenças essenciais entre as revoluções dos dois países. A Nicarágua não é comunista, porque assim se decidiu, a partir de uma análise concreta da realidade. Adotaremos uma forma de governo própria, sandinista, coerente com a realidade nacional, sem rótulos. De outro lado, não vamos exportar armas, nem exportar a nossa Revolução. Mas não podemos impedir que o nosso exemplo estimule outros povos, que enfrentam situações semelhantes às da Nicarágua de Somoza".

Leu pouco das obras de Marx, mas admite que todo revolucionário é influenciado pelo teórico do *Manifesto* e *O Capital*, meditou muito sobre o *Estado e a Revolução*, de Lênin. Leu Russeau mais do que Marx, e os patriotas nicaragüenses que exerceram influências sobre TOMAS BORGE foram SANDINO e CARLOS FONSECA. Victor Hugo e John Steinbeck contribuíram para a sua formação moral, e Miranda, Bolívar e Martí intensificaram os seus sentimentos pela pátria.

TOMAS BORGE é filho de pequenos comerciantes de papel e livros. Nasceu em Matagalpa, tendo cursado até o segundo ano da Faculdade de Direito, donde saiu para ir às guerrilhas. Mas permaneceu ríspido, com ar solene, lento nos gestos e no falar, tal qual os camponeses de sua região.

Passou alguns anos de sua vida preso, e na segunda vez, no presídio modelo de Tipitapa, os somozistas o torturam, chegaram mesmo a mutilá-lo para que revelasse o código de anotações de uma caderneta que portava, mas tudo foi em vão. E

(9) Torna-se Ministro da Fazenda do Governo Sandinista.

quando se acreditava que TOMAS BORGE estava morto, Somoza, para desmentir os rumores, o exibiu na TV. Foi libertado por ocasião do famoso golpe de 24 de agosto de 1978, quando da captura do Palácio Nacional. BORGE passou então a ter papel destacado, até a vitória, onde foi nomeado para o importante cargo de Ministro do Interior, responsável pela segurança pública. Acumula ainda a chefia do Exército Sandinista. Passou a ser um paradigma da guerrilha e da Revolução vitoriosa. E sempre repetiu as fórmulas inéditas para estas circunstâncias:

"Fomos implacáveis na luta, seremos misericordiosos na vitória". "Nossa revolução não deseja a morte do pecador, mas a destruição do pecado". "Conseguimos um milagre, ao evitar que rolassem cabeças aos milhares".

O oficial de Somoza que o torturou, de maneira bárbara, teve, do novo homem forte da Nicarágua, a afirmação de que *"Minha vingança será o meu perdão; Serás julgado regularmente"*. (10)

A NICARÁGUA HOJE

A herança de Somoza: A ditadura nicaragüense deixou 45 mil mortos, 40 mil crianças órfãs, o país arruinado, existindo, no final da guerrilha, 100 mil refugiados na Cruz Vermelha, sendo que 6 mil eram ex-integrantes da Guarda Nacional. A reconstrução nacional passou a exigir, pelo menos, 800 milhões de dólares.

O legado de déficit, no setor habitacional, é de 120 mil unidades residenciais, e decorre de dois fatores: o terremoto de 1978, e durante a Revolução, com as forças de Somoza adotando o sistema de terra arrasada, destruiu por completo a cidade de Esteli, 50 por cento da região industrial de Manágua, além de outros bairros da capital e muitas cidades.

O arquiteto brasileiro, Oscar Niemeyer, aceitou, prazerosamente, convite do regime revolucionário para projetar a reconstrução de Manágua (11).

Foi implantada a reforma urbana, que, entre outras coisas, construiu 100 mil casas populares, em 1980, redistribuindo os benefícios de água, luz e esgoto, em favor dos bairros mais pobres, além de gerar empregos e especializar trabalhadores.

A taxa de desemprego, que sobrou ao novo governo, foi assustadora, e também foram elevadas as perdas na produção. Foram criados cento e vinte mil empregos, mas mesmo assim ainda houve desempregados no final de 1980. Porém, 1981 marcará a solução definitiva do problema.

Somoza deixou um quadro negro na economia. As dívidas externas que contraiu foram de 583 milhões de dólares, e apenas uma mínima parte foi para as necessidades de desenvolvimento econômico e social da população. O maior quinhão teve como destino as contas particulares de seus parentes e asseclas.

(10) O ex-coronel Isaías Quadra foi o diretor da prisão modelo de Tipitapa, e para este local retornou na qualidade de simples preso. Preso também foi o ex-major José Enrique Mungia, que era o chefe da patrulha, que matou em emboscada CARLOS FONSECA AMADOR, fundador da Frente Sandinista. Mungia afirmou, solenemente, no final da guerra, que compreendeu que a luta dos sandinistas era justa.

(11) O governo do Brasil, em gestos simpáticos e de fraternidade, doou 100 máquinas, para fabricação de telhas e tijolos, e colocou à disposição dos sandinistas 15 bolsas de estudos, oferecendo programas de assistência técnica para a formação de administradores municipais. E ainda, o mais importante, ofertou 30 milhões de dólares em créditos, para a compra de veículos, máquinas, bens de capital, aparelhos eletrodomésticos, tudo o que os nicaragüenses quisessem importar. Este acordo foi assinado em Manágua, e encaminhado a Brasília para aplicação prática. Outra contribuição é a montagem de uma destilaria de álcool hidratado, para veículos, com uma produção de 150 mil litros diários. Este projeto compreende importação de usina e transferência de tecnologia, prevendo, inicialmente, 50 mil litros, que foi triplicado depois que os técnicos nicaragüenses visitaram o Brasil.

Estas dívidas, em setembro de 1980, foram renegociadas e escalonadas a juros baixos (12).

Ajuda, apoio e relações com o exterior. Para reativar a economia, o governo sandinista receberá cerca de 579 milhões de dólares de ajuda estrangeira, de diversos países.

Desde outubro de 1979, a Nicarágua restabeleceu relações diplomáticas com a União Soviética, a nível de embaixadas. E em março do ano seguinte, uma delegação do governo nicaragüense, composta dos ministros TOMAS BORGE, HUMBERTO ORTEGA e HENRY RUIZ visitou Moscou, assinando declarações e acordos para contatos reciprocamente vantajosos nos campos político, econômico e cultural, e em outros setores. Estabeleceu-se inclusive plano de relações e programas de contato mútuo entre o Partido Comunista Soviético e a Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Os Estados Unidos, depois de muito prometerem, acabaram concedendo ajuda para a reconstrução da Nicarágua. A Câmara dos Representantes, por 212 votos contra 178, aprovou um crédito de 75 milhões de dólares, não sem protestos dos que consideraram a Nicarágua um país comunista e que seguia a política do presidente cubano FIDEL CASTRO. Mas apenas uma parcela foi liberada.

Cuba tem cooperado com a Nicarágua em diversos setores, assim é que a Brigada Celia Sanchez construiu a estrada entre Tuma e Siúna, no nordeste do país, com 158 km., sendo de mais de 100 os técnicos cubanos. Cuba doou também equipamentos e caminhões o valor de 2,5 milhões de dólares. E um outro grupo de técnicos cubanos e mexicanos fizeram linhas telefônicas, de ligação automática, entre Manágua e a cidade de Bluenfields, na costa atlântica, até então inteiramente isolada da capital.

Os líderes sandinistas têm viajado pelo mundo todo, explicando a Revolução e pedindo apoio e colaboração.

A Espanha ofereceu, inclusive, uma ajuda de 15 milhões de dólares, para atender a situação de emergência.

O presidente da Venezuela, Herrera Campins, visitando a Nicarágua, elogiou o governo sandinista, e garantiu, em qualquer circunstância, o abastecimento do petróleo por parte de seu país.

Educação: É o grande programa dos rebeldes sandinistas, e até agosto de 1980, mais de 150 mil voluntários estiveram no interior do país, ensinando cerca de 600 mil camponeses a ler e escrever, pois é sabido que se deve tirar vantagem do momento revolucionário, e pode-se fazer em meses o que normalmente levaria anos.

Em setembro, foi encerrada a primeira fase da cruzada de alfabetização, que pode ser considerada uma verdadeira epopéia dos guerrilheiros sandinistas. Estimou-se que mais de 500 mil pessoas, principalmente camponeses, aprenderam a ler e a escrever, em todos os cantos do país.

A festa de comemoração deste feito reuniu cerca de 150 mil pessoas, na Praça 19 de Julho, em Manágua, entre brigadistas e pais de família, e na qual estiveram presentes, entre outros, o diretor da UNESCO, Gustavo Garcia de Paredes, o escritor inglês Graham Greene, os presidentes da Costa Rica, Rodrigo Čarazo, e do Panamá, Aristides Royo, que declarou:

"A juventude da América deve se sentir muito agradecida, orgulhosa e dignificada, com o esforço heróico da juventude nicaragüense, que realizou uma cruzada vitoriosa de alfabetização".

E a Nicarágua acabou ganhando, por este êxito, o prêmio internacional de alfabetização Nadezhda K. Krupskaia, concedido pela UNESCO, por ter sido um acontecimento inédito, nos anais pedagógicos da América Latina (13).

Em julho de 1979, o índice de analfabetismo, no país, era de 57 por cento, e depois desta primeira campanha, o referido percentual foi reduzido a 12,5 por cento.

Cuba é pródiga em ajudar seus irmãos latinos e até africanos. Seus profissionais são eficientes e dedicados ao trabalho. 1.200 professores, com média de 26 anos de idade, foram selecionados para tomar parte em campanha de alfabetização na Nicarágua, onde permanecerão até o final do ano de 1981. Equipes de médicos e professores universitários cubanos já trabalham na pátria de SANDINO desde o primeiro dia da vitória.

Apoio da Igreja: Dois sacerdotes pertencem ao Ministério, os velhos militantes sandinistas: MIGUEL D'ESCOTO e ERNESTO CARDENAL, que ocupam, respectivamente, as pastas do Exterior e da Cultura. Sandinistas e a Igreja mantêm ótimas relações. Os sandinistas, desde há muito acostumados com a presença de revolucionários cristãos entre seus companheiros, procuraram ressaltar as afinidades existentes entre os princípios revolucionários e a fé cristã. Durante a festa de Natal, oferecida pela Polícia Nacional às crianças pobres, o Ministério do Interior, BORGE, declarou:

"Há dois mil anos, uma mulher deu à luz uma criança, e a mensagem dessa criança foi: 'Amemo-nos uns aos outros'. Essa é uma mensagem Revolucionária. Essa é a mensagem da Revolução Sandinista".

O bispo mexicano, dom Méndez Arceo, visitando Manágua, afirmou:

"Os cristãos nicaragüenses devem envolver-se no processo de reconstrução e na Revolução de seu país. O Socialismo é a única via de redenção dos países explorados. Os cristãos da América Latina têm muitas esperanças na Nicarágua". (14)

O papa João Paulo II, ao receber membros do Governo Sandinista, abençoou o país, formulando votos de futuro de paz, concórdia e solidariedade, e a campanha de alfabetização foi elogiada *"para que se facilite o acesso generalizado à cultura".*

(12) Dos 583 milhões de dólares, 62 por cento pertencem a bancos norte-americanos. O acordo foi o resultado de nove meses de negociações entre representantes de aproximadamente 120 bancos comerciais e instituições financeiras internacionais credoras e os sandinistas. A dívida será saldada, com juros baixos, num prazo de doze anos, com cinco de carência. Uma quantia estimada entre 200 e 250 milhões de dólares, correspondente a dívidas adicionais, assumidas por entidades particulares, está sendo ainda renegociada.

(13) Em Londres, a candidatura do diretor da campanha de alfabetização sandinista da Nicarágua, padre FERNANDO CARDENAL, ao Prêmio Nobel da Paz de 1981, foi proposta por um grupo de 133 membros da Câmara dos Comuns, da Câmara dos Lordes e britânicos no Parlamento europeu. Em carta enviada ao comitê do Nobel, em Oslo, afirmaram que:

"A transformação da Nicarágua, de um país em guerra consigo mesmo, em um país em guerra com o analfabetismo (que em um ano caiu de 50 por cento para 12 por cento) foi uma conquista impressionante que merece as honras do prêmio."

(14) Dom Méndez Arceo é conhecido, no México, como o Bispo Vermelho.

Eleições: O governo provisório, que é a **Junta de Reconstrução Nacional**, não pode nem pensar em eleições. Tem, na verdade, o apoio total da população, e vem procedendo uma série de medidas, para uma mudança Revolucionária, em favor, da pátria de Ruben Darío (15).

"A Nicarágua não pode perder tempo e dinheiro para eleições, pois o objetivo da Revolução Sandinista não é aperfeiçoar o capitalismo, mas transformar radicalmente as estruturas injustas do país". (16)

A verdade é que quem assumiu o governo foram os guerrilheiros vitoriosos, que exercem o poder contra a ditadura, a oligarquia, o imperialismo e os grupos dominantes que exploravam o povo. Ademais, não existe censo oficial da Nicarágua, pois Somoza nunca se preocupou com isto.

E quando o processo eleitoral se realizar – talvez em 1985 – ficará bem claro, como acentuou o Ministro da Defesa e chefe do Exército Sandinista, COMANDANTE HUMBERTO ORTEGA:

"Serão eleições para melhorar a Revolução e nunca, jamais, para rifar o poder".

Julgamentos: A Revolução Sandinista, apesar de muitas mortes, derramamento de sangue e repressão, provocadas pelos somozistas, não promoveu execuções sumárias.

Os julgamentos se realizam publicamente, transcorrendo em clima de seriedade e moderação. Todos os réus, mais de sete mil somozistas, têm defensores à disposição. Na Nicarágua não há pena de morte, e a pena máxima, prevista pelo Código Penal, é de 30 anos de reclusão.

A guerrilheira, advogada NORA ASTORGA, destacada participante da FSLN, foi designada para o cargo de Promotora Pública. Ao lado dos Tribunais Especiais funcionam outros três de Recursos. NORA ASTORGA, apelidada de "MATA HARI SANDINISTA", afirmou sobre o assunto:

"Os julgamentos serão rápidos mas justos. Estes irão até fins de 1980. Todos os implicados em crimes, sejam torturadores, assassinos ou traidores serão julgados. O governo não criou novas leis, nem novas figuras no Código Penal. Todos serão julgados sob a mesma legislação que a Nicarágua sempre teve. Se não houver provas, os réus serão libertados imediatamente".

O instituto do habeas corpus foi restaurado em sua plenitude. A Corte Suprema de Justiça foi reorganizada, de acordo com um critério mais pluralista.

Em outubro de 1980, o Governo Sandinista anunciou a libertação de 70 mulheres, condenadas por crimes de guerra e colaboração com o regime do ex-ditador. A anistia foi concedida para a confirmação do lema:

"A Revolução foi firme na luta, mas generosa na vitória".

(15) Félix Rubén Garcia y Sarmento (1876-1916), poeta, jornalista e diplomata nicaragüense. É o primeiro poeta hispano-americano de fama internacional. Dedicou-se também a uma literatura comprometida com as coletividades humanas.

(16) Declaração do membro da Junta, Sérgio Ramírez.

Um novo Exército: Este será de cunho popular. Segundo um dos Comandantes Sandinistas, BAYARDO ARCE, o novo Exército está recebendo orientação de Cuba, embora a organização técnica tenha sido do Panamá, que presenteou à nova Nicarágua diversos veículos.

A Nicarágua tem pedido e obtido armas tanto aos Estados Unidos como à União Soviética, e conforme ainda o mesmo BAYARDO ARCE, devido ao atual estado financeiro do país:

"Não estamos dispostos a gastar nem um dólar na compra de armas".

Um grupo de 120 nicaragüenses, escolhidos para integrar as futuras milícias populares, estiveram em Cuba, em janeiro de 1980, para treinamentos intensivos, nos moldes da força miliciana de FIDEL.

Mudanças e Revolução: Os Sandinistas podem ser considerados, segundo o influente jornal francês *Le Monde*, como revolucionários razoáveis ou sensatos. Evidentemente que a FSLN vê Cuba com os bons olhos de todos os Revolucionários latino-americanos, como o primeiro território do subcontinente libertado do imperialismo ianque. Havana é a capital onde a maioria dos movimentos de libertação popular, inclusive os próprios sandinistas, encontraram apoio e assistência.

Teoricamente, os guerrilheiros Sandinistas e a burguesia têm a oportunidade histórica e única de coexistirem.

Os bancos foram nacionalizados (inclusive os estabelecimentos estrangeiros), mas cujos proprietários serão indenizados (com exceção dos bancos somozistas). Mas quase todos estavam em déficit.

Foram nacionalizadas as exportações dos cinco produtos que fornecem à Nicarágua a quase totalidade de suas divisas: o algodão, o café, a carne, o açúcar e os crustáceos, conseguindo-se, com isto, um instrumento capital de controle da economia.

As empresas ineficientes foram nacionalizadas, bem como as que foram descapitalizadas sem justificativa, com retirada de maquinários. Neste caso, estão também as que enviarem para o exterior seus capitais e solicitarem falência. A CIA chegou a ser acusada de querer sabotar a reconstrução econômica da Nicarágua e fomentar a paralização de muitas empresas do país.

Os recursos naturais da Nicarágua, incluindo os do solo, subsolo, atmosfera, plataforma continental e águas territoriais, passaram a ser patrimônios exclusivos do Estado, tendo sido criado para isto o **Instituto Nicaragüense dos Recursos Naturais e Meio Ambiente**, destinados a regulamentar os recursos do país, sendo ressalvado que o decreto se destina a controlar recursos naturais, ainda inexplorados, sem estatização obrigatória de todas as empresas.

As imensas terras de Somoza, de parentes, sócios e cumpinchas foram imediatamente expropriadas, e isto já deu início à reforma agrária:

"O grande problema da Nicarágua" de acordo com o Ministro da Agricultura JAIME WHEELOCK *"é resolver o quanto antes possível o problema da produção de alimentos. Queremos produzir riquezas para todos e não somente para que um proprietário ganhe dinheiro para que o coloque num banco estrangeiro".*

Muitas terras foram expropriadas, além das dos Somoza.

Há ainda uma particularidade curiosa: devido às nacionalizações do capital de Somoza, o governo se tornou sócio de algumas grandes companhias estrangeiras que cperam no país.

Em março de 1980, o Governo Sandinista decretou confisco definitivo de todas as propriedades, que se encontram em mãos do Estado, desde a Revolução de julho do ano passado e estabeleceu penas de prisão de até três anos para os empresários e executivos que facilitem a saída de capitais da Nicarágua. O decreto de confisco coloca, em poder do governo, todas as propriedades até agora expropriadas, mesmo aquelas cujos proprietários não sejam parentes do ex-ditador Anastasio Somoza ou ligados ao seu deposto regime. A disposição não incluiu terras confiscadas com tamanho inferior a 25 hectares na costa do Pacífico e 35 no resto do país. Nesses casos, os proprietários receberão certificados de propriedade do governo, resgatáveis a juros de 6,5 por cento ao ano.

O dirigente sandinista MOISÉS HASSAN explicou que a decisão do confisco foi tomada em função de três motivos: os camponeses nicaragüenses reclamam o direito de possuírem terras; em muitas terras confiscadas houve ocupação de fato, e finalmente, o Exército Popular Sandinista não tem funções repressivas, motivo pelo qual não pode tirar pela força os camponeses que tomarem terras.

Quanto ao decreto antifuga de capitais, a lei estabeleceu que serão condenados à prisão ou a altas multas os proprietários ou executivos das empresas que exagerarem, ficticiamente, gastos no exterior, simulem pagamentos ao alterarem registros contábeis, para elevar o montante de suas dívidas no estrangeiro.

Os dirigentes sandinistas advertiram que serão os próprios trabalhadores, que se encarregarão de iniciar os processos contra os proprietários das empresas, ao denunciar aos órgãos competentes qualquer manobra contábil.

Os membros da Junta de Reconstrução Nacional da Nicarágua reafirmaram a determinação de combater com toda a energia os procedimentos que dificultem o plano de reativação econômica, colocado em prática pelo governo.

Segundo informações do Comandante Sandinista EDEN PASTORA, vice-Ministro do Interior, a Nicarágua nacionalizará as plantações de banana da empresa norte-americana United Fruit, bem como os setores de mineração e de seguros, tendo acrescentado que:

"Uma eventual reação negativa dos Estados Unidos seria um grave erro, porque a América Latina não é o que era há vinte anos; uma hipotética invasão de tropas norte-americanas provocaria uma resposta global de todos os países latino-americanos; que a Nicarágua quer manter as mais cordiais relações com Washington, desde que sejam respeitados os acordos internacionais e não haja interferência nos assuntos internos nicaragüenses".

Na verdade, a Nicarágua vai se tornar socialista, à maneira argelina, iugoslava, tanzaniana, cubana ou nicaragüense mesmo.

Violeta Barrios de Chamoro, por motivos particulares e Alfonso Robelo, por desentendimentos políticos, deixaram a Junta Nicaragüense, sendo substituídos, em maio de 1980, pelo advogado Rafael Cordova Rivaz, que ocupava o cargo de Juiz da Corte Suprema e que tinha sido um dos principais adversários de Somoza, como militante da União Democrática de Libertação, e seu nome já havia sido cogitado para integrar o governo, quando de sua anterior formação, e pelo economista Arturo Cruz, que era presidente do Banco Central, e que antes fazia parte do Grupo dos 12 (17).

(17) Em março de 1981, a Nicarágua reduziu de cinco para três o número de integrantes da Junta de Reconstrução Nacional, ressaltando que a finalidade da medida é garantir o vigor, a coesão e a eficiência do governo, no momento em que a situação nacional e internacional assim o impõe. Deixaram seus postos MOISÉS HASSAN (que foi deslocado para um novo organismo, o Conselho de Governo,

Foi instituído um Conselho de Estado, com 47 membros, com maioria é liderança da Frente Sandinista de Libertação Nacional mas com alguns representantes de empresas privadas e de outras teudências. Este Conselho tem funções de coadjuvação legislativa ao Poder Executivo, e está sob a presidência do comandante BAYARDO ARCE CASTANO.

Festas no 1º Aniversário: Uma grande e vibrante festa popular teve lugar na Nicarágua, em 19 de julho de 1980, data do primeiro aniversário da vitória dos guerrilheiros Sandinistas. A alegria e o orgulho se estampava em todo o povo, por estarem construindo uma pátria nova, e sentindo que estão no poder.

Um grande comício teve lugar na Praça 19 de Julho, em Manágua, onde compareceram mais de 600 mil pessoas, com a presença de destacadas personalidades latino-americanas. Um dos oradores mais aplaudidos foi FIDEL CASTRO, que chamou os Sandinistas de sábios na luta, na unidade e na vitória, lembrando a insurreição, afirmou:

"A página de heroísmo escrita por vocês passará, com honras, à história. O esquema elaborado pela Frente Sandinista, *para o período de reconstrução nacional, esse chamado, esse apelo a todo o povo, esse apelo aos distintos setores sociais, para reconstruir o país, esse esquema que incluiu, sim, pluripartidarismo e oposição, é uma das coisas mais sábias que nestas circunstâncias poderia ter feito qualquer movimento político".*

Caminhos da Revolução e aplausos da OEA: Pequenas conspirações, mas sem conseqüência alguma, surgiram na Nicarágua, após a Revolução. Em setembro de 1980, anunciou-se a prisão de Bernardino Larios Montiel e outros ex-integrantes da extinta Guarda Nacional, por serem suspeitos de tramarem conspiração contra o Governo Sandinista (18).

Foi pedida, pela Justiça da Nicarágua, ao governo dos Estados Unidos, a extradição de Anastasio Somoza Portocarrero, o terceiro Somoza, acusado, comprovadamente, de desfalques de quase cinco bilhões de cruzeiros em fundos governamentais, ao tempo do governo de seu pai, e por ter sido um dos mandantes do assassinato do jornalista Pedro Joaquim Chamoro (19).

A Revolução da Nicarágua caminha em frente, magnificamente. TOMAS BORGE, Ministro do Interior, após as inúteis tentativas de contra-revoluções, formulou advertência e perspectivas:

"Todos os que tentarem interromper a Revolução do povo nicaragüense serão eliminados pelo Exército Sandinista do mesmo modo. Nós estamos dispostos a oferecer nossas vidas, que não nos pertencem desde que prestamos juramento na Frente San-

com funções consultivas) e Arturo Cruz (que foi nomeado embaixador nos Estados Unidos). Permanecem à frente do governo: HUMBERTO ORTEGA (que passou a coordenar a Junta de Reconstrução Nacional, Sérgio Ramirez Mercado e Rafael Cordoba Rivaz.

(18) Larios cursou, no Brasil, quando jovem, a Academia Militar de Agulhas Negras, sendo casado com brasileira. É ex-coronel da guarda nacional, tendo sido preso por Somoza, em 1976 e julgado por uma corte marcial, sob a acusação de conspirar contra o governo. Conseguiu fugir da prisão e aliou-se aos sandinistas, sendo depois nomeado Ministro da Defesa. Em dezembro de 1979, foi destituído do cargo e nomeado embaixador no Brasil, mas não aceitou esta missão.

(19) Na época da condenação deste Tachito, que contava com 23 anos, outubro de 1980, foram desvendados outros roubos de somozistas. Somoza Portocarrero viveu com o pai algum tempo, no Paraguai, mas de lá foi expulso, por atentados contra a moral pública e particular.

dinista de Libertação Nacional, *para defender o povo. O imperialismo e a burguesia estão querendo usar na Nicarágua táticas que usaram no Chile. Mas devem ter consciência de que há uma diferença fundamental: os chilenos não tinham os fuzis que têm nossos companheiros. Nós, os nicaragüenses, usamos os meios diplomáticos para evitar uma eventual agressão. Somos flexíveis e podemos ser bastante generosos, mas jamais colocaremos numa mesa de negociações esses fuzis que conquistamos em combate. De uma coisa podem estar certos nossos inimigos e amigos: nossa Revolução irá em frente, como os rios, e não retrocederá uma polegada sequer".*

O pensamento e a ação da Nicarágua perante a Assembléia Geral das Nações Unidas: Em outubro de 1980, o Chanceler Sandinista MIGUEL D'ESCOTO disse, perante este organismo internacional, que:

"A paz mundial só será alcançada quando se erradicar o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o sionismo, o apartheid *ou qualquer outro mal que o capitalismo possa inventar, para justificar a exploração do homem pelo homem. O mundo atravessa uma década perigosa, que decorre da falta de vontade política e de visão dos países desenvolvidos, para compreender a justiça que acompanha as exigências da imensa maioria do planeta".*

O pleno respeito aos direitos humanos, na Nicarágua, foi comprovado por uma comissão da Organização dos Estados Americanos, que percorreu o país, a convite do próprio governo. Os melhores aplausos foram recebidos por parte dos Sandinistas.

Capítulo 25

COSTA RICA – NÃO HÁ SOLDADOS NEM ARMAS PARA SE COMBATER GUERRILHEIROS

A REVOLUÇÃO FEITA POR DOM PEPE FIGUEREZ

Se não existem condições bélicas nem para defesa interna ou externa, jamais a Costa Rica terá guerrilheiros ou revolucionários. É uma ocorrência impossível.

E não há também condições sociais, políticas ou econômicas para nenhum tipo de luta.

É um contraste na América Latina, onde nos outros países o problema militar e de armamentos é levado muito a sério. Às vezes até as múltiplas armas sofisticadas; exemplos: Argentina, Chile, Uruguai etc., servem para repressão contra a própria população.

Em 1974, época em que, com exceção da própria Costa Rica, México, Colômbia e Venezuela, todas as demais nações da América Latina eram ditaduras militares, e algumas violentas, a Costa Rica foi o único país do nosso continente, incluído pela associação norte-americana Freedom House, na lista das 17 nações mais livres do mundo.

Poderia dizer-se até que a Costa Rica é um país interessante. Porém, as suas instituições políticas modernas, e que são estáveis e até progressistas, nasceram em meio ao derramamento de sangue, na Revolução Civil de 1948, e daí, então, se garantiu a paz e um tipo propício de democracia.

A forma de governo republicano, com o poder presidencial controlado pela Assembléia, mantém-se através de eleições pacíficas, realizadas sob a autoridade de um Tribunal Eleitoral independente.

Não há golpes de Estado, não há ataques contra o povo, não há qualquer tentativa de opressão, pois a nação aboliu o seu exército regular, após o torvelinho de 1948, e o seu corpo de segurança civil, que não é um instituto oligárquico, não chega a contar com 7 mil pessoas, inclusive somando-se todos os elementos burocratas, sendo que os policiais fardados são apenas 500 e os hoje chamados guardas rurais, e os guardas de trânsito, que não usam armas, não atingem a 300.

Mas para se acabar com as possibilidades de revoltas, repressões, golpes etc., fez-se, como já mencionamos, uma Revolução Civil, quando um candidato a presidente, que perdeu as eleições, se proclamou ditador e referendou-se pelo Congresso (1). Aí, então, surge o nome, sempre famoso na história da Costa Rica, do popular Dom Pepe Figuerez, José Figuerez Ferrer, que se transformou, de simples médio fazendeiro e comerciante, em revolucionário autêntico (2). Declara a luta civil, na qual derrota as forças regulares, institui uma Junta Revolucionária chefiada por ele mesmo, e entrega o poder a quem tinha sido realmente eleito: Otilo Ulate Blanco.

Dom Pepe Figuerez retira-se para a zona rural montanhosa, região bananeira do Pacífico, na Costa Rica, com alguns companheiros, trava algumas batalhas, depois prepara-se, com alguns intelectuais, e pequenos plantadores do altiplano central, na sua célebre fazenda La Lucha, vence os que o vão combater e desce às cidades, triunfando contra as fracas forças armadas e contra o alinhamento bem mais temível de mercenários da United Fruit.

Figuerez, descendente de imigrantes da Catalunha, nasceu em 1906, estudando em sua cidade natal, depois num liceu em San José, a capital, e finalmente nos Estados Unidos, onde freqüentou cursos no Instituto de Tecnologia de Massachussetts. Ao regressar à Costa Rica, em 1928, adquiriu uma plantação arruinada e aplicando técnicas modernas, transformou-a num empreendimento rendoso, empregando dezenas de trabalhadores. Ingressa na política, em 1942, e pela sua atuação violenta foi preso e deportado. Na sua volta, em 1944, organizou o Partido Social Democrático, não sendo bem-sucedido, e em 1948, o seu candidato tinha vencido, mas para acabar com a fraude eleitoral, a hegemonia dos cafetalleros, da oligarquia do café e da banana, fez a Revolução, acabando com o exército e estabelecendo novas bases de desenvolvimento no país.

A Junta Revolucionária, que chefiava, decretou um imposto de 10 por cento sobre o capital, nacionalizou os bancos, conquistando grande admiração.

Antes de tomar posse como presidente, pela primeira vez, afirmou:

"A propriedade estrangeira de um grande segmento da economia de um país, ou de seu território, constitui uma ocupação econômica. Não é fantasia dizer isso. Sou cidadão de uma república das bananas. Sei o que representa ter-se um Estado dentro do Estado, abrigar uma empresa privilegiada, que não obedece às leis do país, mas aos termos de sua própria concessão, aos termos da ocupação econômica . . . A grande propriedade é um meio de limitar a autoridade local, especialmente quando esta funciona sob contratos de empréstimos, ou concessões discriminatórias, semelhantes às que as campanhas coloniais arrancaram às nações fracas. Seria aconselhável que os Estados Unidos retirassem a ocupação econômica".

Em 1956, Dom Pepe quis fazer outra revolução, porque a Constituição não estava sendo cumprida, e a simples ameaça regularizou todas as normas legais novamente.

Entretanto, Figuerez não manteve sua linha por todos os anos vindouros. O seu futuro instituto político, de ensinar como conseguir reformas sem revolução, teve alguma coisa de conservadorismo, e Figuerez fez, também, muitas concessões inúteis ao capital americano, na ânsia de obter maior índice de progresso a seu país.

(1) O candidato oficial que perdeu as eleições foi Rafael Angel Calderon Guardia, que tinha o apoio do então presidente Teodoro Picado (1944-1948).

(2) Figuerez não é considerado precursor de guerrilheiro, pelos motivos apontados no Capítulo Especial deste livro. Foi eleito presidente da Costa Rica por duas vezes, 1948-1953 e 1970-1974, sendo o seu partido chamado de Libertação Nacional.

Sob suas mãos, entrou na Costa Rica, em 1972, o célebre e rico financista estadunidense Robert Vesco, que teve de ir embora, antes da posse do presidente Carazo, em 1978, que o ameaçava de expulsão, por negócios escusos.

De qualquer maneira, Figuerez deu uma nova tendência a este país da América Latina, onde até hoje impera um tipo interessante de democracia. O progressismo de Figuerez, sem o ímpeto dos seus primeiros anos de governo, julgou prudente não exagerar a sua orientação reformista.

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS

A partir de 1949, todos os primeiros de maio consta, simplesmente, de marcha de trabalhadores sem nenhuma ação da polícia, sem pomposos desfiles bélicos. Não há incidentes em qualquer outro dia. Não há pressupostos de revolta. A Costa Rica não participa das célebres reuniões dos Exércitos Americanos. A CIA nem pôde agir. Lá ninguém conhece a doutrina da contra-insurgência nacional.

Neste pacífico país o poder está instalado num velho casarão, chamado Casa Presidencial, e guardado por um único policial.

Escrevendo sobre a Costa Rica, que teve uma formação de *Povo Novo*, o professor Darcy Ribeiro afirmou:

"O processo de formação dos povos modernos da América Central seguiu, em grandes linhas, o mexicano, gerando ali também, uma oligarquia e um patriciado alienado e uma camada engajada a seu serviço, todas elas vivendo da exploração das populações indígenas. A única exceção é Costa Rica, em que o espanhol, assentando-se sobre populações indígenas, mais atrasadas e permanecendo por longo tempo em condições de isolamento, formou uma sociedade patriarcal, de pequenos proprietários, mais europeizada que outras da região" (3).

Pela Constituição da Costa Rica, de 1948, as propriedades agrícolas não poderão ter mais que 1.500 hectares, quando for de empresa jurídica, e 500 hectares, pessoa física. A Costa Rica, na verdade, nunca teve latifúndios. Jamais foi o país de 2,20 ou 200 grandes propreitários. A maioria dos agricultores pequenos e médios trabalha em suas próprias terras, e não na propriedade alheia. Como a população não era constituída de ex-escravos ou índios derrotados, mas de imigrantes que resistiram à peonagem, o país foi salvo dos poderosos barões de terras (4).

Levando-se em consideração os prós e os contras, ainda, na Costa Rica, a distribuição de terras é mais justa que em outros países capitalistas latino-americanos.

Geralmente, o poder, na Costa Rica, oscila entre os sociais-democratas (Pepe Figuerez é um deles, e tido como um conciliador, entre as classes operárias e o governo) e conservadores. Convém acentuar que nenhum destes partidos são grandes reformadores sociais, nem de ideais esquerdistas. Greves, por reivindicações sociais não deixam de ocorrer, esporadicamente, inclusive uma delas aconteceu em dezembro de 1979, contra a multinacional americana Standard Fruit, subsidiária da antiga United Fruit, que será nacionalizada a partir de 1985, sendo que a estrada de ferro da mesma já o foi, recentemente.

(3) *As Américas e a Civilização*, 1ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, pág. 170.

(4) Nos velhos tempos, as famílias poderosas da Costa Rica foram: Iglesias, Volio, Orlich, Peter, Schofield e Guardia (hoje Manoel Jimenez de La Guardia é o mais rico empresário do açúcar). Três personagens ainda, na atualidade, enfaixam os grandes negócios (beneficiamento e exportação) com o café: Francisco Orlis, Carlos Peters e Julio Sanchez Lepis.

Esta greve durou 27 dias, chegando a paralisar 20 mil trabalhadores, nas plantações de banana, causando prejuízos de mais de quatro milhões de dólares. O acordo foi acolhido com atisfação por todas as partes.

Uma nova greve, de grandes proporções, teve lugar em julho de 1980 e que abrangeu cerca de cinco mil trabalhadores da subsidiária costa-riquenha da companhia bananeira norte-americana United Brands, greve esta decretada pela União de Trabalhadores do Golfito, nas costas do Oceano Pacífico, para exigir aumento salarial de 30 por cento e a readmissão de trabalhadores demitidos no ano passado. Com a duração de 46 dias, esta greve saiu vitoriosa, garantindo o Ministro do Trabalho que, inclusive, os trabalhadores teriam garantias sobre a continuação de seus contratos na empresa e que não haveria represálias contra os grevistas e líderes sindicais. E desta vez, os prejuízos foram calculados em 10 milhões de dólares à companhia.

Outra grande empresa estrangeira, que atua no outro lado da costa do Oceano Atlântico, a Bandeco – Banana Development Corporation será encampada pelo governo, muito brevemente. As indenizações serão decorrentes de simples inventário de bens.

Recentemente, o governo da Costa Rica adquiriu a fábrica de fertilizantes Fertica, colocada à venda pelo México, e a parte das ações foi vendida pelo Estado a organizações agropecuárias e aos próprios trabalhadores da empresa.

A Costa Rica é um dos países de instituições políticas mais estáveis da América Latina. Oito partidos disputaram as últimas eleições, de 1978. Toda a população só tem uma arma, que é o voto, e que apenas é usada de quatro em quatro anos, e em um único dia somente.

O vencedor foi o atual presidente Rodrigo Carazo Odio, conservador, apoiado inclusive pelos democratas cristãos, mas na Costa Rica o rótulo influi pouco (5).

Os partidos de esquerda foram regularmente votados, mas são relativamente recentes e com gente nova em embates eleitorais. Numa Câmara de 57 deputados, a coligação vencedora (União Nacional, composta da Renovação Nacional e Democrata-Cristão), elegeu 28 representantes, enquanto que o Libertação Nacional, rotulados de sociais-democratas, 24, ficando uma cadeira para extrema-esquerda, duas para a esquerda firme do Partido Socialista Costa-riquenho e as outras duas restantes para os comunistas ortodoxos, da Vanguarda Popular. Este tem mais votos nas regiões bananeiras onde controlam os sindicatos. Nas eleições presidenciais, o candidato oficial, derrotado, Luiz Alberto Monge, não conseguiu vencer, nem no interior do país, onde contava com o apoio dos agricultores e camponeses. O terceiro lugar foi conquistado por Rodrigo Gutierrez Saenz, candidato de uma união de três partidos esquerdistas, que se denomina Povo Unido (6).

Em quarta colocação ficou Carlos Coronado, da Organização Socialista dos Trabalhadores.

A Costa Rica não tem analfabetos e não tem praticamente inflação. Esta, de 21 por cento, em 1974, baixou para 6 por cento, em 1977. O índice de desemprego, que era de 7 por cento, em 1974, caiu para 4 por cento, em 1978, e continua diminuindo: 2,5 por cento, em abril de 1979.

(5) Rodrigo Carazo, economista de 52 anos de idade, antes de ingressar na Universidade, trabalhou como radiotelegrafista, no posto de Puentanevas e como operador da torre de controle do aeroporto de La Sabana. Em 1952, foi nomeado reitor da Universidade da Costa Rica e um ano depois ocupou o cargo de diretor geral do Ministério da Economia e Fazenda. Carazo tinha pertencido ao PLN e abandonou o mesmo em 1970, por não ter sido indicado, naquela ocasião, candidato presidência.

(6) São figuras tradicionalmente importantes na esquerda da Costa Rica: Rodrigo Ferreto, presidente do PC, Manoel Mora e Marcial Aquiluz. O PC tem o nome de Partido de Vanguarda Popular (PVP).

A Previdência Social é das mais avançadas do Terceiro Mundo. O sistema de ensino é gratuito. A Universidade da Costa Rica, fundada em 1940, transformou-se numa instituição autogovernada, de grande prestígio, contando com quatro centros regionais.

Do programa de governo de Rodrigo Carazo, constavam o reforço do sistema financeiro privado, com apoio a iniciativas particulares, além da abertura – dentro de leis próprias – da economia aos investimentos estrangeiros.

Entretanto, a Costa Rica não dá muito ouvido e não obedece ao Fundo Monetário Internacional, pois, em novembro de 1979, o colon não foi desvalorizado, como queria aquele organismo.

As futuras eleições de 1982 já estão praticamente delineadas, e o prestígio do presidente Carazo diminuiu muito, em virtude de seus desvios, com os países socialistas da área e de sua atual política contraditória, não se orientando pelo lado democrático.

A vitória será praticamente do Partido de Libertação Nacional, que voltará ao poder com Luiz Alberto Monge, que tem recebido apoio da juventude, de intelectuais progressistas e de camadas populares.

A coligação do Povo Unido disputará novamente, com grandes possibilidades, e desde já faz campanha, com maior agressividade e combatividade. E deverá aumentar, substancialmente, sua representação no Parlamento, de maneira que a esquerda poderá pleitear posições mais identificadas, para busca de novas transformações sociais.

Lamentável e infelizmente, o presidente Carazo passou a tomar, em 1981, atitudes anti-populares, até adotando as normas impostas pelo FMI e também medidas anti-diplomáticas, com relação a países tradicionalmente amigos, o que veio distoar em completo com o passado da Costa Rica. Entretanto, o seu mandato está no fim, e nem ele e nem o seu partido de centro-direita jamais retornarão ao poder. E aí, então, a Costa Rica voltará a ser o país interessante que sempre foi.

CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS

No plano internacional, a Costa Rica pode exercer uma intensa campanha de defesa dos Direitos Humanos, em diversos foros mundiais, com a segurança de quem sabe que dentro de suas fronteiras tais direitos não são violados, sendo que lá está instalada a Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Em janeiro de 1980, realizou-se, em San José, promovido pela Anistia Internacional, o importante encontro sobre o tema: Torturas, Mortes e Desaparecimentos de Detidos Políticos na América Latina.

Uma de suas conclusões foi que:

"A tortura é um mal generalizado e de uso sistemático na prática política das ditaduras militares da América Latina, e ainda cada vez mais de outros regimes que não apresentam ostensiva ou diretamente este caráter". Foi rejeitada tese de que a tortura seja *"resultado isolado de excessos de funcionários", pois nesses países, a prática alcança o conjunto social, e adquire, então, o caráter de crime contra a humanidade, que põe a paz em perigo".*

O encontro pediu a adoção de dispositivos penais, capazes de punir os torturadores, sendo aprovado e ratificado exortação aos Estados de toda a América Latina, no sentido de ratificarem os pactos internacionais de defesa dos direitos humanos e que os façam cumprir. Também pediu maior eficácia aos organismos internacionais já existentes, sugerindo o desenvolvimento da campanha de formação de

consciência de que seriam destinatários os advogados, a população em geral, os funcionários policiais e militares e os comunicadores sociais.

Esta Corte é o segundo tribunal do gênero em todo o mundo e sua criação inspirou-se na Corte Européia de Direitos Humanos. Esta instituição é acatada, suas sentenças têm conseqüências e ela não se deixa intimidar por nenhum governo.

A decisão de se criar esta Corte Interamericana de Direitos Humanos foi adotada em 1968, numa conferência da OEA, na própria Costa Rica. E o Tribunal foi agora solenemente instalado, e se encontra em plano funcionamento.

LOCAL DE ENCONTRO DE GUERRILHEIROS

Foi na Costa Rica que se conheceram, por mero acaso, inicialmente, FIDEL CASTRO e CHE GUEVARA, em julho de 1955 e daí se fez a história toda do futuro das guerrilhas na América Latina (7).

GUEVARA percorreu quase toda a América Latina, quando jovem. Na Costa Rica, por uma coincidência do destino, onde se encontrava, aportou um punhado de jovens cubanos, entre eles FIDEL CASTRO, que acabava de ser indultado, em decorrência de condenação, pela participação do famoso ataque ao quartel de Moncada, no dia 26 de julho de 1953.

Cinco anos após, em Sierra Maestra, ambos estariam iniciando a célebre Revolução Cubana, que foi, posteriormente, o estopim das guerrilhas da América Latina.

E a guerrilha cubana recebeu, do presidente Pepe Figuerez, uma doação valiosa de armas, que por via aérea chegaram a FIDEL e seus companheiros, em 30 de março de 1958, época da grande ofensiva contra o ditador Batista.

E ultimamente a Costa Rica esteve em grande evidência, pois foi lá em seu território que os guerrilheiros Sandinistas praticamente prepararam-se para os combates e as lutas na vizinha Nicarágua. O grande apoio da Costa Rica às guerrilhas foi o Campo de Formação, além de outros tipos, principalmente moral. A Costa Rica foi ameaçada de invasão pelas tropas da ditadura de Somoza, foi bombardeada e não cedeu. No auge da crise, quando os aviões e helicópteros norte-americanos aportaram na Costa Rica, suas autoridades fizeram com que voltassem quase que imediatamente.

O fato mais curioso deu-se em março de 1979, quando a Costa Rica importou centenas de fuzis M-14, que foram quase todos transferidos para os guerrilheiros nicaragüenses, trazendo grande celeuma na sua Câmara de Deputados. Outro fato também curioso, é que no auge da possibilidade de invasão, a Costa Rica não dispunha senão de poucos velhos fuzis M-1 e munição para somente três horas de combate.

(7) Da Costa Rica, FIDEL e CHE foram para o México.

Capítulo 26

PANAMÁ EXPORTOU – OFICIALMENTE – SEUS GUERRILHEIROS PARA LUTAREM AO LADO DOS SANDINISTAS

O PANAMÁ ATUALMENTE

Em 1968 foi deposto, pela terceira vez, o presidente Arnulfo Arias Madrid (1). O homem forte do Panamá, o então tenente coronel Omar Torrijos Herrera, procurou e atingiu o objetivo de levar o seu país para o combate ao imperialismo norte-americano, representado pela zona do canal do Panamá. Tomou algumas medidas esquerdizantes e mandou até um batalhão de guerrilheiros panamenhos, comandados por uma alta personalidade de seu governo, combater ao lado dos Sandinistas, na Nicarágua (2).

O hoje brigadeiro-general Torrijos é a grande figura de seu país, ostentando o título de Comandante Geral da Guarda Nacional, além de ter outras atribuições (3). O Panamá abriga muitas empresas multinaconais norte-americanas, mas Torrijos tornou-se popular, além do fato acima citado, por seus projetos de desenvolvimento rural, reformas trabalhistas e sociais. Também reatou relações com Cuba. Nacionalizou algumas companhias estrangeiras, inclusive a potente Canadian Javelin Ltd., a rainha do cobre.

O grande sentimento nacionalista que despertou, com tudo isto, fez com que, no Panamá, nem haja pensamento de guerrilhas. A volta de todos os Partidos, de todos os matizes, está se concretizando. Certa feita, Torrijos, ao tempo da primeira etapa de seu governo (1968-1972), quando o exercia de forma meio arbitrária, declarou, enfaticamente: *"Os processos eleitorais na América Latina nada mais foram do que acontecimentos episódicos que atualizam os tempos romanos do 'pão e*

(1) Arnulfo Arias tinha sido empossado em 1º de outubro, mas governou por apenas 12 dias. Chegou a comparecer perante a OEA, para pedir ajuda, contra uma invasão dos marines, mas foi em vão. Das outras vezes foi deposto em 1941 (governou um ano) e 1951 (dois anos).

(2) Em fevereiro de 1969, Torrijos afastou os companheiros da Junta Militar e assumiu sozinho o poder.

(3) O presidente da República é Aristides Royo, ex-ministro e amigo íntimo de Torrijos.

circo', com a diferença de que foram pródigos no circo e fracos no pão", na mensagem que enviou ao senador norte-americano Edward Kennedy, replicando seu recente ataque aos governos militares latino-americanos.

Torrijos descreveu os governos democráticos como *"um casamento entre as forças armadas, a oligarquia e os maus padres, no qual a oligarquia explorava os sentimentos de vaidade e lucro de certos militares, que emprestam seu fuzil para silenciar o povo, enquanto os maus padres benzem esse casamento, para desfrutar dos benefícios do poder"*.

Há alguns anos no poder, Torrijos admitiu ter sido um instrumento da classe governante, *"contribuindo, muitas vezes, para a preparação do cenário do espetáculo de circo"*, e que foi *"utilizado para comandar pelotões de fuzileiros, sempre prontos a silenciar estudantes, operários e camponeses"*, e que não recordava de um único incidente *"onde a razão não estivesse com a parte para a qual apontavam as baionetas"*. Finalmente, pediu ao senador Kennedy que *"Localize, nos últimos anos, um ex-presidente da América Latina que tenha saído pobre do poder"* (4).

O Panamá tornou-se famoso, na história da América Latina, pelo controle efetuado durante muitos e muitos anos pela oligarquia das 13 famílias: Arias (a mais poderosa clã), Arosemena, Alfaro, Aleman, Arango, Boyd, Chiari, Fabreza, Guardia, Garcia de Peredes, Galindo, Icaza e Mendez Pereira.

A oligarquia está posta de lado, muitos de seus membros estão até exilados (5). O Panamá instalou até fazendas coletivas e estatizou alguns setores açucareiros. Fez criar um sindicato de países produtores de banana, inspirado na ação comum das nações petrolíferas, para cobrar mais impostos.

Durante dois anos, os preços das bananas permaneceram inalterados. E um dado é favorável ao Panamá: o confronto foi feito com a United Brands que, para os latinos-americanos, simboliza, sempre, colonialismo, exploração, violência e arbitrariedades (6).

Mas, o Panamá é um país altamente dependente do nível do comércio mundial, e que tem sofrido com a recessão nos países capitalistas. É também um centro financeiro internacional, e se torna um outro Panamá, montado a partir da lei bancária de 1970, com todas as facilidades à instalação de bancos estrangeiros. Existem hoje 11 bilhões de dólares, depositados em 74 bancos (eram 5 em 1960), com cerca de 200 agências no país, e sete bancos estrangeiros controlam 80 por cento dos depósitos (Bank of America, First of Chicago, Banco do Brasil, Swiss Bank, Trade Development Bank, Deustche Bank e City Bank). O Panamá, em termos bancários, se transforma numa espécie de Suíça latino-americana, e é um paraíso para as multinacionais, que querem seus dólares muito bem escondidos, fora de controle nacional. Um outro enclave, que permanece no Panamá, é a Zona livre de Colon, espécie de Hong Kong latino-americano, com 600 empresas e movimento anual de um bilhão de dólares.

(4) A alusão de Torrijos se ajustava nos países da América Latina, onde saía um presidente reacionário da classe dominante e entrava outro, os partidos eram proscritos, e às vezes as *"eleições"* eram para perpetuação dos ditadores existentes e se referia mormente: 1) ao próprio Panamá; 2) Nicarágua, com a saída de um Somoza e entrada de outro Somoza; 3) Colômbia, onde os partidos de elite fizeram um pacto de mando; 4) República Dominicana, perpetuação do velho Trujillo; 5) Paraguai, Consagração de Stroessner; 6) Honduras, onde a United Fruit escolhia, e as eleições referendavam, e assim por diante.

(5) O velho Arias voltou ao país, em junho de 1978. Quando foi deposto, atribuiu o fato aos comunistas e desta vez declarava que tinha sido, há dez anos, vítima da traição, da cobiça e da inveja.

(6) A antiga United Fruit, conhecida como La Bananera é a multinacional com maior volume de negócios no Panamá. Só de impostos, pagou, em 1977, ao governo panamenho, 18 milhões de dólares, e é a terceira fonte de empregos, dando trabalho a 12 mil pessoas.

Considerado pelos panamenhos como um *"enclave do tipo colonial clássico"*, o Panamá viveu muitos anos com sua atenção voltada a este assunto. Os problemas internos somente agora começarão a despertar atenção: grande concentração de renda, protestos contra o custo de vida, greve nacional de professores contra sistema de ensino e vencimentos, etc.

O ponto básico do Panamá foi o seu canal. Já em 1959, multidões de jovens panamenhos invadiram a zona do canal, protestando contra a soberania norte-americana e novos e violentos distúrbios irromperam, em 1964, com lutas armadas entre soldados americanos e populares panamenhos. Agora estes venceram a parada e estão politizados para outras atitudes e manifestações internas.

Em outubro de 1979, a bandeira dos Estados Unidos foi arriada na zona do canal do Panamá, marcando o início da devolução desta via inter-oceânica a República do Panamá, que deverá ser concluída no ano 2 000, e que lá colocou sua bandeira, como símbolo de posse, após 75 anos. Dos um milhão e oitossentos mil habitantes do Panamá, trezentos mil compareceram à festa do dia 1º daquele mês e ano.

As autoridades panamenhas afirmaram que estes novos tratados assinalaram o fim, na América Latina, da doutrina imperialista norte-americana e marcavam um momento transcedental na história da descolonização.

"O êxito está ao alcance de todos os países, quando a fé e a luta de um povo encontrava eco na solidariedade internacional".

E o general Torrijos acabou passando à história como um herói nacional nesta questão, pois antes dele, no Panamá, nenhum governo tinha tomado providências concretas e defendido a causa.

OS GUERRILHEIROS PANAMENHOS COMBATERAM NA NICARÁGUA

Com a retomada do canal e ampla cobertura aos sandinistas, Torrijos fez os esforços para limpar os desgastes de uma imagem de esquerdista.

Quando EDEN PASTORA voltou vitorioso da Nicarágua, trazendo reféns, prisioneiros políticos e guerrilheiros libertados, foi o Panamá que os acolheu (7).

Quase todos os guerrilheiros panamenhos, sem ação em seu próprio país, foram combater na Nicarágua, ao lado dos Sandinistas. A volta dos mesmos, em 30 de julho de 1979, foi um outro acontecimento nacional, e foram recebidos como heróis – ainda trajando uniformes de campanha e botas militares – por mais de 20 mil pessoas.

O contingente panamenho atingiu a 300 guerrilheiros e foram comandados pelo médico HUGO SPADAFORA, que tinha renunciado ao cargo de vice-ministro da Saúde, em setembro de 1978, para colocar-se à frente dos voluntários.

Vinte guerrilheiros morreram nas lutas e algumas dezenas ficaram feridos. Torrijos prometeu emprego a todos os que regressaram e pensões para os familiares daqueles que tombaram em combate.

Em maio de 1981, HUGO SPADAFORA, o médico guerrilheiro, já com 39 anos, e que antes da Nicarágua já havia lutado também na Guiné-Bissau, contra o exército colonial português, anunciou a formação de brigadas internacionais, para ajudar os povos ameaçados pelo imperialismo e ofereceu apoio aos guerrilheiros

(7) Conclusão do episódio da invasão do Palácio Nacional, pelos guerrilheiros sandinistas.

salvadorenhos. E está esperando, como bom soldado, a resposta da Frente Farabundo Martí.

COMO FICARÁ O PANAMÁ?

O Panamá esteve nas manchetes de todos os jornais do mundo, no começo do ano de 1980, pois acolheu provisoriamente o ex-Xá do Irã. E se constatou que a fortuna de Reza Pahelevi era 16 vezes maior que o orçamento anual do Panamá, e 12 vezes maior que o conjunto de bens e serviços da economia do país (8).

As contradições de Torrijos são grandes, principalmente por se ter permitido o fato acima citado; alguns anos antes, tinha recebido os padres argentinos do "Movimento Terceiro Mundo", impedidos de exercerem suas funções religiosas na Argentina, e também abrigou, nas fileiras de seu exército, muitos guerrilheiros do extinto movimento argentino Montonero.

As promessas de novo sistema democrático surgem no Panamá, mas não se concretizam cabalmente. Em 1977, foram deportadas altas e antigas personalidades políticas e financeiras.

A popularidade de Torrijos parece estar meio ofuscada, após o êxito atingido na questão do Canal e na cooperação ativa com os Sandinistas.

O atual presidente da República, Aristides Royo, que quer construir um outro e mais amplo canal, com a ajuda do Japão e Estados Unidos, mas com a manutenção de estrita neutralidade, foi eleito, em 11 de novembro de 1978, pela denominada Assembléia Nacional, que exerce o Poder Legislativo, com 505 membros nomeados pelo próprio poder Executivo, reunindo-se somente um mês por ano, mas na realidade, este Poder está nas mãos de uma Comissão Legislativa Nacional, indicada também da mesma maneira.

O governo controla grande parte dos jornais. Foram até expulsos, em certa época, correspondentes estrangeiros e presos comentaristas de rádio.

O desemprego já vai a 25 por cento. E pelo quinto ano consecutivo o crescimento econômico (2,7 por cento) foi menor do que o aumento da população.

Como péssima técnica capitalista, foi adotada uma lei com liberdade de dispensa de empregados, para incentivar investimentos privados, em queda. Mas esta medida serviu para aglutinamento de movimentos operários e de esquerda, com decretação de greves e manifestações de ressonância apenas relativa.

Surpreendentemente, o Panamá fez realizar, em outubro de 1980, eleições parciais, para preenchimento de uma parte do Conselho Nacional de Legislação. Este pleito foi o primeiro ocorrido, desde 1968, e em termos de luta pelo poder, o significado imediato foi nulo. O governo continuará com o controle de um Conselho quase sem funções. E nem pode avaliar as forças de oposição, em peleja com o partido do general Torrijos, que leva o pomposo nome de Revolucionário Democrático, de tendência social-democrata, vinculado à Internacional Socialista Européia, e que abriga até muitos esquerdistas e revolucionários, podendo ser considerado um partido de massas bem estruturado, com organizações de operários, camponeses e estudantes.

Entretanto, surpresas não aconteceram nas eleições, pois o Panamá continuará sendo um país de estabilidade, numa América Central conturbada.

(8) O Xá se instalou na ilha Contadora, na Costa do Pacífico, a 50 km. do continente. Mas teve que partir, diante dos protestos populares, liderados pelo Movimento Socialista Revolucionário do Panamá. O atroz monarca, que tinha fugido da fúria do povo iraniano, andou de déu em déu, e acabou morrendo no Egito, em agosto de 1980.

O partido de Torrijos saiu vitorioso na disputa de 19 cadeiras, tendo havido um comparecimento às urnas de quase 70 por cento dos 800 mil eleitores inscritos.

Setenta e sete candidatos de seis partidos disputaram, e o Partido Democrático Revolucionário elegeu 10 deputados; O Partido Liberal 4; a Democracia Cristã, que escolheu como *slogan* a frase *"Eu sou da oposição"*, pura e simplesmente oposição, 2; o Partido Comunista, 2 e um partido de Esquerda Independente, 1. O principal oposicionsita, o Panamenista e três partidos de esquerda, deixaram de inscrever candidatos, boicotando o pleito, inclusive o Trabalhista Agrário denunciou: *"A democracia fictícia que o cidadão Omar Torrijos impôs ao povo panamenho"*.

É de se perguntar como, no final, ficará a política do Panamá, onde realmente todas as contradições, quer de ordem ideológica, quer de ordem econômica sempre surgem.

Torrijos respondeu, por ocasião de sua visita de caráter particular, ao Brasil, em outubro de 1980, tecendo ainda outras considerações sobre o futuro da América Latina:

"Eu ocupei o poder quando o Panamá era uma caricatura de república e a minha intenção foi apenas de intervir para que o país alcançasse a sua normalidade, o que ocorre agora. O Panamá, hoje, é um país que, de renda bruta – dois bilhões de dólares/ano – aplica 32 por cento na área de educação e 20 por cento na saúde, contra apenas 8 por cento nas Forças Armadas. Para chegar às escolas, os garotos andam menos de meia hora ou pagam menos de 10 centavos de ônibus. A América Latina só vai crescer à medida que houver uma fraterna união entre todos os seus países e estes acreditarem que, para alcançar o desenvolvimento, terão, efetivamente, que conviver com um certo grau de socialismo. Os países devem começar a aceitar um certo grau de socialismo, pois essa é a fórmula exata para que acabem a violência e o conflito urbano. Só por meio de pressão é que os países subdesenvolvidos poderão conseguir auxílio e atenção das nações desenvolvidas, pois, rezando, nada se obterá. Confesso-me favorável à convocação de Cuba para este esforço latino-americano, porque não podemos esquecer que lá existem 10 milhões de cubanos". (9)

(9) O senador republicano, o septuagenário Strom Thurmond, falando de Torrijos, acusou o presidente dos Estados Unidos de ter entregue o Canal do Panamá a um ditador marxista da América Central.

Antilhas ou Caraíbas

Capítulo 27

NOMENCLATURA GERAL DE UMA REGIÃO EM EBULIÇÃO

Nos países e possessões (sim, lá ainda existe este tipo de dependência) das Caraíbas ou Antilhas, tudo pode ocorrer. Já nos disse Gabriel García Marquez (1) que acontecem absurdos no mar das Carábas, onde os ingredientes são diversificados.

Em 1974, a Declaração de Ayacucho (2), assinada pela Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Panamá, falando sobre o problema colonial, dizia:

"Condenamos e repudiamos a existência de colônias na América Latina", e insistia que *"elas devem ser rapidamente erradicadas, por constituírem ameaça potencial à paz na região"*. Neste mesmo ano, resolução do Comitê Jurídico Interamericano manifestou preocupação com o fato de *"potências estrangeiras continuarem ocupando partes do continente latino-americano"*.

Nos anos 60, um levantamento, feito no Ministério do Exterior da Venezuela, constatou, para surpresa de muita gente, que a maioria das colônias ainda existentes estava na América Latina: 21, num total de 90. Atualmente, ainda permanece uma situação um tanto deprimente, pois os números estão reduzidos apenas para mais ou menos a metade, em ambas as cifras.

A ONU, esporadicamente, e em alguns casos, pede a descolonização, inclusive para regiões da América Latina, mas a vanguarda e a bandeira desta reivindicação tem sido Cuba, que levantou o problema com grande eloqüência, na última e

(1) Gabriel García Marquez, famoso escritor colombiano, reside no México; esquerdista destacado, escreve muito sobre a América Latina. É autor de um dos livros mais vendidos do continente *Cem Anos de Solidão.*

(2) Em Ayacucho, na planície peruana de Quinua, a quatro mil metros de altura, travou-se, há mais de 150 anos, a última batalha contra os espanhóis, na América Latina. Terminavam 15 anos de guerras anticoloniais, conduzidas por Bolívar, O Libertador.

recente Conferência dos Países Não-Alinhados. É no Caribe que Cuba goza de um grande prestígio, inclusive ẽ principalmente nos pequenos países ilhas.

Para efeito meramente geográfico, nomenclature-se as Caraíbas ou Antilhas: 1) Bermudas; 2) Arquipélago das Bahamas; 3) As grandes Antilhas com Cuba, Jamaica, Porto Rico, Haiti e São Domingos (estas duas últimas constituindo as ilhas de Hispaniola); 4) As pequenas Antilhas,com: A) as Ilhas de Sotavento, compostas de Virgens, Saint Kitts, Nevis, Anguilla, Antígua, Guadalupe, Mont-Serrat e Dominica, e B) as Ilhas de Barlavento, com Martinica, Santa Lúcia, São Vicente, Barbados e Granada; 5) Antilhas Holandesas e 6) Trinidad-Tobago.

BERMUDAS: Colônia inglesa, que passou por grande agitação, por ocasião do assassinato de autoridades britânicas. Uma onda de violências, após a execução dos acusados, só cessou quando, em 1978, a Constituição foi mudada, para se fortalecer a oposição negra e para que fosse prometida independência. Nas eleições gerais de 1976, o Partido Unido das Bermudas, cuja política baseia-se na cooperação inter-racial, saiu vitorioso.

BAHAMAS: Arquipélago com mais de 700 ilhas e lindas praias, por isto mesmo o turismo é a sua principal fonte de renda, que representa mais de setenta por cento do Produto Nacional Bruto e emprega dois terços de sua população ativa. Independente, em 1973, da Inglaterra, é governada pelo Partido Liberal Progressista, sendo o primeiro-ministro Lynden Oscar Pindling, que está no poder desde 1968. Os demais partidos existentes são o Democrático das Bahamas, o Movimento Nacional Livre e o Socialista Nacionalista de Vanguarda. As leis em vigor dificultam o acesso da população branca a cargos qualificados, e os investidores estrangeiros estão em constante êxodo com seus negócios, para outras ilhas que ainda permanecem sob a Coroa britânica. Desde 1974, mantém grande amizade com Cuba, através de tratados de cooperação e colaboração.

FEDERAÇÃO SAINT CRISTOPHER-NEVIS: A primeira também é conhecida como St. Kitts. Estados associados britânicos, que lutam éntre si, para se separarem. O partido político mais forte é o Reformista de Nevis, cuja meta prioritária é se ver livre de St. Kitts.

ANTÍGUA e MONT-SERRAT: São duas ilhas, onde o turismo é o principal meio de vida. Pode-se dizer que estão sob a tutela britânica. À primeira é um Estado associado e a segunda, simples colônia.

A independência de Antígua – que conta com ativos grupos de esquerda – está sendo anunciada para muito breve.

BARBADOS: Antiga colônia britânica e no ano de 1958 integrou a Federação Britânica das Índias Ocidentais, com a Jamaica e Trinidad. Estes dois últimos países conseguiram conquistar sua independência em 1962, e desde aí passou a lutar para seguir o mesmo caminho, o que ocorreu em 1966. Em setembro de 1976, Tom Adams, filho de um barbadiano negro, fundador do Partido Trabalhista, *sir* Grantley Adams, venceu as eleições gerais e tornou-se primeiro-ministro. Este jovem, formado pela Univesidade de Oxford, colocou fim a 15 anos de governo de Errol Barrow, que tinha assumido o poder em 1961.

Em junho de 1981, Tom Adams venceu novamente Errol Barrow, neste país considerado o mais próspero do Caribe, onde a inflação de cinco por cento ao ano passou para quinze por cento.

Adams prometeu continuar lutando contra o desemprego, a inflação e buscar solução para o problema habitacional da ilha, que viu uma das mais caras campanhas eleitorais, principalmente por parte do partido no poder.

ILHAS VIRGENS BRITÂNICAS: Estão a leste das Ilhas Virgens americanas (nestas tremulam a bandeira dos Estados Unidos e ficam ao lado de Porto Rico, e também são bases estratégicas). Constituem colônia britânica, diminutamente povoadas por africanos e seus descendentes. Conjunto de 36 ilhas, com escassez de água, tendo no turismo um fator de progresso.

TRINIDAD-TOBAGO: Esteve a ponto de explodir com uma quase vitória de forças guerrilheiras. Nas eleições de 1971, a oposição não elegeu nenhum representante, e esta, na sua força mais expressiva, deixou de votar, pois somente 41 por cento dos 450 mil eleitores foram às urnas, sem contar os que votaram branco e nulo. A Organização Revolucionária Unida afirmou, por isto, que não poderia existir governo. Exigiu novas eleições que não se deram.

As revoltas surgiram então, mesmo porque, após a independência, em 1962, o controle econômico do país permaneceu com os investidores estrangeiros, propiciando a formação de uma elite branca local, enquanto que mestiços e descendentes de indianos ocupavam-se do baixo comércio e de profissões sem qualificação, e os negros – 43 por cento da população – estavam no trabalho puramente braçal.

As eleições sem expressão e mais fatos anteriores de prisões de estudantes e trabalhadores levaram a uma rebelião que foi liderada pelo movimento Poder Negro, pedindo melhores condições de vida e outra diretriz para a vida política do país (3). Tomaram parte neste movimento, estudantes, desempregados e trabalhadores negros. A maior parte do Exército, inclusive, uniu-se aos rebeldes. Nem a decretação de Estado de sítio serviu para cessar as greves. Os revoltosos tiveram ainda a atuação de um movimento paralelo, os guerrilheiros da União Nacional de Luta pela Liberdade. Tudo colocou em polvorosa o governo do primeiro-ministro Eric Williams, inclusive as diversas greves e as guerrilhas.

Toda esta situação perdurou de 1971 a 1975, e as guerrilhas só foram derrotadas em dezembro de 1975. O fraco governo foi mantido pela fidelidade da polícia e no final pela intervenção dos Estados Unidos, que deslocaram uma força-tarefa para a região, comandada por um porta-aviões.

Em parte foi também o antigo sistema constitucional inglês, adotado pela sua antiga colônia, que exigia oposição, através de partidos que o já velho Eric Williams ajudou a salvar. Apesar de que mesmo com doze partidos disputando as eleições gerais de 1976, a abstenção foi grande, ou seja, de 45 por cento (4).

A produção e a exportação de petróleo e gás natural pouco ajudaram as perspectivas políticas, sociais e econômicas de Trinidad-Tobago. Isto, apesar de a pro-

(3) O *Poder Negro* é um estado de espírito revolucionário. É um movimento militante e reformista. Teve origem nos Estados Unidos. Hoje espalhou-se por todo o mundo e, geralmente, tem ideologia marxista. Coopera com organizações revolucionárias. Stokeley Carmichael, um originário de Trinidad, foi um de seus expoentes e sua facção era a SNCC. Nesta, há um elemento revolucionário em sua filosofia, já que a revolução social está cada vez mais implícita na militância do Poder Negro, que deseja a destruição do capitalismo burguês, que não se adapta às suas aspirações.

(4) Nestas eleições, o vencedor, contrariando as expectativas, foi mais uma vez Eric Williams, seguindo-se a Frente Operária Unida e o Congresso de Ação Democrática.

dução de 1975 ter dobrado e os preços subirem vertiginosamente, além do que, o país é um dos maiores produtores de asfalto do mundo. Foram encampadas a maior parte das ações da Shell que passou a ser substituída pela nacional Trinidad and Tobago Oil Co. Consta que em breve Trinidad-Tobago passará a pertencer à OPEP.

Mas o país possui a taxa de analfabetismo de 67% e o desemprego vai a 14% da população ativa.

Com todos os lucros do petróleo, poucos são extremamente beneficiados e muitos nada recebem.

Eric Williams tem vontade dar uma guinada à esquerda, porém quase sempre faz o que pode para atender os ditames do capital internacional.

Estão marcadas eleições para julho de 1981 e as antigas esquerdas que se dividem e mudam de programa vêm se enfraquecendo. Uma nova e atuante esquerda se organiza para uma diretriz mais autêntica e representativa.

No plano externo, Trinidad-Tobago passou a manter estreitas relações comerciais e de cooperação tecnológica com os países socialistas. Eric Williams visitou Cuba, União Soviética e Romênia (5).

ARQUIPÉLAGO DE SAN ANDRES: Tem-se constituído, ultimamente, em acirrados debates entre a Colômbia e o governo sandinista da Nicarágua, o problema das ilhas de San Andres, Providência e Cayos de Albuquerque. A Nicarágua considera nulo um ato jurídico de 1928, reclamando a devolução das ilhas, que estão em suas costas, pois segundo a Convenção de Viena, não tem valor todo tratado cuja celebração seja obtida pela ameaça ou uso da força.

Os Sandinistas alegam, sobretudo, que estas ilhas foram cedidas sob pressão dos Estados Unidos que na época ocupavam a Nicarágua.

BASE DE GUANTANAMO: Incrustada em Cuba, este encrave americano do Norte, que ameaça todas as Antilhas, constitui-se numa vergonha e num acinte. Está na província do Oriente, na bahia do mesmo nome. Foi *"negociada"* em 1902, por dois mil dólares, quando os Estados Unidos impunham sobre Cuba – com a força das armas – as suas vontades e violações. Pelos princípios mais elementares de Direito Internacional, os norte-americanos deveriam abandoná-la e cessarem a usurpação.

(5) O primeiro-ministro Eric Williams, já com a idade de 65 anos, e que governou Trinidad-Tobago desde a independência, faleceu em 29 de março de 1981. Era um historiador e acadêmico de renome, tendo se diplomado na Universidade de Oxford, com tese sobre relações de dependência dos países subdesenvolvidos com as grandes metrópoles capitalistas, que mais tarde foi publicada em forma de livro, sob o título *Capitalismo e Colonialismo*. Mas este político não aplicou bem, em sua pequena pátria, os princípios que antes defendera.

Capítulo 28

PREOCUPAÇÕES QUE SE RENOVAM

Em outubro de 1979, a marinha dos Estados Unidos fez uma série de manobras no mar das Antilhas, para reforçar a sua presença nesta área. E isto fez com que o chanceler venezuelano no Congresso da OEA, realizado no mesmo mês, em La Paz, afirmasse:

"Tal conduta, por parte dos Estados Unidos, nos parece infeliz, porque tem o efeito de apresentar os países do Caribe aos olhos do mundo, como sujeitos à tutela militar, dentro de uma área de influência norte-americanas".

Os falcões norte-americanos não querem guerrilheiros esquerdistas nos países-ilhas antilhanas e nem mudança de processos e Cirus Vance, o então secretário de Estado, na mesma assembléia da OEA disse que:

"As nações antilhanas não podem permitir o surgimento de tensões e confrontações que venham a desviar de projetos de desenvolvimento os escassos recursos de que dispõem".

Os Estados Unidos realmente têm quatro milhões de dólares de investimentos nos países antilhanos de língua inglesa, com habitantes, totalizando pouco mais de cinco milhões. Mas a preocupação dominante é estratégica, uma potência mundial perde pontos numa área de influência direta, como são as Antilhas, para os Estados Unidos, setor que é quase um prolongamento do território norte-americano. O presidente dos Estados Unidos falou em reforços para a base de Guantanamo e na criação de uma força especial para a região, e em contra-partida, aumentaria a ajuda econômica. Estes não querem largar a influência, no chamado mar norte-ameicano, o mar das Antilhas (1).

(1) Economicamente, os Estados Unidos se abastecem, nas Antilhas, de 65 por cento de suas compras de alumínio (dependem da bauxita, em 90 por cento, de fontes externas) e 25 por cento de açúcar que importam. Com isto, vão para o mercado norte-americano quase 70 por cento do que as Antilhas exportam.

A réplica de alguns países atingidos ocorreu ainda naquela oportunidade, e os governos da Jamaica, Granada, Santa Lúcia e Güiana responderam às ações do presidente norte-americano, para fortalecer a presença dos EUA no Caribe, com uma exortação para que as disputas políticas das grandes potências sejam mantidas fora de sua área.

Em uma declaração conjunta, distribuída, formalmente, às quatro ex-colônias britânicas, disseram que dar ajuda econômica continua sendo um papel adequado para os países estrangeiros (a maioria das nações do Caribe sofre de altas taxas de desemprego, com fracas economias). O presidente de Granada foi além da declaração conjunta, afirmando que a nova política norte-americana era *"um ato ameaçador"*. Na declaração, os governos expressaram *"seu firme desejo e seu empenho em preservar a área do Caribe como zona de paz, livre das rivalidades das grandes potências"*, e rejeitaram *"qualquer medida que agravasse a tensão e ameaçasse a paz e a estabilidade da região"*.

O presidente de Granada, MAURICE BISHOP, condenou a decisão de se estabelecer um comando para o Caribe, qualificando-o de *"ato ameaçador, que contribuirá para a tensão na zona"*. BISHOP pediu que se fizesse uma declaração, designando o Caribe como zona de paz *"livre de intimidação, livre de ameaças externas e livre do exercício da força, contra os povos da região"*. Disse ainda que a decisão dos USA era *"injustificável e desnecessária"*, porque estes já tinham bases suficientes no Panamá, Cuba e Porto Rico, e que uma das razões da nova política era a *"queda de popularidade governamental e a coação da direita norte-americanas, para dar a impressão de que os EUA não estão em retirada, após os recentes acontecimentos do Irã, Nicarágua e Granada."*

Capítulo 29

ANTILHAS HOLANDESAS – UM PLEBISCITO FAVORÁVEL À INDEPENDÊNCIA NÃO FOI RECONHECIDO

Constituem as Antilhas Holandesas grupos de ilhas onde se destaca Curaçao, que é o nome mais conhecido. A população é composta de negros nativos e mestiços e o Poder Negro vem florescendo também.

Curaçao e Aruba são as ilhas mais importantes. Devem algumas prosperidades às refinarias que industrializam o petróleo bruto da Venezuela. Este fator traz impulso a outras indústrias. Mas as demais ilhas são por demais pobres.

Em junho de 1969, uma greve geral em Curaçao tornou-se uma verdadeira rebelião, onde desordens e saques populares contra os negócios dos mais poderosos deu-se em grande escala. A causa principal, que no fundo também era a da independência e motivos políticos, foi o emprego de técnica que reduziu os salários dos trabalhadores. A marinha holandesa interveio, restabelecendo a ordem, mas o governador das Antilhas, para evitar novos conflitos, atendeu os pedidos dos grevistas insurgentes, dissolvendo até o Parlamento e convocando novas eleições gerais.

Os Estados Unidos pensam em instalar uma grande base da OTAN nas Antilhas Holandesas, e querem sobretudo uma certa dominação na região, onde a influência da esquerda é crescente. E este é um motivo que a Holanda, a conselho dos norte-americanos, e mais ainda pelo petróleo, não concede independência às suas Antilhas, e não cumpriu promessas solenes formuladas. Surgiram os *"complicadores estratégicos"* envolvendo grandes potências.

Os Estados Unidos estão enfraquecidos na região e não querem perder mais hegemonia. As Antilhas Holandesas são ponto de apoio ideal, de engrenagem bélica e política, e a vinculação com a metrópole facilitaria estas operações.

A Venezuela, um dos países líderes do terceiro mundo, não admite esta possível pretensão de instalação de bases, pois isto seria criar uma espécie de nova Irlanda do Norte nas Antilhas. A opinião do governo de Caracas é que as ilhas devem ser independentes, juntas ou separadas, e na pior das hipóteses, venezuelanas, e não

quer ver, com bons olhos, a presença de qualquer potência em território tão perto do seu.

Mas estas Antilhas não tiveram nenhuma importância no passado, tanto é que no governo de Roosevelt – 1942 – este insistiu com a Holanda, para que ela entregasse suas colônias à Venezuela, e é de se dizer como os tempos mudaram muito.

Hoje, a Venezuela não quer interferir, de maneira aberta, no processo de independência das Antilhas Holandesas, que estão a menos de 100 quilômetros de suas costas, mas apóiam, moralmente, sem reservas, a luta de seu povo, para eliminar um dos últimos vestígios do colonianismo na América Latina.

Os políticos e o povo das Antilhas Holandesas estão lutando para a obtenção da independência. O que tem complicado ainda – mas pouco – é que na ilha de Aruba tem 90 por cento de negros e o restante de brancos, inclusive os descendentes diretos dos colonizadores, como os protestantes da Irlanda do Norte, querem cultivar uma fórmula de associação com a Holanda, ao estilo de Porto Rico com os Estados Unidos.

Em 1977, os habitantes de Aruba realizaram um plebiscito sobre sua independência das Antilhas Holandesas, sob a ordem e organização da própria metrópole, e apesar dos 57 por cento dos votos favoráveis, a Holanda não sancionou até hoje este *referendum*.

Capítulo 30

ANGUILLA – ONDE UM CAMUNDONGO DESAFIOU EM REBELIÃO O PODEROSO LEÃO BRITÂNICO

Anguilla também pertenceu à Federação de Saint Kitts e Nevis.

E muito embora com apenas 6 mil habitantes, fez sua primeira rebelião, em junho de 1967, quando a população obrigou os policiais a fugirem para Saint Kitts. Em fevereiro de 1969, um plebiscito declarou a independência total, sendo obrigados os representantes da Inglaterra a se retirarem, após manifestações e hostilidades anti-britânicas. 1797 eleitores foram às urnas – todos – e com exceção de quatro, que votaram contra, os restantes se manifestaram em favor da independência. Proclamou-se a menor república da região e um jovem nacionalista negro, Ronald Webster, foi confirmado como primeiro presidente, já eleito anteriormente, em outubro de 1968.

Esta rebelião anguillana foi considerada como o desafio de um camundongo ao poderoso leão britânico.

Mas a invasão da Grã-Bretanha ocorreu logo em seguida, onde 350 pára-quedistas, chegados em três aviões de transporte e mais 50 policiais da Scotland Yard, protegidos por cerca de mil fuzileiros navais, que tinham vindo em duas fragatas, repletas de armas modernas, fizeram manifestações de força. Mas toda esta tropa foi mal recebida pela multidão, que além de vaiar, gritava: Imperialistas, deixem Anguilla em paz, vão para a Rodésia, lembrando que a minoria racista branca daquela ex-colônia britânica na África proclamou sua indepdndência unilateralmente, sem que a Inglaterra se opusesse pela força. Os anguillanos tinham jurado resistir e se defender, indo até a morte, mas só contavam com um exército de 250 homens, e apenas duas metralhadoras, dez fuzis, revólveres antigos e um canhão do século XVIII, do tempo de Napoleão, que não sabiam se atirava, e resolveram desistir para evitar um derramamento inútil de sangue. Os Estados Unidos apoiaram a intervenção, e estavam se voltando à antiga diplomacia das canhoneiras. O presidente Webster foi à ONU reclamar, sem muito êxito, acusando os ingleses de traidores, por não cumprirem acordos anteriormente feitos. Retornou à Anguilla, quando

eram poucas as tropas, pois o grosso delas tinha se retirado, em virtude de protestos, provocou grande tumulto quando quis entrar e tomar o palácio governamental, com o apoio maciço da população.

Nesta ocasião, o principal jornal de Uganda definiu bem o sentimento dos africanos:

"Quando um punhado de racistas brancos na Rodésia desafiou a Grã-Bretanha e estabeleceu um regime racista para governar milhões de negros, a Grã-Bretanha ficou de lado, olhando como um bulldog *sem dentes, como foi chamada. Porém, quando uma ilha de 6 mil pessoas, descendentes de negros, expulsou um alto funcionário britânico, foi agarrada para que o* bulldog *mostrasse os dentes, que estavam apenas escondidos."*

Para o líder do **Partido Conservador Britânico**, na oposição, a invasão só tinha provocado críticas entre os amigos e inimigos da Grã-Bretanha no exterior. Considerou incompreensível que o governo, cuja política, na Rodésia, provocou tantas críticas nos países em desenvolvimento, não tivesse a paciência necessária para evitar a operação montada de invasão.

O problema de Anguilla era um exemplo das dificuldades do velho império britânico, encontradas nos últimos vinte anos de dominação do Caribe.

Os nacionalistas nativos queriam e tinham como principal objetivo transformar sua linda ilha pátria em grande lugar de turismo.

Anguilla jamais deixou de protestar e em fevereiro de 1976 recebeu o *status* de colônia britânica auto-governada, com uma nova Constituição. Um ano após, o primeiro-ministro Ronald Webster, líder do **Partido Progressivo Popular**, foi afastado de seu cargo, por interferência inglesa, que nunca o perdoou pela sua atuação, há 9 anos atrás. Novos e violentos incidentes ocorreram e outra vez foi enviada uma fragata britânica Tartar e soldados para fazer prevalecer a voz dos mais poderosos do momento.

Mas, nas eleições de 1980, o eterno rebelde, Ronald Webster, voltou ao poder, triunfalmente, pois venceu o pleito com total maioria.

Capítulo 31

MARTINICA E GUADALUPE LUTAM, COMO PODEM, PELA LIBERTAÇÃO

Martinica e Guadalupe, nas chamadas Antilhas Francesas, já estão lutando, há muitos anos, pela independência. Juntamente com a Güiana Francesa, estas são as últimas colônias da França, existentes na América Latina.

E a França insiste, em absoluto imobilismo, tendo dado o *status* de departamentos franceses a Martinica e Guadalupe, da mesma maneira que Salazar transformou nos *"grandes tempos"*, as colônias portuguesas em províncias ultramarinas.

A França quis examinar a adoção de qualquer coisa especial, mas esta manobra esgotou-se no fato de que quase 35 anos de *departamentalização* (estas colônias são departamentos franceses desde 1945) não conseguiram eliminar as três pragas, identificadas pelo sociólogo francês Michel Leires, técnico em problemas coloniais: *"1 – desigualdade social, baseada no predomínio branco; 2 – economia do tipo colonial, sob dependência total da metrópole; 3 – completa alienação da população nativa."*

Houve uma época em que, quando a polícia atirou em grevistas, de uma plantação de bananas, na Martinica, matando e ferindo vários deles, um ministro de ultramar foi demitido, sob a acusação de *"imprudência verbal"* e *"falta de ponderação"*, pois mandara os prefeitos irem às plantações, ouvir as reivindicações dos trabalhadores.

Todos os negócios da banana, do açúcar e do rum têm poderosas vinculações políticas na França, e estão nas mãos de grandes grupos financeiros. É por isto que o *status quo* é de difícil mudança.

Em 1968, Paris julgou 19 cidadãos de Guadalupe, acusados de pretenderem libertar esta ilha do domínio francês. No Tribunal, mais de 300 estudantes negros da Güiana Francesa, de Guadalupe e da Martinica gritaram: *"abaixo o colonialismo, independência para Guadalupe"*, num desafio aos dominantes. Este processo decorreu de violentas guerrilhas, promovidas por partidários da independência, durante todo o ano anterior. Entre os guadalupenhos, se incluíram médicos, um advo-

gado, um diretor de jornal, professores, estudantes e operários. Um dos *"acusados"*, Serge Claude, declarou, no Tribunal de Segurança do Estado, que: *"Combateu com o propósito de que a relação entre colonizados e colonizadores se transformasse em relação entre homens livres, em condições dignas. Recordo aos senhores que o Chefe do Estado tem falado dos direitos dos povos"*, e aí então exclamou *"Viva Guadalupe livre"*, numa clara alusão ao discurso de De Gaule, pronunciado em Montreal, no Canadá, em 1967: *"Viva Quebec livre"*, em favor da autonomia dos franco-canadenses.

Em fins de 1974, o ex-presidente Valery Giscard D'Estaing visitou Guadalupe, sendo muito mal recebido apesar de preparo prévio. Os manifestantes, estudantes e trabalhadores, romperam todos os cordões de isolamento, tentando cercar a comitiva presidencial, e gritavam *"fascistas"*, *"fora Giscard"* e exigiam independência para a sua ilha. Era o reflexo da difícil situação econômica e política local (1).

A verdade é que até hoje Guadalupe não esquece e não abandona seus anseios de independência, e apesar de ser mais tranqüila do que a Martinica, vem ocorrendo alguns atos guerrilheiros, reivindicados pelos **Grupo de Libertação Armada de Guadalupe (2).**

Há duzentos quilômetros desta ilha, está a Martinica, onde a metade da população tem menos de vinte anos de idade, e a taxa de natalidade é alta, com elevação progressiva.

Também estão presentes na Martinica a cana-de-açúcar, a banana e o rum. O que exportam vale pouco e o que importam custa fortunas, e isto humilha os martiniquenses. O desemprego atinge a mais de trinta por cento da população ativa.

O cenário é de uma agitação social inquietante, como seqüela do passado colonial.

A chamada aristocracia beke (brancos descendentes dos primeiros colonizadores), ao lado da burguesia européia, controla o comércio e é proprietária da maior parte da terra. Recebe isenções fiscais, como nos combustíveis, cigarros e produtos alimentares.

O salário mínimo na Martinica é inferior a 22 por cento ao da França, e o poder aquisitivo médio, inferior em 35 por cento ao dos franceses, operando em setores equivalentes.

Três partidos lutam pela liberdade: o **Comunista Martiniquês**, a **CGT-Martinica** e o **Progressista Martiniquês**, do veterano Aimé Cesaire (3).

Por ocasião da última visita do ex-presidente francês, Giscard D'Estaing, na Martinica, se realizou um grande comício de protesto.

Em abril de 1980, foi desencadeada uma grande greve, mas que durou pouco. Dois esquadrões franceses foram enviados à Martinica, para reforços e possíveis re-

(1) Para passear, no fim do ano de 1980, o ex-presidente da França, Valery Giscard D'Estaing, foi novamente à Martinica e em Guadalupe, tendo ocorrido outra vez greves, atentados e protestos, que vieram demonstrar a situação explosiva da região.

(2) A partir de dezembro de 1980, por ocasião da citada visita do ex-presidente francês, o Grupo de Libertação Armada de Guadalupe (GLA) que vinha aumentando seu número de componentes, passou a intensificar suas ações.

(3) Aimé Cesaire, o mais destacado representante da *negritude* (ao lado do presidente do Senegal, Leopold Sedar Senghor) é um dos principais dirigentes políticos da Martinica. É representante na Assembléia Francesa. (O departamento elege 3 deputados e 2 senadores), prefeito da capital da ilha Fort-de-France, sendo aliado, na metrópole, ao Partido Socialista de François Mitterrand, já tendo pertencido ao Partido Comunista.

primendas, e nem por isto os líderes sindicais deixaram de ameaçar, com a colocação de fora-da-lei, para o que desse e viesse.

Mas Paris não permite o processo independecionista. Prefere a manutenção da situação presente, para o prosseguimento do parasitismo, que interessa a uma minoria européia e uma pequena burguesia local, atuando no setor terciário da economia. A independência romperia a manutenção de laços que hoje não são mais rentáveis, do ponto de vista econômico, para a metrópole.

Ainda em 1980, foi denunciado que os Estados Unidos estavam financiando um determinado movimento político na Martinica, favorável à autonomia administrativa, em relação a Paris. Para Washington, valeria a pena projetar socialistas moderados para não arcar com futuras repetições dos fenômenos cubanos, granadinos e outros.

Aimé Cesaire, também dos maiores escritores americanos de expressão francesa, sobre este assunto de independência, assim se manifestou:

"Não confundir: a autonomia não é a independência. Para nós, a independência não teria sentido. Não estamos na África Negra, nem tão pouco na Argélia. A Argélia era uma nação e uma parcela do Islão. A África Negra era constituída por alguns estabelecimentos coloniais. Nós chegamos aqui há três séculos, de barco e algemas nos pés . . . desenraizados, destribalizados, empoeirados. Mergulharam-nos no âmago de uma civilização estranha. Ensinaram-nos a religião católica. Depois puseram-nos na escola da França e dos gauleses. E a personalidade antilhana nasceu de tudo isso: ao mesmo tempo de nossa 'negritude' e do nosso 'francesismo'. Mas a departamentalização, na qual depositamos tantas esperanças, não resolveu nada. Somente aprofundou a influência metropolitana. Hoje não é mais suportável, nem política, nem economicamente. Por isso é que a autonomia, no quadro francês, se tornou a única solução para as Antilhas. Se eu fosse um poeta, do silêncio do seu gabinete, eu responderia sim, à pergunta da reivindicação da independência. Mas eu estou no meio de meu povo, na ação. Devo tomar em conta a necessaidade de uma transcrição assás longa. Devemos procurar uma fórmula que faça correr o mínimo de risco ao nosso povo. Creio que a autonomia, o self-governement, *como dizem os britânicos, seria hoje a melhor fórmula. É preciso, antes do mais, reconhecer a existência de um povo, de uma nação. As modalidades de desenvolvimento desta nação serão mais tarde definidos. Povo reduzido a menos de 400 mil habitantes, não necessitamos, forçosamente, de um exército, de uma esquadra, de uma moeda. Muitos problemas poderão ser tratados em comum com a França. Mas precisamos de um Parlamento e de um exército e que exerçam as responsabilidades do nosso país".*

Esta é a Martinica, ainda a terra do escritor e médico Frantz Fanon (1920-1961), cujo depoimento, através de *Os condenados da terra*, publicado em 1961, constitui, hoje, uma das pedras angulares da luta anticolonial e não apenas anticolonial, mas pela construção de uma sociedade melhor, através de uma ideologia revolucionária.

Capítulo 32

GRANADA – MAURICE BISHOP, COM SUA GUERRILHA VITORIOSA DE APENAS UMA SEMANA

Há muitos anos, inclusive após sua independência da Inglaterra, em fevereiro de 1974, Eryc Gairy dominava o governo desta pequena e atribulada ilha, e sempre ganhava as eleições, manipulando, fraudando, e adotando a brutalidade policial.

Mas as forças da oposição eram fortes e agrupavam-se em organizações operárias, pequenos e médios comerciantes, profissionais liberais e até representantes das Igrejas.

Em 13 de março de 1979, um jovem advogado, de 35 anos, MAURICE BISHOP, decide, com seus companheiros, empreender uma guerrilha rápida, para derrubarem, pelas armas, uma das ditaduras mais absurdas das Antilhas. Uma semana duraram as ações de BISHOP e seus compatriotas, e a polícia regular foi vencida, ocorrendo, porém, combates, com alguns mortos e feridos, contra os grupos isolados dos chamados Comandos Magustos, uma milícia particular, criada pelo então primeiro-ministro, que se encontrava nos Estados Unidos. Os Magustos eram homens violentos, sem nenhuma instrução, e não resistiram ao impacto dos jovens guerrilheiros. Foi a única maneira de os intergrantes da Frente Unida para o Bem-Estar, a Educação e a Liberdade de Granada assumir o poder. A desculpa de Gairy é que fora derrotado por um grupo de *"comunistas"*. BISHOP foi muito inteligente, pois logo de início, após sua vitória, declarou que não aceitaria interferências e intromissões em assuntos internos, mas para não sofrer represálias por parte dos norte-americanos, prometeu proteger a vida e os bens dos cidadãos estrangeiros residentes no país (aproximadamente mil norte-americanos encontravam-se em Granada) e, em suas primeiras afirmações, disse:

"Gairy havia ganho notoriedade internacional pela repressão, brutalidade, destruição da economia, introdução da Máfia em Granada e por seus vínculos com o governo fascista do Chile". BISHOP deixou claro suas tendências, ao dizer *"nós somos socialistas, e Gairy nos chamou primeiro de confusionistas, depois de obstrucionistas e agora, é claro, de comunistas"*.

Granada passou a receber reconhecimento, ajuda e armas da Jamaica, da Güiana e de Cuba, para evitar-se a contra-revolução. Os guerrilheiros passaram a constituir o novo Exército Revolucionário Popular, braço armado do movimento New Jewell. De Granada partiu o fenômeno político chamado de Renascimento Caraibano pelos que sentem o impulso da região, em internar-se em suas raízes. O New Jewell é um movimento conduzido por *Schollars* sofisticados, de uma Nova Esquerda, com formação em universidades dos Estados Unidos e da Europa, e uma boa dose de influência do Poder Negro norte-americano. E com isto caía mais um elemento, *sir* Eric Gairy, produzido pelo colonialismo inglês e intimamente ligado aos Estados Unidos e comprometido com interesses escusos de uma região espoliada. Jewell não é jóia, como foi traduzido por muitos jornais da época destes fatos, em Granada, mas é a sigla de Joint Endeavour for Welfare, Education and Liberation ou seja Esforço Conjunto para o Bem-Estar, a Educação e a Libertação. Um membro do New Jewel é também George Louison, Ministro da Educação, encarregado de assuntos sociais e cooperativos e ex-colaborador do brasileiro Paulo Freire, cujos métodos de alfabetização ele está aplicando em Granada.

Falando por ocasião da 34ª Assembléia Geral das Nações Unidas e já primeiro-ministro de Granada, BISHOP, consólidado no poder, lembrou que um sopro de mudança está passando pelas Antilhas e o mundo não deve ignorá-lo, observando que os Estados Unidos já utilizaram táticas de guerra fria, como a desestabilização de governos, para atingirem os seus objetivos, e que defendia os direitos dos povos das Antilhas a escolher seus próprios governos, ficando livres de ameaças.

Os quadros-negros das escolas das aldeias e das cidades de Granada trazem uma nova lição: *"O único homem livre é o homem culto"*. Nos muros se lêem *slogans* por toda a parte, dizendo, entre outras coisas: *"Livres por fim, apóie sua Revolução"*. O estilo e o vocabulário do socialismo já se fixaram nesta montanhosa ilha antilhada. Colocou-se fim ao desperdício, à corrupção e à violência política dos últimos anos do governo anterior.

Hoje, todos se tratam como *"irmão"*, *"irmã"*, *"camarada"*. 1980 foi o ano da Educação e Produção, e o governo revolucionário de MAURICE BISHOP está levando ambos os objetivos a sério. O governo atual tem o apoio da maioria dos 110 mil habitantes. Em janeiro de 1980, quatro mil aldeões foram mobilizados, com um breve comunicado, para realizarem um programa de recuperação nas 62 escolas primárias, que estavam em vias de extinção em todo o país.

O governo está apoiando a formação de uma rede de conselhos nas vilas e cidades, e de comitês, que surgiram por toda parte, desde a Revolução, encarregados de examinar os aspectos da educação e dos serviços da saúde em todos os lugares. Os professores compareceram, em grande número, a um seminário de duas semanas, em São Jorge, a capital, onde discutiram o tema: Educação para a autoconfiança da Tanzânia Socialista, e debateram, com os ministros de BISHOP, a maneira de associar os trabalhos escolares com a política nacional e de integrar o trabalho produtivo acadêmico.

Em Granada, quase metade da população está na faixa etária de 15 anos, onde mais de 90 por cento, com idade de 10 anos, foram reprovados nos exames finais e onde quase outro tanto abandona a escola.

A Revolução já criou quase três mil novos empregos, mas isto não é muito, para quase 17 mil pessoas sem trabalho, há um ano antes, ou seja, mais da metade da força de trabalho, já sendo um bom início.

A economia é agrícola, a produção e a exportação estão num crescendo. O déficit comercial deverá ser coberto pelos lucros do turismo, que será intensificado, e

para tal um novo aeroporto internacional começou a ser construído, perto de São Jorge.

O pequeno Exército Revolucionário de Granada é treinado e abastecido pelos cubanos. Vinte médicos cubanos deram, em Granada, uma grande lição ao Ocidente, sobre como influenciar pessoas com um trabalho maravilhoso e eficiente, e vivendo ainda como trabalhadores comuns.

BISHOP é um grande admirador, tanto de Julius Nyerere da Tanzânia, como de FIDEL, afirmando sempre que:

"A vitória da Revolução Cubana é o sucesso mais relevante ocorrido no Continente neste século."

Capítulo 33

SANTA LÚCIA E SÃO VICENTE – NOVÍSSIMOS MINI-PAÍSES

Santa Lúcia obteve sua independência da Inglaterra em 22 de fevereiro de 1979, e em setembro tornou-se o 152º país membro da ONU. Conta com uma população de pouco mais de 100 mil pessoas, sendo que, em sua capital, Castries, estão 40 mil delas. A população, o clima, e a língua são idênticas às de São Vicente, da qual está ao norte, nas chamadas ilhas Windward.

Foi o Partido Trabalhista que venceu as últimas eleições, embora o seu líder seja Alan Louisy, um ex-juiz, a figura dominante é George Odlum, um membro proeminente da nova esquerda caraibana, de língua inglesa. Odlum é o destaque esquerdizante, ocupa o Ministério do Exterior, e sempre mantém contato com os países socialistas, e manda os jovens de Santa Lúcia para treinamento, em Granada, pois recebem instruções bélicas e políticas dos assessores cubanos que lá estão.

Em Santa Lúcia, uma empresa norte-americana constrói um dos maiores terminais de petróleo da região, mas isto nada significa, pois Santa Lúcia, Granada e Dominica, assinaram um documento conjunto, de apoio a posições neutralistas, o que projetou a participação dos três, na reunião de Havana, dos não-alinhados, realizada em 1979. Allain Louis afirmou recentemente:

"Em nossa região, um novo curso progressista substitui as lideranças políticas conservadoras e a velha escola colonial."

A situação econômica do novo país não é muito boa, pois um terço da população tem menos de 30 anos e o nível de desemprego atinge 30 por cento. A economia baseia-se na produção de bananas e no turismo, que é a segunda fonte de receita do país. O governo pretende instalar diversas indústrias, objetivando acabar com o êxodo de seus habitantes, que se encontram espalhados por todo Caribe e pelo continente americano, chegando a constituir 5 por cento da população da Güiana Francesa.

Em São Vicente, em outubro de 1979, foi arriada a bandeira inglesa. Era mais um país, nas águas revoltas das Antilhas, e está no centro do arco formado pelas ilhas de Granada, Santa Lúcia e Barbados, e mais próxima de Granada, com a qual comparte algumas ilhotas. Esta proximidade envolve, segundo alguns estrategistas, riscos perigosos de contaminação esquerdistas. São Vicente tem 113 mil habitantes, numa área de 388 km quadrados e economia agrícola, sendo a população formada, principalmente, por mestiços de colonizadores brancos, descendentes de escravos negros e nativos das Caraíbas, e o inglês é a língua oficial, sendo entendido em toda parte, mas um dialeto baseado no francês, contendo muitos elementos africanos, é bastante usado. A capital é Kingstown, com quase 30 mil habitantes e recebe muitos turistas.

São Vicente está se tornando em mais um elo, numa corrente progressista, que se amplia nas Caraíbas. Granada é o ponto de irradiação de uma Nova Esquerda na região e há também a correlação de forças internas, cujo desenvolvimento é fatal.

Nas eleições, realizadas em dezembro de 1979, foi reeleito o ministro Milton Cato, um centro-esquerdista do Partido Trabalhista de São Vicente (SVLP). A oposição, através do Novo Partido Democrata e uma velha organização tradicional, o Partido Político do Povo, pouco fizeram.

Bem nas vésperas das eleições, foi criado o Movimento Povo Unido, integrado, principalmente, por grupos marxistas e de esquerda, que adotaram o lema geral da Unidade Democrática e Socialista. Tinham esperanças de ganhar as eleições, mas na última hora pouco fizeram, e desistiram até de promover revoluções, pois o governo de Cato se declarou esquerdista e os convidou para participação e colaboração.

Mas São Vicente está e continua politicamente em ebulição, pois até geograficamente se encontra localizada sobre um vulcão, em atividade, que de abril a outubro de 1979 entrou em erupção vinte vezes, causando prejuízos às atividades agrícolas, principalmente nas plantações de bananas.

Capítulo 34

DOMINICA – JÁ EXISTEM REVOLTAS POPULARES

Tal como São Vicente e Santa Lúcia, Dominica é um país-ilha, ex-colônia inglesa, também condição de 195 anos, com populações negras majoritárias. Quis ir à *"esquerdização"*, provocando uma efervescência intelectual na região, pressionando-se em favor de soluções socialistas, que ultrapassassem as democracias burguesas.

É assinante da declaração de São Jorge, mas os estragos de um furacão, em fins de 1979, a forçaram a recorrer aos dólares dos Estados Unidos.

Uma Revolução popular, em meados de 1979, fez o premier da Dominica renunciar. Este queria se tornar um pequeno ditador, restringindo a liberdade de imprensa e eliminando o direito de greve e até dissolvendo o Parlamento. A crise tinha começado desde janeiro, e fez, de início, o vice-premier abandonar seu posto.

Todos os 28 grupos políticos de oposição se reuniram e escolheram um novo governo, provisório, e se prepararam para novas eleições.

Na rebelião, nem a fidelidade das forças militares conseguiu salvar Patrick John. O Comitê de Salvação Nacional teve, como principal chefe política Mary Eugênia Charles. Esta destacada líder oposicionista, de tendência liberal, quando da declaração da independência a realização de eleições, em fins de 1978, afirmou que Dominica não tinha aprendido a lição democrática, dada por seus mestres coloniais, criticando o governo por fazer eleições sem a correta elaboração de listas eleitorais e por ter proibido a liberdade de expressão e os direitos dos dissidentes, atitudes consideradas como atos de traição ao povo.

Oliver Seraphine foi escolhido para governar provisoriamente e comprometeu-se a lutar contra o isolamento de seu país e denunciou os negócios escusos de seu antecessor e suas vinculações com o regime racista da África do Sul.

Seraphine acabou perdendo o apoio das forças esquerdistas, e todos os partidos da oposição o acusaram de estar vendendo o país para as companhias estrangeiras, pois tinha assinado um contrato com a firma Intercontinental Development (IDM), cuja cláusula mais espantosa permitia à mesma vender títulos de cidadania

dominicana a estrangeiros. Segundo esse contrato, a IDM concedeu este título, inclusive, a iranianos colaboradores do deposto e falecido Xá Reza Pahelevi, e estes poderiam penetrar nos Estados Unidos, munidos de passaporte da Comunidade de Dominica, evitando assim, uma desagradável passagem por seu país, o preço seria de 10 mil dólares. Pelo convênio, muito desfavorável à Dominica, a IDM deveria colaborar com o governo, em quase todos os projetos nacionais da construção e financiamento de portos, estradas, habitações *"populares"*, até hidrelétricas. Em *troca,* ganharia isenção de qualquer imposto por dez anos, teria seu próprio Banco, onde os depósitos seriam secretos, e todas as facilidades para montar seus *complexos turísticos.*

Restaria saber se uma nova rebelião popular não ocorreria, para afastar Seraphine, a exemplo da que aconteceu anteriormente.

E, realmente, em julho de 1980, as forças populares derrubaram Seraphine e colocaram, em seu lugar, no cargo de Primeira Ministra, Mary Eugênia Charles que, em conferência de chefes de Estados das Antilhas, realizada em Miami, em fins de novembro de 1980, sob o patrocínio do Grupo de Ação para as Antilhas e a América Central, organização particular, sem fins lucrativos, declarou:

> *"Quero deixar bem claro que nós não pensamos que vivemos no seu 'quintal' – isso jamais aconteceu. Estamos, de forma visível e importante, na sua porta da frente, e é seu dever, para com vocês mesmos, manter essa área limpa e segura. Vocês poderão fazer isso, não mediante o emprego de canhoneiras ou por meio da bravura militar, mas por meio de compreensão da necessidade de sobrevivência de nossa gente."*

Capítulo 35

CUBA – A PRIMEIRA GRANDE E VITORIOSA GUERRILHA

FIDEL CASTRO E O ATAQUE AO QUARTEL DE MONCADA, EM 1953

Uma preliminar de guerrilhas na América Latina foi a procedida por AUGUSTO CÉSAR SANDINO, na Nicarágua (1).

E a primeira grande e vitoriosa guerrilha foi feita por FIDEL ALEJANDRO CASTRO RUZ, em Cuba, quando tinha praticamente 30 anos, na flor da mocidade. Teve início com o ataque ao quartel de Moncada. Este fato não surtiu êxito momentâneo, mas foi a semente de um notável movimento guerrilheiro, que culminaria com a expedição invasora de Cuba, com FIDEL, seu irmão RAUL CASTRO, CHE GUEVARA e outros guerrilheiros, com as conseqüentes lutas em Sierra Maestra, e na vitória final em dezembro de 1958.

FIDEL nasceu em 13 de agosto de 1927, em Manacas, fazenda de seus pais, situada nas imediações da cidade de Mayari, ao norte da costa da província do Oriente. Filho de abastado fazendeiro imigrante galego, foi inicialmente educado no Colégio Interno Católico Romano De La Salle, em Santiago, e depois no Colégio Jesuíta Dolores, também em Santiago. Terminou o curso ginasial no Colégio Belém, em Havana.

Suas primeiras participações revolucionárias ocorreram em 1947, em uma frustrada invasão armada à República Dominicana, e em combates na cidade e nas montanhas de Bogotá, em abril de 1948 (2).

Formou-se em 1950, pela faculdade de Direito, na Universidade de Havana. Sempre foi um destacado estudante e atleta, militando ativamente e violentamente nas atividades políticas acadêmicas. Quase não chegou a exercer a sua profissão de advogado.

(1) A guerrilha do general SANDINO está relatada no capítulo sobre a Nicarágua.

(2) Por ocasião do assassinato do líder da ala esquerda do Partido Liberal, Jorge Eliecer Gaitan, o próprio presidente, o conservador Ospina, acusou, publicamente, os estudantes cubanos de participarem da revolta popular.

Aliou-se inicialmente ao líder do Partido do Povo Cubano, ou da Ortodoxia, de Eduardo Chibás (3). FIDEL era candidato deste Partido a deputado, nas eleições marcadas para 4 de março de 1952, quando dias antes, Fulgêncio Batista deu um golpe de estado, e só com apoio do exército, conseguiu manter o controle da situação (4). FIDEL entra em tenaz campanha e afirma que as ações ilegais de Batista acarretariam, para Cuba, uma época de fraude, corrupção e morte, e que, posteriormente, a reação do povo levaria à queda da nova ditadura.

FIDEL CASTRO passa à oposição clandestina. E inicia, na manhã de 26 de junho de 1953, a sua longa luta de combatente rebelde e guerrilheiro, com a invasão do quartel de Moncada, localizado a cerca de vinte km de Santiago. Este empreendimento divulga, de maneira acentuada, seu nome, que já era conhecido em toda a ilha. Levantou dinheiro e recursos entre os componentes do grupo rebelde, e quem mais contribuiu foi a família do próprio FIDEL.

"Nem Prio, nem ninguém nos deu dinheiro. As despesas foram cobertas com o esforço e sacrifício de todos os companheiros, mediante a generosa doação dos homens que me seguiram até a morte".

Era um golpe arriscado contra o regime de Batista, e este quartel era a segunda fortaleza militar, em importância, em Cuba. Um manifesto tinha sido preparado, caso houvesse êxito. Estavam certos de que, havendo a conquista, o povo cubano ou ao menos a Província de Oriente, tradicionalmente rebelde, levantar-se-ia em uma revolta total.

Por pequenos erros estratégicos e desencontros, o ataque falhou e também um assalto a uma pequena fortaleza localizada em Bayamo, a oeste de Santiago, foi repelido. Dos 126 combatentes, muitos morreram, e FIDEL ordena, após uma luta tenaz, a dispersão nas montanhas vizinhas – a Sierra Maestra. Logo àpós, um grande número de combatentes é capturado e ao invés de serem presos, são barbaramente torturados e mortos. Pouquíssimos são levados a julgamento no Tribunal de Urgência, em Santiago, e entre estes, FIDEL e seu irmão RAUL, que se salvaram milagrosamente.

É neste Tribunal que FIDEL pronuncia, fazendo sua própria defesa, um célebre discurso, que durou mais de cinco horas (Posteriormente publicado em forma de livro, sob o título *A História me Absolverá*). Revelou seus planos para amplas reformas sociais e politicas em Cuba, caso Batista tivesse sido derrubado, anunciando as cinco leis revolucionárias, que seriam proclamadas imediatamente.

No final de seu discurso, faz a veneração pelos exemplos gloriosos dos heróis e dos mártires de Cuba: Cespedes, Agromonte, Maceo, Gomez e Martí, e deste, cita um texto do *Livro de Ouro:*

(3) Eduardo Chibás, fundou a *Ortodoxia*, em 1947. Descrito como um orador fascinante e carismático e um dos poucos politicos honestos e idealistas de Cuba. Desejava uma renovação democrática. Chibás suicidou-se em 5 de agosto de 1951, após uma transmissão radiofônica, pela Rádio CMQ, considerando que o seu sacrifício era a única maneira de rebelar o povo. Depois da morte do mesmo e do golpe de Batista, em 10 de março de 1952, o partido se desintegrou e não restaram possibilidades de eleições limpas em Cuba, para se vencer o regime reacionário e pró-imperialista vigente.

(4) Coronel Fulgêncio Batista y Sadivar, ex-sargento e taquígrafo, chefiou seu primeiro golpe militar em 1934, quando os Estados Unidos, que sempre mandaram em Cuba, não reconhecem a Junta Governamental implantada em 1933. Passa a ser figura predominante em Cuba, mantendo-se nos bastidores, controlando o poder, até que, em 1940, se torna presidente. O sistema de corrupção e entreguismo foi o apanágio de Batista. Seguem-se os governos de Ramon Grau San Martin e Carlo Prio Socarras. Batista, em 1952, candidata-se, mas prevendo a derrota para o Partido Ortodoxo, que faz campanha moralizadora, entra novamente em cena.

"Um homem que se conforma em obedecer as leis injustas, e permite que o país em que nasceu seja pisoteado pelos homens que o ofendem, não é um homem honrado. No mundo deve haver certa dose de decência, como deve haver certa quantidade de luz. Quando há muitos homens desonestos, há sempre outros que são portadores da dignidade da maioria. São esses que se rebelam com força terrível, contra os que roubam a liberdade do povo, que é o mesmo que roubar dos homens sua dignidade. Esses homens são intérpretes de milhares de outros homens, de um povo inteiro, da dignidade humana."

E disse, com grande eloqüência: *"Não temo (a prisão), como não temo a fúria do tirano miserável que arrancou a vida a setenta de meus irmãos.*
Condenai-me, não importa. A História me absolverá."

FIDEL, seu irmão RAUL e os demais companheiros receberam sentenças condenatórias de 12 a 15 anos de prisão.

Mas, a crescente pressão popular sobre o regime de Batista, para libertação de todos os prisioneiros políticos, se fazia sentir e, afinal, em maio de 1955, inesperadamente, é concedida a anistia. Depois de 19 meses de prisão, FIDEL volta a Havana e é recebido triunfalmente, por grande multidão. Seu prestígio aumentava dia a dia, e quando estava na cadeia, enviou uma carta muito divulgada, inclusive pela imprensa, na qual afirmava:

"Os membros do Movimento de 26 de julho *não eram agitadores profissionais, nem partidários cegos da violência, mas antes acreditavam, como José Martí, que aquele que dá início a uma guerra, que pode ser evitada, é um criminoso, da mesma maneira que o é, quem não consegue iniciar uma guerra que se apresenta inevitável."*

FIDEL seguia, de início, muito o programa de Chibás, o da Ortodoxia, mas recusou à Presidência da Assembléia Municipal da Ortodoxia de Havana, mesmo porque já não tinha fé nos políticos e em eleições viciadas e, ademais, o quadro cubano era doloroso.

O PREPARO DO REBELDE E GUERRILHEIRO FIDEL CASTRO

FIDEL deixou a prisão com a decisão inabalável de derrubar o regime de Batista, e quando ficou claro que o ditador não tinha intenção de tolerar suas atividades políticas, contra o governo, deixou Cuba e foi para o México, passando antes pela Costa Rica, onde já estava seu irmão e outros refugiados políticos. Lá iria preparar a invasão, lá iria engendrar uma notável guerrilha, que mudaria a história de Cuba. FIDEL começou a recrutar uma força bem formada, e um de seus membros não era cubano, mas sim um jovem médico argentino, ERNESTO CHE GUEVARA.

O dinheiro foi obtido, quer dentro de Cuba, por simpatizantes, inclusive sua família colaborou, mormente seu irmão mais velho, RAMON, que lá ficara, e quer através de contribiuições de diversos exilados, em muitas cidades dos Estados Unidos.

Em homenagem ao ataque ao quartel de Moncada, o plano recebeu o nome de 26 de julho. Uma outra unidade foi formada em Miami e FIDEL indicou JUAN MANOEL MARQUEZ, para chefiá-la. A força guerrilheira passou a ser treinada pelo CORONEL ALBERTO BAYO, cubano de ascendência espanhola, que havia lutado ao lado das forças republicanas na Guerra Civil da Espanha. As instruções e

os métodos de BAYO, o professor que há muito era procurado, tiveram grande influência em toda condução futura da guerrilha, através de táticas próprias, específicas e inerentes à mesma.

Os planos de FIDEL e seus companheiros chegaram a sofrer contra-tempo, pois as autoridades mexicanas confiscaram as armas e prenderam os candidatos a guerrilheiros, inclusive FIDEL, que passou vinte e três dias na cadeia. Mas isto não o desanimou e ele reorganizou tudo novamente, e até melhor.

Quando as notícias dos planos de invasão chegaram a Cuba, os políticos começaram a acusar FIDEL e os rebeldes na imprensa cubana, o que fez com que revidasse, imediatamente, num artigo, intitulado, logicamente, **Contra todos:**

"A matilha de lobos caiu em cima de mim. Não é Batista que está sendo atacado, sou eu, ausente, no exterior. Tal atitude resulta da oposição política, ávida por dinheiro, apavorada pela força crescente do movimento revolucionário, que ameaça afastá-los todos da vida pública".

Depois de castigar violenta e exaustivamente a oposição, FIDEL dedicou-se a justificar sua resolução:

"O povo cubano deseja algo mais do que uma simples mudança de comando. Cuba deseja, honestamente, uma mudança radical, em todos os aspectos de sua vida pública e social. Ao povo deve ser dado algo mais que liberdade e democracia, em termos abstratos. Um modo de vida descente deve estar à disposição de todo cubano; o Estado não pode ignorar o destino de seus cidadãos, que nasceram e cresceram no País. Não há maior tragédia do que aquela do homem capaz e ansioso por trabalhar, passar fome e miséria com sua família, por falta de trabalho. O Estado tem, inequivocadamente, a obrigação de dar ao homem o trabalho que procura ou então de sustentá-lo, até que o ache. Nenhuma das fórmulas tradicionais, hoje discutidas, inclui uma avaliação dessa situação, como se o grave problema de Cuba se resumisse simplesmente em como satisfazer a ambição de uns poucos políticos, que foram expulsos do poder ou que para lá desejam ir. Juntar-nos-emos aos nossos cidadãos, unidos em um ideal de dignidade completa para o povo cubano, de justiça para os homens famintos e esquecidos e de punição aos responsáveis."

FIDEL ainda estava levando a cabo o programa de Eduardo Chibás e da Ortodoxia. Mais tarde, em março de 1956, tornou-se evidente que estava desiludido com aquilo, que considerava vacilações da Ortodoxia, ao proclamar a independência do Movimento de 26 de Julho, em relação à primeira. Ao mesmo tempo, desvinculou-se de qualquer obrigação para com o PPC ou qualquer outro partido político. Com considerável amargura, referiu-se ao que chamou *"a ma fé dos políticos"* em não darem apoio total a seu movimento. Depois de passar em revista a falta de progresso econômico e político em Cuba, durante os anos da república, FIDEL afirmou:

"Quero que meu país tenha um destino melhor, uma vida pública mais decente. Desejo um nível moral mais elevado para todos, porque acredito que a nação não existe somente para o benefício e privilégio exclusivo de uns poucos, mas pertence a todos. Digo que cada um de seus seis milhões de habitantes atuais e os milhões das gerações vindouras merecem uma vida honesta, com justiça, trabalho e bem-estar. Com um desinteresse notável, centenas de homens de nossa geração estão agora lutando por esses ideais, não hesitando em dar os melhores anos de sua vida e de sua juventude. Ainda assim, os nossos opositores na Ortodoxia *tentam mostrar-nos, aos olhos do público, como sendo um pouco mais do que párias da sociedade ou como advogados caprichosos de uma linha de ação, que não deve ser considerada honrada, leal e patriota".*

Muito embora FIDEL tenha declarado que tanto ele como o Movimento de 26 de Julho eram independentes do PPC, reiterou que *"o movimento era composto dos seguidores de Chibás"*; eram o *"armamento revolucionário do chibasismo"*. Contudo, esta secessão do PPC não impediu que FIDEL e seu grupo rebelde obtivessem o apoio necessário para elaborarem a invasão.

Em respostas às acusações de que era um agente a serviço de Trujillo, FIDEL fez notar que havia um ditador na República Dominicana, tal como acontecia em Cuba e que, portanto, um *"abismo moral e ideológico"* separava-o de ambos: Seguindo-se uma longa acusação a ambos os ditadores FIDEL concluiu, dizendo que:

"Em Cuba perdeu-se o hábito de falar a verdade. A campanha de calúnias terá a sua réplica em dia não muito distante, no cumprimento das promessas que temos feito de que, em 1956, seremos livres ou mártires".

A INVASÃO EM 1956 E AS GUERRILHAS EM SIERRA MAESTRA

FIDEL, nos seus pronunciamentos, referia-se que a força invasora desembarcaria em Cuba, antes do fim de 1956. Muito embora seu aviso a Batista eliminasse a vantagem tática da surpresa, ele esperava ganhar uma força psicológica muito maior, anunciando sua chegada ao povo cubano; sua estratégia pessoal baseava-se na confiança que possuía de que uma invasão bem sucedida estimularia um levante nacional por toda a ilha e que Batista seria derrubado em pouco tempo.

Em 24 de novembro de 1956, a bordo do velho iate Granma – com apenas 17,5 metros de comprimento, que só poderia transportar, regularmente, 8 passageiros, e que havia custado, 15 mil dólares – 82 guerrilheiros, sob o comando de FIDEL, saíram de Tuxpán, no México, para darem início a uma verdadeira façanha na história da América Latina (5). Bem cedo, na manhã do oitavo dia (já com atraso de dois dias) as 1.500 milhas eram cobertas com grandes dificuldades e chegaram à costa oriental cubana, entre Niquero e Cabo Cruz, e mais perto deste. Um levante, na Província de Oriente, mais precisamente em Santiago, planejado para coincidir com o desembarque, havia ocorrido dois dias antes, mas foi rapidamente dominado e alertou Batista da invasão próxima.

Não houve coordenação e informações precisas para a coincidência, e poucas horas após o desembarque, os guerrilheiros foram atacados por pesadas forças governamentais de terra e ar. Muitos morreram na refrega, alguns caíram nas mãos dos inimigos e foram liqüidados, os que se entregaram foram torturados e também mortos. A guerrilha estava quase que totalmente esmagada, mas isto nada iria significar. Um pequeno grupo conseguiu vencer e passar através das numerosas e potentes forças de Batista, embrenhando-se nas impenetráveis florestas de Sierra Maestra.

(5) Em 2 de dezembro de 1976, portanto, 18 anos após, o velho iate transformou-se em monumento nacional, e foi colocado numa urna de vidro, num pavilhão especial, junto ao palácio do ex-ditador Fulgêncio Batista, palácio este transformado em Museu, onde são guardadas as relíquias das guerrilhas. Também nesta data instalou-se a primeira **Assembléia Nacional.** *Gramma* é ainda nome oficial do jornal do governo cubano.

Quando o Granma chegava às costas de Cuba, um barco de cabotagem o identificou e avisou a Batista, em Havana. Quando a força aérea chegou à praia, os guerrilheiros já haviam desembarcado em terra firme, mas ainda não tinham atingido as montanhas distantes da costa. Embora se escondessem sob as árvores, no meio dos charcos, eles já tinham sido identificados. Ia começar a batalha, a primeira, conhecida como a Batalha de Alegría de Pio – nome daquele lugar. FIDEL dividiu os 82 guerrilheiros que vinham no Granma em vários comandos, espalhando-os pela região, para dificultar o ataque das tropas inimigas. Um dos grupos, o que era comandado por FIDEL, tentaria furar o cerco e chegar às montanhas. Marcou-se um ponto, já na Sierra Maestra, onde os sobreviventes deveriam se encontrar, depois da refrega. Cada comando tinha dez a doze componentes.

Um dos comandos partiu para Havana, para iniciar uma rede clandestina. A verdade é que o grupo inicial dos 82 foi praticamente dizimado pelas forças da ditadura. Quando FIDEL chegou à Sierra, reuniu-se com os sobreviventes e perguntou: *"Quantos somos?"*. Alguém lhe respondeu: *"Somos quatorze, Comandante"*. Foi ai que ele, tremendamente otimista, pronunciou o discurso mais curto que já fez e que fará em toda a sua vida. Colocou-se de pé e disse:

"Pois se somos quatorze, essa guerra já está ganha".

"Um dia, passado algum tempo, Fidel me contou que a coisa que mais o deixou furioso, naquele momento do reencontro, foi ler, num jornal, uma declaração feita por Batista, em Havana. *Sem saber de nada, Batista disse aos jornais que, depois da batalha de* Alegria de Pío, *'só sobraram uns catorze homens, que morrerão de sede e de fome na selva'. Foi a casualidade, a coincidência da cifra exata que o irritou"* (6).

Segundo *Sierra Maestra: da Guerrilha ao Poder* (Passagens da Guerra Revolucionária), de CHE GUEVARA, escrito em 1963, os sobreviventes da invasão, aptos para os combates foram:

Do grupo do próprio CHE:

RAMIRO VALDÉZ MENÉNDEZ, veterano do ataque a Moncada. Sempre pertenceu à equipe de primeira linha de FIDEL. Em 15 de dezembro de 1979, tornou-se Ministro do Interior, e anteriormente era um dos presidentes do Conselho de Estado.

JUAN ALMEIDA era, praticamente, o chefe do grupo, e o que dava as primeiras instruções práticas a CHE. Ex-pedreiro, um preto de forte compleição física. Tornou-se, no auge da guerrilha, Comandante da coluna 3, na província de Oriente. Foi sempre membro do governo de FIDEL, e ainda é um dos generais do Exército Cubano.

"CHAO", um veterano de guerra espanhola.

BENITEZ, que também tinha tomado parte no episódio de Moncada.

CAMILO CIENFUEGOS, um jovem alfaiate, que se tornaria uma das mais notáveis figuras das guerrilhas. Pancho Gonzales, camponês.

(6) Relatório feito pelo médico JULIO MARTINEZ PAEZ, que se integrou em junho, na guerrilha, e atingiu, depois, o posto de Comandante. Foi o primeiro Ministro da Saúde do Governo rebelde. Publicado no livro *A Ilha*, de Fernando Morais, 15ª edição, Editora Alfa-Ômega, São Paulo, págs. 160 e 161.

Do grupo de FIDEL:

UNIVERSO SÁNCHEZ, camponês, que hoje tem o grau de Comandante do Exército Cubano,

FAUSTINO PEREZ, estudante de medicina. Foi quem desceu a Sierra Maestra, seguiu até Havana e trouxe o jornalista norte-americano Herbert Matthews, para entrevistar FIDEL, e desmentir a sua morte, propalada por Batista, em fevereiro de 1957. Segundo o livro de CHE *Sierra Maestra: da Guerrilha ao Poder:*

"Faustino siempre fue considerado um companhero honesto a carta cabal y arriesgado hasta el extremo. De su arrojo tengo pruebas presencialles, cuando quemó um avion que nos había traído armas desde Miami, descubierto por la aviacion enemiga y danãdo. Bajo la metralha, Faustino, realizó la operacion necessária para evitar que cayera en manos del ejército, dándole candela mediante gasolina que se vertia por las perforaciones de los impatos. De sua calidad revolucionária da cuenta toda su trayecotira.

Vitoriosa a guerrilha, tornou-se, embora por pouco tempo, Ministro da Pasta de Recuperação de Propriedades Ilegalmente Adquiridas.

Do grupo de RAUL:

CIRO REDONDO, antigo viajante e comerciário. Uniu-se a FIDEL quando participou do ataque a Moncada. Tombou heroicamente na batalha de Mar Verde. Postumamente, foi promovido a Comandante. Seu nome tornou-se um símbolo e serviu de denominação a uma das mais destacadas colunas guerrilheiras, no auge da campanha, comandada por CHE GUEVARA. Hoje, muitos centros de estudo e de trabalho, em Cuba, levam a denominação de CIRO REDONDO.

EFIGÊNIO ALMEIJEIRAS, motorista, que ficou conhecido, apesar de ser muito eficaz nas batalhas, como guerrilheiro boêmio. Foi lutar posteriormente na Argélia, quando da primeira participação de Cuba na África, e lá morreu em combate, em 1962.

ARMANDO RODRIGUEZ, que morreu na luta, em fevereiro de 1957.

O último grupo, o de JUAN MANOEL MARQUEZ, entregou-se com seus comandados, mas feitos prisioneiros, acabaram sendo trucidados pelas tropas de Batista, com exceção de dois deles.

Poucos dias antes da expedição deixar o México, o Movimento 26 de Julho publicou, em Havana, uma longa proclamação, pormenorizando o programa da Revolução que, em essência, tinha muita coisa do programa de Chibás e dos ortodoxos, reivindicando planejamento econômico e nacionalização dos serviços públicos, afirmando que o movimento rebelde não era nem precisamente uma guerra, nem um capítulo isolado, mas um processo histórico, que constituía momentos e estágios, presentes e distintos. O desembarque de Narciso Lopez, em meados do século passado, a guerra de 1868, a de 1895, o Movimento dos 30 anos, e, atualmente, a luta contra o banditismo batistiano *"são partes de uma mesma e única Revolução nacional"*.

Antes de se passar aos combates e às lutas na Sierra Maestra, é importante se fazer uma análise resumida da movimentação política rebelde. FIDEL enfaixava, em todo o país, a força máxima, e acentuava que o Movimento de 26 de Julho era o único órgão capaz de dar cumprimento ao seu programa, quando fosse derrubado o regime de Batista. Surgiram, da parte de FIDEL as Declarações de Sierra Maestra,

as críticas ao Pacto de Miami, e um artigo intitulado Porque lutamos, publicado na revista norte americana *Coronet*, corrigindo-se os erros e distorções sobre o Movimento 26 de Julho. A Frente Revolucionária Civil foi criada com base em uma segunda declaração, procedente da Sierra, ditada por FIDEL, via ***Rádio Rebelde***, a uma outra rádio secreta, em Caracas, onde os delegados se reuniram para assinar o texto. O Diretório Revolucionário, de pouca expressão, e sob o comando de Rolando Cubela, também participou, e tudo foi selado apenas alguns meses antes da queda de Batista, com a aparente união de todas as forças de oposição. Este foi o Pacto de Pedrero, que foi assinado por GUEVARA, na qualidade de representante de FIDEL. O Partido Comunista Cubano, denominado PSP, até então clandestino, apoiou FIDEL, sempre incondicionalmente, e o seu destacado dirigente CARLOS RAFAEL RODRIGUEZ viajou para a Sierra Maestra, em julho de 1958, incorporando-se às guerrilhas, pois antes trabalhara na clandestinidade (7). Outro representante oficial do PSP, Luiz Mas Martin, amigo de FIDEL, dos tempos de Universidade, foi recebido no quartel-general em Sierra Maestra.

FIDEL nunca deu chance a outros grupos oposicionistas, porque ele é que contava com o apoio geral do povo cubano, e já em sua defesa, perante a Corte de Santiago, havia reivindicado a nacionalização das companhias de serviços públicos de propriedade norte-americana, deixando perceber uma grande preocupação nacionalista; lançou, ainda, nas declarações de Sierra Maestra, sete pontos principais, destacando-se entre eles: eliminação do peculato no serviço público, maciça campanha contra o analfabetismo, reforma agrária ampla e rápida industrialização.

Feita esta breve análise do aspecto político, relatamos as guerrilhas e toda a movimentação que culminou com a estrondosa vitória de FIDEL e seus companheiros.

Diversas mulheres participaram, ativamente de toda a rebelião cubana, destacando-se: MELBA HERNANDEZ, WILMA SPIN, CELIA SANCHEZ E HAYDEE SANTAMARIA. (8)

Quando o jornalista americano, já citado, escreveu três artigos, divulgados pelo *New York Times*, em 26, 27 e 28 de fevereiro de 1957, dizendo que FIDEL era um idealista e um tipo de novo herói das Américas, estava falando a verdade. Pela primeira vez, era estampada a fotografia de FIDEL barbudo, em pleno comando da campanha.

O valor e o denodo já demonstrado por FIDEL se redobraria, e a sua obstinação era para o triunfo, vencendo tudo e qualquer dificuldade. Do núcleo inicial de 14 homens, FIDEL preparou um Exército Rebelde de Guerrilheiros, que dois anos depois marcharia triunfalmente sobre Havana.

Operou para isto num princípio essencial ao bom êxito da guerra de guerrilhas – a força guerrilheira deve contar com grande dose de simpatia popular e possuir um território amistoso como base de suas operações. FIDEL determinou-se a conquistar, em primeiro lugar, a adesão dos *guajiros* (camponeses sem terras, em geral cultivando fazendas alheias de latifundiários) e que levavam uma existência pobre e precária na Sierra Maestra. Foi de cabana em cabana, movimentando-se nas montanhas, falando sobre a Revolução e prometendo terra àqueles homens, quando subisse ao poder.

(7) Carlos Rafael é, atualmente, um dos vice-primeiros ministros e cuida do Comércio e Política Exterior.

(8) MELBA HERNANDEZ, tinha antes lutado em Moncada. É atualmente embaixadora de Cuba na República Democrática do Vietnam.WILMA SPIN foi a grande companheira de RAUL CASTRO na *Sierra Cristal*, tendo depois se tornado sua esposa. CELIA SANCHEZ, foi a primeira guerrilheira a incorporar-se a *Sierra Maestra*, sendo considerada a mais formosa flor da revolução cubana. Ultimamente era secretária do Conselho de Ministros, e faleceu em janeiro de 1980, após longa enfermidade.

Os ***guajiros*** eram quase unanimemente ardentes fidelistas. Sucessivos governos cubanos pouco haviam feito por eles; tinham sido deixados criando suas famílias na ignorância e na miséria. Sabiam que existia um modo melhor de viver e agora enfim isso lhes estava sendo prometido – não por políticos obesos, em giro pelo interior, mas por homens jovens, que demonstravam sua sinceridade, vivendo entre eles e suportando privações tão grandes quanto as suas próprias. Os camponeses acreditavam nos guerrilheiros e uniam-se a eles na luta pela libertação; virtualmente as únicas exceções eram os ***chivatos*** que eram pagos pelo governo para informar o que se passava nos arredores.

FIDEL encontrou pouca dificuldade de ganhar apoio e simpatia. E logo, depois todos os recursos, inclusive o dinheiro – que constitui sempre o nervo da guerra – estava cobrindo as necessidades. Este era oriundo do movimento secreto em Havana, e em todo o país, e de alguns refugiados, nos Estados Unidos.

Em Cuba, vendiam-se bônus aos que apoiavam as guerrilhas. Recrutavam-se principalmente jovens no campo e na cidade, que eram levados para a Sierra a fim de serem treinados em táticas de guerrilhas, tão depressa quanto era possível. Obtinham-se armas e munições por meio de contrabando ou capturadas em escaramuças, com guarnições isoladas do exército.

Até alguns jovens norte-americanos incorporaram-se às guerrilhas, e membros da base de Guantânamo chegaram a levar armas aos guerrilheiros. FIDEL faz saber que receberia todos os voluntários seus compatriotas, na condição de que eles se apresentassem armados. Entrementes, já funcionava, em plena Sierra Maestra a ***Rádio Rebelde***, que no dia 14 de julho de 1957, divulgava a sua primeira proclamação. Um fato curioso se nota: é que todas as telefonistas da cidade de Santiago eram militantes do Movimento 26 de julho.

Em fevereiro de 1957, as tropas de FIDEL compunham-se de apenas 18 guerrilheiros, e em junho chegavam a 35. Nesta época, FIDEL fazia alguns pontos em Palma Mocha, que é um dos primeiros platôs do Pico Turquino, já em plena Sierra Maestra. E por alguns meses posteriores não ultrapassou de 100. Mas eram tropas bem treinadas, uma verdadeira elite de guerrilheiros.

As inúmeras tropas de Batista combatem e caçam os guerrilheiros por toda Sierra Maestra. Mas inutilmente. Em seqüências, FIDEL vence batalhas e escaramuças em Uvero (27,28 de maio de 1957), Palma Mocha (22 de março de 1957), Pico Turquino, que é o ponto mais alto da Sierra; Arroyones, no sopé da mesma; Pino del Água (16 de setembro 1957 e 16 de fevereiro de 1958) e outras. (9)

O guerrilheiro UNIVERSO SANCHEZ, um dos históricos, diz, conforme relata o médico guerrilheiro JULIO MARTINEZ PAES:

"FIDEL ***cuida muito da segurança de sua tropa. E nunca dorme duas noites no mesmo lugar, para confundir as tropas de Batista. Outra razão importante é que após um combate, temos que sair velozmente, a toda a marcha, para que quando venha a aviação nos bombardear, já estamos longe do lugar onde pensem que estamos. E para poder fazer estas marchas forçadas, montanhas acima, temos que estar treinados, caminhando todos os dias. E estávamos nesse sobe e desce, quando se deu a primeira batalha de que participei, a de Palma Mocha; foi aí, numa batalha duríssima, que eu posso dizer que de fato conheci FIDEL. E foi aí também que ficou manifesta a coragem, a valentia e a decisão dele".*** Neste quartel improvisado das forças de Batista, existiam 300 homens armados e foram derrotados. FIDEL

(9) *"Esta pelea de Uvero fue la mas enconada de cuantas se han realizado en el curso de la guerra; de los 120 a 140 hombres que participaram 40 quedaram fuera de combate". Geografia de Cuba*, de Nuño Jimenez, 2ª edição, pág. 577.)

"tinha uma intuição sobre-humana, a tal ponto que ele advinhava o que o inimigo iria fazer". (10).

Um de seus grandes problemas, sempre resolvido, era se manter um passo adiante das patrulhas, enviadas às montanhas para capturá-lo.

Batista não conseguia deter FIDEL e seus guerrilheiros barbudos. As sabotagens continuavam: trens descarrilhados, os campos de cana-de-açúcar ardiam, pontes explodiam, ônibus eram incendiados. Ocorrem atentados em Havana e outras cidades. No dia 25 de fevereiro de 1958, o volante argentino Juan Manoel Fangio é seqüestrado e impedido de disputar o Grande Prêmio Automobilístico de Cuba. No dia seguinte, Fangio é posto em liberdade, enquanto a ***Rádio Rebelde*** explicava:

"Quisemos, por este meio, protestar contra a subvenção dada ao Grande Prêmio, pelo governo Batista, no momento em que o problema do desemprego é trágico".

Um grande seqüestro chega a realizar-se e FIDEL garante aos 50 norte-americanos e 3 canadenses que reúne todas as condições para governar Cuba. E ao serem restituídos à liberdade, os ex-seqüestrados declaram:

"Eles combatem pela liberdade. São organizados e disciplinados. Entre eles há médicos, padres, advogados, camponeses, operários, e nem um só criminoso."

Prosseguem as guerrilhas. Inicialmente, os rebeldes tinham empregado a tática de guerrilha restrita, em sua maior parte, à defesa do perímetro da linha defensiva.

Continua ocorrendo uma série de batalhas, com vitórias dos rebeldes. As patrulhas do exército, chegou época, que nem queriam e nem se arriscavam a penetrar nos redutos guerrilheiros.

Muitas armas das forças regulares foram tomadas. Os prisioneiros feitos eram doutrinados por FIDEL que lamentava que estivessem equivocados e lutassem ao lado de uma ditadura como a de Batista. Posteriormente eram entregues à Cruz Vermelha.

Neste interim, em março de 1957, em Havana, um atentado à vida de Batista, numa tentativa de invasão ao palácio presidencial, praticado por membros da Federação dos Estudantes Universitários, não logra êxito, tendo morrido quarenta jovens, assim como uma revolta seis meses após, dos marinheiros acantonados na base de Cienfuegos, da qual o exército deu cabo rapidamente. Estes fatos pouco significaram ao ânimo e atuação da guerrilha, que era sempre vitoriosa e importante. Nem mesmo em 9 de abril de 1958, nove meses antes do colapso do regime de Batista, uma greve geral, instigada pelo Movimento de 26 de Julho, que redundou em fracasso, pois alguns sindicatos recusaram-se a apoiá-la, trouxe solução de continuidade às ações do movimento.

A guerrilha era um fato positivo. Como se fosse uma complexa composição musical, a guerrilha era levada avante, como uma intrincada realização contrapontística, que o homem forte no poder, apesar de seu moderno armamento, e bem treinadas tropas, não pôde dar combate.

E o número dos guerrilheiros de FIDEL, em abril de 1958 era de somente quase duzentos, e três meses após, se duplicou.

Convém anotar ainda que no centro de Cuba, desde os meados do ano de 1957, nas montanhas de Escambray, na província de *Las Villas*, operavam outros

(10) *Obra citada*, págs. 167 e 168.

dois grupos menores de guerrilhas, o do Diretório Revolucionário e a chamada Segunda Frente de Escambray. Mas estes grupos eram inexpressivos diante da atuação maiúscula de FIDEL e seus companheiros de Sierra Maestra, e nunca, na prática, concluíram um acordo total e formal com FIDEL, e sempre participaram isoladamente de ações guerrilheiras, até outubro de 1958.

Em Escambray havia, inclusive, um americano, WILLIAN MORGAN, que era capitão de guerrilha, mas não pertencia ao Movimento de 26 de Julho de FIDEL. A Segunda Frende de Escambray era praticamente financiada pelo ex-presidente Carlo Prio Socaras (11). Havia, também em Escambray, alguns poucos guerrilheiros do 26 de julho. A composição era, em sua maior parte, de estudantes de Havana e estes, na sua quase totalidade, pertenciam ao Diretório Revolucionário.

"FIDEL sabia que cada vez que ele passava por um casario da Sierra, cá embaixo, perto do descampado, a repressão de Batista ao pueblo era imediata. No máximo, dois dias depois, vinham os soldados matando civis, incendiando casas de camponeses, saqueando a população. Deixavam o povo desabrigado e iam embora. Dias depois Batista mandava publicar nos jornais de Havana: "Choque entre os soldados de Batista e os de FIDEL CASTRO. De nossa parte sem novidades. Da parte de Fidel tantos mortos e tantos prisioneiros". Na verdade, eram combates que só existiam na imaginação de Batista, e mesmo que ninguém acreditasse muito nas notícias, ele sempre obrigava os jornais a publicar coisas assim". (12)

Sobre o que sucedia após algumas batalhas e vitórias de FIDEL, foi relatado o seguinte:

"No começo da noite, depois do ataque, o capitão Iturriaga vingou-se da maneira que se tornaria típica dos batistianos: agarrou quatorze camponeses em suas casas, ao longo da auto-estrada e os enforcou. As vítimas eram simpatizantes fidelistas, mas nenhuma havia participado do planejamento e execução do ataque. A punição que os batistianos repartiam entre os camponeses que eram vagamente suspeitos de atividades revolucionárias contrastou profundamente com o manejo de conhecidos líderes da resistência das classes superiores — "Doctores" como José Miró Cardona e Felipe Pazos — que eram, há muito, tolerados pela ditadura, antes, finalmente, de serem forçados ao exílio. Estes pobres camponeses não podiam escapar para o exterior para se salvarem; seu único refúgio era nas montanhas, com os guerrilheiros." "Os camponeses pertenciam a FIDEL sem nenhuma dúvida de qualificação: eram a espada da Revolução." (13)

"Chegou um momento em que FIDEL conhecia a Sierra Maestra melhor que os camponeses que nasceram ali e que haviam ensinado tudo aquilo a ele. Imagine o que seja passar dois anos andando para baixo e para cima, dia e noite, quase sem dormir e sem comer. No fim FIDEL conhecia aquilo palmo a palmo e a todos os habitantes da Sierra. Ele virou um ídolo da população.

(11) Prio, que tinha sido deposto por Batista, em 1952, nunca foi bem visto por FIDEL e seus companheiros, pois contra ele pesavam sérias acusações de entrega de Cuba ao imperialismo, corrupção administrativa e perseguição aos democratas.

(12) *Obra citada*, pág. 170.

(13) NEIL MACAULAY, americano que também participou das guerrilhas na coluna de DILMÍDIO ESCALONA, em Pinar del Rio, tendo escrito o livro *Um Rebelde em Cuba*, da Difusão Editorial S.A., São Paulo. O texto referido está nas págs. 85 e 86.

"Todos nós, FIDEL, inclusive, pensávamos que a guerra fosse durar muitos anos. Porque havia um combate, uma emboscada, toma-se um monte de armas, mas a luta prosseguia cada dia mais freqüente. E Batista, mandando mais e mais gente para a Sierra. Em meados de 1958, a ditadura começa a se preparar para uma ofensiva muito forte à Sierra Maestra. Sabendo disso, nós também nos preparamos. E a partir daí, FIDEL *escolheu La Maestra, que é o cume dessa pequena cordilheira, onde se dividem as águas pluviais para leste e oeste, para montar, pela primeira vez, um acampamento fixo (14).*

"Assim esburacamos a Sierra Maestra de Las Vegas e Las Mercedes até La Plata, que é uma distância considerável. Onde não havia trincheiras, éramos donos absolutos dos cocurutos dos morros, com acampamentos fixos.

"Àquela altura, Batista tinha, em toda a Sierra Maestra, entre 7 mil e 10 mil soldados — sem contar os efetivos que mantinha de reserva, nas capitais provinciais, para substituições ou emergências. E nós não tínhamos mais que duzentos homens lá. Com as armas capturadas na última rendição, FIDEL se prepara, então, para a terceira mais importante batalha da guerra revolucionária, que foi a de Santo Domingo, perto de La Plata." (Nesta batalha há 45 feridos nas tropas de Batista, que seriam tratados pelas forças de FIDEL, pois não foram retirados, e isto só se deu com o chefe deles, Sanchez Mosquera, com a descida de um helicóptero, no meio do campo de batalha).

"Bem, mas a guerra não terminara. Com isso, depois da batalha de Santo Domingo, Las Vegas passou a ser o único ponto de toda Sierra Maestra, onde ainda havia tropas inimigas. E FIDEL decidiu acabar com esse último baluarte de Batista." (15)

Em resumo, em maio de 1958, partindo de *Las Mercedes*, as tropas de Batista – 10 mil armas de todos os tipos – iniciam ofensiva contra as posições guerrilheiras na Sierra Maestra.

Em junho e julho de 1958:

"En dos meses y medio de duro batalhar, el inimigo, perdió mas de mil hombres entre muertos, heridos, prisioneros y desertores. Dejó en nuestras manos seicentas armas . . . y ademas enorme quantidad de parque y equipo de todas classes y cuatrocentos cincuenta prisioneros . . . El ejército batistiano salió com la espina dorsal rota de esta postrera ofensiva sobre Sierra Maestra pero aún no estaba vencido". (16)

Nas cidades, a unidade das forças da oposição, em termos, não eram totalmente coesas, mas satisfaziam a FIDEL e estava na hora da arrancada final.

O descontentamento para com o regime de Batista assumiu proporções suficientes para um ataque aberto ao exército. A propaganda em todos os setores – pelas vitórias em ação, pelas notícias que corriam a favor de FIDEL – tornou-se um fator importante, especialmente depois que a ***Radio Rebelde*** foi para o ar, no início de 1958. FIDEL pôde atingir o povo cubano com sua arte oratória. A presteza da

(14) Hoje a Sierra Maestra conta com inúmeras estradas, está devassada e não seria mais possivel a luta de guerrilhas em seu âmbito.

(15) *Obra citada* págs. 173 a 179.

(16) *Tempo do Che*, uma cronologia completa de sua vida, organizada pelo Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, Havana. Publicado no Brasil pelas Edições Populares, como Apêndice ao livro *Por uma Revolução Internacional*, de Che Guevara.

maioria dos cubanos, em dar apoio ativo à sua causa, foi superestimada pelo movimento oposicionista, durante a maior parte da rebelião.

Época houve em que os guerrilheiros dominavam uma grande parte da província de Oriente e até cobravam, moderadamente, e com critério, impostos sobre determinadas coisas, revertendo o numerário para a campanha.

"Terminada a batalha de Las Vegas, entramos num período meio morto. Não havia combates, ninguém nos atacava. Batista retirou todos os seus efetivos que restavam na Sierra Maestra, e nosso sistema de segurança e proteção às zonas liberadas erão poderoso, que já falávamos alto, andávamos por todas as partes, procedíamos como se estivéssemos em nossa casa. Até que, ao fim, FIDEL decidiu que já que Batista não nos atacava mais, tomaríamos a iniciativa da guerra. FIDEL iria, finalmente, atacar Batista." (17)

Já se estava no segundo semestre de 1958, e no auge da campanha. FIDEL passa a organizar as famosas colunas guerrilheiras, que enfrentariam o exército, em seu próprio terreno. É nesta fase que aumenta o destaque dos grandes baluartes – os guerrilheiros RAUL CASTRO, CAMILO CIENFUEGOS, CHE GUEVARA e outros.

RAUL CASTRO, desde abril, tinha aberto uma segunda frente na própria província de Oriente, na zona norte em Sierra Cristal, onde angariou mais guerrilheiros. Sua coluna passou a denominar-se FRANK PAÍS.(18) E em julho de 1958, contava, sob seu mando, com quase 3 mil homens e dominava 13 mil km quadrados. Era rigoroso com seus comandados e não permitia a indisciplina, bebidas e outras debilidades. RAUL estava, então com 27 anos, era um dos grandes companheiros de seu irmão FIDEL. Tinha abandonado, em 1950, os seus estudos de Ciências Sociais, em Havana e, em 1952, assistiu ao Congresso da Juventude em Bucareste e também passou algum tempo na Hungria, antes de regressar para todas as suas ações em Cuba.

A VITÓRIA FINAL E O ESMAGAMENTO DAS CONTRA-REVOLUÇÕES

O ditador Batista, mesmo no climax da guerrilha, teimou em fazer as farsas de eleições, com alguns candidatos concorrendo à presidência. O governo e os partidos da oposição estavam sempre e inutilmente solicitando votos para o pleito que primeiro foi marcado para maio e depois adiado para o dia 3 de novembro de 1958. Mas, a esta altura, Cuba inteira era favorável às mudanças estruturais no setor social e econômico. Queriam terras para todos os camponeses e emprego durante todo o ano para quem quer que o desejasse. Os guerrilheiros deixavam a FIDEL o encargo de realizar as mudanças necessárias. Todos reprovavam os políticos e a retórica política, e ninguém expressava algum desejo de votar numa eleição com cartas marcadas. FIDEL tinha ordenado que os candidatos fossem presos e as urnas queimadas. E, de fato, isto aconteceu em muitos locais, e estas eleições foram o maior fracasso da história de Cuba. Era mais uma desmoralização de Batista.

Em julho, o tráfego aéreo rebelde, na província de Oriente, se tornou rotina. E grandes quantidades de armas haviam sido capturadas, na tomada de quartéis, e transportadas por ar, para armar mais centenas de camponeses, em Oriente. Au-

(17) *Obra citada*, pág. 180.

(18) FRANK PAÍS, era, praticamente, o segundo chefe da guerrilha de FIDEL, líder católico, era o responsável pelo movimento clandestino nas cidades. Foi assassinado pela ditadura de Batista.

mentava, assim, o número de guerrilheiros. Em setembro, tudo nesta província estava sob controle rebelde, exceto as cidades maiores. Havia camponeses que não tinham armas apropriadas, os escopeteiros artilheiros – ou homens armados apenas com pistolas ou rifles 22. As colunas fidelistas estavam adentrando a província de Las Villas, quando em início de setembro, as tropas comandadas por CHE se juntam com as de CAMILO e se dirigem para Las Villas e Ocidente.

E, cada vez que as colunas guerrilheiras aguilhoavam o gigante batistiano, este respondia violentamente, contra aqueles que conseguia atingir – o povo cubano. E a cada golpe, mais perdia o apoio popular, e veremos que, no final, quando as colunas guerrilheiras atingiram a província de Las Villas, nos últimos meses de 1958, o principal sustentáculo de Batista havia desaparecido – o exército – na sua maior parte, abandonara a luta. O efeito desmoralizante que tinha sobre os soldados, aquelas tentativas de atingirem um inimigo quase impalpável, aliado aos violentos métodos retalhatórios de Batista, tiraram-lhes toda a vontade de resistir.

CHE GUEVARA captura, em novembro, Sancti Spiritus, a terceira maior cidade do país, e a luta é dura em Las Villas, com a ofensiva rebelde, nesta província, se acentuando cada vez mais.

Enquanto isso, FIDEL, em novembro resolve sair com suas tropas da Sierra Maestra e completar a libertação de todo o país.

As lutas na província de Oriente, e a batalha de Guisa duraram difíceis 11 dias, sendo estas as primeiras vitórias de FIDEL na planície. Em Palma Soriano, acontece outro êxito de FIDEL. Em Baire e Santiago de Cuba – a segunda cidade mais importante do País – as guarnições do exército se rendem, pois perderiam inevitavelmente qualquer combate. Tomada a cidade, FIDEL convoca o povo para um comício, no parque local, onde é saudado apoteoticamente pela massa. Depois, o quartel de Bayamo, um dos mais bem armados de toda Cuba, também se rende, e FIDEL inicia sua grande marcha para Havana, mas esta já estava sob o fogo guerrilheiro.

CHE GUEVARA saíra da Sierra del Escambray, na semana anterior ao Natal, e a 28 de dezembro já havia invadido vários quartéis, tomando armas em quantidades suficientes para centenas de camponeses e milicianos urbanos. Estava então organizado um exército em Placetas, preparando-se para marchar para Santa Clara, a capital provincial, a 35 km mais adiante. No lado nordeste da província, o Comandante CAMILO CIENFUEGOS, que se supunha estar a caminho de Pinar, estava assediando a guarnição de Yaguajay. Os quartéis de Remédios e o porto de Caibarién haviam caído nas mãos dos guerrilheiros, no norte de Las Villas. Os pesados reforços enviados de Havana, por Batista, caíram em emboscadas e foram completamente eliminados. Batista não teve outra solução, senão fugir às pressas, e deixar em seu lugar uma junta títere, composta por seus também fracassados partidários, e encabeçada por um tal general Cantillo, que havia nomeado o Dr. Carlos Piedra, então ministro da Suprema Corte, Presidente da República (19).

Mas, nesta ocasião, FIDEL e seus guerrilheiros rebeldes já eram os vencedores. FIDEL se fez ouvir pelo rádio, e tinha instruções para *"todos os comandantes do Exército Rebelde e para o povo"*. O Líder Máximo dizia:

"Nossas tropas não devem cessar fogo em nenhum momento. Nossas forças devem prosseguir suas operações contra o inimigo, em todas as frentes de batalha.

(19) Batista foi para a República Dominicana no dia 30 de dezembro de 1958, onde o ditador Trujilo o fez pagar, pessoalmente, de sua fortuna adquirida ilegalmente em Cuba, todas as armas que tinha comprado de seu país, por ocasião das guerrilhas. Depois partiu para a Espanha, onde morreu de ataque cardíaco, esquecido, aos 72 anos de idade, em 5 de agosto de 1973, na sua luxuosa residência de verão em Marbela, na Costa Sul.

Somente concordaremos parlamentar com as guarnições que desejarem se render. A ditadura foi derrubada como conseqüência das esmagadoras derrotas sofridas nas últimas semanas, mas isto não significa que a Revolução esteja agora triunfante. As operações do Exército Rebelde", reiterava FIDEL, *"continuariam até que ele as chamasse"*, e isto ocorreria *"quando os elementos militares que se haviam sublevado na capital, se pusessem sob as ordens dos Comandos Revolucionários."*

"Revolução, Sim! Golpe de Estado, não!"

FIDEL continuava prevenido contra as tentativas de retirar-lhes a vitória.

"A vitória deve ser absoluta. Os trabalhadores de Cuba devem se preparar para um levante geral. O povo e o Exército Rebelde devem ficar mais unidos e mais firmes do que nunca, para não deixarem escorregar a vitória que custou muito sangue."

Cuba tinha-se levantado. Explodia a favor da causa de FIDEL e a rebelião havia triunfado por completo. A guarnição de Santa Clara tinha-se rendido a CHE GUEVARA. Num desesperado esforço para salvar dos fidelistas o exército que se desmoronava, o general Cantillo tinha trazido o ex-coronel Barquin, que estava preso na ilha de Pines, condenado por conspirar contra Batista, em 1956, para comandar o exército cubano.

Barquim chama *"os doutores FIDEL CASTRO e Manoel Urrutia para o Campo Colômbia, quando desejarem, de modo que o último possa tomar o encargo da presidência da República"*, mas não disse que daria o comando do exército a FIDEL. Porém, Barquin sabia que nada, nem mesmo uma aliança do exército em Havana, com todos os grupos não fidelistas da capital, poderia resistir à arremetida das províncias. E sabia mais, que três colunas fidelistas de Las Villas dominavam os quartéis em Matanzas. Resolve então entregar o exército cubano para o recém designado chefe do Estado Maior de FIDEL, Comandante CAMILO CIENFUEGOS, mesmo ainda porque também os fidelistas já haviam dominado todos os postos militares importantes, nas três províncias a leste, exceto as bases do exército e da marinha da cidade de Cienfuegos, as quais estavam nas mãos do Segunda Frente Del Escambray.

Enquanto isto, CHE GUEVARA havia dominado, no dia 2 de janeiro, a fortaleza de La Cabana, em Havana, o poderoso quartel de artilharia do exército, no mesmo dia em que CAMILO assumiu o comando, no Campo Colômbia.

FIDEL ainda não chegara a Havana. Mas seus comandantes e seus guerrilheiros – os chamados históricos – já dominavam tudo. O Líder máximo estava percorrendo, lentamente, a Rodovia Central, vindo da província do Oriente, parando em todas as cidades do caminho. Estava se preparando para uma demonstração, aos revolucionários rivais, em Havana, arregimentando o povo das províncias, mostrando que os postos militares, ao longo do seu caminho, estavam nas mãos dos barbudos do Movimento 26 de Julho. Os guerrilheiros do Diretório Revolucionário haviam abandonado Las Villas, estavam então acampados junto à Universidade de Havana. Eram ao todo uns trezentos ou quatrocentos homens.

Não obstante, houve uma certa disputa, quanto à preeminência de FIDEL. As tropas dos jovens do Diretório Revolucionário resolveram ocupar o Palácio Nacional, aparentemente procurando atingir uma posição independente no governo rebelde, e se recusaram a entregar as armas, quando FIDEL assim ordenou. Depois de aterrissar em Havana, dia 5 de janeiro de 1959, o presidente designado por FIDEL, Manoel Urrutia Lleo, foi diretamente aos quartéis de CAMILO, no Campo Colôm-

bia (20). Este declara a lei marcial, e ameaça invadir o palácio, pois uma mensagem apaziguadora, que FIDEL mandara, não surtiria efeito. Diante das forças, o DR não tarda em capitular e entrega as suas armas. O novo presidente toma posse naquela mesma noite, e um pelotão, com homens de CAMILO, foi enviado para a sua guarda. Mas desde o dia 4, Havana já estava em normalidade. Os que mandavam realmente já usavam uniformes do Movimento 26 de Julho, inclusive os policiais. As forças de FIDEL continuaram a ser chamadas de Exército Rebelde – e não Exército Revolucionário. O termo revolucionário tinha se tornado tão desmoralizado, pelo constante mau emprego por parte dos políticos cubanos, que FIDEL e seus guerrilheiros permaneceram como rebeldes, mesmo depois de se tornarem amplamente vitoriosos e senhores do poder.

FIDEL fora nomeado pelo presidente Urrutia Chefe das Forças Armadas, e na noite de 8 de janeiro, quando chegou a Havana, discursou pela televisão ao povo cubano. O Campo Colômbia havia sido aberto ao público, e mais de cincoenta mil habaneros para lá se dirigiram, para ver e ouvir FIDEL. No dia seguinte, FIDEL ataca o Diretório Revolucionário, faz o seu chefe devolver armas, evacuar o campus da Universidade e dissolver seu pequeno exército.

O ex-presidente Carlo Prio também não teve nenhuma oportunidade no novo governo. Havia chegado da Flórida no dia 2 de janeiro e seus adeptos, armados, tinham se estabelecido em sua fazenda, na costa próxima da Bahia Honda, alegando que *"viera para* assegurar *o triunfo da Revolução"*. Mas seus correligionários foram desarmados, pois o êxito da rebelião estava mais do que garantido. Prio não achou outra alternativa senão deixar Cuba imediatamente (21). Os elementos não fidelistas, na Segunda Frente de Escambray, também depuseram as armas e esta foi dissolvida.

FIDEL, cujo prestígio e valor se consolidam, descrevia o novo governo e o seu programa, sem que confirmação prévia houvesse emanado do gabinete, e para reduzir a confusão e trazer à realidade, o Primeiro Ministro José Miró Cardona renunciou, em favor de FIDEL em meados de fevereiro.

Virtualmente, as empresas comerciais e industriais de grande porte, que haviam escapado à nacionalização de 1959, passaram à esfera do novo governo. Em outubro de 1960, todas as empresas estrangeiras já estavam encampadas e o Estado cubano já se havia tornado proprietário e operador de todas as indústrias e empresas comerciais importantes.

O primeiro Conselho de Ministros nomeado por Urrutia compunha-se de representantes dos diversos grupos que se opuseram ativamente a Batista, mas a unidade atingida nos meses finais da luta logo começou a se deteriorar, como resultado

(20) Urrutia era antigo membro da Corte de Apelações da Província do Oriente, e tinha desafiado Batista ao declarar que a rebelião de FIDEL era constitucional. Foi um dos Juízes que funcionou no caso contra as forças invasoras de FIDEL e sua atitude corajosa, em achá-los inocente, valeu-lhe o primeiro exílio. Faleceu nos Estados Unidos, em 6 de julho de 1981, onde era professor universitário.

(21) Prio era advogado de profissão. Suicidou-se em Miami, em abril de 1977, aos 74 anos de idade. Pertencia a várias organizações de refugiados cubanos anti-fidelistas. Tinha importante fortuna investida em bens imobiliários e instituições bancárias nos Estados Unidos e ultimamente havia sofrido vários reveses financeiros. Antes de falecer, em fevereiro de 1977 foi em uma audiência com o secretário de Estado Cyrus Vance, do Governo Carter, para afirmar que os Estados Unidos cometeriam um erro, se levantassem o embargo econômico a Cuba ou fizessem uma conciliação com o regime de Havana em qualquer terreno.

O único ex-presidente, que passou a residir em Cuba, após a Revolução, foi Ramón Grau San Martin, que tinha ocupado o cargo por duas vezes, sendo que em 1934, foi deposto por golpe de inspiração norte-americana. Voltou ao poder em 1944, quando seu lema eleitoral foi: *"Cuba para os cubanos"*. Morreu em Havana, em agosto de 1969, vítima de câncer, e as despesas dos funerais foram pagas pelo governo.

das disputas relativas às reformas econômicas e sociais planejadas pelo novo regime. Os desentendimentos foram tacitamente reconhecidos por FIDEL, em um discurso, transmitido pela televisão, alguns dias antes da sua ascenção ao cargo de Primeiro Ministro, em fevereiro; nesse pronunciamento, FIDEL deixou claro que a Revolução não irira empreender meias medidas.

"Em determinadas ocasiões, perguntamo-nos se há cubanos que não entendam que, em um processo revolucionário, tão profundo como este, não possa haver meias medidas. Que não entendam que um processo revolucionário como este deve atingir seus objetivos ou o país, caso contrário, sucumbirá. Que não entendam que ou avançamos um século ou retrocedemos outro; que uma recaída significaria a pior coisa capaz de acontecer a um país como este. Perguntou-me se eles têm consciência ou não do mal que fazem ao país. Se chegam a compreender, ou não, que, depois do sangue derramado e do enorme dano causado ao país, por criminosos que o roubaram, não pode haver contemporização entre o triunfo e o fracasso da revolução."

FIDEL prosseguiu, justificando as políticas do regime, perante a opinião pública, e explicando por que havia usado a violência em determinadas ocasiões.

"Nunca pensamos em escorar nossas ações em forças armadas. O público é o fator mais poderoso e decisivo da Revolução. Se usamos a violência, não foi contra os interesses que na ordem social poderiam ter sido prejudicados pelas medidas revolucionárias, usamo-la contra criminosos de guerra."

"No dia 10 de outubro de 1958, dois meses e meio antes de tomar o poder, RAUL CASTRO, irmão de FIDEL, organizou, no pé da Sierra Maestra o Primeiro Congresso Camponês em Armas *e proclamou, diante de uma multidão de pequenos agricultores, a* Lei nº 3 da Sierra *– a Reforma Agrária das zonas em poder dos combatentes. Cinco meses depois, a 17 de maio de 1959, RAUL já Comandante das Forças Armadas Revolucionárias, via seu irmão, o primeiro ministro, assinar a lei que estendia os efeitos da primeira a todo o país: ninguém poderia, a partir daquele dia, ter mais de 400 hectares de terra, em Cuba. 'Para dar exemplo' – contou-me RAMON, o risonho irmão mais velho de FIDEL e RAUL – 'a primeira fazenda expropriada foi a do nosso pai, que era bem grande'."*

"Até então, 64 por cento das terras cultiváveis do país estavam em mãos de latifundiários e das multinacionais americanas, que exploravam o cultivo e a industrialização de açúcar, de tabacos e de cítricos: a Bay Nipe Company tinha 49.826 hectares, a Atlantic Sugar Co. 250 mil hectares e a American Sugar, 143 mil hectares. E um consórcio de 12 empresas norte-americanas, lideradas pela Cuban Fruit Co, chegou a possuir 1,2 milhão de hectares de terras em Cuba – cifra que se torna especialmente significativa quando se sabe que o país tem uma área total de apenas 114 mil km quadrados, o equivalente, por exemplo, à área do Estado do Piauí.

"Três anos após, foi promulgada a segunda lei de Reforma Agrária, que estatizou todas as propriedades com mais de 67 hectares. Como na lei da Reforma Urbana, aplicou-se um princípio básico, todo mundo é dono da terra onde vive, até o limite máximo estabelecido por lei. As grandes extensões exploradas por latifundiários ou por empresas estrangeiras passaram à propriedade do Estado, que se tornou o dono de 70 por cento das terras agricultáveis do país, ficando os 30 por cento restantes em poder dos camponeses. Com a nova lei, a ANAP ganhou mais

140 mil famílias de sócios – ao todo, até aquela data, cerca de 190 mil camponeses tinham recebido terras do Estado, através das duas Reformas Agrárias." (22)

O paredon precisou funcionar em casos estritamente cabíveis. Os bandidos pública e notoriamente conhecidos do regime de Batista não poderiam viver na nova pátria e na nova sociedade cubana. Todos os ex-capitães Iturriagas foram condenados à morte e não havia outra solução. A imprensa cubana mostrou horríveis fotografias de corpos mutilados, encontrados em sepulturas escondidas, nos campos, muitas na província de Pinar del Rio. As vítimas dos batistianos foram mostradas e os assassinos descobertos.

As execuções dos algozes foram numerosas e rápidas, e foram precedidas de julgamentos sumários em tribunais militares. Mas as execuções foram necessárias, a fim de se evitar a repetição da virtual chacina ocorrida com os seguidores de Machado, pela multidão enfurecida. Muitos, quando da queda do regime, em 1933, observadores antigos, dos acontecimentos ocorridos em Cuba, concordaram com a justificativa apresentada pelo regime. De qualquer maneira, as decisões dos tribunais, embora freqüentemente baseadas em frágeis provas, estavam de acordo com o Código Napoleônico (no qual se fundamentava o direito cubano), segundo o qual não há necessidade de prova concreta para a formulação da culpa se, de um modo geral, se acredita que o acusado seja culpado. Por exemplo, o editor de *La Quincena*, importante revista católica de Cuba, escreveu naquela época:

"Os julgamentos . . ., muito embora sumários, levaram em consideração todas as formalidades e garantias a fim de se assegurar a perfeita concordância da sentença com a justiça. Aqueles que foram condenados eram, nitidamente, culpados de crimes graves, cujas provas não foram difíceis, uma vez que a cadeia de assassinatos, de torturas se havia estendido, tanto que os homens que o praticavam eram bem conhecidos."

A imprensa cubana refletia um perfeito acordo com a posição de *La Quincena.*

No que concerne às eleições, FIDEL anunciou, em discurso, que os partidos políticos e eleições seriam desnecessários sob o novo regime. Partidos políticos e eleições, explicou FIDEL, eram meramente os meios utilizados pela classe exploradora nas pseudo dèmocracias, para se manterem no poder, ao passo que o Socialismo Cubano funcionaria como uma democracia direta.

"Uma Revolução exprime a vontade do povo e uma eleição todos os dias e não cada quatro anos, é um constante encontro com o povo. A Revolução mudou a concepção de pseudo democracia pelo governo direto do povo . . . O que eram os partidos políticos? Simplesmente uma expressão dos interesses de classe. Aqui só existe uma classe, a humilde; esta classe está no poder. A Revolução mantém seu poder através do povo . . . Por que deve a democracia ser pedante e falsa como outros a têm e não a expressão direta da vontade do povo que nós temos atualmente? O povo sai de suas casas para morrer lutando e não rabiscar alguns nomes em pedaços de papel. A Revolução deu para cada cidadão uma arma, uma arma para cada homem que quisesse entrar para a milícia. Alguns idiotas chegam perto de nós e perguntam por que não realizamos eleições, se contamos com a maioria? A razão é simples – porque o povo não se preocupa em agradar estes idiotas e outros cavalheiros emperdigados e sem expressão! O povo quer marchar para a frente."

(22) *Obra citada* págs. 95 e 96.

Neste discurso concluiu que: *"A primeira tarefa dos revolucionários é destruir a velha máquina militar e tomar as armas na mão.*

"Obviamente, e esta não é a única condição para o êxito da Revolução, mas é uma condição necessária."

Muito embora estivesse encontrando resistência a algumas partes de seu programa, proveniente de setores da classe média, FIDEL ainda contava com apoio maciço. Mesmo as medidas mais extremas por ele introduzidas, tais como a lei agrária, não diminuíram sua popularidade, no seio do povo cubano.

Em julho de 1959, Urrutia tornou-se demissionário, tendo sido designado presidente Osvaldo Dorticós Torrado.

O ex-comandante guerrilheiro Major Hubert Mattos Benítez, em outubro de 1959, rebela-se contra FIDEL e o novo governo, tornando-se um contra revolucionário. Egoisticamente, tinha caído no canto da sereia dos reacionários e dos inimigos do movimento, do qual tinha participado. O próprio FIDEL vai à província de Camagüey, onde Mattos era o chefe militar, e sufoca o nascente movimento dissidente. Foi justamente nesta época que o ex-major Díaz Lanz, outro rebelado que estava nos Estados Unidos, desde junho, lança folhetos sobre Havana, de um aparelho B-52, partindo de um remoto aeroporto da Flórida (23).

Mattos é preso, julgado e condenado a 20 anos de prisão, por ter traído a revolução e se juntado aos inimigos da mesma, também foi acusado de desviar verbas da Reforma Agrária, tendo agido em conluio com grandes criadores de gado da Província de Camagüey. (24) Outros seus comparsas, em número de vinte e um, também julgados, tiveram penas menores.

No clímax da crise, FIDEL determinou a realização de um Comício de Lealdade em Havana, a fim de explicar sua atitude no que concernia a Mattos e de colocar-se inequivocamente a favor das Reformas já iniciadas ou em estágio de planejamento. FIDEL afirmou, diante daquele comício de lealdade:

"Vamos dar, aqui em público, de uma vez por todas, a resposta a todos aqueles que caluniam e mesnosprezam a Revolução. Finalmente, terão eles que tirar as máscaras: serão obrigados a aceitar que as acusações por eles feitas – de que somos comunistas – podem ser atribuídas exclusivamente ao fato de que não ousaram admitir que são contrários ao nosso programa de reforma. Uma vez que não existem queixas ou acusações justas passíveis de serem feitas contra nosso governo, nossos inimigos lançam mão dessa coisa imaginária como têm feito durante os últimos cinqüenta anos. Designam-nos falsamente, da melhor maneira, para seus esquemas de agressão, contra nós, e assim fazem, ajudados e escudados por interesses estrangeiros, que são nosso inimigo . . . O fato de que nossas leis revolucionárias têm um efeito adverso, sobre as classes privilegiadas, dentro e fora de Cuba, faz com que nos ataquem continuamente."

No começo de julho, as relações entre Cuba e os Estados Unidos, que estavam contra o governo de FIDEL, tomaram uma tendência dramática. É que o presidente Eisenhower cortou a quota de importação de açúcar e FIDEL rebateu com as nacionalizações. As companhias açucareiras, petrolíferas, telefônicas e de eletricidade foram nacionalizadas em agosto de 1960, juntamente com os bancos de propriedade norte-americana; isto ocorreu em setembro, e a nacionalização final ocorreu um mês após.

(23) Ex-comandante da Força Rebelde Cubana.

(24) Foi libertado em 19 de outubro de 1979, tendo seguido para a Costa Rica, e daí para os Estados Unidos, onde concede inúmeras entrevistas contra o seu país e contra FIDEL.

Os Estados Unidos romperam com Cuba em 3 de janeiro de 1961, e posteriormente decretaram o bloqueio contra a Cuba. FIDEL não deixou de fazer diversos apelos, todos infrutíferos, para o restabelecimento de relação, com condições de que os norte-americanos deixassem de apoiar os inimigos de sua Revolução.

Uma tentativa de assalto a Cuba foi urdida por contra-revolucionários direitistas, com base nos Estados Unidos. Nesta expedição, inclusive, participaram muitos mercenários norte-maericanos e ex-membros do exército de Fulgêncio Batista, admitidos sob alegação de adestramento e disponibilidade. Mas esta pomposa invasão – ocorrida em 16 de abril de 1961 – na Bahia dos Porcos, episódio para os cubanos conhecido como da Playa Girón, redundou em um fiasco e um fracasso estrondoso e completo. Foi repelida e desbaratada integralmente por todo o povo cubano, em 72 horas, que não quis saber dessa invasão de sádicos. Os Estados Unidos, neste episódio, saiu envergonhado. FIDEL e seus companheiros rechassaram esta vã tentativa, na qual cerca de 80 invasores morreram e 1.179 foram aprisionados, além disso, um barco foi afundado e sete dos vinte e cinco aviões utilizados foram abatidos. Até a United Fruit agora United Brands cedeu dois navios mercantes para o transporte de armas e homens (25).

O jornal americano *New York Times*, na ocasião, informou, em uma série de despachos:

"Valendo-se da Central Intelligence Agency e do Pentágono, os Estados Unidos fizeram tudo para assegurar o êxito da invasão, menos fornecer (aos invasores) cobertura aérea ou enviar fuzileiros navais. Os invasores foram treinados pelos Estados Unidos, equipados e financiadas pelos Estados Unidos, e enviados pelos Estados Unidos, para pôr em prática um plano executado pelos peritos militares dos Estados Unidos. Suas atividades eram supervisionadas diretamente pela CIA. Os exilados foram treinados por especialistas militares dos Estados Unidos e equipados com armas terrestres, marítimas e aéreas dos Estados Unidos. A CIA orientou a operação em nome do governo norte-americano, inicialmente durante a administração do presidente Eisenhower".

Para realizar todo seu programa de governo, em maio de 1961, FIDEL declara Cuba um estado socialista. A direção do governo estaria nas mãos de membros *"das organizações representativas de todos os revolucionários cubanos"*. Em novembro, FIDEL deu instruções aos orientadores revolucionários, no sentido de procurarem diretivas para a Revolução, nos trabalhos de Marx e Lênin. E em dezembro, em pronunciamento explicativo e histórico, esclarece que adotava o marxismo-leninismo.

Daí para a frente, a história de Cuba é sobejamente conhecida. Os reacionários e os fascistas de todos os matizes não a vêem com bons olhos.

"Dominguez ressalta a natureza carismática da autoridade de CASTRO, durante os primeiros anos da década de 1960, quando ele desfrutava de uma notável popularidade entre o povo cubano. Segundo uma pesquisa realizada em 1960, por 'Lloyd Free', 86 por cento da população o apoiava, a maioria dos cubanos entrevistados afirmou sentir-se atraída pelo governo revolucionário, graças às características pessoais de FIDEL, inclusive sua fé inabalável em si mesmo. Uma tal força carismática, observa Dominguez, está subordinada à convicção do líder, de não depender da escolha eleitoral de seus seguidores, mas de ter sido, 'eleito' por uma autoridade sobrenatural, seja ela Deus ou alguma 'Força histórica', e ainda de essa certeza ser compartilhada por seus concidadãos.

"A extraordinária seqüência de proezas impossíveis, levadas a cabo por CASTRO – a chegada do iate 'Granma', a vitória sobre Batista, a derrota dos Estados Unidos no incidente da Bahia dos Porcos, um verdadeiro triunfo de Davi contra Golias – todas essas façanhas emprestaram maior força ao personalismo da Revolução e fortaleceram a convicção de CASTRO, no tocante à possibilidade de a cúpula impor programas, a serem executados pelos inspirados esforços voluntários daqueles fiéis à causa revolucionária. Desse modo, sustenta Dominguez, FIDEL e seus companheiros de liderança não encontrariam problema algum, na adoção de uma norma filosófica, segundo a qual: Apenas o máximo esforço possível, com vistas ao objetivo ótimo, é digno de ser encetado: apenas o objetivo (aparentemente) inatingível é aceitável. A Revolução constituía uma meta inacessível e, no entanto, foi alcançada." (26)

Hoje podem ser feitas quantas pesquisas se desejar junto ao povo cubano. Quaisquer consultas podem ser realizadas. Todas irão dar e concluir em apoio maciço, unânime, a FIDEL, à rebelião, e a seu governo.

CUBA, ANTES E DEPOIS DAS GUERRILHAS

Em 1957, o mundo se sentia escandalizado com a corrupção, banditismo e arbitrariedades que eram algumas características de Cuba, governada por Fulgêncio Batista. Os extremos de pobreza e riqueza eram gritantes. Eram acentuadas as diferenças entre Havana e o resto do país, mormente nas regiões rurais. O crescimento da economia cubana não se havia igualado às necessidades da população existente e muito menos às das gerações vindouras. Cuba estava vivendo não somente do passado, mas também nele.

De acordo com um relatório do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, em 1950, aproximadamente 60 por cento da população rural sofria de subnutrição, provocada pelo baixo poder aquisitivo, más estradas e pela distância dos centros de distribuição, ao passo que, nas cidades, se acreditava que, entre 30 e 40 por cento da população sofria de sub-alimentação. Muitas crianças tinham parasitas intestinais. A educação também parecia estar sofrendo. Muito embora Cuba tivesse, por algum tempo, gozado de um dos mais altos índices de alfabetização na América Central, a missão do BIRD afirmou, em relatório, que somente cerca da metade da população em idade escolar freqüentava as escolas, em 1948. O censo cubano de 1953 mostrou que entre o grupo de 10 a 14 anos, o índice de analfabetismo era de 31,8 por cento, comparado com o de 23,6 por cento da população como um todo, o que indica um retrocesso no campo educacional, em relação aos anos anteriores.

A taxa de mortalidade infantil era elevadíssima: oito por cento na zona urbana e nas regiões rurais atingia proporções incríveis de até vinte por cento.

Mais de 75 por cento dos lares rurais não passavam de cabanas com teto de folhas de palmeiras, encontrando-se na maior parte dessas, piso de terra batido.

A marca do latifúndio existia em toda a ilha, e os camponeses eram miseravelmente explorados. Numa população total de seis milhões de habitantes (compreen-

(25) Revelação feita por Thomas Mac Can, ex-vice presidente desta multinacional, no recente livro *Uma empresa norte-americana, tragédia da United Fruit*, no qual também diz que esta companhia teve um prejuizo de 38 milhões de dólares com propriedades em Cuba.

(26) Trecho de um artigo publicado no *NY Review of Books*, em julho de 1979, de autoria de Juan Goytisolo. Evidentemente que este artigo, no seu todo, foi contra Fidel, reconhecendo apenas o prestígio do líder cubano.

dendo, inclusive, velhos e crianças) meio milhão de trabalhadores extranumerários, viviam por mais de seis meses por ano à beira da inanição. A marca da estagnação e do atraso se evidencia nas condições sociais e na economia. O camponês cubano encontrava-se reduzido a uma mera vida de subsistência, participando de uma sociedade com condições sociais desequilibradas e economia atrasada. E o fato adicional dos grandes investimentos americanos, em larga escala, na indústria açucareira, sublinhava a praticabilidade de moldar a política cubana de acordo com a norte-americana. Cuba era conhecida, ao tempo de Batista, como o território livre do imperialismo, ou bordel do mundo.

A única coisa bem organizada eram os órgãos repressivos da tirania de Batista. Depois do golpe de Estado, que se deu em 10 de março de 1952, o antigo GRAS (Grupo de Repressão de Atividades Subversivas) foi substituído pelo SIM (Serviço de Inteligência Militar), que atuava com a assessoria direta da Missão Militar norte-americana em Cuba.

Atualmente, com o governo de FIDEL e seus companheiros de guerrilhas, Cuba é o Território Livre do Analfabetismo. Os índices tinham sido reduzidos de 35 por cento, para 5 por cento de analfabetos no país, e hoje não chegam a 2 por cento. Foram criadas mais de dez mil salas de aulas apenas no primeiro ano após a derrubada de Batista. Uma das primeiras instruções baixadas por FIDEL, como Primeiro Ministro, foi a transformação de 70 quartéis em escolas de alfabetização, depois readaptadas para o ensino médio. A responsabilidade pela educação passou a ser inteiramente do Estado. O ensino tornou-se, então, gratuito em todos os níveis – do pré-escolar ao curso superior – e obrigatório até o 6º grau. A gratuidade da educação compreende alimentação (café da manhã, almoço e jantar) e todo o material escolar.

Após a Revolução, o índice de desemprego caiu de 8,8 por cento em 1962, para 1,3 por cento em 1970, e hoje é praticamente inexistente. O antigo modelo que determinava a ascensão e o declínio desse índice, de acordo principalmente com a colheita da cana-de-açúcar, deixando milhares de pessoas em dificuldades, conforme aqui já acentuado, nas estações mortas, terminou por ser destruído. No decorrer da década de 1960, os salários tiveram aumentos contínuos e então todos tinham possibilidades de encontrar trabalho, ainda que fosse ocasionalmente improdutivo. A lei contra a ociosidade em Cuba é muito bem urdida e rigorosa.

Os serviços de saúde são perfeitos em todos os setores. O Estado dá assistência médica, hospitalar e remédios gratuitamente a toda a população. Cuba tem um médico para cada mil habitantes. E envia seus facultativos a diversos países irmãos do mundo todo, para colaborarem e trabalharem na assistência à saúde pública dos mesmos. Um fato curioso ocorre na Cuba da atualidade: é que nos principais postos dos Serviços Médicos Hospitalares estão antigos Comandantes Guerrilheiros, pois era grande o número de médicos e estudantes de medicina em Sierra Maestra.

Não existe mais problema habitacional em Cuba. Em 1975, trabalharam em Cuba 1.125 micro-brigadas que só se dedicaram à construção de conjuntos de casas e apartamentos para o povo. E Cuba é o único país da América Latina que não tem favelas. Em Cuba se promoveu uma maior igualdade social.

Foram fechados os grandes e suntuosos cassinos e os grandes bordéis de Cuba, os traficantes de drogas fugiram ou foram presos. Basta dizer que havia cem mil prostitutas numa população de cinco milhões e meio. Os marginais eram em número elevadíssimo, e o submundo, a forma mais eficiente de se ganhar dinheiro na cidade.

A discriminação racial foi solucionada desde o início da Revolução.

A influência norte-americana trouxe para Cuba, de antes de FIDEL, os hábitos de segregação racial vigentes nos Estados Unidos. As praças, ruas, clubes e

praias cubanas dividiam-se em lugares para pobres, negros e ricos. Os milionários cubanos adotaram esta prática nefasta e ampliaram a segregação, tornando-a de caráter social. As praias da ilha foram cercadas e transformadas em recantos privativos, com forte esquema policial, próprio para evitar entrada de estranhos. Sobre este assunto, afirmou HAYDÉE SANTAMARÍA que:

"Os pobres de Cuba, um país cercado por belas praias e repleto de canaviais, nunca souberam o que era consumir açúcar e tomar banho de mar". (27)

Durante muitos anos, o governo de FIDEL sofreu uma imensidão de sabotagens e ataques de todos os tipos, desfechados por asseclas dos Estados Unidos e contra-revolucionários internos. FIDEL conseguiu garantir a sobrevivência de sua campanha, e de seu sistema e procurou institucionalizar o Socialismo Cubano.

Em dezembro de 1975, foi aprovada uma nova Constituição, durante o Primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano. Esse documento, que definia a República de Cuba como "um Estado socialista de operários, camponeses e outros trabalhadores manuais e intelectuais", entrou em execução a 15 de fevereiro de 1976, após um referendo em que foi aceito por 5.472.867 votos contra 54.066. A nova Constituição consolida o sistema Socialista da economia nacional cubana, mas também reconhece a propriedade privada e comunal nos setores da agricultura e dos transportes, o direito a propriedades de bens adquiridos com o fruto do trabalho e à herança de propriedade privada. No dia 2 de novembro de 1976, os 10.725 representantes das municipalidades (eleitos por voto universal, em outubro, nas primeiras eleições havidas em Cuba desde 1959) elegeram os 450 Deputados da Assembléia Nacional que é, segundo a nova Constituição Socialista, o órgão supremo do poder do Estado.

Por ocasião da votação da nova Constituição, em 1976, todo o povo cubano participou das discussões em torno da mesma. Em Cuba, sempre se lembra e se propaga que a *"Revolução é do Povo"*. *"El pueblo si, ese es el poder"*. (28)

No auge do bloqueio imposto pelos Estados Unidos, Cuba só tinha relações, na América Latina, com o México. Foi expulsa da Organização dos Estados Americanos, em 1962, quando esta era dominada pelos Estados Unidos, e quando se estava na era da invasão dos mariners. Quase dez anos depois, em 1971, o secretário geral da OEA admitiu que o isolamento de Cuba não tinha sido construtivo e nem eficiente, e simplesmente um erro.

Cuba chegou a propor uma nova organização interamericana, sem a participação dos Estados Unidos, e FIDEL reafirmou que Cuba se negava, terminantemente, a pagar a mínima indenização pelos dois bilhões de dólares de bens norte-americanos nacionalizados no início da Revolução Cubana, dizendo mais que:

(27) HAYDÉE SANTAMARÍA CUADRADO, lutou em Moncada, sendo presa e torturada. Seu irmão ABEL e seu noivo, BORIS LUIZ SANTACOLOMA, que também participaram, foram mortos após a prisão e brutal tortura de seus algozes militares, que mostraram a HAYDÉE os olhos arrancados do irmão e os testículos do noivo. Combateu depois, ardorosamente na Sierra Maestra, após ser uma das organizadoras do Movimento Clandestino de Libertação 26 de Julho. HAYDÉE suicidou-se em Havana, em fins de julho de 1980, estava com a saúde abalada, pois um ano antes ficara ferida em um acidente automobilístico e posteriormente sofrera três ataques cerebrais. Sua morte abalou o país, estava com 52 anos de idade, e era casada com o ministro da Educação, ARMANDO HART. Ultimamente era membro do Conselho de Estado, deputada à Assembléia Nacional e diretora da Casa de Las Américas.

(28) Pela nova sistemática constitucional, FIDEL passou a ocupar os cargos de Presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros, mantendo seu posto anterior de Comandante e Chefe das Forças Armadas Revolucionárias. Não existe mais cargo de Presidente da República, que fora ocupado por Osvaldo Dorticós, passando o mesmo a ser o Ministro da Justiça.

"Em vinte anos de hostilidades, de agressões, de subversão e bloqueio econômico, os Estados Unidos infligiram a nosso país, danos, cujo valor supera em muitos dos bens norte-americanos, e em conseqüência não podemos fazer qualquer gasto nesse sentido".

Cuba hoje mantém relações diplomáticas com quase todos os países latino-americanos, sendo pouquíssimas as exceções. Em setembro de 1979, foi realizada, com grande brilho, em Havana, a Conferência dos Países não-Alinhados, tendo sido FIDEL escolhido para o novo presidente desta organização, com mandato de três anos.

Capítulo 36

HAITI – SEM SANGUE NÃO HÁ GUERRILHEIROS

UM SUBÚRBIO DA LUA

Há alguns anos atrás, toda a imprensa mundial noticiou a venda de sangue dos humildes habitantes do Haiti, em suas cidades principais, sangue este que posteriormente era enviado para o exterior, principalmente numa ponte aérea diária Porto Príncipe-Miami. Este é um meio dos pobres ganharem alguma coisa para uma difícil sobrevivência. É a triste história conhecida como a dos Vampiros do Caribe, e a indústria mais próspera do Haiti é a exportação do plasma sanguíneo, e durante muito tempo esteve à frente deste negócio o ministro Luckner Cambronne, o homem forte do governo do presidente Baby Doc Duvalier (1).

E, ultimamente, em agosto de 1979, anunciou-se que estão exportando haitianos como escravos, para a República Dominicana, ao preço de 11 dólares por cabeça, conforme denúncia de um grupo de trabalho das Nações Unidas, para a Defesa dos Direitos Humanos. De acordo com o documento da ONU 12 mil haitianos estão sendo vendidos, anualmente, para trabalhos em condições sub-humanas, nos engenhos de açúcar, o principal produto de exportação dominicano. A República Dominicana abrigava, na ocasião, 280 mil imigrantes haitianos, não se sabendo, com precisão, quantos haviam sido vendidos como escravos.

A situação de penúria levou, ainda, cerca de 30 mil haitianos a emigrarem

(1) As multinacionais que comercializam sangue humano lucram aproximadamente 500 bilhões de dólares (quase cinqüenta trilhões de cruzeiros) anuais, em todo o mundo. As multinacionais que monopolizam este setor, na América Latina, são: Hoeschst-Behring e Boitest (alemãs), Yland, Orthodiagnostic, Cutle e Baster(americanas) e Merrieu(francesa). Em trabalho denominado *Ouro Vermelho*, o médico argentino Pesci Bourel, secretário-geral da Federação Pan-Americana Pró Doação Voluntária considerado um dos mais expressivos críticos da Máfia do Sangue, explica que, em geral, os compradores vão buscar o produto nas regiões mais pobres do mundo, cujos fornecedores (desocupados, viciados, pobres, marginais e subnutridos) vendem seu sangue por necessidade, para conseguir algum dinheiro, transmitindo, em contra-partida, doenças como sífilis, hepatite, mal de chagas e malária, aos receptores.

para a Flórida, nos Estados Unidos, nos últimos oito anos. Só em abril de 1980, em uma única semana, mil refugiados desembarcaram nas imediações de Miami.

Estes quadros traduzem um triste retrato do Haiti, com uma população de 90 por cento de analfabetos, e a epidemia de fome é freqüente. O Haiti continua a ser o único país latino-americano a figurar na relação da ONU, como um dos 25 mais pobrès do mundo, o que o leva a ser chamado de país em vias de subdesenvolvimento, estando, portanto, no quarto mundo. A miséria é tal que um programa de ajuda alimentar, de emergência, está sendo executado pela ONU, através da Unicef e com apoio especial da Comunidade Econômica Européia, Estados Unidos e Canadá.

O Haiti é uma terra sem pão, uma dissimulação de República, e se no passado remoto foi a maravilha que surpreendeu Colombo, hoje parece ser um subúrbio da lua. O consumo de leite é de sete litros anuais por habitante.

Haveria a possibilidade de uma explosão social ou o surgimento de uma guerrilha no Haiti? Certa vez, o jornal *Daily News*, de Nova York, disse que se preparavam, em Cuba, *"25 mil homens para invadir o Haiti"*, mas a informação foi recebida com um sentido de guerra psicológica ou puro sensacionalismo. São significativas as conclusões do historiador e sociólogo norte-americano Robert Rotberg, que viveu no Haiti, fazendo pesquisas financiadas pela Twentien Centhry Fund, entidade privada e não lucrativa dos Estados Unidos, dedicada ao estudo dos países subdesenvolvidos. E para Rotberg:

"A situação do povo haitiano é tal que está muito abaixo do umbral da Revolução. Muita e muita gente morre de fome e passa fome, o que torna praticamente impossível qualquer gesto físico de reação."

É de se falar ainda que com um povo sem sangue, sem vibração, não é muito viável o surgimento de rebelião ou de guerrilhas.

O PARAÍSO DAS MULTINACIONAIS

Os Estados Unidos, em certa ocasião, tiveram atritos com o Haiti. *"É uma pocilga que não nos interessa"*, disse Dean Rusk, secretário de Estado dos presidentes Kennedy e Johnson.

Um diplomata europeu, observando o Haiti, ao tempo de Duvalier, disse que:

"Era um ditador dos mais sanguinários e obscurantistas, deve haver algo pior em alguma parte, mas não sei onde".

Mas, com medo do Haiti se tornar comunista, as ajudas americanas, de 1957 (ano de ascenção de Duvalier) até 1960, foram de 30 milhões de dólares e em 1961 mais de 22 milhões, e todo esse dinheiro pouco ou nada beneficiava o povo. A Casa Branca mandou um psiquiatra examinar o presidente, aconselhando-o a renunciar, até que as ajudas foram cortadas, sob a alegação de desvio de fundos e retirado o embaixador. Mas, em 1968,. o ditador superou a crise e as contribuições ao Haiti intensificaram-se com Nixon. 42 milhões de dólares foram remetidos em 1970, por sugestão do Comitê Inter-Americano da Aliança para o Progresso, e outros empréstimos foram feitos pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento. É a indústria do anti-comunismo, pois o Haiti está a 80 quilômetros de Cuba. É a corrupção – sinal de que o país continua governado em proveito de um clã – não diminui e um relatório do Banco Mundial, datado em setembro de 1976, observa que,

em 1975, quarenta e cinco milhões de dólares foram diretamente depositados em trezentas contas especiais, cujo fim permanece um mistério. E, além do mais, tudo é dado ao Haiti, pois a contra-partida é grande – o Haiti é o paraíso das multinacionais, principalmente norte-americanas.

Duvalier, antes de morrer, fez aprovar uma lei de máxima segurança às inversões estrangeiras. O capital estrangeiro domina inteiramente a economia haitiana (além dos Estados Unidos, estão lá a França, a Alemanha Ocidental, o Canadá, Israel e Formosa), que são os principais investidores e disputam entre si o turismo, as minas de cobre, a bauxita e a incipiente exploração do petróleo. A exportação do açúcar é controlada pela Haytian American Sugar. Nove décimos da produção do sisal são da Haytian American Development, o alumínio está a cargo da Reynolds Haytian Mining e o cobre da Sedren. O grande atrativo das multinacionais é a mão-de-obra barata. Enquanto que um operário haitiano ganha, no máximo, 70 centavos de dólar por dia, nos Estados Unidos o mínimo é de um dólar e 70 por hora. O Haiti cedeu, a grupos dos Estados Unidos, para turismo e possivelmente jogo, a ilhade Tortuga, mirante excepcional sobre as Caraíbas, principalmente Cuba. O arrendamento é por 99 anos e opção para mais 99. A industrialização do Haiti tem, como razão, além da mão-de-obra barata, a repressão social, como propulsores de um plano sinistro. As greves são proibidas, não há aposentadoria nem legislação trabalhista. Na maioria dos contratos com empresas multinacionais, no Haiti, existe uma cláusula que entrega à Corte Internacional de Justiça, em Haia, qualquer conflito. Nega-se, portanto, aos governos nacionais, soberania suficiente para regulamentar o assunto.

DESDE O GUERRILHEIRO TOUSSANT ATÉ BABY DOC

Mas, no passado, muito sangue correu pela libertação dos escravos e pela independência do Haiti, antiga colônia francesa. Após a revolução francesa, os escravos haitianos se rebelaram e massacraram seus antigos senhores. Um exército francês, enviado em 1773, para subjugar a revolta, é derrotado pelos guerrilheiros de Toussant L'Overture, um ex-escravo, mas, em 1803, Napoleão manda novo poderoso exército, para restabelecer o domínio francês, que dura até 1804. E no período entre 1804 e 1922, o Haiti foi governado por 29 chefes. Deles, só um chegou a completar seu mandato, para retirar-se voluntariamente, acatando a lei. Dos outros 28, quatro permaneceram no poder até o momento em que tiveram morte natural. Dezoito foram derrubados pela violência, um deles suicidou-se, outro foi assasinado nas escadarias do palácio presidencial, que ardia em chamas, outro foi cortado aos pedaços, pela multidão, e cinco foram assassinados. Em 1915, desembarcaram no Haiti os fuzileiros navais norte-americanos, com a missão de supervisionar a vida política das Antilhas, e de ajudar os bancos norte-americanos, que queriam fazer negócios, sem correr riscos.

A intervenção norte-americana prolongou-se por quase vinte anos. Os negros olhavam com ódio os fuzileiros, e os fuzileiros se sentiam como se estivessem entre as sombras e as chamas do inferno. Mas, daí para frente, seguem-se golpes e outras tropelias, até que o general Paul Magloiri é obrigado a demitir-se, em 1957.

Surge, então, em meio de foguetes, tambores e vudu, o médico provinciano François Duvalier, como símbolo da esperança, mas se tornou uma maldição para o Haiti.

Em 1964, Duvalier proclama-se presidente perpétuo. A própria Organização dos Estados Americanos acusou, em 1969, Duvalier de manter-se no poder através do terror. A rapinagem também ocorreu e Duvalier mandou para bancos suíços, em

sua conta, alguns milhões de dólares. Para se sustentar, Duvalier criou uma polícia especial, tristemente conhecida por Tonton Macaute, nome de demônio tradicional do folclore haitiano.

Em todo o seu governo, há a campanha sistemática de terrorismo. Opositores do regime são, constantemente, torturados, encarcerados e exilados. Em 1968, uma lei pune, com a pena capital, toda a atividade comunista ou reputada como tal. Em novembro de 1971, um militar americano assistiu a um desfile do exército haitiano, e ficou impressionado com o passo nacional dos leopardos, tropa anti-guerrilha.

Por ocasião de sua morte, em 21 de abril de 1971, o Papa Doc deixa um país exangue. O Haiti regridiu, e poucos dirigentes, em cento e setenta anos de independência, terão governado e administrado tão mal seu país, quanto esse ditador, mais preocupado em se defender e fazer vandalismos, do que em dirigir realmente os destinos da República. Muitos haitianos de gabarito deixaram e deixam o país, instalando-se na América do Norte e Central, na África e na Europa, e são os censores talentosos do regime.

Jean Claud Duvalier, filho de François Duvalier, é indicado seu sucessor, e a miséria continua a reinar. Os Tontons Macoutes, que também continuam a espalhar o terror, mudaram de nome sendo hoje os Voluntários da Segurança Nacional, mas as violências praticadas são as mesmas.

O 1º Duvalier era chamado Papa Doc (Papai Doutor) e seu filho ganhou o apelido de Baby Doc, embora não possua nenhum título de doutor. Em setembro de 1977, para melhorar a imagem do país no exterior e obter mais ajuda financeira e empréstimos, Baby Doc, atendendo a pedido dos Estados Unidos, decreta uma modesta e parcial anistia a alguns presos políticos.

Em fevereiro de 1979, foi realizado um simulacro de eleição e das 58 cadeiras no Parlamento, só uma ficou com a oposição, cujo candidato fez campanha a título de oposição construtiva e disposto a dar apoio crítico ao governo.

Mas a Liga dos Direitos Humanos do Haiti ainda denuncia a permanência de prisões políticas e torturas, e em outubro de 1979, a Anistia Internacional, e a Organização de Defesa dos Direitos Humanos pedem ao governo do Haiti que ponha fim à repressão e às atividades ilegais da polícia, pois o próprio Duvalier tem declarado, em várias oportunidades, que:

"A polícia continua sendo o principal instrumento do poder".

A liberdade de imprensa está restringida, e foram fundados dois Partidos Democrata-Cristão, mas sem atuação permitida, e um de seus presidentes foi preso.

Para zombar da miséria e fazer prevalecer a corrupção, o Baby Doc, já com seus 28 anos de idade, fez a sua festa de casamento, dedicada aos potentados, em maio de 1980, gastando, nababescamente, cinco milhões de dólares e, enquanto isto, a ditadura segue feroz e sanguinária.

TODAS AS GUERRILHAS, ATÉ A SUPREENDENTE AÇÃO DE ABRIL DE 1979

Com todo este panorama, é de se perguntar se uma guerrilha poderia ocorrer no Haiti. Os movimentos de rebeldia, pela posição, análise sociológica e repressão, deste pobre país constituem uma incógnita. Mas já ocorreram, durante as ditaduras dos Duvalier, algumas fracas tentativas, a saber:

A) Em fins de julho de 1958, dá-se a mais fantástica guerrilha no Haiti (e nesta época, FIDEL CASTRO já lutava em Sierra Maestra), uma invasão armada preparada

por Paul Magloire e Louis Dejoile, através da Flórida. Armados até os dentes, cinco norte-americanos e três militares haitianos, em dois grupos, desembarcaram em Deluge e avançaram até a capital Port-au-Prince, distante 72 km, juntando-se a alguns companheiros, onde tomaram, após duros combates, o quartel-general. Logo entraram em contato com outros guerrilheiros locais, para a expansão do plano, mas foram traídos e não encontraram nenhum eco. O próprio presidente Duvalier comandou, pessoalmente, as forças governamentais e após dois dias tinham morrido oito guerrilheiros. Iriam marchar diretamente ao palácio mas, além da falta de apoio, não chegaram a acordo sobre a tática a ser adotada e o atraso, além dos outros fatores, fez naufragar o audacioso plano.

Os chefes rebeldes eram os antigos oficiais do exército, HENRI PERPEGNAN, PHILIPPE DOMINIQUE e ALEX PASQUET, e os norte-americanos ARTHUR PAYNE, DANNY e LEVANT KERTEN. O interessante nesta revolta, é que alguns populares foram combater a favor de Duvalier, e não ao lado dos guerrilheiros-oposicionistas.

B) Em maio de 1963, formou-se um agrupamento de haitianos exilados na República Dominicana e em São João de Porto Rico. Constituiu-se um governo no exílio, com Louis Dejoile e Daniel Fignole, mas não encontrou reconhecimento por nenhum país vizinho, e o agrupamento de guerrilheiros, Forças Revolucionárias Unidas, foi desarmado pelo próprio governo dominicano de Juan Bosch.

Em agosto do mesmo ano, um novo grupo, comandado pelo general LEON CANTAVE, ex-chefe do Estado-Maior do Exército, que queria acabar com a hegemonia e exploração dos negros por uma minoria mulata, também fracassou, ao iniciar uma guerrilha.

C) Mas este fracasso só se consumou em julho de 1964, pois a guerrilha havia sido reacendida, com outro desembarque, três meses antes, em Dame Marie, no sudeste haitiano, sob a liderança do guerrilheiro YVAN D. LARAQUE. Houveram muitos combates, e o término definitivo deu-se com a morte deste jovem revolucionário.

Para traduzir o terror da polícia de Duvalier, conta-se este episódio: foi colocado o cadáver de um homem, com o rosto crivado de balas, numa cadeira, numa movimentada rua central da capital, juntamente com um cartaz, no qual se lia: "*Este é o chefe dos guerrilheiros*". Duvalier usava uma tática suja, pois quase todos os funcionários da Cruz Vermelha, no Haiti, eram seus soldados que massacravam horrivelmente os feridos na guerrilha.

D) Em maio, junho e julho de 1968, dão-se os mais importantes acontecimentos da história do Haiti, em matéria de guerrilhas. Em 20 de maio, uma poderosa guerrilha, formada, como quase sempre, de exilados, invadiu Cap Haitiem. Duvalier chegou a ficar em situação dramática, pois decretou o estado de emergência e concentrou em sua própria residência todo o tráfego telegráfico com o exterior.

Os guerrilheiros vieram em um avião de bombardeio, que alugaram nos Estados Unidos. Muitos observadores norte-americanos chegaram a afirmar que, nas atuais circunstâncias, não seria difícil eclodir um levante popular, em anexo com a guerrilha, destinado a derrubar o ditador; e diziam mais, que as condições de vida do povo haitiano atingiam o nível mais baixo do hemisfério, e de acordo com um informe do Banco Interamericano de Desenvolvimento, desde 1962 até agora, a renda média *per capita* baixou a 60 dólares anuais.

Já se previa, em caso de êxito das guerrilhas, a exemplo da intervenção em São Domingos, em 1965, uma nova interferência dos Estados Unidos, que não hesi-

tariam pela mesma medida neste país, também na ilha Hispaniola. Esta guerrilha foi longe e teve uma seqüência por mais de três meses, inclusive Port-au-Prince chega a ser bombardeada. Operou na região em torno da localidade de Quertia-Morin, no norte do país, e na própria cidade de Riveerida Nord e chegaram a contar com a adesão de 200 habitantes da região.

Uma nova invasão de guerrilheiros deu-se em 11 de junho, através de uma expedição bem armada na localidade de Jaemel, que foi ocupada. Este desembarque foi o terceiro em menos de um mês, em mais uma tentativa dos exilados haitianos – através de guerrilha – de derrubar o governo de Duvalier pela força. Um grupo de exilados combatentes tinha também se infiltrado dentro da própria capital. Os combates foram inúmeros e ferozes e houve um grande número de mortos em todas as frentes de batalhas, e em ambos os lados, atingindo-se a mais de 400. Foi no Cabo Haitiano que os choques se acentuaram, e os guerrilheiros, que eram detidos ou feridos, foram fuzilados sumariamente. E, ao final, em julho, não tinha sido ainda desta vez que a guerrilha haitiana sairia vitoriosa. Entre os guerrilheiros mais importantes, presos submetidos a julgamento e torturados, figuravam GERALD PIERRE, LEBRUN LABLANC, RAYMOND TOUSSANT e MAURICE MAGLIORE. Por detrás das linhas de combate, dois notáveis intelectuais do Haiti, Jean Claude e Georges Legar, estavam apoiando as guerrilhas, e o milionário da Jamaica Osvald Brandt e seu filho Clifford Brandt, cônsul e vicê-cônsul, respectivamente, de seu país, forneceram fundos para a guerrilha. Duvalier fez promover um julgamento espalhafatoso de muitos guerrilheiros presos, e quis até que a Organização dos Estados Americanos e as próprias Nações Unidas mandassem observadores aos falsos tribunais haitianos.

E) Em abril de 1970, a própria Guarda Costeira do Haiti bombardeia o palácio presidencial, num golpe frustrado. E esta rebelião foi a mais desorganizada, apesar de ter ramificações dentro de elementos do próprio governo. Os Estados Unidos chegaram até a rejeitar um pedido de ajuda militar, pois os rebeldes pediram e obtiveram asilo na base naval norte-americana de Roosevelt Roads, em Porto Rico, para onde levaram seus barcos, inclusive o navio de guerra Jean Desalines. Duvalier chegou a decretar feriado nacional, por três dias, para comemorar o malogro da revolta, que evidentemente não teve a participação de nenhum guerrilheiro.

F) E, finalmente, quando nada mais parecia que ia acontecer no Haiti, em relação às guerrilhas, dá-se o surpreendente ataque de guerrilheiros a um posto do exército, em abril de 1979, onde são mortos os guardas e confiscadas todas as armas. (2)

(2) Em março de 1981, anunciou-se, taxativamente, o aparecimento de guerrilhas no Haiti. Este fato foi constatado pelo jornal da República Dominicana, *El Nacional*.

Em parte, isto vem enfraquecer internamente a ditadura que espalha a miséria no Haiti, mas no plano externo poderá render mais ajuda em dinheiro dos Estados Unidos, já que 20 milhões de dólares, enviados pelo FMI, em dezembro, quase desapareceram, encontrando-se o país em crise fiscal, e esta evaporação das reservas traria graves repercursões políticas.

Capítulo 37

REPÚBLICA DOMINICAÑA – A INGLÓRIA MORTE DO GUERRILHEIRO CORONEL CAAMAÑO DEÑO, EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

DA DITADURA DE TRUJILLO À ELEIÇÃO E DEPOSIÇÃO DE BOSCH

Em 1961, a República Dominicana era uma espécie de possessão dos Estados Unidos e de suas empresas multinacionais. Sua história, até há pouco tempo, foi uma história infeliz.

Até 1916, foi governada por ditadores corruptos, ineficientes e impiedosos.

Mas, desde 1905, a República Dominicana já era vítima de intervenções americanas; de maneira concreta, restringiam-se os poderes das autoridades locais, por não possuir o controle da Alfândega; a partir de 1916, a autoridade suprema da ilha foi um oficial de marinha dos Estados Unidos; a ocupação deu-se até 1930.

Daí para a frente, prepararam e deixaram no governo um outro ditador. Seu nome era Rafael Leônidas Trujillo Molina, muito mais cruel, corrupto e sanguinário que todos os outros juntos. Ele, seus filhos, tios, sobrinhos, parentes e amigos de confiança governaram o país como uma propriedade privada (1). As críticas se tornaram imensas. Washington decidiu então que o regime já tinha ultrapassado todos os limites da sanidade e deveria mudar de mãos. A 30 de maio de 1961, o cruel ditador foi assassinado em emboscada preparada pela própria CIA, numa estrada solitária. Embora ele e seu motorista e guarda-costas estivessem armados, e este último tivesse esvaziado o revólver antes de desmaiar, ainda com vida, o duro Benfeitor, Salvador da Humanidade, Generalíssimo, Pai da Pátria e outros nomes que tais, como era conhecido, atirou-se ao fundo do carro e ali ficou tremendo, até que, fe-

(1) O jornalista norte-americano, Willian Krehm, em seu livro *Democracias e Tiranias do Caribe*, assim se expressou:

"Isso não é um país. É um domínio feudal. Trujillo é senhor das terras e dos bens, com direito de vida ou morte sobre todos os habitantes. Sob a opulência de um só homem e seus sócios ou familiares, encontrei um povo triste e pobre, contido por um terrorismo policial sem limites."

rido, tentou correr para salvar a pele, abandonando seu revólver 38, sem fazer um único disparo. Foi atropelado diversas vezes, recebeu centenas de tiros e foi atirado na mala de outro carro, com a mão pendendo para fora, e abandonado no elegante bairro, à beira-mar, de Santo Domingo, na Avenida George Washington.

Os anos se passaram, algumas mudanças trouxeram, porém, poucas melhorias. Em 1962, a República Dominicana tinha 18 ou mais partidos políticos atuando; o Comunista, em homenagem aos Estados Unidos, continuava ilegal, e, além de tudo, era um partido fraco.

Surgiram alguns guerrilheiros urbanos, conhecidos como los tigres, grupo composto apenas de jovens, mas que foram reprimidos. As opiniões políticas iam da extrema esquerda à extrema direita. Os programas dos sucessores provisórios de Trujillo foram abandonados aos poucos. Para atrair investimentos dos Estados Unidos (que a República Dominicana não precisava), assinou-se um acordo de garantias de capitais estrangeiros, que dava aos norte-americanos o direito de impor sua vontade sobre toda política dominicana, relacionada com tais investimentos.

Em dezembro de 1962, realizaram-se eleições, sendo um dos candidatos Juan Bosch, que conquistou até o apoio dos jovens esquerdistas do Movimento Popular Dominicano. Às vésperas do pleito, Juan Bosch foi acusado de comunista, mas retrucou, dizendo-se vítima de uma conspiração direitista, tendo vencido por larga margem de votos. Porém, os velhos *gangsters* tanto das forças armadas como da oligarquia o depuseram em setembro de 1963, pelos seguintes motivos:

1) Bosch era um democrata ativo, recusava-se a prender os esquerdistas ou persegui-los, a menos que violassem a lei, pois, "*não voltamos a este país para perseguir*", disse ele, depois de ter passado a maioria dos 32 aos de ditadura de Trujilo no exílio;

2) Uma nova lei tinha previsto o confisco de todas as propriedades daqueles que tinham se enriquecido ilicitamente, na ditadura de Trujillo;

3) A nova Constituição fornecia instrumentos jurídicos para uma revolução social pacífica;

4) Duas poderosas empresas norte-americanas, a South Porto Rico Corporation e a Morgan, tinham perdido diversos privilégios, e aliaram-se aos direitistas e golpistas;

5) Haviam terminado as isenções alfandegárias, da qual se beneficiavam os militares, para movimentar um rendoso comércio de contrabando. O golpe, que teve apoio da CIA, mostrou que Juan Bosch não tinha conseguido confiança da velha oligarquia civil e militar, porque tinha sido eleito contra ela, e ela, embora minoria, tinha condições de defender, pela força bruta, seus interesses contrariados. O povo dominicano, que votara maciçamente em Bosch, oito meses antes, nem às ruas saiu, nem ao menos para protestar. O seu partido, o Revolucionário Dominicano, entrou em colapso total (2). Um dos chefes da conspiração, para depor Bosch, era Antonio Imbert Barrera, que já ostentava o título de general honorário, por ter ajudado a matar Trujillo.

Governos ditatoriais se seguiram, todos praticando corrupção de toda a ordem. Os problemas dominicanos, daí para frente, se tornaram cada vez mais difíceis, são os problemas próprios dos subdesenvolvidos, como a má distribuição de riqueza, aumento do consumo, como ritmo muito superior ao da produção, o que origina déficit na balança de pagamentos, baixo nível educacional, precariedade da

(2) A nomenclatura do partido, na América Latina, pouco significa. Este PRD podia ser considerado um partido de centro.

saúde pública, havendo, do outro lado, um grau de politização extrema, em todos os setores da vida nacional.

A REVOLUÇÃO POPULAR DE CAAMAÑO DEÑO, EM 1965

Estabelecem-se na República Dominicana as primeiras guerrilhas contra um estado de coisas deprimentes, contrários aos interesses populares, algumas lutas nas montanhas dão a vitória às forças da ditadura. Mas o povo estava e continuava atormentado pela repressão policial e pelos desmandos.

O golpe contra Bosch restaurou o sistema trujilista. O orçamento das forças armadas elevou-se a 40 milhões de dólares, enquanto a parcela destinada anualmente à Educação não atingia 10 milhões de dólares. O índice de desemprego chegava a 25 por cento, e a fermentação social era grande. O desespero popular estava à vista, greves se sucediam, a República Dominicana estava semi-paralisada. Diante desta situação dramática e em decorrência dela, um grupo de oficiais moços conspirava em favor das idéias reformistas.

Um jovem oficial de 32 anos, sem antecedentes políticos, CAAMAÑO DEÑO, assume a chefia de uma verdadeira Revolução Popular. O mesmo povo que assistira, passivamente, à derrocada de Bosch, estava pegando em armas e lutando pela volta do regime constitucional. Bosch não pôde voltar para reassumir suas funções de presidente, pois todos os vôos a São Domingos estavam suspensos.

A Revolução teve início em 24 de abril de 1965 e o Congresso foi reaberto, e no meio mais sangrento desta verdadeira guerra dominicana – em 4 de maio, CAAMAÑO DEÑO foi eleito, pelos Deputados, presidente constitucional da República Dominicana. No meio da Rebelião, Bosch renunciou em favor daquele que já exercia o poder de fato.

Molina Urena, presidente do Congresso, também concorda com esta disposição. O povo empossou CAAMAÑO, em cerimônia, em plena praça pública.

Os combates sucediam. As tropas direitistas, incorformadas, estavam sob as ordens do general Elias Wessin, chefe da Força Aérea Dominicana, mas já praticamente liquidado e em colapso. Foi neste momento que ocorreu a invasão da República Dominicana por tropas dos Estados Unidos. Desembarcaram primeiro os fuzileiros navais, que depois se juntam aos paraquedistas de tropas de elite(3).

Para ilustração, convém fazer-se uma descrição da Revolução Popular de CAAMAÑO. Os jovens militares do exército dominicano estavam preparados para uma Revolução Popular. Lutaremos nas ruas, nas praças, nas fábricas e nos campos, pela volta de um regime constitucional, era a palavra de ordem. Dentre eles, CAAMAÑO DEÑO era o que mais se destacava. A primeira revolta foi de três unidades militares, que tiveram de imediato o apoio de grupos heterogêneos.

Os revolucionários, sob o comando de CAAMAÑO DEÑO, que era um dos vanguardistas, com a colaboração dos coronéis Giovani Manoel Gutierrez e Miguel Angel Hermano Ramírez, após árduos combates entram na sede do governo, depondo o ditador de plantão. Entretanto, os militares direitistas, através da aviação, bomberdeiam o palácio, recuperando-o provisoriamente.

Mas um dia depois, as multidões estavam nas ruas e reinava o caos em São Domingos. Grupos de choque para-militares e o povo em armas já lutavam por toda a cidade. Na liderança, agora, além de CAAMAÑO DEÑO, tinha ainda um

(3) Esta operação foi apresentada, primeiro, como humanitária, destinada a proteger vidas norte-americanas e de outros estrangeiros, mas não tardou em revelar seu objetivo real: esmagar a rebelião de CAAMAÑO DEÑO.

irmão do mesmo, Fausto Caamaño, e os Capitães Peña Tavarez e Manoel Motes Arache (chefe do grupo de homens-rãs). A massa estava organizada e com comando. Os serviços públicos não existiam mais e a situação era incontrolável. Os três líderes tinham distribuído onze caminhões de armas para o povo.

A luta continuava, apesar de alguns políticos abandonarem a causa de CAAMAÑO DEÑO. Este agora liderava uma força mista de milicianos e populares, inclusive esquerdistas de todos os naipes, quando atacou a Chefatura de Polícia e o Ministério da Justiça, onde saiu novamente vitorioso e obteve mais armas e munições.

CAAMAÑO instala seu governo na Ciudad Nueva. As suas forças já atacavam o palácio do governo e saíram vitoriosas.

Foi nesta fase derradeira que apareceram as tropas americanas. Ocorreram cerrados combates e tiroteios e o sangue jorra pelas ruas de São Domingos. Mas CAAMAÑO toma novamente a iniciativa. Dois ataques, dirigidos contra o Quartel de Transportes e a Fortaleza Ozoma, foram coroados de êxito. Instalando seu Quartel General no Edifício Capello, no centro da cidade, CAAMAÑO declara possuir 25 mil homens sob seu comando.

Mas quase 20 mil soldados norte-americanos – com todo tipo de armamento ultra-moderno e, logo após com tropas também da Organização dos Estados Americanos, – passaram a constituir uma força poderosa, ajudadas mais ainda pela facção do exército de direita, a soldo da velha ordem.

A continuação do derramento de sangue seria desaconselhável e até inútil e, em outubro de 1965, estava terminada a grande Revolução Popular da República Dominicana. A intervenção norte-americana foi vergonhosa. Estes atacaram e mataram covardemente o povo dominicano. Mas os revolucionários se fizeram heróis aos olhos do resto do mundo.

Estava consumada a doutrina no novo presidente dos Estados Unidos, Johnson, de que o seu país protegeria, se necessário, militarmente, interesses norte-americanos em qualquer parte do continente, e impediria a instalação de regimes reformistas, preservando-se a todo custo o *status quo*. Eram esquerdistas para esta doutrina todos os que falavam em dar um pouco de terra aos camponeses e construir casas para os operários e instalarem indústrias para trabalharem.

E mais uma vez o general Antonio Imbert Barrera estava colocado em destaque. Os norte-americanos o puseram à frente de uma Junta Cívico-Militar, para dirigir a República Dominicana, que cometeu uma série de atrocidades contra a população, executando inclusive prisioneiros, sumariamente (4).

Para respaldar esta intervenção, a Organização dos Estados Americanos homologou a intervenção norte-americana, conforme já acentuado, e o estabelecimento de uma Zona Internacional de Segurança, que se efetivou com a ocupação de uma grande parte da cidade de São Domingos. Posteriormente, também a OEA aprovou a constituição de uma Força Interamericana de Paz, da qual participaram, ao lado dos Estados Unidos, o Brasil, com maior número de contingente, (captaneado pelo Coronel Meira Matos), Honduras, Costa Rica, Nicarágua e Paraguai

(4) Imbert Barrera era o símbolo do banditismo político e da exploração dos potentados do poder. A respeito da Junta, escreveu o *New York Times:*

"Representa elementos poderosos da sociedade dominicana, a tradicional classe dirigente integrada por militares, latifundiários, grandes negociantes e banqueiros. A facção de CAAMAÑO representa uma nova força social, integrada por jovens oficiais, advogados, médicos, professores e intelectuais. Ela é apoiada por um proletariado urbano em expansão e por um campesinato que só pede, em última análise, justiça social".

(5). O conjunto total de tropas estava sob o comando geral de um militar brasileiro, o general Hugo Panasco Alvim (6).

Todos os outros demais países latino-americanos se recusaram a participar formalmente do movimento intervencionista norte-americano.

Com outro governo, a tradicional *paz imposta* passou a prevalecer na República Dominicana.

Estava sepultado o primeiro grande sonho do revolucionário CAAMAÑO DEÑO e de seu movimento, que se tinha denominado constitucionalista.

CAAMAÑO DEÑO MORRE EM SEU REGRESSO, COMO GUERRILHEIRO, EM 1973

FRANCISCO ALBERTO CAMAÑO DEÑO foi criado praticamente junto com os familiares do malfadado Trujillo. Filho, inclusive, de um general de Trujillo, Fausto Caamaño. Acompanhou ao longo dos anos a desgraça que causou estes potentados à sua nação. Viu depois ressurgir um trujilismo sem Trujillo, com Joaquim Balanguer. Fez a Revolução de 1965, que não deu certo. Homem que falava pouco, muito gordo e muito forte, de atitudes reservadas, um patriota e um idealista a seu modo especial. Após a Revolução citada, foi obrigado a curtir um tipo diferente de exílio. Pelo seu grande valor, o governo temia a sua atuação, em terras dominicanas. Foi mandado embora, com um cargo simbólico, de adido militar na Inglaterra. CAAMAÑO – antigo estudante de academia militar nos Estados Unidos – que já uma vez em sua pátria se revoltara contra as violências impostas a seus compatriotas por um chefe de polícia, pasou a viver uma grande amargura e frustração.

Em outubro de 1967, abandonou abruptamente seu posto em Londres e da data da Revolução, oito longos anos decorreram, ficando formado o mistério CAAMAÑO DEÑO, que passou a ter destino desconhecido. Mas muita gente passou a acreditar que ele seria mais cedo ou mais tarde um guerrilheiro. Em 16 de outubro de 1967, desapareceu de Bruxelas, quando presumivelmente se dirigia desta cidade a Madrid, a fim de realizar uma de suas visitas periódicas a sua esposa e seus filhos. O capitão Oscar Lachapelle, que durante a Revolução civil dominicana foi um de seus braços direito, foi a última pessoa a se avistar com ele, na capital da Bélgica. No hotel em que se hospedava, foram encontrados, além de seu passaporte diplomático, duas maletas com seus objetos pessoais. De concreto, nada se apurou quanto ao seu paradeiro. A senhora Caamaño, superados os primeiros momentos em que demonstrou estar alarmada, recebeu muito posteriormente notícias que a tranqüilizavam. O ex-presidente Juan Bosch, em 1968, dando a impressão de entender algo mais do que declarou anteriormente, fez saber que CAAMAÑO se encontrava em perfeito estado de saúde, em algum lugar que não estava autorizado a revelar. O desaparecimento de CAAMAÑO sempre deu origem, em São Domingos, a muitas conjecturas. Uns o situavam em Havana, preparando um movimento guerrilheiro de grande envergadura, e outros – inclusive o serviço secreto do exército dominicano – acreditavam, em contraposição, que o ex-presidente constitucionalista tinha regressado, sub-repticiamente, a seu país, tramando uma nova Revolução ou uma conspiração. A República Dominicana foi vasculhada pelas patrulhas

(5) A Costa Rica entrou com contigente simbólico, para fazer jus a um empréstimo dos Estados Unidos, pois a erupção do vulcão Irazu, em 1964, e uma grande seca, foram calamidades que tinham pesado na economia do país.

(6) Meira Matos, militar direista, ex-interventor no Estado de Goiás, em 1966, por ocasião do afastamento do governador Mauro Borges Teixeira. Foi um dos grandes doutrinadores da chamada TEORIA DA SEGURANÇA NACIONAL.

de segurança. Monte Cristi, Baranhona e El Cibai foram inspecionadas. Em 1970, a pedido da Interpol, a polícia argentina o procurou nas regiões de Mendonza. Cartazes, inclusive, foram afixados, com a sua fotografia, acompanhados na legenda que estava sendo "procurado pela polícia".

Mas, em fevereiro de 1973, grande parte do mistério ficou desvendado. CAAMAÑO DEÑO contava já com 41 anos de idade. Velho portanto, para entrar numa nova luta. Mas ele só tinha uma saída para fazer prevalecer uma mudança de sistema e de regime na República Dominicana – a guerrilha. Esta guerrilha foi, entretanto, a sua derradeira pretensão e eterno pensar de todos os guerrilheiros da América Latina, tornar a República Dominicana livre e justa, mudar a ordem econômica e social, principalmente acabar com a pobreza e a miséria do povo dominicano, que aumentava a cada dia.

Com um grupo de mais oito guerrilheiros, CAAMAÑO DEÑO, desembarcou na praia Caracoles, na região de Azua, no sul do país, a 190 km de São Domingos. A pequena embarcação ficou abandonada no próprio local. Evidentemente que esta ação armada estava com concatenação com levantes e esquemas dentro da própria República Dominicana. Existia um plano de formação de outras guerrilhas e ataques às forças governamentais. Seriam irrompidas em todo o país muitas lutas sem tréguas, para a derrubada do governo. Porém, até hoje não ficou bem claro ainda como ocorreu a traição a CAAMAÑO DEÑO, e nada aconteceu. Com um vergonhosa falha, por parte de seus demais companheiros no país, grupos que deveriam ser grandes, a perspectiva dos novos rebeldes era diminuta.

Ocorrem os primeiros choques. Para dar combate, o exército destaca uma tropa de elite, treinada como sempre pelos norte-americanos. De início os combates são favoráveis aos guerrilheiros, e são feridos alguns militares. Mas em 16 de fevereiro, o exército anunciava a morte de CAAMAÑO DEÑO, nas montanhas de Nizao, a 48 kms de São Domingos, ao norte de São José de Ocoa.

Com o guerrilheiro CAAMAÑO DEÑO tombaram mais dois companheiros: ALBERTO PEREZ VARGAS, de 24 anos, conhecido como ativo militante de esquerda, que tinha desaparecido de casa, quatro anos antes, levando apenas o passaporte e durante a Revolução de 1965, se uniu às forças de CAAMAÑO, depois de abandonar a Marinha, e ALBERTO GIORDANO LALANE JOSÉ, de 28 anos, também veterano daquela Revolução.

O líder guerrilheiro tinha lutado como uma fera, para tentar resistir a forças muito mais poderosas do que as que comandava nas montanhas.

Foram sepultados secretamente em uma vala comum, de terra vermelha.

Um jornalista, que assistiu à cerimônia, afirmou:

"CAAMAÑO *vistia um uniforme verde-oliva e um agasalho cinza, tinha três perfurações de balas no ombro, no peito e no ventre. Estava barbudo e magro. Tinha os olhos fechados e dava a impressão de que estava dormindo, talvez sonhando o seu grande e inatingível sonho de uma pátria melhor*".

Outro ponto obscuro. Esta embarcação teria, supostamente, vindo de Cuba. Como estes guerrilheiros poderiam deixar visível o único rastro de seu desembarque? Outras versões afirmam que CAAMAÑO já estava na República Dominicana, e tinha ido diretamente às montanhas, iniciar o movimento guerrilheiro, tornando-se incrível acreditar que um militar experiente tenha cometido os erros que lhe foram atribuídos: usar um fuzil AR-15, para o qual é muito difícil encontrar munições na República Dominicana, e ter descido a uma encosta para enfrentar os soldados, quando poderia ter ficado no topo do monte, em posição privilegiada de

defesa. Para o primeiro, há explicação plausível: CAAMAÑO estava esperando auxílio dos que já estavam no país há mais tempo, quer em gente, quer em armamentos e munições, ajuda esta que nunca ocorreu.

Um único setor, em São Domingos, tentou levantar-se em armas. Foi a Universidade Autônoma de São Domingos, mas que foi cercada e logo dominada pela polícia governamental. Desorientados com a morte de seu líder, os demais guerrilheiros fugiram para as selvas, perseguidos pelas Forças Armadas, que inclusive dispunham de blindados, nos pontos estratégicos da região. Mas mesmo assim os remanescentes ainda travaram alguns combates, matando dois sargentos e um soldado da polícia, em La Yautila, região de Banao, também na parte norte da ilha.

No decurso dos combates, três guerrilheiros tombaram e, finalmente, em uma emboscada, já nos fins de março e também da guerrilha, morrera mais um guerrilheiro de nome JUAN PAYERO ULCA e um outro, o engenheiro HAMLET HERMAM, foi preso em Vila Altargana, a 45 km de São Domingos. HERMAM tinha saído do país, em fevereiro de 1970, como delegado da Universidade Autônoma de São Domingos, a um congresso no México. Jamais regressou e sempre se afirmou que estava em Cuba.

Juan Bosch talvez estivesse no rol dos que traíram CAAMAÑO DEÑO. Não foi preso e nem molestado pelo governo. Limitou-se na ocasião da guerrilha, a afirmar que o seu partido, o Revolucionário Dominicano, adotaria uma luta sem tréguas, para restabelecer um governo de respeito à lei, tendo convidado os outros partidos de oposição a aderirem a esta estratégia (7).

Um outro membro atuante deste partido, José Francisco Peña Gomez, afirmou taxativamente que:

"CAAMAÑO DEÑO *foi enganado por muita gente, inclusive os ultra-revolucionários, e é muito suspeito que o governo não persiga aos que traíram o Coronel* CAAMAÑO".

Da guerrilha, apenas restaram dois sobreviventes, HAMLET HERMAN PEREZ, preso em combate, e que depois foi deportado para o México, e CLÁUDIO CAAMAÑO DEÑO GRULLON, com 35 anos de idade, sobrinho de CAAMAÑO DEÑO, que conseguiu, milagrosamente, escapar da perseguição governamental e exilar-se em plena cidade de São Domigos, na embaixada mexicana, onde ficou 16 dias. HAMLET HERMAN afirmou que:

"O governo de FIDEL CASTRO *não interveio na preparação do comando revelde que desembarcou no país, em 5 de fevereiro. O regime de Havana apenas concedeu ajuda prévia ao coronel* CAAMAÑO DEÑO, *chefe da expedição, permitindo-lhe que usasse uma fazenda em Pinar Del Rio, e uma casa em Havana, para suas atividades revolucionárias. A indisposição do governo cubano, em oferecer meios para uma invasão da República Dominicana, causou insatisfação e frustração no grupo que desembarcou em Caracoles".* Declarou mais ainda *"que os recursos econômicos da expedição vieram de São Domingos, através de uma fonte desconhecida".*

Evidentemente, muita coisa ficou sem nenhum esclarecimento. O sobrinho de CAAMAÑO DEÑO, depois, foi exilado para a cidade do México, e declarou que ficou por três meses nas montanhas, combatendo e vagando sem rumo certo, onde assistiu à morte de seus companheiros, um por um.

(7) Juan Bosch, após este episódio, encerrou, definitivamente, as atividades políticas.

"Tenho sorte de ter sobrevivido. A nossa força guerrilheira procurava iniciar algo . . ., mas sabíamos que muitos de nós nunca conseguiria salvação."

CLÁUDIO CAAMAÑO DEÑO, em junho de 1973, partiu do México com destino a Havana.

O espírito de rebelião de um CAAMAÑO DEÑO, o sobrinho CLÁUDIO, se fez notar novamente em junho de 1975. Com mais outros companheiros guerrilheiros – entre os quais TORIBIO PEÑA JAQUES e MAMFREDO CASADO MAJIA – penetram na República Dominicana. Este fato pôs em polvorosa o governo Joaquim Balanguer e suas forças de segurança (8). Ocorrem inúmeras prisões de supostos guerrilheiros e de dirigentes políticos e sindicais. O novo CAAMAÑO DEÑO vinha *"para iniciar algo . . ."*

A República Dominicana, ultimamente, voltou a ficar em evidência. Mas para desmentido de notícias e de fatos.

Em setembro de 1979, o governo dos Estados Unidos negou denúncia, feita na Câmara dos Deputados, sobre a presença de três mil soldados norte-americanos na República Dominicana. Mas este fato foi motivo de investigação, pois as denúncias foram consideradas graves e davam a entrada das tropas através da base aérea de San Isidro.

Em fins de fevereiro de 1980, o presidente Antonio Guzmán Fernandez desmentiu informes sobre o desembarque de um grupo de guerrilheiros em Punta Presidente, na baía de Manzanillos. Mas isto provocou a mobilização de contigentes do exército e o isolamento da região.

Uma coisa é certa: na República Dominicana existe um grupo guerrilheiro – o Movimento 14 de junho, que um dia talvez continue as lutas de FRANCISCO ALBERTO CAAMAÑO DEÑO.

(8) Balanguer, antigo homem de confiança de Trujillo, em eleição fraudulenta, e em meio a dificuldades econômicas, insatisfação do proletariado e dissenções políticas, se elegeu em 1966, 1970 e 1974, só perdendo as últimas eleições de 1978, para o centrista Antonio Guzmán Fernandez, sob a égide do velho Partido Revolucionário Dominicano.

Capítulo 38

JAMAICA – A CIA E O FMI DERROTARAM OS ESQUERDISTAS

POLÍTICA E ECONOMIA

Na Jamaica, a esquerda sempre vencia as eleições, por diferença muito grande de votos. Isto deu-se em 1972 e 1976, com o Partido Nacional do Povo, englobando, inclusive, os velhos guerrilheiros, ao tempo em que a Jamaica era uma ilha, colônia da Grã-Bretanha, perdida nas Antilhas (1). Até os movimentos de lutas Black Power estavam integrados praticamente no governo.

Após a independência, cujo vulto mais importante foi Alexander Bustamante, herói deste episódio, a Jamaica tinha sido governada pelo Partido Trabalhista Jamaicano, até 1972 (2).

Nas eleições daquele ano, o PTJ foi derrotado por Michael Manley e seus companheiros esquerdistas do Partido Nacional do Povo e, no pleito de 1976, novamente este filho do ex-primeiro ministro Norman Manley, que foi o fundador do partido, venceu as eleições. Este partido é de tendência socialista (3). Manley, ainda jovem e orador brilhante, pediu ao povo a reeleição para um mandato de mais cinco anos:

"A fim de continuar a marcha do país para o socialismo e para a esquerda", afirmando mais ainda que *"um país não pode sobreviver, quando apenas uma mino-*

(1) A independência ocorreu em 1962. A Jamaica pertence à Comunidade Britânica de Nações, velha figura de ficção jurídica, que engloba antigas possessões do extinto Império Inglês.

(2) Bustamante foi um trabalhador, cuja batalha pela libertação da Jamaica inspirou todos os países das Antilhas. Seu pai era trabalhador nas plantações de cana-de-açúcar, onde os operários eram tratados apenas um pouco melhor que escravos. Bustamante foi preso muitas vezes, quando entrava em combates contra os ingleses, com sua força operária cada vez mais bem organizada no Sindicato Comercial e Industrial por ele fundado. Seus métodos de resistências tornaram-se modelo para todas as nascentes organizações sindicais, em todos os países de língua inglesa das Caraíbas. Bustamante morreu em 6 de agosto de 1977, aos 93 anos de idade. Chegou a ser agraciado com o título de Herói Nacional da Jamaica, e mais elevada honraria da nação.

(3) O PNP está filiado à Internacional Socialista de Willy Brandt.

ria progride e cresce, enquanto a grande maioria vive no desespero. O sistema capitalista está falido".

Nesta campanha eleitoral, muitas fotos de Manley abraçado com FIDEL CASTRO foram estampadas. Nestas eleições parlamentares referidas, o PNP conquistou 49 das 60 cadeiras da Câmara dos Deputados (4).

O Partido derrotado, o PTJ, defensor da livre iniciativa e intimamente ligado aos Estados Unidos, criticou os esquerdistas por estreitarem demasiadamente os laços diplomáticos com Cuba, e pelo programa do governo de construir casas a baixo custo para a população carente de recursos, redistribuir as terras férteis, expropriar empresas privadas e aumentar os impostos da indústria da bauxita.

O GOVERNO MANLEY

No setor da agricultura, o principal produto da Jamaica é o açúcar; e Manley estabeleceu um plano de produção de 450 mil toneladas por ano, para, inclusive, exportar-se ao Mercado Comum Europeu. Colocou outro plano de desenvolvimento agrícola, visando a expansão de extensões de terras cultivadas, com aplicação de reforma agrária e eletrificação rural sistematizada.

E, no final de governo de Manley, estava em face de conclusão uma refinaria de óleo, construída, parcialmente, com capital italiano, com capacidade de 250 mil barris por dia, a fim de que esta pudesse ser uma fonte de energia, que o país necessita para sua indústria pequena e incipiente.

O turismo tornou-se outra fonte de renda da Jamaica. E um fenômeno inteiramente novo entrou em cena na invasão de divisas estrangeiras, mormente com alemães ocidentais, em busca de sol e *surf*. Em 1979, estiveram na Jamaica 60 mil alemães e em 1980 esta quantia foi duplicada, eles gastam, em média, 30 por cento a mais por dia que um turista norte-americano, e ficam mais tempo.

A Alemanha Ocidental aumentou o potencial econômico da Jamaica, e o relacionamento não se deu apenas no setor do turismo, mas também com as exportações. O chanceler Helmut Schmidt compareceu, em 1978, reconhecendo o papel da Jamaica no Terceiro Mundo, a uma mini-conferência de cúpula em Kingston, com representantes do Canadá, Noruega, Austrália, Nigéria e Venezuela.

Em fins de 1979, Michael Manley esteve na Venezuela, onde solicitou apoio para se evitar que a região das Antilhas tenham influência dos norte-americanos.

Por ocasião das festividades do primeiro aniversário da Revolução de Granada, saudando este país-ilha, em nome das nações das Antilhas, disse:

"Não aceitaremos ordens dos Estados Unidos, nem de ninguém dentro dos Estados Unidos."

As realizações de Manley foram incontestáveis: redução em oitenta por cento das taxas de mortalidade infantil, educação gratuita, alfabetização de adultos, estabelecimento de salário mínimo, igualdade de tratamento para as mulheres, criação de conselhos de comunidade, além de outros.

Entretanto, a estrutura econômica da Jamaica é fortemente marcada pelo passado colonial. Importa quase 70 por cento de sua alimentação, e é sensível às crises internacionais, por ter economia aberta. Deu-se a grande desproporção no custo da

(4) Michael Manley é um mulato, de cabelos grisalhos, bem posto financeiramente, eloqüente em seus discursos e de temperamento exaltado.

importação do petróleo, que em 1972 era de 44 milhões de dólares e subiu em 1980 para 880 milhões.

AMEAÇAS DE DESESTABILIZAÇÃO

Manley contava com muitos pontos positivos no seu governo de tendência esquerdista. Os Estados Unidos se espantaram com a recepção triunfal que teve Manley na União Soviética, e, já em 1977, o governo da Jamaica havia assinado com este país um primeiro tratado de cooperação econômica e tecnológica. E não viam com bons olhos o estreitamento do laços da Jamaica com Cuba, cuja distância entre as ilhas é de 150 km. Na Jamaica, os cubanos ajudaram na construção de casas, escolas, trabalharam nos hospitais e na agricultura, com a presença de técnicos; e Cuba mantém um bom nível de relacionamento com as nações negras de língua inglesa mais importantes das Antilhas. Os cubanos participam ativamente da Comissão de Desenvolvimento e Cooperação das Caraíbas e estão presentes, como observadores, no CARICON, o Mercado Comum dos países antilhanos de língua inglesa, do qual a Jamaica é o maior membro.

E os Estados Unidos querem influir nas Caraíbas, levando os países da área para sua órbita. Querem criar no Banco Mundial um programa especial, um Plano Marshall em miniatura, voltado para as Caraíbas. As pressões aumentaram com o colapso do ditador Somoza, e as perspectivas de ação livre da pequena Granada e da Jamaica, que Manley queria uma nação terceiro-mundista, engajada na criação de uma nova ordem internacional.

Até empresas norte-americanas se ajustaram num Comitê para as Caraíbas, cuja tarefa é estreitar as relações entre os Estados Unidos e os países antilhanos.

Por tudo isto, o medo tomou conta das Caraíbas. E a Jamaica, já ao tempo de Kissinger, o estrategista, o mandão, ex-secretário de Estado norte-americano, tentou a desestabilização pela CIA, e esta ação nefasta voltaria em 1980, com outros desdobramentos. É que Manley, na época de Kissinger, estava se desentendendo com as empresas estadonidenses concessionárias da bauxita, e outros problemas políticos existiam. O governo Manley tinha a intensão de absorver, num curto espaço de tempo, pelo menos cinqüenta e um por cento das grandes empresas no setor. E já, em 1974, a Bauxita Production Act faz uma taxação diferente (mais de 150 milhões de dólares), tendo três delas (Alcoa, Kaiser e Reynolds) se recusado a pagar, levando a questão a um centro de disputas do Banco Mundial. A Jamaica não aceitou a arbitragem internacional, invocando o direito soberano de decidir sobre seus recursos minerais.

A Jamaica é um país rico em seu subsolo, sendo uma das maiores produtoras da bauxita no mundo, e conseqüentemente motivo da cobiça dos Estados Unidos e de suas multinacionais.

Em 1975, foi concluído um acordo entre a Jamaica, a Güiana e Trinidad-Tobago, para a construção de um complexo de alumínio, para entrar em operação seis anos após.

Em fins de dezembro de 1979, a Jamaica decidiu, após mais de dois anos, desligar-se do Fundo Monetário Internacional, do qual o socialista Manley e seus companheiros tinham pedido auxílio, esta filiação foi um equívoco.

O Fundo Monetário Internacional estava querendo condições suicidas para continuar dando apoio. Aceitar imposições ter-se-ia que diminuir as despesas públicas, que provocaria uma dispensa de 20 por cento de funcionários e trabalhadores, e colocar fim ao processo de reformas, o que além do mais traria um descrédito ao governo; não se poderia aceitar medidas reforçando o setor privado internacio-

nal, que se oporia à modificação na ordem social existente. Onde o FMI atua há o enfraquecimento da indústria nacional e o desemprego, sem se resolver os problema da inflação.

As posições populares e esquerdistas de Manley levantaram contra ele e seu governo um número considerável de reacionários e fascistas, tanto em seu próprio país como no exterior.

O aumento da taxação da bauxita e a criação da sede da associação internacional dos produtores deste importante mineral levaram as multinacionais a baixar propositadamente a produção, buscando aumentá-la em outros países do mundo.

O FMI não queria perder seus lucros, e pretendia manter seus tentáculos sobre a Jamaica. Era o representante das companhias estrangeiras e passou a interferir subrepticiamente nas eleições. Recebeu Edward Philip, adversário de Manley, em sua sede, com pompas, como se já estivesse eleito.

E tinha chegado o momento da CIA atuar com mais vigor, dando dinheiro para os direitistas, provocando desordens internas e influir no resultado do pleito. Desta vez estava para valer.

FMI e CIA tiveram um papel vergonhoso. Explorou-se e fomentou-se a criminalidade e a violência que são problemas sérios na Jamaica.

Durante os três meses que precederam as eleições de início de novembro de 1980, mais de 500 pessoas foram assassinadas e os crimes são difíceis de se distinguir entre os de natureza política e os de direito comum, mas se constatou que a grande maioria das violências foram cometidas pelos partidários dos adversários de Manley, armados pelos direitistas do Partido Trabalhista através das forças ocultas da CIA e do FMI.

ELEIÇÕES

Manley, em certa época, chegou a decretar o estado de emergência, acusando a oposição conservadora do PT de liderar movimento para mergulhar o país na desordem. A agitação era uma constante por parte dos opositores. Já em fins de junho de 1980, uma tentativa de golpe de direita, com implicação de alguns militares, foi totalmente desbaratada. Uma inexpressiva organização, denominada United Party, aliada do PT, era o ponto de lança de interesses inconfessáveis dos adversários de Manley. Mas outras tentativas e outros golpes poderiam surgir.

Foi neste quadro que Manley resolveu convocar eleições antecipadas em quatorze meses. Não queria ser derrubado como foi Allende, no Chile. Demonstrar-se-ia mais uma vez que é difícil as esquerdas se manterem no poder, quando as eleições são fraudadas e manipuladas por toda a sorte de falcatruas. E tinha chegado a hora para a atuação nefasta da CIA, secundada pelos interesses das multinacionais e do FMI e mais ainda dos reacionários descontentes locais. Nem a máfia, que faz da Jamaica um ponto de câmbio para o tráfico da marijuana (produzida largamente no país), deixou de aliar-se aos direitistas. Os latifundiários estavam apavorados com a progressão da reforma agrária e engrossaram o rol dos contestadores.

Os socialistas foram às eleições, arriscando a ganhar ou a perder ou serem derrubados.

Grupos liberais norte-americanos chegaram a criar um Comitê pela não-intervenção na Jamaica. O Council on Hemispheric Affairs, ativa organização de defesa dos direitos humanos, com base em Washington, advertiu, dias antes das eleições, sobre *"forças estranhas"* anti-Manley. E tudo foi em vão e ninguém duvidou da presença maciça dessas forças na mudança temporária no destino da Jamaica.

O direitista e homem de negócios Edward Philip George Seaga subiu, ao poder, pretendendo implantar o modelo porto-riquenho para a Jamaica (5). Mesmo após as eleições, as violências praticadas pelos asseclas de Seaga continuaram. Mas o seu caminho vai ser curto, porque os esquerdistas se recomporão e surgirá a volta dos mesmos ou por novas eleições ou por vias mais consectâneas.

(5) Edward Seaga é um ex-cidadão norte-americano, nascido em Boston, filho de pais jamaicanos, de origem libanesa e escocesa. É considerado um demagogo que explora os sentimentos religiosos dos jamaicanos. Seu programa de governo é péssimo, pois quer diminuir as taxas lançadas anteriormente às companhias norte-americanas que operam no país, mudar a destinação dos fundos de bem-estar social e reduzir ou acabar com o ensino gratuito.

Capítulo 39

PORTO RICO – OS GUERRILHEIROS QUEREM A INDEPENDÊNCIA

UMA SITUAÇÃO ABSURDA

Porto-Rico tem, inclusive, petróleo na orla marítima, mas este parece que não vai melhorar as miseráveis condições de vida na ilha. Washington controla os governantes e manipula a imprensa e o baixo nível cultural da maioria dos portorriquenhos (o analfabetismo é de 58 por cento). Porto Rico é uma colônia dos Estados Unidos desde a guerra americana-espanhola de 1898. É fonte de matérias-primas e mão-de-obra barata. É campo de recreio e refúgio fiscal de multinacionais. Tem 80 por cento da economia controlada pelos EUA. Sendo um *Commonwealth,* um Estado livre e associado aos EUA, não paga imposto de renda federal a Washington, o que levou centenas de empresas americanas a se instalarem lá, em busca de refúgio fiscal. Os nativos não se beneficiaram muito. Para dizer o mínimo, o desemprego está em 35 por cento e 60 por cento da população vive abaixo do nível de pobreza oficial (renda de menos de 550 dólares ao ano).

O absurdo máximo é que, dependente das multinacionais, no setor do *agribusiness,* Porto Rico é obrigado a importar 50 por cento dos alimentos que consome, pois a agricultura é toda controlada pelo critério da *cashcrops,* do plantio exportável, e não o de subsistência.

A ilha é um enclave de hotéis e bairros residenciais luxuosos cercados por um enxame de favelas, onde mora 90 por cento da população.

As vantagens são as seguintes: 50 por cento do povo vive dos *"selos de comida",* um programa americano, de assistência, em que o gênero alimentício custa um terço do preço no supermercado. E o portorriquenho tem entrada e saída livre nos EUA, onde engrossa a força de trabalho e já domina, par a par com o negro, a mão-de-obra não qualificada nos EUA. Em Miami ou Nova Iorque, é possível viver falando apenas espanhol. Há cerca de 1 milhão e 800 mil portorriquenhos em Nova Iorque. Socialmente discriminados (no nível dos negros), porém ganhando um

pouco de dinheiro que remetem às famílias, na ilha, ajudando-as a desapertar modestamente os cintos.

Porto Rico é, em essência, uma grande base estratégica dos Estados Unidos nas Antilhas, tanto de ordem militar, como de ordem política.

O seu mais importante centro e complexo militar-naval está em Roosevelt Roads, em frente às Ilhas Virgens, e esta pode ser considerada uma das maiores bases norte-americanas no mundo e campo de treinamento inclusive da OTAN.

Em uma ilha portorriquenha de Vieques, a marinha dos ocupantes aperfeiçoa continuamente a sua precisão de tiro, prejudicando a vida da comunidade local de pescadores.

Mas os Estados Unidos estão com medo. Porto Rico está numa região em reboliço.

ELEIÇÕES

Na sistemática e no ordenamento vigente, as eleições que se realizam em Porto Rico não dão uma expressiva votação aos partidos que lutam pela independência. As fraudes, o dinheiro solto, os engodos e o poder econômico fazem com que os partidos reacionários fiquem sempre por cima. E além de todas estas limitações, só agora que se tenta organizar uma grande frente unitária de toda a oposição independentista existente no País. Resta saber, no contexto todo, se o caminho de eleições pode levar a algo positivo. Os dois grandes partidos nas eleições de 1976, eram partidos coloniais e cada um deles gastou cerca de 10 milhões de dólares e estavam subvencionados pelas corporações multinacionais, pelos bancos e pelas grandes empresas norte-americanas que dominam a vida do país. Com quantias inacreditáveis de dinheiro e com o apoio dos meios de comunicação de massa, o país foi saturado pela propaganda. Votou-se com uma facção demagógica – O Partido Nuevo Progressista de Carlos Romero Barceló, que teve o desplante de dizer, em seu programa, que os votos não seriam contados como opção para a anexação. Ademais, o outro "grande" partido tinha tido atitude repressiva contra os trabalhadores e em uma ocasião mobilizou a Guarda Nacional para sufocar greves e movimentos operários, tinha feito uma política econômica através da qual os mais humildes tiveram que suportar a carga da crise que gerou. Num protesto para derrubar este estado de coisas, o povo votou iludido.

Com a contínua apatia popular e num mesmo clima eleitoral do pleito anterior, no início de novembro de 1980, o mais reacionário dos candidatos, Carlos Romero Barceló, foi re-eleito governador pela diferença de apenas dois por cento dos votos sobre Hernández Colón, tendo a abstenção sido novamente grande.

A REMOTA POSSIBILIDADE DE LUTA ARMADA E DE GUERRILHAS

Dois partidos políticos lutam, atualmente, pela Independência de Porto Rico. Um é o Partido Socialista Portorriquenho de Juan Mari Bras, de 51 anos, militante, desde os 15, por esta causa. O outro é o Partido Independentista Portorriquenho, de Ruben Barrios, que declarou que se os Estados Unidos decidirem converter Porto Rico no 51º estado da união, em poucos anos o país se transformará numa nova Irlanda do Norte. Juan Mari Bras prega que:

"A longo prazo e numa perspectiva estratégica há necessidade de preparo até para a luta armada, para a guerrilha. O enfrentamento com interesses tão grandes dos Estados Unidos e a experiência de como atuaram os Estados Unidos em outros

casos indicam que não devemos ter ilusões quanto à conquista pacífica da Independência. Mas também nós sabemos que após 80 anos de intervenção ianqui *em Porto Rico, os Estados Unidos, mediante o manejo e a manipulação dos meios de comunicação e de educação pública, de tudo o que tem a sua disposição, conseguiram impor uma hegemonia ideológica sobre o povo portorriquenho. Por isto, o objetivo tático imediato de maior importância que têm os movimentos independentistas é quebrar essa hegemonia ideológica. E a luta de massas, a educação das massas, a agitação, a mobilização, a organização é o que na primeira ordem de prioridades do movimento em prol da independência neste momento".*

O jornal do Partido Socialista é o *Claridad.*

Porto Rico já tem 27 anos de chamado Estado livre Associado, e isto tem sido desmascarado nacional e internacionalmente como um *status* basicamente colonial. As Nações Unidas aprovaram, em 1972, 1973, 1977, 1978 e reiteraram em 1979 – tudo em vão – que Porto Rico tem direito a sua autodeterminação e independência.

Mas a pressão neste sentido continuou, e em agosto de 1980 a Comissão de Descolonização da mesma aprovou pedido de Cuba e Iraque: *"Para que os Estados Unidos transfiram todos os seus poderes sobre Porto Rico ao povo da ilha, de forma a possibilitar a sua independência".* O projeto foi aprovado por 12 votos a favor, nenhum contra e 11 abstenções e como o outro, no ano anterior, reafirmou o *"direito inalienável do povo de Porto Rico à autodeterminação e à independência"* e pediu o fim de todas as atividades militares norte-americanas na ilha. A Venezuela explicava o fato de votar pela primeira vez na ONU contra os Estados Unidos, afirmando que agir de forma diferente, votar contra o projeto *"significaria desrespeitar a honra e os ideais do herói venezuelano Simón Bolívar".*

Os partidos reacionários de Porto Rico foram contra esta resolução. Carlos Romero Barceló, atual governador, continua defendendo a anexação da ilha como um Estado dos Estados Unidos e Miguel Hernández Agosto, do Partido Popular Democrático, a considerava como sem *"nenhuma possibilidade pragmática".* E, ao contrário, os partidos progressistas Socialistas e Independentes manifestaram satisfação pela unanimidade da resolução da ONU, que defende a *"latino-americanização da ilha".*

O terceiro mundo tem ratificado a solidariedade à luta de independência. Onze países latino-americanos do movimento não alinhado, na Conferência de Havana, em agosto de 1979, apoiaram unanimemente também o movimento de independência. O grande combate dos portorriquenhos é evitar-se, num primeiro plano, a *"conspiração anexionista"* ou seja, a anexação pura e simples.

O reconhecimento internacional a Porto Rico se amplia. A Internacional Socialista, sob a presidência do ex-chanceler alemão Willy Brandt, também deu seu apoio aos movimentos de independência.

Para os nacionalistas de Porto Rico, ainda existe uma data que é considerada a data nacional mais importante – o dia 12 de setembro – por ser o aniversário de nascimento de PEDRO ALBIZU CAMPOS, o intelectual de Harvard, que se transformou, na década de 50, em herói dos movimentos mais radicais de independência. E, após sua morte, em 1965, esta data passou a ser comemorada regularmente pelos portorriquenhos, que o têm como um símbolo da Independência.

MÉTODOS DE PROTESTOS

Ocorreram e ocorrem protestos pela independência e alguns até radicais. Citam-se os casos dos nacionalistas portorriquenhos que, em 1954, promoveram

um assalto armado ao Congresso dos Estados Unidos. Foram eles LOLITA LEBRON, IRVIJNG FLORES RODRIGUEZ e RAFAEL CONCEL DE MIRANDA. O presidente Carter os indultou, em setembro de 1979, quando já contavam com 59, 53 e 49 anos respectivamente e o primeiro grito dos mesmos, após sairem da prisão foi de *"Viva Porto Rico livre",* e reafirmaram o compromisso de continuidade de luta. Estavam condenados a 75 anos de prisão e sempre se recusaram a pedir clemência. Outro participante do ataque armado foi ANDRES FIGUEROA CORDERO, que passou 23 anos preso, tendo sido libertado em 1977, por estar com câncer e morreu pouco tempo após sair da prisão. OSCAR COLLAZO, de 65 anos, que estava cumprindo a pena perpétua, por ter atacado a residência presidencial, quando do governo Truman em 01 de novembro de 1950, também foi anistiado. Todos eles eram o símbolo da luta contra o colonialismo, e a pressão internacional a favor dos mesmos era crescente.

Em Junho de 1976, CONCEL DE MIRANDA foi libertado por algumas horas, para assistir ao enterro de seu pai, na pequena cidade portorriquenha de Mayaguez. Foi recebido por mais de 3 mil pessoas, como um verdadeiro herói. Nesta ocasião, este nacionalista conclamou seus compatriotas a lutarem pela independência de Porto Rico, discursando:

"O tempo não é para lágrimas, levantem os punhos e mantenham-se fortes e prudentes".

O mais recente ataque às forças norte-americanas ocorreu nas proximidades da base naval de Sava Seca, no Leste da ilha, onde um grupo de guerrilheiros atacaram marinheiros, causando mortes.

As manifestações se sucedem e algumas são bastante violentas. Três grupos esquerdistas, de grande combatividade, adotando métodos extremados, atuam em Porto Rico, para reivindicar a sua independência e são eles: Os Voluntários para a Revolução Portorriquenha, O Exército Popular Boricua, também conhecido como Los Macheteros e as Forças Armadas de Resistência Popular. Mas são grupos relativamente pequenos, que explodem bombas e fazem manifestações de protestos isoladas. Num dos ataques que efetuaram, disseram que foi um ato de represália, contra a morte, ocorrida em 11 de novembro de 1979, de ANGEL RODRIGUEZ CRISTOBAL, de 33 anos, um importante membro da ativa Liga Socialista de Porto Rico, que cumpria pena na prisão de Tallahassee, na Flórida. RODRIGUEZ foi encontrado com um profundo corte no lado direito do rosto e com sua cela toda manchada de sangue, o que trouxe fortes indícios de ter sido torturado, antes de ser morto pelos guardas da prisão.

Todos estes fatos são sintomáticos e eles podem fazer voltar ao ponto de ebulição a luta separatista de Porto Rico, que é acentuada.

Em novembro de 1979, foi realizada, no México, a II Conferência Internacional Pró-Independência de Porto Rico, com a participação de 400 delegados de cem países. Nesta reunião, o deputado norte-americano, Mel Kin, declarou que o Partido Democrata dos Estados Unidos pretende pedir ao Congresso a soberania total para Porto Rico.

"As forças progressistas dos Estados Unidos desejam chegar ao século 21 purificados da mancha do colionalismo". Afirmou mais, que *"o Partido Democrata iniciará uma campanha em todos os estados norte-americanos, para convencer os cidadãos a obrigar a Câmara a aceitar essa proposta."*

Mas este objetivo, na verdade, contava com a adesão de poucos deputados.

O Partido Democrata norte-americano aceitará a independência de Porto Rico, conforme seu programa de 1980 e deixará que seja realizado um plebiscito limpo, para que os portorriquenhos decidam sobre o seu destino? As dúvidas são muitas, porque a reação dos conservadores de todos os lados e de todos partidos, principalmente Republicano, é sistemática e até violenta.

EM CONCLUSÃO

Um professor da Universidade de Yale, José Cobranes, que serviu como conselheiro especial do governo anterior de Porto Rico, escreveu na *Foreign Policy* que há um consenso entre os portorriquenhos, e que as coisas não podem continuar como estão. É preciso tirar das costas de Porto Rico *"a enorme carga psicológica de dependência e inferioridade política"*. O Estado atual é *"essencialmente colonial"*. Mesmo um senador pró-Estados Unidos, de posições conservadoras conhecidas, Orestes Ramos, proclama que *"a inferioridade política inerente ao presente* status *de Porto Rico é insulto ao decoro nacional norte-americano e à dignidade do povo portorriquenho"*. Crescem na ilha os sentimentos favoráveis *"a uma nova dimensão de soberania"*, fenômeno que os independentistas e nacionalistas, de modo geral, capitalizam.

Mas os Estados Unidos estão atentos com tudo o que acontece em Porto Rico. É elevado o grau de preocupação dos serviços de segurança governamentais, mormente o FBI, para com os "independentistas" portorriquenhos. É sinal de que o grupo cresce e para isto se orientam por um relatório denominado *Anti-Independentistas Repression in Puerto Rico.*

BIBLIOGRAFIA

ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de Uma Derrota – Chile 1970-1973.* Editora Brasiliense. São Paulo, 1979.

BANDEIRA, Muniz. *O Governo João Goulart.* Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1978.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República.* Iº, IIº e IIIº volumes. Editora Edaglit. São Paulo, 1962.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República.* IVº volume. Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1977.

BASBAUM, Leôncio. *Uma Vida em Seis Tempos* (memórias). Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1978.

BLANCO, Hugo. *Terra ou Morte.* Editora Versus. São Paulo, 1979.

BORDA, Fals. *As Revoluções Inacabadas da América Latina.* Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1979.

CARLOS, Newton. *Da Guerra da América Latina.* José Álvaro – Editor. Rio, 1965.

CARLOS, Newton. *América Latina – Dois Pontos.* Editora Codecri Ltda. Rio, 1978.

CASTRO, Fidel. *A História Me Absolverá.* Editora Alfa-Ômega. São Paulo, 1979.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome.* Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio, 1952.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome.* Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio, 1952.

CASTRO, Josué de. *Ensaios de Biologia Social.* Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1965.

CASTRO, Josué de. *Sete Palmos de Terra e Um Caixão.* Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1967.

CHAVES NETO, Elias. *Minha Vida e as Lutas de Meu Tempo.* Editora Alfa Ômega Ltda. São Paulo, 1978.

CHIAVENATO, Júlio José. *Bolívia, Com a Pólvora na Boca*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1981.

CHIAVENATO, Júlio José. Stroessner – *Retrato de Uma Ditadura*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1980.

COMBLIN, Pe. Joseph. *A Ideologia da Segurança Nacional*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1978.

DEBRAY, Regis. *A Guerrilha do "Che"*. Edições Populares, São Paulo, 1980.

DEBRAY, Regis. *Revolução na Revolução*. Nº 31 da revista *Casa das Américas*. Havana, 1967.

DEBRAY, Regis. *A Neve Queima* (romance). Editora Vega S.A. Belo Horizonte, 1978.

DONGHI, Halperin. *História da América Latina*. Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1976.

DÓRIA, Palmério, e outros. *A Guerrilha do Araguaia*. Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1979.

ESCOSTEGUY, Jorge. *Cuba Hoje, 20 Anos de Revolução*. Editora Alfa-Ômega. São Paulo, 1978.

FANON, Franstz. *Os Condenados da Terra*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1980.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha à Revolução*. T. A. Queiroz Editora Ltda. São Paulo, 1979.

FIALHO, A. Veiga. *Uruguai – Um Campo de Concentração*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1979.

FON, Antônio Carlos. *Tortura – A História da Repressão Política no Brasil*. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1979.

FRANCA, Pe. Leonel. S. J. *Noções de História de Filosofia*. Livraria Agir Editora. Rio, 1952.

FREIRE, Paulo e CEDETIN, Cedal. *Multinacionais e Trabalhadores no Brasil*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1979.

FURTADO, Alencar. *Salgando a Terra* (discursos). Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1977.

GABEIRA, Fernando. *O Que É Isso, Companheiro?* Editora Codecri Ltda. Rio, 1979.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Editora Paz e Terra. Rio, 1978.

GALEANO, Eduardo. *Dias e Noites de Amor e Guerra*. Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1978.

GALEANO, Eduardo. *Vozes & Crônicas*. Editoras Global e Versus. São Paulo, 1978.

GERASSI, John. *A Invasão da América Latina*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1965.

GOSZTEJN, Hélio. e BARROS Fº, Omar L. *El Salvador, Um Fuzil para Ana Guadalupe*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1980.

GUEVARA, Ernesto "Che". *La Guerra de Guerrilhas*. Ediciones Jucar. Madri (Espanha), 1977.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Obra Revolucionária*. Ediciones Era. México (D.F.), 1968.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Revolução Cubana*. Prefácio de Fidel Castro. Apêndice: *Biografia do "Che"*. Volumé I das *Obras Completas*. Edições Populares, 6ª edição, São Paulo, 1981.

GUEVARA, Enresto "Che". *Cartas*. Apêndice: *Músicas ao "Che*, de Victor Jara, entre outros. Volume II das *Obras Completas*. Edições Populares. São Paulo, 1980.

GUEVARA, Ernesto "Che". *A Guerra de Guerrilhas*. Apêndice: *Poemas ao "Che"*, de Pablo Neruda, entre outros. Volume III das *Obras Completas*. Edições Populares, 2ª edição. São Paulo, 1980.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Sierra Maestra, da Guerrilha ao Poder* (Passagens da Guerra Revolucionária). Prólogo de Eduardo Galeano. Volume IV das *Obras Completas*. Edições Populares. São Paulo, 1980.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Diário da Guerrilha Boliviana*. Prefácio de Fidel Castro. Apêndice: *Os Últimos Dias do Comandante "Che" Guevara*, por Antônio Carlos da Graça Souza; *As Duas Mortes do "Che"*, por Regis Debray; *Documentos Inéditos da Guerrilha*, cópias fotostáticas do *Diário* etc. Volume V das *Obras Completas*. Edições Populares, 2ª edição. São Paulo, 1981.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Textos Políticos e Sociais*. Prólogo de Roberto Guevara. Volume VI das *Obras Completas*. Edições Populares. São Paulo, 1981.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Textos Revolucionários*. Prólogo de Roberto Guevara. Apêndice: *Uma Entrevista Com o "Che"*. Volume VII das *Obras Completas*. Edições Populares. São Paulo, 1980.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Por Uma Revolução Internacional*. Apêndice: *Tempo de "Che"*. Uma cronologia completa de sua vida, organizada pelo Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, Habana. Volume IX das *Obras Completas*. Edições Populares. São Paulo, 1981.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1968.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *A Crise Agrária*. Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1979.

GUSMAN CAMPOR, German. *El Padre Camilo Torres*. Editora Siglo Vinte e Uno. México (D.F.), 1975.

HOBSBAWN, E. J. *Bandidos*. Editora Forense-Universitária. Rio, 1975.

HYAMS, Eduardo. *Dicionário das Revoluções Modernas*. Editora Arte Nova S.A. Rio, 1973.

IANNI, Octávio. *Ditadura e Agricultura no Brasil*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1979.

IANNI, Octávio. *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1979.

JOSÉ, Emiliano e MIRANDA, Oldack. *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1980.

LAINÓ, Domingos. *Paraguai, Fronteiras e Penetração Brasileira*. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1979.

LOVY, Michael. *O Pensamento de "Che" Guevara*. Livraria Beltrand. Lisboa (Portugal), 1970.

LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. *Cuba de Fidel*. Livraria Cultura Editora. São Paulo, 1978.

MACAULAY, Neil. *Um Rebelde em Cuba*. Difusão Editorial S.A. São Paulo, 1979.

MARIGHELLA, Carlos. *Escritos de Carlos Marighella*. Editorial Livramento. São Paulo, 1979.

MORAIS, Fernando. *A Ilha*. Editora Alfa-Ômega, 15ª edição. São Paulo, 1978.

MORAIS, Fernando. *Não Às Usinas Nucleares*. Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1979.

MORAIS, Fernando. *Socos na Porta*. Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1980.

MORAIS, Fernando e GONTIJO, Ricardo. *Transamazônica*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1970.

MOURA, Clóvis. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. Editora Alfa-Ômega Ltda. São Paulo, 1979.

PAUPÉRIO, A. Machado. *O Direito Político de Resistência*. Companhia Editora Forense. Rio, 1978.

PORTELA, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1979.

PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1972.

PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1973.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1970.

RIUS. *ABCHE*. Editoras Espaço e Versus. São Paulo, 1980.

ROJO, Ricardo. *Meu Amigo "Che"*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1968.

SARTRE, Jean Paul. *Um Crime Monstruoso – O Caso Debray*. Edições Dorel. São Paulo, 1969.

SCORZA, Manoel. *Bom-Dia para os Defuntos*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1973.

SERGE, Victor. *O Que Todo Revolucionário Deve Saber Sobre a Repressão* (1925). Editora Quilombo. São Paulo, 1980.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil – De Getúlio a Castello*. Editora Paz e Terra S.A. Rio, 1975.

VILLANUEVA, Major Victor. *O Golpe de 1968 no Peru*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio, 1969.

WILKERSON, Lorre. *A Filosofia de Fidel Castro*. Editora O Cruzeiro. Rio, 1966.

Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, de La Habana. *Tempo de "Che"*. Cuadernos Anagrama. Barcelona (Espanha), 1968. Também como apêndice do livro *Por Uma Revolução Internacional:* GUEVARA, Ernesto "Che". Edições Populares. São Paulo, 1981.

Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil. *Manual Básico da Escola Superior de Guerra*. Rio, 1975.

Jornal *O Estado de S. Paulo*.

Jornal *Folha de S. Paulo*.

Jornal *O Globo*.

Jornal semanário *Opinião* (diretor: Fernando Gasparian), do nº O (23 de outubro de 1972) ao nº 231 - último (8 de abril de 1977).

Jornal semanário *O Movimento*.

Revista *Veja*.

Revista da *Civilização Brasileira*.

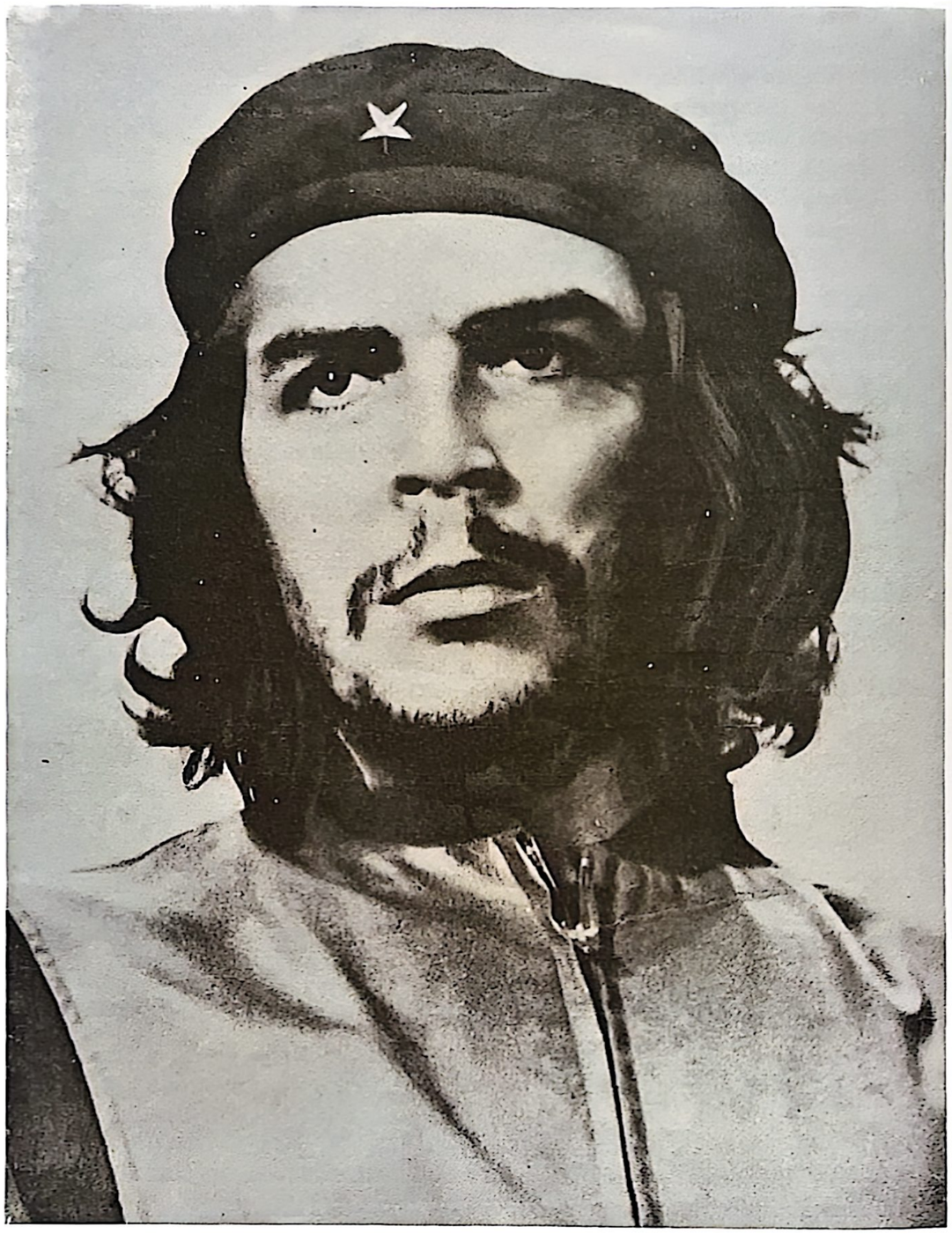
Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*.

Revista *Cadernos do Terceiro Mundo*.

Revista *Realidade*.

Revista *Life en Español*.

Revista *Time*.



LEIA TAMBÉM OBRAS DO CHE

Esta coleção está sendo editada na forma em que foi concebida pelo Che. As traduções foram feitas das ***Obras–Ernesto Che Guevara 1957-1967*** – Casa de Las Americas.

Volume 1 – ***Revolução Cubana.*** Prefácio de Fidel Castro. Apêndice: Biografia Ilustrada.

Volume 2 – ***Cartas***. Apêndice: músicas ao Che (Victor Jara, Carlos Puebla, Los Guerrilleros, Silvio Rodríguez, Pablo Milanés, Helena Burque, Mauricio Vigil, Juan Capra).

Volume 3 – ***A Guerra de Guerrilhas.*** Apêndice: poemas ao Che (Pablo Neruda, Mario Benedetti, Nicolás Guillén, Juan Gelman, Dom Pedro Casaldáliga, Ángel Augier e Julio Cortazar).

Volume 4 – ***Sierra Maestra: da Guerrilha ao Poder.*** (Passagens da Guerra Revolucionária), Apêndice: "Uma morte mágica para uma vida mágica" Eduardo Galeano.

Volume 5 – ***Diário da Guerrilha Boliviana.*** Edição integral. Prefácio de Fidel Castro. Apêndices: "Os últimos dias do Comandante Che Guevara" e "De como o Diário chegou às mãos de Fidel" por Antônio Carlos da Graça; "As duas mortes do Che", "Cronologia política da Bolívia" e "Cronologia boliviana do Comandante Che Guevara", por Régis Debray. Lista dos personagens que aparecem no ***Diário***, com suas funções, etc. Lista dos combatentes, suas funções, seus destinos, etc. Documentos da Guerrilha: correspondência enviada e recebida, panfletos redigidos pelo Che, fotografias do Che na Bolívia e cópias fotostáticas (manuscritos) do ***Diário.***

Volume 6 – ***Textos Políticos e Sociais.*** Prólogo: Roberto Guevara.

Volume 7 – ***Textos Revolucionários.*** Prólogo Roberto Guevara. Apêndice: Uma entrevista do Che.

Volume 8 – ***Textos Econômicos para a transformação do Socialismo.*** Prólogo: Roberto Guevara. Apêndice: Debate sobre a Gestão Econômica em Cuba – Ernest Mendel, Marcelo Fernándes Font, Charles Bettelheim e Che.

Volume 9 – ***Por Uma Revolução Internacional.*** Apêndice: Tempos de Che, uma cronologia completa de sua vida, organizada pelo Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, Havana.

Volume 10 – ***Reflexões Sobre a História Cubana.*** Apêndice: "O Sistema Educacional Cubano" por um grupo de estudantes da PUC–SP.

Leia também

A Guerrilha do Che – **Régis Debray.**

Leia também

A Guerrilha do Che – Régis Debray.
Diário do Exílio – Léon Trótski, 1º Vol. das Obras Completas.
Conseqüências Sociais do Avanço Tecnológico – Karl Marx.

No Prelo

Contribuição Para Uma História da América Latina, Karl Marx e Friedrich Engels.
Revolução Russa, 1905 – Léon Trótski, 2º Vol. das Obras Completas.
Reforma Social ou Revolução – Rosa Luxemburgo, 1º Vol. das Obras Completas.

Nas melhores livrarias
ou pelo Reembolso Postal
04.564 - Rua Pensilvânia, 1354
São Paulo - Capital

João Batista Berardo

GURRILHAS E GUERRILHEIROS NO DRAMA DA AMÉRICA LATINA

Guerrilhas e Guerrilheiros no Drama da América Latina é um livro polêmico e vibrante, onde a História do nosso continente é abordada a partir de um ângulo inédito. João Batista Berardo faz um completo levantamento dos seus movimentos populares e guerrilheiros, constatando que são eles os responsáveis pela caminhada rumo à nossa libertação política, econômica e social.

Pesquisador minucioso e incansável, Berardo traz à luz fatos históricos que os donos do poder procuram apagar da nossa lembrança. E resgata a figura do guerrilheiro das sombras em que foi lançada por uma imprensa comprometida e por uma história oficial, preservando a memória das lutas populares.

Um vasto Capítulo é dedicado à discussão da realidade brasileira, onde é analisada a Doutrina de Segurança Nacional, a crescente colonização e militarização do Brasil, apoiadas pelas elites econômicas que se identificam com os interesses das multinacionais. O Autor reuniu depoimentos de guerrilheiros e líderes populares, em que é discutida a realidade brasileira e seus movimentos sociais.

O leitor também encontrará nesta obra um amplo debate sobre uma área jurídica pouco conhecida em nosso país: o **Direito de Rebelião,** o direito natural do ser humano rebelar-se contra a opressão e a injustiça.

Guerrilhas e Guerrilheiros no Drama da América Latina vem preencher uma lacuna na escassa bibliografia da História recente da nossa sofrida América.

Analdino Rodrigues Paulino Neto

Se a tirania se habilita a aquentar livre

ag